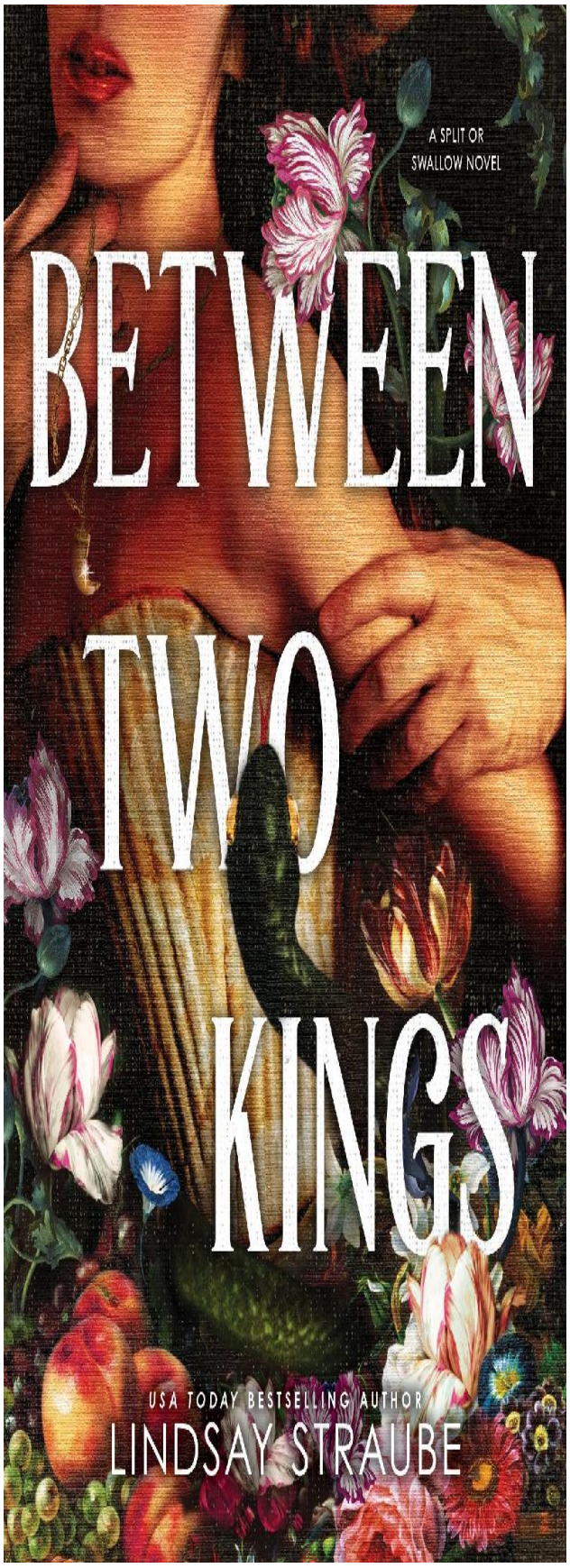

A SPLIT OR SWALLOW NOVEL
BETWEEN TWO KINGS
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
LINDSAY STRAUBE

Índice

Capa frontal
Página de título
Direitos autorais
Dedicação
Conteúdo
Capítulo Um
Capítulo Dois
Capítulo Três
Capítulo Quatro
Capítulo Cinco
Capítulo Seis
Capítulo Sete
Capítulo Oito
Capítulo Nove
Capítulo Dez
Capítulo Onze
Capítulo Doze
Capítulo Treze
Capítulo Quatorze
Capítulo Quinze
Capítulo Dezesseis
Capítulo Dezessete
Capítulo Dezoito
Capítulo Dezenove
Capítulo Vinte

Capítulo Vinte e Um
Capítulo Vinte e Dois
Capítulo Vinte e Três
Capítulo Vinte e Quatro
Capítulo Vinte e Cinco
Capítulo Vinte e Seis
Capítulo Vinte e Sete
Capítulo Vinte e Oito
Capítulo Vinte e Nove
Capítulo Trinta
Capítulo Trinta e Um
Capítulo Trinta e Dois
Capítulo Trinta e Três
Capítulo Trinta e Quatro
Capítulo Trinta e Cinco
Capítulo Trinta e Seis
Capítulo Trinta e Sete
Capítulo Trinta e Oito
Capítulo Trinta e Nove
Capítulo Quarenta
Capítulo Quarenta e Um
Capítulo Quarenta e Dois
Capítulo Quarenta e Três
Capítulo Quarenta e Quatro
Capítulo Quarenta e Cinco
Capítulo Quarenta e Seis
Capítulo Quarenta e Sete
Cartas de Leo
Capítulo Bônus
Agradecimentos
Sobre o autor


A SPLIT OR SWALLOW NOVEL
BETWEEN TWO KINGS
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
LINDSAY STRAUBE

Também por Lindsay Straube

Dividir ou engolir
O beijo do basilisco

BETWEEN TWO KINGS

LINDSAY STRAUBE

Bloom books

Direitos autorais © 2025 por Lindsay Straube
Capa e design interno © 2025 por Sourcebooks
Capa criada por Antoaneta Georgieva/Sourcebooks
Imagens da capa © Malgorzata Maj/Arcangel, Viorel Sima/Adobe Stock, Verity Corvo/Arcangel, Benedek/Getty Images, Yulimuli/Getty Images, Historic Images/Alamy, Fine Art Photographic/Getty Images, Patti McConville/Alamy, Diem/Adobe Stock, Cat'chy Images/Alamy, Kurt SPK/Getty Images, YUSHENG HSU/Adobe Stock, Olesia/Adobe Stock, Dana.S/Adobe Stock, incamerastock/Alamy, Igor Ustynskyy/Getty Images

Sourcebooks, Bloom Books e o colofão são marcas registradas da Sourcebooks.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico, incluindo sistemas de armazenamento e recuperação de informações — exceto no caso de breves citações incorporadas em artigos ou resenhas críticas — sem a permissão por escrito de sua editora, Sourcebooks.

Nenhuma parte deste livro pode ser usada ou reproduzida de qualquer forma para fins de treinamento em tecnologias ou sistemas de inteligência artificial.

Os personagens e eventos retratados neste livro são fictícios ou usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência e não intencional por parte do autor.

Todas as marcas e nomes de produtos usados neste livro são marcas comerciais, marcas registradas ou nomes comerciais de seus respectivos proprietários. A Sourcebooks não possui qualquer vínculo com os produtos ou fornecedores mencionados neste livro.

Publicado pela Bloom Books, um selo da Sourcebooks.
1935 Brookdale RD, Naperville, IL 60563-2773
(630) 961-3900
sourcebooks.com

Os dados de catalogação na publicação estão arquivados na Biblioteca do Congresso.

Este livro é para qualquer pessoa que já teve que fazer uma escolha.

Conteúdo

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Quatorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezesseis

Capítulo Dezessete

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezenove

Capítulo Vinte

Capítulo Vinte e Um

Capítulo Vinte e Dois

Capítulo Vinte e Três

Capítulo Vinte e Quatro

Capítulo Vinte e Cinco

Capítulo Vinte e Seis

Capítulo Vinte e Sete

Capítulo Vinte e Oito

Capítulo Vinte e Nove

Capítulo Trinta

Capítulo Trinta e Um

Capítulo Trinta e Dois

Capítulo Trinta e Três

Capítulo Trinta e Quatro

Capítulo Trinta e Cinco

Capítulo Trinta e Seis

Capítulo Trinta e Sete

Capítulo Trinta e Oito

Capítulo Trinta e Nove

Capítulo Quarenta

Capítulo Quarenta e Um

Capítulo Quarenta e Dois

Capítulo Quarenta e Três

Capítulo Quarenta e Quatro

Capítulo Quarenta e Cinco

Capítulo Quarenta e Seis

Capítulo Quarenta e Sete

Cartas de Leo

Capítulo Bônus

Agradecimentos
Sobre o autor

Capítulo Um

Tem nunca tinha sido fodido contra uma árvore antes.

Estavam sozinhos na floresta, mas não importava — Tem teria deixado Caspen transá-la mesmo com uma multidão presente. As mãos dele agarraram seus quadris, as pernas dela se enrolaram em seu torso. As estrelas acima deles, a grama abaixo — tudo era a mesma coisa. Basilisco e humano, predador e presa. As linhas suaves do corpo de Tem se fundiram com as de Caspen até que se tornaram um só ser, em vez de dois. Ela estava imensamente *plena:* de desejo, de anseio, de pau. Estavam quase lá, subindo a ladeira perene do prazer que ela conhecia tão bem. A mente de Caspen se entrelaçou com a dela. Fumaça subia de seus ombros.

Deixe-me ver, Tem.

Ela queria que ele visse.

Mostre-me.

Ela lhe mostraria.

O corpo inteiro de Caspen estava pressionado contra o dela, a imensidão do seu peito a prendendo à árvore. Não havia escapatória, e Tem nem queria. Seu orgasmo a atingiu com tanta força que sua visão escureceu. Quando voltou, Caspen também havia chegado ao clímax.

Depois, elas ficaram deitadas no chão da floresta, ofegantes, com os corpos encharcados de suor. Apesar do ar gélido da noite, Tem sentia como se estivesse queimando por dentro.

"O que está acontecendo comigo?", ela exclamou, ofegante, quando finalmente se separaram.

“Você está se adaptando.” Caspen estava igualmente sem fôlego. Tem nunca o tinha visto tão ofegante.

“Mas por que agora? Nunca foi assim antes.”

“Agora que você fez a transição, seu lado basilisco despertou.”

“Acordado?”

Ele deu de ombros, e uma gota de suor escorreu por seu ombro. "Não sei outra palavra para descrever isso."

Após refletir um pouco, Tem percebeu que a palavra, na verdade, funcionava muito bem. Mas se perguntou se algum dia se sentiria completamente adaptada. Fazia uma semana que haviam se casado, e ela não se sentia mais perto de dominar seu lado basilisco do que antes. Foi quando ela fez a transição pela primeira vez no lago. Em vez disso, ela se sentiu completamente fora de controle, seu corpo uma chama aberta.

“Se é assim, por que não consigo me transformar como você?” Tem perguntou enquanto voltavam para as cavernas. Eles estavam caçando na floresta havia horas, e ela não conseguira se transformar de jeito nenhum; só conseguira se transformar uma vez desde a primeira vez, e mesmo assim, apenas com a ajuda de Caspen. Ele praticamente a *puxara* para sua verdadeira forma, sua ajuda sendo insuficiente. A transformação parecia estar sempre fora de alcance.

“Você é novato nisso, Tem. Vai levar tempo.”

“Mas eu já fiz isso antes. E você faz isso com tanta facilidade.”

“Eu faço isso há muito, muito tempo. Você vai conseguir.”

"Odeio ser fraco."

“A última coisa que você é é fraco.”

Tem tentou acreditar nele. Mas era difícil quando havia evidências indicando o contrário. Ela era uma Híbrida. Ela deveria ser uma criatura poderosa, e em vez disso, mal conseguia se transformar. A fluidez que ela havia encontrado apenas uma semana antes havia desaparecido, e ela começava a pensar que as primeiras vezes tinham sido apenas sorte. Agora ela estava relegada à margem, como uma criança que brincou demais e precisa descansar. Era patético.

“Eu deveria estar melhorando, não piorando.”

Você vai melhorar, Tem. Você vai dominar isso. Você só precisa aprender como.

Quando retornaram aos seus aposentos, Tem estava quase convencida. Mas qualquer pensamento de transição desapareceu no instante em que ela viu a carta sobre a cama. Caspen a leu primeiro,

com uma expressão indecifrável ao entregá-la a Tem. Sua garganta secou ao ler as três linhas de caligrafia impecável:

Temperança Verus,

O rei solicita a sua presença no castelo esta noite.

Enviaremos uma carruagem para buscá-lo(a). Venha sozinho(a).

Tem virou o papel, meio que esperando encontrar uma anotação adicional. Não havia nenhuma.

"Venha sozinha", ela sussurrou.

Caspen pegou a carta e a jogou no fogo. Ela sabia que ele estava apenas se desfazendo dela, mas de alguma forma o ato pareceu significativo.

“Isso não deveria te surpreender”, disse ele.

“O que não deveria?”

“Ele quer que você venha sozinho.”

“Ah”, disse Tem novamente. “Certo.”

Não a *surpreendeu* exatamente. Mas a deixou nervosa. Tem não via Leo desde o casamento. Certamente, ele já tinha encontrado Evelyn. Certamente, eles estavam juntos. O pensamento... Isso a deixou doente. Ela olhou para Caspen.

“Não te incomoda que eu vá vê-lo?”

Caspen ergueu uma sobrancelha. "Não. Não faz sentido."

Ela não conseguia entender sua apatia. Como era possível que esse evento crucial não lhe dissesse respeito? "Mas *como* ?"

Caspen deu de ombros. "Você me escolheu", disse ele simplesmente.

Ela o encarou. Tecnicamente, isso era verdade; Tem havia escolhido Caspen. Mas não era porque ela não amava Leo. Era porque ela queria *mais* para Leo. E, ao fazer isso, ela havia se contentado com menos.

“Tem”, murmurou Caspen. “Você não precisa ir.”

Claro que ele diria isso — o desfecho com Leo não tinha importância para Caspen. O que era o amor dela pelo príncipe humano — agora rei — em comparação com seu laço de sangue com o basilisco? Para Caspen, seu casamento com Tem era a única união legítima. Mas não para ela. Além disso, Tem *queria* ir. Ela precisava ver que tinha feito a escolha certa — que Leo tinha encontrado Evelyn, que ele estava feliz agora.

“Preciso ir”, disse ela com cautela. “Tecnicamente, ele e eu ainda somos casados.”

Tem não expressou o restante de seu pensamento, que era de que Leo não poderia se casar com Evelyn se ainda fosse casado com Tem.

Caspen deu de ombros novamente. "Então você irá."

Toda essa história não interessava muito a Caspen. Basiliscos não tinham documentos; não se preocupavam com as legalidades humanas. Mas Caspen entendia os costumes humanos, e se havia algo que ele apoiava, era Tem encerrar esse capítulo de sua vida.

Tem olhou para o próprio corpo nu. "E o que eu vou vestir?"

O canto da boca de Caspen se contraiu. "Vamos encontrar algo para você."

Encontrar "algo" acabou sendo bastante difícil. Os vestidos que Caspen lhe dera durante o treinamento eram feitos sob medida, Tem descobriu, e levaria dias para fazer outro. Basiliscos estavam sempre nus. Horas de busca os levaram a um único robe de seda que ia até o chão. Amarrado com uma borla trançada, ele lembrava vagamente um vestido. Seu decote profundo era pouco apropriado, mas Tem não se importava. A roupa era a menor de suas preocupações.

Caspen a acompanhou até a entrada da caverna, mas não a seguiu pela trilha. Em vez disso, a beijou, e Tem sentiu os tentáculos da mente dele roçarem os dela. O aperto dele se intensificou. Talvez sua indiferença anterior tivesse sido fingida; talvez ele não estivesse tão indiferente a esse processo quanto a fizera acreditar. Mas Tem não podia fazer nada a respeito agora. A única maneira de Caspen tê-la só para si era deixá-la ir para Leo e terminar o relacionamento deles.

Um instante depois, ele a soltou. Em seguida, desapareceu de volta para as cavernas.

Tem esperou sozinha pela carruagem, que chegou assim que a noite caiu. Ela não reconheceu o rapaz do estábulo; não era Henry nem Peter, o que a decepcionou. Teria sido bom ver um rosto familiar. Em vez disso, resignou-se a olhar pela janela. O inverno estava quase chegando; o outono passara num piscar de olhos, e havia uma nitidez no ar que a fazia estremecer de expectativa. Os invernos eram longos e escuros na aldeia. Ela se perguntou se seriam diferentes sob a montanha. Seria seu primeiro inverno longe da fazenda, longe das galinhas, longe de sua mãe.

Mas Tem não se importava. Ela só queria se integrar à sociedade basilisco, finalmente se sentir em casa. Caspen também queria isso. Ela sentia isso toda vez que seus olhares se encontravam. Ele estava sempre a observando, avaliando como ela estava se adaptando, certificando-se de que ela ainda lhe pertencia. Às vezes, Tem não tinha certeza se pertencia.

Seus pensamentos se voltaram para o que estava por vir. Ela não fazia ideia do que esperar naquela noite, mas era imprescindível que tudo corresse bem. Havia muito mais em jogo do que apenas seu casamento com Caspen. Após a violência em seu casamento com Leo, a tensão entre humanos e basiliscos nunca havia sido tão alta. Se não conseguissem encontrar uma maneira pacífica de coexistir, as coisas só piorariam.

Mas a ideia de simplesmente coexistir com Leo era impossível. Uma semana atrás, eles estavam apaixonados. *Ainda estavam* apaixonados — pelo menos, Tem estava. A dor no peito era prova suficiente disso. Mas será que Leo também estava? Ele havia concordado em compartilhá-la. Era *isso* que Tem queria. Mas então o casamento aconteceu, e algo mudou dentro dela — um fio de altruísmo a tocou profundamente quando ela olhou nos olhos de Leo depois de tê-lo conquistado. Não era justo que ele tivesse que compartilhá-la. Não quando ele a queria por inteiro. Ele mesmo lhe dissera isso uma vez: *"Eu quero você por inteiro. Ou não quero você de jeito nenhum."*

Tem suspirou, recostando-se no assento. A lembrança do casamento a atormentava — o jeito como Leo a olhou enquanto ela subia ao palco, o beijo que trocaram quando ela o alcançou. Era uma lembrança que ela guardava com carinho, um momento em que pensava nas horas escuras da noite, quando Caspen dormia ao seu lado. Ela se lembrava de outras coisas também, da noite que passaram na cama dele: o gosto de mel que ele tinha, o jeito como ele a adorava, o jeito como ele murmurava seu nome enquanto seu pênis estava dentro dela.

De repente, a carruagem pareceu pequena demais. Tem estava inegavelmente excitada. Desde que fizera a transição pela primeira vez, a linha entre simplesmente existir e sentir excitação tornara-se desesperadamente tênue. Bastava pensar em sexo para ficar molhada. E quando pensava em Leo, bastava ainda menos. Algo em seu corpo o desejava inexplicavelmente. Era diferente da forma como desejava Caspen. Com Caspen, seu desejo era primitivo e cru, visceral,

consumindo-a como um animal faminto. Com Leo, era mais lento — uma brasa incandescente que queimava profundamente em seu peito. Ela não conseguia se livrar daquele desejo. Ela mesma se isolou disso. Nem sequer tinha certeza se queria. Só o pensamento de estar perto de Leo a deixava em pânico. Tem inclinou-se para a frente, apoiando a cabeça nas mãos. Ela precisava se recompor.

"Senhorita?" A voz do lacaio interrompeu seus pensamentos. "Chegamos."

A porta da carruagem se abriu e Tem aceitou a mão que lhe foi oferecida. As estrelas brilhavam intensamente acima dela, o último fragmento da lua cheia da colheita reluzindo sob o céu salpicado de cinzas. Ela fitou as torres ameaçadoras do castelo, temendo o que viria a seguir. Nenhuma parte dela queria entrar por aquelas portas. Aquele não era mais o seu lar.

Agora era de Evelyn.

Tem parou diante da entrada, com a mão na maçaneta. Será que Leo estava do outro lado? E Evelyn? Ele havia lhe dito para vir sozinha — isso significava que ele também estaria sozinho? Quando abriu a porta, porém, Leo não estava do outro lado. Em vez disso, Lorde Chamberlain a cumprimentou com um sorriso discreto.

“Temperance”, disse ele calmamente. “Como você está esta noite?”

"Ah", disse ela, pigarreando. "Estou bem."

Ele assentiu com a cabeça. "Por favor, siga-me."

Tem assim fez, seguindo-o pelo hall de entrada até a sala de estar, onde Lorde Chamberlain acenou brevemente com a cabeça e fez uma reverência ao sair. Tem se perguntou sobre a formalidade. Será que seu status como rainha dos basiliscos lhe conferia algum respeito no castelo real? Ou ele simplesmente sentia pena dela pelo que estava por vir?

Tem precisava de uma bebida.

Ela procurou álcool com o olhar pela sala, e seus olhos pousaram em uma bandeja dourada que continha uma garrafa de cristal facetada cheia de uísque. Imediatamente, dirigiu-se a ela, servindo-se de uma dose generosa e virando tudo de uma vez. A bebida acalmou seus nervos, mas por pouco. A sala estava quente; de repente, o maldito roupão estava apertado demais.

Tem ergueu os olhos para os quadros nas paredes. Dezenas de rostos a encaravam — todos da realeza, todos mortos há muito tempo. Era evidente que o cabelo loiro-gelo de Leo havia sido herdado por gerações. Mesmo quando seus ancestrais masculinos se casavam com mulheres morenas, os filhos, de alguma forma, acabavam loiros. Seus olhos percorreram o mar de rostos angulosos, reconhecendo Leo em cada um deles. Um homem tinha os olhos cinza-ardósia de Leo, outro seus dedos finos e elegantes. Finalmente, ela avistou Maximus.

Tem caminhou até o retrato dele, ainda segurando seu copo de uísque. O antigo rei estava de pé no que parecia ser a biblioteca onde a cerimônia dos Frisky Sixty havia acontecido. Uma grossa pulseira dourada brilhava em seu pulso. Tem se perguntou onde Maximus estaria agora, se Leo o havia deixado livre ou o aprisionado por seus crimes. Antes que pudesse refletir sobre isso, alguém pigarreou. Tem se virou bruscamente ao ouvir o som.

Ali, na porta, estava Leo.

Ele parecia exatamente o mesmo. Alto, esguio, vestindo um terno de veludo impecavelmente cortado. Seu cabelo estava exatamente como ela se lembrava, loiro platinado e penteado para trás. Por algum motivo, Tem esperava que ele estivesse diferente — mais velho, de alguma forma. Mas a única coisa que havia mudado eram seus olhos. Estavam semicerrados, como se ele não tivesse dormido direito. Tem não queria pensar no que poderia estar tirando seu sono. Ele usava uma aliança de casamento, e ela se perguntou de repente se era a mesma com a qual ele havia se casado com ela. Tem ainda usava a dela — não a havia tirado desde o casamento. Certamente, ele a pediria de volta. O pensamento a atormentava.

“Tem.”

Apenas o nome dela, mas algo dentro dela despertou ao som da voz dele — algo impossível de ignorar.

“Leão.”

Apenas a parte dele em troca.

Tem se lembrou de Caspen segurando sua cabeça e a de Leo juntas, selando o laço entre eles com um beijo. Ela queria beijá-lo novamente. Imediatamente, Tem reprimiu o pensamento. Leo não era mais dela. Não só pertencia a outra pessoa, como a própria Tem o havia mandado

embora. Ela não sentia que tinha o direito de sentir saudades dele, já que fora ela quem o mandara embora.

Os olhos de Leo percorreram-na, demorando-se no decote diabolicamente baixo de seu robe.

Tem pousou seu uísque, com medo de deixá-lo cair.

“Obrigada por ter vindo.” O tom dele era estranhamente formal. Ela não suportou. “Não tinha certeza se você viria.”

Tem franziu a testa. "Por quê?"

Ele inclinou a cabeça. "Porque você está... com ele."

Tem não sabia como reagir. Só porque estava com Caspen não significava que ia ignorar a existência de Leo. Foi ela quem o fez prometer que se veriam novamente.

"Sempre virei quando você me chamar", disse ela baixinho.

Ele não respondeu. Tem até que desejou ter bebido mais, mas talvez fosse melhor assim. Não havia como prever o que ela faria se estivesse bêbada. Mesmo sem o efeito do álcool, ela se sentia excepcionalmente aquecida. E cada vez que olhava para Leo, sentia-se ainda mais aquecida.

"Você é...?" Leo começou, mas parou.

"Eu sou o quê?", perguntou ela.

"Feliz?"

Era uma pergunta impossível. Como responder? Claro que ela era feliz com Caspen — sempre fora. Mas uma parte dela ansiava por Leo — *sentia uma forte saudade* dele. Era uma parte tão real e tão importante quanto a parte que amava Caspen. Ela não conseguia evitar, não conseguia controlar. Simplesmente *era.* Em vez de responder, Tem decidiu fazer a mesma pergunta a ele:

"Você é?"

O olhar de Leo era inabalável. O contato visual intenso começava a testá-la. Ela queria se aproximar dele, segurar seu queixo com a mão e puxar seu rosto para perto do dela. Mas cerrou os punhos, resistindo ao impulso.

“A felicidade é um luxo”, sussurrou ele.

Tem não fazia ideia do que pensar daquela resposta. Ele estava dizendo que não estava feliz? Ou que estava, mas que isso lhe custara

algo? Ela não sabia, e não conseguia imaginar perguntar. Em vez disso, perguntou o que viera descobrir: "Você a encontrou?"

Tem esperava uma resposta imediata, mas nada veio. Era uma pergunta simples. Ela já sabia a resposta. Mesmo assim, precisava ter certeza — precisava ouvi-lo dizer.

"Sim." Sua voz estava tensa quando ele disse isso.

Tem assentiu com a cabeça. Não conseguia pensar em mais nada para fazer. Por um lado, estava feliz por Leo ter encontrado Evelyn. Afinal, era isso que ela havia ordenado. Por outro lado, sentiu uma onda de ciúme tão intensa que quase lhe tirou o fôlego. Milhares de imagens terríveis passaram pela sua mente: Leo tocando Evelyn, beijando-a, dizendo o nome dela em vez do de Tem. Era repugnante.

Só havia mais uma coisa que ela queria dizer a Leo — algo que pesava muito em seu coração. Tem sabia que não deveria dizer — que não tinha o direito de dizer. Mas precisava que ele soubesse de qualquer maneira. "Sinto sua falta."

Os olhos de Leo se estreitaram. Não havia como negar o desejo neles — uma ânsia pura e animalesca que combinava com a dela. Mas uma dor intensa cruzou seu rosto, e Tem imediatamente se arrependeu de suas palavras. Ela não queria magoá-lo.

Leo abriu a boca e a fechou em seguida. Não era a primeira vez que Tem desejava poder ler a mente dele como lia a de Caspen. Em vez disso, ela não podia fazer nada além de esperar — e rezar. Ela estava impotente, como sempre estava com Leo.

Pareceu que se passou uma hora antes que ele dissesse: "Isso vai passar".

Algo dentro de Tem murchou. Essa era uma versão de Leo com a qual ela não estava acostumada — uma versão distante e fria. Ela a entendia. Mas a odiava.

Leo cruzou os braços, isolando-se dela. "Então, vamos continuar?"

“Vamos continuar com…?”

“A anulação.”

Então era por isso que ela estava ali. Tem deveria ter previsto isso, deveria ter sabido que, depois que Leo encontrasse Evelyn, o próximo passo lógico seria casar-se com ela. Mas ela não conseguiu. Ela se esforçou para falar. Então, simplesmente assentiu com a cabeça.

Leo pigarreou e apontou para a porta. "Depois de você."

Cada passo em direção a ele parecia dado debaixo d'água. Tem se movia como em câmera lenta, sentindo cada subida e descida do peito dele — cada pulsação. Ela podia ouvir o coração dele acelerar à medida que se aproximava, seu lado basilisco totalmente desperto e desejoso. No instante em que sentiu o perfume dele, suas narinas se dilataram e ela parou. Ele cheirava a verão — como uma brisa quente sobre um campo aberto. Mas havia outro aroma misturado ao dele. Doce demais, como baunilha. O uísque revirou seu estômago. Era *ela* . Tem tinha certeza disso.

Ela continuava paralisada no lugar.

Leo olhou para ela, com a postura rígida e defensiva. "Tem...?"

Ao ouvir seu nome, ela ergueu os olhos e os encontrou em seus olhos cinza-ardósia. Ele estava tão perto. Respiravam o mesmo ar, seus rostos a centímetros de distância. Será que ela estava imaginando coisas? Será que ele estava se inclinando para frente?

“Vossa Majestade? Está pronto?” Lorde Chamberlain estava parado na porta.

Leo saiu imediatamente do transe, balançando a cabeça enquanto se virava para o tio. "Sim. Estamos prontos."

Tem se ressentiu do uso da palavra " *nós"* .

“A anulação deve ser administrada pelo antigo rei, pois foi ele quem vos casou.” Lorde Chamberlain fez um gesto com a mão. “Se ambos me acompanharem.”

Os passos de Tem sincronizavam-se com os de Leo enquanto desciam as escadas em direção à masmorra.

Ela encarava fixamente a frente, os olhos fixos na nuca de Lorde Chamberlain, plenamente consciente da presença de Leo ao seu lado. A mão dele quase roçava a dela. Deveria tocá-lo? Melhor não. Se o tocasse, não conseguiria parar.

Quando chegaram à porta da masmorra, Tem estava rígida de frio. Estava congelando lá embaixo — muito mais frio do que ela se lembrava. Tudo nela queria se aproximar de Leo, se aconchegar contra ele e sentir seu calor. Era uma necessidade carnal, à qual ela precisava de toda a sua força para resistir. Lorde Chamberlain estava mexendo na porta; parecia estar emperrada. Tem tentou desesperadamente se

concentrar em qualquer coisa que não fosse o calor que emanava do corpo de Leo, mas era impossível. Seu lado basilisco lutava para dominar, forçando-a a ouvir seus instintos. Era inútil. Ela precisava tocá-lo.

Contra toda a lógica e vontade, Tem estendeu a mão em direção à de Leo. Sua mente gritava para que parasse. Mas seu corpo se moveu por conta própria, roçando apenas a ponta do dedo mindinho na de Leo. No instante em que suas peles se tocaram, Leo congelou. Uma onda de eletricidade percorreu seu corpo. Uma enxurrada de memórias inundou sua mente com tanta força que ela mordeu o lábio para não gritar.

Eles estavam na cama dele, nus, na noite anterior ao casamento.

"Fique quieto."

Ela faria qualquer coisa por ele.

"Diga. Diga que você quer meu pau."

Ela diria qualquer coisa por ele.

"Você foi feita para mim."

Nada poderia ser mais verdadeiro.

Será que Leo também se lembrava? Será que ele estava vendo o que Tem estava vendo — os dois juntos, do jeito que deveriam ser? Tem esperava que ele se afastasse, mas ele não o fez. Em vez disso, após uma pausa angustiante, o dedo dele também se moveu. Deslizou por todo o braço dela, roçando até a junta. Tem saboreou a vibração que percorreu seu braço com o contato.

Algo dentro dela o chamava. Algo predatório, instintivo e inegavelmente desumano. Tem precisava tê-lo; precisava beijá-lo, prová-lo e pressionar sua pele contra a dele até que ela—

"Depois de você", disse Lord Chamberlain.

Ambos saltaram ao mesmo tempo, separando as mãos bruscamente. A porta da masmorra estava aberta, sua escuridão profunda convidando à entrada.

O coração de Tem batia tão forte que ela tinha dificuldade para respirar. Era como se ela tivesse acabado de trocar algo vitalmente importante com Leo — como se algum elemento do corpo dele tivesse se transferido para o dela, e vice-versa.

Ela não se atreveu a olhar para ele. Em vez disso, fitou o horizonte enquanto entravam na masmorra, adentrando juntos a escuridão. Era exatamente como ela se lembrava: mal iluminada e brutalmente fria. Mas desta vez, não era seu pai na cela no final da fileira. Era Leo.

Maximus estava encostado na parede de pedra, os cabelos loiros emaranhados, os olhos fechados. Ele não se parecia em nada com o rei orgulhoso que ela conhecera durante a competição de cortejo, e Tem se viu apreciando a visão. Ele estava exatamente onde deveria estar, colhendo as consequências de seus atos no lugar onde causara tanta dor aos outros. Vê-lo na mesma cela que seu próprio pai ocupara era uma vitória incrível, e ela sabia que devia isso a Leo. Tem se perguntou quanto tempo depois do casamento ele havia colocado o pai ali. Ela só conseguia imaginar como ele devia ter se sentido.

“Pai”, latiu Leo. “Acorde.”

Os olhos de Maximus se abriram lentamente. Primeiro percorreram Leo antes de se fixarem em Tem. Ele soltou uma risada baixa e sem humor que a atingiu como uma lâmina.

“Não era quem eu esperava”, disse ele, com a voz rouca.

“Precisamos que você testemunhe nossa anulação”, continuou Leo, como se não tivesse falado nada.

Maximus riu novamente. Desta vez, a risada se transformou em uma tosse torturada. "Patético." Ele disse, com os olhos fixos nos de Leo. "Até mesmo para você."

“Basta, padre.”

Tem olhou para Leo. Não era a sua resposta afiada de sempre — ele parecia cansado. Ela teve vontade de tocá-lo novamente.

Maximus deu de ombros, e foi então que Tem percebeu que ele estava algemado ao chão da cela. Parecia uma maneira particularmente cruel de mantê-lo preso — ele não conseguia ficar de pé e seus ombros estavam permanentemente curvados. Era um toque pessoal; não havia necessidade de restringi-lo dentro de sua própria cela, e Tem sabia que Leo devia ter ordenado que ele fosse mantido daquela forma. Ela não tinha certeza de como se sentir em relação a essa revelação. Sabia que Leo era capaz de crueldade — todos os homens são. Mas não era seu instinto, e certamente não era sua preferência. Será que sua experiência no casamento o havia endurecido? Ele não era mais o garoto de vinte anos que ela conhecia?

Não havia tempo para refletir sobre isso. Lorde Chamberlain tirou um pedaço de papel do bolso do paletó e, na penumbra da masmorra, Tem conseguiu ler as palavras " *dissolução do casamento".* Ela sentiu um súbito impulso de conter as lágrimas. Era *isso* que a libertaria de Leo? Parecia tão estúpido, tão *inútil* . Tem encarou o pedaço de papel. Era tão simples — nada mais que tinta em uma página. Assinar aquilo não mudaria o que ela sentia. Não acalmaria a necessidade ardente que ameaçava consumi-la sempre que ele se aproximava. Nada poderia acalmar isso — o amor exigia ser sentido.

"As damas primeiro", disse Lord Chamberlain, brandindo o jornal em Tem.

Atordoada, Tem pegou a pena e assinou seu nome. Ela teve o cuidado de não tocar na pele de Leo ao entregar o papel a ele. Então ele também assinou. Lorde Chamberlain passou o papel e a pena através das grades para as mãos estendidas de Maximus. Ele levou seu tempo assinando, lendo cada palavra como se estivesse saboreando a experiência. Tem não podia culpá-lo. Certamente, aquele era o ponto alto do seu dia. Quando terminou de assinar, Lorde Chamberlain pegou o papel e o guardou no bolso do paletó. No instante em que desapareceu, Tem sentiu ainda mais frio.

Eles estavam prestes a partir quando Maximus disse: "Bem, Thelonius? Foi difícil?"

Leo parou abruptamente. Tem também parou.

"O que foi difícil?", ele sussurrou.

“Conhecer a verdade.”

Leo cerrou os punhos ao lado do corpo. Tem olhou dele para Maximus, tentando entender o que estava acontecendo. Ela estava perdendo alguma coisa — claramente havia ocorrido uma conversa anterior entre pai e filho.

A resposta de Leo foi uma única palavra: "Sim".

Então ele deu meia-volta e foi embora.

A subida de volta ao térreo foi silenciosa. Só quando estavam novamente no saguão e Lorde Chamberlain se despediu com uma reverência, Leo finalmente se virou para encará-la.

“Tem”, disse ele baixinho.

Ela hesitou, com a mão já na maçaneta da porta da frente. Ele iria comentar sobre o toque que tiveram mais cedo — a eletricidade que passou entre eles? Ou foi algo totalmente unilateral?

Antes que ela pudesse se descontrolar, Leo continuou: "Eu gostaria que jantássemos juntos."

Tem piscou. "Jantares... no plural?"

"Sim", disse Leo, com um leve sorriso nos lábios. "Jantares, no plural."

“Que tipo de jantares?”

“Todo domingo à noite, você e Caspen virão ao castelo e jantarão comigo e com Evelyn.”

Um arrepio percorreu a espinha de Tem ao ouvir seu nome. Era a primeira vez que o ouvia pronunciá-lo. Ela se perguntou mais uma vez se Evelyn estaria ali, lá em cima, talvez no quarto de Leo. Sua presença impregnava as paredes.

"Mas *por que* ?"

Leo girou os ombros como se doesse. "Porque precisamos de um meio para discutir como nossos dois reinos podem coexistir. Pensei que um jantar seria agradável."

Tem ainda estava com dificuldade para assimilar a situação. Ela *e* Caspen? *Ali?* Era absurdo. Jantar com Leo e Evelyn seria tudo menos agradável . Ela não conseguia imaginar uma maneira pior de passar um domingo à noite.

“Leo—” ela começou.

“Temos que trabalhar juntos, Tem. Senão, tudo isso vai desmoronar.”

Ela suspirou. Sabia que ele tinha razão. Estavam tentando romper um padrão secular de conflitos entre seus reinos. Era um trabalho necessário. Mas a ideia de ficar tão perto dele e de Evelyn era repugnante. Ela não queria vê-los juntos, não queria observar o jeito como Leo a olhava, da mesma forma que olhava para Tem. Aquilo era uma tortura peculiar — uma que nem mesmo Tem merecia. Como ela não respondeu, Leo se inclinou para mais perto.

“Haverá comida excelente”, disse ele em voz baixa. “E sobremesa em abundância.”

Um sorriso discreto surgiu em seu rosto. A lembrança de tê-lo alimentado com o suflê de chocolate na frente do pai dele veio imediatamente à sua mente. "Nesse caso, estaremos lá."

Uma alegria pura cruzou seu rosto tão rapidamente que Tem quase não a viu. Um instante depois, desapareceu, disfarçada por uma máscara cuidadosa de indiferença.

Leo assentiu com a cabeça. "Muito bem", disse ele. "Enviarei uma carruagem."

Tem assentiu com a cabeça também. Era tudo o que ela podia fazer.

Houve um silêncio enquanto se olhavam, e Tem se lembrou de tudo. conversas que eles tiveram neste mesmo hall de entrada. Aquela depois do primeiro encontro: *"Não vou te beijar. Em vez disso, vou imaginar tudo o que quero fazer com você sem esse vestido. E vou fingir que um dia você vai me deixar fazer isso."*

Aquela em que ela pediu a confiança dele antes de levá-lo para a masmorra:

"Você não pode contar para ele que eu estou te mostrando isso."

"Não vou contar para ele. Pode confiar em mim."

Tem preferiria qualquer uma daquelas conversas àquela que estavam tendo agora. Ela não queria mais estar naquele castelo — doía-lhe estar ali, em meio a todo aquele ouro. Mas havia mais uma coisa que ela precisava perguntar a ele.

Ela estendeu a mão com a aliança de casamento. "Você quer isso de volta?"

Os olhos de Leo se voltaram para os dedos dela — para o fino anel de prata que pertencera à sua mãe. Tem esperava que ele respondesse imediatamente, mas ele não respondeu. Em vez disso, encarou a mão dela erguida, o maxilar tenso, as próprias mãos atrás das costas. Então, disse simplesmente: "Não".

Então ele se virou e a deixou.

Tem ficou em choque enquanto Leo subia os degraus em direção ao que ela sabia ser seu quarto. Será que Evelyn o estava esperando? Ela sentiu vontade de vomitar só de pensar nisso. Como essa interação tinha sido diferente das noites anteriores no castelo, durante a competição para ver quem seria sua noiva. Naquela época, Leo a cortejava constantemente, com o único objetivo de se casar com ela. Agora, aquele casamento estava anulado.

Tem olhou para o chão de mármore, encarando fixamente os azulejos com detalhes em ouro. Todo o castelo parecia venenoso para ela agora,

como se as próprias paredes estivessem tentando estrangulá-la. Ela deveria ir embora. Mas, de alguma forma, parada ali, ainda se sentia perto de Leo. Desejava poder subir aquelas escadas correndo atrás dele. Não importava que Evelyn estivesse lá — não importava que houvesse uma centena de razões pelas quais ela não deveria. Tem queria se jogar nos braços de Leo e nunca mais se separar dele. Mas ela não podia fazer isso.

Ela podia até ter vencido a disputa pela mão de Leo em casamento, mas mal tivera tempo como sua esposa. Nenhum, na verdade. Teria sido um bom casamento, disso ela tinha certeza. Leo teria cuidado dela, garantido que ela nunca lhe faltasse nada.

E, no entanto.

Uma vida no castelo com Leo teria sido uma vida sem Caspen. Uma vida sem a adrenalina viciante do perigo e da luxúria que só um basilisco podia proporcionar. Tem se lembrou do calor do sonho na noite anterior à sua primeira ida às cavernas. O calor de Caspen. Ela não sabia muito, mas sabia que morreria sem aquele calor. Tem tinha deveres agora — obrigações e promessas a outras pessoas além de si mesma. Ela pertencia a Caspen, à sua aljava e a cada basilisco sob a montanha. Ela era a rainha deles. Ela não os decepcionaria; ela não deixaria tudo desmoronar. Separadas. Mesmo que isso significasse sentir falta de Leo — mesmo que significasse se sentir incompleta todos os dias pelo resto da vida. Seu futuro estava decidido.

Era hora de voltar para o marido.

Capítulo Dois

A viagem de volta para a montanha foi longa e fria, mas Tem mal sentiu o frio.

Quando ela finalmente retornou aos aposentos, Caspen estava na cama. Ele se sentou imediatamente ao vê-la entrar. "Como foi?"

Em resposta, ela o beijou.

Ela estava desesperada, de alguma forma, como se precisasse provar a si mesma que o que tinha com Caspen era suficiente. E, claro, era. Era tão fácil quanto respirar com ele. As mãos dele deslizaram para a cintura dela, rasgando seu roupão antes de puxá-la para cima dele. Mas, em vez de colocá-la sobre seu pênis, as mãos dele agarraram suas coxas, guiando-a para que ela ficasse com as pernas abertas sobre o rosto dele, a boca dele entre as pernas dela.

Tem deu um suspiro quando sua língua encontrou o centro dela.

Eles nunca tinham feito aquilo antes — ele deitado de costas, as coxas dela apertadas sobre os ombros dele, emoldurando seu queixo. A língua dele roçava o clitóris dela, provocando-o antes de pressioná-lo suavemente com os dentes. Tem não fazia ideia de como Caspen não sufocava debaixo dela. Cada vez que ela tentava se levantar, ele a puxava de volta para baixo, os dedos cravando fundo em seus quadris enquanto a mantinha contra si. Seus gemidos eram guturais; ele sentia tanto prazer quanto ela. Tem não conseguia acreditar na ferocidade com que ele a devorava, como se a estivesse provando pela primeira vez.

Ele inclinou a cabeça para trás, incentivando-a a se aproximar. Tem se posicionou de forma que não houvesse mais espaço entre eles — nada impedindo o orgasmo que a atingiu como uma avalanche. Uma força inegável percorreu Tem enquanto ela cavalgava seu rosto da mesma maneira que cavalgava seu pênis, sabendo que, assim que terminasse, cavalgaria também aquele outro. Seus dedos se entrelaçaram em seus cabelos, segurando-o contra si, buscando salvação.

Vem pra mim, Tem. Vem na minha língua.

Os dias em que um pedido como aquele a teria assustado ficaram para trás. Agora Tem sabia que não havia nada que Caspen desejasse mais do que provar aquela parte dela que ela jamais imaginara poder dar prazer a outra pessoa. Agora ela sabia que ele precisava daquela parte dela tanto quanto ela precisava de cada parte dele.

As mãos dele apertaram a bunda dela com força. Tem estava perdendo a cabeça em cima dele. O último resquício de inibição a abandonou quando ela jogou a cabeça para trás em sinal de rendição, permitindo-se... Ele a levou aonde ela tanto precisava ir. Caspen não a soltou enquanto o clímax dela se espalhava. Em vez disso, seus dedos apertaram sua bunda, mantendo-a contra si enquanto ele bebia cada gota dela. Quando finalmente se afastou, passou a língua sobre o clitóris dela. Tem estava tão sensível que ela suspirou, depois se inclinou para beijá-lo, sentindo o próprio gosto em seus lábios.

Agora vire-se.

Tem fez isso sem questionar. Caspen se posicionou atrás dela, centralizando-se entre suas pernas e as abrindo com as coxas. Mãos fortes a agarraram, levantando seus quadris e expondo-a ainda mais. Então ele lhe ofereceu seu pênis.

Caspen estava menos gentil do que costumava ser. E Tem gostou disso.

Cada investida era impiedosa, preenchendo-a completamente. Ela estava dilacerada — um nervo exposto. A fumaça se enroscava em seus cabelos, puxando-os para trás e arqueando seu pescoço. Um sibilo ecoou pela caverna quando Tem gritou sem pudor, seus gemidos uma entonação infinita de prazer, só para Caspen.

Era simples assim. Era certo. Caspen pegava dela o que queria e lhe dava o que ela queria em troca. Não havia explicação, nem justificativa. Era indescritível, e Tem nunca estivera tão feliz por estar sem palavras. O som do pênis dele entrando e saindo dela era a única coisa que lhe importava ouvir. A sensação da respiração dele em suas costas era a única coisa que lhe importava sentir. Ela só queria *dar* e *receber* e ser extasiada como merecia.

Lindo, Tem. Tão lindo.

Tem mal o ouviu. O ar estava insuportavelmente quente; o suor lhe cobria o peito.

Veja o que acontece quando você faz o que eu digo.

Ele demonstrava isso a cada investida. Era a recompensa dela — o prêmio que ganhava por se submeter. Mas ela não o deixaria assumir o controle tão facilmente. Agora era a vez dela.

Tem se inclinou para a frente de repente, deslizando sobre o pênis dele até que ele mal estivesse dentro dela. Ela moveu os quadris hesitante, testando a distância. Quando estava quase vazia, parou. Caspen arfou quando ela deslizou de volta para baixo, engolindo-o por completo de uma só vez. Tem permaneceu imóvel, firme na base, antes de se mover novamente.

Sobe. Desce. Depois sobe de novo.

Ela foi devagar — *muito* devagar — para ter certeza de que ele veria. A imagem seria incomparável para Caspen. Tem sabia, pela presença dele em sua mente, que ele estava fascinado, observando cada centímetro do seu pênis desaparecer dentro dela antes de sair novamente. Ela arqueou as costas, acentuando o ângulo, movendo-se até a ponta.

Ela permaneceu ali — apenas na cabeça — usando movimentos controlados até ter certeza de que estava toda molhada sobre ele. Com um gemido tenso, Caspen a puxou até o fundo do seu pênis e a manteve ali.

Suficiente.

Tem deu um sorriso de canto. Ela havia vencido aquela pequena troca de palavras, e sabia disso. Se Caspen pensava que estava no controle, estava enganado. Tem sempre fora capaz de levá-lo ao limite, de forçá-lo a reconhecer o poder dela. Isso não mudaria, não importando quantas ordens ele lhe desse.

Por um instante, ambos ficaram imóveis. O ar estava abafado; a fumaça rodopiava nas bordas de sua visão. Caspen deslizou as palmas das mãos lentamente sobre seus quadris e subiu por suas costas, apertando a curva de sua cintura até alcançar seus seios. Então, apertou-os também. Seus dedos se enroscaram em seus cabelos, pressionando-a contra o colchão. Seu corpo pressionava o dela com um peso imóvel. Quando a pressão se tornou insuportável, ele os puxou para cima, de modo que ela ficasse em seu colo, com as costas contra seu peito. Tem virou a cabeça para olhar em seus olhos negros. Escamas

subiam lentamente por seu pescoço, transformando sua pele em uma armadura. Então, ele começou a penetrá-la.

Eles estavam se aproximando do clímax, cada um com seu próprio corpo agindo por conta própria. Tem moveu os quadris para acompanhar o ritmo dele, recebendo seu pênis o mais fundo que podia enquanto os dedos dele encontravam seu clitóris. A combinação de sensações a levou direto ao limite. Mas, pouco antes de gozar, Tem fez algo que nunca havia feito antes.

No momento do clímax, ela protegeu sua mente de Caspen, isolando-se completamente para que não houvesse mais conexão entre eles. Tem nem sabia ao certo por que fizera aquilo — puro instinto, pura intuição. Se Caspen percebeu, não disse nada. Talvez porque estivesse ocupado demais tendo um orgasmo.

Assim que ele se afastou, ela o puxou de volta.

"De novo", disse Tem.

Nunca era suficiente.

Ela o possuía repetidamente até que ambos estivessem encharcados de suor e sem fôlego. Tem antes pensava que o apetite sexual de Caspen era incomparável. Mas agora o dela era tão insaciável quanto, senão maior. A ideia de passar uma noite sem sexo a assustava de verdade.

Você nunca precisa ficar sem sexo, Tem.

Ele ainda estava dentro dela.

O que você quer dizer?

Quer dizer, você tem a liberdade de dormir com outros basiliscos se assim desejar.

Ela olhou para ele. Ele se afastou lentamente, distribuindo beijos pelo pescoço dela enquanto o fazia.

Isso não vai te incomodar?

Não vai.

Ao ver a expressão incrédula no rosto dela, ele riu.

"Eu já te disse antes, Tem. Você é minha. O fato de você entregar seu corpo a outro não muda isso."

"Você diz isso agora, mas…"

"Mas o quê, Tem?"

Ela imaginou Leo — seus cabelos loiros, seus dedos hábeis. Caspen só havia mencionado dormir com outros basiliscos, e a especificidade não lhe passou despercebida. "Você está falando sério?"

“Claro.” Ele disse isso calmamente, como se fosse um fato irrefutável.

Tem assentiu com a cabeça, embora não conseguisse imaginar dormir com mais ninguém — exceto Leo. No instante em que pensou nisso, olhou para Caspen para ver se ele tinha ouvido. Sua mente ainda estava protegida, mas ele continuou: "Você pode descobrir que seu lado basilisco eventualmente exigirá isso."

isso . Basiliscos viviam em um estado permanente de excitação, sempre sendo tentados e provocados. Tem tinha feito mais sexo na última semana do que em toda a sua vida, até mesmo durante seus treinos na caverna. Caspen estava sempre *ali* . Bastava Tem olhar para ele e ele ficava excitado por ela, bastava dar um passo em sua direção para montá-lo.

Caspen adorava aquilo. O brilho de orgulho em seus olhos era inconfundível toda vez que Tem o tocava. Ela sabia que os basiliscos respeitavam isso — entendiam e incentivavam. Os basiliscos pertenciam uns aos outros de uma forma que os humanos jamais poderiam compreender . Mesmo assim, Tem não conseguia acreditar na frequência com que faziam sexo. Ela acordava com vontade. Adormecia ainda com vontade. Era completamente selvagem, como um animal indomável. Até mesmo Caspen mal conseguia acompanhá-la. Ela estava constantemente, insuportavelmente, desesperada por mais.

Talvez Caspen estivesse certo. Talvez, com o basilisco certo, Tem se deixasse tentar. Havia muitas coisas sobre seu corpo que ela já não entendia. Às vezes, sentia como se alguém a controlasse. A fome que ardia dentro dela era uma sede insaciável. Tem faria qualquer coisa para saciá-la.

“É isso que você quer?”, ela perguntou. “Me ver com outra pessoa?”

Um leve sorriso irônico curvou seus lábios. "Só se for isso que você quer."

Ela se sentou, olhando-o diretamente nos olhos. "Mas é isso que *você* quer?"

O sorriso irônico se alargou. "Eu não me importaria."

Você não *se importaria* ?

Ele riu abertamente. "Eu sou um basilisco, Tem."

Foi tudo o que ele disse, mas Tem entendeu. Caspen não era como os garotos humanos com quem ela crescera, aqueles que eram criados para ter relacionamentos monogâmicos com suas esposas. Caspen era algo completamente diferente — selvagem e livre, preso aos costumes de seu povo, assim como Tem era presa aos dela. O fato de ele querer que ela dormisse com outros basiliscos podia ser desconcertante para ela, mas estava longe de ser desconcertante para ele. Para Caspen, era a norma. Para Tem, era incompreensível.

“Como isso pode não te importar?”, ela insistiu. “Como você pode não sentir ciúmes?”

Os dedos dele deslizaram suavemente pela barriga dela, causando arrepios em sua pele. "Eu só teria ciúmes se você dormisse com alguém que amasse."

A culpa a atormentava. Havia *alguém* que ela amava. " *Eu* ficaria com ciúmes se você dormisse com outra pessoa", sussurrou ela.

Caspen sorriu. "Eu sei que você gostaria. E isso é compreensível, visto que você é meio humana. Mas eu já te disse, Tem, não há ninguém mais que eu queira."

Ele sussurrou o resto em sua mente: *Meu corpo e meu coração pertencem a você.*

Ela o beijou, e ele retribuiu o beijo. Quando se separaram, ele disse:

"Só me importa que você seja leal de coração."

Tem encarou o anel de prata em seu dedo. Caspen não havia perguntado sobre ele. Talvez não importasse para ele — basiliscos não usavam anéis, e seus colares de garras de ouro combinando eram prova suficiente de seu amor. Mas importava para Tem. E ela não conseguia se desfazer dele.

Tem encostou-se ao peito dele.

Por um longo momento, eles simplesmente ficaram deitados ali. Finalmente, ela perguntou: "Qual é a sua coisa favorita em mim?"

Caspen sorriu, e ela viu um leve vestígio de suas presas. "Isso é fácil: sua boca."

Ela revirou os olhos. "Seja séria."

Ele riu. "Eu sempre falo sério." Ele passou o dedo pelo lábio inferior dela. "Suas palavras são afiadas." Ele olhou-a nos olhos. "Suas opiniões,

ainda mais afiadas."

Antes que Tem pudesse revirar os olhos novamente, ele perguntou: "Qual é a sua coisa favorita em mim?"

Ela ponderou sobre a resposta, pensando em todas as coisas que amava em Caspen. Amava também a sua língua afiada, embora certamente não fosse pelas suas opiniões. Amava a sua segurança, a sua firmeza e *solidez* . Mas, acima de tudo, amava a forma como ele a amava: incondicionalmente.

“Sua devoção.”

Caspen sorriu. "É fácil", sussurrou ele, "adorá-la."

Então ele a beijou. Sua língua deslizou contra a dela, traçando o contorno da boca que ele tanto amava. Quando terminaram de se beijar, ficaram ali deitados, observando um ao outro, até que seus olhos começaram a se fechar. Por fim, a respiração de Caspen se acalmou.

Tem observava o grande plano do peito dele subir e descer ritmicamente enquanto ele dormia. Ela sempre encontrara conforto em Caspen. Ele era seu protetor; jamais permitiria que qualquer mal lhe acontecesse. Era perfeito em todos os sentidos. Mas Leo a havia enredado de uma forma que ela não esperava, e Tem estava tendo muita dificuldade em se livrar dele.

Ela tentara fazer a coisa certa, tentara dar a ele o que ele merecia. Mas, ao fazer isso, algo se quebrou dentro dela. Um pedacinho de si mesma havia desaparecido daquele palco. bem ao lado de Leo, e aquela peça a chamava desde então, não importava o que ela fizesse para se distrair. Era uma sensação tão real quanto física, comprimindo seu peito, dificultando a respiração. Tem jamais esqueceria a explosão de sensações em sua mente quando seu mindinho roçou no dele. Seria um efeito colateral do brasão? Tem não sabia nada sobre tal magia e, francamente, tinha medo demais para perguntar a Caspen. Ela nem conseguia mencionar os jantares de domingo à noite, com medo do que ele pudesse dizer. Mas isso era um problema para outra hora.

Além disso, Tem não era o único que guardava segredos.

Na noite seguinte ao casamento, os basiliscos que haviam sido mantidos no castelo para derramamento de sangue retornaram às cavernas. Tem não sabia se Leo os havia libertado ou se eles tinham vindo por conta própria. Todos os basiliscos estavam direcionados para Adelaide.

“Por que eles estão indo até ela?”, perguntou Tem.

“Ela é excepcional na cura”, explicou Caspen. Foi uma resposta mais curta do que as que ele costumava dar. Ele estava distraído, seus olhos percorrendo a fila exausta de basiliscos enquanto eles cambaleavam para dentro das cavernas, com as mãos apoiadas no peito.

"Você está esperando alguém?", perguntou Tem.

O olhar de Caspen se voltou para ela, e sua expressão imediatamente voltou a ficar neutra. "Não."

Tarde demais, Tem percebeu que deveria ter feito uma pergunta diferente. Se tivesse perguntado " *Você está esperando encontrar alguém?",* talvez tivesse obtido uma resposta diferente. Uma parte de Tem queria insistir para que Caspen lhe dissesse quem estava procurando. Mas a outra parte temia o que ele poderia dizer. Ela poderia mesmo culpá-lo por ter um passado quando era o presente de Tem que ameaçava destruí-los? Seu marido havia vivido uma vida longa. Ele era o Rei Serpente e havia conquistado esse título. Não havia motivo para guardar rancor do passado dele. Ela esperava que ele lhe oferecesse a mesma compreensão.

Por fim, Tem se aconchegou contra Caspen e dormiu.

No dia seguinte, foram juntos tomar o café da manhã. As refeições eram servidas no salão de banquetes, um cômodo enorme onde centenas de basiliscos se reuniam ao longo do dia. Os basiliscos comiam a qualquer hora que quisessem, sempre que estivessem com fome. A falta de rotina era desorientadora para Tem. Até mesmo seus horários de sono eram completamente aleatórios — Tem só agora percebeu que Caspen estava adaptando seus horários aos dela. De fato, os basiliscos tendiam a ser noturnos.

A comida também era diferente. Os basiliscos se alimentavam principalmente de peixes e caça, que capturavam enquanto caçavam em suas verdadeiras formas. As refeições feitas sob a montanha eram semelhantes aos jantares que Caspen lhe servira durante o treinamento — carnes curadas e queijos, nozes e frutas secas, e ocasionalmente um pão. Ela logo descobriu que os basiliscos tinham uma predileção por chocolate.

“É amargo”, disse Caspen. “Mas também doce.”

“Você poderia descrever um basilisco dessa forma.”

“Sim”, disse ele. “Você poderia.”

A princípio, Tem imaginou que o salão de banquetes seria o único lugar onde não presenciaria sexo. Mas estava completamente enganada. Os basiliscos não só faziam sexo durante as refeições, como também utilizavam tudo o que estivesse ao seu alcance na mesa. Chocolate era espalhado e lambido em diversas partes do corpo. Utensílios eram usados para estimular todos os tipos de zonas erógenas. Quando a situação ficou insuportável, Tem simplesmente fechou os olhos.

Não precisamos comer aqui , disse Caspen, com um tom divertido. *Não é necessário.*

Estou bem.

Você parece que vai desmaiar.

Não vou.

Seus olhos estão fechados.

Estou apenas descansando.

À mesa de jantar?

Sim.

Um lugar um tanto estranho para descansar, meu amor.

Talvez para você. Para mim, é necessário.

Para nós, Tem, tanto faz: comer e sexo. Não há diferença. Ambos são necessidades básicas. Ambos devem ser satisfeitos.

É preciso que elas sejam atendidas agora mesmo *?*

Não acreditamos em adiar nossa gratificação.

Tem lembrou-se da noite passada, quando fez Caspen esperar.

Sim, você faz.

Ela sentiu outra onda de divertimento por parte dele.

Só quando se trata de você.

E por que sou tão especial?

Porque com você, a recompensa vale a pena esperar.

Tem abriu os olhos apenas para revirá-los. Mas ela não era covarde; essa era a sua vida agora, e era melhor se acostumar.

A mulher ao lado dela estava dando prazer ao parceiro. Tem os observou por um tempo, reparando nos gemidos sincronizados de ambos. Por fim, a mulher montou no homem. Mas, para surpresa de Tem, ela não começou a cavalgar nele. Tem se virou para Caspen.

O que eles estão fazendo?

A mulher estava sentada no colo do homem. Eles estavam claramente *envolvidos* , mas o corpo dela estava completamente imóvel. Ele não fez nenhum movimento de penetração e ela não se mexeu.

Eles estão simplesmente vivenciando a companhia um do outro.

Mas qual é o objetivo disso?

Prazer.

Claro. Esse era o objetivo de tudo.

A voz de Caspen voltou a soar para ela: *Você quer tentar?*

Tem hesitou. Ela não sabia *por que* hesitou, mas hesitou. Estavam cercados por basiliscos. Estavam em público. Mesmo tendo passado pelo ritual, que era tão público quanto aquilo, de alguma forma era diferente; mesmo quando os basiliscos se alinharam para tocá-la, recuaram logo em seguida. Mas ali, estavam sentados em um banco com basiliscos de cada lado. Tem não conseguia imaginar tocar Caspen tão perto de outras pessoas. Mas maior que sua dúvida era sua curiosidade, e foi ela, como sempre, que venceu no final.

Ela não precisou dizer uma palavra.

Caspen já a estava levantando e colocando-a em seu colo, abrindo suas pernas para que ficassem de cada lado das suas. As costas dela estavam contra o peito dele, o pênis dele já duro e pronto para ela. Ele a ajudou a se sentar lentamente, penetrando-a centímetro por centímetro. Quando estava completamente dentro dela, apertou seus quadris.

E agora?

Agora você se senta. E não se mexe.

Era curioso simplesmente ficar sentada ali. Tem estava acostumada à variação — ao incessante recuo e avanço do pênis de Caspen em seu centro. Mas essa era uma sensação completamente diferente. Ela não estava acostumada a tê-lo completamente dentro de si por muito tempo. Mal havia passado um minuto e ela já queria mais. Tem moveu os quadris instintivamente, desesperada para sentir aquele ritmo viciante. Ela queria montá-lo, deslizar para cima e para baixo em seu pênis e se livrar da onda de calor que subia por suas costas. No instante em que tentou, Caspen a segurou pela cintura, mantendo-a no lugar.

Eu disse para você não se mexer.

Tem se remexeu. Tudo o que ela queria era se mexer. Era impossível ficar sentada ali — ela não fazia ideia de como a outra mulher estava conseguindo. Como poderiam esperar que ela não se esfregasse nele, que não movesse os quadris e levasse os dois ao clímax?

É um exercício de contenção, Tem.

Mas Tem nunca fora boa em se conter. Caspen era quem tinha paciência infinita, e estava demonstrando isso agora. Ele a mantinha imóvel, seu corpo insuportavelmente quente, o peito pressionado contra as costas dela. Tem raramente parava para pensar na diferença de tamanho entre eles, mas agora, sentada em seu colo, sentia o quão *grande* ele era atrás dela. Caspen era esculpido em pedra — seu corpo duro, robusto e imóvel. O calor de sua pele penetrava diretamente na dela, e Tem sentiu uma única gota de suor se formar entre os seios. Caspen deslizou um dedo pela barriga dela, roçando a gota d'água e levando-o aos lábios. Tem sentiu um fogo se acender. Tudo o que ela queria era *se mover* — sentir fricção, sentir o pênis dele pulsando dentro dela. Só de pensar nisso, ela já estava ainda mais molhada. Ela podia sentir o líquido escorrendo para o banco embaixo deles.

Paciência, Tem.

Isso é ridículo. E uma perda de tempo.

Essa é a sua opinião. Eu estou me divertindo bastante.

Tem se contorceu novamente, e desta vez a mão de Caspen foi para sua garganta. Ele segurou o rosto dela contra o seu, pressionando um beijo em seus lábios. Sua língua roçou a dela. Mesmo assim, Tem queria se mexer. Mesmo assim, Caspen a manteve no lugar.

Não consigo acreditar que as pessoas façam isso.

Fazer o quê?

Fique aí sentada. Eu estou tão…

Carente?

Ela corou. *Sim.*

Gosto quando você demonstra carência, Tem. É uma das suas melhores qualidades.

Tem revirou os olhos. Os dedos de Caspen percorreram seu queixo, depois seu pescoço. Ele roçou suas clavículas, tocando uma e depois a outra. Tem não estava acostumada com ele ser tão reservado durante o sexo. Mas será que eles estavam mesmo fazendo sexo? Tem não sabia

como chamar o que estavam fazendo naquele momento. Ela estava apenas... sentada ali. Enquanto ele estava dentro dela. Isso a fazia se sentir profundamente conectada a ele, como se estivessem unidos em seu ponto mais fundamental, não dois seres, mas um só.

Você se sente tão bem, Caspen.

Você também.

Você se sente tão bem que chega a ser... ruim.

Caspen deslizou as palmas das mãos pelo corpo dela, acariciando seus seios e apertando-os. Esfregou seus mamilos entre os dedos até que se tornaram pontas duras e sensíveis. Era quase além do que Tem podia suportar. Ele estava moldando e transformando seu corpo em tudo o que desejava. Seus lábios roçaram seu pescoço, e ela sentiu seus dentes mordiscarem sua pele.

"Mais!" , ela implorou.

Não.

Por favor.

As coisas boas acontecem para aqueles que esperam.

Seus dedos retomaram o lento e sensual toque em seus mamilos. Tem se contorceu contra o toque dele, arqueando as costas e pressionando os seios contra as mãos dele. Diante do desespero dela, o divertimento de Caspen só aumentou.

Fique quieto, Tem.

Tem fez o que lhe foi dito.

No instante em que ela ficou imóvel, Caspen a recompensou com uma única e forte estocada. Tem soltou um grito com a mudança repentina, exclamando de surpresa e prazer, ansiando imediatamente por mais. Mas ele não a cedeu. Em vez disso, uma de suas mãos deslizou de seu seio para o clitóris, massageando-o em um ritmo constante. Tem foi embalada em um transe pelo movimento, finalmente satisfeita em deixar Caspen assumir o controle.

Ele não a penetrou novamente, mas sua outra mão estendeu-se, mergulhando-a em um pote de mel sobre a mesa. Caspen girou os dedos lentamente no mel antes de levá-los aos lábios de Tem. Ela abriu a boca, lambendo o mel com a língua, virando a cabeça para que ele pudesse vê-la fazer isso. Quando o mel acabou, Tem chupou

suavemente os dedos dele antes de levá-los até o fundo da garganta até que ele dissesse:

Kora.

Se isso fosse um jogo, Tem sabia que poderia vencê-lo.

Ela moveu os quadris um pouco, quase imperceptivelmente, a princípio. A imensidão do peito dele estava atrás dela, mantendo-a ereta e impedindo-a de fazer qualquer movimento brusco. Mas Tem foi devagar, provocando-o assim como ele a provocara, arqueando as costas para recebê-lo mais fundo. Era exatamente como na noite anterior, só que desta vez não estavam sozinhos. Tem sabia que havia pessoas observando, sabia que todos podiam ver onde ela estava sentada. Um murmúrio baixo de aprovação vibrou sobre a mesa. Uma coisa era os basiliscos fazerem sexo em público — outra era observar seu rei e rainha fazendo o mesmo. Eles eram seus líderes; eles ditavam as regras. Era uma honra fazer isso, e Tem não encarava isso levianamente. Ela sabia que eles a viam como uma referência, que ela ocupava uma posição que alguns achavam que ela não havia conquistado. Ela se esforçava para ser digna dela agora, com Caspen dentro dela, para que todos vissem. Tem entendeu que essa era uma forma de provar seu valor, que aqueles que duvidavam de sua capacidade de prosperar não teriam escolha a não ser aceitá-la se vissem o quão boa ela era nisso.

Seu corpo se moveu com fervor agora. Tem agarrou a borda da mesa, buscando estabilidade enquanto se impulsionava para cima. Suas palmas estavam suadas; ela mal conseguia se segurar. As mãos de Caspen estavam em seus quadris, puxando-a para frente, seu corpo inteiro rígido sob o dela. Seu orgasmo veio como um raio, repentino e intenso, tirando o ar de seus pulmões. Caspen também gozou, seus dentes pressionados contra seu pescoço. Tem estava sem fôlego. O peito de Caspen subia e descia com o dela, em sincronia, mesmo quando seus batimentos cardíacos diminuíram. Caspen a beijou na bochecha.

Você se saiu bem, meu amor.

Tem sorriu. Então, ela retribuiu o beijo.

Foi só depois de saírem do salão de banquetes que Tem percebeu que conseguia pensar com clareza. Novamente. Quando atravessaram o pátio, este fervilhava de atividade. Basiliscos se reuniam ao redor da fonte, organizando uma elaborada torre de cálices.

"O que está acontecendo?", perguntou Tem a Caspen.

“Eles estão se preparando.”

"Para que?"

“Para a época de acasalamento.”

“Época de acasalamento?”

“Sim.” Caspen sorriu. “É uma época em que qualquer pessoa solteira procura um parceiro. Acontece todo inverno.”

Tem parou um instante para processar a informação. Os basiliscos já demonstravam afeto em um dia normal — veja só o que tinha acabado de acontecer no café da manhã. Ela não conseguia imaginar como eles se comportariam durante um período em que seu único propósito era encontrar um parceiro. "E o que exatamente significa a época de acasalamento?"

“Haverá uma série de eventos para comemorar.”

"Como?"

“São bastante difíceis de explicar.”

Tem suspirou. Não importava se Caspen lhe contasse; ela descobriria em breve. "Quando será o primeiro evento?"

"Amanhã."

Tão cedo. Tem mal tinha começado a se adaptar à cultura dos basiliscos, e agora havia um evento inteiro para considerar.

Como se estivesse combinado, Caspen disse: "Você sempre pode me dizer quando isso ficar demais para você."

Tem franziu a testa. Ela não gostou da escolha de palavras dele — *"quando "* em vez de *"se"* , insinuando que era apenas uma questão de tempo até que tudo se tornasse demais para ela. A última coisa que ela queria era que Caspen pensasse que ela era incapaz de se adaptar ao mundo dele. "Não é demais. É só muita coisa. Há uma diferença."

E havia muito mais. Tem mal começara a arranhar a superfície da cultura basilisco. Havia mil perguntas sem resposta, e nunca tempo suficiente para fazê-las. "Quando aprenderei a petrificar?"

Para sua surpresa, Caspen franziu a testa. "Você não vai aprender a petrificar."

"Por que não?" A insegurança a dominou. "Você acha que eu não consigo?"

“Claro que você consegue.”

“Então por que você não me ensina?”

Eles chegaram aos seus aposentos e sentaram-se na cama.

Como Caspen não respondeu, Tem insistiu: "Quero aprender".

Ele balançou a cabeça. "Você não vai aprender comigo."

"Mas *por que* ?"

“Tem.” Ele olhou-a nos olhos. “É uma coisa terrível tirar uma vida.”

“Mas você faz isso o tempo todo.”

Uma sombra escura tomou conta do rosto de Caspen, e Tem soube imediatamente que havia tocado em um ponto sensível. Ele desviou o olhar. "Só faço isso quando necessário", disse ele em voz baixa.

Ela estendeu a mão para ele. "Não queria te ofender."

Caspen colocou a mão sobre a dela. "Não me ofendo. É verdade que matei mais do que devia. Mas você precisa saber que não sinto prazer nisso. Me arrependo da maioria das mortes e não quero o mesmo para você." Ele fez uma pausa, encarando o fogo antes de sussurrar: "Não quero que você se torne um monstro."

Tem apertou-o com mais força. "Você não é um monstro."

Um sorriso sombrio distorceu seus lábios. "Talvez não para você."

O fogo crepitava. Nenhum dos dois disse uma palavra.

Tem tentou entender o ponto de vista dele. Ela imaginou que fazia sentido Caspen não querer que ela sentisse o mesmo arrependimento que ele. Ele queria que ela preservasse esse último resquício de moralidade. Mas não cabia a ele decidir. E isso não mudava o fato de que ela queria aprender a fazer aquilo. Era uma parte dela que ainda estava por descobrir — algo que todos os outros basiliscos sabiam fazer. Tem não queria ser a última a saber. Não de novo.

Ela esperou o tempo apropriado antes de perguntar: "Você não pode me ensinar a fazer isso em um animal?"

Caspen balançou a cabeça. “A petrificação não funciona em animais. Eles são nossos iguais. É só para—”

“Humanos. Certo. Claro.” Tem suspirou. Ela deveria ter previsto isso.

Caspen afastou uma mecha de cabelo do rosto dela. "Não quis dizer isso como um insulto, querida."

Tem suspirou novamente. "Estou apenas cansada", sussurrou. "Num minuto estou bem, e no minuto seguinte..."

Caspen a observava pacientemente, seus olhos encontrando os dela com ternura.

"Sinto como se estivesse me dividindo ao meio", concluiu ela em voz baixa. "É avassalador."

Ele se inclinou, pressionando os lábios suavemente contra a bochecha dela. "Claro que é avassalador. Você está passando por algo de grande importância. Qualquer pessoa se sentiria como você."

Tem esboçou um meio sorriso triste para ele.

“Talvez você devesse visitar seus pais”, murmurou ele.

Sempre que a vida aos pés da montanha se tornava insuportável para Tem, Caspen insistia para que ela visitasse seus pais. Kronos e sua mãe moravam nos arredores da vila, em uma pequena casa com um belo quintal, sem uma galinha sequer à vista. Era um lugar tranquilo. Ali, mais especificamente, havia silêncio em sua mente quando ela estava lá. Caspen sempre a deixava sozinha quando ela ia para lá, como se pressentisse que ela precisava de uma pausa completa da vida de basilisco. Seu lado humano ansiava por solidão depois de ouvir todas as vozes em sua cabeça e sentir tantos corpos ao seu redor. Tem era grata a Caspen por insistir que ela tivesse esse momento.

“Você tem razão”, disse ela. “Talvez eu devesse.”

***

Naquela tarde, ela encontrou sua mãe no jardim cuidando dos vegetais e Cronos sentado à mesa da cozinha.

“Temperance”, disse ele, enquanto ela entrava, com um sorriso lento se formando em seu rosto. “O que a traz aqui?”

Tem só o tinha visitado algumas vezes e ainda estava a conhecer o pai. Ele falava sempre com calma, as palavras a fluir como um rio de águas lentas.

"Eu precisava de uma pausa", disse ela simplesmente.

Ele assentiu com um olhar compreensivo. "Sim, só posso imaginar."

O orgulho enrijeceu a espinha de Tem. "Eu *queria* uma pausa", ela reformulou.

“Claro. Não há vergonha nenhuma em querer uma pausa.”

Ela só sentia vergonha.

“A montanha pode sufocar até o basilisco mais forte, Temperance. Ela tem vontade própria. Eu jamais submeteria sua mãe a ela.”

Tem conseguia entender isso. Um ser humano provavelmente não sobreviveria.

“Mas você não sente falta das suas pessoas?”

O pai dela deu de ombros. "Às vezes. Mas passei muitos anos sozinha. É a isso que estou acostumada agora. Se eu voltasse, acho que nunca mais seria a mesma coisa."

Tem assentiu com a cabeça. Ela conseguia entender. Mesmo assim, parecia inevitável que seu pai sentisse falta da vida antiga.

Como se tivesse lido seus pensamentos, ele disse: "Daphne é a minha vida agora."

Tem olhou pela janela para o jardim, onde sua mãe estava arrancando ervas daninhas. Ela pensou na união de seus pais e em todo o esforço que fizeram para ficarem juntos. "Você a teria obrigado a fazer o ritual?", perguntou.

Para sua surpresa, o pai dela riu.

“O que é tão engraçado?”

“Eu não conseguiria obrigar sua mãe a fazer nada”, disse ele. “Nem naquela época, nem agora. Você é exatamente como ela nesse aspecto.”

Tem também se permitiu rir. Foi uma bênção se ver em sua mãe e Para o pai dela, seria uma honra compará-las dessa forma. "Você sabe o que eu quero dizer", insistiu ela. "Você queria que ela fizesse isso?"

Cronos suspirou. "Eu *a queria.* E se isso significasse que ela teria que realizar o ritual, então sim. Eu teria pedido a ela para fazê-lo."

"Será que ela teria feito isso?"

Sua boca se contraiu. "Duvido."

Tem se perguntou o que aquilo dizia sobre ela, o fato de ela ter...

“O ritual é antigo”, continuou o pai dela. “É considerado prática comum para qualquer pessoa que deseje se casar com um de nós. Mas sua mãe não seguiu nossas tradições.”

Tem não podia culpá-la.

"Por que você fez isso?", perguntou Cronos em voz baixa.

Passou-se um instante. Os pássaros chilrearam.

Tem refletiu sobre sua decisão de participar do ritual — como ela havia decidido fazê-lo depois de ver Leo cercado pela multidão no palco. Ela se lembrou do medo que apertou seu coração ao vê-lo erguer as mãos para se proteger dos aldeões que se aproximavam, do quão assustada ela ficou até Maximus tirar o filho do palco.

“Fiz isso pelo Leo.”

Ao ver a expressão de surpresa no rosto do pai, ela explicou melhor.

“Caspen acabara de quebrar a trégua, e os aldeões estavam se revoltando. Pensei que, se fosse aceito na sociedade dos basiliscos, teria algum poder para manter Leo em segurança.”

Outro silêncio. Tem sabia que seu pai estava processando sua resposta.

“Você não acha estranho?”, perguntou ele, cautelosamente.

“Encontrar o quê de estranho?”

“Que o homem para quem você realizou o ritual não era o homem com quem você está casada agora?”

Tem nunca tinha pensado nisso dessa forma. Ela deu de ombros. "Eu faria qualquer coisa por Leo."

“E quanto a Caspenon?”

“Para ele também.”

“Tem certeza?”

A pergunta dele a deixou perplexa.

Tem não podia ignorar o que seu pai acabara de apontar: que, em um nível básico, o pedido de Caspen não fora motivo suficiente para ela realizar o ritual. Foi preciso que a vida de Leo estivesse em perigo para que ela finalmente decidisse fazê-lo. Não era algo que Tem tivesse considerado até então. O pensamento a irritou. "Por que você me perguntaria isso?"

Cronos ergueu delicadamente a mão em sinal de rendição. "Estou apenas curioso."

Mas agora, a mente de Tem estava a mil. Ela se perguntou se talvez esse fosse o objetivo. A pergunta dele. Parecia que ele estava a advertindo. " *Por que* você me perguntaria isso?", Tem disse novamente, desta vez com firmeza.

Uma pausa. Então: “O coração é uma coisa curiosa, Temperança”, disse Cronos com cautela. “Não se pode raciocinar com ele.”

"O que você quer dizer?"

“Não podemos escolher quem amamos. Nossos corações escolhem por nós.”

“Eu adoro o Caspen.”

“Eu sei que sim. Mas você também ama o Leo.”

Tem fechou os olhos.

“Temperança. Você precisa ter cuidado. Os basiliscos são livres com seus corpos, mas não com seus corações. É perigoso amar duas pessoas. Você precisa se preparar.”

Tem não queria ouvir que amar duas pessoas era errado. Era a realidade dela, e não ia mudar tão cedo. Eles tinham concordado em compartilhá-la. Aquilo era mentira? Será que Caspen tinha dito aquilo só para fazer Leo parar com o derramamento de sangue? Leo parecera sincero na promessa, mas e Caspen? Supostamente, ele não conseguia mentir, mas certamente podia distorcer a verdade para atender às suas necessidades. Ela já o vira fazer isso muitas vezes.

Uma pontada de dúvida atravessou seu peito.

Será que Caspen *realmente* concordou em compartilhá-la? Eles nunca tiveram que lidar com o acordo desde que Tem ordenou que Leo encontrasse Evelyn. Se ela não o tivesse mandado embora, os três estariam em uma situação bem diferente agora.

“Tem?” Seu pai interrompeu seus pensamentos. “O que foi?”

"Não sei", ela sussurrou.

“Fale comigo, criança.”

Havia mil coisas que ela poderia dizer. Mas, por algum motivo, apenas uma a incomodava profundamente. "Acho que cometi um erro", sussurrou ela.

Ela não conseguiu dizer mais nada. Não quando nem ela mesma era capaz de encarar a situação.

Cronos colocou uma mão delicadamente em seu ombro. "Não importa o que você fez de errado, Temperança. É a maneira como você escolhe consertar isso que define quem você é."

Ela tentara resolver a situação mandando Leo embora. Essa fora a sua solução, e uma péssima solução. Era apenas uma tentativa de evitar lidar com o verdadeiro problema. Seu amor por Leo não desaparecia. Ela deveria ter sabido que não se dissiparia mesmo se *ele* fosse embora. Tem queria se abrir com o pai, dizer-lhe que doía pensar em Evelyn com Leo, que resistir à atração do vínculo entre eles era doloroso, senão impossível.

As próximas palavras escaparam antes que ela pudesse impedi-las. "Você acha que Leo ainda me ama?"

Cronos suspirou. Um instante depois, sua mão tocou o queixo dela. "Como ele poderia não amar? É fácil te amar."

Caspen foi a primeira pessoa a fazê-la sentir que aquela afirmação era verdadeira. *Caspen* foi seu primeiro amor. E, no entanto, ela não conseguia se livrar de Leo. Não importava o que Tem fizesse, não importava quantas vezes ela fizesse sexo nas cavernas, Leo estava sempre lá, no fundo de sua mente, chamando por ela.

“Às vezes não parece assim”, sussurrou Tem.

A compaixão suavizou o semblante de Cronos. "Aqueles que te amam não precisam de coerção para fazê-lo."

Por algum motivo, lágrimas ameaçaram cair. Seu pai se aproximou mais.

“Olhe ao seu redor, criança. Você não está sozinha.”

Nesse instante, sua mãe entrou na cozinha. "Tem, você vai ficar para o jantar?", perguntou ela, com as mãos cobertas de terra do jardim.

“Não.” Tem balançou a cabeça negativamente.

Havia alguém que ela precisava ver.

Capítulo Três

O pub Horseman estava quase vazio, e isso era ótimo para Tem. Gabriel estava na mesa favorita deles, cercado por copos de cerveja vazios. No momento em que o viu, uma parte dela relaxou.

“Minha *querida* Tem.” Ele lhe deu um beijo na bochecha enquanto ela se acomodava na cabine. “Como você está nesta bela noite?”

“Não posso reclamar.”

“Eu posso. Estão me cobrando pelas bebidas de novo.”

“Eles deveriam fazer isso.”

"Não se você for bonito(a). Deveria ser regra que a bebida é de graça para quem é bonito(a)."

Tem sorriu. Seu bom humor era contagiante, dissipando a escuridão que afligia seu coração. Eles não haviam conversado sobre nada substancial desde o casamento. Tem sabia que ele estava esperando até que ela estivesse pronta para falar sobre o assunto, respeitando seus limites como só um melhor amigo poderia. Mas ambos sabiam que Tem lhe devia uma explicação. Ela havia ensaiado seu discurso mil vezes: como explicar que era uma Híbrida, como contar o que havia feito com Leo, como revelar suas vulnerabilidades. Ela havia evitado o assunto por medo — ou talvez vergonha. Mas as palavras de seu pai ecoavam em sua mente, e Tem sabia que não precisava enfrentar essa tempestade sozinha. Gabriel sempre a amara e merecia saber a verdade.

“Gabriel”, disse ela baixinho. “Há algo que preciso te contar.”

Ele a abraçou. "Então, conte-me tudo."

Tem mordeu o lábio. Será que ela realmente ia fazer isso? Se ela confiasse nele — se revelasse essa parte mais profunda e essencial de si mesma — isso poderia mudar o relacionamento deles para sempre. Mas Tem preferia que mudasse a continuar vivendo uma mentira.

Ela contou tudo para Gabriel.

Todos os segredos que ela guardara por tanto tempo, todos os pecados que mantivera a sete chaves. Tudo o que acontecera nas últimas semanas jorrou dela como uma torrente, caindo aos pés de Gabriel. Ele ouviu em silêncio, as sobrancelhas levemente franzidas, a mão envolta frouxamente em torno do copo de cerveja. Quando Tem finalmente terminou, a noite havia caído e o Horseman começava a se encher. Gabriel olhou-a nos olhos. E sorriu.

"Para que serve *isso* ?", perguntou Tem, perplexa. Em vez de reagir com horror — ou, no mínimo, choque — Gabriel estava sorrindo amplamente para ela. Ele estava quase dando risada.

“Eu sempre soube que você era capaz.”

“ *O que havia* em mim?”

“Que audácia.”

“Mas você não está… surpreso?”

“Não, querida. Não estou surpresa.”

Tem olhou para ele sem expressão. "Você não está surpreso que eu seja meio basilisco?"

"Não."

“Ou que eu realizei o ritual?”

O sorriso de Gabriel se alargou. "Não. Embora eu esteja um pouco com inveja de você ter transado com o pai do Caspen."

Ela deu um tapa no braço dele. "Seja sério, Gabriel."

“Eu *sou* Tem. Só posso imaginar o conjunto genético dessa família.”

Isso lhe rendeu outro tapa. Gabriel apenas deu uma risadinha enquanto bebia sua cerveja.

“Você não está…” As palavras lhe faltaram. “Enjoada? Ou pelo menos… preocupada?”

"Enjoada?" Gabriel soltou uma risada profunda e divertida. "Tem, minha querida." Ele a puxou para mais perto, pressionando os lábios contra a bochecha dela. "Eu estava começando a achar você completamente entediante. Isso me deixaria muito mais enojado do que o que você acabou de me dizer."

Com uma simples frase, sua alma se desdobrou. É claro que Gabriel a aceitou; é claro que Gabriel ainda a amava. Nada poderia se interpor

entre eles — ele não se deixava dissuadir facilmente. Ele não precisava de coerção para amá-la.

“Quanto a estar preocupado”, continuou ele. “Deveria estar?”

Tem mordeu o lábio. "Não sei", disse ela honestamente.

“Hum.” Ele a observou, com a cabeça inclinada. “Algo me diz que você ficará bem.”

“E por que você pensa isso?”

“Porque você é muito mais capaz do que pensa. Sempre foi.”

Tem refletiu sobre isso. Ela não tinha certeza se era um elogio ou não.

“O que *me* surpreende”, disse Gabriel em voz baixa, com uma expressão séria, “é que você tenha esperado até agora para me contar.”

Tem suspirou. Ela se lembrou daquela noite, não muito tempo atrás, naquela mesma cabine, quando estava prestes a contar tudo para Gabriel. Então Leo apareceu e as coisas tomaram um rumo inesperado. Agora ela desejava que tudo tivesse sido diferente. O que teria acontecido se Tem tivesse se confidenciado com sua melhor amiga naquela noite? Teria tornado tudo o que veio depois muito mais fácil. Se ela tivesse tido alguém com quem conversar, não teria precisado enfrentar tantas decisões sozinha.

“Esperei porque estava com medo”, disse ela sinceramente.

“De quê?”

"Do que você pensaria de mim." Às vezes, Tem nem sabia que algo era verdade até dizer em voz alta, e no momento em que dizia, percebia a profundidade daquele medo.

“Tem.” Gabriel se inclinou para frente. “Você é minha melhor amiga. Nada jamais poderia me fazer gostar menos de você.”

As lágrimas eram iminentes. "Mas eu fiz coisas ruins, Gabriel. Coisas muito ruins."

“Você fez o melhor que pôde dadas as circunstâncias.” Ele apertou suas mãos quentes sobre as dela. “É tudo o que qualquer um pode esperar fazer.”

Tem apenas balançou a cabeça. Ela não merecia a paciência e a compreensão dele. Não depois de tudo o que havia escondido dele. "Me desculpe", sussurrou ela.

"Eu sei."

Por um instante, eles simplesmente se olharam. Tem estudou o rosto que conhecia tão bem, maravilhada com a beleza que Gabriel havia adquirido. A desajeitada timidez da infância havia desaparecido há muito tempo. Ele era um homem agora, e de alguma forma ela não havia percebido.

Havia mais uma coisa que ela precisava lhe dizer. "Ser meu amigo é arriscado, Gabriel. Eu... não quero que você se machuque."

Para sua surpresa, um sorriso surgiu em seus lábios. "Quão perigosos estamos falando?"

Ela lhe deu um empurrãozinho sem muita convicção. "Estou *falando sério* ... Você sabia que os basiliscos podem petrificar humanos?"

“Pishposh.”

“E eles estão constantemente…”

Gabriel ergueu uma sobrancelha. "Constantemente o quê, Tem?"

Tem corou, lembrando-se do salão de banquetes naquela mesma manhã. "Eles estão constantemente fazendo sexo."

O rosto de Gabriel iluminou-se de alegria. " *É* mesmo? *Conte* -me mais."

“Eles fazem isso o tempo todo. É assim que eles ganham poder e determinam quem ocupa a posição mais alta em sua sociedade.”

“Parece ser o tipo de sociedade que eu gosto.”

“Cale *a boca.* É… obsceno. É tudo o que eles fazem.”

“Nesse caso”—seu rosto se iluminou ainda mais—“você deveria me arranjar um.”

“De jeito nenhum.”

“Ah, qual é, Tem. Finalmente encontrei alguém com a mesma resistência que eu. Esses garotos de estábulo não dão conta do recado hoje em dia.”

“Isto não é uma brincadeira, Gabriel. O meu mundo não é seguro para humanos. Não o quero por perto.”

Apesar do aviso dela, Gabriel ainda sorria. "Acho um tanto injusto que você passe o dia em festas sexuais enquanto eu me definho lavando pratos no castelo. Você deveria me deixar ir a uma."

“ *Isso* não vai acontecer.”

“Tem, você *tem* que me levar.”

“Para as *cavernas* ?”

“Sim. Imediatamente, se possível.”

“Não, Gabriel.”

“Por que não? Se estão rolando festas sexuais com cobras, eu considero uma ofensa pessoal não ser convidado.”

"Não existem *festas sexuais com cobras* ", ela sibilou.

“ *Pah* .” Ele estalou os dedos em sinal de desdém.

“Gabriel.” Tem colocou as mãos nos ombros dele. “Eu não vou a nenhuma festa sexual, e você não estaria seguro nelas mesmo se eu fosse. Estou falando sério. É perigoso debaixo da montanha. Eu jamais te colocaria nessa situação.”

Um sorriso malicioso curvou seus lábios. "Já estive em todos os tipos de situações, Tem. E gostei especialmente das perigosas."

Tem revirou os olhos com isso.

“ *Tudo bem* ”, disse ele finalmente, tocando a ponta do nariz dela. “Vamos deixar isso para lá por enquanto. Mas me prometa uma coisa: nada de segredos entre nós.” Gabriel entrelaçou o dedo mindinho no dela e o beijou. Tem fez o mesmo. “De agora em diante, contamos tudo um para o outro.”

Tem sorriu. Pela primeira vez, era uma promessa que ela queria cumprir. "Sem segredos", concordou. "De agora em diante."

Já era quase manhã quando eles saíram da casa do Cavaleiro. Gabriel desapareceu com um aceno alegre, cantarolando um hino religioso enquanto virava a esquina em direção à sua cabana. No caminho de volta para as cavernas, Tem pensou no que seu pai lhe havia dito: como os basiliscos eram livres com seus corpos, mas não com seus corações. A culpa apertou seu estômago. Só Tem sabia a verdade — que seu coração não pertencia completamente a Caspen. Seus sentimentos por Leo não desapareceriam. Nem com o tempo, nem de outra forma. Ela não podia continuar assim para sempre. Ela não podia mentir.

Ela também pensou no que Gabriel havia dito, em como ele não estava surpreso com nada do que tinha acontecido com ela. Como isso era possível? Tem não conseguia conceber um mundo em que alguém ficasse indiferente a uma notícia dessas. Mas, no mínimo, aquilo dizia respeito à percepção que Gabriel tinha dela. Ele a considerava digna da vida que estava vivendo. Então, talvez ela fosse mesmo.

Ao chegar aos aposentos, Caspen estava junto à lareira. Ela aproximou-se dele, tocando-lhe o ombro delicadamente. Não era o momento de lhe revelar todos os seus sentimentos. Mas a confidência a Gabriel lhe dera a coragem de ao menos abordar o assunto mais urgente.

“Leo quer que venhamos ao castelo todos os domingos à noite para jantar.”

As palavras saíram tão rápidas que ela quase se perguntou se ele a tinha ouvido. Tem fechou os olhos ao dizê-las, preparando-se para o impacto. Seguiu-se uma longa pausa.

"Por que ele iria querer que fizéssemos isso?" Caspen parecia calmo. Mas por pouco.

“Ele quer que tentemos nos dar bem. Isso nos dará a oportunidade de descobrir como governar nossos reinos juntos.”

Silêncio. Tem abriu os olhos.

Caspen encarava o fogo fixamente, as chamas bruxuleantes refletidas em suas pupilas. "Ele é ingênuo."

As palavras foram incisivas. Tem tocou suavemente o queixo de Caspen com a ponta dos dedos, puxando seu rosto de volta para o dela. "Talvez sim. Mas ele também tem esperança. E eu também."

Sua expressão era indecifrável. Ele parecia estar se contendo.

Tem perseverou mesmo assim. "Ele aboliu o derramamento de sangue, Caspen. E quer incluir os basiliscos nas discussões daqui para frente. Isso é mais do que Maximus estava disposto a fazer."

Caspen sustentou o contato visual com ela por um longo momento. Piscou, lenta e instintivamente. Então disse: "Ainda não é suficiente."

Tem sabia que não era o suficiente. No mínimo, era preciso reparar a dor que os humanos causaram aos basiliscos ao longo dos séculos. Jantares não resolviam o problema em sua essência. Uma refeição semanal era o mínimo que Leo podia oferecer. Mas, mesmo assim, ele oferecia.

"Ele está tentando, Caspen", sussurrou Tem. Ela estava bem consciente dos pensamentos que rondavam sua mente — do anel de casamento ainda em seu dedo.

A resposta de Caspen foi curta: "Decidirei mais tarde."

Tem suspirou. Não era a resposta que ela esperava. Mas não adiantava discutir com ele naquele tom; ele era tão inflexível quanto a própria montanha. Ela não tinha outra escolha a não ser esperar até que ele estivesse pronto.

"Venha", disse Caspen, interrompendo qualquer outro pensamento. "É época de acasalamento."

Tem havia se esquecido completamente do evento de hoje. Ela ainda não fazia ideia do que se tratava e ainda estava com muito medo de perguntar. Mas seguiu Caspen até o corredor, juntando-se à multidão de basiliscos em direção ao pátio. Quando chegaram, o pátio já estava lotado. A grande sala circular estava repleta; era a maior quantidade de basiliscos que Tem já vira em um só lugar. A última vez que vira uma multidão assim fora durante o ritual, e mesmo assim, apenas a aljava de Drakon.

Tem ainda estava se acostumando com a presença de tantos corpos nus. Sem mencionar o fato de estar constantemente nua. Mais de uma vez, ela se pegou instintivamente levando a mão às mangas ou à gola, apenas para se lembrar de que não havia nada ali.

Ela permaneceu ao lado de Caspen enquanto eles entravam na multidão, desviando-se de grupos de basiliscos envolvidos em conversas e... outras atividades. O clamor de vozes sobrepostas a lembrava de que os basiliscos viviam em constante comunidade. Nem mesmo a mente de Tem era mais um refúgio. Não havia privacidade ali, nem isolamento. Não importava para onde ela se virasse, Caspen estava em sua cabeça.

Eu não preciso ser.

Ela sorriu, sabendo que ele a tinha ouvido. *Gosto de ter você na minha cabeça.*

Que bom ouvir isso. Mas, se algum dia precisar de um momento de solidão, basta pedir.

A voz de Caspen não era a única na cabeça de Tem. Fragmentos de conversas de outros basiliscos passavam pela sua mente enquanto atravessavam o pátio — discussões, declarações de amor, palavras ditas no calor do prazer. Estas últimas ocorreram mais vezes do que Tem conseguia contar. Ela estava prestes a fechar os olhos para ter um momento de descanso quando, de repente, um basilisco macho se aproximou deles.

Ele parecia vagamente familiar, mas antes que Tem tivesse a chance de se lembrar de onde o conhecia, ele se inclinou para beijá-la. Ela soltou um grito audível, recuando assustada. O basilisco parou imediatamente, olhando interrogativamente para Caspen.

“Ela ainda não está acostumada aos nossos costumes”, disse ele. “Ela não tem más intenções. Deixe-a se adaptar.”

O homem fez uma reverência e foi embora.

"O que foi tudo *isso* ?" perguntou Tem, olhando para ele.

“Não há motivo para alarme. Ele estava apenas te cumprimentando.”

“ Me *cumprimentando* ?”

“Um beijo nos lábios é a forma adequada de cumprimentar a rainha. É uma maneira de honrar sua posição.”

Tem franziu a testa. "Se é assim, por que ninguém mais tentou me beijar?"

Caspen riu. "Só acontece quando um colega do conselho deseja se dirigir a você diretamente. Para nós, é como um aperto de mãos."

Considerando o que acontecia nas reuniões do conselho, Tem não ficou nada surpresa que um beijo na boca fosse considerado equivalente a um aperto de mãos. Agora, a familiaridade do homem fazia sentido. Tem já o tinha visto antes... quando a cabeça dele estivera entre as pernas dela. A lembrança a fez corar.

Felizmente, ninguém mais tentou beijá-la enquanto continuavam sua volta pelo pátio. Por onde passavam, as pessoas se afastavam, às vezes se curvando, outras vezes apenas olhando fixamente. Mais de uma vez, basiliscos caíram a seus pés, copulando bem no meio do caminho. Aquilo estava se tornando um obstáculo; cada vez que acontecia, eles tinham que dar a volta.

"O que eles estão fazendo?", perguntou Tem depois que o terceiro casal transou na frente deles.

“Eles esperam que você se junte a eles.”

“ *O quê?* Por que eles iriam querer isso?”

“Porque seria uma honra.”

Tem olhou para ele. "Uma honra?"

A mão de Caspen, que repousava na parte inferior das costas dela, roçou sua espinha. "Você é a mulher de mais alto escalão em nossa

sociedade. É uma posição reverenciada."

Tem fez uma careta. Ela mal se sentia digna daquela posição.

Como de costume, Caspen leu seus pensamentos. "Você sobreviveu ao ritual, Tem. O rei lhe deu sua bênção, assim como minha aljava. Você conquistou seu lugar. Se desejar se juntar a eles, fique à vontade."

Tem não conseguia acreditar naquilo.

“Você é a rainha, meu amor. Você tem direito a quem quiser, a qualquer momento.”

As sobrancelhas dela se ergueram. *"Com direito a tudo?"*

"Sim."

“Isso é ridículo.”

Caspen soltou um pequeno som de divertimento. "Você está reagindo como um ser humano."

“Eu *sou* um ser humano.”

“Você é *parcialmente* humano, Tem. Lembre-se de que os basiliscos não compartilham os mesmos costumes.”

“Que costumes?”

Caspen inclinou a cabeça ligeiramente para o lado, como se estivesse ponderando o que dizer. Finalmente, decidiu-se por "Consentimento".

Tem olhou para ele incrédulo. E soltou uma risada suave.

“Eu sei o que você está pensando. E não é o que estou dizendo.”

“Então, o que você *está* dizendo?”

“Estou dizendo que é normal nos tocarmos sem pedir permissão primeiro. O consentimento é presumido, a menos que seja declarado o contrário.”

Era exatamente o oposto de como os humanos lidavam com o sexo. Ela sabia que os basiliscos eram diferentes — que a cultura deles girava em torno do sexo de uma forma com a qual ela ainda estava se acostumando — mas presumia que consentimento fosse um conceito totalmente estranho para ela.

“Então, todos vão presumir que eu quero…”

“Não.” Caspen balançou a cabeça. “Você é a rainha. É diferente para você. E para mim.”

“Como assim?”

“O nosso estatuto implica que se espera que tomemos a iniciativa. Podemos ter acesso a quem quisermos, a qualquer momento. Basta que manifestemos os nossos desejos e eles serão satisfeitos.”

“Mas isso é *inacreditável.* ”

“Talvez para você. Mas para nós, é natural, e é assim que as coisas sempre foram feitas.”

“Você está me dizendo que seu pai simplesmente andava por aí e… dormia com quem ele queria?”

"Sim."

“E isso foi simplesmente… permitido?”

“Não só era permitido, como era considerado uma honra ser escolhido por ele.”

Tem cruzou os braços. "E é isso que você vai fazer?"

Caspen sorriu. "Não. Não sou."

"Tem certeza?"

“Tenho muita certeza.”

Tem franziu a testa. Embora seu lado humano não gostasse da ideia de Caspen dormir com outra pessoa, a última coisa que ela queria era impedi-lo de participar de sua própria cultura. Se ela se opusesse a tais costumes, corria o risco de que ele a detestasse.

Caspen pegou a mão dela na sua. "Eu já te disse antes, Tem. Não há mais ninguém que eu queira."

Ela balançou a cabeça. "Você diz isso agora, mas pode acabar querendo outra pessoa. Acho que não consigo—"

Ele pressionou os lábios contra os dela. *Não vou querer mais ninguém. Nem agora, nem nunca.*

Aquelas palavras eram exatamente o que Tem precisava ouvir. Mas eram difíceis de acreditar, especialmente depois do que ele acabara de lhe contar sobre como os basiliscos viam o sexo.

Se você não quer mais ninguém, por que não esperaria o mesmo de mim?

O beijo se aprofundou. *Porque você é nova no meu mundo, Tem. Desejo que você experimente tudo o que está disponível para você.*

Mas se você—

Eu já vivi tudo o que há para viver, Tem. Ninguém se compara a você.

Você já experimentou... tudo?

Um sorriso curvou seus lábios. *Tudo.*

Tem imaginou Caspen com um homem. Isso a excitou. Caspen sorriu, e Tem se perguntou por que a ideia de Caspen com um homem a excitava, enquanto a ideia dele com uma mulher a aterrorizava. No fundo, ela sabia que era porque tinha medo de que ele a comparasse com outra mulher. Mas ele mesmo havia lhe dito que ninguém se comparava a ela. Talvez fosse hora de começar a acreditar nele.

Eles continuaram sua caminhada.

A maioria dos basiliscos se misturava alegremente no meio do pátio, mas vários permaneceram ao longo do perímetro, de braços cruzados, claramente descontentes. Um grupo de homens olhou para Tem com tanta hostilidade que ela recuou, pressionando-se contra Caspen.

"Quem são eles?", ela sussurrou.

Caspen seguiu o olhar dela. Seu maxilar se contraiu. "Eles são Sênecas."

“Por que eles estão me olhando desse jeito?”

“Porque você é casada com um Drakon.”

Tem entendia como a aljava de seu pai — a aljava *dela* — poderia desaprovar seu casamento. Certamente, eles esperavam que ela se casasse com um Sêneca. Ainda assim, um pouco de solidariedade teria sido bem-vinda. Tem já se sentia deslocada ali; era difícil enfrentar a rejeição de sua própria aljava.

“Muitos dos Senecas optaram por partir com Rowe”, continuou Caspen. “Aqueles que permaneceram ainda desconfiam da nossa união.”

“Para onde eles foram?”

“O mar”, disse ele. “Os basiliscos se originaram lá.”

De repente, tudo se encaixou. *Você tem cheiro de mar.*

Caspen lhe dissera isso há muito tempo. Tem não dera importância, nunca considerara que pudesse ter algum significado. Seria por isso que ela se sentia tão atraída pela névoa de sal na cômoda da mãe? Teria a feito lembrar de seu verdadeiro lar — não da casa de campo onde crescera, mas de onde sua família viera? E como sua mãe conseguira a névoa de sal? Teria ela visitado o lugar de origem dos basiliscos? Tem desejava ardentemente explorar essa linha de pensamento, mas haviam chegado ao centro do pátio, e outra coisa a distraiu. Uma enorme fonte

em cascata, feita de mármore branco-sujo, erguia-se diante delas. Um líquido branco como a neve jorrava do topo antes de cair em ondas cintilantes pelas camadas. Mesmo dali, Tem podia sentir a riqueza da substância enquanto jorrava da fonte. Parecia ouro branco.

"O que é *isso* ?", perguntou ela.

Antes que Caspen pudesse responder, um homem se aproximou da fonte. Ele estava completamente ereto e — Tem percebeu com um sobressalto — se tocando. Ela observou, chocada, enquanto ele se inclinava sobre a borda, ainda acariciando o pênis. Ele terminou um instante depois com um gemido angustiado, ejaculando na base da fonte. O sêmen se juntou ao restante do líquido, formando uma grande poça turbulenta.

“Ah”, disse ela simplesmente.

Caspen riu. "É um elixir feito da nossa essência."

Os olhos de Tem se voltaram para a torre de cálices empilhados ao lado da fonte. O homem que acabara de ejacular na fonte pegou um deles e o segurou sob o nível mais alto. Encheu-o até a borda e o engoliu de uma só vez. Tem estava em choque demais para reagir — em choque demais até para piscar. O homem encheu o cálice novamente antes de se virar e desaparecer na multidão.

“A própria fonte tem uma função”, continuou Caspen, como se nada mais importasse. Algo fora do comum acabara de acontecer. "Transforma nossa essência em uma substância inebriante."

“Embriagante?”

"Sim."

Tem franziu a testa, tentando entender. "Então... você bebe isso para ficar *bêbado* ?"

A essa altura, eles já haviam chegado à fonte, e Caspen pegou um cálice da torre ao lado. "Sim, Tem. Bebemos para ficar bêbados."

“Mas…” Ela tentou encontrar as palavras para expressar seu espanto, mas não havia nenhuma. Ela se contentou em dizer: “Eu engulo o seu o tempo todo e nunca fiquei bêbada.”

Um sorriso possessivo iluminou o rosto de Caspen. "Isso é diferente. O que você engole é a minha essência em sua forma mais pura e crua. Isto"—ele mergulhou o cálice na correnteza, enchendo-o—"foi transformado pela fonte."

Tem percebeu que, apesar de todas as vezes que bebera vinho com Caspen, nunca o vira ficar bêbado — o álcool não o afetava da mesma forma que afetava os humanos. Fazia sentido, supôs Tem, que os basiliscos precisassem de tal substância para ficarem bêbados. Afinal, eles obtinham seu poder do sexo. Uma infusão direta de sêmen em sua forma mais pura era provavelmente a única coisa forte o suficiente para fazer o efeito desejado.

Caspen levou o cálice aos lábios e bebeu.

Tem observou as pupilas dele dilatarem e a fumaça subir pelos ombros. Ela pensou no derramamento de sangue — como, por meio da alquimia, o sangue de basilisco se transformava em algo completamente diferente. Será que essa fonte mágica era realmente tão diferente da magia que Caspen usara para criar a garra? Apenas um processo, nada mais. Uma transformação.

“Quero experimentar”, disse Tem.

Os olhos de Caspen se voltaram para os dela. Ele hesitou.

“É forte. Você ainda não tem tolerância para isso. Até eu preciso ir com calma.”

Mas Tem não se deixaria dissuadir tão facilmente. Era evidente que aquilo era uma parte essencial da cultura basilisco, e ela estava tentando se assimilar. Ela nunca se encaixaria a menos que fizesse as coisas que todos os outros basiliscos faziam.

“Quero experimentar”, ela repetiu.

Para sua surpresa, Caspen sorriu. "Tão teimoso."

Em resposta, Tem estendeu a mão. Caspen entregou-lhe o cálice, e ela o levou aos lábios. O elixir não tinha cheiro algum. Um único gole permaneceu no fundo do cálice, e sem hesitar, Tem o inclinou para trás e o despejou em sua garganta.

"Tem?" disse Caspen. "Como você se sente?"

Tem mal conseguia ouvi-lo; era como se ele estivesse falando com ela através de uma parede. De todas as vezes que ela havia se embriagado no Horseman com Gabriel, desta vez era dez vezes mais forte. Sua cabeça girava, sua visão embaçada. Ela já estava quente, mas o elixir a deixou ainda *mais quente* — suas bochechas coraram imediatamente enquanto seu centro latejava. Sem se tocar, ela sabia que estava molhada.

"Caspen", Tem exclamou, estendendo a mão rapidamente para tocá-lo. Ele se aproximou.

"O que é?"

"Agora."

Um instante se passou. Então ele estava dentro dela.

No instante em que Caspen deslizou o pênis entre as pernas dela, Tem sentiu paz. Era realmente simples assim entre eles — sempre fora. Nada era melhor do que aquilo; nada lhe trazia mais clareza. Caspen sentou-se na borda da fonte, segurando-a sobre si. Basiliscos observavam, mas Tem os ignorou. A única coisa que importava era aproveitar aquele momento com Caspen. Ela lhe deu toda a sua atenção, esperando o mesmo em troca. Tem moveu os quadris, esfregando-se no pênis dele exatamente no ritmo que precisava. Sua lubrificação se espalhava; estava por toda parte, cobrindo suas pernas. Caspen deslizou os dedos pelas coxas dela, pressionando-os contra o clitóris. Tem gemeu enquanto ele fazia isso.

O elixir era diferente de qualquer bebida alcoólica que ela já tivesse provado; não havia comparação possível. Ela se sentia estimulada, sensual e *livre* , como se todas as suas inibições tivessem sido removidas instantaneamente.

Caspen. Olha para mim.

Ela queria que ele lhe desse atenção — que a desejasse tão profundamente que não conseguisse pensar em mais nada. Ele olhou para ela, seus olhos, poços negros sem fim.

Tem.

Ele estava completamente enfeitiçado; ela era tudo o que ele conseguia sentir, tudo o que ele conseguia cheirar. Tem estendeu a mão para trás dele, mergulhando os dedos na cascata de elixir. O líquido estava quente; ela sabia instintivamente que estava exatamente na mesma temperatura que seu corpo. Quando retirou os dedos, eles estavam pingando. Sua outra mão envolveu o pescoço de Caspen, puxando seu rosto para perto do dela. Tem roçou a ponta dos dedos sobre a boca dele, espalhando o elixir em seus lábios. Os olhos de Caspen estavam arregalados, focados apenas nela. Ele passou a língua sobre os dedos dela, saboreando a essência de seu povo.

Tem o beijou para que ela também pudesse sentir o gosto.

Suas línguas deslizaram uma contra a outra, acompanhando o ritmo que ela imprimia com os quadris. Tem se impulsionou sobre o pênis dele o mais rápido que pôde, desesperada para conseguir o que sabia que podia obter dele.

Víborazinha mortal.

Tem estava *muito* perto agora.

Ela o cavalgou mais rápido, até o ponto de pânico. As mãos de Caspen estavam por todo o seu corpo, agarrando-a com força. A pele dela e os cabelos emaranhados. Tudo o que ela queria era mais: mais toque, mais palavras, mais Caspen. Nunca seria o suficiente dele — nem nesta vida, nem na próxima.

Você me tem, Tem. Você—

Tem apertou seu pescoço. Sem dizer mais nada, ele gozou.

Ela também chegou ao clímax, jogando a cabeça para trás em êxtase, absorvendo tudo o que o corpo de Caspen tinha a oferecer. Quando ele a tirou de cima do seu pênis, Tem estava sem fôlego. Um líquido escorria por suas pernas, e ela não se preocupou em limpar. Era tudo a mesma coisa ali, e ela sabia que, antes do fim da noite, provavelmente faria sexo novamente. Não havia motivo para remover os vestígios do seu último ato sexual quando o próximo estava logo ali.

Eles permaneceram juntos, ainda encharcados de suor um do outro.

"Impressionante", disse uma voz. "Mas bastante rápido. Você está perdendo o fôlego, Caspenon?"

Tem se virou e viu um homem se aproximando deles. Ele era quase tão alto quanto Caspen e igualmente imponente. Ao lado dela, Caspen se moveu para ficar entre eles.

"Tem", disse ele. "Meu irmão. Apolo."

Capítulo Quatro

Tem percebeu a semelhança agora: Apollo tinha o mesmo cabelo escuro, o mesmo queixo forte. Ele se parecia ainda mais com Bastian do que Caspen. Tinha o pênis do pai: incrivelmente grosso na base. Tem corou ao ver aquilo.

“Prazer em conhecê-lo”, disse ela.

Apolo pegou a mão dela na sua, levando-a aos lábios e beijando o dorso do seu pulso. Demorou-se por tempo demais, murmurando as próximas palavras contra a pele dela. "O prazer é todo meu, Temperança." Sua voz era suave, como caramelo. Soltou a mão dela, lançando um olhar para Caspen. "Ela é linda", disse ele. "Você se saiu bem."

“Sua beleza não é mérito meu.”

Tem piscou. Ela reconheceu aquele tom — era o mesmo que ele usava com Leo.

O belo rosto de Apolo se iluminou com um sorriso astuto. "Claro", disse ele com naturalidade, voltando-se para Tem. "Não tive a intenção de ofender. Sua beleza é sua. E que beleza!"

Tem assentiu com a cabeça porque não sabia o que mais fazer.

Um silêncio se instalou, e nenhum deles o quebrou. Em vez disso, Tem observou Caspen e Apollo se encararem, claramente tendo uma conversa mental. Ela tentou ouvir o que eles diziam, mas não conseguiu. Caspen a estava impedindo. Isso não podia acontecer. Tem disse a primeira coisa que lhe veio à mente:

Você está à procura de um parceiro?

Os irmãos finalmente desviaram o olhar, ambos se virando para olhá-la.

"Por que eu faria isso?", perguntou Apolo em resposta.

“Caspen me disse que é para isso que serve a época de acasalamento.”

Um sorriso lento e sensual deslizou pelos lábios de Apolo. "Não procuro uma companheira."

"Por que não?"

“Não desejo nenhum.”

“Então, o que você deseja?”

De alguma forma, a pergunta pareceu significativa. Tem queria dizer em geral, mas algo na maneira como o sorriso de Apollo se alargou a fez sentir como se tivesse perguntado algo completamente diferente.

“Prazer”, disse ele simplesmente.

Outro silêncio. Ao lado dela, Caspen se mexeu, mas não disse nada. Ela teve a impressão de que ele estava observando a interação entre eles para ver como terminaria. Tem não tinha certeza do que ele esperava. Apollo a fazia se sentir... instável. Como se a qualquer momento ela pudesse despencar.

“Se você não quer um parceiro, por que está aqui?”

“Estou aqui porque a época de acasalamento é uma oportunidade para vivenciar tudo o que meu povo tem a oferecer. Certamente Caspenon lhe contou isso.”

Tem conseguiu ler nas entrelinhas: Apollo estava dizendo que estava ali para fazer o máximo de sexo possível. "Isso parece errado."

Apolo ergueu uma sobrancelha. "Como assim?"

“E se alguém desenvolver sentimentos por você?”

Ele inclinou a cabeça. "Então, vou dar a notícia a eles com delicadeza."

“E se *você* desenvolver sentimentos por alguém?”

Para sua surpresa, Caspen riu. Ela olhou para ele, perplexa. "O que é tão engraçado?"

“Meu irmão é incapaz de desenvolver sentimentos. Ele só é capaz de enganar. Ele manipula e mente.”

"Eu pensava que os basiliscos não conseguiam mentir."

O lábio de Caspen se curvou num sorriso irônico. "Meu irmão sempre dá um jeito."

Havia tanta acidez em suas palavras que Tem quase recuou. Claramente havia um passado ali, um que ela não entendia. E se ela conhecia Caspen, ele jamais lhe contaria.

“Mentiras são enganos”, disse Apolo com suavidade. “E acho que você vai descobrir que eu sempre digo a verdade.” Seu olhar deslizou para o de Caspen. “Alguns diriam que até demais.”

Tem não fazia ideia do que pensar daquilo. A conversa tinha rapidamente saído do seu controle, e ela estava ansiosa para que terminasse. Antes que pudesse expressar isso, Apollo lançou-lhe um último olhar demorado antes de se virar e sair sem se despedir. Tem olhou para Caspen, que observava o irmão com as sobrancelhas franzidas.

“O que foi isso?”

“Não sei o que você quer dizer.”

“ *Quer dizer* , qual é o problema entre vocês dois? Vocês estão... em bons termos?”

Caspen deu de ombros. "Não estamos em maus termos."

“Não foi isso que eu perguntei.”

“Não estamos em maus termos”, disse Caspen novamente, desta vez com mais firmeza.

Tem olhou para ele. Ela não acreditou naquilo nem por um segundo. Outra pergunta estava na ponta da sua língua: "Ele estava flertando comigo?"

Caspen suspirou. Nesse suspiro, Tem ouviu o fardo da irmandade e o peso do passado que compartilharam. "Ele era."

“Ele não deveria estar fazendo isso.”

“Ele tem todo o direito de flertar com você, Tem.”

“Bem, eu não vou flertar de volta.”

Caspen finalmente olhou para ela. "Não posso ficar no seu caminho se você fizer isso."

Tem franziu a testa. "Sério?"

Ele assentiu com a cabeça. "Sim. Meu irmão tem prioridade sobre você."

“E o que são exatamente?”

“São um antigo costume dos basiliscos.”

Tem revirou os olhos. A última coisa de que precisava era de mais um antigo costume basilisco. "Mas o que isso *significa* ?"

“Significa que, se eu morresse, Apolo teria a opção de cortejá-la primeiro, antes de qualquer outra pessoa. Espera-se que ele se case com você em meu lugar.”

Tem piscou, incrédulo. "Parece que isso não deveria ser permitido."

Caspen deu-lhe um pequeno sorriso.

“Aqui tudo é permitido, Tem.”

Foi então que Tem se lembrou do ritual. Será que ela realmente esperava que os irmãos respeitassem o relacionamento uns dos outros depois de ter dormido com o pai de Caspen para provar seu valor ao seu bando?

“Eu jamais me casaria com seu irmão.”

“Essa é a sua escolha. Mas saiba que ele espera que você durma com ele.”

"Por que?"

Os lábios de Caspen se curvaram num sorriso. "Para garantir a compatibilidade de vocês caso eu morra e ele precise exercer seus direitos de sucessão."

“Bem, você não tem permissão para morrer.”

O sorriso se alargou. "Farei o possível para não fazer isso."

“E eu não vou dormir com o seu irmão.”

“Não é obrigatório, Tem. Estou apenas dizendo que ele vai esperar isso.”

“Ele não pode esperar nada de mim.”

O sorriso se alargou. "Essa é a sua escolha", disse ele novamente. Então, beijou-a na testa. "Mas ele vai te perseguir a menos que você diga para ele parar."

Tem balançou a cabeça. "Você não pode simplesmente contar para ele por mim?"

"Teria que partir de você. Só assim ele respeitará. Caso contrário, ele pensará que estou tentando afastá-lo de você."

“Mas você *está* tentando me impedir de ficar com ele.”

“Não.” Caspen balançou a cabeça. “Não estou. Você diz que não o quer agora, mas pode mudar de ideia no futuro. E se mudar, não posso impedi-la.”

Tem refletiu sobre as palavras dele. Ela sabia que Caspen gostava quando ela... Ela seguia as tradições dos basiliscos. Mas estava tendo muita dificuldade em entender como seria possível que não fizesse diferença para Caspen se ela dormisse com o irmão dele. O conceito de primogenitura era completamente estranho para ela. Era quase como se irmãos fossem considerados intercambiáveis.

“Tem”, disse Caspen gentilmente. “Não deixe que isso a sobrecarregue. Você tem muitas coisas para aprender.”

As palavras dele só a fizeram se sentir pior. Porque ele tinha razão. Havia *tanto* para aprender — tanta coisa que Tem certamente faria errado. Ela vivia em constante estado de terror, com medo de ofender alguém ou insultar Caspen ao se recusar a fazer algo. Era como aprender uma língua completamente nova em apenas alguns dias. Seu cérebro doía de tanto tentar processar tanta informação, e ela estava cansada de se sentir deslocada em seu próprio corpo.

Deseja retornar aos nossos aposentos?

Tem olhou para Caspen, que a encarava com a testa franzida. Ele estava preocupado com ela. Queria que ela se adaptasse, mas ela não estava se adaptando rápido o suficiente. Até mesmo Caspen, com sua paciência aparentemente infinita, certamente se cansaria de bancar o professor.

Não me importo de te ensinar, Tem. Não é um fardo para mim.

É claro que ele diria isso. Mas mesmo que fosse verdade, ele não diria a ela. E Tem sempre se perguntaria se ele secretamente se cansaria dela. Havia mil coisas para lembrar e nenhuma esperança de lembrar de todas. Tem estava sobrecarregada e cansada. Mas também estava determinada.

"Você deseja voltar?", perguntou ele novamente, desta vez murmurando as palavras contra a bochecha dela.

“Não”, disse ela firmemente. “Quero ficar.”

Ela reconheceu o lampejo de orgulho em seus olhos. "Ótimo."

Eles se beijaram. Isso, pelo menos, ela não precisava que lhe ensinassem.

“Caspenon”, uma voz surgiu ao lado deles. “Você não vai me apresentar à sua esposa? Ou essa honra é reservada apenas a Apolo?”

Eles se separaram para ver um homem observando-os. Ao contrário da maioria dos outros basiliscos machos que Tem tinha visto, que eram robustos como guerreiros, este era magro e esguio. Ele também era alto, e sua altura apenas acentuava sua magreza, como se tivesse sido esticado.

“Tem”, disse Caspen. “Meu irmão mais novo, Damon.”

Tem ergueu as sobrancelhas. Ela não conseguia acreditar que ia conhecer tantos membros da família de Caspen naquela noite.

“Ah”, disse ela. “Prazer em conhecê-lo.”

Damon pegou a mão dela e a beijou. Ao contrário de Apolo, seus lábios não se demoraram.

“Muito bonita.” Ele inclinou a cabeça na direção de Caspen. “Ela é linda.”

Tem quase riu. Será que esses irmãos conheciam outros elogios? "Você também é linda", disse ela sem pensar.

Damon ergueu as sobrancelhas, encantado. "É mesmo? Que gentileza da sua parte dizer isso."

Era verdade; Damon era deslumbrante. Tem decidiu naquele instante que gostava dele. Ela percebeu que essa interação também agradou Caspen; ele estava quase sorrindo.

"Meu irmão te causou algum problema hoje à noite?", perguntou Damon.

Tem olhou para Caspen. "Não. Ainda não."

“Não me refiro a Caspenon”, disse Damon com uma piscadela. “Refiro-me àquele que provavelmente lhe causará problemas.”

Claramente, a reputação de Apolo o precedia.

“Não”, ela repetiu. “Eu consigo lidar com ele.”

"Consegue mesmo?" Damon deu um tapinha no ombro de Caspen. "Você escolheu um forte."

Caspen olhou para Tem, com os olhos cheios de orgulho. "Sim, eu fiz."

Dito isso, Damon partiu. Ele foi o segundo basilisco a ir embora sem se despedir. Aparentemente, despedidas não faziam parte de seus antigos costumes.

Assim que ele se foi, Caspen pressionou seus lábios contra os de Tem mais uma vez. O beijo estava apenas começando a se aprofundar

quando Caspen se afastou repentinamente, olhando por cima do ombro como se tivesse ouvido algo. Vários basiliscos machos estavam reunidos em grupo, olhando em sua direção, claramente discutindo algo.

“Caspen? O que é isso?”

Ele ainda os encarava quando respondeu: "Dissidência". Antes que Tem pudesse perguntar o que ele queria dizer com isso, Caspen se virou para ela e disse: "Preciso resolver isso. Não vai demorar. Você consegue se virar sozinha?"

A ansiedade apertou a garganta de Tem. Ela estava completamente sozinha ali; Caspen era sua única tábua de salvação. Mas ela não podia se agarrar a ele para sempre. Não havia futuro para ela sob a montanha, a menos que conseguisse se virar sozinha. Então ela disse: "Sim".

Caspen deu um rápido beijo na testa dela antes de se virar e ir em direção ao grupo de homens.

Tem examinou a sala com o olhar, preparada para encontrar alguém — qualquer pessoa — com quem conversar. Nem cinco segundos se passaram antes que alguém aparecesse à sua frente.

“Temperança”, disse a mulher.

"Olá", disse Tem, porque não sabia o que mais dizer.

A mulher zombou. " *Olá* ? É só isso que você tem a me dizer?"

Então eles estavam pulando a parte da conversa fiada. Ótimo. "O que mais eu deveria te dizer?"

“Você poderia começar pedindo desculpas.”

"Para que?"

“Por estar aqui.”

Tem cruzou os braços. "Eu tenho tanto direito de estar aqui quanto qualquer outra pessoa."

“Não cometa o erro de pensar que você é especial”, disparou a mulher. “Caspenon já teve todas as mulheres debaixo da montanha, inclusive eu.”

Um rubor subiu às bochechas de Tem. Seu primeiro instinto foi sentir vergonha ou até mesmo raiva. Mas ela já sabia que Caspen havia dormido com quase todas as pessoas naquela sala. Se aquela mulher pensava que essa informação a magoaria, estava enganada. Uma parte de Tem, na verdade, se deleitava com isso. Caspen havia ficado com todas e ainda assim a escolheu. Era uma honra — uma conquista a ser

adicionada à lista de realizações de Tem. Ela se orgulhava de sua posição e não permitiria que aquela mulher, nem ninguém, a menosprezasse.

“Nenhuma daquelas mulheres importava para ele”, disse Tem. “Nem você.”

"Você deveria abdicar", sibilou a mulher.

"Abdicar?" Era uma ideia absurda. Tem se sentiu insultada por ela sequer ter sugerido isso. Era verdade que ela era nova no trono e nova na cultura basilisco. Mas ela havia conquistado seu lugar. O próprio Caspen havia dito isso. "O dia em que eu abdicar será o dia em que eu morrerei."

A mulher inclinou-se para a frente. "Então esperemos que você não esteja destinado a uma vida longa."

“ *Chega* , Evangeline.”

A voz era de Adelaide. Ela emergiu da multidão com os braços cruzados, parecendo tão perfeita como sempre. Uma fúria aguda brilhou no rosto da mulher antes de ser rapidamente substituída por incredulidade.

"Você perdeu a cabeça, irmã?"

No instante em que ela disse isso, Tem percebeu a semelhança perturbadora entre as duas mulheres. Elas tinham os mesmos ombros majestosos, o mesmo cabelo impecável. Era um milagre que ela não tivesse notado isso antes.

“A Temperança está aqui, e ela é a nossa rainha”, continuou Adelaide. “Devemos-lhe a nossa lealdade.”

Evangeline zombou. "Você é a rainha legítima. Não lhe devemos *nada.* "

“Chega”, disse Adelaide novamente. Desta vez, Evangeline simplesmente deu meia-volta e desapareceu. Adelaide olhou para Tem, com uma expressão de compaixão. “Minha irmã está com raiva. Peço desculpas pelo que ela fez.”

“Está tudo bem.”

“Temperance.” Ela tocou seu ombro delicadamente. “Estou falando sério. Me desculpe.”

Tem ficou impressionado com a sinceridade dela e também com o contato físico. Adelaide sabia melhor do que ninguém o que significava

estar com Caspen. Afinal, ela havia sido noiva dele antes de Tem. O pedido de desculpas dela significou muito, mesmo que Tem não estivesse em condições de ouvi-lo.

"Obrigada", disse ela baixinho.

Adelaide baixou a mão. "Você pode descobrir que ela não é a única com opiniões sobre o seu reinado."

Tem olhou para o grupo de homens, alguns dos quais ainda a encaravam. "E eles?", perguntou. "O que pensam de mim?"

Adelaide seguiu o olhar dela. "Eles não deixariam nenhuma mulher no comando."

Algo passou pela cabeça de Tem, e ela perguntou antes que perdesse a coragem: "Já existiram duas rainhas?"

"Sim."

“E dois reis?”

“Sim, embora não com tanta frequência.”

"Por que não?"

Adelaide deu-lhe um pequeno sorriso. "Os homens não partilham."

Tem quase sorriu também. Isso era certamente verdade. As mulheres eram criadas para compartilhar seu tempo, sua atenção, seu amor. Os homens guardavam tudo para si.

"Você está se divertindo esta noite?", perguntou Adelaide.

Que pergunta. Esta noite já estava bizarra e mal tinha começado. Tem não fazia ideia se alguma parte dela tinha sido remotamente agradável. "É... muita coisa."

"Bastante?"

Tem deu de ombros. "Acontece tanta coisa aqui. Sinto que não consigo acompanhar."

“Você vai se adaptar”, disse Adelaide. “Pode levar algum tempo.”

A mesma coisa que Caspen lhe dissera. Mas seria verdade? "Toda noite é assim?" Tem gesticulou para o pátio, em direção aos montes de corpos copulando.

Adelaide sorriu. "Não exatamente. É época de acasalamento. Todos estão especialmente... ferozes agora. Você escolheu um momento particularmente instável para entrar em nossa sociedade."

Tem suspirou. Ela não havia escolhido o momento. "Então eles normalmente não são assim?"

“Não”, disse Adelaide. “Não são.”

Isso a fez se sentir um pouco melhor. Adelaide se aproximou mais.

"Temperance", disse ela em voz baixa. "Imagino que sua estadia aqui não tenha sido fácil."

Tem bufou. Isso era um eufemismo.

“Se algum dia precisar de orientação... ou de um amigo... estou à disposição.”

Tem ergueu as sobrancelhas. Uma amiga? Adelaide era a última pessoa que ela imaginaria oferecendo algo assim. Amizade não era algo que Tem esperava encontrar na sociedade basilisco, e certamente não vinda de Adelaide. Mas quem melhor, afinal, para entender o que ela estava passando? Adelaide já fora noiva de Caspen. Adelaide era uma Seneca e compreendia profundamente a situação difícil de sua aljava. Havia Certamente, coisas mais estranhas do que uma amizade com ela. Tem foi inteligente o suficiente para reconhecer quando lhe ofereceram um ramo de oliveira e corajosa o bastante para aceitá-lo. A princípio, ela considerou Adelaide uma inimiga. Mas talvez isso não fosse verdade. Talvez fossem aliadas.

"Obrigada", disse Tem, subitamente constrangida. Era difícil para ela aceitar ajuda, especialmente de alguém como Adelaide. Mas descobriu que estava profundamente grata por isso. Basiliscos não costumavam conceder graças. Se Adelaide estava escolhendo ser gentil, Tem ficava feliz em recebê-la.

“Claro”, disse Adelaide.

Um silêncio se seguiu, mas não era desconfortável. Em vez disso, as duas mulheres ficaram juntas, observando a festa que acontecia. Quase todos estavam fazendo sexo. A maioria em pares, mas às vezes em grupos. Pela primeira vez, Tem viu uma variedade completa de basiliscos, principalmente os mais velhos. Tem percebeu que nunca tinha visto um filhote de basilisco e não fazia ideia de como eles nasciam.

“Há alguma criança aqui?”, perguntou Tem.

Adelaide sorriu. "Não há."

"Por que não?"

“Não os criamos aqui. Não é adequado para crianças.”

Tem encarou os corpos nus se contorcendo à sua frente. Inapropriado, de fato. "Então, onde você os cria?"

“Na natureza. Eles nascem como basiliscos e se transformam em humanos quando atingem a idade adulta. Uma vez que conseguem se assimilar, é seguro trazê-los para perto dos aldeões sem se preocupar que percam o controle e violem a trégua.”

Isso fascinou Tem e respondeu à maioria de suas perguntas. Mas ela descobriu que tinha mais uma: "Quando os basiliscos atingem a maturidade?"

"Cem."

Tem piscou. Ela sempre soube que Caspen era muito velho, mas não tinha se dado conta de que um século era o *ponto de partida.* Certamente, ele já havia passado da infância. Seus olhos se voltaram para Adelaide, que a observava com um sorriso, como se já pudesse prever sua próxima pergunta.

“Qual a idade de Caspen?”

“Talvez você pudesse perguntar isso a ele.”

"Talvez não", murmurou Tem.

“Não temos vergonha da nossa idade, Temperance”, ela riu, tocando suavemente o ombro dela novamente. “Mas eu conheço Caspenon, e ele mesmo gostaria de lhe contar.”

Tem suspirou. Era difícil para ela assimilar o fato de que todos ali tinham mais de cem anos. Todos pareciam tão... jovens. Até mesmo os basiliscos que Os basiliscos, claramente mais velhos — com rostos endurecidos e alguns fios grisalhos nas têmporas —, eram belos. Os humanos definhavam com a idade. Os basiliscos pareciam fazer o oposto.

Eles observaram a multidão por mais um tempo. De vez em quando, alguém se aproximava para se jogar na fonte. Tem avistou Apollo, envolvido em um emaranhado de mulheres. No instante em que seus olhares se cruzaram, ela corou e desviou o olhar.

"Você conhece Apollo?" perguntou Tem. "O irmão de Caspen?"

Adelaide se mexeu, olhando para ela de cima. "Claro. Por que você pergunta?"

“Caspen disse que vai tentar dormir comigo.”

O basilisco sorriu elegantemente. "Isso provavelmente é verdade."

“Bem, eu não quero isso.”

O sorriso de Adelaide só aumentou. "Não é tão ruim assim, Temperance", murmurou ela. "Ter dois homens aos seus pés."

Tem não fazia ideia do que dizer, então ficou em silêncio. Com o tempo, o silêncio se prolongou, e Tem sentiu a necessidade de quebrá-lo. "Você tem alguém aos seus pés?"

Adelaide lançou-lhe um olhar malicioso. "Sempre."

Tem se animou imediatamente. Se Adelaide estivesse noiva de Caspen, o filho do rei, quem seria um pretendente adequado para alguém de posição tão elevada? "Quem?"

Adelaide se inclinou para frente. "Você consegue guardar um segredo?"

Tem ergueu as sobrancelhas. "Sim."

Ela se inclinou ainda mais para perto, e Tem sentiu a emoção que só a fofoca podia proporcionar.

“O cipreste esteve na minha cama nas últimas sete noites.”

Adelaide apontou para o outro lado da sala. Tem seguiu seu olhar e viu a irmã de Caspen. Elas tinham o mesmo cabelo escuro e a mesma postura majestosa. Era uma mulher deslumbrante e um complemento perfeito para Adelaide. Tem podia imaginar que elas formavam um belo par.

“Por que isso é um segredo? Eu pensava que tudo era permitido aqui.”

Adelaide deu de ombros, endireitando-se. "Os homens são criaturas curiosas, Temperance. São mesquinhos e estúpidos."

Tem bufou.

“É verdade, não é?”

“É completamente verdade.”

Adelaide também riu, com muito mais elegância do que Tem. "Caspenon é protetor com sua irmã, como deve ser."

Tem franziu a testa. "Irmã? Pensei que ele tivesse duas."

“Agnes está morta.”

Adelaide falou de forma tão direta que Tem não soube como responder. Não parecia o momento certo para insistir no assunto, então

ela não o fez. Em vez disso, esperou até que Adelaide falasse novamente:

“Além disso, ele não confia totalmente em mim.”

Tem olhou para ela. "Por que não? Ele ia se casar com você."

Adelaide deu de ombros. "Um casamento não garante confiança. Eu sou uma Seneca. Ele é um Drakon. Estamos em lados opostos. Ele tinha razão em ser cauteloso."

Tem também era uma Seneca. Será que Caspen confiava nela? "Posso... confiar em você?", sussurrou Tem.

Adelaide olhou para ela. "Sim", disse ela. "Você pode."

Por algum motivo, Tem acreditou nela. Outra pergunta lhe ocorreu — uma que ela quase teve medo de fazer. Mas ela a fez mesmo assim. "Você está... brava comigo? Por... ter levado o Caspen?" Tem queria terminar a frase com " *de você",* mas desistiu.

Para sua surpresa, Adelaide sorriu. "Não é possível levar alguém que queira ficar."

Foi uma resposta típica de basilisco — mais enigma do que resposta. "Mas você está com raiva?", Tem repetiu. Ela precisava saber.

Adelaide se virou para ela, colocando uma mão delicada em seu ombro. "Não estou zangada, Temperance. Caspenon e eu não éramos compatíveis, e sei que ele diria o mesmo. Nosso futuro não teria sido feliz. Estou em paz com o rumo que as coisas tomaram."

Tem assentiu com a cabeça. Ela se sentia imensamente mais leve.

“E fico feliz que ele tenha te encontrado”, concluiu Adelaide em voz baixa. “Vocês dois foram feitos um para o outro.”

Uma forte culpa atravessou o peito de Tem. Ela queria acreditar em Adelaide mais do que qualquer coisa. Mas também estava quebrando a única regra sagrada entre os basiliscos — estava fazendo a *única coisa* que não lhe era permitido: ter sentimentos por outra pessoa. Será que ela realmente estava destinada a ficar com Caspen se ainda amava Leo? Só o tempo diria.

Apesar da ansiedade, Tem estava aproveitando aquele momento com Adelaide. Era feminino, divertido e leve. Quase como se estivesse conversando com Gabriel — como se tivesse encontrado um novo confidente. Pela primeira vez sob a montanha, Tem se sentiu

verdadeiramente segura. Era uma sensação maravilhosa, e ela a saboreou.

"O que mais eu deveria saber?", perguntou ela, ansiosa por mais segredos sobre os basiliscos.

“Hum”, disse Adelaide com um sorriso, olhando para a multidão. “Deixe-me ver.” Ela apontou para um grupo de mulheres no canto. “Elas são caçadoras de reis.”

“O que isso significa?”

“Significa que eles perseguirão o Rei Serpente a qualquer custo. O sonho deles é seduzi-lo de uma só vez.”

Tem fez uma careta. *Aquilo* não ia acontecer.

Ao ver a expressão no rosto dela, Adelaide riu. "Você não tem nada a temer, Temperance."

Tem olhou para o grupo de mulheres. Elas eram deslumbrantes. "Como ele poderia resistir a elas?"

“Caspenon não favorece os desesperados.”

Tem sentiu uma onda de vitória. Ela observava as mulheres se exibindo e rindo baixinho, todas olhando por cima do ombro para onde Caspen estava, ainda conversando com o grupo de homens. A cena lhe causou uma mistura curiosa de inveja e orgulho. Uma parte dela estava radiante. Sentia-se especial por alguém tão desejado tê-la escolhido. A outra parte estava irracionalmente furiosa.

Adelaide pareceu pressentir isso, pois disse: "Ele não se desviará do caminho".

Tem olhou para ela com os olhos. Será que as emoções dela eram mesmo tão transparentes? "Como você sabe?"

“Porque ele só quer você.”

Mesmo depois de tudo o que tinham passado, Tem achou difícil de acreditar.

“Não subestime o seu poder, Temperança.”

"O que você quer dizer?"

“Você exerce mais influência sobre ele do que qualquer outra pessoa.”

“Às vezes não parece ser assim.”

“Mas *é* assim mesmo. Sem dúvida. Nunca o vi assim. Ninguém jamais o viu.”

“Como ele era antes de mim?”

Adelaide sorriu. "Bastante insuportável."

"Realmente?"

“Sim. O ego dele era sem precedentes.”

Tem supôs que ela podia imaginar isso. Qualquer pessoa com um pai como Bastian certamente puxaria a ele.

“Você o domou”, continuou Adelaide. “Ele está... mais cauteloso agora.”

“Cuidado com o quê?”

“A vida dele.”

Tem franziu a testa. "O que você quer dizer?"

Houve uma pausa enquanto Adelaide jogava o cabelo para trás dos ombros.

“Antes de você, para ele não importava se vivia ou morria. Ele era sempre o primeiro a entrar numa briga. Agora ele se contém. Eu sei que é por você.”

“Por que ele se absteria por minha causa?”

“Ele deseja protegê-la, Temperance. Ele considera isso seu dever.”

Tem processou suas palavras lentamente. Ela não conseguia imaginar outra versão de Caspen, alguém precipitado, impulsivo e imprudente. Essas eram qualidades que ela possuía, não ele. Tem foi atingida mais uma vez pelo fato de que ele havia vivido uma vida inteira antes dela — que, enquanto sua vida adulta fora amplamente moldada por ele, a dele não fora moldada por ela.

Como se estivesse combinado, Caspen escolheu aquele momento para retornar.

Seus olhos se voltaram primeiro para Tem, depois para Adelaide, e sua testa se franziu em preocupação.

"Tem?", disse ele antes mesmo de chegar perto dela.

"Estou bem", disse ela preventivamente.

O rosto de Caspen suavizou-se, mas apenas ligeiramente. Ele olhou mais uma vez para Adelaide e seus olhos se estreitaram. "Se você estiver enchendo a cabeça dela com mentiras, eu vou—"

"Estou *bem* , Caspen", insistiu Tem. "Você pode se acalmar? Adelaide e eu somos amigas agora."

Isso provocou uma risada divertida de Adelaide e um grunhido de aflição de Caspen, que franziu os lábios, mas não insistiu no assunto.

“Como foi com…” Tem não sabia como se dirigir ao grupo de homens com quem estava conversando. “Com eles?”

Caspen suspirou, e sua expressão escureceu. "Os Senecas estão furiosos. Eles acham que estou corrompendo um dos seus."

“Os Senecas me consideram… um deles?”

“Sim”, disse Caspen. “Eles fazem.”

Tem não conseguia entender aquilo. Ela não queria ter nada a ver com Rowe nem com ninguém associado a ele.

“Para piorar ainda mais a situação, você é um híbrido.”

"Com licença?"

Ele sorriu. "O que eu quero dizer é que seu status como Híbrido faz de você um trunfo. E como você é um Seneca, eles sentem que lhe devem lealdade."

Tem fez uma careta. Ela nunca se sentira como se fosse muita coisa, e agora era um trunfo?

“Os Senecas sabem que seu lado basilisco pode extrair poder do seu lado humano”, continuou Caspen. “Uma vez dominado, seu poder seria… ilimitado.”

Tem piscou.

Ilimitado .

Não era uma palavra que Tem jamais tivesse ouvido associada a si mesma. Ela se lembrou de como se sentira superior no seu casamento — de como faria qualquer coisa para se sentir invencível novamente. Algo dentro dela se agitou com o pensamento.

"Ilimitado?"

"Sim."

“O que isso significa, afinal?”

Os olhos de Adelaide se voltaram para Caspen, como se pedissem permissão.

"Diga-me logo", latiu Tem.

“Diga a ela”, disse Caspen.

Passou-se um instante antes de Adelaide falar. "Se as lendas forem verdadeiras, significa que você pode canalizar Kora."

" *O que?* "

Tem piscou. Os basiliscos achavam que ela podia *canalizar Kora* ? Era uma crença absurda. Kora era uma deusa — não podia ser canalizada por alguém tão insignificante quanto Tem. Ela olhou para as próprias mãos. Doze sardas em cada palma. Três embaixo de cada dedo, exceto nos polegares. Tem flexionou os dedos, pensando no que teria feito em uma vida passada para merecer aquilo.

“Tal poder é inimaginável, Tem”, disse Caspen. “Os Senecas o cobiçam.”

“Por que eles se importam? Eu pensava que eles não apoiavam o acasalamento com humanos.”

“Você não é humana. Você é uma Híbrida, e eles sentem que eu a tirei deles. Eles não vão perdoar isso. Nem espero que perdoem.”

“Bem, esse é o problema deles.”

“Eles têm razão em estar zangados”, disse Adelaide. “Bastian usou você contra você mesmo.” Ela olhou para Caspen. “Isso foi errado da parte dele.”

Tem pensou em sua primeira reunião do conselho, onde o Rei Serpente a apresentou como uma arma. " *Temos uma Híbrida"* , disse Bastian. A implicação era que os *Drakons* tinham uma Híbrida. Mas os Drakons nunca a tiveram. Eles apenas a descobriram. Havia uma diferença.

“Mas Adelaide é uma Seneca”, disse Tem. “Você disse que o casamento foi arranjado para trazer paz entre as tribos. Se eu sou uma Seneca e nos casamos, isso não deveria trazer paz também?”

Caspen deu-lhe um sorriso sombrio. "Qualquer esperança de paz foi anulada quando eu... puni Rowe."

Tem estremeceu ao se lembrar do monte de carne mutilada onde antes ficava o pênis de Rowe. Castigo, de fato.

“Então, o que isso significa?”

Os dois basiliscos primeiro olharam um para o outro, depois voltaram a olhar para Tem. Foi Caspen, finalmente, quem respondeu.

“Significa que Rowe pretende retaliar. Devemos estar preparados quando ele o fizer.”

Capítulo Cinco

Antes que Tem pudesse se perguntar como Rowe retaliaria, um murmúrio percorreu o pátio. Todos se viraram para observar enquanto um grande colchão era colocado em frente à fonte. Era semelhante ao colchão que Tem e Caspen haviam usado para o ritual, e ela se perguntou por um instante se seria o mesmo. Assim que foi colocado, dois basiliscos emergiram da multidão. A mulher era alta, o homem ainda mais. Eram deslumbrantes, como todos os basiliscos, e quando chegaram ao colchão, pararam ao lado dele e esperaram. A multidão silenciou.

"O que eles estão esperando?", sussurrou Tem.

Os lábios de Caspen roçaram a orelha dela. "Você."

Tem ergueu as sobrancelhas. " *Eu?* Por quê?"

“Eles esperam que você abençoe o casamento deles.”

Tem já estava corando ao ver os belos basiliscos à sua frente. Se Caspen estivesse prestes a lhe dizer que ela deveria se juntar a eles, ela não sobreviveria. "Pensei que você tivesse dito que basiliscos não se casam."

“Não.”

“Então, como posso abençoar o casamento deles?”

“Vocês testemunharão a união deles como um casal casado.”

Tem piscou. "O quê?"

“Você é a Rainha Serpente, Tem.”

Tem olhou fixamente para ele. "Preciso de um pouco mais de detalhes do que isso, Caspen."

Ele soltou uma risadinha suave. "A cada temporada de acasalamento, qualquer casal cujo casamento seja selado por laços de sangue tem a oportunidade de ser abençoado pela Rainha Serpente."

“Por que apenas casamentos baseados em laços de sangue?”

“Porque são considerados sagrados aos olhos de Kora.”

“Quem abençoa o nosso?”

“Ninguém. Você é um Híbrido. Isso significa que você não precisa da bênção de ninguém.”

Mais uma vez, Tem sentiu um leve lampejo de possibilidade diante da perspectiva de tal poder.

“Quando minha mãe morreu, as bênçãos cessaram”, continuou Caspen. “Agora que temos uma rainha novamente, elas podem recomeçar.”

Tem franziu a testa. Ela não sabia exatamente quanto tempo havia se passado desde a morte da mãe de Caspen, mas mesmo que tivesse sido há poucos anos, parecia incrível que apenas aquele casal tivesse selado seu casamento com laços de sangue. Caspen havia dito que o laço de sangue era raro, mas Tem não tinha se dado conta de que era *tão* raro assim — que havia apenas um outro casal unido da mesma forma que ela e Caspen.

Tem balançou a cabeça em descrença. "Outra pessoa não pode fazer isso?"

“É seu dever como rainha deles.”

O conceito de deveres não era estranho para Tem. Ela estava acostumada às tarefas e obrigações da vida na fazenda. Mas *esses* deveres lhe pareciam bizarros. A maior responsabilidade que ela já tivera fora alimentar as galinhas. Ela certamente não estava pronta para abençoar um casamento.

“É meu dever *observá-los fazer sexo* ?”

"Sim."

“Mas e se eu não quiser?”

“Você… não precisa”, disse ele lentamente.

Tem estreitou os olhos. "Não acredito em você."

Caspen suspirou. "É verdade que você não precisa. Ninguém vai te obrigar, nem mesmo eu. Mas não seria sensato recusar. Eles vão interpretar isso como uma ofensa."

É claro que seria visto dessa forma. Qualquer costume que se opusesse diretamente ao seu lado humano era uma afronta mortal aos

basiliscos, caso ela se recusasse. Não havia neutralidade ali, nenhuma maneira de ficar no meio. Ela estava sempre escolhendo um lado.

"Parece tão"—Tem procurou a palavra certa, optando finalmente por —"invasivo. Não estarei me intrometendo?"

Caspen balançou a cabeça. "Você precisa se livrar dessas suas noções humanas de sexo, Tem."

“Eu sei disso. Mas mesmo assim.”

“Eles *querem* que você os observe.”

Ela lançou-lhe um olhar.

“Aqui fazemos as coisas de forma diferente. Você sabe disso.”

Tem sabia disso. "Há mais alguma obrigação que eu deva ter em mente?"

A boca de Caspen se contraiu. "Nada me vem à mente."

Tem revirou os olhos. *Certamente* havia mais. E certamente, eles a surpreenderiam. Mas essa era a natureza de sua vida sob a montanha. Ela havia se acostumado com o extraordinário. "Então eu só... observo? E é assim que eu os abençoo?"

Caspen pareceu subitamente apreensiva. Um pressentimento ruim a invadiu.

“Caspen”, ela insistiu. “Como *exatamente* eu os abençoo?”

“Basta observá-los. Mas também é costume se divertir.”

“O que isso quer dizer?”

“Significa que você está convidado a… se deliciar.”

“Cumprir o quê?”

Finalmente, a verdade veio à tona: "Você pode se tocar se quiser."

Tem corou. Apesar de todas as vezes que se masturbara, nunca o fizera enquanto observava duas pessoas fazendo sexo. A ideia de *usar* o casal como inspiração era completamente estranha para Tem.

O pátio ainda estava silencioso. O casal ainda a olhava. *Todos* a olhavam. Tem, de repente, ficou constrangida e transferiu a conversa para seus pensamentos:

Não entendo. Como isso pode ser uma bênção?

Tecnicamente, não. Para abençoá-los, você precisa atingir o clímax ao vê-los.

O QUE?

É para demonstrar sua aprovação.

Tem nem sequer respondeu a isso. Talvez o silêncio tenha sido suficiente.

Por que todos tinham que se *envolver tanto* ? Para ela ficar com Caspen, foi necessário um ritual inteiro. E agora esse casal buscava sua aprovação. Mesmo quando Tem estava do outro lado, em posição de poder, essas tradições a deixavam perplexa. Parecia inacreditável que ela se metesse tanto na vida pessoal de todos. Tem mal se sentia merecedora de tanta responsabilidade. Mas ela também entendia que os basiliscos eram uma comunidade. Tomavam suas decisões juntos. Tudo era um esforço coletivo, um projeto em grupo. Não adiantava resistir a isso, assim como não adiantava resistir a nada do que acontecia ali.

Então Tem deu um passo à frente.

No instante em que ela se moveu, a multidão se abriu para ela, e ela se aproximou do casal com Caspen ao seu lado. Eles se curvaram primeiro para ela, depois para Caspen. Tem não sabia o que fazer, então simplesmente acenou com a cabeça em resposta. O casal sorriu. Então, eles subiram no colchão. Um momento depois, estavam se beijando.

Pelo canto do olho, Tem viu Caspen dar um passo para trás. Ela entendeu sua retirada. Era seu dever; eles buscavam a bênção de Tem, não a de Caspen. Mesmo assim, ela desejava que ele ficasse ao seu lado. Ficar ali sozinha, com tantos olhares sobre ela, era extremamente angustiante.

Você pode se ajoelhar, Tem. Ou fazer qualquer coisa que lhe pareça confortável.

Mas nada parecia confortável. Tudo parecia aberto, exposto e público, como se as partes mais vulneráveis dela estivessem prestes a ser reveladas. Uma coisa era presenciar sexo casual no corredor ou no salão de banquetes. Outra coisa completamente diferente era vê-lo a um metro de distância, unicamente para seu prazer, e com a expectativa de que ela se tocasse enquanto assistia. Era íntimo demais — pessoal demais. De todas as vezes que ela vira basiliscos fazendo sexo na última semana, nunca tinha sido assim, nunca buscando sua aprovação.

O rosto da mulher estava corado. Tem sentia o mesmo: calor e excitação, como se estivesse assistindo a algo que não devia. Ela se

lembrou de como Caspen havia dito que ela não estava se intrometendo e tentou acreditar nisso. Mas assim que o homem começou a penetrar a mulher, Tem não conseguiu evitar fechar os olhos.

Abra os olhos, Tem.

Não posso.

Você precisa assistir.

Estou muito nervoso para assistir.

Não há motivo para nervosismo.

Quem diz isso?

É o que todos dizem.

Todos estão me observando enquanto eu os observo. Eu não consigo fazer isso.

A empatia fluiu dele para ela. *Eu entendo. Mas ninguém está te julgando.*

Tem ainda estava tentando assimilar o fato de que *estava* julgando - *os. Sinto que estou me intrometendo.*

Você não é.

E se eu não fizer direito?

Não há nada a fazer a não ser assistir.

Mas isso não era verdade. Ele havia lhe dito que ela precisava se tocar — que precisava atingir o clímax para abençoá-los. A aprovação do casamento dependia diretamente desse evento, e se não acontecesse, todos a veriam como um fracasso.

Eu não consigo fazer isso. Eu não sou ninguém.

Você é a rainha deles. Um momento se passou. Então: *Você é* a minha *rainha.*

Caspen acreditava nela. Caspen sabia que ela era capaz.

Tem. Meu amor. Abra os olhos.

Tem abriu os olhos.

O casal estava agora completamente entrelaçado, olhando-se com adoração nos olhos a cada investida. Tem pensou no laço sanguíneo que os unia — como estavam ligados por uma força mágica e inquebrável. Era o mesmo laço que ela compartilhava com Caspen, e era imensamente especial.

Apenas observe-os, Tem. Testemunhe o amor deles. É lindo.

Apesar do nervosismo de Tem, *foi* lindo. Não havia nada mais lindo, na verdade. O que poderia ser melhor do que ver duas pessoas apaixonadas expressando esse amor uma pela outra? Não era diferente do que ela fazia com Caspen todas as noites. Não era diferente do que ela fazia com Leo. Sexo era lindo. Sexo era tudo.

O casal estava claramente obcecado um pelo outro; eles se beijavam a cada oportunidade, acariciando os rostos um do outro e pressionando os lábios ternamente. Tem viu o O jeito como se olhavam, como se fossem as únicas duas pessoas no mundo, era comovente. Era emocionante presenciar tamanha devoção. Tem se perguntou, de repente, se era assim que ela e Caspen tinham se parecido durante o ritual.

Estávamos com uma aparência melhor.

Tem revirou os olhos. Caspen ainda estava em seus pensamentos, observando-a por trás. Finalmente, sob a proteção de sua presença constante, Tem relaxou. Ela ainda não havia se tocado — nem sequer se movido de onde estava. Mas agora se sentia pronta para *se entregar* , como Caspen havia dito com tanta eloquência. E não faria isso dali em diante.

Lentamente, para não perturbar o casal, Tem deu um passo à frente e ajoelhou-se na beira do colchão. No instante em que o fez, uma onda de aprovação a invadiu. Não vinha apenas de Caspen; Tem sentia isso de todos os lados — todos na multidão que a observava queriam que ela fizesse aquilo. A ânsia deles era avassaladora.

Ela se tocou timidamente a princípio, hesitando apenas pela aguda consciência de que todos a observavam. Tem já havia sido observada antes, mas desta vez a sensação era diferente do ritual. Naquela época, Bastian estava envolvido, e ela tinha uma tarefa clara a cumprir — uma que Caspen a havia ensinado. Mas desta vez a sensação era mais nebulosa. Desta vez, a aprovação buscada era a dela.

O casal estava apaixonado um pelo outro, e Tem também. Ela sincronizou seus movimentos com os deles, acariciando-se com toques suaves e delicados, fingindo ser a única no quarto. Seu lado basilisco estava excitado. Mas seu lado humano não conseguia compreender que o casal estava *fazendo sexo por ela.* Cada vez que pensava nisso com muita intensidade, sua garganta se fechava e seu coração acelerava. Ela

olhou ao redor da multidão em busca de uma distração. Para sua surpresa, encontrou uma. Apolo.

Todos estavam observando o casal. Mas o irmão de Caspen estava observando-a.

Quando seus olhares se encontraram, a mente de Apolo roçou a dela, e Tem lutou contra o impulso de recuar. Ela não o deixou entrar. Não podia. Em vez disso, ergueu uma barreira — a mesma que usara contra Caspen — para mantê-lo afastado. O olhar dele a penetrava como uma faca, quente e insistente, implacável em sua intensidade. Ele não estava se tocando — ninguém estava —, aquele ato era reservado à Rainha Serpente. Mas seu pênis estava ereto e, sem pensar, os olhos de Tem percorreram seu corpo para observá-lo. Era tão parecido com o de Bastian. A semelhança era impressionante. Tal pai, tal filho.

Com um suspiro de surpresa, Tem chegou.

No instante em que aconteceu, a multidão irrompeu em aplausos. Caspen a pegou pela cintura e a girou antes de colocá-la no chão e beijá-la diretamente na boca. Tem retribuiu o beijo, fechando os olhos com força, tentando esquecer o que acabara de ver.

O casal estava radiante; era evidente que estavam muito felizes com a bênção dela. Só Tem sabia a verdade: que o casal não a tinha obrigado a vir.

"E agora?", perguntou ela, ainda sem fôlego.

Caspen sorriu. "Agora vamos comemorar."

Celebrar, é claro, significava sexo.

Todos ao redor já estavam fazendo isso; a multidão se dividia em pares e grupos, seus corpos se sobrepondo em uma onda infinita de pele. Caspen a empurrou para baixo no colchão, e Tem entrelaçou as pernas em volta dele. Ela sabia que muitos ainda observavam, e sabia que não se importava. Talvez até preferisse assim naquele momento. Seu lado basilisco estava vivo e forte, repleto da alegria coletiva que sua bênção havia trazido ao casal.

Caspen abriu as pernas, mas ela o impediu antes que ele pudesse penetrá-la.

“Espere”, disse Tem.

Ele fez uma pausa. "O que houve, Tem?"

"Eu..." Tem começou. Ela olhou para ele e sentiu a garganta fechar.

Ao ver a expressão dela, Caspen segurou o rosto dela entre os seus, pressionando os lábios contra a testa dela. "Fale comigo", murmurou ele.

Por algum motivo, lágrimas brotaram em seus olhos. "Será que sou boa o suficiente?"

Caspen franziu a testa. "Bom o suficiente em quê?"

“Isso. Tudo. Você.”

Sua expressão de desagradou ainda mais. "Eu?"

“Sim. Um dia eu não sou ninguém e, de repente, sou a rainha dos basiliscos. É... demais.”

“Tem.” Caspen a puxou para mais perto. “Você não tem nada a temer. Você está indo muito bem.”

“Como você pode dizer isso? Eu não consigo fazer a transição sem ajuda. E mesmo assim, mal consigo—”

“Tem”, ele a interrompeu novamente, pressionando a testa contra a dela. “Chega.”

Ela fitou seus olhos dourados, tentando compreender a afeição neles. "Como você consegue sempre pensar o melhor de mim?"

“Porque você é o melhor de mim”, disse ele simplesmente.

Suas palavras a deixaram perplexa. Era impossível acreditar que ela pudesse melhorar uma criatura secular .

"Você é mais do que suficiente", murmurou ele contra a bochecha dela. "Você é perfeita."

Tem sorriu. Caspen sorriu também, puxando-a para mais perto.

Você está pronto?

Sim.

Um semblante de aprovação iluminou seu rosto. Ele a beijou nos lábios.

Caspen penetrou-a implacavelmente, e ela o acolheu cada vez mais fundo. Ele tinha razão; eles realmente ficavam melhor juntos. Tem sabia disso pelo jeito como os basiliscos os observavam *com inveja* , como se desejassem se juntar a eles. Mas, por ora, pertenciam apenas um ao outro. Não havia luz do dia no pátio — impossível saber quanto tempo havia se passado naquele emaranhado infinito de membros, fluidos e

respiração ofegante. Deitaram-se no colchão entre os orgasmos, abraçados, a celebração fervilhando ao redor deles.

"Não acredito que sua vida seja assim", ela sussurrou contra a pele dele.

“Não era tão agradável antes da sua chegada.”

Tem deu uma risadinha. Ela olhou para os basiliscos. "Até que horas isso vai durar?"

“Bem tarde.”

Ao ver a expressão no rosto dela, Caspen disse: "Podemos fazer uma pausa, se você precisar."

Tem odiava admitir que sim. Era tudo demais — os corpos, os gemidos, os movimentos. Ela não queria que Caspen pensasse que ela não daria conta. Mas a verdade era que ela não dava.

Venha, Tem. Vamos descansar.

A mão dele encontrou a cintura dela, erguendo-a do colchão. Tem sabia que não era da natureza de Caspen fazer uma pausa. Mas ela apreciou que ele o fizesse por ela, guiando-a para um lugar tranquilo na beira do pátio. Juntos, eles observaram o caos. Ao redor deles, basiliscos se beijavam, riam e faziam sexo. Tem não pôde deixar de pensar em como Gabriel adoraria aquilo.

“Caspen?”

"Sim, meu amor?"

"Quantos anos você tem?"

Ele se irritou. "Não acho que minha idade seja relevante."

“Bem, eu concordo.”

“Eu sou mais velho que você.”

"Na verdade, eu já tinha adivinhado isso."

Ele não respondeu.

"Diga-me."

"Não."

"Por que não?"

“Porque você está ansioso demais para saber.”

Tem não tinha energia para pressioná-lo. Em vez disso, ela direcionou a conversa para suas mentes:

Eu gosto de Adelaide.

Você?

Sim. Ela é uma garota que adora outras garotas.

Não sei o que isso significa.

Significa que ela me escolheria em vez de você.

Seus braços se apertaram com mais força. *Quem poderia culpá-la?*

E eu a escolheria em vez de você.

Ela sentiu o sorriso dele. *É isso mesmo?*

Sim.

Devo me sentir insultado(a)?

É um elogio para ela, não um insulto para você.

Nesse caso, eu permitirei.

Não cabe a você permitir ou não. Mas é bom saber.

Ele lhe deu um beijo na testa.

Tem continuou: *Adelaide disse que você costumava ser insuportável antes de mim.*

É mesmo? Que gentileza da parte dela.

Ela disse isso com carinho.

Duvido muito disso.

Ela também disse que você tinha um ego inflado.

Bem, isso... pode ser verdade.

Tem estava ficando com sono. Caspen pareceu perceber isso, porque disse: "Não precisamos ficar."

"Tem certeza?" A última coisa que ela queria era ir embora mais cedo, principalmente se isso pudesse causar constrangimento.

"Sim."

“Não quero ofender ninguém.”

“Você fez exatamente o contrário esta noite, Tem.” Ele beijou sua têmpora. “Você se saiu bem. Todos ficarão satisfeitos.”

Tem sorriu ao ouvir as palavras dele. Era tudo o que ela realmente queria: agradar os basiliscos, agradar Caspen, agradar a si mesma. Se o prazer era primordial na cultura dos basiliscos, então que objetivo poderia ser mais nobre?

Estou pronto para ir.

Muito bem. Vamos.

Ele a pegou nos braços. Só quando voltaram para os aposentos e Tem desabou na cama, ela percebeu o quão exausta estava. Ela desejava muito dormir. Mas algo a incomodava. "Caspen", disse ela baixinho. "Como sua mãe morreu?"

Ele a ajeitou nos braços, mas não respondeu.

Quando a pausa se prolongou, Tem se aproximou. "Você nunca fala dela. Por quê?"

Da última vez que Caspen havia ocultado informações sobre uma morte, ela descobriu que ele havia se tornado o chefe do pai de Rowe. Era compreensível que ela estivesse um pouco ansiosa por sua resposta. Caspen ficou em silêncio por um longo tempo. Tem estava acostumada a esperar por ele, e fez o mesmo agora.

Por fim, ele respondeu: "Ela morreu pouco antes de meu pai assumir o poder." Seu tom era pragmático. Distante.

Tem refletiu sobre o significado daquele momento. "Mas *como* ela morreu?"

Caspen suspirou, e Tem observou a forte subida e descida de seu peito. "Meu pai a matou."

Tem endireitou-se na cadeira. " *O quê?* Por quê?"

Caspen também se sentou, e eles se olharam à luz bruxuleante da fogueira. "Ela o traiu."

"Como?"

“Ela dormiu com outro.”

Tem franziu a testa. "Mas eu pensei que os basiliscos não considerassem sexo como traição."

“Não consideramos sexo *sem compromisso* como traição. Mas minha mãe era apaixonada pelo basilisco com quem dormia.”

As palavras do pai de Tem voltaram-lhe à mente de repente: *Amar duas pessoas é perigoso. Você precisa se preparar.*

“Os basiliscos podem ser livres com seus corpos, mas não somos livres com nossos corações”, disse Caspen baixinho, repetindo o que seu pai lhe havia dito. “Se você está ligado a alguém por laços de sangue, significa que você entregou seu coração a essa pessoa. Ao se apaixonar

por alguém que não fosse meu pai, minha mãe traiu esse laço. Ao dormir com essa pessoa, ela o rompeu."

Uma sensação horrível começou a se formar no estômago de Tem.

Caspen prosseguiu: "Quando eles dormiram juntos, ele retaliou matando-a."

Tem olhou para ele em choque.

"Eu mesmo vi."

"Mas como ele pôde fazer isso?"

"Ele não tinha escolha."

"Eu não entendo."

Caspen se mexeu, apoiando-se no braço e olhando para ela. Por algum motivo, um arrepio de pavor a invadiu. "Não há nada mais sagrado do que o laço de sangue", continuou Caspen. "É o nosso princípio fundamental. Os laços de sangue são selados em honra ao amor verdadeiro — em nome de Kora. Eles são unidos por uma magia maior do que nós."

Tem se lembrou de como Caspen havia descrito o vínculo de sangue para ela: *É uma magia antiga e irreversível.*

O medo se intensificou.

"Se o laço de sangue for rompido, uma maldição será lançada."

"Que maldição?"

"Quem for traído deve matar o traidor. Meu pai não queria matar minha mãe. Mas ele teve que fazê-lo. O laço de sangue o obrigou."

Tem ficou estarrecida. Era horrível ouvir aquilo. Ela não conseguia imaginar o impacto que aquilo devia ter causado na família de Caspen. Sentiu uma súbita onda de compaixão por Bastian, mas logo a reprimiu. Ela não teria pena de um homem assim.

"Seu pai não conseguiu resistir?"

Caspen balançou a cabeça. "É impossível resistir a tal magia. Os laços de sangue são sancionados por Kora — assim como o ritual, ou qualquer outra de nossas tradições. Ele estava preso por uma magia maior do que ele próprio."

"Mas se sua mãe soubesse o que ia acontecer, por que ela dormiria com o outro homem que amava?"

Para sua surpresa, Caspen sorriu. "Você seria capaz de resistir à tentação de dormir comigo?"

Tem não faria isso. Mas Caspen não era aquele com quem ela precisava resistir a dormir.

O que ele acabara de lhe contar era horrível. Ela não conseguia imaginar um cenário pior do que o pai dele matando a mãe. E presenciar aquilo era impensável.

“Por que sua mãe simplesmente não guardou segredo?”

“Ela tentou. Mas a maldição foi desencadeada no momento em que ela dormiu com o amante. A maldição contou ao meu pai.”

Aperto. Era tudo o que Tem sentia. Invadindo seu peito, comprimindo seus pulmões.

“Não podemos mentir”, sussurrou Caspen. “Não há segredos entre basiliscos.”

“Mas isso não te *incomoda* ?”

Caspen suspirou profundamente. "Claro que me incomoda, Tem. É uma mancha horrível para minha família. Mas na sociedade basilisco, minha mãe é que estava errada. Meu pai estava apenas fazendo justiça."

“Mas isso é…”

Não havia palavras para descrever, de verdade. Foi horrível. E aterrorizante. E um pouco parecido demais com a situação da Tem para o gosto dela.

“Você não está…preocupado…comigo?”

Caspen olhou para ela. "E por que eu me preocuparia com você?"

Tem revirou os ombros, desconfortável. "Por causa de... tudo o que aconteceu... com..."

Por algum motivo, ela não conseguia suportar pronunciar o nome de Leo.

Caspen soltou uma risada desdenhosa. "Não. Não estou preocupado."

Foi então que ela se lembrou da atitude de Caspen em relação a Leo — como ele nunca o chamava pelo nome, referindo-se a ele apenas como “o príncipe humano” — como ele não o considerava Leo queria ser seu igual. Tem e Caspen tinham um laço de sangue, uma conexão que Leo jamais poderia replicar. Caspen provavelmente pensava que

isso era prova suficiente de sua lealdade. Era um ponto de vista compreensível, dada a mentalidade basilisco. Mas estava errado.

"Mas por que não?", perguntou Tem antes que ela pudesse se conter.

“Porque você o mandou embora.”

Isso era verdade. Mas não significava que ela tivesse deixado de amá-lo.

“Você aceitou o pacto de sangue”, continuou Caspen. “Isso significa que você me escolheu.”

Essa frase de novo. *Você me escolheu.*

“Mas”, disse Tem com cautela, “eu amo vocês dois”.

Era a mesma coisa que ela dissera na caverna na noite em que concordaram em compartilhá-la. Mas agora Tem se perguntava se algum dos dois realmente havia concordado. Como teria sido esse acordo? Ela não poderia ser rainha de ambos os reinos. Era um problema sem solução — um problema que *ela* resolveu da única maneira que conhecia: enviando Leo para encontrar Evelyn.

Os olhos de Caspen se estreitaram. O ambiente pareceu ficar mais frio enquanto ele dizia: "Você *me ama* ".

Tem mal conseguia sustentar o olhar dele. Parecia que ele estava lhe dando uma ordem. Era verdade que ela o amava. Mas ela também amava Leo, por mais incompreensível que isso fosse para Caspen. Não havia mais nada a dizer, então Tem não disse nada. Mas, altas horas da noite, ela permaneceu acordada.

O que aconteceria se Tem dormisse com Leo? Caspen a mataria? Sua família o elogiaria por isso? Ela tocou a corrente dourada em volta do pescoço. Sempre lhe parecera um presente, algo que a ligava a Caspen. Mas agora parecia uma âncora — uma algema sem chave. Tem não conseguia acreditar na crueldade da maldição. Parecia ir contra tudo o que a cultura basilisco lhe ensinara: que tudo era compartilhado.

Tudo, exceto corações. A mãe de Caspen não conseguiu resistir aos seus.

Será que Tem poderia?

Capítulo Seis

A carta chegou na manhã seguinte.

Caspen leu primeiro, com a testa franzida, antes de entregar a carta a Tem.

Temperança Verus,

Solicitamos sua presença no castelo para o jantar desta noite. Uma carruagem será enviada para buscá-lo(a).

Traga seu marido.

Ela ergueu os olhos para Caspen, que parecia indiferente. Mas seu coração estava acelerado.

A carta era endereçada apenas a Tem. E o "marido" dela? Era uma forma terrivelmente formal de se dirigir a Caspen. Nem Leo nem Caspen pareciam conseguir se dirigir um ao outro diretamente, seja pelo nome ou pelo título. Mas nenhuma tentativa de evitar o assunto mudaria a situação. E se tudo corresse conforme o planejado esta noite, este seria o primeiro de muitos outros jantares de domingo à noite.

“Você vai?” perguntou Tem.

Caspen a observava, com a expressão cuidadosamente controlada. "Por que eu deveria?"

“Porque é uma oportunidade para a paz.”

Caspen bufou. Claro que ele não concordava. Mas era verdade, quer ele gostasse ou não. Cooperação e compromisso eram o único caminho a seguir.

“E o que acontecerá se eu não comparecer?”

Tem realmente não sabia como responder. Se Caspen se recusasse a ir a esses jantares, Tem seria obrigada a comparecer sozinha. Ela não conseguia imaginar nada pior. "Por favor, Caspen", sussurrou ela. "Eu não consigo fazer isso sozinha."

Ele a encarou por um longo momento. "Eu irei", disse ele baixinho. "Por você." Então, arrancou a carta de suas mãos e a jogou no fogo, assim como fizera com a intimação para a anulação do casamento. Sua mão quente cobriu a dela. "Venha", disse ele. "Temos compromissos a cumprir."

A escolha de palavras dele não foi acidental. Tem sabia que ele estava enfatizando o fato de que o lugar dela era ali — que seus deveres eram para com os basiliscos, não para com os aldeões; que o " *nós"* em questão era ela e Caspen, não ela e Leo. Tem não precisava que ele a lembrasse. Ela sabia o que havia escolhido; sabia o que sua vida implicava agora. Mas isso não tornava a vida mais fácil.

Tem entrelaçou seus dedos nos de Caspen, permitindo que ele a guiasse pelo corredor em direção ao pátio. Eles cruzaram com muitos basiliscos pelo caminho, todos abrindo caminho para o casal. Se Caspen já era poderoso antes, agora era quase um deus. Os basiliscos se curvavam diante dele ao passarem, inclinando-se em um aceno silencioso e reverente. Tem viu em primeira mão como eles respeitavam seu status e como respeitavam o dela. Uma semana atrás, teria sido desconcertante ter tantos olhares sobre ela. Agora, Tem saboreava a situação. Era uma honra estar com alguém como Caspen, ser escolhida pelo Rei Serpente.

Eles passaram o dia supervisionando a organização do pátio em preparação para o segundo evento da temporada de acasalamento. Era como organizar um casamento, escolhendo decorações e experimentando comidas. Caspen sempre acatava a opinião de Tem, embora ela não soubesse se era porque ele não tinha opinião própria ou porque valorizava mais a dela. De qualquer forma, sempre que alguém perguntava sobre a preferência deles, Caspen esperava Tem responder primeiro antes de dizer: "Como ela quiser".

E assim o dia passou rapidamente.

Ao cair da noite, a ansiedade tomou conta de Tem. Quando saíram juntos da caverna, ela estava quase à beira do pânico. A noite estava fria e, embora Caspen tivesse conseguido um vestido adequado para Tem desta vez, ela tremia no tecido fino, com as mãos cerradas em punhos. Caspen pegou a mão dela, relaxando seus dedos e entrelaçando-os delicadamente com os seus. Ele parecia resignado à situação, demonstrando muito mais compostura do que ela.

“Você precisa relaxar, Tem.”

" *Não posso.* "

“Claro que pode. Concentre-se em outra coisa.”

Mas não havia mais nada em que se concentrar. Os eventos iminentes daquela noite a pressionavam como uma onda terrível, ameaçando afogá-la.

“Como você não está mais nervoso?”

Caspen deu de ombros num gesto descontraído. "Não há motivo para ficar nervoso."

Tem revirou os olhos. Era uma resposta tão típica de Caspen que ela não sabia por que se dera ao trabalho de perguntar. Claro que Caspen não estava nervoso. Caspen era ancestral. Ele tinha visto e feito coisas que Tem só podia imaginar, e naquele momento, nada o abalava — nem mesmo isso. Mas Tem estava extremamente abalada. Ela estava nervosa e frenética, e tudo em que conseguia pensar era em como seria conhecer Evelyn pela primeira vez, vê-la com Leo, vê-los interagindo. Tem não fazia ideia do que esperar. Será que Evelyn a odiaria? Tem entenderia se fosse esse o caso.

Mas será que Tem odiaria Evelyn? Talvez essa fosse a pergunta mais relevante. Era. Era impossível para ela odiar de verdade alguém que fizesse Leo feliz. Afinal, esse era o objetivo de tê-lo mandado embora. Mas Tem não conseguia ignorar o ciúme latente que apertava seu peito ao pensar nos dois juntos. Mesmo tendo sido sua escolha — e a escolha certa —, ela não conseguia evitar uma espécie de arrependimento profundo. E se tivesse sido um erro? E se Evelyn não fosse a pessoa certa para ele? Mas isso não podia ser. Pelo jeito que Leo falava do amor deles, Tem sabia que era. E Leo merecia alguém que o amasse como Caspen a amava: completamente, puramente e sem competição.

“Tem”, disse Caspen enquanto entravam na carruagem e se sentavam lado a lado no banco de veludo. “Relaxe.”

"Não posso."

“Vamos tentar aproveitar o jantar.”

Nada poderia ser mais impossível. Tem não estava disposta a *gostar* do que viria a seguir. Ela não gostaria de conhecer Evelyn e vê-la com Leo. Ela não gostaria de ver a mulher que agora vivia a vida que Tem imaginava que teria. Ela não gostaria—

A mão de Caspen deslizou para dentro da fenda do vestido dela. Seus dedos mergulharam entre as pernas dela.

"O que você está fazendo?", ela perguntou, ofegante.

“Garantindo que você aproveite o jantar.”

Quando ele tocou seu clitóris, ela gemeu, arqueando a cabeça para trás.

“Não, Tem”, sussurrou Caspen. “Não faça barulho.”

Tem mordeu o lábio. O motorista estava *ali perto* — logo além da divisória — perto o suficiente para ouvi-los. Normalmente, Tem não se importaria com quem ouvisse. Mas a última coisa que ela queria era que chegasse ao castelo — a Leo — a notícia de que ela tivera um momento íntimo com o marido a caminho do jantar. Não era o tipo de boato que incentivaria relações amistosas entre seus reinos. Em vez disso, Tem enterrou o rosto no ombro de Caspen enquanto os dedos dele se aprofundavam, mordendo o tecido da camisa para não gritar. Um fluxo constante de elogios chegou aos seus ouvidos:

“Muito bom, Tem.”

Palavras suaves para acompanhar toques suaves.

“Perfeito para mim.”

Caspen sempre fora imponente. Mas agora era gentil, seus lábios contra a pele dela, suas palavras sussurradas para ela e somente para ela. Tinham pouco tempo na carruagem, mas Caspen não tinha pressa. Ele a acariciava lentamente, com ritmo lírico, explorando seu centro com intenção e cuidado. Nunca penetrando fundo demais — nunca deixando-a gemer alto demais.

Foi um prazer ser tocada assim, experimentar a ascensão estonteante rumo ao clímax, sentir nada além de um prazer resplandecente. Tem desejava que estivessem de volta aos seus aposentos. Ela desejava poder beijá-lo, montá-lo e levá-los ambos ao êxtase. clímax. A carruagem era pequena demais para tudo o que Tem queria que ele fizesse com ela. Suas capacidades eram limitadas por aquelas quatro paredes, seu brilho obscurecido pelas circunstâncias. Se dependesse de Tem, Caspen a foderia *na frente* do cocheiro. Era só isso que importava para ela: ser vista. Ser *percebida.* Não havia nada mais esclarecedor do que ter um pau entre as pernas.

Os olhos de Caspen estavam ficando negros.

Tem os encarava, perdendo-se nas piscinas infinitas, imaginando como seria se afogar nelas. Seu poder era intimidador, mesmo agora. E, no entanto, Tem se perguntava se conseguiria igualá-lo. Ela se perguntava, de alguma forma, se seu fascínio era equivalente ao dele. Afinal, fora ele quem iniciara tudo aquilo. Fora ele quem a atraira para mais perto.

"Caspen", ela sussurrou.

Em resposta, ele distribuiu beijos pelo pescoço dela. Seus dentes encontraram a alça do vestido, puxando-a do ombro e expondo seus seios. Sua boca desceu, sugando o mamilo sensível dela. Tem estava insuportavelmente quente. Ela o queria *naquele instante* , ou morreria.

Paciência.

Tem já havia infligido tortura em uma carruagem uma vez. Era completamente diferente estar do outro lado, recebendo a tortura — ter alguém que conhecesse seus limites e a levasse ao limite — estar à mercê do homem cruel à sua frente.

Caspen mordeu o mamilo dela até que lágrimas se formaram nos olhos de Tem. Ele estava sugando com *tanta* força. Ela estava prestes a gritar, mas não conseguia emitir um som. Ele havia dito para ela não gritar, e que ela seria paciente; que se comportaria bem. Finalmente, ele a soltou. No instante em que a soltou, passou para o outro seio, o contraste tão rápido que Tem soltou um grito de surpresa. Será que o lacaio ouviu? Será que Caspen sequer ouviu? Ele estava tão absorto no que estava fazendo que ela se perguntou se ele ainda se importava.

Tem queria deixá-lo orgulhoso — mostrar que conseguia seguir instruções. Nunca fora fácil para ela obedecer. Mas agora ela se moldava a ele, arqueando as costas para que houvesse a menor distância possível entre eles. Caspen a recompensou com um rosnado baixo. Se ela pudesse apenas tocá-lo de volta — se pudesse envolver os dedos em torno do pênis dele e acariciá-lo do jeito que ele gostava — talvez ele a tivesse ali mesmo, naquele instante.

Ela passou a mão por cima das calças dele, apertando o volume entre as pernas.

Caspen se afastou. Ele estava se contendo, recusando-se a ceder.

Eu não vou te foder numa carruagem, Tem.

Ela murmurou em sinal de desagrado. Será que ele não sabia o quanto ela desejava aquilo? O quanto ela estava aberta e disposta a lhe

dar tudo o que ele quisesse?

"Por favor", ela sussurrou, pressionando os lábios contra o pescoço dele. "Só um pouquinho."

“Só um pouquinho de quê, meu amor?”

"Só me foda um pouquinho."

Caspen soltou uma risada abafada antes de enfiar os dedos mais fundo. "Não."

Foi tudo o que ele disse, e Tem sabia que sua decisão era definitiva. Não restava nada a fazer senão se entregar a ele — a *isso* . Seus movimentos agora eram intencionais, conduzindo-a à libertação.

"Caspen", ela ofegou. Ela estava quase lá.

Mas os dedos de Caspen estavam diminuindo a velocidade.

Caspen não só não ia transar com ela, como também não tinha a menor intenção de deixá-la chegar *ao orgasmo* . Era a distração perfeita — a única maneira de obrigá-la a se concentrar em algo além do que estava prestes a acontecer. Em vez de se preocupar com Evelyn, ela se preocuparia com *isto* : a necessidade incessante que a deixava indefesa. Tem passaria a noite inteira ansiando por aquilo.

“ *Caspen* ”, disse ela, desta vez em tom de repreensão. “Não se *atreva* .”

Em resposta, Caspen retirou os dedos ainda mais. Tem arquejou de desagrado, puxando-o de volta para perto dela. Mas ele apenas recuou mais, erguendo a mão provocativamente entre eles, a umidade dela brilhando em seus dedos.

“Paciência”, disse ele novamente.

Tem fez beicinho. Ela queria que ele continuasse a tocá-la. Era *tudo o* que ela queria, mesmo sabendo que ele não o faria. Ela tinha sido tão boa para ele, tão *perfeita* , e essa era a sua recompensa? Não era justo. Mas não havia nada mais que ela pudesse fazer.

Na pausa que se seguiu, eles se observaram, suas mentes entrelaçadas. Os olhos de Caspen estavam negros, o dourado completamente desaparecido. Tem não conseguia acreditar que estavam prestes a participar do primeiro de muitos jantares de domingo tão desarrumados e apaixonados.

Lentamente, os dedos de Caspen voltaram a tocá-la. Mas, ainda assim, ele não a deixou chegar ao clímax. Em vez disso, Tem sentiu uma sensação familiar — uma que já havia sentido muitas vezes antes. Ela

gemeu quando uma garra se formou — desta vez a partir de sua própria essência — inspirando profundamente enquanto crescia e se posicionava. A ponta a envolveu com firmeza, pressionando seu clitóris sensível. Uma pulsação surgiu. Tem fechou os olhos com um tremor. Quase chegou ao clímax. Mas não completamente.

Pensando bem, talvez ela *gostasse* do jantar.

Delicadamente, Caspen retirou os dedos, levando-os aos lábios e lambendo-os lentamente. Quando terminou, deslizou as alças do vestido dela de volta pelos ombros, cobrindo-a mais uma vez. Então, ele a beijou. Tem passou os dedos pelos cabelos dele, puxando-o para mais perto. Ela precisava *tanto dele* . Nua, crua, repetidas vezes. O desejo de montá-lo era tão forte que ela se viu pressionando-o novamente, com mais força desta vez, desejando que ele cedesse. Mas este era Caspen. Ele nunca cedia.

Além disso, eles já haviam chegado.

Eles saíram da carruagem juntos, de mãos dadas, Tem ainda pensando desesperadamente. sobre como, um instante atrás, os dedos que ela segurava estavam dentro dela. Mas assim que entraram no castelo, qualquer pensamento sobre sexo desapareceu. Caspen enrijeceu imediatamente ao ver todo aquele ouro. Estava por toda parte — incrustado nos azulejos do hall de entrada, pintado no papel de parede. Na primeira vez que Tem viera ao castelo, ficara impressionada com tanta riqueza, depois de uma vida inteira em uma granja de galinhas. Agora, achava aquilo horrível, sabendo que a riqueza fora criada com o sangue de basiliscos.

“Por aqui”, disse o mordomo. Eles o seguiram pelos corredores até a mesma sala de jantar onde Tem havia esperado antes do Frisky Sixty. Tem tentou não olhar para a porta que dava para a biblioteca, onde todas as garotas haviam se despido para Leo. Ela tentou não se lembrar de como ele a beijara do outro lado daquela porta — de como ele esperara para virar a ampulheta até o último segundo.

Você vai me manter por perto?

Pelo tempo que você me permitir.

“Tem.” A voz de Caspen a despertou de suas lembranças.

"O que?"

“Você gostaria de uma bebida?”

Um mordomo brandia uma bandeja de champanhe em sua direção.

"Não", disse ela, embora estivesse com a garganta seca. "Nada de champanhe."

“Ela vai tomar um uísque”, disse Caspen.

O mordomo acenou com a cabeça e desapareceu.

No centro da sala havia uma mesa redonda rodeada por quatro cadeiras. Tem encarou a disposição dos assentos, sem saber como proceder. O formato da mesa a intrigava: sugeria igualdade, como se nenhum deles fosse mais importante que os outros. Ela esperava sinceramente que esse fosse o tom da noite. Em vez de tomar uma decisão precipitada, Tem optou por permanecer de pé. Caspen parecia alheio ao que acontecia ao seu redor, seu olhar fixo nela, sua expressão calma.

Você precisa relaxar, Tem.

Mas Tem não conseguia relaxar. Era a última coisa que ela podia fazer. Ela estava ali — no castelo — e estava prestes a conhecer Evelyn. Nada poderia tê-la preparado para aquilo.

Como ela não respondeu, Caspen apertou a mão dela.

Estou aqui, Tem. Conte com você.

Uma onda de gratidão a invadiu ao ouvir as palavras dele. Caspen tinha razão; era para isso que ele estava ali. " *Eu irei por você"* , ele dissera. Tem entendeu que isso significava que ele estava ali por ela — para apoiá-la e estar ao seu lado para que ela não tivesse que enfrentar essa situação sozinha. Ela apertou a mão dele em resposta.

Quando o mordomo voltou com o uísque de Tem, ela o virou de um só gole. Uma onda de calor estava atingindo seu esterno quando ela ouviu "Boa noite".

Tem não precisou se virar para saber que as palavras eram de Leo. Mas mesmo assim, ela se virou para vê-lo parado na porta, com os braços longos cruzados. Ele parecia fechado, como se estivesse se protegendo de algo. Talvez estivesse mesmo.

“Obrigado por terem vindo.” Seu olhar se voltou para Caspen. “Para vocês dois.”

Caspen não respondeu, e Tem apenas assentiu com a cabeça. Seus pulmões pareciam ter parado de funcionar direito; era quase impossível respirar. Ao lado dela, Caspen apertou sua mão novamente,

mas ela mal sentiu. Tudo em que conseguia se concentrar era na pessoa que acabara de aparecer atrás de Leo.

Cabelo loiro escuro da cor de mel. Bochechas redondas e rosadas.

Evelyn deu um passo à frente lentamente, pousando a mão no ombro de Leo. Seu vestido branco era discreto; nenhum centímetro de pele estava à mostra. Ela parecia, na falta de uma palavra melhor, inocente. O oposto de Tem.

"É um prazer conhecê-la", disse Evelyn, estendendo a mão.

Tem olhou fixamente para aquilo, sem conseguir se mexer.

Aperte a mão dela, Tem.

Mas Tem não conseguia. Apertar a mão dela significaria aceitar a situação, e nada poderia ser mais impossível. Apertar a mão dela significava ceder à civilidade. Tem não conseguia imaginar nada pior.

Foi Caspen, finalmente, quem deu o primeiro passo.

Seus movimentos eram suaves — nenhum vestígio da avalanche de ansiedade que Tem sentia. Ele pegou a mão de Evelyn na sua, apertando-a uma vez antes de soltá-la. Evelyn estremeceu ao fazê-lo. Diante da cena, uma onda de satisfação substituiu a ansiedade de Tem. Claro que Evelyn tinha medo de Caspen. Ela *deveria* ter medo dele. Caspen era provavelmente o primeiro basilisco que ela vira pessoalmente, muito menos tocaria. E se Evelyn temia Caspen, significava que ela também temia Tem. O pensamento lhe deu coragem.

Quando Caspen soltou a mão de Evelyn, Tem deu um passo à frente. Ela se inseriu diretamente no espaço pessoal de Evelyn, olhando-a nos olhos enquanto estendia a própria mão. Evelyn teve a gentileza de controlar sua expressão ao levantar a mão e cumprimentar Tem. No instante em que suas peles se tocaram, Tem lutou contra o impulso de recuar. A mão de Evelyn estava terrivelmente fria, como se ela estivesse doente. Sua palma estava úmida — como a de um peixe — e Tem teve vontade de vomitar. Em vez disso, soltou-a o mais rápido possível, resistindo ao instinto de limpar a mão no vestido.

Nenhuma palavra foi dita; Tem não conseguiria, mesmo que tentasse.

Ela sabia o que viria a seguir, sabia que Leo estava prestes a se aproximar. Mas não conseguia se obrigar a olhar para ele — não conseguia nem mesmo erguer o olhar para encontrar o dele. A última vez que o vira fora na anulação do casamento, quando suas mãos se

tocaram junto à porta da masmorra. Será que se tocariam novamente? Será que ele tentaria apertar sua mão, como Evelyn acabara de fazer? Naquele momento, Tem sentiu algo sísmico dentro de si — uma mudança de tamanha magnitude que ela não ousava contemplar agora. Ela não podia experimentar tal sensação na frente de Caspen. Ele veria tudo estampado em seu rosto. Para sua surpresa, Leo não a tocou. Em vez disso, curvou a cabeça e disse: "Tem".

Antes que ela pudesse decidir como responder, ele se endireitou, estendendo a mão para Caspen.

“Caspen.”

Tem esperava que Caspen o ignorasse ou talvez arrancasse sua cabeça. Em vez disso, ele apertou a mão de Leo, com uma expressão estranhamente calma. Sua mente estava fechada para ela; Tem não conseguia decifrar seus pensamentos. Se alguma vez houve um momento em que ela desejou saber como ele se sentia, era agora. Como ele podia estar tão calmo? A última vez que os três estiveram juntos, Caspen segurou as cabeças de Tem e Leo juntas para que pudessem se beijar enquanto ela o abraçava. As circunstâncias não poderiam ser mais diferentes agora. Tanta coisa havia mudado em tão pouco tempo.

Os dois homens baixaram as mãos.

Um momento constrangedor de silêncio se seguiu, durante o qual Tem e Leo se encararam. Ele parecia o mesmo de quando ela o viu dias atrás: cansado, como se não tivesse dormido o suficiente. Tem não ousava imaginar o que ele estaria fazendo em vez de dormir. Estaria ele mandando Evelyn ficar sentada em seu pau, como ele havia dito a Tem uma vez? Estaria ele segurando seus quadris com as mãos, mantendo-a no lugar para poder olhá-la? Estaria ele—

“Vamos comer?” Evelyn quebrou o silêncio.

Em resposta, Caspen a envolveu completamente com o braço. Ela estava acostumada com o toque dele, mas aquilo parecia significativo. Quase como se ele a estivesse protegendo — a mantendo unida — garantindo que ela não se quebrasse. Ele a conduziu até a mesa, puxando uma cadeira e esperando que ela se sentasse antes de se sentar também. Tem estava exatamente em frente a Leo, o que lhe proporcionava uma visão perfeita dele enquanto ele pressionava os lábios contra a bochecha de Evelyn. Uma fúria descontrolada a invadiu.

Recuou um instante depois, quando ela se lembrou de que havia escolhido aquilo. Ela havia *ordenado que Leo fizesse aquilo.*

Tem encarou Leo. Ele retribuiu o olhar, com uma expressão aberta e desejosa. Uma veia pulsava em seu pescoço. Como ele podia olhá-la daquele jeito enquanto Evelyn estava sentada bem ao lado dele? Por outro lado, Tem também a observava. Mas a situação dela era diferente; *Caspen* era diferente. Ele sabia que ela o havia escolhido. Sabia que isso era tudo o que importava.

O dedo de Leo deslizava lentamente pela haste da taça de vinho. Para cima, para baixo e para cima novamente. Tem observava o movimento, imaginando como seria a sensação em sua pele. Será que ele estava fazendo isso de propósito, para provocá-la? Se fosse, estava funcionando. Evelyn nem parecia notar. Ela ajeitava cuidadosamente as mangas, preparando-se para a refeição.

Assim que o mordomo colocou os pratos à frente deles, veio o primeiro pulso.

Capítulo Sete

Tem deu um suspiro de surpresa.

Os olhos de Leo se estreitaram imediatamente. Tem queria gemer. Mas não conseguia emitir um som — não conseguia se mexer um centímetro. Ninguém, exceto ela e Caspen, sabia o que estava acontecendo entre suas pernas naquele exato momento, naquela mesa de jantar. A pulsação aumentou lentamente, banhando seu centro em calor e fazendo suas bochechas corarem. Seus mamilos estavam duros, e a sensação deles contra o vestido era suficiente para levá-la à loucura. Tem queria ficar nua. Queria transar com alguém — *qualquer um* — que pudesse lhe dar alívio.

Leo sabia o que estava acontecendo? Ele já a tinha visto excitada antes; sabia como era, reconheceria os sinais. Ou talvez tivesse se esquecido dessa parte dela, a ignorado tão rápido quanto o casamento. De qualquer forma, não importava. A pulsação continuava a aumentar. Tem soltou um suspiro baixo quando atingiu um ritmo sem precedentes. Era quase *como uma vibração* . Ela nunca tinha sentido nada parecido em seu clitóris, e a vontade de impulsionar os quadris contra a cadeira era tão forte que quase desmaiou. Tem estendeu a mão para o copo de uísque, mas percebeu que estava vazio. Precisava de uma distração, e Caspen não estava ajudando.

Sem pensar, ela disse: "Evelyn".

Seu tom era áspero — muito mais áspero do que deveria ter sido.

Os olhos redondos de Evelyn ficaram ainda mais redondos enquanto ela olhava para ela. "Sim?"

“Você está feliz por estar de volta?”

Era uma pergunta capciosa. Mas Tem não se importava. Ela precisava se concentrar em algo além das pulsações quentes e doloridas entre as pernas. E uma parte latente dela também queria lembrar Leo de que a

única razão pela qual Evelyn estava de volta era porque Tem tinha feito isso acontecer.

"Claro." Evelyn apertou o braço de Leo. "Temos muita sorte de termos encontrado o caminho de volta um para o outro."

Outro pulso. Mais forte desta vez.

Leo a observava, mas ela não podia fazer nada a respeito. Na verdade, ela *queria* que ele a observasse. Imaginar que ele sabia o que estava acontecendo — que ele a imaginava nua com a mesma certeza com que ela o imaginava — só a excitava ainda mais.

“Então por que você foi embora em primeiro lugar?”

Um silêncio horrível se instalou. Os batimentos cardíacos cessaram.

Até o mordomo parou no meio do movimento, com o braço estendido desajeitadamente para entregar outra taça de vinho a Leo.

O rosto de Evelyn se contraiu numa expressão desagradável. Ela olhou para Leo, que olhava apenas para Tem. Então ela disse: "Eu não queria ir embora."

Ela está mentindo.

Tem virou a cabeça bruscamente para Caspen. Ele disse isso casualmente, como se estivesse constatando um fato bastante banal. Mas esse fato era tudo para Tem. *Como você sabe?*

Ele não respondeu. Talvez seu interesse já tivesse diminuído. Mas o interesse de Tem estava muito aguçado, então ela perguntou mais uma vez: "Então por que você fez isso?"

Seria indelicado repetir a mesma pergunta segundos depois. Mas Evelyn ainda não havia respondido. "Eu estava... mal informada."

Tem piscou. Leo também. "O que isso quer dizer?"

Ao lado dela, a mão de Caspen tocou seu joelho. Tem sabia o que ele estava dizendo: *Relaxa* . Mas ela estava prestes a obter a resposta para uma pergunta que a intrigava há muito tempo, e não conseguia ficar relaxada.

“Na manhã em que Leo e eu deveríamos fugir juntos, recebi uma carta.”

Tem endireitou-se. O aperto de Caspen intensificou-se. "Que tipo de carta?"

Evelyn se virou para Leo. "Você não contou para ela?"

Tem se virou para Leo também. "Diga-me o quê?"

Um silêncio tenso se instalou. Nele, a mandíbula de Leo se contraiu. Como ele não respondeu, Evelyn disse: "Leo me escreveu uma carta dizendo que não queria mais ficar comigo."

Agora Tem estava realmente confusa. Até onde ela sabia, Leo havia esperado por Evelyn no cemitério atrás da igreja na manhã em que deveriam partir. Quando ela não apareceu, *ele* foi quem ficou com o coração partido. Será que tudo aquilo era mentira? Será que Leo a havia enganado? A dúvida se instalou em seu estômago. A história comovente dele sobre Evelyn havia tocado seu coração. Uma história assim teria convencido qualquer um. Agora, por um momento aterrador, Tem se perguntou se tudo aquilo não passava de uma farsa.

“Por que ele faria isso? Ele te amava.”

“Não fiz isso.”

As palavras foram ditas por Leo, e Evelyn se irritou no instante em que ele as pronunciou. Diante da reação dela, ele esclareceu.

“Eu não escrevi a carta.”

Tem franziu a testa. "Então quem fez isso?"

“Meu pai.”

As peças se encaixaram lentamente. Tem se lembrou do que Maximus havia dito a Ela disse a ela no hall de entrada depois de descobrir o derramamento de sangue: " *Já corrigi os erros do meu filho antes. Não hesitarei em fazê-lo novamente."* A carta era a maneira que ele encontrou de corrigir o erro de Leo, de garantir que ele não acabasse com uma moça simples da aldeia. Mas algo na história de Evelyn não convenceu Tem.

No silêncio que se seguiu, ela tentou identificar por que se sentia tão irritada. Era irrelevante se Maximus havia escrito a carta. O que era incompreensível para Tem era o fato de Evelyn ter terminado com Leo depois de lê-la. Se ela e Leo estavam tão apaixonados, nada deveria tê-la feito se separar. Tem sabia que, se Leo tivesse terminado com *ela* por carta, ela jamais teria aceitado. Ela não conseguia entender como Evelyn pôde levar uma carta daquelas ao pé da letra — não quando todo o seu relacionamento estava em jogo. No mínimo, ela deveria ter ido ao cemitério para ouvir isso de Leo pessoalmente.

Antes que Tem pudesse dizer qualquer coisa, Evelyn concluiu melancolicamente: "Quando recebi a carta, a única coisa que me veio à cabeça foi fugir."

Algo brilhou nos olhos de Leo. Dúvida.

Os olhos de Tem se voltaram para Caspen, cuja expressão era indecifrável. Em algum momento nos últimos minutos, a garra começara a latejar novamente. Estava começando a deixá-la tonta. Ela cerrou os punhos numa tentativa de se concentrar, perguntando: "Então por que você não voltou?"

Evelyn piscou lentamente. Ela colocou a mão delicadamente no braço de Leo. Seu poder era silencioso, mas não menos presente. Tem podia senti-lo na maneira como ela observava cada movimento seu à mesa — pressentia-o no modo como seus olhos se voltavam para Leo sempre que Tem olhava para ele. Ela estava observando — *esperando* — protegendo seu rei.

"Você está insinuando alguma coisa?", perguntou ela em voz baixa.

“Você disse que a carta foi o motivo da sua partida”, disse Tem em voz baixa, mantendo-a firme apesar das pulsações irregulares entre as pernas. “Mas você não disse por que ficou longe. Então, por que não voltou?”

Do outro lado da mesa, Leo tomou um gole de seu uísque. Caspen não se mexeu.

"Fiquei com o coração partido, é claro", disse Evelyn. "Não achava que Leo quisesse me ver nunca mais. Como você pode imaginar, fiquei devastada."

“Não”, disse Tem. “Não entendo.”

Evelyn ergueu uma sobrancelha. "O que você não entendeu?"

Você tem isso?

Evelyn franziu a testa. "Eu tenho o quê?"

“A carta.”

Leo olhou para Evelyn. Tem se perguntou de repente se ele havia feito exatamente a mesma pergunta a ela. Se ela sabia alguma coisa sobre ele, era que sim.

"Eu o queimei", disse Evelyn, com ar formal.

“Por quê? Parece algo que você guardaria com carinho.”

Evelyn inclinou a cabeça. "E por que eu faria isso?"

“Então você poderia mostrar isso para o Leo. Ele tem o direito de ver o que o pai dele estava dizendo em seu nome.”

“Essa carta representa uma lembrança terrível para mim. Eu não queria vê-la nunca mais.”

“Mas se Leo—”

“Tem”, interrompeu Caspen. “Chega.”

Os pulsos também pararam.

Durante toda aquela conversa, Caspen não dissera nada. Mas agora resolveu falar, e, pela primeira vez, Tem se calou. Ela estava indo longe demais, e sabia disso. Mas não conseguia se controlar. Era uma história bizarra; a reação de Evelyn não fazia sentido para ela. Se Leo tivesse tentado terminar o relacionamento por carta, ela teria ido direto ao castelo para confrontá-lo pessoalmente. Claramente, Evelyn não fizera nada disso. Como podia deixar Leo ir embora tão facilmente? Pelo que Tem sabia do relacionamento deles, ele a amava de verdade. Ser amada por Leo era um privilégio — uma honra. E Evelyn jogara isso fora. Por quê?

A voz de Caspen surgiu de repente em sua mente:

Não é sua responsabilidade falar em nome do rei humano.

Eu sei disso. Só estou tentando descobrir por quê—

O relacionamento deles não é da sua conta.

Tem não tinha nada a dizer sobre isso. O relacionamento de Leo com Evelyn era de sua inteira responsabilidade. Ela fora a responsável por *orquestrar* o relacionamento deles. Preocupação era *tudo o* que sentia ao observá-los, e não apenas por motivos egoístas. Tem precisava que o relacionamento desse certo. Ela precisava que Evelyn fosse o amor da vida de Leo. Porque, se não fosse, tudo o que ela havia sacrificado teria sido em vão.

Desculpar-se.

Tem olhou para Caspen incrédula. Não era uma sugestão. Era uma ordem.

Não.

Tem. Você os ofendeu.

Ela teve que se conter para não debochar daquilo. Talvez tivesse ofendido Evelyn, mas Tem percebeu pelo olhar de Leo que ele queria fazer as mesmas perguntas que ela, mas não fez. Será que ele desconfiava do seu amor recém-retornado? Da verdade que poderia vir à tona se ele a pressionasse demais? Relacionamentos se constroem sobre a confiança. Leo havia feito Tem jurar que nunca mentiria para ele. Claramente, ele não havia feito tais exigências a Evelyn.

"Me perdoe", disse Tem, com rigidez. Não era um pedido de desculpas, mas era o máximo que ela conseguia dizer.

Evelyn imediatamente lhe deu um sorriso lento e açucarado. "Não há nada para perdoar", disse ela suavemente. "É claro que você está curiosa para saber o que aconteceu. Qualquer um estaria, em sua posição."

Tem não gostou do que ouviu. A posição dela? E que posição era essa, exatamente?

Antes que ela pudesse perguntar, Evelyn esclareceu: "Como alguém que já foi noiva de Leo, eu entendo como você se sente."

Tem duvidava muito que Evelyn entendesse como ela se sentia. Era impossível. E Tem não tinha apenas ficado *noiva* de Leo — ela tinha sido casada com ele. Era uma distinção específica, e uma que Evelyn havia ignorado propositalmente. Ela estava diminuindo o relacionamento deles, tentando minimizar o que eles tinham juntos. Tem sentiu uma vontade enorme de retaliar, de dizer algo que lembrasse a Evelyn quem ela tinha sido para Leo. Em vez disso, ela ergueu a mão e afastou lentamente uma mecha de cabelo do rosto, posicionando os dedos de forma que a fina aliança de prata em seu dedo anelar brilhasse à luz de velas.

Os olhos de Evelyn se estreitaram. Os de Leo se arregalaram.

Tem sabia muito bem que o gesto não passou despercebido por nenhum dos dois. Era uma coisa perigosa de se fazer, mas Tem estava se sentindo perigosa. Nada naquela conversa a havia satisfeito. Ela não estava com ânimo para prolongá-la.

"É claro", continuou Evelyn, com os olhos fixos nos de Tem, "agora que voltei" — e lançou um olhar significativo para Leo, que ainda encarava a mão de Tem — "mal podemos esperar para nos casarmos."

Uma faca cravava-se no estômago de Tem. Claro. Seu casamento com Leo havia sido anulado com o propósito expresso de abrir caminho

para um casamento entre Leo e Evelyn. Os aldeões precisavam de uma rainha, e Tem não era mais uma opção. Seu lado humano sabia que isso era o melhor. Seu lado humano estava quase feliz por eles. Mas seu lado basilisco rosnava de ciúme, e ao seu lado, Caspen apertou sua perna mais uma vez.

Ele fez a pergunta que estava na ponta da língua de Tem: "Você já não é casada?"

Leo balançou a cabeça, voltando à realidade. "Evelyn quer um casamento."

“ *Queremos* um casamento”, disse Evelyn, apertando o braço de Leo. “E vamos planejá-lo juntos. Quero que seja absolutamente perfeito.”

Tem olhou para ela sem expressão. Seus reinos estavam à beira da guerra, e ela se importava em planejar um casamento? Era uma época perigosa. A trégua estava instável e já havia ocorrido derramamento de sangue. O fato de Leo ter tido duas esposas em uma semana não seria bem recebido. O correto seria casar-se discretamente e seguir em frente com a tarefa de governar o reino. O caminho a seguir era claro para Tem. Como poderia não ser claro para Evelyn?

O que é certo para você e para mim não é necessariamente o que é certo para eles.

Tem revirou os olhos. *Não finja que isso faz algum sentido.*

Eu não disse que fazia sentido. Apenas que é o que eles acham certo.

É o que ela *acha certo. Leo não quer isso. Dá para perceber.*

Leão é um homem. Se ele discorda da esposa, cabe a ele expressar isso a ela.

Tem sabia que Caspen tinha razão. Ele tinha razão de forma dolorosa e lógica. Como sempre. *Esse jantar foi uma péssima ideia.*

Para sua surpresa, a diversão passou da mente dele para a dela. *Acho que está indo muito bem.*

Seriamente?

Sim. Eu esperava que você jogasse alguma coisa a essa altura.

Tem lançou-lhe um olhar, que ele retribuiu. Então, para sua surpresa, ele sorriu, inclinou-se e a beijou. Por um instante, tudo estava bem no mundo. A mesa desapareceu, e tudo o que Tem sentiu foram os lábios de Caspen nos seus. A garra pulsou suavemente, aquecendo-a mais uma vez.

Evelyn pigarreou. Eles se separaram a contragosto, e Tem olhou para o lado e viu Leo a encarando com uma fúria absoluta. Ela ficou tão assustada que quase recuou.

A mente de Caspen se fechou em torno da dela: *Ele está com raiva, Tem. Não o culpe por isso.*

Por que você está bancando o pacificador de repente? Você tem sido muito razoável esta noite. Não gosto disso.

Ele soltou uma risadinha discreta. *Porque é do meu interesse que este jantar corra bem.*

Bem, até agora não está indo bem.

Talvez as coisas melhorassem se você se concentrasse em algo que não fosse a sua raiva.

Tem suspirou. Ele estava insuportável esta noite. Bem, ela também estava. E só um deles estava tornando o jantar mais difícil. *Não havia mais nada em que se concentrar.*

Devo lhe dar outra coisa?

A garra pulsou. A pulsação aumentou. Antes que Tem pudesse reagir, Caspen se virou para Evelyn.

“Quando vocês vão se casar?”

Tem sabia que ele não se importava nem um pouco com a resposta. Mas ele era o único que puxava assunto, e ambos sabiam que era mais seguro do que ela se intrometer naquele momento. Tem não tinha absolutamente nada a acrescentar à conversa sobre o casamento deles. Nada *de positivo* , pelo menos.

“Na noite das mães.”

Tem franziu a testa. "Mas isso é—"

“Adorável”, concluiu Caspen.

Evelyn sorriu para ele antes de voltar a comer seu frango. Tem olhou para Caspen incrédulo.

A Noite das Mães ocorria no solstício de inverno e era amplamente considerada o aniversário de Kora. Os deuses não nasciam exatamente. Mas dizia-se que Kora descia dos céus na Noite das Mães, muitos milênios atrás, para conceder fertilidade às mulheres do reino. Ela deu o dom da vida, e os aldeões a honravam tendo filhos desde então. Era inacreditável para Tem que Evelyn ousasse realizar seu casamento em um dia tão sagrado. Não poderia haver insulto maior — nenhum

exercício de ego mais vergonhoso do que pensar que seu casamento merecia ocorrer no aniversário de Kora.

Adorável? Como ela se atreve?

Ela está simplesmente animada.

Ela está delirando . Será que perdeu a cabeça?

Não nos cabe opinar sobre o casamento dela.

É o casamento deles *. E tenho dificuldade em acreditar que Leo apoie isso.*

É óbvio que sim; caso contrário, ele teria dito.

Isso é ridículo.

Isso não é da nossa conta, Tem. Eles podem fazer o que quiserem.

Tem não tinha nada a dizer sobre aquilo. Ela encarou Leo, que beliscava a comida sem ânimo, empurrando os legumes de um lado para o outro do prato com um garfo dourado. Ele dificilmente parecia um homem fazendo o que bem entendia. Parecia mais um prisioneiro numa gaiola.

Outro pulso veio, e Tem fechou os olhos. Caspen estava acelerando seus batimentos cardíacos, e Tem estava com dificuldade para ficar parada. Tudo aquilo parecera uma ótima ideia na carruagem — quando ela achava que conseguiria se controlar durante o jantar. Agora que estava sentada ali, encharcada e se remexendo na cadeira, tudo parecia bastante ridículo.

Caspen. Por favor.

Ela estava implorando por menos? Por mais? Tem já não fazia ideia. Tudo o que sabia era que, com uma última pulsação, seu corpo se contraiu e um alívio intenso a atingiu em cheio. Tem nunca havia chegado ao clímax silenciosamente em toda a sua vida. Mas agora, ela o fez, fechando os olhos com força enquanto o êxtase a percorria em uma onda estremecedora. Ela apertou as coxas com toda a força, intensificando a sensação enquanto se agarrava ao assento com as duas mãos. Sua mente clamava por Caspen, buscando sua presença e se entregando a ela. Em momentos como esses, ela se lembrava de que, embora usasse a aliança de casamento de Leo, pertencia ao homem ao seu lado.

“Tem?”

Uma voz chegou até ela através dos ecos do prazer.

“Tem?”

Lá estava de novo. Intenso e estridente.

Tem finalmente abriu os olhos e viu Evelyn olhando diretamente para ela.

Você está bem? Parece um pouco corado(a).

É claro que ela estava corada. Ela tinha acabado de ter um orgasmo.

Mas não havia uma maneira educada de dizer isso, então Tem disse: "Estou bem".

Leo a encarava novamente. Seria imaginação dela, ou ele também parecia corado? Leo sabia como Tem ficava quando chegava. Ele a reconheceria agora, bem na sua frente, à mesa de jantar. E se reconhecesse, como se sentiria? Com ciúmes? No fundo do seu coração, Tem queria que ele sentisse ciúmes. Mas talvez ele fosse indiferente — imune aos seus encantos agora que sua nova esposa estava ao seu lado.

Como ninguém disse nada, Evelyn falou novamente. "E como estão seus pais, Tem?"

Os pais de Tem eram o último assunto que ela queria discutir tão pouco tempo depois do clímax. E como Evelyn sabia deles, afinal? Será que Leo tinha lhe contado?

“Eles estão bem.”

“Que bom saber que eles não foram afetados.”

Tem franziu a testa. "O que os afetaria?"

“A escassez de alimentos, é claro.”

“Que escassez de alimentos?”

Evelyn olhou para Leo, que tomou um gole perigosamente grande de vinho. "Você não ouviu?"

Obviamente, Tem não tinha ouvido falar. Ela não morava mais na vila; não estava a par dos acontecimentos diários da cidade. Se realmente houvesse escassez de alimentos, ela esperava que Gabriel ao menos mencionasse o assunto. Mas ele não disse nada, e seus pais também não.

“Não. Eu não fiz isso.”

“Ah.” Evelyn inclinou a cabeça inocentemente. “Entendo. Bem, como você deve imaginar, as coisas têm se tornado... difíceis para o nosso reino ultimamente.”

Mais silêncio.

“Como assim?”

Tem esperava uma resposta imediata. Quando a pausa se prolongou, foi Caspen, finalmente, quem respondeu: *Ela está se referindo à sangria.*

Compreensão atingida por Tem. Claro.

“A *escassez* tem sido difícil”, disse Evelyn.

Ao lado dela, Caspen enrijeceu.

Tem se perguntou por um instante se ela se referia à escassez de comida ou à escassez de sangue. Um olhar para os pratos dourados repletos à sua frente disse a Tem que provavelmente era a segunda opção.

“Houve protestos”, disse Leo em voz baixa. “Os moradores estão com raiva.”

Isso não foi nenhuma surpresa. Os moradores já estavam irritados antes do casamento dela com Leo. As mortes de Jonathan e Christopher violaram a trégua, e eles queriam justiça. Abolir o derramamento de sangue — uma medida que parecia favorável aos basiliscos — era a última coisa que os aldeões desejavam. Leo estava em uma posição perigosa. E Tem o havia colocado lá.

“Isso é… lamentável”, disse Tem, com rigidez. Ela não confiava em si mesma para dizer mais nada.

“O que é lamentável é que o nosso povo será afetado por isso”, disse Evelyn por cima do copo. “Não acha?”

À primeira vista, o comentário pareceu inocente. Mas estava longe disso.

“ *Nosso* povo”, disse Tem com ênfase, “já foi afetado por isso”.

Ao lado dela, a energia de Caspen estava mudando. Tem não era a única que precisava ter cuidado para controlar o temperamento. Se Evelyn estava insinuando que o derramamento de sangue deveria continuar, Caspen certamente perderia o bom humor. Essa era a última coisa que Tem precisava que acontecesse naquele jantar.

A voz de Caspen invadiu sua mente: *Como ela se atreve?*

Agora era Tem quem colocava a mão no joelho de Caspen. Tudo aquilo estava errado — Leo havia concordado em acabar com o derramamento de sangue. Eles nem deveriam estar falando sobre isso.

Ela deveria controlar a língua. Ou eu a arrancarei.

Caspen. Você não pode machucá-la. Ela é a rainha.

Caspen se virou para ela, olhando-a diretamente nos olhos. *Você é a única rainha a quem eu respondo.*

Tudo o mais desapareceu quando ele a olhou. Tem viu seu orgulho feroz, seu compromisso inabalável. Seu lado basilisco se desdobrou sob seu olhar, imediatamente atraído por ele.

Ela se virou para Evelyn, dando de ombros com uma naturalidade que não sentia. "Parece que você precisa encontrar um jeito de ganhar dinheiro."

“Tínhamos um jeito”, disse Evelyn. “Mas Leo impediu.”

Tem ficou boquiaberto.

O olhar de Leo permaneceu fixo em seu vinho, mas um músculo em sua mandíbula se contraiu.

"Você sempre pode pedir um empréstimo", retrucou Tem, irritado.

“E a quem perguntaríamos?”

“Os outros membros da realeza. Certamente havia muitos no *nosso* casamento.”

Mais uma provocação. Tem estava completamente fora de controle, mas não conseguia evitar. Essa conversa a estava enfurecendo, e ela estava perigosamente perto de perder a paciência.

“Os outros membros da família real também estão sentindo a perda. Nossa economia afeta a deles.”

“Que pena.”

Chega, Tem. A voz de Caspen estava tensa. Sua raiva era igual à dela.

Eu a odeio.

Ela não é importante o suficiente para ser odiada. Isso basta.

Tem se deixou cair na cadeira. De repente, sentiu-se exausta, como se tivesse corrido uma maratona a toda velocidade. Do outro lado da cadeira, Leo parecia mais pálido que o normal. Ela percebeu que ele realmente não estava bem. Quanto mais ela e Evelyn discutiam, mais isso magoava Leo. Caspen tinha razão. Já era o suficiente.

Felizmente, naquele instante, o mordomo apareceu com a sobremesa. O último prato foi consumido em silêncio, os quatro encarando seus pratos enquanto comiam. Caspen mal tocou no seu. Tem não o culpava.

Aquele jantar tinha sido, considerando tudo, um completo desastre. Tudo o que ela queria era sair do castelo o mais rápido possível.

Mas, assim que se levantaram, Evelyn disse: "Tem? Podemos conversar a sós?"

Capítulo Oito

Tem lançou um olhar imediato para Caspen, que a encarou de volta com um olhar vago.

“Hum. Por quê?”

Evelyn deu-lhe aquele sorriso doce e encantador novamente. "Achei que seria bom nos conhecermos melhor."

"Por quê?" Tem perguntou novamente. Depois do jantar que acabavam de ter, ela já sabia bastante sobre Evelyn. E nada disso era remotamente bom.

O sorriso de Evelyn se alargou. Não havia alegria nele. "Porque você e Leo eram... próximos."

Tem sabia que havia escolhido propositalmente não dizer a palavra "casadas". Sempre diminuindo. Sempre desviando o assunto. "Entendo", disse Tem, embora não entendesse. Ela não conseguia pensar em um único motivo racional para que ela e Evelyn se conhecessem. Ela preferia que nunca mais precisassem se falar depois daquela noite.

Tem olhou para Leo, que os observava com a testa franzida. Teria sido ele quem sugerira aquilo? Certamente que não. Ele não poderia querer que sua ex-esposa e sua futura esposa se conhecessem. Isso desafiava a lógica.

“Perfeito. Então está decidido”, disse Evelyn. “Vamos ter uma conversinha de garotas. Meninos, com licença?”

Ela não esperou por uma resposta. Tem não teve tempo de se perguntar o que os homens deveriam fazer enquanto estivessem sozinhos na sala de jantar antes que Evelyn se virasse e entrasse na biblioteca. Com um último olhar desesperado para Caspen, Tem o seguiu, sentindo como se estivesse caminhando em direção à sua própria sepultura. No momento em que entrou na biblioteca, as

lembranças a atingiram como uma onda. Leo esparramado na poltrona de couro com batom no pescoço, o cabelo despenteado. O gosto de uísque quando ele a beijou. A ampulheta ainda estava sobre a escrivaninha, as delicadas lascas de ouro empilhadas como uma montanha na base. Evelyn tinha ideia do que havia acontecido naquela sala? Tantas linhas foram cruzadas ali — tantas coisas foram ditas. Foi ali que Tem se permitiu beijar Leo sem pensar nas consequências, onde ela se entregou a ele pela primeira vez em seus próprios termos. Como as coisas mudaram.

“ *Então* ”, disse Evelyn enquanto se sentava em uma das poltronas de couro. “Como você está se sentindo, Tem?”

Tem permaneceu de pé. E em silêncio.

“Por favor.” Evelyn fez um gesto. “Sente-se.”

Era a última coisa que Tem queria fazer. Mas ela também não queria prolongar a noite, e tinha a sensação de que Evelyn não a deixaria sair daquele quarto até conseguir o que queria daquela conversa.

Então Tem sentou-se.

Evelyn inclinou-se para a frente. "Imagino que você esteja se sentindo bastante sobrecarregado(a)."

Essa foi certamente uma maneira de colocar as coisas.

"Eu sei que *estou me* sentindo sobrecarregada. Tem tanta coisa acontecendo com o casamento."

Aquele casamento idiota de novo. Tem resistiu à vontade de revirar os olhos. Ela estava começando a ficar atordoada com a forma como Evelyn mudava de personalidade. Num instante, ela era fria e indiferente, no seguinte, cultivava uma falsa sensação de intimidade com suas "conversas de garotas". Tem odiava isso.

“Além disso”, continuou Evelyn, “estou louca para saber mais sobre você. Leo é tão reservado. Pensei em ir direto à fonte.”

Tem estava completamente confuso. Leo, reservado? Ele era tudo menos isso. Ele demonstrava suas emoções abertamente, a ponto de ser inconveniente. Não havia ninguém no mundo mais fácil de decifrar do que Leo.

"Bem... o que você quer saber?" perguntou Tem. Ela não fazia ideia de para onde aquela conversa estava indo e começava a se arrepender de ter se deixado envolver. Ela poderia ter resistido — poderia ter gritado.

Como Caspen pôde deixar isso acontecer? Ou pior, Leo? A culpa era de ambos. Ela os repreenderia mais tarde.

Evelyn inclinou-se para a frente. "Você o amava?"

Kora. Isso foi ir direto ao ponto, sem dúvida.

Tem percebeu como Evelyn usou o pretérito perfeito — como ela não perguntou " *Você* o ama?". Era uma distinção interessante, que enquadrava o relacionamento de Tem como algo do passado, independentemente da resposta. Ela decidiu simplesmente responder com a verdade: "Sim".

Os olhos de Evelyn se estreitaram. "Quanto tempo?"

"Com licença?"

“Por quanto tempo você o amou?”

Essa era uma pergunta mais difícil de responder. Implicava que o amor dela havia chegado ao fim. Mas a verdade era que Tem ainda amava Leo. Ela sempre amaria. "Por que você quer saber isso?"

Evelyn deu de ombros, tentando parecer indiferente, mas o gesto pareceu forçado. "Só estou interessada na sua história."

“Nossa história não deveria importar para você.”

O tom de Tem foi um pouco mais áspero do que ela pretendia. Mas era verdade: a história *de Evelyn* com Leo tinha um impacto muito maior do que a de Tem. Das duas, Evelyn era quem tinha laços mais profundos com o rei atual. Tem deveria ter curiosidade sobre ela, e não o contrário. Mesmo assim, Tem percebeu que não queria saber nada sobre o passado delas. Preferia fingir que não existia. Isso, pelo menos, era mais fácil do que imaginá-las juntas.

“Claro que isso importa”, disse Evelyn. “Você era importante para ele.”

Novamente, no passado. Tem não tinha certeza, mas apostaria tudo o que possuía que ainda era importante para Leo. Ele ainda era importante para ela.

Mas já era tarde demais. Tem não devia detalhes a Evelyn sobre seus sentimentos por Leo, passados *ou* presentes. Evelyn não tinha o direito de conduzir aquela conversa só porque estavam na casa dela. Tem decidiu tomar as rédeas da situação.

“Onde você foi?”

Evelyn cruzou os braços em sinal de defesa. "Quando?"

“Quando você decidiu deixar o Leo.”

Tem também sabia brincar com a linguagem. Ela estava propositalmente enquadrando as ações de Evelyn como uma escolha própria, e não como algo influenciado por alguma carta.

“Fui a uma aldeia vizinha.”

Tem franziu a testa. A aldeia mais próxima ficava a menos de um dia de viagem. Ela não conseguia acreditar que Evelyn estivera tão perto e não sentira vontade de voltar.

“E mesmo assim você nunca voltou? Nem uma única vez, só para vê-lo?”

Evelyn estreitou os olhos. "Pensei que Leo quisesse que eu ficasse longe."

Isso de novo. Mas Tem já não acreditava mais nisso. "Mas certamente você teria tentado voltar pelo menos uma vez, só para ter uma chance de fazê-lo mudar de ideia, para perguntar se ele tinha mesmo certeza?"

Evelyn deu de ombros. "Não quis arriscar."

“Não? Eu teria feito isso.”

Um silêncio tenso se instalou. Então Evelyn disse: "A carta era bastante convincente."

“E mesmo assim você a destruiu.”

“Foi uma lembrança dolorosa para mim.”

“Foi o que você disse.”

Evelyn inclinou-se para a frente. "Você já terminou um relacionamento com Tem?"

“Não. Eu não fiz isso.”

“Então você não tem a menor ideia de como é essa sensação.”

"Imagino que eu não aceitaria um término de relacionamento por carta."

“Mesmo se eu tivesse voltado, o pai dele não teria permitido que ficássemos juntos.”

“Eu também não teria aceitado isso.”

“Então você não conhece Maximus tão bem quanto eu.”

“E o quanto você o *conhece* ?” Desta vez, foi Tem quem fez perguntas incisivas, disfarçadas de inocência.

Mas Evelyn claramente não estava mais para brincadeiras. Ela se levantou, caminhou até a prateleira de bebidas e gesticulou em direção às garrafas. "Vamos tomar um pouco de champanhe?"

“Eu não bebo champanhe.”

“Ah, você precisa ir. É fabuloso.”

Tem abriu a boca para protestar novamente, mas Evelyn já estava lhe servindo uma bebida. Ela entregou o copo a Tem, que o pegou com uma careta.

“Este é o nosso melhor champanhe”, disse Evelyn. “Vale seu peso em ouro.”

Tem olhou para o líquido cintilante com desgosto. Qualquer coisa que valesse seu peso em ouro não valia quase nada para ela. Apostaria que cada gole provavelmente custava mais do que a casa de campo de sua infância.

“Experimente”, insistiu Evelyn.

Tem levou o copo aos lábios e tomou o menor gole do mundo. Para ela, tinha gosto de poeira.

"E então? Não é uma delícia?"

Tem pousou o copo. "Você chegou a planejar voltar? Depois que Maximus morresse, por exemplo?"

Evelyn ergueu as sobrancelhas. Deu um delicado gole em seu champanhe. "Isso é um tanto mórbido, não acha?"

“Na verdade, não. Todo mundo morre.”

Mais um gole de champanhe desceu por sua garganta. Então: "A vida aqui era... difícil... como tenho certeza que você sabe."

Será que Evelyn estava se referindo à sua própria vida na aldeia? Ou estava tentando se conectar com Tem, fazendo referência à sua infância na fazenda de galinhas? Tem ficou surpreso por ela saber alguma coisa sobre isso, considerando que Leo era supostamente tão reservado.

“Sim”, disse Tem, com rigidez. “Eu consigo. Mas certamente estar apenas na aldeia vizinha não era menos difícil?”

Será que foi imaginação dela, ou Evelyn evitou contato visual ao ser questionada?

“Bem.” Ela brincou com a borda da taça de champanhe. “Não foi… tão ruim.”

Os sentidos de Tem se aguçaram. Teria ela conhecido alguém? Seria isso que tornava a vida na aldeia vizinha menos ruim? Teria ela se apaixonado por um homem que não fosse Leo? Mas, se fosse esse o caso, por que ela havia voltado? Seria impossível abandonar um marido recém-casado sem causar um escândalo.

"E o que não tinha de tão ruim nisso?", perguntou Tem. Ela até levou a taça de champanhe aos lábios como se estivesse bebendo.

Evelyn deu de ombros, ainda olhando para o copo.

Ela estava evitando a pergunta. Havia algo acontecendo ali, e Tem estava determinado a descobrir o que era.

"Se fosse *eu* ", disse Tem enfaticamente, "eu ia querer saber como o Leo estava, só para ter certeza de que ele não tinha seguido em frente."

Silêncio.

“Por outro lado, se eu tivesse seguido em frente, não me importaria se ele também o tivesse feito.”

Uma pausa quase imperceptível. Os olhos de Evelyn encontraram os dela. "É isso que você pensa? Que eu segui em frente?"

“Não sei o que pensar.”

Para sua surpresa, Evelyn soltou uma risadinha. "Eu não superei isso, Tem."

O jeito como ela falou dava a entender que era óbvio. Mas nada naquela conversa era óbvio. Evelyn estava se mostrando impossível de decifrar, e Tem estava cansada de dar voltas e voltas. Ela se inclinou para frente. "Então por que você foi embora? O que Maximus escreveu na carta? Ele te ameaçou?"

“Claro que não. Um rei jamais se rebaixaria a tal ponto.”

Tem bufou. Um rei certamente faria isso. "E então?"

Evelyn deslizou o dedo pela taça de champanhe. Ela não respondeu.

Tem olhou para ela sem expressão. O que poderia valer a pena abandonar Leo? Ela mesma só o fizera porque presumira que ele estaria melhor com Evelyn. Uma presunção, como ela estava aprendendo rapidamente, que era categoricamente falsa.

Mesmo assim, Evelyn não disse nada.

Em meio ao silêncio, a mente de Tem trabalhava freneticamente. Por que Evelyn realmente tinha ido embora? Ela não acreditava nem por

um segundo que uma carta fosse suficiente. Não se ela estivesse realmente apaixonada. Não era o *bastante.* Não fazia sentido. Tinha que haver outro motivo.

O quanto Evelyn sabia sobre a situação atual deles? Ela sabia que Tem era o motivo de estarem ali sentados — que Tem tinha sido quem ordenou que Leo a encontrasse? Tem teria pensado que essa seria a primeira coisa que Leo lhe contaria. Mas, segundo Evelyn, ele era reservado. Estava escondendo coisas dela. Estava mentindo.

Mas Tem não se importava se Leo mentisse. Ela se importava se Evelyn mentisse.

Talvez tudo fosse uma desculpa — a carta, Maximus, tudo. Era a saída de Evelyn — a história que ela tinha para contar para não parecer a vilã. A mentira dela.

Tem se inclinou para frente.

“Quer saber o que eu acho? Acho que Maximus nunca lhe escreveu uma carta. É por isso que você não a tem.”

Evelyn franziu os lábios. Ela não respondeu.

Mas Tem não conseguiu parar. "Acho que você queria deixá-lo. Não sei porquê — isso é entre você e Kora — mas acho que você foi covarde demais para contar a ele, então..." Você saiu da cidade. Quando ele veio te procurar, você inventou a história da carta para que ele te aceitasse de volta. E agora você está me procurando para pedir apoio, para corroborar sua mentira. Mas eu não vou fazer isso.

Evelyn continuava sem responder. Ela observava Tem com perspicácia, analisando-a.

“Vou contar para o Leo”, disse Tem.

Um sorriso cruel curvou os lábios de Evelyn. Finalmente, ela falou: "É mesmo?"

Um silêncio tenso se instalou. As duas mulheres se encararam.

“Você não conhece a minha história”, continuou Evelyn, com a voz perigosamente baixa. “E é melhor ter certeza absoluta de que está certa antes de dizer qualquer coisa para o Leo.”

Apesar de si mesma, Tem hesitou. Evelyn não havia confirmado sua teoria. Ela apenas sorrira daquele jeito sinistro — dificilmente uma admissão de culpa. Tem não tinha *provas* de que ela havia deixado Leo por vontade própria. Apenas suspeitas. E ela não podia ir até Leo com

uma suspeita. Não era suficiente. Isso arruinaria tudo, e se Tem estivesse errada? O que aconteceria então?

Evelyn inclinou-se para mais perto. "Ele pode ter sido seu um dia, mas começou como meu e agora é meu novamente."

A fúria cresceu em Tem como uma tempestade.

“Você acha que conhece o Leo, mas eu o conheço melhor”, continuou Evelyn. “E sempre o conhecerei.”

“Se você o machucar, eu vou—”

“O que você vai fazer, Tem? Foi *você* quem o magoou. Você o abandonou.”

“Você também foi embora.”

“Eu voltei.”

Tem não tinha nada a dizer sobre isso, nenhuma maneira de refutar o argumento dela. No fim das contas, não importava se Evelyn só tinha voltado porque Tem se afastado. Ela estava certa — ela tinha voltado.

Tem se levantou abruptamente. "Esta conversa acabou. E não nos encontraremos mais dessa forma. Boa noite."

Dito isso, Tem saiu da sala apressadamente.

Capítulo Nove

Caspen a esperava no hall de entrada. Era estranho vê-lo ali, cercado pelas paredes douradas do castelo, sua beleza etérea ofuscando até mesmo o ouro dos azulejos.

Ele ergueu o olhar quando ela se aproximou, os olhos escuros de preocupação. "Tem. Como foi?"

"Horrível", respondeu ela honestamente.

Uma pausa. "Deseja discutir isso?"

Tem balançou a cabeça. Era tudo o que ela conseguia dizer. Tanta coisa tinha acontecido naquela noite que era impossível distinguir qual evento merecia mais ser discutido.

A mão de Caspen encontrou a cintura dela. "Vamos para casa?"

Lar. Ao pé da montanha.

"Não posso."

Caspen franziu a testa. "Aconteceu alguma coisa?"

Tem apenas balançou a cabeça novamente. "Te encontro de volta nas cavernas."

Ainda assim, Caspen hesitou. Seus dedos apertaram a cintura dela. "Eu sei que isso foi difícil para você esta noite", disse ele baixinho. "Mas você sempre pode conversar comigo sobre isso."

Como ela não respondeu, a voz dele baixou ainda mais:

“Sobre…ele.”

Tem sentiu uma vontade repentina de chorar. Ela não queria falar com Caspen sobre Leo. Era a última coisa sobre a qual deveria conversar com o marido.

“Eu sei que é difícil para você, Tem. Você não está acostumada a… compartilhar.”

Era verdade. A cultura basilisco havia preparado Caspen para a situação entre ele e Leo. Mas Tem não estava preparada. Tem estava sendo dilacerada. Seu engano já havia começado quando ela ocultou sua mente de Caspen durante o sexo. Algo lhe dizia que aquilo era apenas o começo.

"Por favor, Caspen", ela sussurrou. "Só me deixe ir."

Sem dizer mais nada, ele o fez.

Eles saíram do castelo em carruagens separadas.

Tem observou a carruagem de Caspen serpenteando na escuridão, em direção à montanha. A conexão entre eles estava rompida; Tem ergueu uma barreira assim que se separaram. A princípio, ela pensou em ir para a casa de campo dos pais. Mas, no último instante, perguntou o lacaio para levá-la até a aldeia.

O Horseman estava lotado. Gabriel estava em sua mesa favorita, como sempre. Só que desta vez, quando ele olhou para cima e a viu, seu sorriso demorou um pouco para aparecer. "Tem", disse ele. "O que você está fazendo aqui?"

Não era a sua saudação habitual. Normalmente, ele a chamava de "querida" e lhe dava um beijo na bochecha.

“Eu precisava de uma bebida”, disse ela. “O que você está fazendo aqui?”

Tem esperava que ele fizesse uma piada sobre também precisar de uma bebida. Ou talvez de alguma ação. Em vez disso, seus olhos se voltaram para o bar, onde um grupo de homens estava reunido. Tem já os tinha visto antes; eram frequentadores assíduos. O pai de Vera estava entre eles, junto com o irmão mais velho de Jonathan, Jeremy.

“Gabriel?” ela perguntou. “O que está acontecendo?”

Ele franziu os lábios. Tem sabia que ele estava se lembrando da promessa que fizeram — de como juraram ser honestos um com o outro. "Vai haver um protesto esta noite", disse Gabriel finalmente.

Um protesto — exatamente o que Leo havia mencionado no jantar. Tem não queria acreditar nele. Ela encarou os moradores reunidos em volta do bar. Eram homens que ela conhecia desde a infância. Pessoas pacíficas. Tem não conseguia imaginá-los protestando.

"Sobre o quê?", perguntou ela, embora sentisse que já sabia a resposta.

Ele deu de ombros. "Dinheiro. Comida. Todo mundo está passando fome. Não tem nada para todos. Até a sua antiga fazenda está ficando sem ovos. Acredite em mim, eu verifiquei."

Você... verificou?

Se Gabriel tivesse verificado a fazenda dela em busca de ovos, isso significava que ele também estava sofrendo, que sua melhor amiga no mundo inteiro havia sido afetada por suas decisões — que ela havia, inadvertidamente, magoado mais uma pessoa que amava.

"Estou bem, Tem. Eu trabalho no castelo, lembra? Lá não falta comida." Mas havia algo de amargo em seu tom de voz.

"O que você quer dizer?"

Gabriel deu de ombros, evitando o olhar dela. "Nossa futura rainha come bem."

Foi tudo o que ele disse. Mas Tem sabia exatamente o que ele queria dizer. Os membros da realeza não estavam sofrendo; nunca sofreriam. As consequências das ações de Tem recairiam diretamente sobre os aldeões — as pessoas que menos mereciam. Evelyn não sentiria a dor da constrição; seu estômago não se contrairia de fome. Tem pensou no jantar que havia tido apenas uma hora antes — frango assado, batatas douradas, verduras viçosas. Gabriel tinha razão. A nova rainha comia bem.

"O que se pode fazer?", ela sussurrou.

Gabriel deu de ombros novamente antes de tomar um gole apertado de cerveja. Ele não respondeu, e não precisava. Os olhos de Tem voltaram-se mais uma vez para os homens reunidos no bar. Protestar era a única forma de retaliar, a única maneira de os aldeões garantirem que suas vozes fossem ouvidas. Mas isso criava uma situação precária para Leo. Protestos, por mais pacíficos que começassem, estavam a um passo da violência.

“Gabriel”, disse ela. “Isto é perigoso. Quem te meteu nisto não tem as tuas melhores intenções.”

Seus olhos se estreitaram. " *Eu* me meti nisso, Tem. Foi minha escolha estar aqui."

“Eu sei, mas—”

“Consegui convencer todo mundo a participar também.”

Passou-se um instante enquanto Tem entendia o que ele estava dizendo. " *Você* organizou isso?"

“As pessoas estão com raiva, Tem. Eu sou uma delas.”

Lágrimas brotaram em seus olhos. As coisas estavam dando muito errado. Tudo deveria estar resolvido agora que o derramamento de sangue havia terminado; isso deveria ter melhorado tudo. Mas só piorou as coisas.

“Eu trabalho no castelo, Tem”, disse Gabriel. “Eu vejo tudo em primeira mão.”

“Gabriel”, disse ela lentamente. “O que exatamente você viu?”

Gabriel girou os ombros. Sua postura normalmente relaxada estava rígida, os braços cruzados em um gesto protetor. Ele não a olhou nos olhos ao responder. "Eu vejo como eles comem, como vivem. Vejo que ainda estão banhados em ouro enquanto o resto de nós morre de fome." Ele fez uma pausa, e suas próximas palavras vieram em voz baixa. "E vi como eles libertaram as serpentes."

O coração de Tem disparou no peito. "O que você quer dizer?"

Gabriel finalmente olhou para ela. "Você sabe o que eu quero dizer."

Pela primeira vez, Tem percebeu uma acusação em seu tom de voz. Ela se perguntou o que ele teria ouvido dentro dos muros do castelo. Será que ele entendia que, no fim das contas, fora o apelo de Tem que libertara os basiliscos? Da última vez que estiveram ali, ela lhe contara que era meio-basilisco. Ele a compreendera na ocasião. Será que agora ele a culparia por isso? Tem e Gabriel nunca haviam se deparado com uma encruzilhada em sua amizade, nunca chegaram a um ponto em que seus objetivos finais estivessem em conflito. Agora, Gabriel protestava justamente contra aquilo que Tem implorara — aquilo que ela sabia ser o certo. Era profundamente injusto que uma vitória para os basiliscos significasse uma derrota para os humanos. Sempre seria.

Tem ergueu a mão, acariciando o rosto dele. "Nós dissemos que não haveria mais segredos", sussurrou ela. "Nós fizemos uma promessa um ao outro, lembra?"

Gabriel suspirou. "Eu me lembro."

Tem abriu a boca para dizer algo mais, mas uma ovação vinda do bar a interrompeu. Os homens estavam indo em direção à porta.

Gabriel se levantou, e Tem ficou ao lado dele. "O que vocês estão fazendo?", perguntou.

“Eu quero ir.”

Gabriel balançou a cabeça. "Não é seguro para você."

“Então também não é seguro para você.”

“Vai para casa, Tem. Por favor.”

Ela balançou a cabeça. "Se você for, eu vou. Ponto final."

Um leve sorriso surgiu no rosto de Gabriel. "Você está bem teimosa esta noite, querida."

Tem revirou os olhos. "Todas as noites."

Com um suspiro, Gabriel entrelaçou seu braço no dela. Juntos, juntaram-se à multidão e saíram para a rua.

Tem não fazia ideia do que esperar. A energia era contagiante — os homens gritavam, davam vivas e batiam uns nos ombros dos outros. Não havia nenhuma mulher à vista, e Tem se perguntou se seus maridos as haviam proibido de vir, da mesma forma que Gabriel tentara fazer com ela. A maioria das janelas ao redor estava escura — já era depois do jantar, e as crianças da aldeia estavam dormindo. Conforme se aproximavam da praça da cidade, um cântico começou a se formar. Três palavras, repetidas incessantemente:

“Matem as cobras! Matem as cobras! Matem as cobras!”

Um arrepio horrível percorreu a espinha de Tem.

Era o mesmo cântico que os aldeões haviam entoado após a Passagem da Coroa. Aquele dia fora tumultuoso; vários homens invadiram o palco, colocando o príncipe e sua família em perigo. Tem ainda se lembrava de como Gabriel agira prontamente para proteger Leo em seu nome. Depois, Leo aparecera à sua porta e ela limpara uma gota de sangue de sua bochecha. Eles se beijaram, e Tem decidira que os pecados de sua família não eram seus. Mas os aldeões não se deixaram persuadir tão facilmente. E quem poderia culpá-los?

Os cânticos ficaram mais altos à medida que contornavam a esquina em direção à praça da cidade. O braço de Gabriel estava firme no de Tem enquanto atravessavam a praça de paralelepípedos e chegavam aos degraus da igreja. Mas eles não os subiram. Em vez disso, Tem viu uma dúzia de soldados posicionados em frente às enormes portas de

madeira. Eles vestiam armaduras com o brasão real estampado: uma serpente duelando com um galo.

“Eles estão aqui desde o seu casamento”, disse Gabriel por cima dos cânticos. “Protegendo a igreja.”

"Por que?"

“Foram os membros da família real que o construíram.”

Tem encarou a igreja, as estátuas dos deuses. Era o local de culto de Kora e deveria ser sagrado. Era também o edifício mais bonito da aldeia. Rodeada por cabanas de palha, suas paredes de mármore destoavam completamente. Tem olhou ao redor para a multidão, que era bem maior que uma dúzia de pessoas. Os guardas estavam em menor número.

“Gabriel”, disse ela. “O que eles vão fazer?”

“Envie uma mensagem”, disse ele simplesmente.

Um arrepio de pavor a invadiu. Os homens estavam em frenesi. Nem mesmo a estrutura esguia de Gabriel conseguiu protegê-la dos empurrões.

"Você deveria sair daqui", disse ele em seu ouvido.

"E você?"

"Eu preciso fazer isso." Suas palavras carregavam um significado mais profundo.

“Não.” Tem balançou a cabeça. “Você não.”

“Fique aqui, Tem. Por favor. Preciso que você esteja segura.”

Ela abriu a boca para responder, mas Gabriel já havia partido. Tem observou seus ombros enquanto ele caminhava pela multidão, conduzindo os homens em direção à igreja.

O que aconteceu a seguir foi um turbilhão. Num instante, a multidão estava parada e, no seguinte, estava em movimento, avançando em direção aos guardas. Do seu ponto de vista na lateral, Tem podia ver o pânico nos olhos deles enquanto os aldeões desciam sobre eles numa onda impiedosa. Se não fosse por Gabriel, ela teria fugido. Em vez disso, observou-o guiar a multidão, direcionando-a para que empurrassem os guardas para o lado direito da igreja. A princípio, Tem pensou que estivessem abrindo caminho para entrar. Mas, em vez disso, apenas um homem subiu os degraus. Ele usava luvas pretas em ambas as mãos e carregava um balde de madeira. Ao chegar ao meio dos degraus,

ajoelhou-se, mergulhando a mão no balde e retirando o que parecia ser lama.

“ *Ei!* ” gritou um dos guardas, apontando para ele. “Pare com isso imediatamente!”

Mas o homem ajoelhado o ignorou, inclinando-se sobre os degraus para espalhar a lama no mármore. Nesse instante, o vento mudou de direção, e o rosto de Tem se contorceu quando um cheiro fétido lhe atingiu as narinas. Não era lama. Ela teria reconhecido aquele fedor em qualquer lugar — crescera com ele impregnado em suas roupas, persistindo em seus cabelos, não importando quantas vezes os lavasse. Ela sabia exatamente o que o homem estava espalhando pelos degraus da igreja.

Merda de galinha.

Era inimaginável — uma profanação tão horrível que Tem não conseguia compreender. Ela cobriu o nariz com a manga, tentando abafar o cheiro, mas nada conseguia bloquear aquele fedor. Foi então que Tem percebeu que o homem estava escrevendo algo. Duas palavras, borradas no mármore branco e liso dos degraus da igreja, à vista de todos:

Alimente-nos.

Tem encarou as letras marrom-escuras. Era um apelo desesperado, um símbolo claro de como os moradores se sentiam em relação à escassez de alimentos, sem mencionar os assassinatos de Jonathan. e Christopher. Eles jamais perdoariam um ato de violência como aquele, especialmente por ter quebrado a trégua. E nem deveriam. Caspen ficou impune. E como ele não estava disponível para repreendê-lo, escolheriam o próximo no poder: Leo. Os aldeões não sabiam que a bondade de Leo era a razão pela qual estavam passando fome. Não sabiam que ele tentara fazer o certo, que suas escolhas nasceram do desejo de fazer o melhor para o povo de Tem, assim como para o seu. Tudo o que sabiam era que seu rei estava sendo mais leniente do que os reis anteriores. Tudo o que sabiam era que a comida em suas mesas estava escassa, que suas roupas estavam ficando mais folgadas. Atribuíram tais prejuízos à realeza, às cobras, a Leo. Mas, na verdade, a culpa era de Tem. Ela estava no centro de tudo; ela havia pedido o fim do derramamento de sangue. Ela havia implorado a Leo que escolhesse.

Tem compreendia a raiva deles. Mas descarregá-la nos degraus da igreja era inconcebível — ela nunca tinha visto uma demonstração de desrespeito tão horrível. E, no entanto, eles tinham todo o direito de fazê-lo. Os membros da realeza deveriam proteger seus súditos. Não deveriam se isolar em seu castelo enquanto todos os outros passavam fome.

Assim que o homem terminou de falar, a multidão se dispersou. Os aldeões correram em todas as direções, espalhando-se pelas ruas laterais antes que os guardas pudessem decidir quem perseguir.

Os belos cabelos dourados de Gabriel surgiram de repente diante dela. Seu lábio estava cortado.

“Vamos.” Ele agarrou a mão dela e a puxou para o beco mais próximo. Correram juntos até a entrada da vila, parando apenas quando estavam quase chegando ao muro.

“Gabriel”, Tem ofegou, quase se curvando enquanto recuperava o fôlego. “Aquilo foi—”

“Incrível”, disse ele.

Ela olhou para ele. Inexplicavelmente, ele estava sorrindo. "Perigoso", insistiu ela. "Isso foi *perigoso* , Gabriel. E se alguém tivesse se machucado?"

“Todos nós conhecíamos os riscos.”

“Você nunca mais pode fazer algo assim. Você pode perder o emprego. E se um dos guardas tivesse te reconhecido?”

“Os guardas não entram no castelo.”

“Mesmo assim, você—”

“Tem”, disse ele, colocando as mãos nos ombros dela. “Pare. Eu elaborei um plano, organizei todo mundo e o plano funcionou. *Eu* fiz isso.”

Tem olhou para ele incrédula. Seus olhos brilhavam, seu rosto se iluminava. Claramente, aquilo o fazia se sentir vivo. De alguma forma, apesar de si mesma, Tem percebeu que entendia aquele sentimento. Gabriel acabara de descobrir que era bom em alguma coisa. Tem, mais do que ninguém, sabia o quanto isso podia ser libertador. Ela só desejava que a coisa em que ele era bom não fosse... protestando contra a família real.

Gabriel pressionou os lábios contra a bochecha dela. "É melhor você ir."

Não havia mais nada a dizer. Um instante depois, ele se foi.

Tem seguiu o caminho sinuoso entre as árvores, seu coração finalmente se acalmando com o silêncio que se instalou. Ali, na quietude, ela se permitiu refletir sobre o que acabara de presenciar. Os aldeões estavam furiosos. Não era o ideal. A ira deles refletia o que Evelyn havia dito no jantar: *É lamentável que nosso povo seja afetado por isso.*

Será. Como se os efeitos já não estivessem em curso.

Alimente-nos.

Tem não conseguia parar de imaginar aquelas palavras horríveis e manchadas. Escrever algo tão blasfemo sob o beiral da casa de Kora era um pecado que Tem não conseguia compreender. Pela primeira vez, o medo a invadiu. Não faz muito tempo, as coisas eram diferentes. Não faz muito tempo, era Maximus quem teria colhido as consequências da rebelião. Agora, essas consequências recaíam sobre seu filho.

Quando Tem voltou às cavernas, estava decidida a falar com Caspen. Ele era quem havia matado Jonathan e Christopher; ele era quem teria a solução para aquilo. Contudo, ao chegar aos aposentos deles, ele não estava lá. Uma busca superficial não revelou nada. Ele não estava no pátio, nem no salão de banquetes. Tem estava prestes a desistir de procurar quando ouviu uma voz atrás dela.

"Sozinha esta noite, Temperance?"

A voz pertencia a Apolo.

Capítulo Dez

Ele estava encostado na parede do corredor, com os braços cruzados e a expressão indecifrável. Ela foi novamente surpreendida pelas semelhanças entre ele e Caspen — como ambos compartilhavam os mesmos ombros largos, a mesma testa forte. Mas a beleza de Apollo era mais austera que a de Caspen. Ele se parecia mais com o pai do que com o irmão, e toda vez que Tem o olhava, não conseguia evitar pensar em Bastian.

“Procurando alguém?”

Um canto da boca de Apolo se curvou num sorriso. Não havia ninguém que Tem estivesse procurando além do marido. Ele sabia disso, e ela também.

Mesmo assim, Tem respondeu: "Você viu Caspen esta noite?"

Apolo deu um passo à frente, com os braços ainda cruzados. Seu pênis estava semi-ereto, grosso, reto e glorioso. Tem já havia tirado o vestido, como se tornara costume ao retornar às cavernas. De repente, ela se deu conta de que estava nua.

“Eu o vi ontem. Isso conta?”

“Não”, disse Tem. “Não funciona.”

"Que pena." Ele sorriu ainda mais. "Gostaria de poder ajudar mais."

Você costuma ser prestativo?

“Ocasionalmente. Por exemplo, eu sei onde Caspenon está agora.”

"Com licença?" Tem retrucou. "Você acabou de dizer que não tinha—"

“Você perguntou se eu o tinha visto esta noite. Não se eu sabia onde ele estava naquele momento. Você já deveria saber que os basiliscos se orgulham dos detalhes, Temperance.”

Se fosse possível revirar os olhos ainda mais, ela o faria. Apolo era irritante. Mas isso não era surpreendente. O que *era* surpreendente era

a sua disposição em ajudá-la.

“Tudo bem.” Ela cruzou os braços. “Então, onde ele está agora?”

Apolo sorriu. "E por que eu deveria te contar isso?"

“Porque ele é meu marido. E eu quero saber.”

“Apenas uma dessas razões me convence.”

Tem não se preocupou em saber qual. "Só me diga, Apollo", disse ela. "E então nós dois podemos seguir com nossas noites."

“E se eu não quiser continuar com a minha noite?” murmurou Apolo, dando um passo à frente. *muito* mais perto do que era apropriado. "E se eu quiser ficar aqui com você?"

Tem ergueu os olhos para ele — os familiares olhos dourados, a mesma pele lisa e quente. O calor de Apolo emanava dele, assim como o de Caspen, envolvendo-a. Mas ela não se deixaria seduzir por ele.

"Não me importa o que você quer", ela retrucou. " *Eu* quero meu marido."

“Talvez eu possa ser o que você deseja para esta noite.”

“Já tenho *namorada* , Apollo.”

“Existem muitos tipos de relacionamentos, Temperance. Não tenho dúvida de que poderíamos encontrar um acordo que agradasse a todos.”

“Já estou satisfeita com o meu acordo, muito obrigada.”

Ele deu um sorriso irônico. "Se você insiste."

“Eu insisto.”

O sorriso irônico se alargou. "Você não precisa da permissão dele para fazer o que quer, sabia?"

“E como você sabe o que eu quero?”

“Por favor”, ele riu. “Eu consigo sentir.”

Isso a fez lembrar do que Caspen havia dito nas cavernas: " *Você tem medo de mim. Eu consigo sentir."*

Tem tinha medo de Apollo? Ela não tinha certeza. Certamente, estava cautelosa com ele. Mas isso não significava necessariamente medo, e seria errado confundir as duas coisas. Ela ainda estava o conhecendo. E o que sabia até então era decididamente irritante.

Quando ficou claro que Tem não iria ceder aos seus desejos, Apolo disse: "Seu marido está caçando."

Tem franziu a testa.

“Ah”, sussurrou Apolo. “Você está surpreso que ele tenha buscado sustento sem sua noiva?”

“Claro que não. É só que…”

Mas *foi* uma surpresa. Não havia como negar. Tem sempre caçava com Caspen — desde que chegara aos fundos da montanha. Era a rotina deles, e era especial fazer isso juntos. Mas, considerando como o jantar terminara, ela não podia exatamente culpá-lo por ir sozinho. Afinal, ela tinha ido à aldeia ver Gabriel. Era justo que Caspen relaxasse da maneira que achasse melhor.

"Você está magoada", disse Apolo em voz baixa, interrompendo seus pensamentos.

Tem piscou. "O quê?"

“Você tem um hematoma.” Ele ergueu os dedos e os tocou suavemente na bochecha dela. “Bem aqui.”

Tem nem tinha percebido — provavelmente era um resquício da multidão barulhenta. Ela Ela afastou a mão dele com um tapa. "Não me toque."

Apolo baixou a mão. "Hematomas são complexos", disse ele com um sorriso irônico. "Tal como você."

Tem revirou os olhos. Não era a primeira vez que um irmão Drakon tentava elogiá-la, e certamente não era o elogio mais lisonjeiro. Dizer que ela era complexa era como dizer que o sol era brilhante. Não era uma análise inovadora, e não a amoleceria aos olhos de Apolo.

“Suas habilidades de observação deixam a desejar”, disse ela.

"Será?" Apolo arqueou uma sobrancelha, aproximando-se ainda mais. Seu sorriso se alargou tanto que parecia que ia rachar seu rosto. "E o que você sabe sobre desejo?"

Não era a primeira vez que Tem se arrependia profundamente das palavras que acabara de dizer. Apollo encarava tudo como um desafio. Tudo era uma provocação e uma zombaria, e Tem estava cansada disso.

Ou será que não?

A noite tinha sido pesada. Mas, por algum motivo, aquele momento não era. Por algum motivo, ela se sentia estranhamente à vontade com Apollo, como se estivesse jogando um jogo no qual era boa. Então, em vez de recuar quando a mente de Apollo roçou a sua, Tem saboreou a

sensação, percebendo como a presença dele era semelhante à de Caspen. Ambos eram opressores, mas não eram iguais. Enquanto Caspen era rígido, Apollo era descontraído. Como se existisse no espaço entre o certo e o possível.

Tudo é possível, Temperança.

E, tão rapidamente quanto surgiu, sua resistência retornou. *Não para nós.*

Nós devemos dormir juntos. Com certeza, meu irmão te contou.

Ele me disse que você tentaria.

E o que você faria se eu fizesse isso? Afinal, é época de acasalamento.

Eu diria que não.

Estou tentando agora mesmo.

Eles estavam a trinta centímetros de distância um do outro. Nem sequer se tocavam. Mesmo assim, Tem sabia que o que ele dizia era verdade. Aquela era a primeira investida de Apollo. Ele estava testando o terreno para ver como ela reagiria. O que aconteceria a seguir dependia dela.

Bem, você está falhando.

Será que sou mesmo?

Sim. Miseravelmente.

Isso fez Apollo rir.

Será que é tão errado assim querer saber o que você pensa de mim?

Não penso em você de jeito nenhum.

Seu rosto se contorceu num sorriso. *Você me magoa.*

Ninguém poderia te ferir.

Discordo. Você, mais do que ninguém, está à altura da tarefa.

Não me lisonjeie.

Não é bajulação. É simplesmente um fato.

O jeito como ele disse isso a fez corar. A conversa estava ficando muito real — muito íntima. Tem precisava criar alguma distância. Então ela disse em voz alta: "Eu não quero magoar o Caspen."

Apolo soltou uma risadinha suave, falando em voz alta para acompanhar o ritmo dela. "Meu irmão e eu dançamos isso há séculos,

Temperança. Seria um erro você pensar que é a primeira pessoa a se encontrar nessa situação."

E que situação! Tem entendeu o que Apolo estava insinuando: que ele e Caspen já tinham feito isso antes — que ela não era a primeira a se intrometer entre eles. Mas Tem não tinha a menor vontade de repetir a história.

“Sou leal a ele”, insistiu ela.

“Ninguém disse que você não era. Você considera essa conversa desleal?”

“Considero isso um incômodo.”

“É mesmo? Seu coração diz o contrário.”

“Meu *coração* ?”

“Consigo ouvi-lo batendo, Temperance. Ele acelera sempre que você olha para mim.”

Tem olhou fixamente para o chão. Caspen lhe dissera a mesma coisa na primeira vez que comeram juntos. " *Seu batimento cardíaco"* , ele dissera. " *Está irregular."*

“Meus batimentos cardíacos não são da sua conta.”

“E, no entanto, bate tão forte que não consigo ouvir mais nada.”

“Bem, pare de ouvir.”

"É bastante difícil ignorar você, Temperance."

Tem não sabia se aquilo era um elogio e, francamente, já não se importava. A noite não tinha corrido como planeado. Não esperava falar com Evelyn, não esperava presenciar um protesto na aldeia, não esperava encontrar Apollo. Era tarde e estava sozinha com o irmão do marido, e nada do que estava a acontecer parecia estar minimamente sob o seu controlo.

Ela balançou a cabeça, tentando clarear os pensamentos. "Como você pode falar comigo desse jeito?"

Para sua surpresa, Apolo riu. "Gosto de como você cora quando eu faço isso."

Tem resistiu à tentação de tocar as bochechas com os dedos. Ela não precisava tocá-las para saber que estavam quentes. Apollo a deixava tão... *sem jeito.*

“Estou corando porque estou com raiva. Não porque você está flertando.”

“É mesmo? Fascinante. Nunca ouvi falar de rubor de raiva. Você deve ser a primeira pessoa a experimentar isso.”

“Então acho que sou o primeiro.”

“Que emocionante”, disse ele, inclinando a cabeça. “Ser um pioneiro como ele.”

Tem revirou os olhos. Não havia absolutamente nada que se pudesse fazer com ele. Ele era *irracional* . Ela não conseguia acreditar que ele agiria dessa forma, especialmente sabendo que ela era casada com o irmão dele. Não importava que os basiliscos fizessem as coisas de maneira diferente. Não era assim que se fazia. Ela deveria ir embora. Deveria lhe dar boa noite e se afastar. Então, por que não o fez?

A verdade era que ela não queria. Tem *queria que* Apolo ouvisse as batidas do seu coração — que continuasse parado perto demais dela. Parecia certo estar em sua proximidade. Ali, na quietude do corredor, Tem conhecia a tentação. Ela entendia o que significava olhar para Apolo e querer tocá-lo — querer que ele a tocasse. Ela se lembrou da primeira noite da temporada de acasalamento, de como o casal havia transado no colchão diante dela — de como ela só chegou ao orgasmo depois que seus olhos encontraram os de Apolo.

Mas isso não importava. Ele não era Caspen.

“Isto pertence ao seu irmão”, disse Tem firmemente.

“ *Isto?* Você é um objeto?”

Ela franziu a testa. "Não."

“E, no entanto, você pertence ao meu irmão. Isso implica propriedade.”

Ela balançou a cabeça. Era difícil refutar o argumento de Apollo estando tão perto. Apesar dos esforços de Tem, seu olhar insistia em se desviar para a grossa haste do pênis entre as pernas dele. Algo brilhava na ponta: uma gota de sêmen perfeitamente redonda. Tem nunca tinha visto algo assim. Quando Caspen ejaculava, seu pênis estava ou dentro dela ou em sua garganta. Ela nunca tinha visto um pênis ereto que já estivesse escorrendo sêmen.

Apolo seguiu o olhar dela. Seus pensamentos voltaram-se para os dela . *Isso é para você.*

Eu não quero isso.

É mesmo? Então por que você está olhando fixamente para isso?

Os olhos de Tem voltaram-se bruscamente para os dele. *Eu não estou encarando nada.*

Você pode ficar olhando à vontade. Não me importo.

É claro que ele não se importava. *Queria que* ela ficasse olhando. Queria que ela fizesse muitas outras coisas também. Tem sabia que deveria se afastar — sabia que deveria ir embora e ir para a cama. Mas estava paralisada, enfeitiçada pelas palavras inebriantes de Apolo. Ele não era diferente de Leão nesse aspecto. Ambos tinham talento com a boca.

Apolo estava a poucos centímetros de distância, a cabeça inclinada para baixo, os lábios imitando os dela.

Você gostaria de provar?

O desejo a consumia. Como seria, ela se perguntou, levantar o dedo, roçá-lo na ponta do pênis dele e prová-lo? Teria um gosto diferente do de Caspen? Ou, ainda mais intrigante: teria o mesmo gosto? Ah, eles estavam em território perigoso agora. *Não era* isso que Tem esperava fazer naquela noite. Mas seu marido tinha ido embora, e o irmão dele estava ali, e o pênis dele estava duro, pronto e lubrificado para ela. Seu lado basilisco praticamente rugia de prazer ao pensar em levar Apolo para a cama. Por que ela não deveria se dar a esse luxo?

Tem nem sequer tinha percebido que havia levantado a mão até que a presença de Apolo invadiu sua mente. Ele apertou suas têmporas, expulsando tudo, exceto a si mesmo.

Toque nele. Seu aperto se intensificou.

Tem quase desmaiou.

Prove, Temperança. É sua.

Tem estava insuportavelmente quente. Sua mão ainda estava levantada, seus dedos a um centímetro da ponta do pênis dele.

Prove, Temperance. Coloque meu sêmen na sua boca. Deslize-o pela sua língua. Engula.

O canal parecia girar ao seu redor. Sua garganta estava apertada.

É só uma questão de tempo até você ceder a mim. Então ceda agora.

Mas ela não podia ceder. Ceder seria dar ouvidos ao seu lado basilisco — o lado que ela ainda estava aprendendo a domar. O lado que pecava.

Pecar é viver, Temperança. Eu sei que você me quer. Então me prove.

Por fim, Tem não aguentou mais. Ela olhou Apollo diretamente nos olhos e disse: "Se você disser mais uma palavra, vou te dar um tapa."

Os olhos de Apolo brilharam. Ele se inclinou, sua respiração roçando as bochechas coradas dela enquanto sussurrava: "Por favor, faça isso."

Algo dentro de Tem simplesmente se quebrou. Ela não aguentava mais aquela noite — não aguentava mais Apollo, seus joguinhos e sua insistência em fazê-la *sentir algo* quando essa era a última coisa que ela queria. Então, ela lhe deu um tapa.

Tem se entregou completamente àquilo — cada grama de frustração que sentira nos últimos dias, cada preocupação profunda e angustiante que acalentava desde que começara sua jornada sob a montanha. Tudo o que ela queria era *calá-lo.*

No instante em que a palma da mão dela fez contato, Tem sentiu uma sensação semelhante a um clímax. Ela percorreu o corpo dela até o dele, e ela tinha certeza de que Apolo também a sentira. A troca de energia foi poderosa — reverberou pelo corredor como uma força física, bagunçando seus cabelos e levantando poeira das paredes. Apolo virou a cabeça bruscamente. Então, voltou-se para ela lentamente.

Mesmo tendo acabado de lhe dar um tapa, ele a olhou como se ela o tivesse beijado. E talvez, na opinião dele, ela o tivesse beijado mesmo. O tapa era tão bom quanto um beijo. Ambos eram uma troca de poder. Ambos eram uma reação apaixonada e visceral. O tapa só confirmou que Tem estava fora de controle com ele, que ela era incapaz de resistir às suas emoções. Ela pensava que estava traçando uma linha entre eles, mas agora percebia que estava fazendo exatamente o oposto. Pelo jeito que Apollo sorria, ele certamente também percebeu. Ela o havia esbofeteado, mas ele havia vencido.

Uma marca vermelha estava se formando em sua bochecha. Tem sabia que Apollo mal havia se ferido, se é que havia se ferido; Aquilo só o fizera feliz. Ele sorria para ela com um triunfo absoluto nos olhos, como se soubesse exatamente o que finalmente conseguira provocar. Não havia dúvida de que ele vencera aquela pequena troca de palavras. Sua intenção era provocá-la, levá-la ao limite, e ele conseguira.

"Você não vai se curar sozinha?", disparou Tem. Ela não conseguia pensar em mais nada para dizer.

Apolo deu um sorriso irônico. Mesmo com a marca da cicatriz, ele era devastadoramente bonito. Passou os dedos pela bochecha. "Prefiro ter uma lembrança sua."

Tem já estava molhada. Mas as palavras dele a deixaram ainda mais molhada. "E *eu* preferiria esquecer que isso aconteceu."

"Você faria isso? E por quê?" A marca vermelha no rosto de Apolo estava se alastrando. Tem conseguia ver claramente a impressão de sua aliança de casamento. Como ela não respondeu, Apolo continuou: "É porque você tem medo do que poderíamos ser?"

Essa não era uma pergunta que Tem estivesse minimamente preparado para responder.

“Ou será que é porque você tem medo daquilo que já somos?”

Por algum motivo, a raiva cresceu dentro dela. Tem não sabia se estava com raiva de Apollo ou de si mesma. A essa altura, não importava. Ela não suportava a expressão presunçosa dele, a maneira como ele claramente se deleitava com a vitória. Era hora de acabar com isso.

"Não somos nada", ela rosnou. " *Você não é* nada."

Pela primeira vez, uma sombra de mágoa brilhou nos olhos de Apolo.

Sumiu tão rápido que Tem nem teve certeza se viu. Mas isso a levou a dizer: "Desculpe—"

“Não”, ele a interrompeu. “Você não está. E eu não quero que você se desculpe de qualquer forma. Você está certa, e sabe disso muito bem.” Ele se aproximou, e as bochechas de Tem coraram. “Aceitar seu pedido de desculpas seria confortá-la.”

Eles se encararam, a poucos centímetros de distância, ambos respirando com dificuldade.

Por fim, Apolo sussurrou: "Não venha a mim em busca de consolo, Temperança. Venha a mim quando quiser que eu a foda do jeito que meu irmão não fará."

Dito isso, ele se virou e desapareceu.

Tem ficou sozinha, atordoada demais para se mexer, com o coração disparado no peito. Apolo era *impossível.* Não havia outra palavra para descrever.

E, no entanto.

Flertar com Apollo era uma emoção que ela não sentia desde que flertara com Caspen: o fascínio do proibido, a promessa de mais. A possibilidade de destruição. Havia algo no outro irmão Drakon que a atraía, que a tentava. Mas Tem não podia se dar ao luxo de ser tentada. Se cedesse — se se rendesse aos seus instintos e deixasse Apollo transá-la — colocaria em risco seu relacionamento com Caspen. E nada poderia impedir isso. Ela fez isso. Tem não acreditou nele, por mais que ele afirmasse veementemente que não se importaria se ela dormisse com o irmão dele, e que não valia a pena descobrir se ela estava certa.

Caspen já estava nos aposentos quando Tem voltou. Uma folha molhada estava grudada em seu ombro, e ele tinha sujeira nas costas. Ele ergueu os olhos quando ela entrou.

“Tem.” Os olhos dele percorreram o corpo dela, e, não pela primeira vez, Tem se perguntou se ele conseguia sentir o que ela acabara de fazer. “Onde você estava?”

“Onde *você estava* ?”

"Caça."

"Sem mim?" Tem tentou dizer isso casualmente, mas sua mágoa deve ter ficado estampada em seu rosto, porque Caspen se aproximou dela e segurou seu queixo com a mão.

"Eu precisava fazer a transição", disse ele em voz baixa. "Não queria te sobrecarregar."

Tem assentiu com a cabeça. Não era justo da parte dela esperar que ele se adaptasse ao seu ritmo, que era muito mais lento que o dele. Só agora ela entendera com que frequência Caspen tinha que caçar, que ele precisava de um suprimento constante de alimento além do que estava disponível no salão de banquetes. Ela não podia culpá-lo por ir sozinho.

“Não era minha intenção te deixar”, disse ele em voz baixa.

"Eu sei."

Um longo momento se passou antes que sua expressão endurecesse repentinamente, e ele se inclinasse para frente. "Você está magoada." Os dedos de Caspen roçaram sua bochecha.

Tem fez uma careta ao tocar no mesmo lugar que Apollo havia tocado antes. Uma pulsação fria surgiu sob sua pele, e ela soube que Caspen a

havia curado. De repente, ela se perguntou por que Apollo não o havia feito. "Ninguém me machucou", disse Tem rapidamente. "Eu prometo."

“Então por que você está com hematomas?”

Ela ouviu o medo e a fúria em sua voz — sabia que ele estava se lembrando da vez em que ela o procurara desesperada e assustada, logo depois que Jonathan e Christopher tentaram tocá-la.

“Eu fui ao Horseman com Gabriel”, disse ela, tentando decidir naquele momento o quanto deveria contar a ele. “E houve um… protesto depois. Ficou violento.”

“Um protesto?”

"Sim."

“Um protesto por quê?”

Mas como explicar isso? Superficialmente, os aldeões protestavam contra a realeza, lamentando a repentina queda na produção de alimentos agora que o derramamento de sangue havia cessado. Mas uma corrente subterrânea mais profunda permeava sua inquietação e, em última análise, sua ira se dirigia aos basiliscos — a Caspen.

“Sem o derramamento de sangue, não há comida suficiente para todos”, disse Tem, cautelosamente.

Caspen ouvia com uma raiva mal contida. Ela emanava dele em ondas, pressionando as bordas da mente dela. "Eles deveriam ter pensado nas consequências antes de abrir meu povo."

Tem não tinha nada a dizer sobre isso. Aos olhos de Caspen, a punição era proporcional ao crime. "Jonathan e Christopher estão mortos", continuou ela, mantendo a voz o mais calma possível, sabendo que fora Caspen quem os matara. "Os aldeões estão furiosos."

Caspen bufou. "A raiva deles não me diz respeito."

“Deveria ser.”

“E por que isso acontece?”

“Porque eles já estão protestando contra a família real. Se não obtiverem a resposta que desejam, podem resolver a situação por conta própria. Podem direcionar sua raiva para cá.”

Outro resmungo. "Você realmente acha que os aldeões podem nos machucar?"

Tem pensou na sede de sangue que vira nos olhos deles — na forma como atacaram os guardas nos degraus da igreja. Pensou em como Gabriel era bom em organizar coisas. "Sim", disse ela baixinho. "Sim, eu sei."

Afinal, a primeira guerra entre humanos e basiliscos fora vencida com escudos espelhados. No fim das contas, foram os humanos que prevaleceram. Por que não poderiam fazer o mesmo novamente?

“Se isso for verdade, você não deveria ter ido em primeiro lugar.”

“Não foi minha *intenção* . Simplesmente aconteceu—”

"Você deveria saber que não deve se colocar em perigo quando é a rainha."

“Mas eu—”

Caspen colocou as mãos em cada lado da cabeça dela. "Eu te amo", sussurrou, com a respiração roçando o rosto dela. "Mas não posso te proteger de todas as ameaças."

“Nada vai me acontecer”, insistiu ela. “Eu prometo.”

“Você não pode fazer tal promessa.”

Finalmente, Tem entendeu do que se tratava. Caspen estava com medo por ela. Ele vira sua família e seu povo serem massacrados pelos humanos durante séculos. Agora, com a tensão aumentando, ele não queria que a mesma coisa acontecesse com ela.

“Estou bem, Caspen. É com o Gabriel que estou preocupado. E com meus pais.”

Caspen balançou a cabeça. "Seus pais estão sob nossa proteção. Eles não sofrerão nenhum mal."

“E Gabriel?”

Caspen franziu os lábios.

Tem endireitou os ombros. "Ele é meu melhor amigo, Caspen. Não quero que ele passe fome por minha causa."

“Ele não vai morrer de fome.”

"Como você sabe?"

“Porque eu sempre protegerei aqueles que você ama, Tem. E se você acredita no contrário, você não me conhece de verdade.”

O fogo crepitava ao lado deles. Tem não sabia o que dizer. Ela sabia que Caspen a protegeria. Mas nem sempre acreditava que ele

protegeria as pessoas que amava. Principalmente quando essas pessoas queriam machucá-lo.

Caspen suspirou, e parte da tensão deixou seus ombros. "Não vou deixar que nada aconteça com eles", concluiu em voz baixa. "Eu prometo."

Tem não conseguia encará-lo. Ela já ouvira muitas promessas na vida. A maioria delas de homens. Ela esperava sinceramente que Caspen cumprisse essa. Um momento de silêncio se seguiu. Os dedos de Caspen percorreram seu rosto novamente, tocando o local onde o hematoma estivera.

“Você precisa ter cuidado”, ele sussurrou.

Ela suspirou. "Eu *sou* cuidadosa. Foi apenas um acidente."

Ele balançou a cabeça. "Se eles tentarem te machucar, transformarei a aldeia inteira em pedra."

Em vez de confortá-la, essa declaração teve o efeito contrário. "Como você pode dizer isso? Uma vez não foi suficiente?"

“Agora você nos pertence”, disse Caspen com firmeza.

Era uma verdade que Tem ainda não estava pronto para reconhecer.

Como ela não respondeu, ele sussurrou: "Você precisa se proteger, Tem."

“Como? Você não vai me ensinar.”

As palavras simplesmente escaparam. As sobrancelhas de Caspen se ergueram e, em seguida, se franziram. "Petrificação não é proteção."

Tem apenas balançou a cabeça. Não era uma discussão que ela venceria, mas mesmo assim queria discuti-la. "Por que não?"

Tem nem tinha certeza do porquê de estar insistindo nisso. Ela nunca havia pensado muito sobre petrificação — afinal, tecnicamente era assassinato. E Tem não tinha o menor desejo de ser uma assassina. Mas ela *desejava* aprender tudo o que havia para saber sobre seu lado basilisco. Se Caspen queria que ela se protegesse, essa era a melhor maneira de fazê-lo.

“Mas e se eu precisar fazer isso algum dia? E se eu estiver em perigo?”

“Você nunca estará em perigo quando eu estiver com você.”

“Mas você nem sempre está comigo.”

Caspen hesitou, e ela soube que o tinha na palma da mão. Era impossível que ele a protegesse o tempo todo — ainda mais impossível se ele fosse se ausentar por longos períodos de caça, como acontecera naquela noite. Uma onda de indignação surgiu repentinamente dentro dela.

Foi injusto da parte de Caspen reter um conhecimento tão crucial. Todos os outros basiliscos sob a montanha sabiam como petrificar. Mas não Tem. "O que você esperava, Caspen?" Que eu nunca vou petrificar ninguém?"

Ele não respondeu.

Tem se aproximou. "Você não pode esconder isso de mim para sempre. Não está certo."

"Chega, Tem. Discutiremos isso em outra ocasião."

"Mas-"

"Eu disse que já chega."

Tem franziu os lábios. Ela não estava chateada apenas com a petrificação. Esse era apenas um problema em uma lista crescente de coisas que a pressionavam como uma avalanche — a obstinação de Evelyn, o protesto que presenciara naquela noite, as investidas de Apolo. Estava ficando demais, e tudo aquilo tinha apenas começado.

Um momento de silêncio se instalou enquanto se encaravam. Tem ergueu a mão e delicadamente afastou as folhas do ombro dele, saboreando o calor da pele sob seus dedos. Caspen fechou os olhos enquanto ela fazia isso, e ela sabia que ele também estava apreciando. Era tudo o que bastava com Caspen: um toque, e ela o perdoaria. Não importava que estivessem em desacordo, que as coisas estivessem rapidamente chegando a um ponto crítico. Tudo o que importava era que agora estavam juntos.

Tem o puxou para um beijo.

No momento em que a situação se agravou, ele se afastou. "Agora não, meu amor."

Ela não conseguia acreditar que ele estava lhe negando sexo. Era algo impensável. "Por que não?"

"Porque já estamos atrasados."

"Para que?"

"Época de acasalamento."

Capítulo Onze

"Você está falando sério?"

“Sim, Tem.” Ele sorriu, pressionando os lábios contra a bochecha dela. “Sou eu.”

Tem não deveria ter se surpreendido. Para os basiliscos, não importava que fosse meia-noite. Para eles, tanto fazia se era dia. Mas para Tem, era hora de dormir, e ela bocejou amplamente quando Caspen a agarrou pela cintura e a puxou para o corredor.

A montanha fervilhava de atividade. Basiliscos passavam em bandos de ambos os lados, todos em direção ao pátio. Ao entrarem, Tem viu as decorações que escolhera para adornar o espaço. Era algo pequeno, mas lhe dava orgulho, mostrava que ela havia contribuído de alguma forma, mesmo que apenas superficialmente.

Os lábios de Caspen tocaram a orelha dela. "Preciso falar com o conselho", murmurou ele. "Já volto."

Antes que Tem pudesse protestar, ele já havia sumido. Ela olhou ao redor do pátio, desesperada para encontrar um rosto amigo. Por sorte, seu olhar recaiu sobre Adelaide. Ela estava sentada sozinha em um banco, bebendo um cálice de elixir. Quando Tem se sentou ao lado dela, uma sensação imediata de alívio a invadiu.

“Temperance.” Adelaide sorriu. “Boa noite. A que devo a honra?”

A quê, afinal? Na verdade, só havia uma coisa que Tem queria lhe dizer: "Eu dei um tapa em Apollo."

Adelaide ergueu as sobrancelhas. "Posso perguntar por quê?"

“Ele não parava de flertar comigo.”

Adelaide riu. "Sim. Ele costuma fazer isso."

“Bem, eu gostaria que ele parasse.”

“Você faria isso?”

A pergunta a fez lembrar da conversa com Apollo e ela sabia que a verdade não era tão simples. "Eu... não sei", disse ela honestamente.

Adelaide sorriu. "Apolo é complicado."

“Ele me parece bastante simples.”

“Se ele lhe parece assim, então você o subestimou, e esse é o seu erro.”

Houve uma pausa, e ambos ficaram olhando fixamente para a multidão de basiliscos.

Tem se virou para ficar de frente para Adelaide. "Complicado como?"

Outra pausa. Adelaide parecia estar pensando no que dizer a seguir, e Tem se perguntou sobre a origem de sua hesitação. "Ele é... imprudente. Isso já o meteu em algumas encrencas no passado."

“Que tipo de problema?”

“Apolo gosta de pegar o que não lhe pertence.”

“O que ele levou?”

“Algo que pertencia a Caspen.”

Um lampejo de compreensão surgiu em Tem. Ela se lembrou do que Apolo lhe dissera: *Meu irmão e eu dançamos essa dança há séculos, Temperança.*

“Algo? Ou alguém?”

Adelaide sorriu, mas não respondeu. Por um instante, nenhum dos dois falou.

“Eles amavam a mesma mulher, não é?”

Adelaide olhou para ela. "Sim, eles fizeram."

Uma onda de ciúme percorreu Tem. "O que aconteceu?"

“Eles se desentenderam”, continuou Adelaide. “Não terminou bem para nenhum deles.”

“Mas quem ela escolheu?”

“Você teria que perguntar isso ao Caspenon.”

Tem ficou em silêncio, processando a informação. Ela não ia perguntar nada a Caspen. "Mas..." Tem disse lentamente. "Caspen está comigo, e Apollo não está com ninguém. Então, o que aconteceu com ela?"

A voz de Adelaide tornou-se mais baixa quando ela disse: "Ela foi levada para sangria."

Uma lembrança lhe veio à mente: Caspen observando a fila de basiliscos que retornavam do castelo, como se estivesse esperando alguém. Teria ele procurado seu antigo amor? O que ele teria feito se ela tivesse voltado para ele naquela noite?

"Não quero ficar no meio deles", sussurrou Tem.

“Mas você é”, disse Adelaide simplesmente.

“Mas eu—”

“É uma honra ser cortejada, Temperance. Eles te desejam. Você deve encarar isso como um elogio.”

Mas será que ela estava mesmo sendo cortejada? Não parecia um cortejo. Parecia uma competição — um jogo no qual ela não havia concordado em jogar. E quem venceria? Não Tem.

“Os irmãos Drakon são complicados, Temperance”, disse Adelaide. “Eles viveram vidas longas antes de conhecerem você. Você não pode esperar reescrever a história deles.”

Mas não era o passado deles que preocupava Tem. Ela só se importava com o futuro deles. "Eu jamais escolheria Apollo", disse Tem com firmeza. "Caspen sabe disso."

Adelaide deu de ombros. "Nós somos basiliscos, Temperance. Pode ficar com os dois."

Tem não tinha nada a dizer sobre isso. Eles ficaram sentados em silêncio por um tempo, observando a atividade ao redor.

Por fim, Adelaide disse: "Devo admitir que tenho inveja de você."

Tem olhou fixamente para ela. " *Por quê* ?"

"Já sonhei muitas vezes em dar um tapa em Apollo. Assim como muitos outros, tenho certeza. Fico feliz que alguém finalmente tenha feito isso."

Essa informação surpreendeu Tem. Ou talvez não. Apollo fez muitas coisas que ela considerava insuportáveis. Ele merecia levar um tapa por isso. "Ele alguma vez... tentou...?"

Adelaide lançou-lhe um olhar significativo. "Dormir comigo?"

Tem assentiu com a cabeça. Era exatamente isso.

“Sim”, disse Adelaide. “Ele fez.”

"Oh."

Outra pergunta lhe ocorreu, e ela a fez antes que perdesse a coragem: "E você...?"

“Dormi com ele? Sim. Dormi.”

"Oh."

Tem não sabia para onde olhar. Ela acabou fixando o olhar em suas mãos, que estavam entrelaçadas em seu colo.

Adelaide se inclinou para frente. "Caspenon quer que você pense que ele foi o único chateado com a nossa partida, mas eu também não fiquei nada satisfeita."

“Ele nunca mencionou como você se sentia.” Assim que as palavras saíram, Tem percebeu como soaram. “Desculpe—” ela gaguejou. “Eu só quis dizer que—”

“Não me ofendi, Temperance.” O tom de Adelaide era gentil. “Sei o que você quis dizer. E não me surpreende que ele não tenha mencionado isso. Duvido que ele quisesse me mencionar.”

Considerando a forma como Tem reagiu ao noivado, ela mal podia culpá-lo. Parecia bobagem agora ter sentido tanto ciúme da união deles. Talvez seu lado basilisco entendesse isso em algum nível — talvez ela estivesse se adaptando aos costumes deles.

"Dormi com Apollo por vingança. Mas também porque quis. E se você fizesse o mesmo, ninguém a culparia."

Isso não era verdade — Tem se culparia.

Adelaide parecia saber o que estava pensando. “É diferente para os basiliscos, Temperança. Estar com os dois irmãos... é o esperado. Apolo tem prioridade sobre você. Isso não é pouca coisa. Ele espera exercê-la. Caspenon pode esperar o mesmo eventualmente.”

Tem continuou olhando para os próprios pés. A ideia de dormir com Apolo era tentadora; o fato de que esperavam *que ela* fizesse isso era desconcertante. Era difícil para seu lado humano compreender tal coisa. Ela havia sido criada para ver os casamentos como estritamente monogâmicos. Dormir com o irmão do marido era considerado traição, ponto final.

“Eles são bastante parecidos”, disse Adelaide.

"Quem?"

“Apolo e Caspenon.”

Tem zombou. Eles não tinham *nada* em comum. "Como assim?"

Adelaide fez uma pausa, organizando seus pensamentos. "Caspenon é apaixonado", disse ela lentamente. "Ele sente as coisas profundamente. Apollo é igual."

Tem bufou. Apollo não sentia *nada* profundamente. Era tão superficial quanto uma poça d'água.

“Você pode não acreditar”, disse Adelaide. “Mas é verdade. A Apollo é apenas melhor em esconder isso.”

Tem não conseguia compreender tal conceito. Tudo o que ela via eram as diferenças entre eles: a maneira como Caspen a protegia, a maneira como Apollo a repreendia. Um irmão se importava; o outro, não.

“Caspen é melhor que Apollo”, disse Tem com firmeza.

Adelaide inclinou sua cabeça elegante pensativamente. "De que maneira?"

“Ele quer o melhor para mim.”

“E você acha que Apolo não faz isso?”

Tem olhou para ela. "Eu *sei* que não. Ele está constantemente tentando me corromper."

Adelaide soltou uma risada. "Você está dando muito crédito a ele, Temperance. Você não se deixa corromper facilmente."

Pareceu-lhe um elogio, então Tem interpretou como tal. "Não posso deixar que ele ganhe", admitiu ela.

“Então você só precisa privá-lo disso.” Adelaide sorriu conspiratoriamente. “Ele deseja dormir com você. Isso é óbvio. Se você se privar dele, ele nunca vai parar de te perseguir.”

Tem ponderou sobre isso. Será que ela queria que ele a cortejasse? Leo não a cortejava, e Caspen já a tinha. Por que ela não deveria se entregar àquilo que os basiliscos eram conhecidos por fazer? Seria mentira dizer que ela não gostava quando Apollo flertava com ela. Aquilo a deixava sem chão, como se ela fosse um planeta e ele uma nova força gravitacional. Talvez fosse exatamente disso que ela precisava: leveza, descontração, flerte. Caspen ficaria orgulhoso de vê-la se assimilando tão bem à cultura dos basiliscos. Ele poderia até incentivá-la. Ele já a *havia* incentivado.

“E você está enganada”, continuou Adelaide.

“Sobre o quê?”

“Sobre as intenções de Apolo. Ele quer o melhor para você. Todos nós queremos.”

Dito isso, Adelaide se levantou e foi embora.

Tem a seguiu perplexa. Era algo incomumente direto para um basilisco dizer. *Todos nós dizemos isso.* Mas quem, exatamente, era "nós"? Caspen e Apollo? Ou Adelaide se referia a algo em um sentido mais amplo, insinuando que todos os basiliscos queriam o melhor para ela? Nunca parecera assim para Tem. Sempre lhe parecera que os basiliscos queriam algo *dela* .

E, afinal, o que era exatamente melhor para ela?

Tem sabia que era Caspen. Mas às vezes, na calada da noite, ela se perguntava se isso era mesmo verdade. Antes que pudesse refletir mais sobre o assunto, ele apareceu.

“Tem”, disse Caspen, estendendo a mão. “Você precisa se levantar. Vai começar.”

Tem não se deu ao trabalho de perguntar o que era "aquilo". Em vez disso, deixou que Caspen a guiasse até os degraus na borda do pátio. Daquele ponto de vista, ela podia ver basiliscos reunidos ao redor da fonte. Eles conversavam atentamente entre si antes de se dispersarem em círculo.

"O que eles estão fazendo?"

“Eles estão formando um ouroboros”, explicou Caspen. “Uma forma sagrada para nós. É infinita e representa a renovação.”

“Mas qual é o objetivo?”

“Ao participarmos do ouroboros, honramos o ciclo do nosso povo. A época de acasalamento resultará em muitas uniões e provavelmente produzirá a próxima geração de filhos.”

O círculo estava crescendo, transformando-se em um grande laço que circundava a fonte.

“O que você quer dizer com… participar?”

Caspen tocou em sua cintura.

“O ouroboros é um símbolo de unidade. Ele serve para nos conectar. Membros de cada aljava se juntarão ao círculo em posições opostas.”

“Opondo-se—?”

Mas Tem entendeu imediatamente o que ele queria dizer. Os basiliscos no círculo começaram a se deitar em uma sequência específica. O primeiro deitou-se de costas. Assim que esse basilisco abriu as pernas, o próximo abaixou a cabeça entre elas. Atrás deles, outro basilisco deitava-se de costas, posicionando-se entre as pernas do primeiro. Por cima, por baixo, por cima, por baixo. Um padrão simples. Mulheres se conectavam com mulheres, homens com homens e vice-versa. Em toda parte, ao longo de todo o círculo, bocas se estendiam entre as pernas, formando uma corrente viva.

Caspen prosseguiu calmamente, como se o que estivesse acontecendo diante deles fosse completamente normal e não absolutamente inacreditável. "À medida que cada basilisco terminar, ele deixará o ouroboros. A cerimônia terminará quando todos no ouroboros atingirem o clímax."

Todos estavam se reunindo no círculo — todos, menos eles.

Tem olhou para Caspen. "Não vamos nos juntar a eles?"

Caspen olhou para ela, com uma mistura de surpresa e cautela nos olhos. "Você... deseja se juntar a nós?"

Diante de uma pergunta direta, Tem percebeu que não fazia ideia de como responder. O ouroboros era, no mínimo, intimidante. Mas também havia uma lógica por trás dele. Uma parte de Tem compreendia o simbolismo, entendia como aquilo era um ato unificador para as aljavas. No ouroboros, todas eram uma só. Ela queria fazer parte daquilo. Mas, depois da noite que acabara de ter, não sabia se conseguiria.

“Tem”, disse Caspen gentilmente, interrompendo seus pensamentos. “Não é necessário. Você não precisa fazer isso se não quiser.”

Ela lançou-lhe um olhar. Seria isto como o ritual, em que ela não "tinha" de fazer, mas se não o fizesse, as consequências seriam catastróficas?

“Não, Tem”, disse Caspen, dirigindo-se aos pensamentos dela. “Nossa cultura gira em torno do prazer. Se observar lhe der mais prazer do que participar, é exatamente isso que você deve fazer. Isso não é uma exigência. Prometo que você não precisa participar.”

Mas Tem *queria* participar. Ela queria se juntar e fazer parte dessa tradição basilisco. A vergonha que sentia por sua incapacidade de fazer

a transição a perseguia como piche. Se essa era uma forma de se assimilar, era imprescindível que ela tentasse.

“Eu quero fazer isso. Sou um híbrido. Consigo lidar com isso.”

Um orgulho puro iluminou os olhos de Caspen. Tem sabia que ele gostava quando ela agia como um basilisco, quando se esforçava para alcançar o que ele considerava ser seu potencial máximo.

Ele acariciou o rosto dela com as mãos, roçando os lábios nos dela. "Híbridos são raros. Mas você é ainda mais rara." Ele a encarava com total sinceridade.

Tem sempre se impressionara com o jeito como Caspen a olhava — como se ela fosse capaz de realizar milagres. E talvez fosse mesmo. "Mas eu não quero o pau de outra pessoa na minha boca", disse ela rapidamente.

Para sua surpresa, Caspen sorriu. "Nesse caso, você ficará apenas com o meu."

Só então Tem percebeu que, se ela e Caspen se juntassem ao ouroboros, isso significaria que *ele* também estaria dando prazer a alguém. Alguém estaria sentada em seu rosto, completando o círculo.

Tem olhou para ele. Ele a observava calmamente, e ela sabia que ele já havia chegado à mesma conclusão e estava esperando para ver o que ela faria. Mas nem mesmo Tem sabia. Na pausa que se seguiu, Caspen disse simplesmente: "Você pode escolher a pessoa, se quiser."

Tem considerou significativo que ele respeitasse a decisão dela de se juntar ao ouroboros — e, em vez de sugerir que não participassem, ele estava adaptando a situação a ela, garantindo Ela tinha voz ativa no que aconteceria a seguir. Alívio, depois expectativa, depois excitação a invadiram. Ela se lembrou do que Caspen acabara de dizer, baseando sua escolha em suas palavras: *Nossa cultura gira em torno do prazer.* Mas quem lhe proporcionaria prazer? Tem pensou nas fantasias que tivera com Caspen e Leo — as visões que só lhe vinham à mente tarde da noite, quando sua mente estava fechada para ele. Ela examinou o pátio, procurando alguém que se encaixasse nessas visões.

Por fim, ela o encontrou.

O basilisco era esguio, com braços longos e musculosos. Seus cabelos loiro-claros estavam penteados para trás, com uma única mecha caindo sobre a testa. Ele se movia com uma confiança profundamente familiar a Tem: uma confiança da qual ela sentia falta. Sentia falta de sua

estatura alta, de seus dedos longos, de seus cabelos loiros. Sentia falta do cheiro de verão que ele exalava e do jeito como ele inclinava o corpo em sua direção sempre que conversavam, como se quisesse absorver o máximo possível de sua presença. Mas Leo não estava ali. Nunca estaria.

“Ele.” Tem apontou.

Caspen seguiu o olhar dela. Talvez fosse imaginação dela, mas Tem juraria ter visto compreensão passar pelo rosto dele. Então, desapareceu. Ele se virou para ela. "Você tem mais uma escolha a fazer."

Outra constatação a atingiu. Alguém a estaria satisfazendo . Tem fechou os olhos. De repente, o ar pareceu quente. Será que ela realmente ia fazer isso? Ou seria demais, cedo demais?

“Tem.” A voz de Caspen chegou até ela em um murmúrio. “Escolha alguém que faça você se sentir segura.”

Quando ele colocou dessa forma, a escolha foi fácil. Tem abriu os olhos, olhando para ele. "Eu escolho Adelaide."

Caspen ergueu uma sobrancelha. Por um instante, Tem se perguntou se ele ficaria zangado. Mas ele disse: "Muito bem. Você quer perguntar a ela, ou eu pergunto?"

“Vou perguntar a ela.”

As palavras saíram com facilidade, e Tem não as questionou. Ela queria fazer isso sozinha — reivindicar sua decisão. Caspen assentiu, virando-se para sair.

“Espere.” Ela segurou o braço dele. “Você disse que quando alguém termina, sai do círculo.”

“Isso é verdade.”

“Então…” Tem fez uma pausa. Ela se esforçou para encontrar as palavras certas, acabando por dizer a mesma coisa que já havia dito antes: “Eu não quero outro pênis na minha boca.”

Caspen sorriu. Tem sabia que ele entenderia o que ela estava dizendo: se ele terminasse antes dela, sairia do círculo, deixando-a satisfazer o próprio basilisco que ela havia escolhido para ele. E se Tem terminasse antes de Caspen, Adelaide o satisfaria. Nenhuma das duas situações era ideal.

"Vou sincronizar meu clímax com o seu, Tem. Vamos embora ao mesmo tempo."

“Você consegue fazer isso?”

Seu sorriso se alargou. "Posso tentar."

Tem revirou os olhos. Ela tinha pouca ou nenhuma fé na capacidade de Caspen de calcular o momento exato do seu clímax. Mesmo para ele, isso exigiria uma quantidade inimaginável de autocontrole. Mas agora era tarde demais. Ele estava se virando novamente, indo em direção à alta basilisco loira. A gravidade da situação a atingiu enquanto Tem o observava se afastar. Ela realmente faria isso. Ela faria parte do ouroboros. Era hora de encontrar Adelaide.

Ela estava na extremidade do pátio, observando o que acontecia.

"Temperance", disse Adelaide enquanto se aproximava. "Você gostaria de assistir ao ouroboros comigo?"

“Hum”, disse Tem. “Não exatamente.”

Adelaide ergueu uma sobrancelha. Mas as palavras eram impossíveis de dizer em voz alta. Então, ela as disse mentalmente: *Eu quero participar.*

As sobrancelhas de Adelaide se ergueram ainda mais. *Entendo.*

E...eu quero que você...se junte...a mim.

Tem torcia para que Adelaide entendesse o que ela estava tentando dizer, porque não havia como ela realmente pedir que fizesse aquilo. No silêncio que se seguiu, o pânico aumentou.

Só se você quiser— Tem continuou rapidamente —*se isso for causar algum problema com*—

Ela se interrompeu, lembrando-se de repente do relacionamento de Adelaide com a irmã de Caspen. Claro que Adelaide não faria isso com Tem. Ela estava prestes a se enterrar a três metros de profundidade quando, para seu alívio, o belo rosto de Adelaide se iluminou com um sorriso.

“Claro que quero. É uma honra, Temperance.”

Um alívio a invadiu ao ouvir a sinceridade em sua voz. Em momentos como esses, Tem se lembrava de que ela era uma rainha — que estar com ela era uma honra, como Caspen havia dito. Era um conceito difícil de assimilar, e ela duvidava que algum dia se acostumaria.

"Ótimo", disse Tem, e era sincero. Então, a ansiedade tomou conta.

Adelaide colocou uma mão reconfortante no ombro dela. "Eu entendo que isso deve ser muito difícil para você."

“Não, não é isso. Quer dizer, é, mas...”

A verdade era que Tem não estava preparada para uma repetição da reunião do conselho. Se Adelaide atingisse o clímax antes dela, sairia do círculo e Tem não teria controle sobre quem a provaria em seguida. E se fosse alguém com quem ela não se sentisse segura? E se fosse um dos Sênecas, furioso com sua ascensão ao trono? E se fosse Apolo?

Adelaide manteve o olhar fixo nela, e Tem se lembrou do porquê de tê-la escolhido para aquilo: ela confiava nela. E isso significava que ela podia ser vulnerável.

Ela tentou expressar em palavras: "Eu... só quero estar com você e com o Caspen." Tem não se atreveu a dizer mais nada.

O que ela realmente queria era um favor, e um grande favor. Ela precisava que Adelaide garantisse que Tem atingisse o clímax no momento certo. Se ela pretendia se juntar ao ouroboros — mas apenas com Adelaide e Caspen — era imprescindível que ela chegasse ao orgasmo antes de Adelaide.

“Eu posso te levar lá primeiro, Temperance.”

Tem começava a se perguntar se tudo aquilo não seria uma péssima ideia. As possíveis ramificações do ouroboros eram muito, *muito* reais. Ela não tinha a menor vontade de ver a boca de Adelaide em volta do pau do Caspen. Mas Tem preferia ela a uma das caçadoras de reis. Pelo menos ela sabia que Adelaide não usaria isso como uma oportunidade para lhe roubar o Caspen.

Fique tranquila, Temperance. Ninguém pode tirar Caspenon de você, muito menos eu. Você se esquece de que estou atrás de outro irmão Drakon.

Tem sorriu com isso. Ela ainda estava nervosa. Mas ela estava falando sério: confiava em Adelaide.

A energia no pátio estava mudando rapidamente, a conversa ao redor delas diminuindo à medida que os murmúrios se transformavam em gemidos. O ouroboros estava se formando; era hora de participar. Antes que Tem pudesse se perguntar para onde ir, Adelaide pegou sua mão. Caminharam juntas em direção a Caspen, que estava ao lado do basilisco loiro. De cada lado deles, basiliscos estavam deitados, dispostos em elos entrelaçados. Tem se maravilhou com a continuidade. O ouroboros estava vivo — uma coisa viva, pulsante, que se expandia e ondulava como a água.

Você está pronta, Temperance?

Tem olhou para Adelaide, que a encarava calmamente. *Sim.*

Adelaide assentiu com a cabeça antes de olhar para Caspen. Seus olhos estavam fixos nos de Tem, e já estavam ficando negros. O basilisco loiro permanecia majestosamente ao lado, aguardando o início, com os braços relaxados ao lado do corpo. Sem dizer mais nada, Adelaide fez o primeiro movimento. Ela se aproximou do basilisco mais próximo, que estava deitado de costas, com uma das extremidades da corrente aberta. Adelaide se abaixou sobre o rosto dele, seus olhos revirando momentaneamente quando a língua do basilisco fez contato com seu centro. Tem corou imediatamente com a visão. Quando Adelaide abriu os olhos, fez um gesto para Tem, que parecia imóvel.

— *Tem* — disse Caspen em voz baixa. — *É a sua vez.*

A mão dele encontrou sua cintura, dando-lhe um leve empurrão. Tem avançou em transe, a antecipação percorrendo cada centímetro de sua pele. Ela se deixou cair no chão à sua frente. Adelaide sentiu a pedra dura sob suas costas, enviando um arrepio pela espinha. Lentamente, como se não quisesse assustá-la, Adelaide inclinou-se para a frente, pegando as coxas de Tem e abrindo-as. No instante em que suas peles se tocaram, uma onda de calma envolveu Tem, e ela soube que era obra de Adelaide. Atrás de Tem, o basilisco loiro se posicionava. Só faltava Caspen.

O Rei Serpente foi o último a se juntar ao círculo — o elo final do ouroboros. Ele se aproximou de Tem lentamente, olhando para ela com uma autoridade silenciosa. Tem olhou para ele, vendo-o em toda a sua glória, prendendo a respiração enquanto ele se abaixava. Caspen deslizou a mão atrás da cabeça dela, erguendo seu rosto para o ângulo correto. Tem abriu a boca, permitindo que ele a alimentasse com seu pênis centímetro por centímetro. Assim que ela estava satisfeita, Caspen se inclinou para a frente, e ela soube que ele estava prestes a tomar o basilisco loiro em sua boca. O pensamento a deixou fraca de excitação.

Nesse instante, a voz de Adelaide sussurrou em sua mente: *Temperance, vou começar.*

Tem não conseguiu acenar com a cabeça. Em vez disso, fechou os olhos, entregando-se ao ouroboros. Um instante depois, a língua de Adelaide encontrou seu centro. No momento em que isso aconteceu, o círculo se completou — Adelaide entre suas pernas, Caspen em sua

boca. Tem nunca se sentira tão conectada, tão *completa.* Ela era uma com os basiliscos; ela era uma com seu povo.

O toque de Adelaide era diferente do de Caspen. *Muito* diferente.

Os homens eram rudes. Tudo neles era agressivo, autoritário e *cortante.* As mulheres, por outro lado, eram suaves. A língua de Adelaide era terna e intuitiva. Ela saboreava Tem lentamente, com extremo cuidado e devoção, compreendendo exatamente onde ela precisava de estímulo, como só uma mulher poderia. Tem pensava que Caspen conhecia seu corpo. Mas ele só conhecia o que podia ver, o que podia sentir. Adelaide sabia do que ela precisava porque Adelaide também precisava. Mesmo quando Caspen lhe dava prazer, de alguma forma ainda parecia que ele estava *tirando* algo dela. Adelaide só dava — só proporcionava prazer.

Tal experiência não era novidade para Tem — ela já havia sentido o toque de uma mulher antes, durante a reunião do conselho, quando todos os membros a beijaram. Mas aquilo era completamente diferente. Aqueles beijos tinham sido rotineiros, quase clínicos. Este era quase insuportavelmente íntimo, como se Adelaide lhe estivesse dando um presente profundamente pessoal. Tem se sentia totalmente segura sob os cuidados de Adelaide. Quando a mente dela acariciou a de Tem, ela aceitou de bom grado, permitindo que a acariciasse de várias maneiras.

O tempo passou, ou talvez não. Um a um, os basiliscos começaram a chegar ao clímax. Um a um, eles deixaram o ouroboros. Tem sentiu cada orgasmo como se fosse seu, perdendo-se em um estado de prazer compartilhado. Ela mergulhou em completa paz, pensando apenas em Caspen e em como seu pênis estava duro em sua boca. Ele movia os quadris ritmicamente, penetrando-a, coordenando seus movimentos com os de Adelaide. Ela pensou nele com o basilisco loiro e isso só a deixou mais excitada.

Por fim, Tem estava perto. Adelaide a vinha conduzindo há algum tempo, levando-a até o limite, mas sem ultrapassá-lo, usando sua intuição de uma maneira que só ela sabia. Caspen também estava perto; quanto mais Tem gemia, mais rápidas se tornavam suas estocadas. Mas, pouco antes de ela atingir o clímax, outra presença tocou sua mente.

Apolo.

Capítulo Doze

Ele se movia ao longo do ouroboros, levando basilisco após basilisco ao orgasmo, aproximando-se cada vez mais de Tem.

Temperança. Apolo é—

Mas Adelaide interrompeu-a, e Tem não precisava do resto da frase de qualquer maneira. Ela podia sentir o prazer de Adelaide quando a cabeça de Apollo deslizou entre suas pernas. Por um instante, continuaram como estavam. Então Tem sentiu uma mudança repentina na mente de Adelaide. Onde antes ela resistia calmamente à excitação, agora estava completamente — quase violentamente — excitada. O calor inundou a conexão entre elas enquanto Adelaide gemia contra o centro de Tem.

Ele é muito bom, Temperance. Receio que eu—

Tem mal conseguia ouvi-la. Apollo estava levando Adelaide ao clímax com brutal insistência, quase sem lhe dar tempo para respirar. Os movimentos de Adelaide estavam menos controlados, mais desesperados. Ela estava perdendo completamente o ritmo, tirando Tem de seu transe.

Você não pode esperar? Tem gritou. *Por favor?*

Não consigo resistir para sempre. Ele é... o melhor nisso.

Para horror de Tem, a voz de Apollo ecoou em suas mentes unidas, suas palavras dirigidas a Adelaide: *Você me lisonjeia.*

Adelaide o ignorou, falando apenas com Tem: *Você está perto. Eu posso te levar até lá.*

Mas Tem estava em pânico. Se Adelaide chegasse antes de Tem, Apollo a atacaria. E se Caspen a deixasse sozinha com ele? Ela teria que chupar o pênis do basilisco loiro enquanto Apollo a penetrava. Nenhuma das opções era aceitável. Antes que pudesse se entregar ao

verdadeiro terror, a voz de Caspen invadiu sua mente: *Tem. Meu amor. Relaxa.*

Mas Tem nunca fora muito boa em relaxar. Ela sempre pensava demais, sempre se preocupava. Ela não era boa em ser a única coisa que lhe seria útil naquele momento: um basilisco. Tem sentiu a presença de Adelaide crescer em sua mente, unindo-se à de Caspen. Ambos a estavam guiando para lá, ajudando Tem a ascender em seu momento de necessidade. Ela se entregou, deixando suas preocupações e inibições de lado, permitindo-se simplesmente... Ela *sentiu.* Sentiu a língua de Adelaide em seu clitóris e o pênis de Caspen em sua garganta. Sentiu a pedra dura em suas costas. Ouviu os gemidos de todos os outros que ainda estavam no ouroboros — seus gemidos desesperados de prazer se unindo aos dela.

Finalmente, Tem chegou.

Não foi gracioso. Não foi elegante. Mas foi uma libertação, mesmo assim, e Tem sabia que não devia resistir. Ela também sabia que Caspen tinha apenas alguns instantes para chegar ao clímax junto com ela — ele precisava chegar ao clímax *agora* se quisessem sair do círculo ao mesmo tempo. Tem enviou-lhe uma visão ousada, completamente por impulso: Apollo entre as pernas dela, os dedos dela emaranhados nos cabelos dele.

Imediatamente, Caspen chegou.

Um alívio inimaginável tomou conta de Tem ao sentir o orgasmo dele se somar ao dela. A presença de Adelaide desapareceu de seus pensamentos, e Tem sabia que estava lhes dando privacidade durante o clímax. Além disso, Adelaide também estava tendo o seu.

No instante em que o pênis de Caspen saiu da boca de Tem, ela abriu os olhos e viu a cena diante de si. Adelaide estava apoiada nas mãos, as coxas apertando o rosto de Apollo, o suor escorrendo pelo corpo. Tem observou Adelaide chegar ao clímax, os olhos se fechando com força enquanto ela se esfregava contra a boca de Apollo. A cena deixou Tem... com ciúmes. De Apollo ou de Adelaide, ela não sabia. Mas, por algum motivo, vê-los juntos a fez querer separá-los. Antes que Tem pudesse processar esse sentimento, as mãos de Caspen a seguraram, ajudando-a a se levantar.

Adelaide também se levantou, o rosto corado, os cabelos normalmente impecáveis despenteados por onde Tem os segurava.

Apollo sorriu para os dois, os lábios brilhando de umidade. Sem perder um segundo, inclinou-se para a frente, puxou o basilisco loiro para si e abocanhou seu pênis. Outra onda de ciúme atingiu Tem. O que estava *acontecendo* com ela esta noite? Seria um sintoma da época de acasalamento? Talvez seus sentidos estivessem apenas aguçados e ela estivesse desproporcionalmente propensa a emoções possessivas no momento. De qualquer forma, estava se tornando insuportável. Sem olhar para Caspen ou Adelaide, Tem caminhou até a beira do pátio, com as mãos atrás da cabeça. Caspen a seguiu.

“Tem.” Os dedos dele roçaram sua espinha, e ela estremeceu. “O que foi?”

"Nada", disse ela automaticamente.

“Tem”, disse ele novamente, desta vez em voz baixa. Seus lábios roçaram a orelha dela. “Acabou. Você deveria se orgulhar.”

Orgulho era a última coisa que Tem sentia. Ela estava cansada e sobrecarregada, e esses basiliscos infernais estavam se revelando muito mais do que ela havia previsto. Tem olhou para Caspen, que a encarava de cima.

“Venha.” Ele a beijou na testa. “Vamos assistir ao resto.”

Ele a conduziu de volta para o centro do pátio, onde o ouroboros havia diminuído significativamente. Apolo estava lá fora, assim como o basilisco loiro. Eles observaram até que finalmente restaram apenas dois basiliscos. Formaram um círculo com seus corpos — a mulher por cima, o homem por baixo — ambos proporcionando prazer igualmente. Era uma posição que Tem havia experimentado muitas vezes com Caspen, e ela se viu subitamente excitada pela situação.

A voz de Caspen chegou até ela em voz baixa: *Faremos isso mais tarde.*

Tem mal podia esperar.

Uma multidão se reuniu em volta do casal, observando-os enquanto se beijavam apaixonadamente. Por fim, Caspen franziu a testa. *Algo está errado. Nenhum dos dois está perto.*

Por que não?

Tem olhou fixamente para os basiliscos. Eles pareciam estar bem perto dela.

O homem é um Seneca. A mulher, uma Drakon. Eles são fundamentalmente opostos — nenhum dos dois quer ceder primeiro. Para eles, isso soará como rendição.

Tem observava o casal se acariciando no meio do pátio. Mas, em vez de fazê-lo com ternura, havia agressividade em seus movimentos. Era claramente um desafio, uma corrida para ver quem chegava primeiro — uma corrida com implicações maiores do que apenas a conclusão do ouroboros. Ao redor deles, basiliscos começavam a murmurar. A energia no pátio estava mudando, um zumbido de antecipação preenchia o ar como um enxame de vespas. Só basiliscos poderiam transformar um ato sexual em um ato insurgente. O conflito era iminente; era apenas uma questão de tempo até que uma luta começasse. Tinha que haver uma maneira de resolver isso.

Eu posso ajudá-los.

Caspen se virou para ela. *Como?*

Posso provocar um orgasmo coletivo. Isso fará com que elas cheguem ao clímax ao mesmo tempo. Dessa forma, nenhuma perde para a outra. Nenhuma das aljavas precisa ceder.

Caspen balançou a cabeça. *Orgasmos da Colmeia são raros, Tem. Eles não são previsíveis; você não pode simplesmente escolher provocar um.*

Eles não podem continuar assim. Você disse que ninguém pode sair até que terminem, e nenhum dos dois vai ceder. Então, você tem alguma outra ideia?

Não é seguro, Tem.

Mas Tem balançou a cabeça negativamente. Ela não conseguia explicar, mas sabia que era capaz.

Caspen prosseguiu: *Mesmo que você conseguisse, isso faria com que todos nesta sala chegassem ao clímax.*

Então?

Todos passarão por essa transição. Mas você...

Caspen parou de falar. Ele não precisava terminar. Tem sabia o que ele ia dizer: ela não conseguiria fazer a transição — ela estaria em perigo. " *Eu vou ficar bem. Você vai me proteger."*

Ele suspirou. Um músculo se contraiu em sua mandíbula enquanto observava os dois basiliscos lutarem no meio do pátio. A preocupação nublou seu rosto. Tem sabia que estava dividido entre protegê-la e fazer

o melhor para seu povo. A situação era muito mais complexa do que apenas a conclusão do ouroboros. Agora era uma batalha de vontades e, se não a resolvessem rapidamente, a situação se agravaria muito. Não havia outra escolha.

Muito bem. Mas você não pode sair do meu lado, mesmo depois que eu me virar. Você deve ficar perto de mim.

Eu vou.

Tem olhou para Caspen. Afinal, ele era a outra metade da equação. Os dois haviam provocado o orgasmo coletivo da última vez. Era lógico que, para provocá-lo novamente, precisariam recriar as circunstâncias.

Sem hesitar, ela estendeu a mão para ele. Caspen abaixou-se para segurar suas pernas, erguendo-a de modo que ela ficasse enrolada em sua cintura. Ela já estava molhada, e seu pênis deslizou para dentro com facilidade. Tem se agarrou aos ombros dele, centrando-se enquanto ele a penetrava. Depois da queimação lenta do ouroboros, ter sexo com penetração era como estar no paraíso. Tem jogou a cabeça para trás, deixando Caspen segurá-la erguida, permitindo que ele a possuísse repetidamente.

Imediatamente começou o chiado.

A fumaça rodopiava pelo chão de pedra escura, envolvendo seus pés e subindo pelas pernas. A temperatura no pátio subiu inegavelmente. O aperto de Caspen em sua cintura começou a escorregar enquanto o suor umedecia sua pele. Os basiliscos ao redor começaram a se mover. Alguns apenas se tocavam; alguns começaram a acasalar. Tem já estava perto do clímax, e ela não era a única. O último casal no ouroboros estava prestes a atingir o clímax juntos. Ela podia sentir a iminência deles, assim como sentia a sua própria. *Todos nos tornamos um.*

De repente, a expectativa percorreu a espinha de Tem.

Ela reconheceu a sensação da última vez — a combinação cáustica de medo e excitação — a *fome* que significava que o orgasmo coletivo estava próximo. A respiração de Caspen vinha em grunhidos curtos, sua intensidade aumentando à medida que ele penetrava nela cada vez mais rápido. Ao redor deles, gritos de prazer ecoavam pelo quarto. Tem estava perto. *Todos* estavam perto.

Nesse instante, Caspen a puxou bruscamente de cima de seu pênis e a colocou no chão. Tem engasgou com a mudança repentina.

O que você está fazendo?

Ela apalpou o pênis dele, tentando puxá-lo de volta para dentro dela. Caspen agarrou seu pulso.

Pare, Tem.

Tem parou. Para sua surpresa, o tom de Caspen era de pânico — quase medo. Ela olhou para ele e percebeu que ele não estava olhando para ela. Ele estava olhando ao redor. No pátio, seus olhos percorriam os basiliscos, alternando entre eles. A fumaça preenchia o ar e, através dela, Tem viu sombras se tornarem nítidas. Vários basiliscos — o mesmo grupo de machos que a observara na primeira noite da temporada de acasalamento — se aproximavam de Tem com uma ferocidade que ela não conseguia compreender. Eles não pareciam excitados, como todos os outros. Pareciam... furiosos. Violentos. Um arrepio percorreu sua espinha ao vê-los.

"O que está acontecendo?", disse Tem em voz alta.

Ao ouvir a voz dela, Caspen voltou para perto dela. "Não se mexa." Ele a segurou imóvel novamente, mas desta vez de uma maneira diferente — desta vez de uma maneira protetora, como se temesse o que pudesse acontecer.

Tem pressionou o peito contra o de Caspen, apesar do calor que emanava de seu corpo. Pareceu uma eternidade. Mas quanto mais tempo permaneciam ali, mais calmos ficavam. Em vez de se aproximarem de um clímax coletivo, Tem observou a energia no pátio esfriar lentamente. A fumaça se dissipou e o chiado silenciou. A explosão frenética de adrenalina que a percorria implacavelmente recuou, substituída por cautela. O casal no centro do ouroboros estava ali, claramente satisfeito um com o outro. Tem não fazia ideia de quem havia chegado ao clímax primeiro.

Caspen havia acalmado os ânimos de todos no pátio, e o fizera por medo. Por quê? Tem sabia o quão difícil era negar a si mesma um orgasmo. Impedir o orgasmo *de todos* era uma tarefa tão impossível que ela mal conseguia compreender.

Os braços de Caspen ainda a envolviam, prendendo-a contra si. Tem não conseguiria se mexer, mesmo que tentasse. Ela só podia observar enquanto os outros basiliscos concluíam suas uniões — ou alcançavam o orgasmo ou se separavam — emergindo de seus parceiros com expressões atordoadas. Mas nem todos estavam atordoados. Os homens

continuavam se aproximando — ainda encarando Tem como se quisessem devorá-la. Seus olhos eram negros.

Não olhe para eles , ordenou a voz de Caspen.

Tem imediatamente voltou seu olhar para Caspen, encarando fixamente sua clavícula. *Por que eles estão me olhando assim?*

Caspen não respondeu. Fazia muito tempo que Tem não o via tão tenso. Seus músculos pareciam feitos de metal, apertando-a com tanta força que ela ficou rígida sob o aperto. Algo estava errado; isso era perfeitamente óbvio. Mas Tem não conseguia imaginar o quê.

Antes que ela pudesse fazer outra pergunta, Apolo apareceu ao lado deles. Seus olhos se voltaram primeiro para Tem e depois para Caspen. "Vocês precisam ir embora."

"Por quê?" Tem interrompeu. "O que está acontecendo?"

Apollo a ignorou, dirigindo suas próximas palavras a Caspen. “Ela não está segura. Você precisa—”

"Não me diga o que fazer", respondeu Caspen rispidamente.

Apolo não recuou. Em vez disso, aproximou-se, fazendo um gesto com a cabeça para os homens, que se aproximavam cada vez mais. "Os Sênecas a querem", insistiu. "Eles a levarão."

“Eles não vão tirar nada de mim.”

“Sua arrogância vai acabar matando-a.”

“Não me fale com *arrogância* , irmão”, retrucou Caspen.

“Caspenon.” Apolo olhou para ela mais uma vez, e Tem viu o medo em seus olhos. “Você precisa ir embora.”

"Ela é *minha* ", disse Caspen asperamente. "E farei com ela o que bem entender."

Tem não pôde deixar de sentir que eles não estavam mais falando dos Senecas.

Apolo se aproximou. "O único motivo pelo qual eles não a atacaram é porque você está ao lado dela. Se ela estiver sozinha da próxima vez—"

“Ela não estará sozinha. É evidente que você está lá para protegê-la.”

Isso pareceu calar Apollo. Seus olhos voltaram-se mais uma vez para Tem, e desta vez demoraram-se. Sua mente roçou a dela, mas ela não ousou deixá-lo entrar. Em vez disso, eles se encararam, os braços de

Caspen ainda em volta dela, o corpo de Tem ainda pressionado contra o peito dele.

Apollo abriu a boca para falar novamente, mas Caspen já estava puxando Tem para longe. Seu aperto era insuportavelmente forte enquanto a empurrava do pátio para o corredor. Assim que ficaram sozinhos, Tem disse: "O que acabou de acontecer?"

Caspen franziu os lábios. Ele não respondeu.

“Caspen”, ela insistiu. “Você não pode me excluir. Não mais.”

Ainda sem resposta.

Tem pensou nos homens que caminhavam em sua direção, com os olhos vidrados de desejo. Mas o que, exatamente, eles queriam? Tem estremeceu. Ela precisava de respostas, e sabia que Caspen as teria.

“O que Apolo quis dizer? Por que aqueles homens me atacariam?”

“Tem”, disse Caspen. Eles haviam chegado aos seus aposentos e, assim que entraram, ele a puxou para a cama. “Não deixarei ninguém te atacar.”

“Eu sei disso. Estou perguntando por que eles sequer desejariam fazer isso.”

Por fim, ele olhou para ela. "Eles querem o seu poder."

Tem fez uma careta. "Bem, podem ficar com ele. Não há muito o que dar."

“Você é um Híbrido, Tem. Você é o mais poderoso entre nós.”

Um híbrido. Tanto basilisco quanto humano. Sem limites.

“Mas eu não *me sinto* poderosa.” Ela mal conseguia se mover. Coisas como o ouroboros ainda a sobrecarregavam, e cada minuto sob a montanha era um teste de sua resistência. Todos pareciam entender seu valor, menos ela mesma.

“Mas você é”, disse Caspen em voz baixa. “Você pode ser feito de duas coisas, mas cada uma delas é completa.”

"O que você quer dizer?"

“Seu lado basilisco não funciona com capacidade reduzida só porque representa metade de você. A parte de você que é basilisco é totalmente basilisco. O mesmo acontece com seu lado humano.”

"Então?"

“ *Então* você é duas coisas, Tem. Você sempre foi. E você é ambas as coisas plenamente. Seu poder é incomparável.”

Tem refletiu sobre o que Caspen acabara de dizer a Apolo: *Ela é minha.* Se ela era tão poderosa, será que Caspen cobiçava seu poder? Tem sabia que ela estava segura com ele — sempre estivera. Mas se Tem era tão poderoso quanto dizia, talvez nem mesmo Caspen conseguisse resistir a tal atração.

“Mas como eles obteriam meu poder?”

“Existem muitas maneiras. Eles poderiam te superar. Mas eu acho que eles não ousariam fazer isso.”

"Por que não?"

“Porque nem mesmo meu pai conseguiu.”

Tem se lembrou do casamento — a mão de Bastian em volta de seu pescoço, apertando. Ela precisou de toda a sua força para resistir e, mesmo assim, precisou da ajuda de Leo para sobreviver.

Caspen prosseguiu: "Muito provavelmente, eles tentarão te matar."

" Me *mata* ?"

"Sim."

“Mas se sou tão poderoso, por que eles iriam querer me matar?”

“Porque você lhes será mais útil morto. Quem matar um basilisco receberá o seu poder.”

Tem não fazia ideia de que isso fosse possível. "Sério?"

“Sim”, disse Caspen. “Quando meu pai morreu, eu fiquei com a parte dele.”

Isso foi novidade para Tem. "Mas você... o devorou."

Caspen deu-lhe um sorriso sombrio. "Sim, eu fiz. E ao fazer isso, provei o meu valor."

Tem olhou fixamente para ele. Basiliscos eram simplesmente *bizarros.* Mas ela entendia, em algum nível, como a morte violenta de Bastian pelas mãos de seu filho poderia ter dado a Caspen o poder do rei. Matar um rei não era tarefa fácil.

“Então… você está no poder agora?”

Caspen sorriu ainda mais. "Eu sempre fui poderoso."

Claro que sim. Mas agora, ainda mais, era algo a se considerar.

Caspen a ajeitou em seus braços, puxando-a para mais perto. "Se ele tivesse vivido, eu teria tido acesso ao seu poder de qualquer maneira."

"Como?"

“Meu veneno.”

"Eu não entendo."

“A mordida de um basilisco não é fatal por si só. Meu pai só morreu porque eu… continuei.” Uma pausa se passou, e Tem se lembrou da cena de Caspen canibalizando o próprio pai. Ela estremeceu. “Mas isso tem um efeito significativo.”

“Qual é?”

“Uma vez mordida, a vítima fica vulnerável ao basilisco que a mordeu. A presença do meu veneno na corrente sanguínea do meu pai teria criado uma ligação entre nós.”

“Que tipo de conexão?”

"Eu teria sido capaz de usar isso para drenar o poder dele."

Tem franziu a testa. "Mas eu tenho seu veneno na minha corrente sanguínea, e você nunca o drenou de mim."

“Isso porque você apenas bebeu meu veneno. Se eu tivesse te mordido direito — com minhas presas, enquanto estivesse na minha verdadeira forma — eu também teria sido capaz de sugar meu veneno de você.”

“Obrigado por não me morder, eu acho.”

Caspen sorriu. "De nada, meu amor."

Tem imaginou Caspen no palco, despedaçando o torso do pai. Era difícil acreditar que Bastian quisesse que seu poder fosse para a mesma pessoa que o havia destruído. Mas esse era o caminho do basilisco.

“Então… os Senecas querem meu poder. Vão me matar ou sugar o que me é devido?”

O maxilar de Caspen se contraiu. "Não posso saber disso. Mas meu irmão estava certo." Parecia que as palavras lhe causavam dor. "Você não está seguro quando está sozinho."

Tem entendia que Caspen estava com medo por ela, e conseguia compreender o porquê. Parecia que todos queriam tirar algo dela. Sempre, *sempre* tirando algo. Era exaustivo, e Tem estava cansada disso. Nunca havia o suficiente dela para todos — nunca o suficiente para

fazer todos que queriam algo felizes. Isso estava começando a desgastá-la, a destruí-la por dentro.

Tem suspirou. Ao contrário dos outros costumes que os basiliscos seguiam, este não tinha nada de sexual. Era sério e perigoso. E a tornava um alvo. Pelo jeito que os basiliscos no pátio olhavam para Tem, Caspen tinha todos os motivos para temer por ela. Ela podia sentir isso no jeito como as mãos dele apertavam sua cintura com muita força, como se ele temesse que ela pudesse desaparecer.

“Caspen”, disse ela. “Ninguém vai me matar. Seriam idiotas se tentassem.”

Seu aperto não diminuiu. "E por que será?"

“Porque aí você os mataria.”

Caspen soltou uma risada suave. "Suponho que seja verdade."

Isso era *certamente* verdade. Tem podia ser uma fonte tentadora de poder, mas Caspen era uma fonte aterradora de ira. Ela não conseguia imaginar que alguém sob aquela montanha ousaria tocá-la. Ele já era o Rei Serpente — não havia ninguém mais poderoso.

Ninguém além dela.

Capítulo Treze

O domingo chegou mais rápido do que Tem gostaria.

O castelo estava decorado para o inverno; grandes ramos de azevinho adornavam o arco da entrada, e outros tantos pendiam no saguão. Velas brancas haviam sido trocadas por vermelhas, e as grandes gotas de cera pareciam sangue. Tem não conseguia parar de encará-las.

"Foi obra da Evelyn", disse Leo, com rigidez.

Tem franziu a testa ao perceber a tensão em sua voz. Então tudo fez sentido.

A decoração era cara. E desnecessária. Evelyn gastara dinheiro com algo sem propósito algum — algo puramente superficial. Era uma coisa abominável de se fazer em tempos de crise financeira. Tem não conseguia acreditar nas prioridades daquela mulher. Quem se importava com decoração quando os aldeões estavam passando fome? Evelyn, aparentemente.

Como se fosse combinado, Evelyn apareceu no topo da escada. "O castelo não é lindo?", ela ronronou.

Nem Caspen nem Tem responderam. Ambos eram incapazes de mentir, e seria impossível dizer que achavam aquilo bonito. Em vez disso, Tem pegou a mão de Caspen na sua e a apertou.

Esta vai ser uma noite longa.

Ele revidou com força. *Disso eu tenho certeza.*

Leo também parecia saber disso, pois não disse nada. Os três ficaram parados sem jeito enquanto Evelyn descia as escadas rebolando. Quando se sentaram na sala de jantar, Tem já estava pegando sua taça de vinho. Se a noite seria longa, pelo menos queria estar bêbada.

“Os preparativos para o casamento estão indo maravilhosamente bem”, disse Evelyn, embora ninguém tivesse perguntado.

Tem virou o vinho.

“Encomendamos sessenta cisnes brancos para a ocasião. Eles ficarão lindos no lago.”

Mais uma vez, ninguém falou. Tem não conseguia imaginar quanto sessenta cisnes brancos tinham custado ou de onde os importariam. Ela nunca tinha visto um único cisne em A aldeia, muito menos sessenta deles. Era um absurdo.

“Claro, também estamos pensando em comprar rosas brancas. Mas está difícil encontrá-las. Não é verdade, querido?” Ela olhou expectante para Leo, que encarava seu copo de uísque.

"Bastante difícil", disse ele, sem ânimo.

Felizmente, o jantar foi servido.

O silêncio persistiu enquanto os mordomos serviam o rosbife, mas pelo menos agora havia comida em que se concentrar. Para surpresa de Tem, foi Caspen quem falou em seguida.

Houve mais protestos?

Tem franziu a testa. Por que ele estava perguntando? Ele não se importava com os aldeões.

"Sim", suspirou Evelyn. "Houve."

Duas palavras passaram pela mente de Tem: *Alimente-nos.*

“É uma pena”, disse Caspen.

“É sim.” Ela olhou para Leo, que ainda tentava se afogar no uísque. “Estamos explorando… soluções.”

Caspen ergueu uma sobrancelha. "Como assim?"

Ah. Era por isso que ele estava perguntando — não era para avaliar a situação dos aldeões. Era para saber quais eram os planos da realeza para o futuro do reino. Esses planos afetariam diretamente os basiliscos.

Evelyn continuava olhando para Leo, que olhava para qualquer lugar, menos para ela.

“Ainda não decidimos. Mas estamos analisando nossas opções. As coisas não podem continuar como estão. É importante deixar um legado para nossos filhos.”

Tem quase se engasgou com o vinho. " *Crianças?* "

Evelyn tocou no braço de Leo. "Queremos dois, não é, querido? Um menino e uma menina."

Tem reprimiu a vontade de vomitar.

Tem. A voz de Caspen ecoou em sua mente.

Ela sabia que ele conseguia ouvir seus pensamentos. Não era possível escondê-los naquele momento. O desagrado de Tem era tão evidente que ela se surpreendeu que Evelyn também não o ouvisse.

Estou tentando.

Você precisa se esforçar mais. Não pode se dar ao luxo de perder a calma.

Tem sabia que estava certo. Eles tinham que fazer isso, pelo bem maior. Mas ele estava pedindo o impossível. Evelyn estava *bem ali.* Seus grandes olhos de corça encaravam Tem com uma curiosidade calculista, como se estivesse a avaliando. E como ela se atrevia? Evelyn fora quem havia deixado Leo em primeiro lugar.

Mas será que Tem era realmente melhor? Ela também tinha deixado Leo.

O pensamento só a deixou mais furiosa. Ela o havia deixado *para que ele pudesse ser feliz* . E a felicidade dele, por razões que Tem não conseguia e *não queria* compreender, dependia do banal. A pessoa à sua frente. Evelyn jamais conseguiria satisfazer Leo. Ela parecia nunca ter feito sexo na vida, muito menos estar disposta a chupar o pênis dele em uma carruagem simplesmente para torturá-lo. Leo exigia desafio, força e *poder* . Evelyn não possuía nada disso.

Tem. A voz de Caspen voltou a lhe ocorrer.

O que?

Controle-se.

Não era uma ordem. Era um aviso.

Tem sentia um calor intenso subindo em seu âmago, o monstro dentro dela não mais adormecido. Seu lado basilisco parecia ansiar por libertação, escalando firmemente as paredes de seu interior. A fúria era iminente. Ela havia se transformado apenas uma vez desde o casamento. Mesmo assim, sentia como se estivesse prestes a se transformar agora, o desejo consumindo-a rapidamente como um incêndio florestal.

Tem fechou os olhos, tentando respirar fundo para se acalmar. Mas nada adiantou. Ela estava perdida demais — perto demais do abismo.

Você está começando a transição, Tem. Eu consigo sentir isso.

Era verdade. A pele de Tem estava arrepiada — pontadas de eletricidade percorriam sua espinha, ameaçando engolfá-la. Ela tentou controlar a respiração, mas não conseguiu. O fogo familiar queimava em seu peito, ameaçando explodir. Ela não podia fazer a transição ali. Ela tinha que manter todos em segurança — tinha que manter Leo em segurança. Mas ao pensar em Leo, Tem só sentia mais calor.

Concentre-se em outra coisa, Tem.

Não posso.

Suas mãos estavam cerradas em torno do guardanapo em seu colo, que começava a fumegar. Tem conseguia sentir o cheiro do tecido queimado. Ela estava suando, grandes gotas escorrendo entre os seios. Era como se estivesse com a pior febre do mundo.

Você precisa controlá-lo.

Estou te dizendo, eu não consigo.

Você pode fazer qualquer coisa, Tem.

Estou com tanta raiva, Caspen. Eu... ME AJUDE.

Uma onda imediata e reconfortante de calma fluiu de sua mente para a dela. Tem se inclinou para ela, puxando-a desesperadamente para si, cobrindo-se com o máximo possível. Era como mergulhar a cabeça em um balde de água fria. Seus olhos se abriram lentamente e, quando o fizeram, a clareza retornou.

O jantar prosseguiu sem Tem. Evelyn ainda falava, e Caspen assentia com a cabeça enquanto ela dizia algo. Mas Leo a encarava fixamente, seus olhos cinzentos penetrando os dela. Seu rosto estava contraído em uma carranca.

O que foi?, ele perguntou sem emitir som.

Tem balançou a cabeça negativamente. A expressão de Leo se tornou ainda mais carrancuda.

Ela devia estar com uma aparência terrível agora. Não havia como esconder os sinais físicos: o suor, o rubor, a falta de ar. Nem mesmo as velas conseguiam disfarçar o cheiro de fumaça que agora pairava no ar.

“Tem”, disse Leo em voz alta.

A mesa ficou em silêncio enquanto todos olhavam para ela.

Por que ele tinha feito aquilo? "Sim?" Tem respondeu o mais tranquilamente que pôde.

Leo sustentou o contato visual com ela. "Está tudo em ordem?"

“Claro”, disse ela. “Só preciso me refrescar. Com licença?”

Sem esperar por uma resposta, Tem se levantou e saiu da sala. O teto cavernoso do corredor pairava sobre ela enquanto corria para o banheiro mais próximo, acabando naquele com a pia dourada. Tem agarrou as laterais do espelho, encarando seu reflexo. Seus olhos estavam vermelhos. Uma única gota de suor escorreu por sua têmpora. Ela a enxugou com a mão no exato momento em que bateram à porta.

“Tem?”

Uma voz feminina. Uma voz que ela já ouvira antes, naquele mesmo banheiro. Lilly, a irmã de Leo.

Tem não se mexeu. Ela não queria ver ninguém agora. Além disso, ela ainda não confiava em si mesma — e se ela ainda estivesse em perigo de fazer a transição?

“Vá embora, Lilly.”

“Tem. Deixe-me entrar.”

Passou-se um instante. Tem teve a sensação de que Lilly ficaria ali parada até que ela obedecesse.

Com um suspiro, ela abriu a porta. Sem dizer uma palavra, Lilly a puxou para um abraço. A princípio, Tem se enrijeceu com o contato. Depois, deixou o abraço se aprofundar, apoiando-se na mulher à sua frente e permitindo-se ser acolhida.

"O que foi?", murmurou Lilly. "Você pode conversar comigo."

Tem apenas balançou a cabeça. Ela não conseguia falar com ninguém, não conseguia expressar as dúvidas que a apertavam como um torno.

Você ainda o ama, não é?

Os olhos de Tem arderam em lágrimas. Em resposta, ela apertou Lilly com mais força.

“Ah, Tem.”

Não havia mais nada a dizer. Tem simplesmente chorou.

Lilly a abraçou por um longo tempo — muito mais tempo do que o necessário. Quando os soluços de Tem finalmente cessaram, ela ainda a segurava, delicadamente, com o rosto de Tem enterrado em seus cabelos loiros como gelo.

"O que você vai fazer?", sussurrou a princesa.

"Não sei", Tem sussurrou de volta. "Acho que não há nada que eu *possa* fazer."

“Você poderia dizer a ele como se sente.”

Tem balançou a cabeça negativamente.

Lilly se afastou, olhando-a diretamente nos olhos. "Você poderia", insistiu. "Ele estaria aberto a isso. Eu sei que estaria.”

Mas Tem não tinha ideia se isso era verdade. E se Leo estivesse disposto a deixar Evelyn, significava que Tem havia cometido um erro ao mandá-lo embora. E Tem não estava pronta para admitir isso para si mesma, muito menos para Leo. Lilly não sabia nada sobre o brasão — ela não sabia que tudo aquilo era culpa de Tem. Aos olhos dela, provavelmente parecia que Tem simplesmente havia mudado de ideia.

“Eles vão se casar”, disse Tem. “De qualquer forma, já é tarde demais.”

“Não é tarde demais até que eles já tenham caminhado até o altar.”

Tem piscou. "Como você pode dizer isso?"

Lilly suspirou. "Porque meu irmão merece alguém melhor do que Evelyn."

Foi difícil não reagir àquela declaração. Tem ficou chocado ao ouvir Lilly falar tão abertamente sobre a noiva de seu irmão. Foi então que Tem se perguntou se Lilly sabia do derramamento de sangue. Será que ela entendia que o reino estava agora em sérias dificuldades financeiras porque sua principal fonte de renda havia cessado? Talvez Lilly presumisse que tudo estava bem. Afinal, o castelo era decorado de forma extravagante, e Lilly quase nunca saía de lá. Não havia motivo para acreditar que algo tivesse mudado.

“Ele a ama.”

“Ele também te ama.”

Tem balançou a cabeça. "Ele não deveria."

Lilly se aproximou, e o banheiro pareceu encolher. "Os homens da minha família são guiados pelo coração. Você acha que meu irmão é o primeiro a se apaixonar pela mulher errada?"

Tem não fazia ideia do que aquilo significava. Ela estava falando de Maximus? Tem não sabia nada sobre a vida amorosa do rei e certamente não ia começar a perguntar agora.

“Evelyn voltou”, disse Tem. “Eles estão felizes juntos.”

“Será mesmo?”

"Ela o ama." Mas as palavras soaram falsas.

"Você realmente acredita nisso?", sussurrou Lilly.

Outra pergunta que ela não quis responder.

Lilly franziu os lábios. "Evelyn adora poder. E status, e meu irmão pode proporcionar ambos." Ela fez uma longa pausa antes de concluir em voz baixa: "Quero que ele seja feliz."

As lágrimas estavam prestes a voltar. "Eu também quero isso", sussurrou Tem.

As mãos de Lilly encontraram as dela. "Então conte a verdade para ele. Ele não pode ser feliz a menos que saiba como você realmente se sente. Ele merece fazer a própria escolha."

Mas Tem apenas balançou a cabeça. Mesmo que contasse a Leo como se sentia, não havia uma solução elegante. Havia muitas pessoas envolvidas — muitos casamentos. Sua união com Caspen era apenas uma das muitas coisas a considerar. Tem sabia que Evelyn não... Ela não abriria mão de Leo enquanto achasse que podia ganhar algo com ele. Ela via Tem como concorrente, como um jogador em seu jogo doentio e perverso. Um jogo com um prêmio que valia a pena ganhar. Um jogo do qual Tem não queria participar.

Lilly baixou as mãos. "É melhor você voltar lá para dentro", disse ela gentilmente.

Tem assentiu com a cabeça. Ela havia ficado fora por tempo demais. Despediu-se de Lilly no patamar, dando-lhe um último aperto de mão antes de retornar à sala de jantar. Tudo estava exatamente como ela havia deixado, exceto pela sobremesa, que agora fora servida: um suflê de chocolate. Mas, no instante em que Tem se sentou ao lado de Caspen, percebeu uma mudança em sua energia.

"Tem?" disse Leo. "Você se importaria de conversar comigo depois do jantar?"

Tem teve que se concentrar para não deixar a boca aberta. Da última vez, Evelyn queria que ela ficasse, e agora Leo queria o mesmo? O que estava acontecendo *com* esses dois?

Os olhos de Tem se voltaram para Caspen. Sua expressão era indecifrável, mas seu corpo o entregava. Suas mãos estavam cerradas em punhos. Certamente, aquilo era inaceitável para ele. Tem desejou

que ele simplesmente *dissesse algo* — proibisse-a de ir ou até mesmo gritasse. Qualquer coisa seria preferível ao seu silêncio gélido.

“Eu… Por quê?”

Leo olhou para Evelyn, cuja expressão era um reflexo da de Caspen. "Há... assuntos que devemos discutir", disse ele lentamente.

“Que tipo de assuntos?”

Leo parecia não ter resposta para aquilo, e Tem também não. A situação realmente não poderia piorar. Um encontro a sós com Leo era a última coisa que ela precisava. Tem não fazia ideia se conseguiria se controlar perto dele. Eles não ficavam sozinhos desde a anulação do casamento, e aquela vez quase terminou com ela se atirando em cima dele. Ela duvidava que desta vez fosse diferente. Antes que Leo pudesse responder, Caspen se levantou.

Tem também se levantou, repentinamente com medo do que ele pudesse fazer. Mas, em vez de dizer qualquer coisa — ou mesmo olhar para ela —, Caspen saiu da sala sem olhar para trás. No instante em que ele sumiu de vista, Tem sentiu-o fechar com força o corredor entre suas mentes. Ele estava furioso. Mas ela lidaria com ele mais tarde.

Evelyn também se levantou. "Não demore muito, querido", disse ela, com a voz mortalmente baixa. Um aviso.

Leo não respondeu. Tem percebeu a dor física que sentia por Evelyn não repreendê-lo. Mas repreendê-lo seria destruir a ilusão do casamento perfeito deles. Tem sabia que esse não era um preço que Evelyn estava disposta a pagar — principalmente não na frente dela. Um instante depois, ela saiu da sala apressadamente.

Leo fez um gesto silencioso em direção à biblioteca. Assim que entraram, ele foi direto para lá. para o álcool. "Uísque?"

"Por favor."

Leo levou seu tempo servindo uma bebida para cada um deles, e quando entregou a de Tem, ela percebeu que ele teve cuidado para não tocá-la.

"Obrigado."

"Claro."

Eles estavam sendo excessivamente formais, mas Tem não sabia como agir de outra forma. Aquela era uma situação completamente

estranha para ela, sem precedentes. Ninguém conhecia as regras para aquilo, muito menos Tem.

Eles se sentaram nas poltronas de couro, um de frente para o outro. Leo parecia cansado, como no fim de semana passado. Mas também estava lindo. Tem não conseguia parar de olhar para tudo aquilo de que sentia tanta falta: o cabelo loiro, as maçãs do rosto proeminentes, os dedos longos. Ela podia ver o coração dele batendo forte na têmpora. Tem queria pressionar os lábios contra o pescoço dele, para ver se ele ainda cheirava a verão. Ele seria quente. E macio, flexível e cheio de vida.

“Tem”, disse ele baixinho, interrompendo seus pensamentos. “Por que você saiu da mesa?”

Tem tomou um gole generoso de uísque. Não adiantava esconder. "Eu estava prestes a fazer a transição."

Leo franziu a testa. "Em um...?"

"Sim."

Leo também tomou um gole bastante grande.

Por um instante, nenhum dos dois disse nada. No silêncio, Leo a observava. Tem se perguntou se ele estava pensando as mesmas coisas que ela. Será que ele queria tocá-la? Passar os lábios pelo pescoço dela? Tem torcia para que sim. Deu-lhe conta de que estavam sozinhos na biblioteca. Sua mente estava fechada; não havia ninguém ali para vê-los. As únicas pessoas que impediam que algo acontecesse eram eles mesmos. Ela precisava se distrair.

“Sobre o que você queria conversar, Leo?”

Ele piscou, como se despertasse de um transe. "Nossos reinos, suponho. Era para isso que meu pai usava este quarto, de qualquer forma."

Ao ouvir o nome de Maximus, Tem apertou o copo de uísque. Imaginou-o com Bastian naquela mesma biblioteca, discutindo política. Era uma visão bizarra. De repente, Tem se perguntou se havia interpretado mal a raiva de Caspen. Ela presumira que ele estivesse chateado por ela estar se encontrando com Leo sozinha. Mas agora se perguntava se ele se sentia insultado por ela *estar* se encontrando com Leo em vez dele. Essas discussões eram para os dois reis. Talvez sua ira fosse, na verdade, direcionada a Leo, e não a Tem. Imediatamente, ela

torceu para que não fosse. Tem conseguia lidar com a raiva de Caspen; ela não queria Leo por perto.

“Bem.” Ela gesticulou com a mão. “Você primeiro.”

Leo pousou seu uísque sobre a mesa. "Muito bem. Você já sabe que abolimos o derramamento de sangue. Todos os basiliscos foram devolvidos à montanha."

“Sim. Obrigada.”

"De nada."

Ainda muito formal. Tem detestou.

“Estamos explorando outras opções de renda.”

"Como?"

“O mar não está longe. Pensei em talvez pescar.”

“Ótimo”, disse Tem. “Mantenha-me informado.”

"Devo."

Ela tomou outro gole de uísque. Não havia álcool suficiente no mundo para tornar aquela conversa suportável. Tem desejou que Leo não estivesse tão bonito; aquilo estava a distraindo.

“Há outro assunto que precisamos discutir”, disse ele rapidamente, como se quisesse amenizar o constrangimento.

“Qual é?”

“Presumo que você tenha ouvido falar do incidente com os moradores da vila.”

Tem assentiu com a cabeça. Ela se esqueceu de mencionar que estivera lá.

“Estamos tentando descobrir quem estava por trás disso.”

Mais uma vez, Tem franziu os lábios. Ela sabia exatamente quem estava por trás disso e jamais revelaria. "Você tem alguma pista?"

“Não neste momento. Mas estamos investigando.”

Tem não se deu ao trabalho de perguntar como era esse processo. Em vez disso, fez uma anotação mental para dizer a Gabriel que tomasse cuidado com quem falasse quando viesse trabalhar no castelo.

“Os aldeões estão zangados, Tem”, continuou Leo. “E estão passando fome. Eles me culpam.”

Tem compreendeu a posição dele. Era complicada, como a dela. "O que você quer que eu diga, Leo?"

Ele suspirou, seus olhos vagando para a lareira. Não respondeu, e não precisava. Nada que Tem dissesse resolveria a situação. Ambos estavam presos nas circunstâncias que haviam criado. Tem também encarou o fogo. O cômodo estava quente — quase desconfortavelmente quente. Lembrou-a de seus aposentos nas cavernas. O pensamento só a fazia sentir mais calor. Toda vez que ficava sozinha com Leo, seu lado basilisco se desenrolava, buscando seu cheiro. Estava se tornando impossível subjugá-lo.

“Meu pai nega”, disse Leo de repente.

Tem olhou para ele surpreso. "Nega o quê?"

“Foi ele quem escreveu a carta.”

Tem levou um instante para entender de qual carta ele estava falando. A de Evelyn. “Isso é…” Tem começou, mas parou de falar.

A conversa com Evelyn continuava martelando em sua mente, corroendo-a como ácido. Ela não conseguia dizer a Leo que concordava, que duvidava da história de Evelyn. Ela não conseguia lhe dizer *nada.*

“Seu pai é um mentiroso”, concluiu ela, com firmeza. “É claro que ele nega.”

Uma sombra escura tomou conta do rosto de Leo. "Ele não tem motivos para mentir sobre isso."

O que Tem deveria dizer? Ela não tinha como tranquilizá-lo sem mentir. Então, simplesmente perguntou: "Ela voltou por você, não foi?"

Leo deu de ombros, ainda encarando o fogo. Seu pulso batia forte na garganta. "Talvez ela tenha pensado que era uma boa hora para voltar."

"O que você quer dizer?"

"Já não sei mais", sussurrou ele.

Foi tudo o que ele disse, e não foi suficiente. Se Leo não confiava em Evelyn — a ponto de confrontar o pai sobre se ele realmente havia escrito a carta que pôs fim ao relacionamento deles — não havia volta. A dúvida se instalou e não haveria como deter seu caminho destrutivo.

Tem não queria que Evelyn estivesse mentindo para Leo. Ela queria que Evelyn fosse o amor da vida de Leo. Porque se não fosse, então tudo o que Tem os havia feito passar não teria valido a pena. Tem não

suportava a ideia de que a dor dele tivesse sido em vão. Ela *precisava que* isso desse certo.

"Leo", ela sussurrou. "Ela voltou. Isso não basta?"

Leo encarava o fogo, com o olhar desfocado. Ele estava ficando com raiva — ela podia ver isso em seu rosto. Algo estava se formando ali: algo ruim.

"Estou rodeado de mentirosos", sussurrou ele. "Inclusive você."

Suas palavras a fizeram parar abruptamente. Porque eram verdadeiras. "Leo—"

“O que ela te disse semana passada? Hum?”

Tem franziu os lábios. Era revelador que Leo se concentrasse naquela conversa em particular — como se soubesse que algo significativo havia acontecido durante ela, que havia algo que Tem não podia dizer. Ele era tão intuitivo. Era uma qualidade que ela geralmente adorava nele, mas que odiava naquele momento.

“Ela simplesmente—”

“E nem *pense* em mentir.”

Ela suspirou. Ele não podia ter tudo. Não era possível para ela contar o que Evelyn lhe dissera na semana passada e também não mentir. Como uma Híbrida, ela podia mentir, embora fosse doloroso — mentir para Leo era doloroso física e emocionalmente. E ela sabia que contar a verdade agora poderia sabotar o relacionamento dele.

A pausa se prolongou demais. Leo se inclinou para frente. "O que diabos ela te disse, Tem?" Sobre o que vocês dois conversaram? Falaram de mim? De *nós* ? Que segredos minha futura esposa te contou que ela não quer me contar?

Tem não respondeu. Ela não podia.

“Ela te contou por que me deixou? Ela te leu a maldita carta que meu pai supostamente deixou para ela?”

Em algum momento durante seu discurso raivoso, Leo se levantou. Ele estava de pé sobre Tem, com as mãos em cada lado da poltrona dela, encurralando-a.

“O que ela te disse?”

"Leo", gritou Tem. "Acalme-se."

Sua reação foi imediata. Sua expressão suavizou-se e seus ombros relaxaram enquanto ele se sentava novamente, com as mãos entrelaçadas no colo. Tem piscou, atônito com a mudança repentina. Então, uma terrível constatação o atingiu.

Tem acabara de dar uma ordem a Leo. E, como objeto de seu brasão, ele era obrigado a obedecê-la.

"Desculpe", disse Tem imediatamente, buscando desesperadamente uma maneira de consertar as coisas. "Você... você não precisa se acalmar, a menos que queira."

Seguiu-se um momento de silêncio. Então, num instante, a raiva de um momento atrás retornou. Ele inclinou-se para a frente, mas não se levantou. "O que isso quer dizer?"

Tem abriu a boca e a fechou em seguida — só ela conhecia os detalhes do brasão. Leo não fazia ideia de que o que ela fizera com ele no dia do casamento teria implicações a longo prazo.

"Tem?" Leo insistiu. "Que merda você acabou de fazer comigo?"

“Leo”, disse ela o mais calmamente possível. “Você se lembra do que fez por mim no final do nosso casamento?”

Os olhos dele a encaravam fixamente, acusadores e temerosos. "Sim. Claro que sim."

“Você salvou minha vida”, disse Tem lentamente. “E eu sou muito grata.”

“Chega de enrolação, Tem.”

Ela se assustou com esse tom, mas não se deixou deter. "Quando você me salvou, isso... nos uniu."

Leo olhou para ela com expectativa.

Tem procurou as palavras certas. "Esse vínculo é significativo. E permanente. E tem certos... efeitos colaterais."

"Como?"

“Como o que aconteceu agora há pouco. Eu te dei uma ordem — eu disse para você se acalmar, e você obedeceu.”

Houve um momento de silêncio enquanto Tem aguardava que suas palavras fossem ouvidas. Então:

“Mas *por que* eu fiz isso? Por que me senti tão…?” Mas Leo parou de falar.

Tem não conseguia imaginar como era para ele receber uma ordem e ter que obedecê-la. Ela nunca tinha sido controlada daquela forma. O fato de ter acabado de fazer isso com Leo — mesmo que sem querer — a fez querer chorar. Ele merecia saber a verdade.

“O vínculo faz com que você tenha que fazer o que eu digo.”

A compreensão surgiu lentamente para ele. Leo havia salvado a vida dela. Agora ela controlava a dele. "Eu... devo a você?"

Lágrimas ameaçaram cair. "Sim", ela sussurrou. "Tecnicamente, você é, mas eu nunca faria isso—"

"Nunca o quê?", ele retrucou. "Me dar uma ordem? Você acabou de dar."

“Não, quer dizer... sim, eu fiz... mas não porque eu queria. Não foi essa a minha intenção. Eu só queria que você..."

“Queria que eu fizesse o quê? Que me acalmasse? Então você *me ordenou que fizesse isso* ?”

“Não foi minha *intenção.* ”

Mas Leo apenas a encarou, com as mãos cerradas em punhos. "Sua intenção é irrelevante", disse ele friamente.

Tem só podia ficar sentada e aceitar. Ele tinha toda a razão; não importava que ela não tivesse feito por mal. Ela tinha feito aquilo e não podia voltar atrás.

“Desculpe, Leo. Foi um erro. Não vai acontecer de novo.”

Ele apenas balançou a cabeça negativamente.

Tem percebeu os paralelos. Ela repetia tudo o que Caspen lhe dissera certa vez: que faria o possível para não machucá-la, que não aconteceria de novo, que se sairia melhor da próxima vez. E ele nunca se saiu. E Tem sabia que também não se sairia. Se chegasse o momento em que precisasse dar uma ordem a Leo, ela a daria. Sabia que daria. Seu lado basilisco exigiria isso dela, como exigia tantas outras coisas. Não importava que seu lado humano detestasse a ideia de controlar outra pessoa. A serpente dentro dela ansiava por mais.

De todas as coisas das quais ela tentava proteger Leo — decepções amorosas, Evelyn, o pai dele, os aldeões, Caspen — ela não havia considerado protegê-lo de si mesma. Tem precisava ser melhor para Leo. Ela precisava ser a pessoa que ele merecia. Mas não era tão simples. *Ela* não era tão simples. Não era uma questão de força de

vontade. Tem resistia à atração da natureza, a mesma coisa que a trouxera até Leo em primeiro lugar. Era impossível resistir a tal força, e ela era impotente diante dela.

“Esta não é a primeira vez, não é?” disse Leo.

"O que você quer dizer?"

“Esta não é a primeira ordem que você me dá. No nosso casamento, você me disse para ir. Você me disse para encontrar Evelyn.”

Tem mordeu o lábio. Ele ia gritar com ela por causa disso? "Sim. Eu gritei."

Ela esperava que ele se levantasse novamente — que explodisse. Em vez disso, ele simplesmente a encarou, com a testa levemente franzida, como se estivesse tentando resolver um problema complexo.

"Por que você fez isso?", perguntou ele em voz baixa.

Por que, afinal? Era a mesma pergunta que ela se fizera centenas de vezes desde então. Na verdade, só havia uma resposta. "Porque eu queria que você fosse feliz. Você merecia mais."

Uma miríade de emoções passou pelo rosto dele. Tem não fazia ideia do que ele estava pensando e não ousou perguntar. Em vez disso, esperou um longo momento antes de dizer: "A última coisa que eu queria era te magoar, Leo."

Isso foi recebido com uma risada incrédula. "E, no entanto, é só isso que você faz, Tem."

Ela abriu a boca para protestar, mas percebeu que lhe faltavam palavras. Então, para sua surpresa, Leo se abrandou.

"Desculpe", ele sussurrou. "Eu não deveria ter dito isso."

Ele não disse que não queria dizer aquilo, apenas que não deveria ter dito.

Sem aviso prévio, ele se inclinou para a frente. Tem tentou não se encolher, mas pela expressão no rosto de Leo, ela deve ter se encolhido. Ele parou, com o corpo ainda inclinado em direção ao dela.

"Eu faria qualquer coisa que você me pedisse, Tem", ele sussurrou. "Esteja eu ligado a você ou não."

Seus olhos se encheram de lágrimas. Claro que ela sabia disso — claro que ela entendia o amor de Leo por ela e como ele o expressava. Ela sempre entendeu.

O único som era o crepitar do fogo. Tem também queria se inclinar para a frente, para diminuir a distância entre eles, mas fazer isso significaria arriscar a paz tênue que acabavam de encontrar, e nada a faria fazer isso. Em vez disso, ela disse: "Não podemos fazer isso."

“Fazer o quê?”

“Vamos nos encontrar assim — a sós. Deveríamos ter… um acompanhante ou algo do tipo.”

Leo soltou uma risada sem graça. "Uma acompanhante de merda não vai me impedir de te querer, Tem."

Isso não impediria Tem de desejá-lo. Ela sempre pensara que a dor que sentia por deixar Leo ir era seu castigo, que ela merecia aquilo. Mas agora percebia que não era a única a ser punida. Seu ato altruísta tinha se voltado contra ela, e Leo também estava sofrendo. Sua tentativa de consertar as coisas tinha dado errado. Ela tentara consertar algo que nem estava quebrado, e agora ambos estavam pagando o preço.

"Então, o que fazemos?", ela sussurrou. "Como controlamos isso?"

Ele balançou a cabeça. "Acho que não podemos."

“Temos que fazer isso, Leo. Temos *que* fazer isso.”

“Talvez eu não queira.”

“Essa não é uma opção.”

Ele não respondeu. Isso foi resposta suficiente.

“Se pudéssemos conversar sobre isso, talvez conseguíssemos descobrir—”

"Eu *não consigo* ", ele chorou. "Eu não consigo *simplesmente falar* com você . Falar é a última coisa que eu quero fazer com você, Tem."

Tem conteve as lágrimas. Ela sabia que ele tinha razão; eles nem deveriam estar conversando daquele jeito. Tecnicamente, nada tinha acontecido ainda. Mas se continuassem assim, aconteceria.

Uma lembrança passou repentinamente pela mente de Tem: palavras rabiscadas com tinta vermelha áspera.

“Você poderia me escrever”, disse ela sem pensar.

Leo piscou. "O quê?"

Tem inclinou-se para a frente, ignorando o lampejo de desejo em seus olhos. "Tudo o que você quer me dizer, mas não pode — você poderia escrever."

Ele balançou a cabeça. "Que bem isso poderia fazer?"

“Não sei. Talvez ajude… tirar isso do seu sistema.”

Leo soltou uma risada rouca. Tem sabia como ele se sentia porque sentia o mesmo: não havia como se livrarem um do outro. Mas eles precisavam fazer alguma coisa.

"Temos que superar isso de alguma forma, Leo", ela implorou. "Pelo bem de todos."

O problema era muito maior do que os dois. Não eram apenas os seus casamentos que estavam em risco. Eram os seus reinos.

Leo se afastou dela, encarando o fogo. "Tudo bem", disse ele finalmente, com a voz tensa. "Vou te escrever."

Um alívio abafado a invadiu. Não era uma solução permanente. Nem mesmo racional. Mas se Leo conseguisse se expressar de uma forma que não prejudicasse nenhum dos dois, talvez conseguissem passar pelo resto dos jantares sem arruinar tudo.

Leo baixou a voz. "Você vai lê-los?"

“Se você quiser”, ela sussurrou. “Algum dia. Mas por agora, apenas…”

"Esconda-os", completou ele por ela.

Tem assentiu com a cabeça. Ela tinha plena consciência de que toda aquela situação era uma péssima ideia. A ideia de Leo expressar seus sentimentos por escrito e guardar as cartas perto de sua futura esposa era, sem dúvida, uma receita para o desastre. Mas não havia outra alternativa. Leo tinha razão; não havia para onde direcionar seus sentimentos . Então, talvez pudessem recorrer às cartas.

"Você me escreverá em resposta?", ele sussurrou.

“Você quer que eu faça isso?”

Leo se virou para ela. Seus olhos percorreram o corpo dela, e Tem soube que ele estava Ela imaginava cada centímetro de suas curvas. Em seu olhar, ela via tudo o que ele não conseguia dizer e tudo o que, sem dúvida, escreveria nas cartas. Ela via o quanto ele a desejava — o quanto o consumia a repressão de tocá-la — como ele estava a meros segundos de envolvê-la em seus braços. Ela via sua dor. Por isso, não se surpreendeu quando ele respondeu: "Não".

Ela deveria se sentir ofendida? Aliviada?

Talvez fosse melhor que ele não quisesse que ela escrevesse. Certamente, ele já sabia o que ela sentia. E embora guardar cartas de

amor fosse arriscado para Leo, era extremamente perigoso para Tem. Não poderia haver nenhuma prova do amor dela por Leo — nenhuma confirmação física do vínculo entre eles. Basiliscos não eram desinibidos com seus corações. Ninguém poderia ler aquelas cartas.

Principalmente não Caspen.

Capítulo Quatorze

Caspen não estava nos aposentos quando Tem voltou para a caverna. Ela sabia que ele a estava evitando, então adormeceu sozinha, encolhida no meio da cama, tentando não pensar em Leo. Mas seus sonhos estavam repletos dele. Sempre começavam da mesma forma: com um toque de dedo mindinho. Só que desta vez, eles não estavam em frente à porta da masmorra. Agora estavam no quarto de Leo, e estavam nus.

Leo a beijou primeiro, ansioso e desesperado, seus dentes mordiscando seu lábio inferior. Tem retribuiu o que ele lhe ofereceu, deixando-o tocá-la onde quisesse. Em seus sonhos, eles sempre eram um pouco mais livres do que na vida real. Em seus sonhos, eles estavam seguros.

Você vai me manter por perto?

Pelo tempo que você me permitir.

Tem ainda estava sozinha quando acordou.

Ela mal tinha jantado; estava ocupada demais chorando no banheiro para se deliciar com o rosbife. A ideia de ir ao salão de banquetes sem Caspen era intimidante, mas não impossível. Se Caspen se sentia tão à vontade para deixá-la sozinha, talvez ela também devesse se acostumar *a ficar* sozinha. Além disso, ela estava faminta.

O salão de banquetes estava repleto de basiliscos de ambas as aljavas. Parecia que a tensão com os Sênecas havia diminuído — talvez o fato de o ouroboros ter terminado amigavelmente fosse suficiente para apaziguá-los por ora. Tem se movia cuidadosamente entre as mesas, desviando de mais de um grupo de basiliscos contorcidos. A época de acasalamento ainda estava em pleno andamento, e ela ainda não estava acostumada com isso. Tem tentou ser educada — olhar para *qualquer* outra coisa —, mas a única coisa que acontecia ao seu redor era sexo. Um homem estava acariciando uma mulher bem na sua frente. Além

deles, duas mulheres estavam entrelaçadas em uma mesa. Quando Tem estava prestes a desistir, avistou um assento vago e se deixou cair nele, agradecida. Mal havia se sentado quando ouviu a voz de Apolo.

"Sozinha esta noite, Temperance?"

Foi exatamente a mesma coisa que ele lhe dissera no corredor, antes de ela lhe dar um tapa. Apolo sempre a pegava sozinha, como se tivesse algum tipo de instinto para saber quando ela estaria mais vulnerável. Era uma habilidade bastante estranha, e ela a detestava.

"Acho que sim", disse ela enquanto ele se sentava à sua frente.

Apolo sorriu, pegando um garfo e girando-o habilmente entre os dedos. "Nesse caso, farei companhia a você."

“Você não precisa fazer isso.”

“Eu insisto.”

“Você insiste?”

“Eu imploro.”

“Isso é melhor.”

Apolo inclinou-se para a frente, um sorriso se formando em seus lábios. "Você gosta quando eu imploro?"

Tem lançou-lhe um olhar de total desprezo. "Só se for pela sua vida."

“Vocês nunca me ouvirão implorar pela minha vida.”

“Não? E por que não?”

Apolo sorriu, mostrando suas presas. "Basiliscos acreditam no destino."

“O que isso quer dizer?”

“Significa que entendemos que nossas mortes são predeterminadas. Se algum dia eu tiver a sorte de estar sob sua lâmina, eu a acolherei de bom grado.”

Tem revirou os olhos.

O sorriso de Apolo só aumentou. "Seria uma honra morrer pelas suas mãos, Temperança."

“Seria um privilégio te matar.”

Apolo riu abertamente. Era sempre perturbador quando os basiliscos faziam isso. Geralmente eram tão sérios que qualquer coisa que não fosse estoicismo a pegava de surpresa. Mas o riso combinava com Apolo, Tem percebeu. Apesar de sua língua afiada, sua energia era

decididamente mais leve que a de Caspen. O mesmo acontecia com Damon — quase como se os irmãos tivessem nascido em ordem decrescente de seriedade. Por outro lado, Caspen carregava o fardo da liderança. Todos os outros estavam livres de tal responsabilidade. Tem também seria alegre se não estivesse preocupada com o futuro do reino.

“Fiquei impressionado com você na outra noite”, disse Apolo, ainda girando o garfo.

“Como assim?”

“O ouroboros não é para os fracos de coração.”

“Meu coração está longe de ser fraco.”

“Isso eu sei.”

Tem bufou. Apolo não sabia nada sobre o coração dela. Nunca saberia. Mas isso não significava que ele não se importasse com ela. Ela não havia esquecido o que ele dissera depois do ouroboros — como ele avisara Caspen para sair do pátio quando os Sênecas avançassem sobre eles, como o incentivara a levá-la para um lugar seguro. Era um lado dele com o qual ela não estava acostumada — um lado compassivo, carinhoso e protetor. Dela. Momentos como aquele a faziam questionar se as investidas dele eram genuínas. Momentos como aquele a faziam vacilar.

Mas hoje ela não podia se dar ao luxo de vacilar.

"Você só sabe flertar comigo. É um saco."

Apolo ergueu uma sobrancelha, divertido. "Em todos os meus anos, ninguém jamais disse que meu flerte era chato."

“É repetitivo. E previsível.”

“Entendo. E o que você sugere que eu faça para mudar isso?”

“Não vou te dar dicas.”

“Que vergonha. Gostaria muito de ter a sua simpatia.”

“Tenho certeza que sim.”

“Eu também gostaria de estar em outros lugares.”

“Viu? Que chato.”

Apolo jogou a cabeça para trás e riu. "Você é um desafio, Temperança."

“Quer um desafio? Vá embora.”

“Isso não vai me impedir de flertar com você. Ainda posso te fazer corar do outro lado da sala.”

“Então prove isso.”

Escapou-me sem que eu percebesse. Mas Apolo inclinou a cabeça pensativamente. "Devo?", disse ele baixinho.

Tem não respondeu. Ela já tinha falado demais, deixado a conversa ir longe demais. Mas Apolo já estava de pé. Estava sentado de costas para a parede, já na beira do salão de banquetes, e teve que contornar a mesa deles para atravessar o salão. Ao passar por ela, seus dedos tocaram seu ombro. Tem estremeceu com o contato. No instante em que ele saiu de seu campo de visão, entrou em sua mente.

Vire-se para que eu possa te ver.

Tem ficou paralisada. O que ela acabara de fazer?

Dê meia-volta, Temperança.

Tem não pensou. Ela simplesmente se virou.

Apolo estava na mesa em frente a ela, sentado no banco, virado para fora, assim como ela. Eles se encararam por cima do corredor. Ao redor deles, pares de basiliscos estavam copulando.

Abra as pernas, Temperance. Deixe-me ver você.

Ela não conseguia acreditar que ele estava lhe pedindo aquilo. Bem, na verdade, ele não estava pedindo, estava? Ele estava *mandando* ela abrir as pernas. E Tem não ia obedecer de jeito nenhum.

Isso não é flerte. Você só está me dando ordens.

Algumas pessoas considerariam isso flerte.

Eu não.

A maioria das mulheres faria isso. E essas mulheres já teriam me deixado transar com elas.

Tem revirou os olhos. Ela não se deixaria enganar fingindo ser diferente da maioria das mulheres. Ela era *exatamente* como a maioria das mulheres; achava Apollo extremamente atraente, e Em circunstâncias normais, ela teria transado com ele assim que o visse. Mas ele era irmão do Caspen e estava jogando com ela. Transar com ele seria deixá-lo ganhar. E Tem não estava com vontade de perder. Era hora de jogar o seu próprio jogo.

Abra as pernas primeiro.

Um sorriso malicioso distorceu os lábios de Apollo. Mesmo do outro lado do corredor, ela podia ver o quanto ele estava se divertindo, o quanto o agradava que ela estivesse flertando de volta. Apollo tinha sorte de Tem estar disposta a lhe dar essa atenção hoje. Ele a pegara em um momento de fraqueza — ou talvez um momento de força. Tem já não tinha certeza da diferença. Ela só sabia que tudo dentro dela queria explorar isso, ver como seria testar os limites de outra pessoa.

Apolo abriu as pernas.

Seu pênis nem estava completamente ereto, e já era magnífico. Tem observou enquanto ele se agarrava à base e apertava. Os músculos de seus braços se contraíram enquanto ele apertava, movendo a mão em um único movimento longo. Ele estava rígido quando chegou à ponta.

Kora.

Apolo deu um sorriso irônico. *Você gosta disso?*

Tem havia se esquecido de que conseguia ouvir os pensamentos dela. Ela não queria que ele tivesse a menor ideia se ela gostava disso ou não. Não era da conta dele.

Venha cá, Temperance. Você pode ter o que quiser.

Não.

Vem cá e monta no meu pau.

Ainda não.

Seria tão bom, Temperance.

Para você, talvez.

Para nós dois.

Duvido muito.

Você?

Ela não respondeu. Claro que seria bom. Seria *incrível.* Mas Tem não podia ir para lá antes de ir para o castelo e se deitar com Leo. Havia certas coisas, por mais que ela as desejasse, que ela não podia ter.

Tudo é possível, Temperança.

Sua mão acariciava seu pênis com firmeza, enquanto seus olhos a encaravam fixamente.

Esqueça isso, Apollo.

Ele deu um sorriso irônico. *Seria bom. Eu faria você se sentir tão bem, eu prometo.*

Você é impossível.

Tem apenas balançou a cabeça. Ela não estava pronta para dar esse passo. Provavelmente nunca estaria. Seria. E mesmo que fosse, ela não tinha nenhuma intenção de arruinar o relacionamento de Apollo com Caspen.

Vocês não vão nos arruinar.

Como você sabe disso?

Porque eu conheço meu irmão.

O que isso significa?

Significa que você não pode estragar o que já está quebrado.

Tem ainda não tinha contexto. Tudo o que ela sabia era que não dormiria com Apollo hoje. Era hora de retomar o controle.

Desacelerar.

Imediatamente, Apolo diminuiu o ritmo de suas braçadas.

Use apenas um dedo. Da base à ponta.

Ela queria observá-lo percorrer o seu corpo com um dedo — forçá-lo a sentir apenas o mínimo possível do que ele *poderia* estar sentindo. Apollo fez o que lhe foi dito, deslizando um único dedo primeiro ao longo do seu pênis e depois de volta para baixo. Tem o observou o tempo todo, notando como as veias da sua mão captavam a luz enquanto ele fazia isso. Ele era realmente um homem bonito.

Você também é linda, Temperance.

Então você disse isso.

Deixe-me adivinhar. Isso também é chato?

Sim.

Se não posso te chamar de linda, como devo te chamar em vez disso?

Caspen me chama de pequena víbora.

Ele tem razão em fazer isso. Você é mortal.

As palavras dele a lisonjearam mais do que ser chamada de bonita jamais conseguiria. E com isso, Tem decidiu que estava pronta. Lentamente, para que Apolo não perdesse nenhum momento, ela abriu as pernas.

No instante em que ela fez isso, a presença de Apolo se intensificou a ponto de causar dor. Sua mente a dominava com tanta força que era como se ele estivesse diante dela com as mãos em seu crânio. Tem

cerrou os dentes contra a mudança repentina, forçando-se a manter o contato visual.

Mulher má. Você não tem ideia de como está bonita.

Tem tinha todas as ideias em mente. Ela já se vira no espelho centenas de vezes; sabia exatamente como era seu centro — perfeito, úmido e implorando para ser tocado. Ela entendia como os homens cobiçavam seu corpo, como ela não era mais alguém sem poder. Tem o exercia agora, abrindo ainda mais os joelhos para que Apolo pudesse ver cada centímetro dela.

Uma onda de luxúria pura e desenfreada surgiu da mente de Apolo e invadiu a dela. A intensidade da onda quase tirou o fôlego de Tem, e ela de repente percebeu como ele a via . Ao contrário do desejo que sentia por Caspen, enraizado na profunda conexão emocional entre eles, o desejo que Apollo sentia era puramente físico. Ele queria tocá-la — transá - la. Queria agarrar a curva macia de seus quadris e puxá-la contra o seu corpo até que ambos chegassem ao clímax juntos, suados e ofegantes. A visão era avassaladora; Tem mal conseguia respirar. E, no entanto, ela queria mais.

O que mais, Apolo?

As palavras eram um sussurro. Um apelo. Ela queria saber o que mais ele pretendia fazer com ela — até onde ele iria com aquilo. Outra cena invadiu sua mente, tão poderosa que ela precisou fechar os olhos. Ela e Apolo, nus juntos. Ela viu a cena da perspectiva dele — como ele a queria em seu colo, em seu pênis, pronta para ser tomada. Estavam frente a frente, e Tem sentiu o quanto ele precisava dela daquele jeito, como precisava olhar em seus olhos — para obrigá-la a estar presente. Ele era como o irmão nesse aspecto; " *Quero ver seu rosto quando você gozar".* O que havia de tão especial nesses dois irmãos? Não havia como se esconder deles — nada de engano ou dissimulação. Eles exigiam a verdade dela, sempre, e, pela primeira vez, ela estava disposta a fornecê-la. Tem abriu os olhos. Passou a mão pela coxa, parando pouco antes de sua intimidade.

Você quer que eu toque nisso?

Apolo assentiu vigorosamente. Patético.

Diga isso.

Toque nisso, Temperança. Por favor.

Por que eu deveria?

Porque eu quero que você faça isso.

E por que eu deveria te dar o que você quer?

Parecia que Apollo não tinha resposta para aquilo. Sua própria mão estava em seu pênis, acariciando-o enquanto a observava, muito além do que seria usar apenas um dedo. Tem o observava calmamente, analisando a maneira como ele se tocava. Era diferente da maneira como Caspen fazia — seus movimentos eram firmes e seguros, confiantes.

Os movimentos de Apollo eram rápidos e desesperados, os músculos do peito se contraindo enquanto seu braço subia e descia bruscamente. Tem o observou pelo tempo que quis, ponderando para onde queria levar a situação em seguida.

Havia algo de satisfatório em se expor dessa maneira. Tem sempre adorara a emoção de ser vista. Ela queria ser percebida como um ser sexual, e Apolo a via apenas como isso. Ela olhou para Apolo, e ele olhou para ela. Ele era o único que se movia — acariciando o pênis ao ver seu corpo nu, mostrando-lhe visões do que imaginava que fariam juntos. Ele penetrando entre suas pernas, ele a segurando pelos pulsos, ela chamando seu nome. Sempre, ela chamando seu nome. Parecia ser um ponto de interesse para ele: Apolo precisava ouvi-la dizer isso. Tem arquivou aquele texto. Ela guardaria a informação para usar mais tarde, prometendo se lembrar dela quando precisasse.

Você está molhada por mim, Temperance?

Ela estava. Tem podia sentir o líquido escorrendo por suas coxas, formando uma poça no banco de madeira dura. Como ela desejava que pudesse se acumular em outra coisa. Os olhos de Apolo a encaravam fixamente. Ela sabia exatamente o que ele queria que ela fizesse: atravessar o salão de banquetes e montá-lo. Mas Tem não o montaria. Pelo menos não hoje. Hoje era para provocá-lo — para mostrar a ele o que ele não podia ter. Talvez fosse a hora de fazer exatamente isso.

Tem deslizou os dedos fundo em seu centro úmido, umedecendo-os antes de retirá-los novamente. A respiração de Apollo falhou — ela podia ouvi-la em sua mente como se ele estivesse bem ao seu lado. Pela primeira vez, ele não disse nada. Talvez lhe tivessem faltado palavras.

Entra e sai. Entra e sai.

Em vez de cavalgar um pênis, Tem cavalgava seus dedos, mergulhando-os tão fundo que quase lhe faltava o fôlego. A cada

movimento, o desejo de Apolo só aumentava. Ela podia senti-lo dali — uma *necessidade ardente* como a que só havia experimentado com Caspen. Que privilégio senti-la com ambos os irmãos — tê-los ambos na palma da mão. Tem sabia que Apolo podia ver tudo: o modo como seus dedos deslizavam em seu centro, o modo como sua outra mão apertava seus seios. Ninguém ao redor notava, ou se notavam, ninguém se importava. Duas pessoas se tocando não era novidade para os basiliscos. Era apenas mais um dia para eles — simplesmente mais uma refeição no salão de banquetes. Os dedos de Tem deslizaram mais fundo, seu polegar circulando suavemente seu clitóris. Não era diferente do que ela fazia em seu quarto de infância por anos. Só que desta vez, alguém estava observando. Tem pensou na última vez em que havia gostado de ser observada assim. O ritual.

Apolo estivera lá? Certamente que sim. E, se sim, ele se lembrava da experiência? De alguma forma, Tem esperava que sim. Ela queria que ele a tivesse visto daquela maneira: nua, suada e montando o pai antes de montar o irmão.

Eu estava lá. Eu me lembro.

Apolo enviou-lhe uma visão: seu ponto de vista enquanto observava o ritual. Tem viu-se em cima de Bastian, seu corpo inclinado para a frente, sua bunda totalmente à mostra para todos verem. Tem corou. Ela estava tão *exposta* .

Você estava deslumbrante.

Tem não conseguia acreditar que Apollo a tinha visto transar com o pai dele — que aquilo o tinha excitado — e que agora ele queria fazer o mesmo com ela.

Ela estava perto agora. Não havia como negar — não havia como impedir. Qual era o sentido, afinal, de se privar disso? Por que Tem não deveria se entregar aos prazeres como todos os outros basiliscos se entregavam? Como *seu povo* se entregava? Tem era uma deles agora. Ela bem que podia começar a agir como tal. Ela enfiou os dedos mais fundo, pronta para chegar ao clímax.

Mas algo a deteve.

Tem o sentiu antes de vê-lo, sua presença pressionando sua mente como pedra. Caspen caminhava lentamente — deliberadamente — sem pressa, aproximando-se da mesa onde ela estava sentada. Um instante depois, ele estava diante dela. Seus olhos percorreram primeiro Tem,

depois Apollo, e então voltaram para Tem. Ela ficou paralisada, a mão ainda entre as pernas, a boca entreaberta em surpresa. Apollo também havia cessado seus movimentos e permanecia sentado em silêncio, observando.

Em um processo que pareceu se desenrolar em câmera lenta, Caspen sentou-se ao lado dela.

Um instante se passou. Depois outro. Sem dizer uma palavra, Caspen se virou para o prato mais próximo, pegou um garfo e começou a comer. Tem o encarou. Ele não ia dizer nada? *Fazer* nada? Ele sequer tinha percebido que os dedos dela estavam dentro dela, que o irmão dele estava do outro lado da mesa? Mas ele tinha percebido — ela *sabia* que sim. E ele tinha ignorado.

Tem não fazia ideia de como prosseguir. Ela lançou um olhar interrogativo para Apollo, que não retribuiu. Ele encarava o irmão com uma expressão que lembrava divertimento. Isso surpreendeu Tem. Ela imaginava que ele estaria envergonhado ou até mesmo se desculparia. Do que ele poderia estar se divertindo tanto? Antes que pudesse perguntar, a voz de Caspen ressoou em sua mente: *Continue.*

Tem virou a cabeça bruscamente para olhá-lo. Ele estava *falando sério* ?

Você me ouviu, Tem. Continue.

Você está louco?

Ele ainda não estava olhando para ela. Estava olhando para o prato, agindo como se fosse uma refeição perfeitamente normal. Mas estava longe disso.

Em seguida, a voz de Apolo lhe falou: *O que ele lhe disse?*

Ele me disse para continuar.

Para sua total surpresa, Apolo sorriu maliciosamente. *Você deve fazer o que ele diz.*

Vocês dois são *loucos.*

Eu já te disse, Temperance. Você não pode nos arruinar.

Tem processou as palavras dele, tentando entender o que sentia a respeito. Ele estava dizendo o que ela pensava que ele estava dizendo? Que nada do que ela fazia — nem mesmo algo tão ousado quanto aquilo — era pior do que o que os irmãos Drakon já haviam feito consigo mesmos? Era incompreensível. Mas Tem havia parado de questionar.

Ela ainda estava excitada — ainda mais agora que Caspen estava ali. E ela queria chegar ao clímax.

Então Tem continuou.

No início, ela foi devagar, hesitante, para ver se Caspen reagiria. Como ele não reagiu, ela retomou o ritmo, se deliciando com a visão do irmão dele. Apollo também continuou. Seus movimentos se tornaram mais rápidos, seus olhos fixos no centro dela, seu peito brilhando de suor.

Meu irmão não tem noção da sorte que tem.

Acredite em mim, ele sabe.

Então ele não dá valor a isso. Eu te foderia todos os dias se você fosse minha.

Que pena que eu não seja seu.

Ainda.

Vai se foder.

Eu gostaria de.

Como ela não respondeu, os olhos de Apolo se estreitaram.

Use-o.

Tem ficou boquiaberta. Será que ele estava falando sério?

Antes que ela pudesse pedir esclarecimentos, Apolo disse: *Pegue a mão dele e toque-se.*

Uma onda de expectativa percorreu Tem. Ele estava pedindo o impossível. Não existia universo em que ela faria aquilo.

Use a mão dele, Temperança.

Ela não conseguia compreender. Era algo saído de um sonho — uma fantasia que ela alimentava altas horas da noite, não algo que faria no salão de banquetes na frente de todos.

Use meu irmão. Faça isso.

Tem não conseguia pensar direito. Como que em transe, estendeu a mão para Caspen e segurou a dele. No instante em que o fez, uma onda dupla de desejo invadiu a mente de Caspen. Era tão forte que ela fechou os olhos, concentrando-se apenas na sensação de plenitude que sentia, afogando-se na dor da necessidade. Ela se sentia viva ali — sentia-se *real.* Tem levou a mão dele entre as pernas, inclinando os quadris para que seus dedos tocassem sua umidade.

Nada disso era normal.

A normalidade não vale nada, Temperance. Não há nada de normal em você.

Tem não fazia ideia de qual dos irmãos tinha dito aquilo. Ambos estavam em sua mente, cercando-a — *sufocando* -a.

Lambe os dedos dele.

Tem assim fez, levando a mão de Caspen aos lábios e sugando a própria umidade dos dedos dele. Era curioso sentir o próprio gosto. Ela só havia feito isso nos lábios de outra pessoa — nunca diretamente dos dedos de Caspen. Era um reflexo de quando ele tentara prová-la pela primeira vez, e ela estivera com muito medo de deixar. Como aquilo parecia ter acontecido há tanto tempo.

Porra. Quero te provar.

Só o Caspen tem o direito de me provar.

Uma onda de irritação passou pela mente de Apolo.

Tem saboreou o momento, sabendo que ainda detinha poder sobre ele. Não era pouca coisa negar um basilisco, especialmente um tão poderoso quanto Apolo. Mas Tem ainda não o desejava o suficiente. Ela não o desejava tanto quanto ele a desejava — e ela não sabia disso. Ela jamais faria isso.

Os dedos de Caspen se moviam por conta própria, retornando ao centro dela com tanta força que ela mal conseguia respirar. Ele ainda estava de costas, ainda olhando para o lado oposto. Mas não havia dúvida de que ele estava participando daquilo — não havia dúvida de que ele estava excitado.

Apolo observava tudo. De vez em quando, seu olhar se desviava para o irmão, mas apenas de forma lenta e preguiçosa, como se estivesse simplesmente verificando se ele ainda estava ali. Tem teve a impressão de que ele esperava que sim. Nada a surpreenderia a essa altura.

Era curioso estar no meio de dois irmãos. Eles eram tão parecidos, mas ao mesmo tempo tão diferentes. Tem era o que os unia: o que os conectava. Já tinham feito isso antes, e agora estavam fazendo de novo com Tem. Era um hábito para eles — uma obsessão, um ciclo do qual não conseguiam se libertar. Eles a veneravam da maneira como ela desejava ser venerada, colocando-a num pedestal que talvez ela merecesse, talvez não. Tem não fazia ideia se era digna da devoção deles. Mas o fato era que ela a tinha.

Apollo havia obedecido a todas as ordens que ela lhe dera. Ele merecia sua recompensa. Mas essa recompensa pertencia a Caspen. Tem deslizou os dedos pelo peito de Caspen antes de agarrar seu pênis com a mão e apertá-lo com firmeza.

Finalmente, ele se virou para ela. Seus olhos estavam completamente negros.

Se é minha atenção que você busca, você a terá, Tem.

Ela puxou o membro dele em sua direção. *Foda-me, Caspen.*

Como desejar.

Não houve demora. Caspen puxou-a para o seu colo, deslizou o pênis para dentro dela e começou a penetrá-la. Tem olhou por cima do ombro para Apollo, que observava cada movimento deles.

Ela nunca se acostumaria com isso. Era uma emoção indescritível — fazia-a sentir como se estivesse quebrando as regras, mesmo que as regras explicitamente dissessem que aquilo era permitido. Ela queria se sentir assim o tempo todo, como se estivesse vivendo no limite do perigo — como se estivesse caminhando na linha tênue entre o certo e o errado. Fazia-a sentir-se viva, e nada poderia ser melhor. O pênis de Caspen estava fundo dentro dela. A cabeça dele caiu sobre o peito dela, os lábios roçando seus seios.

Você me mata de rir, Tem.

Era a última coisa que ela queria fazer.

Sem aviso, Caspen agarrou-a pela cintura, girou-a e os virou no banco, de modo que ela ficasse novamente de frente para Apolo — encarando-o do outro lado do corredor enquanto seu irmão a penetrava por trás. As mãos de Caspen encontraram seus seios, apertando-os. Tem soltou um grito quando ele mordeu seu lóbulo da orelha. O ciúme de Apolo queimava em seu cérebro como uma brasa, obrigando-a a sentir sua presença.

Seu irmão está nos observando.

Caspen nem sequer hesitou por um instante — não houve qualquer mudança em seu tom ao responder: *Deixe-o.*

Você não se importa?

Ele não é da minha conta.

Tem quase riu. Deveria ser sua única preocupação. Mas ela havia desistido de tentar entender as tradições dos basiliscos — desistido de

lutar contra algo do qual ela sempre quisera fazer parte.

Caspen penetrou ainda mais fundo. Tem soltou um gemido, entregando-se ao ritmo dele, inclinando os quadris para que ele tivesse acesso total a ela. Ela se inclinou para a frente, seu corpo totalmente exposto para Apollo, os seios juntos só para ele. O pênis dele estava rígido em sua mão, e Tem sabia que ele estava perto. Ela também. Finalmente, ela não conseguiu mais se conter. Era demais, e Tem não resistia mais. Ela gritou ao gozar, jogando a cabeça para trás em triunfo, permitindo-se vivenciar a sensação plenamente. No momento em que ela terminou, Apollo também terminou. Tem observou enquanto ele segurava o próprio sêmen na palma da mão, a pele já tão úmida de suor que a pequena quantidade brilhante se misturava perfeitamente à sua mão. Caspen foi o último a gozar. Ele se conteve, penetrando implacavelmente, segurando Tem no ângulo certo para que seu pênis atingisse a parte mais profunda dela. Finalmente, ele também gozou.

Na sequência, irmão encarou irmão.

Ambos estavam em sua mente; ela os sentia na mesma medida.

Apolo foi o primeiro a falar: *É falta de educação interromper, irmão. Da próxima vez, deixe-a comigo.*

Caspen soltou uma risada sem humor. *Você não conseguiria lidar com ela.*

E você consegue?

Acabei de fazer isso.

Por muito pouco.

Outra risada. O aperto de Caspen se intensificou. *Ela não quer transar com você. Com certeza, ela já te disse isso.*

Sim, ela já fez isso. Mas quem sabe? Ela pode mudar de ideia.

Ela não pode ser coagida.

Apollo inclinou-se para a frente e Tem corou. *Não preciso obrigá-la a transar comigo. Ela virá até mim, de joelhos, implorando por isso.*

Tem esperava que Caspen revidasse — que se levantasse e gritasse com o irmão. Em vez disso, as mãos de Caspen foram para os seios de Tem. Ele deslizou os dedos por baixo deles antes de roçar suavemente os mamilos, que endureceram imediatamente. Então, ele os acariciou e apertou. Sua mensagem era clara: *Veja o que eu consigo fazer?* Não

importava o que Apollo dissesse. Era no colo de Caspen que ela estava sentada — com o pênis de Caspen dentro dela.

Tem percebeu de repente o que aquilo era: um jogo. Ela pensava que estava jogando apenas com Apollo. Mas em algum momento Caspen entrou na brincadeira e ganhou. Tem não deveria... Fiquei surpresa. Era exatamente da natureza de Caspen jogar um jogo assim, onde a vitória final era a posse. Mas Tem estava interessada em ser esse prêmio? Uma semana atrás, ela teria dito que não. Mas agora, com Caspen atrás dela e Apollo à sua frente, talvez sua resposta tivesse mudado.

Tem virou a cabeça para olhar para Caspen.

Você me usou.

Os olhos de Caspen encontraram os dela. *Será que eu fiz isso?*

As palavras dele ficaram martelando na mente dela.

Caspen a havia usado. E ela havia usado Apollo. Talvez isso os tivesse deixado quites.

Sem dizer mais nada, Caspen a pegou no colo. Apollo os observou partir, com os olhos ainda fixos em Tem, enquanto envolvia os dedos em torno do próprio pênis e começava a acariciá-lo mais uma vez.

Capítulo Quinze

Vocês dois já fizeram isso antes?

Era a manhã seguinte, e Tem precisava saber. A cabeça de Caspen estava encostada na dela, os braços em volta de sua cintura. Eles tinham feito sexo mais duas vezes depois do banquete, e Tem estava tão dolorida que mal conseguia se mexer.

Você se incomodaria se tivéssemos?

Não.

Isso era verdade. Tem não se importava se eles já tivessem feito algo parecido antes. Mas a incomodaria se eles tivessem gostado mais com outra pessoa. Ela queria ser a única que eles amassem — a *melhor* .

Ninguém se compara a você, Tem. Disso eu posso garantir.

Tem não sabia o que fazer com aquela informação. Significava muito mais vindo de alguém que tinha vivido tanto quanto ele, alguém que tinha dormido com mais pessoas do que ela jamais poderia imaginar. Tem não cresceu ouvindo que era especial. Quando criança, poderia ter ouvido isso mil vezes e nunca acreditaria. Ouvir isso agora, como adulta, curou algo dentro dela que ela nem sabia que estava quebrado.

Parece que você quer que Apolo me roube de você.

Ninguém poderia te roubar de mim.

"Caspen!" ela gritou quando os dedos dele deslizaram entre suas pernas.

Tem. Não estou zangado por você ter uma ligação com Apollo.

Mas você parece estar com ciúmes.

Eu sou.

Não entendo. Você... gosta de sentir ciúmes?

Ele acariciou o clitóris dela. Tem estava achando bastante difícil se concentrar.

Ocasionalmente.

Será que tudo aquilo era um jogo para Caspen? Uma demonstração de poder? Se o irmão dele queria Tem, isso significava que ela era algo que valia a pena desejar. Tem entendia isso — ela sentia uma pontada semelhante de orgulho e ciúme sempre que outros basiliscos olhavam para Caspen. Eles o queriam. Mas ele era *dela.*

Tem o observava enquanto ele a tocava com os dedos, seus olhos nunca se desviando de entre as pernas dela.

“Com quantas mulheres você já se relacionou, Caspen?”

Seus olhos se voltaram para os dela antes de retornarem à tarefa em questão.

“Muitos”, disse ele.

“Quero um número.”

Ele deslizou os dedos mais fundo.

Tem tentou não soltar um suspiro de dor. Ela estava *com muita* dor.

“Não sei o número.”

"Sério?" Ela se esforçou para manter a voz firme. "Pensei que todos os homens mantivessem registros."

“Quem te disse isso?”

“Vera.”

Tem aprendera quase tudo o que havia para saber com Vera — que todos os homens mantinham um registro de quantas mulheres tinham dormido, que era deselegante para uma mulher fazer o mesmo. A maior parte de sua sabedoria era, no mínimo, desconcertante, e, no máximo, sexista. Mas Vera tinha sido a única fonte de conhecimento de Tem sobre homens, e ela ainda se pegava recorrendo a ela, mesmo agora.

“Hum.”

Ela percebeu que Caspen não estava prestando atenção. Ele estava fazendo algo novo lá embaixo — algo que estava fazendo Tem esquecer por que ela tinha se dado ao trabalho de perguntar qualquer coisa. Mas ela precisava saber.

“Caspen.” Ela segurou o pulso dele, interrompendo seus movimentos. “Diga-me.”

Ele suspirou, olhando para ela. "Não sei com quantas mulheres já estive, Tem. Não mantenho essa contagem como os humanos."

Tem estreitou os olhos. Só havia um motivo para ele não manter a contagem: ele já tinha ficado com tantas que não importava. Infelizmente, a resposta dele não a satisfez. "Se você tivesse que chutar?"

Outro suspiro, mais profundo desta vez. "Centenas, Tem. Talvez mais."

Tem assentiu com a cabeça. Caspen já havia estado com centenas de mulheres. Talvez mais. E ele a havia escolhido. Ela soltou a mão dele. "Você pode continuar agora."

O canto da boca dele se contraiu. "Se você insiste."

A língua de Caspen se juntou aos seus dedos. A cabeça de Tem caiu para trás no travesseiro e, por um longo tempo, ela não pensou em Apollo.

Mas ela pensou nele o dia inteiro seguinte. Apolo era tudo o que ela via, não importava o que fizesse para se distrair. De alguma forma, ele havia conseguido se infiltrar nos recônditos mais profundos de sua mente, e seu lado basilisco alimentava a presença dele. Tem pensou em como havia se tocado na frente dele. Pensou na visão que ele lhe mostrara: ele a segurando pelos pulsos, ela gemendo seu nome. Era irresistivelmente tentador. Mas a ação era impossível. Tem não podia viver assim. Entre Apolo e Leão, seu autocontrole estava no nível mais baixo possível. Ela estava se afogando em desejo.

Caspen não ajudou em nada. Ele tinha saído para caçar de novo, e Tem já não se importava em ficar brava com ele por isso. Ela não podia culpá-lo por se distanciar um pouco depois do que aconteceu no salão de banquetes. Vê-lo era um lembrete de que ela estava fora de controle — que, naquele momento, ela não era a arquiteta da própria vida. Além disso, Tem tinha outras coisas em que se concentrar.

As semanas que antecediam a Noite das Mães eram sempre um grande evento na aldeia. A celebração começaria esta noite — na noite de lua cheia — com uma tradição em que os aldeões montavam mesas na praça da cidade e compartilhavam um banquete farto. Em princípio, era semelhante aos banquetes que aconteciam no salão de festas, quando todos os basiliscos estavam presentes. Mas as semelhanças paravam por aí. A celebração da lua cheia seria muito diferente das refeições que Tem fazia sob a montanha. Ela duvidava que alguém estivesse nu.

Tem tinha planejado encontrar Gabriel no Horseman, mas quando finalmente conseguiu roupas suficientes para se manter aquecida no ar frio do inverno, já estava terrivelmente atrasada. Em vez disso, dirigiu-se diretamente à praça da cidade, sorrindo ao ver as decorações familiares: círculos de papel pendurados nos prédios, representando a lua cheia. Tem se lembrou de tê-los feito na escola. A lua cheia era um momento de gratidão, de festa e família. A fase da lua simbolizava abundância, excesso — apetite.

Claro, este ano seria diferente.

Bastou um olhar para a praça da cidade para perceber que as mesas estavam quase vazias. Em anos anteriores, elas ficavam cobertas de comida — pães, cestas de tortas de carne. Tudo o que não conseguiam cultivar em seus próprios campos era importado; Tem estava acostumada a ver pilhas de vegetais e frutos do mar trazidos de longe. Agora, com a escassez, a comida nas mesas era escassa. O medo lhe embrulhou o estômago. De repente, veio à sua mente uma cantiga infantil: *lua cheia, estômago cheio.* As crianças costumavam cantá-la antes das refeições. Ninguém a cantava agora.

Ela abriu caminho pela multidão, procurando por Gabriel. Ao passar pela igreja, viu que o número de guardas havia dobrado. Percebeu também que os degraus não haviam sido limpos. A inscrição " *Alimenta-nos"* ainda estava incrustada no mármore, coberta por uma fina camada de neve. A visão a deixou enjoada. Tem não conseguia acreditar que ninguém a tivesse limpado. Por outro lado, era para ser uma mensagem. Deixá-la ali era certamente uma forma de garantir que fosse assimilada.

A praça da cidade estava cheia de moradores. Ao seu redor, ela ouvia os mesmos sussurros:

“Você soube que eles vão se casar na Noite das Mães?”

“No *aniversário da Kora* ? Como ousam?”

“Dizem que o castelo não está poupando despesas. Até as flores são banhadas a ouro.”

“É claro que a família real está se banqueteando enquanto nós passamos fome. É vergonhoso.”

“É a nossa futura rainha. Ela é da aldeia vizinha. Nossa rainha jamais teria permitido que isso acontecesse.”

Com um sobressalto, Tem percebeu *que* era a rainha deles. Ela passara a vida inteira como uma pária — repreendida e ostracizada

pelos aldeões. Mas agora que havia uma inimiga em comum, Evelyn, eles a consideravam uma das suas. Como as coisas mudaram rapidamente.

Nesse instante, ela avistou Gabriel. Ele estava perto do prado de hidromel, como sempre. Mas o rubor habitual em suas bochechas, resultado da bebida, não estava presente; em vez disso, ele estava pálido, cumprimentando-a com um aceno sombrio.

“Gabriel”, disse ela imediatamente. “O que houve?”

“Por que você presumiria que algo está errado?”

“Porque é lua cheia e você não está bebendo.”

Um leve sorriso curvou seus lábios. "Talvez eu esteja numa jornada em busca de saúde."

Tem bufou.

Seu sorriso se desfez. "Não posso beber hoje à noite, Tem."

"Por que não?"

Mas ele não respondeu. Em vez disso, olhou para a praça, e Tem seguiu seu olhar. Os aldeões estavam reunidos em grupos, cochichando entre si.

A compreensão a invadiu como gelo. "Algo vai acontecer esta noite, não é?"

Gabriel continuava sem responder. Ela olhou para o maxilar cerrado dele, imaginando quanta coisa havia acontecido desde a última vez que o vira. Gabriel provavelmente era o líder da revolução agora. Ele organizara o último protesto e, com certeza, organizara este também. Ele estava se tornando uma pessoa que Tem não reconhecia. Eles sempre foram próximos — mesmo Gabriel sendo um ano mais velho —, mas agora havia uma distância entre eles, e Tem não fazia ideia do que fazer a respeito.

“Gabriel”, ela insistiu. “Diga-me o que está acontecendo.”

“Tem”, suspirou Gabriel, colocando uma mão delicadamente em seu ombro. “Você deveria ir.”

"Por que?"

“Porque você é—” Ele se interrompeu.

Tem percebeu que sabia o que ele ia dizer. "Eu sou o quê, Gabriel?", ela sussurrou.

Por um instante, eles simplesmente se encararam, dois melhores amigos que não viviam mais suas vidas como antes. "Você é um deles."

Tem esfriou.

Um *deles* : o inimigo. E ele estava certo. Havia dois inimigos ali — os basiliscos e a realeza — e Tem estava associada a ambos. Ela pensou na conversa com Leo, em como ele lhe perguntara se ela sabia quem estava por trás dos protestos. Ela conseguia entender como isso colocaria Gabriel em uma posição difícil, como ser Se fosse vista com ele, isso levantaria dúvidas sobre sua lealdade. Mas ela não conseguia imaginar não ser próxima de Gabriel. Ele era seu único amigo — seu último refúgio verdadeiro. Mesmo quando as coisas estavam péssimas com Caspen ou quando ela discutia com Leo, ele estava lá. Ele sempre esteve lá.

"Estou com *você* ", ela sussurrou. "Sempre estarei."

Ele apenas balançou a cabeça. "Estou tentando te proteger, Tem."

“E eu estou tentando fazer o mesmo. Mas você precisa me dizer o que está acontecendo.”

“Não posso. Não enquanto você estiver dormindo com uma cobra.”

Tem odiou o jeito como ele disse isso — como se fosse um insulto. Mas é claro que Gabriel disse isso daquele jeito. Ele não conhecia os basiliscos como ela. Ele só conhecia a crueldade e a astúcia deles. Ele não fazia ideia de que eles não eram tão diferentes dos humanos — que eram *exatamente* como os humanos.

“Gabriel”, ela sussurrou. “Quando foi que você parou de confiar em mim?”

Ele suspirou. Tudo o que ela lhe contara no Cavaleiro passou pela sua mente: como ela era uma Híbrida, como era poderosa, como os basiliscos viviam e existiam sob a montanha. Essa informação estava segura com ele? *Ela estava* segura com ele?

“Tem”, disse ele baixinho. “Estou tentando te proteger.”

Ele disse a mesma coisa da outra vez. Doeu ainda mais na segunda vez.

O vento agitou seus cabelos loiro-dourados.

Tem estendeu a mão para ele, afastando uma mecha de cabelo de sua testa. "Eu não posso te perder, Gabriel."

Ele colocou a mão sobre a dela, segurando a palma dela contra o rosto. "Você nunca vai me perder, querida. Mas você não pode ficar."

Tem abriu a boca para argumentar novamente, mas naquele exato momento, um grito veio da praça. Gabriel ergueu a cabeça bruscamente.

“Não”, disse Tem, torcendo as mãos no paletó dele. “Gabriel, faça o que fizer, *não* —”

Mas ele já estava correndo. Tem correu atrás dele, mas foi inútil; ele era muito mais rápido do que ela, e sempre fora.

Quando ela chegou à praça, a igreja já estava em chamas.

Os guardas correram dos degraus, dispersando-se pela multidão enquanto as chamas cresciam. Cassetetes balançavam. Punhos voavam. Tem estava paralisada, incapaz de se mover, olhando incrédula para o pandemônio que se instaurava. Ela já havia perdido Gabriel de vista. Estaria ele perto da igreja, alimentando o fogo? Estaria ele na multidão, correndo o risco de ser pisoteado?

Os aldeões gritavam. A fumaça densa e acre subia pelo ar. Ela sufocava sua garganta e queimava seus pulmões, fazendo-a lacrimejar. Ela precisava encontrar Gabriel.

Tem abriu caminho pela multidão, desviando-se de membros que se debatiam.

Gritos de luto ecoavam no ar — Tem não sabia se eram pela igreja ou pelos feridos. Cinzas caíram sobre a praça da cidade, cobrindo tudo com uma camada cinzenta, inclusive a igreja. Pequenas luas de papel. Os guardas estavam espancando pessoas que ela conhecia a vida toda — pessoas inocentes — até sangrarem. Tem estava com dificuldade para respirar. Isso estava errado. *Muito* errado.

Ela tentou encontrar Caspen com a mente, mas a conexão entre eles estava bloqueada. O pânico subiu-lhe ao peito. Sem pensar, procurou por outra pessoa.

Ele respondeu imediatamente: *Temperança? Qual é o problema?*

Preciso do Caspen. Onde ele está?

A presença de Apolo se tornava cada vez mais palpável. *Ele está caçando. Você está ferido?*

Não. Na verdade, não.

Onde você está?

A aldeia. Mas eu—

Então ela viu: Cabelo castanho-dourado. Gabriel.

Tem desligou bruscamente sua conexão com Apollo, correndo para frente com as mãos estendidas. Ele estava sangrando.

"Você está *ferido* ", ela gritou, estendendo a mão para ele.

Gabriel a pegou nos braços, afastando-a da multidão. A igreja estava em chamas atrás deles, as chamas engolindo tudo em seu caminho.

"Estou bem", disse ele, ofegante, ainda a arrastando pelos braços. "Mas precisamos sair daqui."

“Gabriel, o que você—”

Suas palavras foram interrompidas pelo som mais alto que Tem já ouvira. Gabriel a puxou imediatamente para o chão, jogando seu corpo sobre o dela enquanto as pedras da rua tremiam e escombros caíam sobre eles. Tem sabia, sem olhar, que a igreja teria desaparecido, que os danos da explosão seriam devastadores — que as coisas nunca mais seriam as mesmas.

Assim como Gabriel a puxou para baixo, ele a ergueu novamente, correndo pelos becos com uma direção intuitiva, parando apenas quando chegaram à entrada da vila. Os gritos estavam abafados dali. Mas Tem ainda conseguia ver o incêndio, uma enorme coluna de fumaça negra desaparecendo no céu noturno.

“Como você pôde fazer isso?”, ela gritou. “A *igreja* ?”

Gabriel estava sem fôlego, com os cachos grudados na testa pelo suor. "É só um prédio, Tem."

“Mas é… é… é a casa de Kora—”

“Não precisamos de uma igreja para prestar nossas homenagens a Kora. O que precisávamos era enviar uma mensagem.”

Tem ficou sem palavras. Eles tinham mandado uma mensagem, com certeza. Que estavam dispostos a lutar. “Pessoas se machucaram, Gabriel. A multidão—”

“As pessoas já estão se machucando, Tem. Estamos passando fome. O que você espera que façamos?”

Tem balançou a cabeça, olhando para ele, tentando entender. "Isso não está funcionando, Gabriel. Vocês não estão prejudicando ninguém além de si mesmos. Acham que a realeza se importa que a igreja tenha pegado fogo? Isso só afetará os aldeões."

“Eles vão se importar em breve.”

“O que isso quer dizer?”

“A realeza é apenas o começo. As serpentes vêm a seguir.”

Um arrepio percorreu a espinha de Tem. "Quando será o suficiente?", ela sussurrou.

O vento estava ficando mais forte, uivando pelo beco. Gabriel olhou para ela, os olhos brilhando na escuridão. "Quando eles devolverem o que nos tiraram."

Então ele se virou e a deixou.

Capítulo Dezesseis

Era a primeira vez que Gabriel a deixava ir sem lhe dar um beijo na bochecha. Tem sentiu uma lágrima solitária escorrer, traçando o lugar onde seus lábios deveriam ter estado. Ela cambaleou de volta pela floresta, com frio e sozinha. Várias vezes, caiu ao longo da trilha, tateando sem rumo. Chorava tanto que mal conseguia ouvir seu próprio nome.

"Temperança?" Apolo emergiu da floresta como um fantasma, sua pele nua brilhando na escuridão.

"O que você está fazendo aqui?" Tem perguntou, surpresa. Ela nunca o tinha visto fora das cavernas.

Apolo se aproximou. "Você disse que estava na aldeia. Você estava ferido."

O cérebro de Tem mal funcionava. Ela se esforçava para juntar as peças: Apolo estava ali. Ele viera procurá-la. Apolo estava *ali.*

“Por que você está chorando? O que aconteceu?”

Tem não fazia ideia de como responder. Por que ela *estava* chorando? Seria porque tinha acabado de ver a igreja de sua infância pegar fogo diante de seus olhos? Seria porque pessoas tinham se machucado e a culpa era dela? Ou seria porque o irmão de quem ela precisava não era o irmão que estava diante dela?

Apolo aproximou-se ainda mais, roçando o polegar suavemente na bochecha dela. "Diga-me como consertar isso", murmurou ele. "Por favor."

Tem fechou os olhos, concentrando-se apenas no toque dele, deixando-se ancorar por ele. A intimidade do momento era esmagadora. Eles precisavam parar de se encontrar assim — sozinhos na escuridão, logo após um evento traumático. Era apenas uma questão de tempo até que terminasse em desastre.

“Por que as lágrimas, Temperance?”

Tem abriu os olhos. "Os aldeões estão zangados."

Apolo ergueu uma sobrancelha. "É mesmo?"

"Sim."

“Em quem?”

“A família real. E…” Ela fez uma pausa, pensando no que deveria dizer. “Caspen.”

Apollo ergueu a outra sobrancelha. Tem não sabia o quanto ele sabia — se é que ele tinha consciência de que Caspen fora quem quebrara a trégua — que ele a havia quebrado por ela.

“Os aldeões não nos farão mal, Temperance. Eles têm medo de nós.”

Ela balançou a cabeça. Eles não os temiam o suficiente. *As cobras são as próximas.*

“Se eles se aproximarem de nós, nós os transformaremos em pedra”, disse Apolo. “Eles não terão a menor chance. A petrificação é o nosso maior poder.”

Mais uma vez, sua inadequação veio à tona. Tem baixou a voz para um sussurro ao dizer: "Não para mim."

"O que você quer dizer?"

“Nunca tinha ficado petrificado antes.”

Apollo piscou, genuinamente surpreso. "Por quê?"

Tem cruzou os braços, subitamente constrangida.

Como ela não respondeu, Apolo a incentivou: "Você tem medo de fazer isso?"

“Não”, disse Tem firmemente.

Ele franziu a testa ao ouvir o tom dela. "Entendo. Nesse caso, por que você se conteve?"

“Caspen não vai me ensinar.”

“E por que não?”

"Ele não quer que eu mate ninguém", resmungou Tem.

Um leve lampejo de divertimento iluminou os olhos de Apolo. "Você parece desapontado. Sonha em ser um assassino?"

“Não”, insistiu ela. “Mas parece que… uma parte de mim está faltando.”

“Hum.” Apolo inclinou a cabeça, ponderando algo. “Não consigo entender por que meu irmão não lhe ensinaria uma habilidade tão fundamental. Seria insensato. Você deveria conhecer toda a extensão do seu poder.”

Desta vez, eles concordaram em algo.

Apolo prosseguiu: "Por outro lado, ele é... sentimental."

Tem só tinha ouvido uma pessoa chamar Caspen de sentimental antes. Rowe. "Sentimental como?"

Apolo deu de ombros. "Caspenon defende um certo conceito de... moralidade."

“O que isso quer dizer?”

“Significa que você é algo brilhante para ele. E ele não quer te ver desgastada.”

“Com licença? *Desgastada?* ” Tem não era um objeto. Ela não era brilhante, nem era possível desgastá-la. Todo o conceito era ridículo.

“Não o culpe”, disse Apolo rapidamente. “Ele pensa que está te protegendo. Embora eu suspeite que esteja fazendo o contrário.”

Mais uma vez, eles concordaram em algo. Nada de bom poderia resultar de Tem não saber como petrificar.

Com talvez mais entusiasmo do que o necessário, Apolo disse: "Você gostaria que eu lhe ensinasse?"

A expectativa percorreu a espinha de Tem. Sim. Ela gostaria disso. "Eu..." ela começou, então Tem fez uma pausa. Ela sabia como queria responder. Mas não conseguia. "Não sei."

O olhar calculista de Apolo fixou-se no dela. "Acho que você sabe."

É claro que ela sabia. Ela sabia *muito* bem.

Mas Caspen havia deixado sua posição muito clara. Ela não tinha dúvidas de que aceitar as lições de petrificação do irmão dele o irritaria, mesmo que parecesse a coisa certa a fazer — mesmo que ela quisesse.

Em vez de responder, Tem encarou o meio do peito de Apollo. Qualquer lugar era mais fácil do que olhar diretamente nos olhos dele. Ele estava perto demais. Ele era egoísta, e seu desejo por ela era uma estratégia. Ela não tinha ideia se podia realmente confiar nele.

"Temperança", murmurou Apolo, em voz baixa. "Eu te ensinarei, se assim o desejares. Basta que digas a palavra."

Era uma oferta tentadora. Uma oferta *extremamente* tentadora. "Quero que Caspen me ensine."

“Eu sei que você quer isso. Mas ele não vai querer.”

Ela balançou a cabeça. "Ele vai."

“Não, ele não vai.”

Como Tem não respondeu, Apollo se inclinou para frente. Ela sentiu um nó na garganta.

“Se você acha que ele vai mudar de ideia, está enganado”, murmurou ele. “Meu irmão nunca muda de ideia.”

Tem deu de ombros. "Eu vou convencê-lo."

Nenhuma parte dela acreditava nisso. Mas ela disse mesmo assim.

Apolo deu uma risadinha discreta. "Se você diz."

Uma pausa. Tem ainda encarava fixamente o próprio peito. Apollo ergueu um dedo, colocando-o sob o queixo dela e inclinando o rosto dela para cima, em direção ao seu.

“Se você não conseguir convencê-lo, já sabe onde me encontrar.”

Tem apenas balançou a cabeça. Apollo sustentou seu olhar por um longo momento antes de soltar a mão. Eles voltaram para as cavernas em silêncio, separando-se no corredor sem trocar uma palavra sequer. Tem adormeceu sozinha. Quando acordou, os braços de Caspen a envolviam.

"Caspen", disse ela imediatamente, sacudindo-o para acordá-lo.

“Tem”, murmurou ele em seu cabelo. “Ainda é cedo.”

“Não me importo. Precisamos conversar.”

Ao ouvir o tom de voz dela, Caspen se apoiou no cotovelo para olhá-la com uma expressão preocupada. "O que foi, meu amor?"

“Onde você estava ontem à noite?”

“Eu estava caçando.”

Claro que sim. "Você está sempre à caça."

“Porque preciso comer.”

“Quero ir com você.”

“Não adianta nada.”

Tem ficou paralisada. As palavras dele soaram como um tapa. Ela se deixou cair de volta na cama. "Entendo", sussurrou.

Caspen franziu os lábios. "Tem", disse ele baixinho. "Eu não devia ter dito isso."

“Mas é verdade.”

Ele não respondeu. Claro que era verdade. Caspen precisava fazer a transição para poder caçar, e Tem mal tinha conseguido fazer a sua, mesmo com a ajuda dele. Ela estava se tornando um fardo para ele. Ele tinha razão; não fazia sentido ela vir.

“Só é verdade se você deixar que seja.”

“O que você está dizendo?”

“Estou dizendo que você está distraído. E não está se dedicando.”

O ressentimento a dilacerava como um espinho. Caspen não era mais seu professor; ele não tinha o direito de falar com ela daquela maneira. Contra a sua vontade, Tem sentiu o delicado fio que a ligava a Caspen tremer. Ele estava muito ausente ultimamente. Ele sabia disso, e ela também. Tem tentou não se importar, mas se importava. E a ausência dele só a deixara mais propensa a buscar conforto em outro lugar. Estava a matando, ficar sozinha com nada além dos seus pensamentos.

"Eu precisei de você ontem à noite", ela sussurrou.

Caspen franziu a testa. "Pensei que você tivesse ido à aldeia para ver a lua cheia."

“Sim, mas depois aconteceu alguma coisa.”

Seu aperto se intensificou. "O que aconteceu?"

Por algum motivo, Tem hesitou. Ela não conseguia falar sobre a igreja. Se dissesse em voz alta, de alguma forma, aquilo se tornaria real.

"Gabriel se machucou", disse ela.

Caspen não disse nada. Ele não se importava se humanos se machucassem — ele havia deixado isso claro. Mas ele também havia prometido proteger Gabriel, e estava quebrando essa promessa naquele momento.

“Eu te disse que os moradores estavam com raiva”, ela insistiu.

“O que você quer que eu diga, Tem? Não há nada a ser feito.”

Sempre há algo a ser feito.”

Caspen apenas balançou a cabeça. O que seria necessário para convencê-lo de que esse também era o problema dele? Que limite teria que ser ultrapassado para que ele se importasse? Será que seria preciso que seu próprio povo se machucasse? Esse limite era demais para Tem. Ela precisava que ele entendesse isso *agora.*

“Eu te disse que ia piorar.”

“Os aldeões não me dizem respeito.”

“Eles são *a minha* preocupação”, Tem quase gritou.

Caspen sentou-se. Tem também.

Seus olhos escuros estavam fixos nos dela, profundos e perspicazes. Ele tocou a ponta dos dedos em seu quadril, deslizando-os pela cintura, sobre o seio e ao longo da coluna do pescoço. Repousaram sob o queixo dela, inclinando seu rosto para cima, em direção ao dele.

“ *Você* é minha única preocupação, Tem.”

Tem desejava que ela acreditasse nele. Mas Caspen não parecia nem um pouco preocupado com ela. Ele tinha ido caçar sem ela na noite anterior e agora a estava dispensando. Até mesmo Apolo tinha sido mais atencioso do que isso.

“Se eu sou sua preocupação, então você deve ouvir o que estou lhe dizendo.”

Caspen suspirou. Seus dedos percorreram os lábios dela. Seus olhos eram negros; ela sabia que ele a desejava. Mas ela não se deixaria distrair pela sedução.

“Precisamos fazer algo a respeito”, disse ela. “E logo.”

“O que você quer que eu faça, Tem?”

Por algum motivo, Tem se lembrou da conversa que teve no Horseman, de como Gabriel se encantou com a ideia de festas sexuais. Uma ideia ousada lhe ocorreu, e ela a disse em voz alta antes que pudesse pensar demais: "E se Gabriel viesse aqui?"

Caspen piscou. "Por que ele iria querer vir para cá?"

“Para que ele pudesse… não sei… ver como vivemos.”

Tem estava se agarrando a qualquer esperança. Estava desesperada. Mas como mais ela poderia humanizar os basiliscos aos olhos de Gabriel? Ele já havia demonstrado interesse em vir para cá. E se ele realmente viesse? E se ele percebesse que as serpentes que tanto odiava agiam exatamente como ele? Se Gabriel viesse e convivesse com

os basiliscos por uma noite, talvez entendesse que a vida deles era tão valiosa quanto a dele. Gabriel tinha grande influência sobre os aldeões. Se Tem conseguisse despertar alguma empatia nele, talvez pudesse pôr um fim nisso. O risco era muito alto para não tentar.

“Ele é o líder da rebelião, Caspen”, disse ela em voz baixa. “Se conseguirmos tê-lo do nosso lado, isso ajudaria. Poderia mudar tudo.”

Caspen se virou para a lareira. Tem passou os dedos suavemente pelos ombros dele, saboreando a musculatura firme sob a pele. Mesmo agora, enquanto conversavam sobre algo sério, ela o desejava. Ela sempre o desejaria.

“É um risco, Tem. Um risco que me surpreende você estar disposto a correr.”

Para ser honesta, Tem também ficou surpresa. Mas algo em seu íntimo lhe dizia que tudo ficaria bem — que *Gabriel* ficaria bem. Ele era mente aberta. Não nutria um ressentimento profundo contra os basiliscos como Jeremy, irmão de Jonathan. Os basiliscos não o haviam prejudicado diretamente, e mesmo assim ele liderou o ataque contra eles. Isso significava que ainda havia uma chance de convencê-lo. Significava que havia esperança.

"Ele é meu amigo", disse Tem em voz baixa. "Sei que ele verá o melhor em nós."

Caspen suspirou. "É perigoso para humanos virem aqui, Tem. Alguém pode chegar ao topo." ele."

"Não posso dar-lhe o meu veneno?"

“Você pode”, disse Caspen lentamente. “Mas qualquer um ainda poderia petrificá-lo.”

“Não existe alguma maneira de protegê-lo disso?”

Sempre havia uma brecha, sempre um jeito de burlar as regras. Mas Caspen balançou a cabeça. Tem sabia que estava exigindo demais dele — buscando exceções e milagres.

“Não. É permanente.”

“Não me refiro a uma forma de reverter isso. Não existe alguma maneira de evitar que isso aconteça desde o início?”

“Que eu saiba, não. É a nossa arma mais antiga. Nós mesmos não somos imunes a ela.”

Tem refletiu sobre como os aldeões haviam vencido a guerra com escudos espelhados. Se os próprios basiliscos podiam ser petrificados pelo próprio olhar, não havia esperança de proteger Gabriel.

“Ele não viria aqui como um inimigo, Caspen. Seria uma forma de ele vivenciar o que eu vivenciei, uma forma de ele enxergar o lado bom.”

Você está disposto a colocar a vida dele em perigo por isso?

Tem fez uma pausa antes de responder em voz baixa: "A vida dele não é a única em perigo."

Não havia outra maneira de dizer, nenhuma outra maneira de convencê-lo de que aquilo era muito mais do que Gabriel apenas observando como os basiliscos viviam. A igreja em chamas passou pela sua mente. Aquilo era apenas o começo. Tem tinha certeza disso.

Ela pensou na última coisa que dissera a Gabriel, naquele beco frio e ventoso:

Quando será o suficiente?

Quando eles devolverem o que nos tiraram.

Mas o que havia sido levado? Gabriel se referia à comida que os aldeões haviam perdido desde que o derramamento de sangue cessou? Ou ele queria dizer algo mais profundo — as vidas de Jonathan e Christopher, algo que não poderia ser devolvido? De qualquer forma, eles tinham que tentar.

"Não sei mais o que fazer", sussurrou Tem.

Caspen respirou fundo e se virou para olhá-la. "Se sua amiga se machucar, você nunca vai me perdoar."

Tem franziu a testa. Era disso que se tratava? Caspen estava preocupado com o efeito que isso poderia ter no relacionamento deles se as coisas dessem errado? Era uma preocupação que Tem não compartilhava. Ela sabia que Caspen jamais deixaria que qualquer mal acontecesse a Gabriel. Mesmo que não concordasse com a vinda dele para cá, ele havia concordado em proteger as pessoas de quem ela gostava.

“E se esta for a nossa única esperança?”

Caspen balançou a cabeça. "Isso dificilmente é esperança. É ilusão."

Suas palavras a atingiram em cheio. Mas Tem as compreendeu. "Caspen", murmurou ela. "Vai acontecer." A situação só tende a piorar

— tudo. Se não tentarmos fazer as pazes com os moradores, pode haver outra guerra."

Ele bufou. "Estamos *longe* de outra guerra, Tem."

Há alguns meses, ela talvez tivesse acreditado nele. Mas a profanação da igreja foi um ato tão extremo que ela não sabia o que os moradores poderiam fazer em seguida. "Estou falando sério", insistiu Tem. "Se ele viesse aqui, ele adoraria. Eu sei que adoraria."

"Não posso garantir a segurança dele, Tem."

"Mas vocês não podem... sei lá... convocar uma reunião do conselho ou algo assim? Eles poderiam garantir a segurança dele, não poderiam?"

Por algum motivo, Caspen ficou completamente imóvel. Ele a encarou por um longo tempo, tanto tempo que ela ficou nervosa sob seu olhar.

"O que é isso?", ela insistiu.

"Não há necessidade de uma reunião do conselho", disse ele em voz baixa.

"Por que não?"

Suas próximas palavras foram firmes e baixas, como se exigissem grande controle para serem pronunciadas. "Porque você é um Híbrido. Se deseja trazer seu amigo aqui, não precisa da permissão dele. Não precisa da permissão de ninguém."

Tem olhou para ele em choque. O fato de ela poder ignorar o conselho era novidade para ela. E também... assustador. Se Tem podia ignorar o conselho, será que também poderia ignorar Caspen? Se sim, toda aquela conversa seria uma mera formalidade. A escolha de Tem, e não a de Caspen, seria a definitiva.

Caspen continuou em voz baixa: "A decisão é sua, Tem. Não vou impedi-la. Mas se der errado, você terá que arcar com as consequências."

Já havia consequências.

As cobras são as próximas.

Tem não fazia ideia do que os aldeões fariam a seguir, mas sabia que seria terrível. E, fosse contra a realeza ou contra os basiliscos, ela tinha que tentar impedir.

Tem passou o resto do dia imersa em pensamentos. Trazer Gabriel para cá seria correr um risco enorme — um risco que poderia terminar

em morte e desastre. Mas a situação com os aldeões estava se deteriorando rapidamente. Ela não conseguia pensar em mais nada a fazer — nenhuma outra solução para um problema insolúvel. Sem outra forma de a realeza ganhar dinheiro, as aldeias ficariam sem comida e os tumultos só piorariam. E se piorassem, era apenas uma questão de tempo até se tornarem mortais. Trazer Gabriel para cá talvez nem fosse suficiente para deter a onda gigantesca que se formava. Mas valia a pena tentar por um mundo onde humanos e basiliscos vivessem em paz.

Havia muito que os humanos podiam aprender com os basiliscos, e vice-versa. Certamente, se os dois lados pudessem coexistir dentro de Tem—cedendo e exercendo poder em em conjunto — eles poderiam coexistir na vida real.

Muito cedo, já era domingo.

Uma carruagem chegou para levá-los ao castelo, como sempre. A mão de Caspen permaneceu em seu joelho o tempo todo. Ele a mantivera perto nos últimos dias: caçando menos, ouvindo mais. Tem se perguntou por quê. Seria porque ele pressentia o distanciamento entre eles e desejava evitá-lo? Ou seria por causa do que ele lhe dissera — que ela era poderosa — e ele queria manter esse poder por perto? De qualquer forma, Tem gostava disso. Ela se sentia mais conectada a ele do que em dias.

Eles entraram no castelo de mãos dadas. Mas, pela primeira vez, ninguém estava lá para recebê-los. Nem mordomo, nem Leo, nem Evelyn. Tem não sabia o que pensar daquilo.

"Onde estão todos?", ela sussurrou.

Caspen deu de ombros. "Talvez estejam atrasados."

“Para o próprio jantar? Na própria casa deles?”

Em resposta, Caspen a puxou para si. Seus pensamentos estavam fixos nos dela. *E como vamos preencher o tempo?* Seus dedos já deslizavam pela cintura dela.

Tem deu um tapa na cara dele. "Você está *falando sério* ? Alguém pode nos ver."

“Deixe-os assistir.”

“Caspen”, ela ofegou quando ele envolveu sua coxa com uma das mãos, afastando suas pernas e encaixando o joelho entre elas. A outra

mão dele deslizou para dentro da fenda do vestido dela. “Deveríamos ir a algum lugar... à sala de estar...”

Ele a pressionou contra a porta da frente. "Não vamos a lugar nenhum até você vir, Tem."

Ela não teria conseguido argumentar, mesmo que tentasse. Os dedos dele deslizaram fundo em sua umidade, a palma da mão envolvendo seu clitóris.

“ *Caspen—* ”

Seu apelo morreu em sua língua quando ele tapou sua boca com a outra mão. Tem arqueou as costas, debatendo-se contra seu aperto, mas foi inútil. Ele já a estava levando a um êxtase cego, distraindo-a completamente. Tudo o que ela conseguia sentir era ele; tudo o que conseguia sentir era o cheiro de fumaça. Ela queria que ele a fodesse *ali mesmo* , *naquele instante.*

Pensei que você quisesse ir à sala de estar.

Ela não fazia mais isso. Nem de perto.

Agora ela queria Caspen.

Tem levou a mão à costura das calças dele. Um instante depois, elas estavam abertas, e um instante depois disso, o pênis dele deslizou para dentro dela.

A mão de Caspen não saiu da boca dela. Ela gemeu contra os dedos dele, os rostos a centímetros de distância enquanto ele a fodia. Estavam completamente expostos. Se alguém passasse por perto — uma criada, um rapaz do estábulo, *qualquer um* — eles seriam vistos. Tem não se importava. Tem *gostava daquilo* . Ela desejava estar completamente nua e que ele a estivesse possuindo no meio do salão de baile. Fazer aquilo no saguão já não era suficiente para ela. Ela queria ser *vista* .

Se nos virem aqui, seremos expulsos, meu amor.

Melhor ainda. Chega de jantares de domingo à noite.

A diversão de Caspen durou apenas um instante. Logo ele começou a penetrá-la com ainda mais força, levando Tem à beira do orgasmo. Ela sabia que ele precisava dela assim — indefesa, dele. Tem se sentia feliz em ser isso para ele. Dar-lhe prazer lhe dava prazer. Sempre fora assim entre eles.

O vestido dela estava caído sobre os ombros. A mão livre de Caspen encontrou seus seios, apertando-os até que ela soltasse um gemido

contra a palma da mão dele. Ela chegou ao clímax com um gemido que fez os olhos de Caspen ficarem completamente negros. Um instante depois, ele também chegou ao clímax, e Tem a apertou contra o centro do corpo, certificando-se de sentir cada centímetro dela enquanto se retirava. Quando se separaram, ambos estavam ofegantes.

Caspen guardou o pênis de volta nas calças, e Tem ficou triste ao vê-lo sumir. Ela sabia que ele poderia ficar excitado novamente em um instante, e desejou que pudessem continuar assim para sempre. Mas ainda havia o jantar pela frente.

Ela estava ajeitando o vestido quando uma voz disse: "Tem?"

Leo estava no topo da escadaria. Seu rosto estava pálido.

Capítulo Dezessete

Tem olhou para ele em choque. Ele sabia o que eles tinham acabado de fazer? Ambos estavam ofegantes, ambos corados de desejo. O vestido de Tem mal estava no corpo — Caspen o puxara com tanta força que toda a sua coxa estava nua, seus seios quase à mostra. Leo sabia muito bem como Tem ficava quando chegava ao clímax. Será que ele a reconheceria agora? Se os papéis fossem invertidos, ela a reconheceria nele.

"Leo", disse ela, porque não sabia o que mais dizer.

Nesse instante, Evelyn apareceu. Seus olhos percorreram primeiro Leo, depois Tem, demorando-se em seu vestido desalinhado. Um sorriso cruel distorceu seus lábios. "Vamos comer?", perguntou ela, com um tom alegre.

Ninguém respondeu, mas eles caminharam em silêncio até a sala de jantar, a mão de Caspen em volta da cintura dela. Os pensamentos dele eram especialmente intensos: ela o via tomando-a no hall de entrada, na escada, contra a mesa de jantar. Tem mal conseguia dar um passo após o outro enquanto ele lhe enviava visões e mais visões dos dois juntos, por todo o castelo, para que qualquer um visse.

Você está fora de controle esta noite.

Você pode me culpar?

Tem não conseguiu. Ela enviou-lhe uma visão: os dois no meio do salão de baile, rodeados de pessoas. O seu próprio mini-ritual.

Não me tente, Tem. Vou arrancar esse vestido agora mesmo e te foder na frente deles.

Duvido que isso melhore as relações.

Duvido que me importe.

Eles chegaram à sala de jantar. Tem sentou-se lentamente, consciente da umidade entre as pernas, ajeitando o vestido para cobrir as coxas.

Por baixo da mesa, colocou a mão sobre a de Caspen e apertou. *Comporte-se, Caspen.*

Ele entrelaçou os dedos nos dela. *Só se você fizer isso.*

A química entre Leo e Evelyn contrastava fortemente com a de Caspen e Tem. Havia tensão entre eles. Um clima tenso. Evelyn encarava Leo como se ele a tivesse magoado profundamente. Tem entendeu de repente por que estavam atrasados para o jantar. Eles tinham discutido. O pensamento a deixou entusiasmada.

“Então”, disse Tem, com leveza. “Como vocês dois estão esta noite?”

Leo pigarreou. Evelyn não disse nada.

Tem tentou novamente: “Como estão indo os preparativos para o casamento?”

Era a última coisa que ela queria ouvir. Mas estava com vontade de pressioná-los, e o casamento certamente faria Evelyn falar. E, de fato, ela respondeu: "Eles estão meio parados".

"Ah?" Tem endireitou-se na cadeira. "E por quê?"

“As coisas estão… difíceis agora.”

“Difícil como?”

Evelyn olhou para Leo, que encarava seu uísque. "Agora que o derramamento de sangue foi abolido, o reino está passando por dificuldades. Era nossa principal fonte de renda."

Renda. Como se o derramamento de sangue fosse um trabalho que rendesse um salário. Comparar os basiliscos acorrentados nas masmorras a empregados era ridículo.

“O que isso tem a ver com o seu casamento?”

"Bem", Evelyn estalou a língua. "É claro que isso afetou nosso orçamento."

Tem foi tomada pela raiva. A igreja havia sido incendiada, e eles nem sequer estavam falando sobre isso. A única coisa que importava para ela era dinheiro.

“Com certeza existem outras maneiras de pagar por isso.” Tem deu de ombros.

“Nada tão lucrativo quanto o derramamento de sangue.”

Um silêncio se instalou, o único som era o raspar da faca no prato. Tem não tinha certeza de quem deveria falar em seguida, mas decidiu

que não seria ela. Ao seu lado, a mão de Caspen ainda estava entrelaçada na sua. Só que agora, ele não estava mais de bom humor. Agora, ele a segurava como se a mão dela fosse uma âncora — uma medida desesperada para se controlar. Tem torcia para que estivesse funcionando.

Em silêncio, Tem refletiu sobre as implicações do que Evelyn estava dizendo.

Este foi um problema inesperado. Tem não havia pensado tão longe — ela achava que, se conseguissem abolir o derramamento de sangue, tudo estaria resolvido. Cabia a Leo decidir como governar seu reino depois disso, e cabia a Tem proteger seu povo.

Evelyn quebrou o silêncio: "Certamente, existe um meio-termo."

Os olhos de Tem se estreitaram imediatamente. Ela abriu a boca para falar, mas Caspen se adiantou.

“O que você sugere?” As palavras saíram gélidas. Contidas.

Todos à mesa olharam para ele, mas ele só olhava para Evelyn. Ele segurava a mão de Tem com tanta força que ela começava a ficar dormente.

Evelyn se remexeu, visivelmente desconfortável. Então, torceu o nariz. "Os basiliscos poderiam... nos fornecer um suprimento."

Tem ficou boquiaberto. "De *sangue* ?"

“Seria em regime de voluntariado.”

Tem bufou. Os basiliscos mal tinham começado a se curar das décadas de tortura. Não havia um único basilisco vivo que quisesse sangrar novamente. E Tem não os culpava.

“Ninguém vai *se voluntariar* para sangrar por você.”

"Não é só para nós", disse Leo em voz baixa, suas primeiras palavras em minutos. "É para os moradores da vila."

Tem o encarou com raiva. "Isso não é verdade, e você sabe disso."

Silêncio.

Ela precisava que ele dissesse isso — precisava admitir que estava fazendo aquilo pela única pessoa por quem Tem havia sacrificado sua felicidade. Para Evelyn, a solução para o problema era simples: retomar a sangria. Se tinha funcionado por tantos anos, por que parar agora? Mas para Tem, era impensável. Leo havia concordado em abolir a prática. Ela não o deixaria voltar atrás sem lutar.

"Temos que *sangrar* por esse ouro, Leo. Você quer que sangremos pelo seu *casamento* ?"

Evelyn esticou os ombros, mas não disse nada. Seu rosto era uma máscara de fúria.

Leo balançou a cabeça. "Eu não quero isso."

“Então por que você está nos pedindo isso?”

Leo abriu a boca e a fechou em seguida. Seus nós dos dedos estavam brancos ao redor do copo de uísque. Tem o encarou. Depois, olhou para Caspen. Ele havia permanecido quieto durante quase toda a conversa. Tem sabia que ele estava controlando o temperamento, usando toda a sua energia para se manter calmo. Ela também sabia que era apenas uma questão de tempo até que sua energia se esgotasse.

Ela se virou para Leo. "Por que você está fazendo isso, Leo?", sussurrou. "Esse não é você."

Ele não respondeu.

Tem pensou em como Evelyn sempre franzia os lábios durante o jantar quando o assunto do derramamento de sangue surgia. A princípio, Tem achou que isso a deixava desconfortável ao falar sobre assuntos tão desagradáveis. Mas agora ela entendia a verdade: é claro que ela queria que o fluxo constante de ouro continuasse. Sem dúvida, era o que ela esperava quando retornou a Leo. Afinal, a família real era conhecida por sua riqueza. A recente mudança financeira de Leo teria sido uma surpresa para Evelyn, e não uma agradável.

Leo finalmente olhou para ela, com o maxilar tenso. "Eu só quero paz."

Tem soltou uma risada abafada. "A paz não se conquista com derramamento de sangue."

Tem não conseguia acreditar que aquilo estava acontecendo. Se ela pudesse associar um rosto às vítimas — se ela pudesse associar *seu rosto* a esse ato horrível — talvez então Leo finalmente entendesse o preço que aquilo lhe custaria. Não haveria um basilisco anônimo na masmorra, sangrando em nome da realeza. Seria alguém por quem ele se importava. Seria ela.

“Se vocês estão procurando voluntários”, disse ela com os dentes cerrados, “já têm um. Eu.”

“ *Não* ”, disseram Caspen e Leo ao mesmo tempo.

“Sim”, insistiu Tem. “Se você está tão sedento por sangue, pode ficar com o meu.”

O aperto de Caspen ficou ainda mais forte.

“Não, Tem”, insistiu Leo. “Você não. Nunca você.”

Tem endireitou-se. "Por que não? Sou parte basilisco. Eu fiz *isso* "— ela apontou para a garra dourada no peito de Caspen—"e meu sangue é tão bom quanto o de qualquer outra pessoa."

Os olhos de Leo se voltaram para o colar de Caspen. Sua testa se franziu, e Tem se perguntou o que ele estava pensando. Ele balançou a cabeça. "Você não é uma opção, Tem."

“E por que não? Não sou diferente de ninguém.”

“Claro que sim.”

“Não. Eu não sou. E se você quer que meu povo sangre, isso significa que você quer que eu sangre também.”

"Eu não quero que você—" Mas ele se interrompeu.

Tem inclinou-se para a frente, encarando-o fixamente, sua voz perigosamente baixa. "Não quer que eu faça o *quê* , Leo?"

Leo franziu os lábios. Ele entendeu. Ela sabia que ele entendia.

Tem estava dificultando as coisas para ele: forçando-o a escolher entre manter sua futura esposa feliz e manter Tem em segurança. Era uma escolha cruel, mas necessária. Tem precisava expor a ideia absurda de Evelyn. Leo só a cogitou porque pensou que algum basilisco aleatório seria o ferido. Mas ela não o deixaria escapar tão facilmente. Se Leo queria derramamento de sangue, esse sangue seria o de Tem.

"Não quero que você se machuque", Leo finalmente concluiu em voz baixa.

Suas palavras foram recebidas com um silêncio ensurdecedor.

Evelyn cerrou os lábios num gesto de forte desagrado, seus olhos alternando entre Tem e Leo, e vice-versa. Tem a ignorou. Aquilo era entre ela e Leo. Ela já sabia qual era a posição de Evelyn, já sabia que ela era má. Mas Leo era redimível. Leo era *bom.* Tem ia lembrá-lo disso.

Ela olhou-o nos olhos. "Você diz que não quer que eu me machuque, mas também quer que o derramamento de sangue continue. Então, o que você quer mais?"

O rosto de Leo estava pálido, sua expressão tensa. Tem podia ver o quanto aquilo o estava afetando, mas ela não ia ceder. Ela não o deixaria se acomodar em seu privilégio e fingir que suas ações não afetavam os outros.

“Se você quer sangue”, ela repetiu, “terá que pegar o meu.”

À medida que o silêncio se aprofundava, o aperto de Caspen se intensificava ainda mais. Ela podia senti-lo pressionando as bordas de sua mente, tentando entrar. Mas Tem o havia bloqueado há muito tempo. Era a batalha que ela travava com Leo — sua missão pessoal fazê-lo entender que o pedido de Evelyn era inaceitável. Se Leo quisesse que o derramamento de sangue continuasse, teria que assumi-lo e ostentá-lo com orgulho. Se os reinos retrocedessem, Tem não facilitaria as coisas. Se Leo permitisse que isso acontecesse, teria que deixar que acontecesse com Tem. Esse era o único resultado que lhe ensinaria uma lição.

Caspen a atormentava. Sua presença era tão forte que ela tinha dificuldade para se concentrar, quase impossibilitando-a de respirar. Seus dedos apertavam sua mão com uma força implacável. Mesmo assim, ela não cedeu. Tem enfrentaria isso sozinha, pois não queria que Caspen tivesse que enfrentar nada disso.

Evelyn piscou seus olhos redondos e ameaçadores. Ela se virou lentamente para Tem. "Acho isso bastante nobre da sua parte."

“ *Nobre?* ” Caspen cuspiu as palavras.

Foi a primeira palavra que ele disse em minutos, e imediatamente, os pelos da nuca de Tem se eriçaram. Ela ouviu o perigo em sua voz, e isso a assustou. Evelyn estava muito perto de cruzar uma linha, e se ela fosse além, havia uma possibilidade muito real de Caspen perder a cabeça. Sua presença era uma tempestade, crepitante e feroz.

“Nobre é uma palavra para descrever isso”, disse Tem com a maior calma possível. “Necessário é outra. Se um sacrifício tiver que ser feito para manter a paz entre nossos reinos, eu o farei.”

“Eu *proíbo isso* .”

Tem se virou para Caspen. Para sua surpresa, ele não estava olhando para ela. Seu olhar ainda estava fixo em Evelyn, seus olhos dourados semicerrados em puro desprezo. Os olhos dela também estavam semicerrados.

“Se Tem está fazendo trabalho voluntário, então devemos permitir que ela faça sua própria escolha.”

Caspen e Leo emitiram sons idênticos de descrença.

"Tem é altruísta ao extremo. Essa não é uma decisão que cabe a ela", rosnou Caspen.

“Qualquer decisão relacionada ao meu corpo é uma decisão que cabe a mim”, disse Tem em voz baixa.

O silêncio voltou a reinar.

Tem sabia que estava indo longe demais. Ninguém naquela mesa, além de Evelyn, queria isso para ela. Mas Caspen, apesar de sua intenção de protegê-la, não podia impedir. Só Leo podia protegê-la. E se ele não conseguisse, sofreria as consequências.

Os olhos de Leo encontraram os dela.

Tem nunca conseguira ler a mente dele como conseguia ler a de Caspen. Leo era muito expressivo, então nunca fora realmente necessário. Mas agora, no silêncio prolongado, ela desejava saber o que ele estava pensando. Ele entendia a gravidade da situação? Percebia que estavam à beira de uma regressão completa? Se o derramamento de sangue continuasse, tudo o que haviam passado teria sido em vão. O casamento, o brasão, todo o seu casamento com Evelyn. Se Leo permitisse que isso continuasse, ele não seria melhor do que Maximus.

Mas a lealdade de Leo era para com sua futura esposa. E essa esposa já não era Tem.

Seus olhos se abaixaram. "Tem pode fazer a própria escolha", ele sussurrou.

Ao lado dele, Evelyn se pavoneava. Olhou para Caspen triunfante, os ombros erguidos como se tivesse acabado de ganhar o maior prêmio do mundo. Então, seu olhar se voltou para Tem, que finalmente compreendeu o desprezo ali presente. Para Evelyn, tudo se resumia a poder — ela usava o pouco que tinha para deixar claro que Tem, e os basiliscos, estavam abaixo dela. Tem ficaria enojado se já não estivesse acostumado com pessoas como ela. O que a repugnava ainda mais era a forma como Leo havia permitido que aquilo acontecesse. Progresso, quando não mantido, não era progresso algum. Era apenas mais uma mentira.

“Então está decidido”, sussurrou Tem. “Podemos começar na semana que vem.”

Ao ouvir as palavras dela, Caspen se levantou abruptamente.

Todos olhavam fixamente para o basilisco, seus ombros eretos, os punhos cerrados ao lado do corpo. Tem não sentia medo de Caspen há muito tempo. Mas agora ela estava com medo.

“Tem”, disse ele baixinho, sem demonstrar nenhuma emoção. “Te vejo em casa.”

Tem não se atreveu a falar. Ela não tinha ideia do que dizer. Não havia nada *a* dizer.

Todos observaram Caspen sair da sala. Ele estava completamente alheio a ela; agora era ele quem a estava excluindo. Era o segundo jantar consecutivo do qual ele saía furioso, e ela achou significativo que ele tivesse ido embora sem ela. Ele queria que ela ficasse? Ele achava que *ela* queria ficar? Tem não fazia ideia do que mais poderia conseguir ali, principalmente sozinha. Ela estava prestes a seguir Caspen quando Evelyn também se levantou.

“Leo”, disse ela, com um tom um pouco menos calmo que o de Caspen. “Termine isto. Te vejo lá em cima.”

Então ela também saiu do quarto.

Tem e Leo se encararam. Agora só restavam os dois.

" *Terminar* isso?", disparou Tem.

Ele balançou a cabeça. "Ela não quis dizer isso dessa forma."

“Então, o que ela quis dizer?”

Como ele não respondeu, Tem se levantou. Imediatamente, Leo também se levantou. "Tem, espere—"

Leo estendeu a mão para ela, mas a soltou em seguida. Eles ainda não haviam se tocado desde a anulação. Tem se perguntou se aquilo era proposital — se ele estava se retraindo de propósito por medo do que poderia provocar.

“Esperar o quê, Leo?”

“Tem, por favor. Vamos apenas conversar.”

"Não quero *conversar* ", respondeu Tem, irritado.

“Ela não sabe o que está dizendo.” Leo ainda estava de pé, inclinado em direção a ela. “Ela só está tentando proteger seu povo.”

“Que bom. Estou tentando proteger o meu.”

“Eu sei que você é. É por isso que estamos fazendo isso, por isso que estamos realizando esses jantares—”

“Esses jantares são inúteis se forem apenas uma forma de retomar o derramamento de sangue.”

“Não é isso que eles são.”

“Não são? Então, que conversa foi exatamente aquela que acabamos de ter?”

“Aquilo foi… apenas uma conversa.”

“Uma *discussão* ?”

“Estamos apenas… tentando fazer o nosso melhor para coexistir.”

“Não vejo Evelyn tentando coexistir. Vejo-a tentando trazer de volta exatamente aquilo que causou o problema em primeiro lugar. É quase como se ela quisesse outra guerra.”

“Esse não é o objetivo dela. Ela jamais faria isso.”

“Ela faria isso se você deixasse.”

“Bem, eu não vou.”

"Não vai?" As palavras saíram antes que ela pudesse impedi-las.

Mas a mágoa que relampejou no rosto de Leo era inconfundível. "Você realmente pensa tão pouco de mim?", ele sussurrou.

“Acho que você se esqueceu das suas prioridades.”

Leo virou o copo de uma vez com uma careta. Olhou para o copo vazio entre as mãos e suas próximas palavras foram um sussurro: " *Ela* vai ser minha esposa, Tem. Ela tem que ser minha prioridade."

A palavra que ele escolheu enfatizar era inconfundível. Tem lutou contra uma onda repentina de lágrimas. "Eu sei disso", ela sussurrou de volta. "Acredite em mim, eu sei."

Seus olhares se encontraram.

Eles se encararam na penumbra da sala de jantar. Era tudo demais para ela. Ela tentara fazer a coisa certa e falhara. Tentara protegê-lo, e era evidente que também não conseguira.

“Ela não é a mesma”, disse Leo, em um sussurro. “Ela mudou.”

“Como assim ela mudou?”

“Quando olho para ela, eu... eu...” Ele balançou a cabeça, procurando as palavras. “Não entendo quem ela é agora. Ela nunca foi assim.”

"Como o que?"

Leo demorou a responder. Quando finalmente o fez, a palavra foi cortante como uma lâmina: "Ganancioso".

Tem não fazia ideia do que dizer. Foi um choque ouvir Leo descrever sua própria noiva daquela maneira. Mas ela não podia fingir que não tinha pensado o mesmo. Evelyn *era* gananciosa. Ela cobiçava ouro e dava valor a bens materiais. Tem não conseguia se identificar com tais extravagâncias. E, apesar de ter crescido em um castelo cheio delas, sabia que Leo também não.

“A gente costumava conversar por horas”, sussurrou Leo. “Agora a gente mal se fala. Ela nem sequer se desculpou por ter ido embora.”

Tem não aguentava mais. Estava tudo errado. Evelyn deveria ser o amor da vida de Leo. Eles deveriam se casar, ter filhos e se amar até o fim da vida. Deveriam valer *a pena* . Mas agora Tem não conseguia se livrar da sensação inescapável de que havia cometido um erro terrível — que num momento de pena, depois de ter conquistado Leo, ela havia destruído todo o futuro dele. Era um resultado inaceitável. As próximas palavras dele só confirmaram isso.

“Eu não quero isso, Tem.”

Era tudo o que ele dizia, mas era muito mais do que isso. Era verdade que Tem havia ordenado que Leo encontrasse Evelyn. Mas todas as decisões posteriores foram dele. Ela não lhe disse para pedi-la em casamento, não lhe disse para trazê-la de volta, não lhe disse para deixá-la se infiltrar em todos os aspectos de sua vida. Essas foram escolhas dele, e não tinham nada a ver com o brasão ou com Tem. Ele estava se tornando alguém que ela não respeitava, alguém perto de quem ela não se sentia segura. Tem se aproximou. Os olhos de Leo se arregalaram quando ela fez isso.

Ela baixou a voz, falando com autoridade inquestionável. "Já terminamos de nos abrir para você."

“Tem”, disse ele desesperadamente. Ela conseguia ouvir o nó na garganta dele. “Por favor.”

“Por favor , *o quê* , Leo?”

Tem queria ouvi-lo dizer isso — queria que ele reconhecesse que não passava de um hipócrita horrível e previsível. Leo apenas balançou a cabeça.

Diante do silêncio dele, Tem se permitiu odiá-lo, só desta vez. Ela queria que ele sentisse a dor que ela sentia — que entendesse exatamente o que sua decisão acarretaria. Só havia uma coisa que ela poderia dizer que o feriria profundamente:

“Seu pai ficaria tão orgulhoso”, disse Tem friamente.

Ela não se demorou para ver a vergonha dele.

Capítulo Dezoito

Caspen estava em seus aposentos quando ela voltou, parado imóvel em frente à lareira, com os punhos cerrados ao lado do corpo. Tem estava ao lado dele, mas não ousava falar. Não adiantava tentar conversar com ele de qualquer forma — nada que ela pudesse dizer acalmaria sua mente. Ela só queria estar ali por ele, para que ele soubesse que ela estava do seu lado. Eles ficaram ali por um tempo que pareceu uma eternidade — tanto tempo que o fogo começou a diminuir. Quando Caspen finalmente se virou para ela, Tem se preparou para outro acesso de raiva. Em vez disso, ele colocou as mãos delicadamente em cada lado do rosto dela, fazendo com que ela olhasse para ele. Sua voz era um sussurro.

Você tem noção do quanto você é precioso(a) para mim?

A pergunta não era o que Tem esperava, e ela não tinha muita certeza de como respondê-la. Ela sabia, em um nível básico, o quanto Caspen a amava. Mas não havia como ela saber a profundidade real desse amor.

"Acho que sim", ela respondeu. Era o melhor que ela podia fazer.

Caspen acariciou as bochechas dela com os polegares, deslizando-os ao longo da mandíbula. "Não há nada neste mundo que me importe mais do que você, Tem. Nada." Suas mãos pararam, e por um instante, permaneceram ali, simplesmente imóveis. Então ele disse lentamente: "Não posso permitir que o derramamento de sangue recomece."

“Eu sei. Eu também não quero que isso aconteça.”

O aperto de Caspen se intensificou. "Não se trata de *carência* . Não permitirei isso."

Tem percebeu o que ele realmente estava dizendo: Caspen era o Rei Serpente. Era sua responsabilidade proteger seu povo. Se Leo deixasse isso acontecer novamente — se ele ferisse os basiliscos novamente — Caspen seria forçado a retaliar.

"Entendo", ela sussurrou.

Caspen se afastou. "Você faz isso?"

Tem olhou para ele, percebendo exatamente o quão furioso ele estava. Tem não conseguia dizer se Caspen estava mais furioso porque Evelyn tentara retomar o derramamento de sangue ou porque Tem se oferecera para participar. Aquilo era uma traição a tudo em que ele ousara apostar ao fazer um acordo com Leo. O que aconteceu naquela noite reforçou todos os seus maus sentimentos. Aquilo em que os basiliscos acreditavam sobre os humanos era que eles eram gananciosos, desonestos e cruéis. Tem odiava o fato de Leo ter dado razão a Caspen.

Ela tentou defendê-lo. "Ele está desesperado. Você também estaria no lugar dele."

“Eu encontraria outra solução. Não permitiria que sangue fosse derramado.”

Tem não se deu ao trabalho de refutá-lo, não se deu ao trabalho de apontar a hipocrisia em sua declaração. Caspen havia permitido que muito sangue fosse derramado: todo sangue humano. Ele não conseguia ver os paralelos? Cada lado se recusava a enxergar o valor do outro. Cada lado achava que o outro deveria sangrar.

“Esta *é* uma solução, Caspen. Se eu for o único que—”

“Não quero que você se machuque, Tem.”

Tem tentou uma abordagem diferente. "Não é culpa do Leo. É a Evelyn que quer isso."

Caspen se virou para olhá-la nos olhos. "Ele está atendendo aos desejos dela. Isso não o torna melhor do que ela."

Não ajudava em nada o fato de ele estar certo. "Eu sei", disse Tem, com a voz baixa. "Eu só..." Mas não havia mais nada a dizer. Tem *queria* argumentar que não era realmente culpa de Leo. Mas isso não era verdade. Ele era uma pessoa de livre arbítrio. Ele havia concordado com aquilo.

Caspen se aproximou. "Ele é um problema, Tem. Os dois são."

Tem estremeceu ao ouvir as palavras dele. O pouco respeito que Caspen ainda tinha por Leo desapareceu naquela noite. No fim das contas, eles sempre tiveram Tem em comum. Mas agora Leo tinha

Evelyn. Se a segurança de Tem não era mais prioridade para Leo, ele não servia para nada com Caspen. Ele era uma ameaça.

“Deixe-me falar com ele”, ela sussurrou. “Eu sei que posso—”

“Já passamos da fase *de conversa* , Tem.”

“Se eu pudesse apenas—”

“Só existe uma coisa que você pode fazer para resolver isso. E eu sei que você não está disposto a fazê-la.”

Tem piscou. "Não entendo."

Nesse momento, Caspen fez uma pausa, e Tem se perguntou se não era isso que ele queria dizer.

“O que você quer dizer, Caspen?”, ela insistiu. “O que eu não estou disposta a fazer?”

“O que precisa ser feito.”

Tem olhou fixamente para ele, tentando desesperadamente entender o que ele estava lhe dizendo. O que, aos olhos de Caspen, precisava ser feito? Ela tentou pensar como um basilisco, ver as coisas da perspectiva dele. A compreensão surgiu.

Leo estava ligado a ela. Tem era a única que tinha o poder de influenciar suas escolhas. Era um poder horrível — um poder que ela desejava poder devolver —, mas ainda assim, um poder. Caspen queria que ela usasse esse poder. Era o que qualquer basilisco faria.

“Você quer que eu dê uma *ordem para ele* ?”

Caspen não respondeu. Não precisava. Claro que era isso que ele queria — claro que considerava Leo tão inferior a ele que merecia ser comandado como uma criança.

“Ele é uma pessoa, Caspen. Não é um brinquedo. Eu não posso simplesmente dar ordens a ele.”

“Você pode dizer para ele parar com o derramamento de sangue.”

“Não vou contar isso para ele, Caspen. Não vai resolver nada. Evelyn ainda vai—”

“Isso vai resolver *tudo* , Tem. Tudo.”

Mas Tem apenas balançou a cabeça. Ela não conseguia acreditar que Caspen estivesse sequer sugerindo aquilo. Dar uma ordem a Leo seria abusar da dinâmica de poder criada pelo brasão. Leo confiava nela para não lhe dizer o que fazer — a própria Tem havia prometido que nunca

mais lhe daria outra ordem. Ela se lembrava de como se sentiu horrível quando lhe disse para se acalmar e ele obedeceu. Tem nunca mais queria fazê-lo se sentir assim.

"Não vou fazer isso", disse ela em voz baixa, mas com firmeza.

“Então não me tente a fazer isso eu mesmo.”

Tem ficou paralisada ao perceber a raiva em sua voz. "O que isso quer dizer?", ela sussurrou.

“Significa”—Caspen inclinou-se para mais perto—“que, embora você possa não estar disposto a fazer o que é necessário, eu estou perfeitamente disposto.”

Tem sentiu um arrepio na espinha. "Ele bebeu meu veneno", disse ela. "De qualquer forma, ele não te obedeceria."

"Não faria isso?"

No silêncio devastador, Tem se lembrou do que Caspen lhe contara sobre seu pai, o antigo Rei Serpente: *ele era o único basilisco com poder suficiente para controlar quem quisesse.* Como o novo Rei Serpente, esse poder agora cabia a Caspen. Não importava que Tem tivesse dado seu veneno a Leo — era uma proteção contra ser controlado por outro basilisco, mas Caspen era o único basilisco capaz de anular essa proteção. Se ele controlasse Leo, o rei humano ficaria ligado a Caspen em vez de Tem. Se lhe desse qualquer ordem, ele teria que obedecer.

Tem olhou para ele. "Você não se atreveria."

“É meu direito.”

"Você *tem razão* ?" Tem deu um passo para trás, atônita com as próprias palavras. Esse era um lado de Caspen que ela desconhecia: um lado que a assustava. "Você não pode simplesmente fazer o que quiser", sussurrou ela. "Você não é um deus."

A fúria brilhou no rosto de Caspen. "Não sou? Ele deveria me agradecer pela minha benevolência."

“Ele não é um brinquedo, Caspen. Ele é uma pessoa. Você não pode simplesmente—”

“Ele existe por *minha causa.* ”

As garotas de Caspen eram sempre as escolhidas. Ele treinou a mãe de Leo. E a avó, e a bisavó. Recebeu o apelido de Rei Serpente por suas conquistas, e o mereceu. Caspen — e somente Caspen — era o

responsável. pela existência de Leo. Sem ele, Maximus nunca teria se casado com a mãe de Leo, e eles nunca teriam tido filhos.

Caspen tinha razão. Leo existia por causa dele.

Eles se encararam com uma intensidade que Tem mal conseguia suportar. A situação já não permitia mais negociação. Algo havia se rompido entre eles — algo vital. A verdade, como tantas vezes acontecia, finalmente viera à tona. Caspen esperava que ela fizesse uma escolha — que se submetesse. Não importava que ela fosse meio humana, meio basilisco. Ele a forçaria a escolher da mesma forma que ela acabara de forçar Leo.

Mas Tem não se deixaria domar. Ela não conseguia controlar quem amava, e não se importava em tentar. Caspen, em sua infinita e ancestral sabedoria, teria que suportar isso. Ela olhou-o nos olhos e disse: "Isso não lhe dá o direito de controlá-lo."

Caspen ergueu o queixo, olhando para ela. Ele estava tão imponente naquele momento — tão profundamente poderoso — que Tem quase estremeceu. "Eu o criei."

“Seu pai te criou. Isso significa que ele tinha o direito de te controlar?”

Isso fez Caspen parar abruptamente. Seus olhos se estreitaram. Tem sabia o impacto que suas palavras teriam — sabia que Caspen não reagiria bem à comparação. Mas era uma comparação que valia a pena fazer. Se Caspen pensava que merecia controlar Leo porque havia desempenhado um papel — por menor que fosse — em sua concepção, ele estava enganado.

Tem endireitou os ombros, olhando o marido diretamente nos olhos enquanto dizia: "Você vai me perder se tentar superá-lo."

Fumaça subia pelos ombros de Caspen. A linha entre excitação e raiva sempre fora tênue para ele, e Tem conseguia senti-la agora. Sua voz estava mortalmente calma. "Pensei que já tivesse passado."

"Imagina o que já teria desaparecido até agora?"

“Sua paixão por ele.”

Tem olhou fixamente para ele. O que ela sentia por Leo estava longe de ser uma paixão passageira. Era tão real e irrefutável quanto seu amor por Caspen. Era o pilar que a mantinha de pé — a força que garantia sua estabilidade. *Desvanecer?* Jamais. Talvez Caspen nunca

tivesse compreendido isso completamente como deveria. Talvez por ignorância deliberada, ou talvez por pura negação, ele o visse como uma paixonite inofensiva de escola. Um incômodo que jamais se tornaria uma ameaça. Algo passageiro, algo que iria passar. Caspen não acreditava que ela pudesse realmente amar Leo. Que seu coração seria para sempre atraído por ele. Que fosse real.

"Não vai desaparecer", sussurrou Tem. "Nunca vai."

As palavras dela o atingiram lentamente. Tem observou, em tempo real, enquanto Caspen entendia o que ela estava dizendo. Suas sobrancelhas se ergueram em surpresa antes de seu rosto se contorcer em uma expressão de desgosto. "Faça o que quiser, Tem. Você sempre faz."

Então ele saiu da sala apressadamente.

Os dias seguintes foram longos, e Tem passou-os a pensar.

Ela pensou no jeito como Caspen a olhara — como se a estivesse vendo pela primeira vez. Tem não escondera seus sentimentos por Leo; não fingira que não o amava. Se Caspen pensava o contrário, escolhera ser cego.

Ela também pensou em Leo e em sua incapacidade de enfrentar Evelyn. Tem nunca havia sentido tanta raiva de outro ser humano. A solução de Evelyn não era solução nenhuma — mesmo que o derramamento de sangue voltasse, nunca seria suficiente. Parecia não haver futuro para eles, nenhum caminho que não terminasse em violência e morte. Não era o futuro que Tem queria para seu povo. Certamente, também não era o que Leo queria. Mas era a direção para onde estavam indo, e a menos que ele interviesse para impedi-los, seu destino estava predeterminado. Eles repetiriam a história; haveria derramamento de sangue. E se isso acontecesse, o que aconteceria então? Leo se voltaria contra ela, como fez com o resto de seu povo? Afinal, Tem era meio basilisco. Ela era uma deles , como Gabriel havia dito. O inimigo. Nunca fora fácil para Tem pertencer aos dois lados. Mas agora, mais do que nunca, ela precisava encontrar uma maneira de seguir em frente. Era hora de tomar as rédeas da situação.

Na noite seguinte, Tem já estava decidido a fazê-lo.

Ela foi sozinha até o Cavaleiro, ignorando o vento gélido, com os cachos envoltos em um cobertor velho. O clima era a menor de suas preocupações. Tem se concentrou na tarefa em mãos: encontrar

Gabriel. Algo que começara como um sonho impossível agora era sua melhor opção. Se Gabriel viesse às cavernas — se ele pudesse ter uma experiência positiva com os basiliscos —, isso poderia ser suficiente para fazê-lo mudar de ideia. E se ele mudasse de ideia, isso poderia influenciar o rumo dos acontecimentos. Além disso, não era mais apenas a opinião de Gabriel que ela queria influenciar. Se Caspen pudesse ver como um humano se adaptava — como um humano respeitava a cultura dos basiliscos — ele também poderia mudar de ideia. Ela tinha que tentar.

Gabriel estava na mesa de sempre. Ele ergueu os olhos quando ela entrou, buscando imediatamente o dela. Cautela. Medo.

“Gabriel”, disse ela baixinho enquanto se acomodava na cabine. “Não estou aqui para brigar com você.”

Sua expressão suavizou-se ligeiramente. "Então, por que você está aqui, minha querida?"

“Tenho uma proposta.”

“Bem, vamos ouvir.”

Tem hesitou. Será que ela realmente ia fazer isso? Caspen tinha razão; era delírio. Mas delírio era melhor do que nada. Delírio era tudo o que Tem tinha. "Quero que você venha para debaixo da montanha."

No silêncio que se seguiu, Tem se perguntou se acabara de cometer um grave erro. Não havia garantia de que aquilo daria certo. Mesmo que Gabriel tivesse sucesso em sua incursão sob a montanha, isso não significava que ele conseguiria convencer os aldeões. Ela o teria colocado em perigo sem motivo algum. Mas aquele era Gabriel — seu amigo de infância — seu maior confidente. Tem confiava nele, mesmo que ele não confiasse nela em troca.

“Você quer que eu desça por baixo da montanha”, repetiu Gabriel.

"Sim."

"Quando?"

Tem passou a manhã trabalhando com Adelaide para preparar as aljavas para a chegada dele. Quando ela contou a Caspen o que tinha feito, ele não disse uma palavra. Mas não era uma decisão que cabia a ele.

“Esta noite, se possível.”

Gabriel piscou. "Por quê?"

A resposta para essa pergunta era um pouco mais complicada. "Porque..."

Mas como responder? Se ela dissesse a Gabriel que o futuro de seus reinos dependia de sua visita, ele jamais concordaria. Era pressão demais para uma pessoa só — pedir demais a ele. Mas o fato era que Tem precisava perguntar. Então ela disse: “Quero que você vivencie a cultura dos basiliscos”.

Um leve sorriso curvou seus lábios quando um lampejo da habitual faísca de Gabriel retornou. "Temperance Verus", disse ele em tom conspiratório, "você está me convidando para uma festa sexual?"

Tem revirou os olhos com tanta força que quase teve uma lesão cerebral. "Eu *já disse* . Não são festas de sexo."

"Com certeza me parece uma festa sexual."

“É *perigoso* , Gabriel. Haverá centenas de basiliscos lá. Se algum deles se transformar, você estará morto.”

“Tenho certeza de que você não vai deixar isso acontecer.”

“Se *eu* fizer a transição, você estará morto.”

“ *Pah* .” Ele estalou os dedos.

“Isto é sério, Gabriel. Eu estou…” Ela fez uma pausa, e ele sustentou o olhar dela.

“O quê, Tem?”

"Estou tentando melhorar as coisas", ela sussurrou.

Era o mínimo que ela podia dizer — o mínimo que ela podia fazer. Ela não estava apenas tentando melhorar as coisas — ela estava tentando consertar tudo em uma noite. Era uma tarefa impossível.

Gabriel aproximou-se mais, seus olhos azuis fixos nos dela.

“Isto é uma oferta de paz?”

Tem assentiu com a cabeça.

“E se eu for embora, os basiliscos deixarão os aldeões em paz?”

Tem não tinha *exatamente* esclarecido isso com os basiliscos. Mas se ela fosse tão poderosa quanto Caspen dizia, faria tudo ao seu alcance para provar o contrário.

Tem assentiu novamente.

Gabriel recostou-se, inclinando a cabeça enquanto a avaliava. "Então", disse ele, tomando os últimos goles de sua cerveja. "O que posso

esperar?"

Um alívio imenso a invadiu. Nada mais importava, exceto o fato de Gabriel ter concordado com seu plano. Tem se sentiu repentinamente leve como uma pluma. "Podem esperar... que todos estejam nus."

“Perfeito. Adoro ficar nu.”

“Eles estão nus *o tempo todo.* ”

“Como deveriam ser.”

“ *Gabriel* .”

“ *Tem* .” Ele colocou as mãos nos ombros dela, puxando-a para perto. “Eu entendo que isso é um gesto de paz. Mas se você está me dizendo que vou passar por baixo da montanha, preciso saber o que me espera.”

Ele tinha razão, claro. A última coisa que ela precisava era que Gabriel estivesse perdido.

“É um risco”, disse ela honestamente. “E não posso garantir sua segurança.”

Gabriel tocou-lhe o rosto. "Certamente não há perigo enquanto eu estiver contigo."

“Isso não é necessariamente verdade.”

“Bem, certamente não há perigo algum enquanto eu estiver com seu marido gostoso.”

Tem ficou boquiaberto. " *Isso* também não é verdade. Ele não pode—"

“Tem.” Gabriel segurou o rosto dela, olhando-a diretamente nos olhos. “Vou vê-lo nu?”

Tem suspirou. Não havia como contê-lo. Talvez fosse impossível, de qualquer forma. A alegria de Gabriel irradiava dele em ondas contagiantes, e até Tem não pôde deixar de se sentir esperançosa. Era a expressão mais feliz que ela o vira em semanas.

"Sim", murmurou ela.

" *Excelente.* "

“Mas, Gabriel”—ela colocou as mãos sobre as dele, puxando-o para perto de si—“você precisa levar isso a sério. O objetivo é mostrar como os basiliscos vivem. O objetivo é humanizá-los.”

Gabriel ficou um pouco mais sério ao perceber isso. Era verdade; aquela não era uma visita despreocupada. Podia haver prazer envolvido, mas o prazer não era o objetivo. O propósito de sua visita à

montanha era mostrar-lhe que os basiliscos mereciam respeito — que eram bondosos, dignos e tão importantes quanto os humanos. Tudo dependia disso.

"Eu entendo", disse ele baixinho, olhando nos olhos dela. "Confie em mim."

Tem confiava nele. Sempre confiara. "Preciso te avisar", disse ela. "É época de acasalamento."

"Época de acasalamento?" Ele ergueu uma sobrancelha. "O que é isso?"

“É uma época em que qualquer basilisco solitário busca um parceiro. É uma época particularmente… voraz.”

“ *Voraz?* ”

“Não sei como descrever isso de outra forma.”

“Você descreveu perfeitamente, querida. Aguardo ansiosamente a voracidade.”

Tem revirou os olhos novamente. Ele era impossível.

Eles passaram o resto da noite bebendo cerveja e conversando sobre nada. Não falaram sobre os protestos, a igreja ou qualquer coisa importante. Parecia que estávamos nos velhos tempos, e era muito bom. Mas, eventualmente, chegou a hora de ir embora.

Eles caminharam juntos até as cavernas, o braço de Tem entrelaçado no de Gabriel. Ela o abraçou forte, mantendo seu corpo bem junto ao seu, como se pudesse mantê-lo junto ao seu coração.

“Não saia do meu lado, nem por um segundo”, disse Tem. Eles tinham acabado de entrar na caverna, e Gabriel estava demonstrando uma empolgação *excessiva* com o que estava prestes a acontecer. “E não fale com ninguém a menos que falem com você primeiro. E *nada de flertes.* ”

Os lábios de Gabriel se curvaram num bico. "Qual é a graça de encontrar um bando de basiliscos sensuais se eu não posso flertar com eles?"

“Eles poderiam te matar. Essa é a questão.”

“Você subestima minhas habilidades de flerte, Tem. Eu poderia encantar até uma árvore.”

“Nunca subestimei suas habilidades de flerte. Acho que *ninguém* jamais fez isso.”

Gabriel passou o braço em volta dela, puxando-a para perto. "Isso vai ser divertido, Tem. Relaxa."

“Isto não é para ser *divertido* , Gabriel. Isto não é um jogo.”

Ele ficou sério. "Eu entendo, Tem. Quero que isso dê certo tanto quanto você."

Tem assentiu com a cabeça. Ela sabia que Gabriel entendia a situação, sabia que ele compreendia que o futuro de seus reinos dependia daquela visita. Mesmo assim, ela estava se arrependendo rapidamente de tudo. O que Tem estava pensando, levando-o para perto de um bando de basiliscos? Era perigoso para ele. Possivelmente fatal. Se algo lhe acontecesse, ela jamais se perdoaria. E ainda assim, se isso pudesse amolecer o coração dele em relação a eles — se o encontro com basiliscos pudesse humanizá-los aos olhos de Gabriel — valeria a pena. Gabriel era o líder dos aldeões. Sua palavra tinha peso real.

Com um suspiro, Tem conduziu Gabriel para dentro das cavernas.

Seus olhos se voltaram para o tapete em frente à lareira. Ele ergueu uma sobrancelha, mas não questionou. Não havia necessidade de lhe dizer que Tem havia treinado ali — ele sabia o que acontecia nas cavernas tão bem quanto qualquer outra pessoa.

“Você precisará tirar a roupa”, disse Tem.

Mas Gabriel não precisou de explicações. Antes mesmo que ela pudesse terminar a frase, ele já estava nu.

Tem nunca tinha visto o pênis dele antes; francamente, o pênis do seu melhor amigo não era da sua conta. Então, ela desviou o olhar, mantendo o foco no próprio corpo enquanto se despia. Quando ambos estavam nus, ela gesticulou em direção à passagem, por onde entraram juntos. Quanto mais fundo iam, maior ficava o sorriso de Gabriel.

"Você pode, *por favor,* parar de parecer tão animado?" Tem sibilou. "Eles vão achar que você está desequilibrado."

Gabriel deu de ombros. Ele parecia radiante de alegria. "Ah, qual é, Tem. Se coloque no meu lugar. Você não ficaria animado?"

"Eu ficaria apavorada. Eu *fiquei* apavorada."

Tem lembrou-se da primeira vez que estivera sob a montanha — de como Caspen a levara para seus aposentos depois que Jonathan e Christopher a agrediram. Ela mantivera a cabeça baixa, os olhos fixos no

chão. Gabriel não demonstrava tais escrúpulos. Seus ombros estavam erguidos, o queixo imponente. Ele era destemido.

“Não há nada a temer”, disse ele. “São apenas cobras.”

“ *Não* os chame assim.”

“ *Não vou* . Estou só brincando.”

“Não é hora para piadas, Gabriel.”

“Eu *sei* disso, meu bem. Acredite em mim, eu sei.”

Eles não falaram mais nada depois disso. Tem o guiou pelo corredor, tentando acalmar sua ansiedade. Era evidente que ela estava mais nervosa do que Gabriel. Pelo jeito como ele olhava ao redor de cada canto, estava obviamente ansioso para avistar um basilisco. Tem não estava tão ansiosa. Ela temia que tudo aquilo tivesse sido um grande erro — um erro que mais uma vez magoaria alguém que ela amava profundamente. Mas era tarde demais para voltar atrás. Adelaide já havia avisado a todos que eles viriam. Eles tinham que fazer isso. Quando chegaram à entrada do pátio, pararam.

Tem passou o braço em volta de Gabriel instintivamente.

“Qual é o problema?”, perguntou ele, olhando para o corredor.

“Caspen disse que nos encontraria aqui.”

Era verdade; Caspen tinha dito isso, embora tecnicamente não para Tem. Eles não tinham se falado desde que ela lhe contou que Gabriel viria, e Adelaide tinha sido quem coordenou esse encontro. Tem estava começando a se preocupar que Caspen não fosse aparecer afinal quando ele emergiu da escuridão, sua pele brilhando à luz bruxuleante da tocha.

“Gabriel”, disse ele, em voz baixa. Houve uma pausa, e durante ela, Tem sentiu um leve pânico. Será que eles realmente iam fazer isso? Era um *absurdo.* E se Caspen os repreendesse? Mas, para seu alívio, ele disse: “Obrigado por virem”.

Para surpresa de Tem, Gabriel fez uma reverência exagerada, inclinando a cabeça quase até os joelhos. "Obrigado por me receberem."

Tem o ajudou a se endireitar. "Não precisa se curvar", sussurrou ela.

"Ele é um rei, não é?" Gabriel apontou com a cabeça para Caspen.

“Sim, mas—”

“Você deve se curvar perante os reis.”

Tem suspirou. Antes que pudesse dizer mais alguma coisa, Caspen ergueu a mão, subjugando-a.

“Você é amigo de Tem”, disse ele calmamente. “Não precisa se curvar para mim.”

Gabriel sorriu. Caspen se virou para Tem. "Você contou a ele sobre os riscos?"

“Sim, eu fiz.” Tem omitiu o fato de que duvidava que ele se importasse.

“Nada de flertes.” Gabriel interrompeu, cutucando Tem com o ombro. “Certo, chefe?”

Caspen ergueu uma sobrancelha. Não era a primeira vez que Tem rezava para Kora pedindo paciência. Ela precisava que Gabriel se comportasse, *pelo menos desta vez.* Havia muita coisa em jogo para que as coisas não terminassem da maneira perfeita.

“O desejo de Tem é que vocês vivenciem nossa cultura”, disse Caspen. “Meu povo sabe que vocês virão, mas preciso ser transparente. Alguns não estão contentes com a presença de vocês.”

Pela primeira vez, o medo estampou-se no rosto de Gabriel.

“Nada de mal lhe acontecerá”, disse Caspen. “Eu garanto pessoalmente a sua segurança.”

Gabriel relaxou, e Tem também. Ela entendeu que essa era a maneira de Caspen se acertar entre eles. Ele se importava com as mesmas coisas que ela, mesmo que demonstrasse isso de maneiras muito diferentes.

Tem apertou o aperto de forma reconfortante. "Nada de ruim vai acontecer", insistiu. "Eu prometo." Ela não tinha absolutamente nenhuma autoridade para fazer tal promessa. Mas fez mesmo assim, como se, ao dizê-la em voz alta, pudesse garantir que era verdade. Ela se virou para Caspen. "Você vai acalmá-lo?", perguntou.

Ele inclinou a cabeça. "Você pode fazer isso sozinho. Lembre-se de que você é um Híbrido."

Tem não tinha pensado nisso. Ela se virou para Gabriel. "Eu posso te acalmar, se você quiser."

Mas Gabriel dispensou-a com um gesto de mão. "Não preciso disso."

Tem piscou. "O quê?"

“Eu já estou calma, Tem. Não preciso que você faça… seja lá o que você esteja tentando fazer.”

Para surpresa de Tem, um sorriso divertido curvou os lábios de Caspen. Tem se perguntou se ele já havia conhecido um humano como Gabriel antes. Provavelmente não; ninguém havia.

“Nesse caso”, disse Caspen, “vamos começar”.

Eles o seguiram até o pátio.

Capítulo Dezenove

Ao redor deles, os basiliscos já estavam fazendo sexo.

Afinal, era época de acasalamento. Eles não controlariam seus instintos só porque havia um humano ali. Os olhos de Gabriel se arregalaram, sua cabeça girando de um lado para o outro, absorvendo tudo o que podia. Tem se lembrou de como fora a primeira vez que vivenciara tudo aquilo e sabia que ele devia estar extasiado, por mais animado que dissesse estar.

Em algum ponto do caminho, Caspen desapareceu. Ele falou com ela pouco antes de partir: *"Vou ficar por perto, Tem."*

Tem o deixou ir; ela entendeu que ele estava esperando para ver como aquilo terminaria — para ver se sua esperança ilusória não havia sido em vão — mas quase imediatamente, ela desejou que ele tivesse ficado. Os homens Seneca estavam no canto, observando-a. Olhando-a com raiva.

Gabriel cutucou o ombro dela com o dedo. "Vamos nos cumprimentar?", sussurrou ele.

"Não", Tem sussurrou de volta. "Definitivamente não."

“Quem são eles?”

“Ninguém que você precise conhecer.”

A última coisa que ela precisava era que os Sênecas pusessem as mãos em Gabriel. Mas eles não eram os únicos a encará-los com raiva. Evangeline estava parada de lado, de braços cruzados, o rosto contorcido em uma carranca. Um instinto protetor feroz surgiu de repente em Tem. Gabriel era a pessoa mais gentil que ela conhecia. Evangeline não tinha o direito de julgá-lo — nenhum dos basiliscos tinha.

“Vamos lá”, disse ela, segurando-o pelo cotovelo. “Vamos embora.”

“Parece que estamos evitando muita gente, Tem, meu querido.”

“Há... muita coisa acontecendo no momento.”

"Claramente."

“A situação está tensa agora, Gabriel. Lembra que é um risco você estar aqui?”

"Eu lembro."

Assim que ela mencionou o risco, Apollo apareceu em sua visão periférica. "Ah, não", murmurou Tem.

Os olhos de Apolo a fitaram fixamente antes de examinarem Gabriel com o olhar. Ele ergueu uma sobrancelha.

"Quem é *aquela* ?" perguntou Gabriel, seguindo o olhar dela.

“Ele não é ninguém.”

Apolo sorriu, e ela soube que ele a tinha ouvido.

Você me magoa, Temperança.

Ah, por favor. Você não está ferido(a), você só está sendo dramático(a).

Com razão. Ele caminhou em direção a eles.

Não, Apolo. Fique exatamente onde você está.

Ele parou. *E quem é você para me dar ordens?*

Você gosta quando eu te dou ordens.

Sim, eu quero. Mas não esta. Quero conhecer seu amigo.

Bem, você não pode.

“Por que ele está nos olhando desse jeito?”, perguntou Gabriel.

"Como o que?"

“Tipo, ele quer transar com você, depois comigo, e depois com nós duas ao mesmo tempo?”

“ *Não é* assim que ele nos vê.”

Mas era verdade. Apolo os encarava como se fossem sua próxima refeição. E Tem não ia deixar Gabriel ser devorado.

“Não deveria me apresentar?”

“De jeito nenhum. Ele é irmão do Caspen e é problemático.”

Ela desviou Gabriel de Apolo, apenas para dar de cara com Damon imediatamente.

"Temperança", ele ronronou, seus olhos imediatamente se voltando para Gabriel. "Então este é o seu convidado."

Tem suspirou. Damon era o menor dos dois males. Eles poderiam muito bem falar com ele. "Damon. Este é Gabriel, meu melhor amigo."

Damon pegou a mão de Gabriel na sua, levando-a aos lábios para beijar seu pulso. Era o mesmo jeito como Apolo havia cumprimentado Tem quando se conheceram. A semelhança não passou despercebida por ela.

“É um prazer conhecê-lo”, disse Damon.

O rosto de Gabriel se iluminou com um sorriso malicioso. "O prazer é todo meu."

“Posso imaginar.”

Uma pausa. Por algum motivo, Tem sentiu calor.

“Diga-me, Gabriel”, continuou Damon, ainda segurando sua mão, “você está se divertindo esta noite?”

“Agora eu sou.”

O calor aumentou. O jeito como os dois homens se olhavam fez Tem se sentir como se estivesse invadindo algo. Não era muito diferente da sensação que ela tivera ao observar o casal ligado por laços de sangue fazendo amor diante dela.

“Confio que Temperance tenha sido uma excelente anfitriã.”

Gabriel olhou para Tem. "Ela é a melhor. Mas tenho certeza de que você já sabe disso."

Damon também olhou para ela. "Gostamos muito dela, sim."

Ele não especificou quem era "nós", e Tem não se preocupou em saber. Ela sabia que nem todos sob a montanha gostavam dela, mas as pessoas que gostavam fariam qualquer coisa para vê-la feliz — inclusive permitir que Gabriel descesse até ali.

Os olhos de Gabriel se voltaram para o pênis de Damon. "Do que mais você gosta?"

Tem congelou. Ela conhecia aquele tom; conhecia aquele olhar. Gabriel estava flertando. Isso não era novidade, claro, mas flertar com *Damon* era algo completamente diferente. Algo perigoso. Gabriel flertava com todo mundo — era o seu jeito automático. Ela prendeu a respiração enquanto os olhos dourados de Damon encontravam os azuis de Gabriel.

Passaram-se cinco batimentos cardíacos completos antes de Damon se virar para Tem e dizer: "Seu amigo é encantador. Não deixe Apollo se

aproximar dele."

“Não estava nos meus planos.”

“Os planos tendem a dar errado, Temperance.”

"Sei bem disso", murmurou ela.

Pelo canto do olho, Tem viu Apollo se aproximando novamente. Seu estômago deu um salto preventivo. "Gabriel", disse ela rapidamente. "Venha comigo."

Sem perder um segundo sequer, ela entrelaçou seu braço no dele e o puxou para o meio da multidão. Qualquer coisa era melhor do que deixá-lo conversar com mais basiliscos.

"Então, qual é a dele?" Gabriel ronronou. "Ele é delicioso."

“Ele é o outro irmão de Caspen.”

“Melhor ainda.” Gabriel sorriu, puxando-a para mais perto. “Poderíamos ser sogros.”

"Não seja *nojento* !", gritou Tem.

Mas Gabriel já olhava por cima do ombro para Damon, que os observava com um sorriso de canto de boca. Se Tem sabia alguma coisa sobre basiliscos, sabia exatamente o que Damon estava pensando — e não ia deixar que ele agisse de acordo com seus pensamentos.

“Você não ouviu o que ele disse?” Gabriel apertou o braço dela. “Ele acha que eu sou *encantador* . É evidente que ele tem ótimo gosto.”

“Ah, por favor.”

“O quê? Não é minha culpa que Kora me tenha tornado irresistível.”

Tem revirou os olhos.

Eles passaram os minutos seguintes percorrendo o pátio juntos. Tem apontava basilisco após basilisco, explicando a relação entre eles e as diferenças entre as aljavas. O olhar de Apolo os seguia o tempo todo. Era como se ele não tivesse nada melhor para fazer do que observá-los atravessar a multidão, analisando cada movimento.

Caspen também nunca estava longe. Tem o viu no canto do olho, seus braços... Com os olhos cruzados e a testa franzida, ela sabia que ele os protegia de longe, agindo como um guarda-costas, lembrando os outros basiliscos de que estavam sob a proteção do Rei Serpente.

"O que é *aquilo* ?" Gabriel apontou para a fonte cheia de um líquido branco e brilhante.

“ *Isso* não é da sua conta”, disse Tem firmemente. “E você não tem permissão para beber isso.”

"Por que não?", resmungou Gabriel. "Todo mundo está fazendo isso."

Era verdade. Mas todos os outros eram basiliscos.

“Não é para humanos.”

“Você pode beber isso?”

“Sim. Mas eu não sou humano, lembra?”

“O que acontecerá se um ser humano beber isso?”

Tem percebeu que não sabia a resposta para aquela pergunta. Tudo o que ela sabia era como o elixir a afetou quando o tomou pela primeira vez. Ela só podia presumir que seus efeitos seriam amplificados em um humano. "É preciso desenvolver tolerância. Nem mesmo Caspen consegue beber muito disso."

“Eu tenho bastante paciência, Tem”, disse Gabriel, puxando-a em direção à fonte.

“Você tem uma tolerância considerável ao *álcool* ”, insistiu ela, puxando-o para longe. “Não é a mesma coisa.”

Antes que Tem pudesse puxar Gabriel de volta, um homem se aproximou da fonte. Ela já sabia o que ele ia fazer — afinal, ela já tinha visto aquilo antes. Mas para Gabriel, a experiência de ver alguém ejacular na fonte era totalmente nova, e no momento em que o homem o fez, Gabriel exclamou, sem fôlego: "É *esperma* ?"

Tem suspirou. Não havia outra maneira de explicar. Além disso, era a verdade. "Sim."

“Isso é *incrível.* ”

Ela suspirou novamente, afastando-o da fonte. "Assim é o jeito do basilisco."

“Não acredito que você tenha escondido tudo isso de mim.”

“Não escondi nada. Você está aqui, não está?”

"Você podia ter me dito que estava bebendo de uma fonte de esperma, Tem."

Ela revirou os olhos novamente. "Você não acreditaria em mim se eu tivesse feito isso."

Gabriel não respondeu por um instante. Estava ocupado demais observando outro homem se aproximar da fonte, com o pênis na mão.

"Quero experimentar", insistiu ele.

“Experimentar o quê? Beber, ou...?”

"Ambos."

“Não. Você não pode experimentar nenhum dos dois.”

“Tem.” Gabriel se virou para ela e colocou as mãos em seus ombros. “Você não me deixa flertar com o irmão gostoso do Caspen. Você não me deixa beber da fonte de esperma. E você não me deixa entrar *na* fonte. O que eu estou fazendo aqui, afinal?”

Tem abriu a boca e a fechou em seguida. O que ele *estava* fazendo ali? Ele deveria estar vivenciando a cultura deles; deveria estar curando a ruptura entre os aldeões e os basiliscos. E Tem não o deixava. Ela fechou os olhos, tentando clarear a mente. Uma mão tocou seu ombro. Damon.

“Seu amigo está com sede. Você deveria deixá-lo beber.”

Tem quase riu. "Ele não consegue lidar com isso."

“Claro que pode. Você lidou com isso, não lidou?”

Tem revirou os olhos. "Eu sou uma híbrida."

“O que significa que você é meio humano. Você deveria ter fé na sua própria espécie.”

Tem não tinha nada a dizer sobre isso.

“Não é por isso que ele está aqui?”

Tem suspirou. Era basicamente o que Gabriel acabara de dizer. Ela queria que ele experimentasse a cultura dos basiliscos — que se integrasse. Mas deixá-lo beber o elixir era um risco. "Será que ele realmente consegue lidar com isso?"

Damon colocou a mão sobre o peito. "Eu não te levaria para o mau caminho, Temperance."

Tem revirou os olhos.

Damon pareceu genuinamente ofendido. "Você não tem fé em mim?"

Que pergunta! Tem *não tinha* fé nos irmãos Drakon. Mas aquele não era Apolo. Era Damon, e ele nunca lhe dera qualquer motivo para desconfiar dele.

"Uma gota não lhe fará mal", disse Damon em voz baixa.

"Você promete?", ela sussurrou, com a voz quase embargada.

A expressão de Damon suavizou-se. "Nada de mal lhe acontecerá. Tem a minha palavra, Temperance."

Exatamente o que Caspen havia prometido. Com tantos basiliscos à procura de Gabriel, Tem estava começando a acreditar nisso.

"Tudo bem", disse ela finalmente. De qualquer forma, era óbvio que não havia como parar aquele trem. Tem nem tinha certeza se ainda queria parar. Por que Gabriel não deveria experimentar tudo o que os basiliscos tinham a oferecer? Se o elixir pudesse contribuir positivamente para a noite, ela queria que ele tomasse um pouco.

Damon sorriu. "Tudo bem?"

“Sim, *tudo bem.* Ele pode beber.” Ela se virou para Gabriel. “Mas só uma gota. Entendeu?”

Damon assentiu com entusiasmo, o rosto se iluminando com um sorriso. Ele esperou até que Tem assentisse também antes de se virar para a fonte e encher um cálice. Mergulhou um dedo no elixir, estendendo-o para Gabriel, que inclinou a cabeça para trás para recebê-lo. No instante em que o elixir tocou seus lábios, ele sorriu. Tem conhecia aquela sensação. Conhecia o calor que ele estava sentindo, a incrível leveza e alegria. Ela também conhecia a *necessidade.* Gabriel colocou Com a mão no ombro de Damon, ele o puxou para perto. Mas não diminuiu a distância. Em vez disso, para surpresa de Tem, o olhar de Gabriel deslizou para o dela, buscando silenciosamente permissão. Ela não pôde fazer nada além de rir do absurdo da situação. Não lhe cabia mais decidir o que Gabriel podia ou não fazer. Ele era um ser humano com livre arbítrio e merecia fazer suas próprias escolhas. Naquele momento, ela sabia que ele entendia o que estava em jogo.

Tem ergueu as mãos. "Não vou te impedir."

Ao ouvir a resposta dela, Gabriel soltou um som de deleite. Damon sorriu divertido. Então, Gabriel passou a mão em volta do pescoço de Damon, inclinou-se e o beijou na boca. Tem observou enquanto seus lábios se roçavam, suavemente a princípio, ambos se fundindo um no outro como se estivessem esperando por aquele exato momento. E talvez estivessem mesmo. Talvez Gabriel, com sua energia sexual ilimitada, finalmente tivesse encontrado sua alma gêmea em um basilisco. E Damon, que tinha um temperamento mais ameno que seus dois irmãos, era o complemento perfeito para um humano.

Tem desviou o olhar enquanto o beijo se aprofundava. Depois, olhou para trás.

Ela sempre soube que Gabriel tinha uma vida sexual ativa — eles discutiam isso em detalhes excruciantes desde que Tem tinha quatorze anos. Mas ela nunca o tinha visto fazer nada na frente dela, e embora seu lado humano estivesse levemente horrorizado, seu lado basilisco estava muito *intrigado* com a cena. Ela se aproximou, observando-os a poucos centímetros de distância. A mão de Damon encontrou a dela, puxando-a ainda mais para perto. Gabriel se virou para ela, acariciando seu rosto com a palma da mão. Ele a puxou para si, mantendo contato visual enquanto o fazia. Eles não conseguiam se comunicar mentalmente como os basiliscos, mas anos de amizade lhe diziam exatamente o que ele estava perguntando: *Você quer fazer isso?* Só havia uma resposta: aquele era seu melhor amigo, o amigo que ela tinha desde criança. Ele a beijava na bochecha o tempo todo. Aquilo não era muito diferente. O que era um beijo entre amigos?

Tem assentiu com a cabeça.

Então Gabriel a beijou.

Os lábios dele eram macios contra os dela. Tem se sentia imensamente leve e aquecida em seus braços, seu corpo pressionando o dele tão naturalmente quanto pressionaria o de Caspen. Quando a língua dele encontrou a dela, ela a acolheu. Afinal, aquele era Gabriel. Seu confidente mais próximo. Seu protetor. Ele sempre estava lá por ela, não importavam as circunstâncias — não importava o preço. Agora era a vez de Tem retribuir o favor. Gabriel estava sendo corajoso; ele estava experimentando tudo o que os basiliscos tinham a oferecer. Ele merecia sentir prazer como eles.

Uma mão tocou o ombro de Tem. Era a de Damon. Ele a estava afastando de Gabriel, tomando o lugar dela. Tem deixou que ele fizesse isso, observando os dois se beijarem. Sem pensar, ela ergueu as mãos, segurando suas cabeças juntas, assim como Caspen havia feito com ela e Leo. Ela sentiu os músculos do pescoço de Damon se contraírem enquanto sua língua... Mergulhou na boca de Gabriel. A excitação deles era a excitação dela; irradiava deles em ondas, envolvendo-a em calor.

Dedos envolveram sua cintura. Lábios tocaram seu pescoço.

Meu amor.

Caspen estava atrás dela, com o pênis pressionado contra suas costas. Tem se acomodou contra ele, arqueando o pescoço para poder beijá-lo direito. As mãos dele encontraram seus seios, apertando-os antes de subirem até seu pescoço. Tem soltou um pequeno gemido. Ela sentira *tanta falta dele* na última semana. Podiam estar em desacordo agora, mas sempre voltavam um para o outro para isso. Essa era uma linguagem que ela entendia — um poema que só poderia ser escrito para Caspen. Eles se moviam lentamente, apreciando a sensação dos corpos um do outro, tocando tudo o que não haviam tocado na última semana.

Com o tempo, outros se juntaram.

No início, era apenas uma mulher. Tem observou enquanto suas mãos delicadas roçavam os ombros de Gabriel, inclinando a cabeça dele em direção à dela. Ela o beijou, e ele retribuiu o beijo enquanto Damon observava. Então Damon se aproximou, unindo sua boca à deles, os três se tornando um. Tem os observava atentamente, deixando o evento se desenrolar, pronta para intervir se necessário. Mas o momento nunca chegou. Gabriel estava feliz.

Em algum momento, Caspen deslizou para dentro de Tem. Ele a manteve ereta, suas mãos fortes a segurando para que ela pudesse ficar de olho em Gabriel. Mas Gabriel quase não precisava da ajuda dela. Ele puxou os basiliscos para mais perto, seus dedos se entrelaçando nos deles, unindo todos ao seu redor em um emaranhado magnífico. Seus cabelos dourados flutuavam em um mar de corpos.

Depois de um tempo, Tem disse: " *Está indo bem, não acha?"*

Sim, é possível. Seu amigo é capaz.

Tem sorriu. Não havia elogio melhor vindo de um basilisco. *Ele nasceu para isso.*

Acho que você tem razão.

Por fim, Caspen a deitou. Tem não fazia ideia de quantos basiliscos estavam ao redor deles. Pelo menos uma dúzia, talvez mais. Outros estavam de pé, observando, com as mãos ocupadas consigo mesmas e umas com as outras. O poder irradiava por todo o pátio; Tem estava repleta dele, assim como estava repleta do pênis de Caspen.

Suas mãos agarraram sua cintura, movendo-a para que ficasse alinhada com o basilisco ao seu lado.

Tem.

Foi tudo o que ele disse — apenas o nome dela. Mesmo assim, Tem entendeu que ele queria que ela fizesse o que antes considerava impossível: vivenciar aquela noite como um basilisco a vivenciaria. Talvez uma semana atrás, tal ordem a tivesse assustado. Mas agora, com Gabriel fazendo exatamente o que Tem sempre hesitara em fazer, ela estava pronta para ser corajosa. Se ele conseguia, ela também conseguiria.

Tem se virou para o basilisco ao seu lado. Ela não o reconheceu, mas ele era esguio e belo e já sorria para ela.

Ele afastou uma mecha de cabelo do rosto dela enquanto seus pensamentos se cruzavam com os dela para perguntar: *Posso?*

Tem assentiu com a cabeça. O basilisco inclinou-se e a beijou. Assim que seus lábios se tocaram, a aprovação de Caspen invadiu sua mente. Seu pênis ainda estava dentro dela, e ela juraria que ele havia ficado ainda mais duro. Tem entreabriu os lábios, deslizando a língua para dentro da boca do basilisco, saboreando o que ele tinha a oferecer. As mãos dele estavam em seus seios, assim como as de Caspen. Ela estava cercada por pele, cercada por *sensações.* Quando o basilisco se afastou, Tem olhou para Caspen e sorriu.

Eu sabia que você conseguiria, Tem.

De alguma forma, ela também sabia disso.

A noite continuou.

Tem seguia o exemplo de Gabriel: quando ele beijava alguém, ela beijava também, executando os passos de uma dança que só eles conheciam. Caspen estava sempre ali, ao lado deles, ajudando quando necessário. Seus movimentos sempre visavam o prazer deles. Se Caspen tocasse outro basilisco, era para aproximá-lo de Tem e Gabriel. O único pênis que ele acariciava era o seu próprio, e apenas enquanto olhava para Tem. O orgulho emanava dele; florescia sempre que alguém a levava ao orgasmo, principalmente se o fizesse rapidamente.

Os basiliscos conquistavam sua posição através do sexo, sendo o objetivo final estar com o maior número possível de pessoas. Tem podia ver a antiga influência cultural que esses costumes exerciam sobre Caspen — o quão conectado ele estava ao seu povo e a ela. Ela estava se tornando parte do mundo dele, aprendendo a funcionar nele. Caspen sentia grande alegria ao vê-la assim, e Tem também. Ela não sentia nada além de calor, prazer e êxtase, entregando-se à pura emoção de tudo

aquilo. Ela estava extasiada. E retribuía o encantamento. Por fim, ela não conseguia se fartar. Boca após boca tocava a sua, mão após mão apertava sua pele. Não havia diferença entre a carne dela e a deles, o corpo dela e o de outra pessoa.

Gabriel estava entre eles, e era evidente que ele se sentia tão à vontade quanto Tem. Ela nunca o vira tão feliz, tão realizado. Sempre, não importava com quem se envolvesse, ele acabava voltando para Damon. Talvez fosse o certo; talvez fosse o destino. Tem não tinha mais o desejo de julgar ou restringir a experiência dele. Era dele para vivê-la da maneira que deveria. Finalmente, eles estavam frente a frente mais uma vez.

Eles se beijaram por um longo tempo em meio ao caos, seguros e satisfeitos nos braços um do outro. Não havia ninguém com quem ela preferisse vê-la assim. Gabriel era um amante de coração e a amava. Não havia pessoa melhor para estar ali.

Caspen estava atrás dela, mantendo-os juntos.

Ele está bem, Tem.

Por algum motivo, parecia uma vitória. Tem estava tão preocupada com esta noite, com um medo indescritível de que algo desse errado ou que Gabriel se machucasse. Em vez disso, aconteceu o oposto: ninguém se machucou. Nem de longe. Só houve comunhão, clímax e prazer.

Apolo nunca estava fora de vista. Ele estava sempre no campo de visão periférico de Tem, fora de alcance, pairando na borda de sua órbita. Ela se perguntava se ele se mantinha afastado por causa de Caspen, se ele estava mantendo distância por medo do que seu irmão poderia fazer se ele tentasse se aproximar. Mas, no meio do caos de corpos, Tem se permitiu ceder à curiosidade. Ela queria saber como seria a pele de Apolo contra a sua, se a respiração dele falharia se ela o tocasse. Ela se perguntava como seria beijá-lo na frente de Caspen. Não era algo em que ela se permitisse pensar antes — não de verdade, e certamente não quando sua mente estava aberta e ela sabia que Caspen podia ouvir seus pensamentos.

Eu te disse, Tem. Eu não vou te impedir.

Nada me impede. Não me importa que ele tenha prioridade. Ele é insuportável.

Apolo estava se aproximando.

Você diz isso agora. Mas se eu morrer—

Você não tem permissão para morrer. Você prometeu.

Entendo. E farei o possível para cumprir essa promessa. Mas se, por algum motivo, eu a quebrar, Apollo será o próximo na fila para pedir sua mão em casamento.

De repente, Apolo estava diante dela — fora de alcance, tentando-a. Sempre a tentando.

Dê um beijo nele, Tem.

COM LICENÇA?

Quero que você o beije.

Mas Tem apenas balançou a cabeça. Caspen jamais poderia querer algo assim. *Você está louca.*

E você está bem arisca esta noite, pequena víbora.

Só estou irritada porque você está sendo irracional.

Entendo. Mas se meu irmão acabar se casando com você em meu lugar, você precisa saber que vocês são compatíveis.

Tem balançou a cabeça. Ela não queria saber de nada disso. E certamente não conseguia acreditar que Caspen estivesse lhe dizendo para fazer aquilo. Mas Caspen estava preso às tradições de seu povo. Os primeiros direitos eram dados ao irmão. Era absurdo. E, no entanto, seu lado basilisco *ronronava* ao pensar em beijar Apolo na frente de Caspen — para ver qual dos irmãos era o mais adequado. Mas a resposta era Caspen. Tinha que ser. Havia Não havia necessidade de procurar em outro lugar, nenhum beijo que a satisfizesse de uma forma que ele já não lhe proporcionasse. Apolo não tinha nada a lhe oferecer; isso sempre fora verdade. Ou será que não? Apolo a desafiava, a pressionava, a tentava. Essas eram qualidades que Caspen também possuía. " *Eles são bem parecidos"* , Adelaide havia dito. Tem podia ver isso agora. Mas Caspen ainda era melhor.

Beija-o, Tem. Faz isso agora.

Seria um castigo? Um teste? Uma forma de Caspen exercer controle depois de Tem ter se esforçado para trazer Gabriel até ali? Ela se lembrou do que ele dissera no salão de banquetes, depois de flagrar Tem e Apollo se tocando: Continue . Caspen havia vencido naquele dia. Tem não ia deixar que ele vencesse hoje.

Apolo estava sobre ela. Seu rosto estava bem diante do dela, seus olhos dourados em primeiro plano em sua visão. Ele cheirava a frutas

— pêssegos — e Tem estava completamente despreparada para isso.

A voz dele ecoou em sua mente: *Meu irmão quer que eu te beije.*

Tem sabia muito bem disso. A mão de Apolo estava em seu pescoço. Ela balançou a cabeça. *Isso é ridículo.*

Não posso desobedecer, Temperança.

Você não tem controle sobre seus próprios atos?

Claro que sim. Mas Caspenon é meu rei tanto quanto é seu. Sua palavra é lei.

Mas a palavra *de Tem* também era lei. Tem era aquele cujo poder os Senecas desejavam; Tem era aquele que podia contornar o conselho. Tem era aquele a quem se devia temer.

O olhar de Apolo fixou-se no dela. Beijá-lo pareceu uma admissão — uma rendição. Tem tinha consciência de Caspen a observando, de Gabriel ali perto. Contudo, a única coisa que ela realmente sentia era a presença de Apolo diante dela, seu corpo pressionado contra o dela. Suas mentes estavam entrelaçadas; não havia escapatória. Ele se inclinou para frente.

Parar.

Apollo parou, seus lábios a centímetros dos dela. Ele cheirava *tão* bem. Mesmo assim, tudo em Tem lhe dizia que não era o momento certo — que, por mais que desejasse aquilo, teria que esperar. Tem não estava pronta. Talvez nunca estivesse. Era um passo longe demais — um passo além do que ela estava preparada. O ritual tinha sido diferente; ela precisara *fazê* -lo para ficar com Caspen. Mas beijar o irmão dele seria uma escolha feita por sua própria vontade, e Tem queria que fosse em seus próprios termos — não por ordem de Caspen. Talvez houvesse um beijo entre eles no futuro, mas não agora. Não esta noite.

Ela se virou para olhar para Caspen. As sobrancelhas dele se ergueram em surpresa, depois se franziram. Seus olhos oscilaram entre ela e Apolo, e depois voltaram a olhar para Caspen. Ambos haviam desobedecido ao rei.

Apolo passou o polegar pelos lábios dela. *Você me magoa.*

Não era a primeira vez que ele dizia aquilo. Mas era a primeira vez que ela acreditava. Havia verdadeira decepção em seu tom — uma tristeza genuína por ela não estar disposta a dar esse passo com ele.

Qualquer outro basilisco teria dado. Tem tinha plena consciência de que era a exceção à regra — que, mais uma vez, seu comportamento irritava Apolo e seu povo. Mas ela não se deixaria pressionar. Não para algo tão crucial quanto isso.

Ninguém poderia te ferir, Apolo.

Também não era a primeira vez que ela dizia isso. Mas, em vez de receber um sorriso, como fizera antes, Apolo lançou-lhe um olhar sombrio. *Mais uma vez, você se subestima.* Então, baixou as mãos.

Tem piscou e ele desapareceu. Ela se virou para Caspen, que a observava com a testa franzida.

Você está com raiva de mim?

Não.

Tem certeza?

Sim.

Então por que você está me olhando desse jeito?

A testa de Caspen ainda estava franzida. Ao ouvir as palavras dela, sua expressão suavizou-se em uma gentil compreensão. Ele se inclinou para beijá-la. " *Não estou bravo com você, Tem. Estou apenas observando."*

Eles se beijaram, e Tem tentou acreditar nele. Mas uma parte dela sentia vergonha. Esse era mais um costume basilisco do qual ela não queria participar. Há muito tempo ela havia superado os sentimentos de ciúme e insegurança em relação a Adelaide, mas em momentos como esse, eles ressurgiam. Um basilisco seria uma combinação melhor para Caspen. Um basilisco teria beijado o irmão dele. Essa era a verdade, e Tem não conseguia esquecê-la tão facilmente.

Caspen a beijou com mais intensidade. Ele estava dentro da mente dela; podia ouvir cada insegurança e medo que a dominava como ferro. Era uma mistura confusa de emoções. Tem sabia que os basiliscos eram uma espécie antiga e que não tinha a menor chance de compreendê-los em uma noite. Mas, depois de vivenciar algo assim, sentia-se tão distante de entender Caspen quanto antes. Tem não fazia ideia do que ele realmente sentia. Ela ansiava por clareza, mas sabia que não a obteria esta noite.

O resto da noite passou num turbilhão de sexo, corpos e elixir. Só quando a celebração estava quase no fim é que Tem encontrou Gabriel

novamente. Ele estava isolado num canto, entrelaçado com Damon.

“Gabriel”, murmurou ela suavemente, inclinando-se sobre eles. “Você está pronto para ir?”

Com as bochechas rosadas e o peito corado, ambos a olharam com expressões atordoadas.

"Não posso ficar?", disse Gabriel. Sua voz estava rouca.

Tem olhou para Caspen, que observava a interação deles a um passo de distância. "Ele pode?", ela sussurrou.

Caspen franziu os lábios. Seus olhos se voltaram para os de Damon, e Tem percebeu a conversa silenciosa entre eles. Tem sabia que Caspen estava perguntando, tacitamente, se ele estava seguro com Damon.

Damon assentiu com a cabeça. Só então Caspen também assentiu.

“Ele pode ficar.”

Tem sentiu um alívio imenso. Tudo o que importava para ela era que Gabriel tivesse sobrevivido à noite ileso. Se essa experiência lhe ensinara alguma coisa, era que ele sabia se virar entre os basiliscos.

“Vou te procurar amanhã de manhã”, disse Tem. “Podemos ir embora juntos.”

Gabriel assentiu com a cabeça, os olhos brilhando. Tem nunca o tinha visto assim. Sua alegria era inegável; ele irradiava luz de dentro para fora. Era uma característica tipicamente basilisco obter energia através do sexo, e Gabriel tinha isso de sobra. Talvez ele fosse mais adequado para esta vida do que Tem.

"Até amanhã, meu bem", disse Gabriel, puxando-a para um beijo.

Seus lábios mal haviam tocado a bochecha dela quando um grito horrível cortou o ar.

Capítulo Vinte

Todos no pátio ficaram paralisados.

Tem seguiu o olhar de Caspen até a parede oposta, onde algo estava rabiscado na pedra. Quatro palavras, inegavelmente escritas com sangue.

Entreguem-na para nós.

Houve um único e arrepiante momento de silêncio. Depois, o pandemônio.

O pátio mergulhou no caos quando Caspen agarrou Tem pela cintura e a puxou em direção à passagem. A última coisa que ela viu antes de a multidão os engolir foi Damon fazendo o mesmo com Gabriel.

"Para onde vamos?", exclamou Tem.

“Nossos aposentos. Lá estaremos seguros.”

“Mas Gabriel—”

“Damon o protegerá.”

De alguma forma, Tem sabia que estava certo. Se a maneira como eles se conectaram esta noite fosse um indicativo, não havia pessoa mais segura para Gabriel estar.

"Não entendo", gaguejou Tem. "O que aconteceu?"

“Eles estão nos avisando”, respondeu Caspen, em voz baixa. Ele ainda a guiava rapidamente pelo corredor.

"Quem é?"

“Os Sênecas.”

Tem não conseguia deixar de pensar na mensagem nos degraus da igreja: *Alimentem-nos.* As semelhanças eram impressionantes — ambas as exigências, ambas desesperadas.

“Se não entregarmos vocês a eles”, continuou Caspen, “eles vão levar vocês”.

Ela se lembrou do que Caspen lhe dissera na primeira noite da temporada de acasalamento: *Eles sentem que merecem sua lealdade.*

“Como eles podem me levar?”

Caspen não respondeu. Eles já tinham chegado aos seus aposentos, e ele quase empurrou Tem para a cama.

"Caspen", ela gritou enquanto ele a envolvia em seus braços, apertando-a protetoramente. contra o peito dele. Ele apenas a apertou ainda mais. Suas mentes ainda estavam entrelaçadas, e uma torrente de medo e possessão fervilhava dentro de sua cabeça.

“Caspen.” Ela tocou o rosto dele, olhando-o nos olhos. “Estou *bem.* Estou aqui. E não vou a lugar nenhum.”

Eles mantiveram contato visual, e Tem percebeu o quanto ele estava realmente preocupado com ela. Até aquela noite, ela havia dado seu estoicismo como certo. Mas agora ela entendia o quanto isso o afetava. O relacionamento deles estava constantemente ameaçado — pelos Sênecas, por Leo, pelo próprio irmão dele. Era uma batalha diária simplesmente para se manterem unidos quando tudo ao redor os estava destruindo.

"Não posso te perder, Tem", sussurrou Caspen.

“Você não vai. Eu prometo.”

Ele olhou-a nos olhos.

Tudo sempre fora rápido e brutal entre eles — a paixão em detrimento da racionalidade. Mas agora, Tem saboreava o tempo entre o momento em que seus olhares se cruzaram e os lábios de Caspen finalmente tocarem os dela. Eles se beijaram como se fosse a primeira vez: devagar, sensual e íntimo. Tem sentia falta desse lado de Caspen. Sua aspereza era ainda maior sob a montanha, quase como se a proximidade com seu povo o tivesse endurecido. Ela não o invejava por sua verdadeira natureza, mas às vezes sentia falta do lado dele que era gentil com ela — e estava feliz em reencontrá-lo.

Ele a beijou ternamente, seus pensamentos se conectando com os dela. Fumaça subia de seus ombros, mas ele não iniciou a transição. Em vez disso, moveu-se sem pressa, deslizando os dedos suavemente dentro dela, explorando cada centímetro de seu centro como se fosse algo completamente novo para ele. Tem se entregou ao seu toque, permitindo que ele a visse como ela o via: vulnerável e indefesa.

Quando ela estava pronta para o pênis dele, ele o deu a ela.

Ele estava aninhado entre as pernas dela, o rosto bem próximo ao dela. Ambos sabiam que permaneceriam assim, que enfrentariam tudo juntos.

Não vou deixar que te levem.

Eu sei. Ela acreditava nele. Ela sempre acreditou nele.

Você é minha.

E você é minha.

Tem também não deixaria ninguém levar Caspen embora. Passar um tempo perto dos basiliscos a transformou. Ela estava mais forte agora. Mais segura. Tem pensou que o ritual fosse o maior gesto que poderia fazer por Caspen. Mas agora o laço entre eles era mais profundo, e ela sabia que não havia limites para o que faria por ele. Nenhuma altura era alta demais, nenhuma distância era vasta demais. Caspen estava disposto a cruzar barreiras por ela. Tem também.

Os olhos de Caspen já haviam ficado negros há muito tempo. Suas mãos estavam por toda parte — deslizando sobre ela. sobre os seios dela, deslizando pelas suas ancas, massageando o clitóris no ritmo das suas estocadas. Tem sabia que chegariam ao clímax juntos. Sabia disso com a mesma certeza com que sabia que o sol nasceria de manhã. Quando finalmente aconteceu, manteve os olhos abertos para o ver chegar também. Tem notou cada detalhe: a forma como o pescoço dele se tensionou no instante anterior ao clímax, como o aperto na nuca dela se intensificou, os sons que ele emitia enquanto a observava chegar ao clímax.

Tudo parecia certo... mas algo dava a impressão de ser definitivo.

Ao acordarem na manhã seguinte, Caspen beijou cada centímetro do corpo dela como se quisesse memorizá-lo. Tem sentiu a reverência dele na forma como seus lábios roçavam sua pele, lembrando-a a cada toque suave de que ela era amada, de que era preciosa, de que estava em casa.

"Caspen", ela sussurrou por fim. "Preciso levar Gabriel para casa."

“Ele está com Damon. Ele está seguro.”

Mas Tem ainda estava preocupado. A noite havia terminado em desastre. Aquela deveria ser a oportunidade para unir humanos e basiliscos, para estabelecer um terreno comum. Em vez disso, Gabriel

presenciou discórdia dentro das fileiras — ele próprio fora colocado em perigo. Isso era inaceitável para Tem.

“Ele poderia ter se machucado.”

“Mas ele não fez isso. Ele passou a noite com um basilisco no último dia da temporada de acasalamento”, disse Caspen. “Isso tem implicações.”

Tem endireitou-se. "Quais são as implicações, exatamente?"

Nesse momento, Caspen hesitou. "O objetivo da época de acasalamento é escolher um parceiro."

Seguiu-se um breve silêncio.

"Então?"

“Então… meu irmão escolheu Gabriel.”

" *O que?* "

Caspen colocou as mãos nos ombros dela. "Calma, Tem."

“Calma *?* Mas o que isso *significa* ? Eles estão… presos?”

Havia tantas regras na sociedade basilisco, tantas armadilhas sorrateiras. Pelo que ela sabia, Gabriel e Damon estavam praticamente casados agora.

“Não existe nenhum vínculo além do emocional”, disse Caspen rapidamente. “A conexão entre eles é simbólica. Damon fez a sua escolha, mas Gabriel não precisa retribuir. Ele é livre para aceitar ou rejeitar essa escolha como bem entender.”

Foi um desastre. Claro que Gabriel aceitaria. Ela tinha visto o jeito que ele olhava para Damon, o jeito que eles se olhavam. Seria a maior emoção da vida de Gabriel descobrir que um basilisco o escolheu como companheiro. Não havia honra maior.

“Tem”, disse Caspen, puxando-a para mais perto. “Não há motivo para alarme.”

“Claro que sim”, ela retrucou. “Estou *muito* alarmada. E estou com raiva de você. Você deveria tê-lo protegido. *Nós* deveríamos tê-lo protegido. Isso não era para ter acontecido.”

“Não aconteceu nada. Ele *está* em segurança.”

amigo do Damon !”

“Só se ele quiser.”

Mas Tem apenas balançou a cabeça. Caspen não estava entendendo. Para ele, nada tinha dado errado. Gabriel estava ileso; o amigo de Tem havia sobrevivido à noite. Mas Tem não queria que Gabriel se envolvesse com o seu mundo. O objetivo daquela noite era restabelecer as relações entre os humanos e os basiliscos, não encontrar uma companheira para Gabriel. Ela fechou os olhos, tentando se acalmar.

“Tem”, disse Caspen gentilmente. “Eu prometo que Gabriel não corre nenhum perigo. O vínculo de acasalamento não é como o vínculo de sangue. Consiste apenas em emoção — não há magia envolvida. Gabriel não está ligado a Damon de forma alguma. Ele pode ir embora como um homem livre se assim o desejar.”

Tem tentou acreditar nele, mas o pânico apertava sua garganta. Ela não esperava por isso, não imaginava que levar Gabriel para debaixo da montanha significaria doutriná-lo na sociedade dos basiliscos. Era a última coisa que ela queria para ele. "Por que você o deixou passar a noite aqui, afinal?"

Caspen lançou-lhe um olhar demorado e perspicaz. "Porque eu conseguia ver o que Damon sentia por ele."

“Todo mundo se sente assim em relação ao Gabriel, Caspen. Ele é irresistível.”

Ele balançou a cabeça. "Os sentimentos do meu irmão são genuínos, Tem. Ele não se apaixona facilmente."

Tem olhou fixamente para ele. Ele estava sendo sincero; ela percebeu. Mas isso não mudava o fato de que ela precisava tirar Gabriel dali. "Você me leva até ele?"

Caspen assentiu com a cabeça.

A viagem até os aposentos de Damon foi curta. Caspen não bateu à porta; parecia que ninguém se dava ao trabalho de fazer isso por ali. Gabriel e Damon estavam na cama, seus corpos esguios enroscados um no outro. Tem percebeu naquele instante que nunca tinha visto Gabriel dormindo. Ele parecia completamente à vontade, seus cachos dourados despenteados, o braço repousando sobre o peito de Damon. A cena aqueceu seu coração.

“Gabriel.” Ela tocou no ombro dele. “Acorde.”

Seus olhos se abriram lentamente. "Tem", murmurou ele, com a voz rouca de sono. "O que foi?"

"Vou te levar para casa." Ao dizer essas palavras, uma parte dela se perguntou se ele já estava em casa.

Os braços de Damon apertaram Gabriel com mais força. Ele pressionou os lábios contra o pescoço dele. "Você vai voltar?"

Gabriel olhou para Tem, buscando silenciosamente sua permissão. Mas Tem não viu necessidade de concedê-la. Ela entendia que o relacionamento deles estava fora de seu controle. Em vez disso, olhou para Damon, falando em sua mente: *Seus sentimentos por ele são sinceros?*

Eles são.

Por que eu deveria acreditar em você?

Damon olhou para Gabriel, que olhou para ele. Gabriel lhe deu um sorriso deslumbrante, que Damon retribuiu. *Ele é como a luz do sol.*

Ele não deu mais detalhes, mas Tem sabia exatamente o que ele queria dizer. Gabriel tinha sido a luz do seu dia a vida toda. Talvez fosse hora de deixá-lo brilhar em outro lugar.

Decidi confiar nele a você. Não me faça me arrepender.

Em resposta, Damon o beijou.

Tem os observava juntos, com o coração cheio e o corpo aquecido. Quando se separaram, ela pegou a mão de Gabriel enquanto recuperavam as roupas dele na caverna, antes de seguirem para o início da trilha. Gabriel ficou ao lado enquanto Caspen a abraçava.

"Te vejo aqui antes do jantar?", murmurou ele contra o pescoço dela. Parecia a mesma pergunta que Damon acabara de fazer a Gabriel: *Você vai voltar?*

Tem havia se esquecido completamente de que era domingo. Eles seriam esperados no castelo esta noite. E Tem teria que sangrar.

“Não”, disse ela. “Quero passar o dia com meus pais. Encontro você lá.”

Por algum motivo, depois da noite que tinham acabado de passar, ela ansiava pelo conforto da mãe.

Caspen a beijou. Depois, virou-se para Gabriel. "Você se saiu bem", disse ele simplesmente. E então, desapareceu.

Gabriel cutucou-a no ombro. "Ouviu isso, Tem? Eu me saí *bem.* "

Tem não se atreveu a dizer-lhe o quão bem ele se saira; deixaria que Damon lhe contasse no momento certo. Tudo o que ela podia fazer era ficar feliz por ele estar vivo e por a visita ter alcançado o seu objetivo: dificultar que Gabriel se voltasse contra os basiliscos. Depois do olhar que ele lançou a Damon esta manhã, Tem duvidava que ele liderasse outro protesto.

Tem acompanhou Gabriel até a aldeia antes de partir para a casa de campo de seus pais.

Ela não ansiava apenas pelo conforto da mãe. Tem também queria ver o pai. Ele era a única pessoa a quem ela podia perguntar sobre o derramamento de sangue.

Sua mãe estava no jardim quando ela chegou. "Tem", disse ela. "O que te traz aqui?"

"EU..."

Como responder? Havia tantas perguntas que ela precisava fazer, e todas eram para o pai. Mas Tem ainda não estava pronta para fazê-las. Então ela disse: "Eu só precisava ir embora."

A compreensão surgiu no rosto de sua mãe.

Elas passaram o dia juntas, arrancando ervas daninhas e cuidando do jardim. Tem encontrou paz no trabalho manual, deixando-se levar por uma espécie de transe. Só no final da tarde ela finalmente entrou em casa, deixando a mãe terminar o trabalho.

O pai dela estava à mesa da cozinha. "Minha filha", disse ele quando ela se sentou. "O que te aflige?"

Tem considerou significativo o fato de ter percebido imediatamente que algo estava errado. Ele podia ter estado ausente durante toda a vida dela, mas a compreendia como se nunca tivesse estado.

“A família real está a reacender o derramamento de sangue.”

Uma onda de choque tomou conta de seu rosto. "Isso... me entristece", disse ele simplesmente.

Tem viu a tristeza em seus olhos. Ela estava prestes a piorar ainda mais essa tristeza. "Eles pediram voluntários, então eu..." Ela não queria dizer isso. Não queria entristecê-lo ainda mais.

Cronos ergueu a mão. "Temperança", disse ele em voz baixa. "Não desejo isso para você."

"Eu sei."

Ele havia sofrido por tantos anos — *décadas* — naquela masmorra fria e escura. E agora sua filha faria o mesmo.

“É a única opção”, continuou ela. “Se eu fornecer o suprimento para eles, ninguém mais precisa fazê-lo.”

Ele franziu os lábios, mas não disse nada. Tem o conhecia bem o suficiente para saber que ele não tentaria fazê-la mudar de ideia. Seu pai não era como Caspen, impondo suas opiniões a todos; ele era reservado, tolerante e gentil. Ele sabia por que ela tinha feito aquilo.

"Vai doer?" perguntou Tem. Pela expressão no rosto dele, ela já sabia a resposta.

“No começo”, disse ele. “E depois suas mãos ficarão dormentes. Depois disso, não é tão ruim.”

O medo revirou seu estômago. "Haverá efeitos colaterais?"

Cronos suspirou.

Ela detestava ter que lhe perguntar isso — detestava o fato de estar o obrigando a reviver tudo. Mas ela precisava saber.

“Isso vai te enfraquecer”, disse ele. “Pode dificultar sua capacidade de transição.”

Tem deu de ombros. Isso não importava muito. "De qualquer forma, eu não consigo fazer a transição."

O pai dela franziu a testa. "O que você quer dizer?"

“O Caspen tem que me ajudar. E mesmo assim, mal consigo dar conta.”

O pai dela endireitou-se. "Há quanto tempo isso acontece?"

“Desde o casamento. Por quê?”

Uma pausa.

“O que é isso?” perguntou Tem.

Cronos sustentou o olhar dela. Havia medo em seus olhos. Isso a assustou.

“O que aconteceu no casamento?”

Ela piscou. Tanta coisa aconteceu no casamento que ela não fazia ideia de por onde começar. "Como assim?"

“Quer dizer”—ele se inclinou para a frente—“você ultrapassou alguém?”

Só houve uma pessoa que Tem já havia superado. "Sim."

"Quem?"

“Leão.”

“Oh, minha filha”, disse Cronos baixinho. Então, levantou-se e foi até a janela para olhar para o jardim e ver a mãe dela. A luz do fim da tarde banhava seu rosto.

“O que é?”, insistiu Tem. “O que há de errado comigo?”

O pai dela suspirou. Em vez de responder à pergunta, disse: "Só vai piorar".

“O que será?”

“Sua incapacidade de fazer a transição.”

“Mas *por quê* ?” Tem também se levantou, atravessando para se juntar a ele. “Eu sou um Híbrido. Eu deveria ser poderoso. Quando Caspen me ensinou a fazer a transição, precisei de apenas algumas tentativas para fazê-la facilmente. E então—”

“E então você alcançou o topo de Leo”, concluiu o pai dela.

Tem franziu a testa. "O que isso tem a ver com alguma coisa?"

“O brasão é uma magia extremamente poderosa. Ainda mais quando realizada em alguém que você ama.”

"Então?"

“ *Então* ”—ele se virou para encará-la—“está unindo vocês dois neste exato momento.”

"Eu não entendo."

“Você o ama. E você o amava na época do brasão.”

“Sim, mas—”

“Quando você conquista alguém que ama, você deve consumar essa conquista.”

Tem ficou boquiaberto. *"O quê?"*

“É uma magia ancestral, Tem. Quando você criou Leo, você o vinculou a você. Você precisa completar esse vínculo. Sua capacidade de transmutação continuará a se deteriorar até que você o faça.”

“Mas Caspen nunca teve qualquer problema na transição depois que me superou.”

Assim que Tem disse isso, ela percebeu o motivo. Eles haviam consumado o selo poucos dias depois, quando ela saiu sorrateiramente do castelo para vê-lo. Muito provavelmente, não houve oportunidade

para Caspen se recuperar entre o momento em que ele a selou e o momento em que dormiram juntos.

“Por que eu nunca ouvi falar disso?”

“A maioria das pessoas nunca passou por isso. Os basiliscos tendem a atacar humanos que eles só desejam usar para obter poder. Eles raramente se apaixonam por eles.”

“Como *você* sabe disso?”

Cronos se mexeu. Seus olhos se voltaram para a mãe dela. Ele não disse mais nada, e Tem não perguntou mais nada. Ela não queria saber se seu pai havia possuído sua mãe. Não importava. Tudo o que importava era a situação presente.

“Mandei o Leo embora”, insistiu Tem. “Mandei ele encontrar a Evelyn.”

O pai dela balançou a cabeça. "Isso não importa, Temperance. Nada pode anular o vínculo do brasão. Você não pode burlar as exigências do destino."

Então era isso. A pegadinha.

Ela sabia, lá no fundo, que algo estava errado. Não era, como diria Bastian, uma solução elegante. A ascensão de Leão resolvera um problema, mas criara outro. Ela sabia que sua incapacidade de fazer a transição era estranha, que não estava progredindo como deveria. Agora ela entendia o porquê.

Tem pensou em como se sentia eletrizada sempre que estava perto de Leo, como se o próprio ar estivesse em chamas ao seu redor. Pensou em como era polarizador tocá-lo, como a sensação da pele dele contra a sua era incrível. Ia além de uma conexão emocional. Ela nunca tinha experimentado nada parecido até depois de tê-lo transformado. Agora era quase impossível estar perto dele e, finalmente, Tem sabia o porquê. Isso explicava tudo — sua incapacidade de fazer a transição, sua intensa atração por Leo, sua *necessidade.* Tudo começou depois que ela o transformou. Agora ela entendia por que era uma tortura ficar longe dele, por que se sentia como se lhe faltasse um membro quando ele não estava por perto. Não era apenas que ela o amava. Havia algo maior em jogo — algo cósmico. A transformação os estava atraindo, incitando-a a dormir com ele.

Outra coisa lhe ocorreu: Leo andava pálido e abatido ultimamente. Se havia alguma consequência para ela, certamente haveria para ele

também.

"Ele também consegue sentir?" Tem sussurrou. "O... laço?"

Cronos inclinou a cabeça. "Ele pode."

“Da mesma forma que eu?”

“Sim”, disse Cronos. “Muito provavelmente.”

As palavras foram ditas com delicadeza, sem julgamento. Apesar de si mesma, os olhos de Tem se encheram de lágrimas.

“Ambos continuarão a sofrer até que alcancem o ápice.”

Tem balançou a cabeça. "Não podemos consumar o casamento. Ele está noivo da Evelyn."

“Sim. Mas ele também está ligado a você. Você não pode ignorar esse vínculo.”

“Mas não podemos dormir juntos.”

“Você deve.”

“Mas *não podemos.* ” Leo era um homem de palavra. E ele havia dado sua palavra a Evelyn.

Seu lado basilisco considerava isso um detalhe menor. Mas o lado humano estava preso à sua permanência. Leo não estava disponível para Tem, mesmo que ela escolhesse dormir com ele. Não havia situação apropriada em que pudessem dormir juntos, nem haveria num futuro próximo. Tem jamais tentaria comprometer seu casamento, jamais tentaria seduzi-lo enquanto ele estivesse comprometido com outra pessoa — pelo menos, seu lado humano não o faria.

Seu lado basilisco não dava a mínima para Evelyn. Seu lado basilisco sentia tanta *posse* sobre Leo que Tem mal conseguia controlá-lo. As duas partes dela estavam em profundo conflito, formando uma luta interna que rapidamente se tornava insuperável. Ela não confiava em si mesma perto dele, não podia garantir que não faria algo de que jamais poderia se arrepender.

Cronos inclinou-se para a frente. "Escute-me, Temperança. Você deve."

“Mas *por quê ? O que acontece se nunca concretizarmos o ápice?* ”

Se a transição fosse a única coisa em jogo, Tem ficaria feliz em nunca mais fazê-la.

O pai dela franziu os lábios.

Um medo genuíno atravessou Tem quando ele a olhou nos olhos e disse: "O objeto do brasão morrerá."

Um grande peso pressionava o peito de Tem. Antes mesmo que ela pudesse processar aquilo, uma verdade mais profunda a atingiu.

Se o laço de sangue for rompido, uma maldição será lançada.

Que maldição?

Quem fosse traído devia matar o traidor. Meu pai não queria matar minha mãe. Mas ele teve que fazê-lo. O laço de sangue o obrigou.

Tem estava com tonturas. Ela precisava se deitar.

Não foi escolha dele. Meu pai não conseguiu resistir. Ninguém conseguiu.

A própria mãe de Caspen havia morrido pelas mãos de seu pai depois de ter dormido com seu verdadeiro amor. Se Tem fizesse o mesmo — se dormisse com Leo — Caspen seria forçado a matá-la.

"Quanto tempo temos?" Tem sussurrou.

“Não vai demorar muito”, disse Cronos. “E quanto mais vocês esperarem, mais desconforto ambos sentirão. Eventualmente, isso se transformará em dor.”

“Que tipo de dor?”

Em resposta, Cronos tocou o próprio peito com a palma da mão. Tem entendeu que ele estava segurando o coração. "Sua capacidade de transição só irá piorar. Eventualmente, você não será mais capaz de fazê-la. Quando isso acontecer, será tarde demais para Leão."

Tem olhou fixamente para as próprias mãos, contando as sardas embaixo de cada dedo.

“Tem”, insistiu o pai dela. “Você precisa—”

"Eu sei o que devo fazer", ela sussurrou.

Mas isso não significava que ela pudesse fazer isso. Tem havia ordenado que ele a encontrasse. Não havia nada que pudesse ser feito. Ou será que havia? Caspen ameaçou resolver o problema ele mesmo. Mas Tem também poderia resolvê-lo. Afinal, Leo estava ligado a ela. Tem poderia ordenar que ele deixasse Evelyn. Mas essa não era uma solução viável.

Tem não era uma deusa. Ela não acreditava no que Caspen acreditava — que sua posição de poder lhe dava o direito de controlar os outros.

Ela não moldaria o futuro de Leo novamente. Ela já havia feito isso uma vez e se arrependia todos os dias desde então. Mesmo que o fizesse — mesmo que violasse a confiança dele e o tratasse como um fantoche — Cronos havia deixado as condições cristalinas. Não havia espaço para exceções, nenhuma possibilidade de brecha.

Se ela consumasse o brasão, estaria assinando sua própria sentença de morte.

Mas se ela não o fizesse, assinaria o de Leo.

Capítulo Vinte e Um

Já estava escuro quando Tem saiu da casa de campo dos pais.

Ela correu até o castelo sem parar para nada, mantendo um ritmo alucinante mesmo quando suas pernas começaram a gritar de dor. Nenhuma atividade física conseguia distraí-la da torrente em sua mente — nada aplacaria o pânico que crescia em seu estômago, fechando-a por todos os lados. Quando chegou ao castelo, estava sem fôlego.

Caspen estava parado do lado de fora da porta da frente, esperando por ela. Tem mal conseguia olhar para ele.

“Tem”, disse ele quando ela se aproximou. “O que houve?”

Tem apenas balançou a cabeça. Havia uma centena de coisas em jogo. Mas ela não ia discuti-las agora — não fora do castelo, não antes do jantar. Haveria tempo para processar tudo depois. Por ora, eles precisavam estar unidos. Por ora, ela precisava dele.

"Estou apenas cansada", disse Tem, o que era tecnicamente verdade. Afinal, ela tinha acabado de correr todo o caminho até aqui.

Um músculo estalou em sua mandíbula. "Você não parece bem", disse ele, estendendo a mão para ela. "Devo levá-la para casa."

Tem balançou a cabeça. Ambos sabiam que ele só queria levá-la para casa para evitar o que estava prestes a acontecer. "Estou bem, Caspen."

Ele franziu os lábios, mas não respondeu. Ficaram de frente para a porta, um de cada vez.

"Você está pronto?" Tem sussurrou.

“Eu nunca estarei pronto para te ver sangrar.”

“É para o melhor, Caspen.”

“Não é para você.”

“Não se trata de mim. Trata-se de Gabriel, dos aldeões e de vocês.”

Ele franziu a testa. "Eu não pedi por isso."

“Eu sei que você não fez isso. Não é isso que eu quero dizer. Eu só quero dizer…” Ela buscou as palavras certas, decidindo-se por: “É a coisa certa a se fazer.”

Caspen apenas balançou a cabeça. Tem suspirou. Ele nunca se convenceria de que aquilo estava certo. E talvez "certo" ainda não fosse a palavra correta — talvez fosse simplesmente fazer. *Algo* em vez de nada. A essa altura, Tem estava disposta a tentar qualquer coisa para trazer a paz, mesmo que isso significasse se machucar no processo. Melhor ela do que qualquer outro basilisco.

“Se isso for muito difícil para você”, ela sussurrou, “você não precisa entrar”.

“Claro que sim.”

Tem estremeceu com o tom dele. Diante da reação dela, a voz dele suavizou.

“Eu preciso ir, Tem. Eu preciso te proteger.”

Ambos sabiam que ele não podia fazer nada para protegê-la. Tem já havia feito sua escolha. Não importava o que Caspen dissesse agora — a noite terminaria com ela na masmorra, sangrando.

Tem estendeu a mão para a porta. Antes que pudesse abri-la, a mão de Caspen se fechou sobre a dela. Ele se inclinou para frente. "Não faça isso, Tem. Ainda não é tarde demais."

Ela balançou a cabeça. "Eu preciso fazer isso."

“Não”, insistiu ele. “Vamos encontrar outra solução.”

Tem fechou os olhos. Se ela desistisse agora, tudo desmoronaria.

“Tem”, disse ele em voz baixa. “Farei qualquer coisa para impedir isso. Qualquer coisa.”

Mas era exatamente isso que ela queria evitar. Tem sabia que não havia limites para o que Caspen faria por ela — nenhum limite para as pessoas que ele machucaria. Ela não podia permitir isso.

“Eu já me conformei com isso, Caspen. Por que você não consegue?”

“Porque você é preciosa para mim”, disse ele asperamente. “Quando você sente dor, eu também sinto.”

"Prefiro sentir dor a ver alguém se machucar."

“Essa é uma qualidade linda, Tem. Mas você se esquece de que sou *eu* quem está vendo *você* sofrer. E isso é insuportável.”

Ela não sabia o que dizer.

O aperto de Caspen se intensificou. "Não faça isso, Tem. Por favor."

Ele estava implorando a ela. Não era um tom que ela ouvia dele com frequência. Mas ele o usou agora, seus olhos dourados fitando profundamente sua alma.

"É minha escolha, Caspen", sussurrou Tem. "Você tem que respeitá-la."

Então bateram à porta, e um mordomo a abriu e os cumprimentou no hall de entrada antes de os conduzir à sala de jantar. Tem estava prestes a se sentar quando Caspen segurou seu braço. Ela olhou para ele surpresa.

O que é?

Antes que ele pudesse responder, Evelyn e Leo entraram. Por um instante, ninguém disse nada.

“Tem”, disse Evelyn com voz suave, “espero que você esteja bem”.

Tem quase bufou. Ela tinha certeza de que Evelyn não esperava nada disso.

“Achei que poderíamos aproveitar o jantar”, continuou Evelyn. “Antes…”

“Não estamos com fome”, disse Caspen, em tom inflexível.

Evelyn parou de falar. Tem entendeu de repente por que não tinham se sentado. Não iriam jantar. Ela estava ali para sangrar — nada mais. Não fazia sentido fingir que era uma noite normal.

Os olhos de Tem se voltaram para os de Leo. "Como isso funciona?", ela perguntou.

Ela queria que ele dissesse — que explicasse tudo em voz alta na frente de todos. Mas foi Evelyn quem respondeu.

“Você vai descer”, disse ela cuidadosamente. “E você vai fornecer sua… amostra.”

Então era assim que eles chamavam: uma amostra.

Tem lutou contra o impulso bizarro de rir. Tudo era tão *clínico* . Na mente de Evelyn, Tem estava apenas lhes prestando um serviço — oferecendo algo que seu corpo deveria oferecer. Mas nada poderia estar mais longe da verdade.

"Vai doer?", perguntou Tem, incisivamente, dirigindo a pergunta novamente a Leo. Ela já sabia, pelo pai, que sim. Mas, mais uma vez, queria que ele dissesse. Queria que *alguém* dissesse, que reconhecesse a desumanidade, que desse um nome àquela crueldade que estava prestes a sofrer.

Um silêncio absoluto e completo se instalou. Uma expressão lenta e doentia distorceu o rosto de Evelyn. "Eu... não sei. Certamente... não vai acontecer?" Ela olhou para Leo.

Ele olhou para o chão.

Não havia nada mais insidioso do que a covardia, e era isso que Leo estava demonstrando naquele momento. Ele tinha o poder de impedir aquilo. E, no entanto, permanecia ali em silêncio, encarando os próprios sapatos como se eles guardassem a resposta.

Ao lado dela, Caspen girou os ombros. Tem não tolerava violência, mas naquele momento, ela desejava ardentemente que Caspen despedaçasse todos naquela sala.

Não me tente, Tem. Uma palavra sua e eu mato os dois.

Você sabe que eu jamais diria essa palavra.

Em resposta, Caspen fechou o corredor para sua mente.

Tem sabia que seus pensamentos provavelmente haviam se tornado tão furiosos que ele preferiu protegê-la deles, em vez de submetê-la a eles.

Finalmente, Evelyn quebrou o silêncio. "Bem", disse ela. "Se não vamos comer... você... sabe para onde ir, presumo?"

Sua voz estava mais aguda que o normal. Ela estava evitando o olhar de Caspen. Talvez estivesse com medo de que o Rei Serpente a machucasse. Esse pensamento animou Tem enormemente.

“Sim”, respondeu Tem. “Sim, eu aceito.”

Sem hesitar um segundo, ela caminhou em direção à porta. No instante em que o fez, Caspen e Leo falaram simultaneamente:

“Eu irei com você.”

“Não, vocês não vão”, responderam Tem e Evelyn ao mesmo tempo.

Um silêncio tenso se instalou. Os dois homens encararam Tem. Tem encarou Evelyn.

"Querido", disse Evelyn entre dentes cerrados, apertando os dedos com força no braço de Leo. "Você não pode ir lá embaixo."

“ *Querido* ”, disse Leo, com a mesma voz tensa. “Por que não?”

“Porque…” Ela fez uma pausa, claramente buscando uma conclusão apropriada para sua frase. “Você não deveria estar perto do seu pai.”

Tem franziu a testa. Era um raciocínio estranho. Ela esperava que Evelyn dissesse que Leo não deveria estar perto de *Tem* . Leo parecia pensar o mesmo, pois perguntou: "E por que eu não deveria estar perto do meu pai?"

Outra pausa. Pela primeira vez desde que Tem a conheceu, Evelyn pareceu nervosa. "Eu..."

Mas o resto nunca veio. Os três permaneceram imóveis, paralisados no mesmo lugar.

Os olhos de Leo se voltaram para Tem, fazendo uma pergunta silenciosa que ela não conseguiu identificar. Será que ele estava se perguntando, como ela, por que Evelyn estava agindo de forma tão estranha?

“Acompanharei Tem até a porta”, disse Leo finalmente. “Mas não irei além disso.”

Evelyn girou os ombros como se esse acordo lhe causasse dor física. Mas, em vez de fazer um escândalo — o que Tem suspeitava fortemente que ela temia fazer na frente de Caspen — ela forçou um sorriso e disse: "Nesse caso, vou me recolher por hoje. Estou me sentindo bastante cansada."

Sem olhar para trás, Evelyn virou-se e saiu apressadamente da sala.

Um instante se passou. Nesse momento, Leo e Caspen se entreolharam. Eles tinham exatamente a mesma expressão, que significava exatamente a mesma coisa: *Você vai mesmo deixar ela fazer isso?*

Tem não esperou pela resposta deles. Passou por ambos sem dar atenção, parando apenas ao chegar à porta. Leo a seguiu. Caspen não.

"Caspen?" Tem sussurrou.

Sem resposta.

De repente, Tem entendeu. Agora que Leo a acompanhava, Caspen não estava mais. Não deveria ter sido uma surpresa. Mas ainda assim doía.

Não havia mais nada a dizer. Sem dizer mais nada, eles foram embora.

Havia uma centena de coisas que Tem queria dizer a Leo agora que estavam sozinhos. Mas ele parecia tão derrotado que, apesar de seu bom senso, Tem desistiu. A última coisa que ela queria era tornar as coisas mais difíceis para ele. Mas os fios do ressentimento começavam a se acumular dentro dela. Era *Tem* quem estava prestes a sangrar até a morte na masmorra. Esse era o fardo dela, não de Leo. Ele é que deveria estar consolando-a.

O resto da caminhada foi silencioso. A única coisa que Tem ouvia era a pulsação forte do próprio coração — e a de Leo. O corpo dele estava quente ao lado do dela, o sangue pulsando firme em suas veias. Na penumbra, ele quase parecia brilhar.

Tem não conseguia parar de pensar no brasão. Seu lado basilisco o chamava como... Predadora e presa, desafiando-a a consumar o ato, desafiando-a a satisfazer seus desejos. Tem encarava a nuca dele enquanto desciam em fila indiana a escadaria que levava à masmorra. A vontade de tocar seus cabelos loiro-esbranquiçados era imensa — quase irresistível. Tem chegou a levantar a mão, estendendo-a em sua direção na escuridão. O que aconteceria se ela passasse os dedos por aqueles belos cabelos? E se ela os agarrasse *com força* e puxasse o rosto dele para perto do seu? Ele resistiria? Ou diminuiria a distância, a pressionaria contra a parede fria de tijolos e retribuiria o beijo?

Eles chegaram à porta da masmorra.

Tem pensou em como foi a última vez que estiveram juntos ali, antes de anularem o casamento. Será que Leo também estava pensando nisso?

"Você não deveria ter que fazer isso", ele sussurrou.

Era um sentimento vazio. "Então por que você está me obrigando a isso?"

O rosto de Leo se fechou. Ele quase parecia prestes a chorar. "Tem..."

O nome dela se dissipou entre eles.

Tem nunca havia desejado tocá-lo com tanta intensidade como naquele momento. Ela o desejava mais do que qualquer outra coisa que pudesse respirar.

"Leo", ela sussurrou. "Você é o único que está aqui. *Você* é quem está me deixando passar por aquela porta."

Ele abriu os olhos. Eles a encaravam fixamente. "Se eu pedir que você não passe por aquela porta, Evelyn vai me deixar."

Tem percebeu a agonia em sua voz.

Foi horrível. Tudo aquilo. Toda essa situação que Tem *e* Evelyn haviam criado. Leo estava preso agora. Talvez sempre tivesse estado. Tem se lembrou do dia em que descobriu que era uma Híbrida, de como procurou abrigo com Leo. Ela o encontrou no cemitério naquela manhã. Esperando por Evelyn.

“Eu não quero isso”, disse ele.

“Parece que sim.”

Leo fechou os olhos.

Tem encarou seus cílios loiros. Estavam tão próximos que ela conseguia contá-los.

"Diga-me para parar com isso", ele sussurrou.

"O que?"

“Quando você me mandou me acalmar, eu obedeci. Então me diga para parar com isso.”

Tem o encarou por um longo momento antes de perceber exatamente o que ele estava dizendo. Bastaria uma única ordem dela, e Leo teria que obedecer. Se ela lhe dissesse para parar com aquilo, ele pararia. Era a solução de Caspen, e era um atalho, uma mentira. Ela não era Caspen; ela não bancaria Kora. Tem não era uma deusa.

Ela balançou a cabeça. "Não."

“Por favor, Tem. *Por favor.* ”

" *Não.* "

Ele estendeu a mão para ela, e ela se encolheu.

Uma dor indescritível estampou-se em seu rosto. Certamente, refletia a dor dela. Mas o tempo para negociações havia passado. Leo não lutara por ela na semana passada, e não lutaria por ela agora. Ele fizera sua escolha.

“Você não pode escolher o caminho mais fácil. Você não pode trapacear. Não é assim que funciona.”

“Tem—”

Ela se inclinou para perto, ignorando o grito de desejo do seu corpo. "Você escolheu isso, Leo. Agora você terá que viver com as consequências."

Tem convivia diariamente com a dor de suas decisões, e era hora de Leo fazer o mesmo. Talvez ela estivesse carregando a culpa de sua escolha por tempo demais. Talvez, apesar do que sua consciência tentava lhe dizer, ela tivesse tomado a decisão certa ao pedir a Leo que fosse encontrar Evelyn. Talvez ele a merecesse, em todos os sentidos da palavra.

O silêncio entre eles era absoluto. Não havia mais nada a dizer. Tem estava preparado para aceitar essa parte de Leo — a parte que herdara do pai.

"Eu vou esperar por você", ele sussurrou.

Tem não acreditou nele, então não respondeu. Em vez disso, entrou na masmorra, pronta para encarar seu destino de cabeça erguida. O ar estava gélido — ainda mais frio que a escadaria. Havia um guarda ali, e ele se aproximou de Tem assim que ela entrou.

“Estou aqui para ajudar”, disse o homem.

“Tenho certeza que sim.”

“Por aqui.”

Tem seguiu o guarda ao longo da extensa fileira de celas até o final. Só quando se virou percebeu que a cela em frente à sua estava ocupada.

“O que a traz aqui, Temperance?”, perguntou Maximus.

Capítulo Vinte e Dois

O antigo rei parecia fraco. Isso deixou Tem feliz.

Mas toda a felicidade que ela sentia evaporou no instante em que o guarda prendeu os fios em seus dedos. Cada fio correspondia à ponta de um dedo, e no momento em que a tocaram, Tem soltou um suspiro de dor ao sentir os fios se fundirem dolorosamente à sua pele. De repente, ela entendeu por que seu pai mal conseguia falar sobre a experiência. A dor era horrível, mas a sensação de estar presa era pior. Até o menor puxão nos fios causava uma dor aguda. Era *isso* que seu pai suportava por anos? O que todos os outros basiliscos sequestrados sofreram por décadas até que Leo finalmente os impediu? Tem não conseguia imaginar dez minutos daquilo, muito menos dez anos.

Isso foi tortura. *Verdadeira* tortura.

O guarda se virou para sair assim que terminou de conectar os fios. Pouco antes de chegar à porta da cela, ele puxou uma alavanca na parede. Imediatamente, uma dor aguda percorreu os dedos de Tem. Sem pensar, ela gritou. Os fios estavam *sendo retirados* dela — extraindo sangue de sua pele e transformando o metal lentamente em ouro. Em meio à névoa da agonia, ela ouviu:

"Dói?"

A pergunta era tão idiota que deu vontade de gritar.

"O que você acha?", ela retrucou.

Maximus sorriu. Era um sorriso repugnante, repleto de pura malícia. "A dor é inevitável, Temperance. Ela nos torna mais fortes."

Tem revirou os olhos. Ela não precisava de uma palestra sobre dor agora. Principalmente vinda de alguém cuja especialidade era causá-la.

"Nunca pensei que te veria de novo", disse Maximus.

Tem preferia que ele se calasse. O derramamento de sangue já era castigo suficiente. "Somos dois então."

Você nunca respondeu à minha pergunta.

“Qual pergunta?”

“O que te traz aqui?”

Tem ergueu os dedos emaranhados, arrependendo-se imediatamente quando os fios se soltaram. pelas mãos dela. "Não é óbvio?"

Maximus balançou a cabeça. "Não é isso que eu quero dizer."

“Então, o que você quer dizer?”

“Estou perguntando *por que* você está aqui. Foi você quem convenceu meu filho a parar com essa prática. E, no entanto, aqui está você, sangrando. Por quê?”

“Bem, aparentemente eu não fui muito convincente, porque seu filho trouxe essa prática de volta.”

Maximus soltou uma risada baixa. "Por favor, Temperance. Você não é uma criatura fraca. Você não faz nada que não queira fazer."

O elogio não passou despercebido por ela. Mas Tem apenas balançou a cabeça. Ela certamente não queria estar fazendo aquilo. "Você pode calar a boca? Isso já está ruim o suficiente sem você falando."

Maximus ergueu as sobrancelhas, mas Tem não se desculpou.

“Estou surpreso com você, Temperance. Você tem toda a minha atenção. Houve um tempo em que você teria se aproveitado disso.”

"Com licença?"

“Não há nada que você queira me perguntar enquanto estivermos aqui?”

Tem quase zombou, mas depois reconsiderou. Havia muita coisa que ela queria perguntar a Maximus. Como, por exemplo, por que ele havia começado o derramamento de sangue. E por que seu filho estava se comportando como um verme sem espinha dorsal. Mas uma pergunta veio à tona em sua mente, e uma vez que pensou nela, não conseguiu se livrar dela. As palavras de Evelyn voltaram à sua mente de repente: *Você não deveria estar perto do seu pai.*

“O que você escreveu na carta que entregou a Evelyn?”

Maximus inclinou a cabeça. Pela expressão no rosto dele, não era a pergunta que ele esperava.

Houve um longo silêncio, durante o qual Tem recorreu a toda a paciência que possuía — que não era muita — para esperar que ele

respondesse. Quando não aguentou mais, disparou: "Você está me ouvindo?"

“Sim, garota impaciente. Eu ouvi você.”

“Então por que você não me respondeu?”

“Porque sua pergunta não faz sentido. Eu nunca entreguei uma carta para Evelyn.”

Tem abriu a boca, mas a próxima pergunta morreu em sua língua. Porque enquanto ela não perguntasse, não saberia. E enquanto não soubesse, não estaria escondendo a verdade de Leo. Antes que pudesse decidir se falaria ou não, Maximus falou em seu lugar.

“Quem te disse que eu entreguei uma carta para a Evelyn?”

“Ela fez isso.”

“E o que ela disse que eu escrevi?”

Tem franziu os lábios. Será que Maximus estava a manipulando? Tem não queria dar-lhe essa satisfação. Mas não tinha outra opção. Sentia que estava prestes a descobrir a verdade. E se houvesse verdade alguma, Tem precisava encontrá-la. "Ela disse que você terminou com ela quando ainda era Leo."

Mais silêncio. Então, para surpresa de Tem, Maximus começou a rir.

"Tem alguma coisa *engraçada* ?", ela exclamou.

Maximus apenas riu mais. Era um som horrível, completamente desprovido de humor. Eventualmente, transformou-se em tosse, e se as mãos de Tem não estivessem perfuradas por fios, ela as teria cerrado com força. Daquele jeito, ela não podia fazer nada além de observar o antigo rei curvado em sua cela, tossindo até não sair mais nada.

“Meu filho tem um tipo específico”, disse ele quando terminou. “Já te disse isso antes.”

“Sim. Vadia.”

“ *Inteligente* ”, disse Maximus, corrigindo Tem. “Ele se apaixona por mulheres inteligentes. Muito mais inteligentes do que ele.”

Maximus estava elogiando-a novamente? Antes que Tem tivesse tempo de se maravilhar com isso, ele continuou.

“Se ele não tomar cuidado, isso será a sua ruína.”

“O que você está dizendo?”

"Estou dizendo que Evelyn é esperta. Ela enganou meu filho uma vez e o enganou de novo."

"Eu não entendo."

“Você deveria. Você é tão inteligente quanto ela.”

Tem soltou um longo suspiro. *Aquilo* certamente não era um elogio. "Se você não se explicar, vou aí e te dar um tapa."

O choque passou rapidamente pelo rosto de Maximus, mas Tem não se deu ao trabalho de se desculpar. Ele não era mais rei, e mesmo que fosse, ela não se importaria. Ela já tinha tido o suficiente dos homens desta família esta noite.

“Eu nunca gostei da Evelyn”, continuou Maximus lentamente. “No início, meu filho se encontrava com ela em segredo, mas eventualmente ela passou a vir ao castelo. E toda vez que ela vinha, coisas desapareciam.”

Tem piscou. "Que tipo de coisas?"

Garfos. Facas. Talheres de todos os tipos.

“Então… você não gostava dela porque ela roubava garfos?”

“Ela estava roubando *ouro* , sua criança estúpida.”

Todos os talheres do castelo eram resultado do derramamento de sangue. Tem olhou para as próprias mãos, que estavam transformando os fios em ouro. Ela sentiu-se fraca.

“Ela não foi embora por causa de uma carta ridícula. Ela foi embora porque eu lhe ofereci um um preço mais alto do que o que ela poderia me roubar, um garfo de cada vez.”

Tem esfriou.

Ali estava, direto dos lábios de Maximus: a verdade. Aquilo que ela suspeitava, mas não queria encarar. Aquilo que *Leo* se recusava a encarar. Porque se o que Maximus dissera fosse verdade, significava que Tem cometera um erro terrível. Significava que ela estivera completamente errada ao ordenar que Leo encontrasse Evelyn. Significava que tudo pelo que eles haviam lutado fora em vão — que a promessa de um futuro para ele e seu suposto amor verdadeiro era irrelevante. Significava que Evelyn não era quem fingia ser. Significava que nada jamais seria como antes.

Tem disse a única coisa que lhe veio à mente: "Vai se foder".

Outra risada estrangulada, carregada de vingança. "Por que você se importa?", zombou Maximus. "Você o abandonou, assim como ela fez. E ela o abandonará novamente."

“Por que você diria isso?”

“Evelyn partiu com a promessa de riquezas, e não tenho dúvidas de que voltou pelo mesmo motivo.”

Tem franziu a testa. "O que isso quer dizer?"

“Significa que ela só voltou quando meu filho se tornou rei. Sem dúvida, ela pensou que esse status garantiria seu estilo de vida. Como você pode ver”—ele olhou significativamente para os fios presos às mãos de Tem—“não garantiu. Evelyn não voltou por amor. Ela partiu uma vez. Ela partirá novamente.”

“Você não tem como saber disso.”

“A história sempre se repete”, zombou Maximus. “Não aprendemos. Não corrigimos. Esquecemos e, então, repetimos os erros do passado. É um padrão, Temperance. Um padrão que não pode ser quebrado.”

Tem balançou a cabeça. Ela se recusava a acreditar que o futuro estava escrito — que eles não tinham voz no resultado. Era o que Apolo acreditava — que o destino era predeterminado. Mas Tem acreditava que a história só se repetia se você permitisse. E Tem não permitiria.

“Diga-me, Temperance. Os aldeões receberam bem a sua decisão?”

Uma onda de culpa a invadiu. "Que decisão?"

“A decisão de cortar o fornecimento de alimentos a eles?”

A culpa só aumentava.

“Ah”, disse Maximus. “Você não pensou direito, não é? Os efeitos teriam sido quase imediatos, suponho. Pagamos pelas nossas importações no dia em que chegam. Sem o derramamento de sangue, não haveria como pagar por mais. Mas isso não lhe preocupava, não é? Você só queria estancar o sangramento.”

“Eu queria proteger meu povo.”

“Os aldeões não são também o seu povo? Sua mãe te criou. Certamente isso significa alguma coisa.”

Claro que contava para alguma coisa. Mas não era tudo. Só porque Tem era Criada de uma certa maneira, isso não significava que essa fosse a única parte de sua identidade que importava. Tem era composta de duas coisas, ambas de igual valor.

"Não fale da minha mãe", retrucou Tem, irritado.

Maximus deu-lhe um sorriso lento e estranho. "Sua mãe", disse ele, "era exatamente como você."

Tem não fazia ideia do que dizer. De tudo o que Maximus lhe dissera naquela noite, aquilo era o que menos a preocupava. "Eu estava tentando fazer a coisa certa", sussurrou ela.

"O certo é relativo, Temperança. Você é um tolo se pensa que pode fazer as coisas melhor do que eu fiz."

“Tem que haver outra maneira.”

“Criança ignorante. As coisas sempre foram feitas assim.”

"Não." Ela balançou a cabeça. "É assim que *se* faz."

“Você não sabe nada sobre como o mundo funciona, sobre como os adultos tomam suas decisões. O poder é conquistado com dificuldade e não é tão fácil de manter. É preciso um milagre para obtê-lo e um único momento de fraqueza para perdê-lo.”

“Eu não quero poder.”

“Isso porque você já o tem. E me diga, Temperance. Você abriria mão dele?”

Tem olhou fixamente para ele. Será que ela realmente cobiçava o poder da mesma forma que Bastian — da mesma forma que Maximus? Era algo repugnante para ela. Ela não queria ser como eles. Mas talvez fosse inevitável. Tem nunca havia sido poderosa até então. Ela sabia o que significava desejar algo, especialmente algo que jamais teria. Certamente, nunca pensou que teria poder. Era algo novo para ela ser assim — ser uma Híbrida. *Será que* ela abriria mão disso?

“Você se acha muito melhor que seus ancestrais”, disse Maximus, interrompendo seus pensamentos. “Você acha que pode fazer tudo diferente. Mas alguma coisa sempre tem que ceder, Temperance. A paz é uma ilusão.”

Mas Tem não era Maximus; ela não perderia a esperança. Ela podia escolher um caminho diferente — pelo reino e por si mesma. "A paz é possível."

“Há sempre um vencedor e um perdedor. O ciclo não pode ser quebrado.”

“Você está errado”, sussurrou Tem.

“Eu não estou errado. E você vai perceber isso antes do fim.”

Mas Tem não aguentava mais ouvir homens que não faziam ideia do que significava sacrifício — homens como Maximus, que nasceram no topo da cadeia alimentar e sempre permaneceriam lá. Mesmo agora, aprisionado em sua própria casa, ele estava isolado do mundo exterior, a salvo dos basiliscos que torturara para chegar até ali. Não havia justiça, nenhuma equidade em nada disso.

Tem sussurrou: " *Eu* vou quebrá-lo."

Maximus não respondeu.

Eles ficaram sentados em silêncio até que o guarda voltou para libertá-la. As escadas estavam escuras; Leo não estava em lugar nenhum.

Vou esperar por você. Mais mentiras.

Se Tem não estivesse tão fraca por causa do derramamento de sangue, talvez se importasse. Em vez disso, subiu as escadas lentamente, apoiando-se na parede para se equilibrar. Quando chegou ao patamar, estava sem fôlego.

Caspen também não estava em lugar nenhum. Teria ele voltado sozinho para as cavernas? Estaria esperando por ela em uma carruagem? Ela o procurou mentalmente, mas o corredor entre eles ainda estava fechado. Tem sabia que Caspen estava furioso com sua decisão. Mas ela ao menos esperava que ele a acompanhasse nessa situação — que estivesse ali quando ela saísse.

Tem estava quase na porta da frente quando, de repente, ouviu seu nome.

Leo estava diante dela.

Capítulo Vinte e Três

Sua figura esguia emergiu das sombras, com os cabelos despenteados. Tem conhecia aquele olhar.

Você está *bêbado* ?

Não havia necessidade de perguntar. Leo estava claramente embriagado — seu rosto estava corado, seus movimentos desajeitados. Tem só o tinha visto tão bêbado uma vez antes, durante o Frisky Sixty.

Ele soltou um longo suspiro. "Você ficou lá embaixo por muito tempo. Eu não aguentava mais."

Tem não sabia o que dizer. Ela não queria apontar o privilégio inerente que Leo tinha de poder se embriagar enquanto ela sangrava. Não fazia sentido. "Onde está Evelyn?"

"Dormindo."

Tem quase riu. Lá estava Leo, tão preocupado com ela que se embebedou. Evelyn, por outro lado, dormia despreocupada. Será que ela sabia onde o marido estava? Será que sabia que ele estava ali, no hall de entrada, olhando para Tem como se quisesse levá-la para o andar de cima e transar com ela enquanto Evelyn assistia?

Leo se aproximou. "Eu não aguentaria, Tem", disse ele novamente.

As palavras foram um sussurro, e Tem acreditou nelas. "Vou para casa, Leo", disse ela.

“Por favor, deixe-me lhe oferecer algo — água, uma bebida, qualquer coisa.”

“Não, Leo.”

“Por favor, Tem”, ele sussurrou. “Eu só quero ajudar.”

Não havia nada que ele pudesse fazer para ajudar, e ambos sabiam disso. O momento de ajudar havia sido uma hora antes, antes de ele a deixar entrar na masmorra. Agora o estrago estava feito.

Ainda assim. A ideia de um passeio de carruagem aos solavancos não era nada atraente, especialmente depois do que ela acabara de passar. Tem precisava de um momento para descansar. Então, ela sussurrou: "Tudo bem".

Os olhos de Leo brilharam. Ele estendeu a mão para ela, a pulseira de ouro reluzindo em seu pulso. Quando Tem não a aceitou, seu semblante se fechou. "Muito bem", disse ele. "Venha por aqui."

Eles foram para a sala de estar. Assim que entraram, Leo serviu-lhe um uísque. Álcool era a última coisa de que ela precisava, mas mesmo assim ela tomou, encostando-se no sofá. enquanto ela bebia um gole da bebida perto da lareira. Em silêncio, eles se estudaram.

O efeito da crista era óbvio. Leo estava pálido. Tinha olheiras. Tem teve um flashback horrível de quando viu Caspen definhar diante de seus olhos de maneira muito semelhante. Só que agora era Leo — o outro homem que ela amava — e não havia nada que Tem pudesse fazer a respeito. Ou será que havia?

Ela podia transar com ele ali mesmo, naquele instante. O desejo era quase irresistível. Seu lado basilisco *ansiava* por fazer aquilo — pressioná-lo contra a parede, desabotoar suas calças e deixá-lo entrar nela. Ela se perguntou se Leo permitiria. Pelo jeito que ele a olhava, ela achou que sim.

A voz dele interrompeu seus pensamentos. "Por que você não gosta de champanhe?"

Tem piscou. Era uma pergunta estranha. "Por que você me perguntaria isso?"

“Estou curioso. Você nunca bebe isso.”

"Está muito doce."

“Hum.” Ele levou o copo aos lábios. “Evelyn adora.”

Tem bufou. Isso não a surpreendeu.

Leo ergueu uma sobrancelha, inquisitivo. "Alguma coisa engraçada?"

“Por que ela gosta disso?”

“Ah”, disse ele, girando o uísque. “Ela diz que tem gosto de coisa cara.”

Tudo o que Maximus acabara de contar a Tem sobre Evelyn voltou imediatamente à sua mente. Deveria contar a Leo o que sabia? Ele praticamente já sabia — já havia chamado Evelyn de gananciosa uma vez. Mas isso não era o mesmo que saber, sem sombra de dúvida, que

Evelyn o estava usando por dinheiro. Esse conhecimento era reservado a Tem, e ela não o compartilharia com Leo a menos que tivesse certeza de que era a coisa certa a fazer. Ela precisava de provas antes de destruir um casamento baseada apenas na palavra de Maximus.

"Você não gosta dela, não é?" perguntou Leo em voz baixa.

É claro que Tem não gostava de Evelyn. Mas ela não podia dizer isso. Tem não arriscaria partir o coração dele até ouvir a verdade da própria Evelyn. Em vez disso, ela se lembrou do que Maximus havia dito — como Leo se apaixonava pelo mesmo tipo de garota.

"Acho que ela é inteligente."

“Não, você não faz isso. Você enruga o nariz quando ela fala. Assim.” Leo imitou o gesto, enrugando o nariz numa imitação razoável dela.

Tem quase deu uma risada. "E daí? Isso não significa que eu não ache que ela seja inteligente."

“Significa que você não gosta dela. É o que você faz quando não gosta de alguém. Você sempre fazia isso quando Vera falava.”

“Isso porque Vera é uma idiota.”

“Um idiota de quem você não gostava.”

Tem suspirou. Era impossível discutir com ele quando estava tão bêbado. "Não Você acha que já está na hora de ir para a cama?

“Só se você vier comigo.”

O coração de Tem parou de bater. O ar ficou imóvel ao redor deles. Ela sabia que a reação dele não passava de instinto — puro reflexo —, mas isso não a tornava certa.

“Leo”, sussurrou Tem.

Ele sustentou o olhar dela. Não havia remorso em seus olhos, nenhum arrependimento. "Deixe-me adivinhar", disse ele baixinho. "Eu não deveria ter dito isso." Suas bochechas estavam coradas.

Tem ficou se perguntando quanto álcool ele havia consumido.

"Mas eu falei sério. E não deveríamos dizer o que realmente queremos dizer?"

“Não essas coisas.”

“Por que não? Nós dissemos que não mentiríamos um para o outro.”

Mas Tem apenas balançou a cabeça. Aquela promessa era de uma vida inteira atrás.

As coisas eram diferentes agora. Eles *precisavam* mentir um para o outro — era o único jeito de superar aquela situação impossível, o único jeito de consertar tudo que Tem tinha destruído. A verdade não os ajudaria mais. Porque a verdade era que Tem queria ir para a cama com Leo. E se ele pedisse mais uma vez, ela iria.

Leo pareceu saber disso, pois se aproximou ainda mais. Seus dedos finos encontraram os cabelos dela, enrolando a ponta de uma mecha. Tem deixou que ele fizesse isso. Ela não deveria, mas deixou. A sensação era boa demais para resistir.

"Não consigo parar de pensar em você, Tem." As palavras saíram atropeladas, seu corpo inteiro inclinado na direção dela. "Você está na minha mente a cada segundo do dia. Eu te quero o tempo todo. Como isso é possível? Como você pode ocupar tanto espaço na minha mente?"

Tem não tinha as respostas para essas perguntas. Principalmente porque ela mesma se fazia as mesmas perguntas. Leo estava em seus pensamentos o tempo todo — certamente mais do que deveria... e certamente mais do que Caspen.

"Leo", ela sussurrou. "Por favor."

“Não basta te ver uma vez por semana.”

“ *Tem que ser.* ”

“Não é. Nunca será.” O olhar de Leo se voltou para as mãos dela. “Doía?”, sussurrou ele. “A... sangria?”

"O que você acha?"

Um lampejo de arrependimento estampou-se em seu rosto. Ele abriu a boca, mas Tem o interrompeu.

“Não há nada que você possa dizer.”

“Posso dizer que sinto muito.”

Tem deu de ombros. "Já ouvi isso antes."

Leo franziu a testa. "Como assim você já ouviu isso antes?"

"Quer dizer, esta não é a primeira vez que um pedido de desculpas não resolve a mágoa causada."

Passou-se um instante. "Você está falando de mim? Ou dele?"

O silêncio tornou-se pesado.

“Tem”, disse ele lentamente. “Ele já te machucou alguma vez?”

Ela se lembrou da vez em que Caspen quase lhe mordeu o lábio. Foi um de muitos incidentes. Mas Leo não sabia disso. Ela não lhe devia detalhes sobre sua experiência com Caspen. "Se ele já fez isso, não é da sua conta."

A devastação escureceu o rosto de Leo. "Você é problema meu, Tem."

“Não. Não sou. Não mais.”

Leo se aproximou. "Quando ele te machucou?"

"Não importa."

“Claro que sim.”

“Não , Leo. Para nós é diferente.”

“O que isso significa?”

“Significa que nós—” Mas ela se interrompeu.

“O que isso significa, Tem?”

Tem não queria responder. Mas ela respondeu mesmo assim: "Significa que ele pode me curar."

"Ele pode te curar", repetiu Leo, sem expressão.

“Sim. Então é diferente para nós.” Tem já havia curado Leo uma vez, no dia do casamento deles. Ele disse que foi extraordinário.

Então... ele te machuca porque pode te curar?

Pelo jeito que ele perguntou, Tem suspeitou que ele já soubesse. Mesmo assim, ela sussurrou: "Sim".

O rosto de Leo ficou completamente branco.

Tem deixou o silêncio se instalar, esperando que ele falasse.

"Isso é desprezível", disse ele por fim.

“Da parte de quem?”

Os olhos de Leo brilharam. "Dele."

"Tem certeza?" Tem estava pressionando-o, e ela sabia disso.

“É desprezível da parte *dele* , e somente dele.”

Mas Leo não estava entendendo. Tem era meio basilisco. Ela queria isso tanto quanto Caspen. Ela gostava quando ele batia com muita força na bunda dela, deixando uma marca. Ela gostava quando os dentes dele deixavam hematomas no pescoço dela. Todos os basiliscos gostavam. Ela se lembrou de quando tinha dado um tapa em Apolo e ele optou por não curar a marca. " *Eu prefiro ter uma lembrança sua."*

Mesmo que eu esteja de acordo? Mesmo que tenha sido minha ideia?

“Se a ideia foi sua, ele a plantou na sua cabeça.”

“O poder dele não funciona dessa forma.”

“Não é verdade? Você mesmo me disse que ele consegue se infiltrar nas mentes.”

“Infiltre-se neles. Não os influencie.”

“Existe alguma diferença? Porque eu não vejo nenhuma.”

“Não é isso que ele faz. Ele—”

"Ele é uma *cobra* !" gritou Leo.

Tem ficou em silêncio.

Leo se inclinou para frente, sua voz baixando para um rosnado tenso. "Ele pode usar uma forma humana, mas não se engane, Tem. Ele é um monstro. Você não tem ideia do que ele faria ou não faria."

Tem olhou para ele, chocado com a fúria em seu tom de voz.

“Isso não é da sua conta, Leo.”

“Você não tem o direito de me dizer onde estão minhas preocupações.”

Ela podia sentir o calor do corpo dele. Seu lado basilisco estava totalmente desperto, faminto, buscando-o. Tem não conseguiria reprimi-lo para sempre. "E você não tem o direito de ficar com raiva porque ele me machuca quando você também me machuca."

Leo ficou paralisado.

“Sua única preocupação”, sussurrou Tem, “deveria ser sua esposa.”

Um músculo estalou em sua mandíbula. " *Você* já foi minha esposa."

Aquilo era território perigoso. Tem teve que guiá-los para fora dali. "Não mais."

Ele ainda segurava a ponta de sua mecha de cabelo. Agora, soltou-a e, em vez disso, tocou sua cintura com os dedos. O calor de sua pele irradiou através do tecido fino do vestido dela.

Tem não se mexeu. Ela só conseguia ficar ali parada, indefesa, enquanto Leo deslizava os dedos lentamente por suas costelas e subia entre seus seios. Ele puxou delicadamente a parte da frente do vestido, aprofundando o decote em V e expondo seu colo.

Eles se encararam.

Lentamente, como se desafiasse a si mesma ou a Leo a impedi-la, Tem ergueu as mãos e afastou os cabelos dos ombros. Leo inspirou profundamente, os olhos imediatamente fixos em seus seios. Não se ouvia nenhum som, exceto o crepitar da lareira. Um olhar entre as pernas dele revelou que seu pênis estava ereto, pressionando contra o tecido da calça. Como seria fácil tocá-lo — pegá-lo na palma da mão e *apertá-lo.*

Seus mamilos endureceram ao pensar nisso. Ela sabia que Leo podia vê-los.

Tem deveria se virar — deveria ajeitar o cabelo e se cobrir. Mas não fez nenhuma dessas coisas. *Queria que* Leo a visse — queria que ele soubesse exatamente o que o esperava sob seu vestido. Tem ansiava por seu toque. A crista os unia, forçando-os a encarar o que nenhum dos dois ousava dizer em voz alta. Não havia acabado para eles. Nunca acabaria.

"Tem", Leo sussurrou, o nome dela quase imperceptível.

Tudo parecia encolher — as paredes se contraíam, assim como o espaço entre elas, a vontade de Tem de resistir. Não restaria nada dela se permanecesse naquele quarto para sempre. Mais um segundo.

Leo deu um passo à frente.

Tem olhou fixamente para os ombros dele, o peito, as mãos. Ela viu os ossos afiados dos dedos, o ângulo preciso dos polegares. Ela queria aquelas mãos sobre as suas.

Mais um passo.

Ele estava perto demais, *muito* perto mesmo.

Como que em transe, o rosto de Tem se ergueu em direção ao dele. Seus lábios estavam a centímetros de distância. Ela apenas o inalou, sentindo o calor irradiar de seu corpo para o dela. Ele era *tão quente* , como se as chamas que crepitavam na lareira tivessem origem dentro dele.

"Diga que me quer", murmurou Leo, com a voz baixa e rouca.

Ele tinha um cheiro incrível. Cheirava a verão, charutos e bibliotecas antigas e empoeiradas. Era impossível ignorar — impossível resistir.

Tem fechou os olhos. Se ela o olhasse por mais um segundo, iria beijá-lo. "Eu já beijei", sussurrou ela.

“Não.” A respiração dele roçou o rosto dela. “Você disse que sentia minha falta. Isso não é a mesma coisa.”

“Está suficientemente perto.”

“Não”, disse ele novamente. “Não é.”

Quase contra a sua vontade, Tem arqueou o pescoço.

“Diga-me, Tem. Fale.”

Ela abriu os olhos. Os olhos cinzentos dele a encaravam fixamente, as pupilas dilatadas de desejo. "Eu te quero."

A dor só aumentou depois que ela disse aquelas palavras. Porque nada havia mudado. Ela não podia tê-lo.

Leo ergueu as mãos, tocando com as pontas dos dedos a parte inferior dos seios dela, traçando o contorno. Depois, desceu mais, roçando suavemente os mamilos, uma sensação mais leve que o ar.

Tem soltou um gemido. Ela não conseguiu evitar. No instante em que o fez, Leo beliscou ambos os mamilos, prendendo-os entre os dedos. Tão rápido quanto o fez, ele os soltou. A súbita liberação a deixou sem fôlego.

Então ele fez isso de novo.

Não houve contato propriamente dito — pele com pele. Mesmo assim, o corpo inteiro de Tem estava em chamas, como se alguém tivesse ateado fogo aos seus ossos. Ela queria que ele rasgasse o vestido dela — queria que ele pressionasse os lábios contra seu pescoço e a fodesse contra a lareira.

"E se eu te pedisse um beijo agora mesmo?", murmurou ele. "Você deixaria?"

Ele estava tão perto que ela podia sentir o cheiro do seu perfume — tão perto que podia sentir o seu calor. "Leo", ela sussurrou. "Não podemos."

Ele não se mexeu. "Por que não?"

Tem fechou os olhos. Era demais. O cheiro dele, a pele dele, a presença dele. Estava ficando difícil se concentrar — *respirar.* Tem se lembrou do Frisky Sixty, quando tudo o que Leo queria era vê-la nua. Agora era Tem quem encarava os botões desabotoados da camisa dele, imaginando como seria rasgá-los com os dentes.

Ele tinha sido seu marido apenas algumas semanas atrás. O que havia de tão errado em tocar o homem que ela amava e permitir que ele a

tocasse de volta? Tem sabia que ele queria. Seu pulso pulsava em um ritmo errático. Ela podia *ouvir* o sangue pulsando em seu pênis, endurecendo-o. Ela queria aliviar aquela tensão — queria segurá-lo em suas mãos e acariciá-lo até que ele gozasse.

E por que não deveria? Evelyn não amava Leo como Tem o amava. Maximus havia confirmado isso. Tem fora quem sacrificara a própria felicidade pela dele. Tem merecia se dar ao luxo de se entregar a esse prazer. Mas não podia. Porque, no momento em que o fizesse, Caspen seria obrigado a matá-la. A situação estava fora de seu controle. Tem precisava sair daquele quarto.

Ela abriu os olhos. "Nós simplesmente não podemos."

O rosto de Leo escureceu. Ele baixou as mãos. Foi então que Tem percebeu o quão perto eles estavam. Seus corpos estavam quase se tocando; a cada respiração dele, seu peito se pressionava contra o dela.

“Então vá embora”, disse ele.

Tem não precisou que lhe dissessem duas vezes.

Por sorte, não havia ninguém no corredor. Ela voltou sozinha para as cavernas, pensando apenas no que acabara de acontecer. Ao chegar aos seus aposentos, a lareira estava acesa, mas Caspen ainda não havia sinal dele. Ele estava caçando, Tem supôs. Ou talvez estivesse em outro lugar. Será que ela realmente tinha o direito de se perguntar sobre o paradeiro dele quando ela mesma estivera isolada com Leo?

Tem se enroscou na cama.

Será que Leo estaria pensando nela esta noite, assim como ela certamente estaria pensando nele? Será que ele voltaria para o quarto, acordaria Evelyn e a foderia do jeito que queria foder Tem? Um ciúme brutal consumiu Tem ao pensar nisso. Era para ser ela naquele castelo. Era para serem *eles.* O que aconteceu na sala de estar não deveria ter acontecido — não era *permitido* que acontecesse. Mas uma parte de Tem — e ela sabia perfeitamente qual parte — estava profundamente excitada com aquilo. Uma parte dela desejava que tivessem ido ainda mais longe. Ela imaginava como deslizaria as palmas das mãos por baixo da camisa de Leo para tocar os músculos quentes do torso dele. Tem conseguia visualizar tudo vividamente — a sensação da pele dele contra a dela, o jeito que Leo murmuraria " *foda-se"* quando as mãos dela descessem mais, o gosto do sêmen dele na boca dela.

Um gemido escapou de seus lábios. Ela percebeu que estava se tocando, seus dedos deslizando. Ela sentiu os dedos deslizarem suavemente por sua umidade. Imaginou que fossem os dedos de Leo, ágeis e longos, levando-a ao orgasmo. Tem abriu as pernas. Imaginou Leo à sua frente, contemplando seu centro como se fosse a única coisa que importasse para ele. Suas mãos apertariam suas coxas, puxando-a para mais perto até que seus lábios tocassem sua pele.

Tem arqueou as costas, gemendo. Ela queria aquilo. Ela *o queria* . Fazia muito tempo desde que se tocaram de verdade. A anulação do casamento tinha acontecido semanas atrás, e aquele único toque de dedos mal a havia saciado desde então. Ela precisava de mais. Ela precisava de tudo.

Leo a lamberia até ela gozar. Depois, deslizaria o pênis para dentro dela e a foderia exatamente como quisesse. E Tem deixaria. Não havia nada que ela não o deixasse fazer — nenhuma parte dela era proibida para ele. Ela se entregaria completamente a ele e o reivindicaria em troca.

Seus dedos se moviam cada vez mais rápido. Tem sentia falta do jeito como ele falava com ela — ordenando que ficasse quieta, que se movesse, que fizesse o que ele mandava. Ela passou o polegar desesperadamente sobre o clitóris, enquanto a outra mão ia para os seios, beliscando os mamilos como Leo fazia. Mas não era o suficiente. Nunca seria. Um desejo animalesco a atravessou como uma lança. Ela estava de quatro, os dedos submersos até os nós, a pele úmida de suor. Imaginou Leo a possuindo por trás, as mãos agarrando seus quadris. Tem sabia que a visão seria irresistível, ela curvada só para ele. Leo merecia cada parte dela, e mais. Se ao menos ela pudesse dar a ele o que dava tão facilmente a Caspen. Se ao menos as coisas fossem diferentes.

Tem estava perto. Leo também estaria. Ele insistiria em esperá-la, querendo sentir o sêmen dela cobrir seu pênis antes de se entregar a ela. Ela sabia que ele a preencheria, sabia que ela estaria encharcada com o sêmen dele. Tem pensou em como ele ficava lindo quando gozava — como um anjo que ganhava vida. Seu salvador. Seu Leo.

Ali, sozinha em sua cama, o pensamento foi suficiente para fazê-la chegar ao clímax.

Capítulo Vinte e Quatro

Tem recuou com um suspiro.

Ela estava *dolorosamente* excitada. Na verdade, seu clímax não aliviou nada, apenas aumentou seu desejo por Leo. Mas não havia como tê-lo. Nenhuma solução para esse problema. Tem estava presa, como sempre estivera, só que agora as circunstâncias eram muito piores do que ela imaginava. Não havia saída. Ela precisava de uma distração.

Só havia mais uma pessoa que podia fornecer uma.

Certamente, não seria difícil encontrá-lo. Tem estendeu a mente, tateando em busca dele. Ele não estava por perto. Ela estendeu a mão ainda mais, determinada. Nada.

Ela estava quase desistindo quando a voz de Apolo surgiu de repente em sua mente:

Você me chamou, Temperance?

Agora que o havia encontrado, ela quase se arrependeu de ter entrado em contato. Mas Tem não estava mais interessada em reprimir suas necessidades. E certamente não queria mais se sentir sozinha. Apollo estava ali, e Caspen não, e Tem precisava desesperadamente conversar com alguém.

Sim.

É uma honra. O que posso fazer por você?

Estou entediado.

E você pensou em me contatar? Que lisonjeiro.

Tem revirou os olhos, mesmo estando sozinha. Apolo tinha esse efeito. *Não me faça me arrepender disso.*

E o que é isso exatamente?

É... Tem fez uma pausa. O que *era* aquilo, exatamente? Será que ela ia mesmo fazer aquilo com Apollo? Tem sabia o que queria dizer, mas

parecia impossível. Mesmo assim, ela continuou . *É uma proposta.*

Estou ouvindo.

Tem respirou fundo. Ela estava prestes a cruzar tantas linhas. Algumas impostas por Caspen e outras que ela mesma preferia não violar. Mas a alternativa era a estagnação, e isso era inaceitável para Tem. Ela não deixaria mais que as circunstâncias determinassem seu destino. Ela não podia ter Leo, mas podia ter isso.

Quero que você me ensine a petrificar.

Uma pausa.

Nesse instante, Tem começou a suar frio. Será que ela *realmente* tinha feito aquilo? Será que estava mesmo pedindo ao cunhado para lhe ensinar a única coisa que o marido se recusava a ensinar? Era inapropriado, no mínimo. Traição, no pior dos casos. Ela era uma traidora, violando a confiança de Caspen num ato de pura rebeldia. Mas Tem não aguentava mais ser a última a saber. Nunca lhe pareceu certo que todos soubessem petrificar e ela não. Era perigoso, até, que lhe faltasse essa habilidade fundamental. Caspen não lhe deixara escolha. Certamente ele sabia disso. Certamente ele entenderia.

Um instante depois, Apolo respondeu: *E quando você gostaria que eu lhe ensinasse?*

Agora mesmo.

Entendo. Infelizmente, estou bastante ocupado no momento.

Uma visão repentinamente inundou sua mente: Apolo, em sua cama, penetrando entre as pernas de uma basilisco fêmea. Tem recuou em choque.

Você está dormindo com alguém agora?

Dormir parece romântico. Eu chamaria isso de transar.

Não seja grosseiro.

O petróleo bruto é a minha especialidade.

Por que falar comigo se você está indisposto(a)?

Sou extraordinária em realizar várias tarefas ao mesmo tempo.

Você é nojento.

Isso é uma questão de opinião.

A visão se intensificou. Ela observou Apolo virar a mulher de bruços e penetrá-la por trás. A cena fez Tem sentir um calor insuportável. Era

um reflexo exato do que ela acabara de imaginar Leo fazendo com ela.

Você gosta disso, Temperance? De me ver transando com outra pessoa?

Ela não queria gostar. Mas gostou. *Não. Eu não gosto.*

Você é um péssimo mentiroso.

Você pode se concentrar, por favor? Você não respondeu à minha pergunta.

Eu não sabia que você tinha feito essa pergunta.

Perguntei se você me ensinaria a petrificar.

Você não pediu isso. Você me disse que queria que eu lhe ensinasse. Há uma diferença.

Tem fechou os olhos. Basiliscos eram simplesmente impossíveis. Apolo, ainda mais. Havia momentos, como aquele que ela estava vivenciando agora, que a faziam querer desistir de tudo. *Quase não há diferença, e você sabe disso.*

Talvez. Mas se eu for lhe conceder esse favor que você tanto deseja, gostaria de ouvi-la pedir da maneira correta.

Agora Apollo a provocava, forçando Tem a implorar do jeito que ela sabia que ele queria.

Como ela não respondeu, ele disse: " *Tenho a noite toda, Temperance."*

Tem sabia muito bem disso. Não faltavam mulheres para Apollo transar. Ele estaria ocupado até que ela apresentasse um motivo para que ele parasse. Normalmente, ela jamais cederia a um pedido desses. Mas ela precisava disso.

Você me ensinará como petrificar?

Só se você disser "por favor".

Tem resistiu à vontade de vomitar. *Ensina-me, Apolo. Por favor.*

Houve um longo silêncio durante o qual Tem presenciou os momentos finais do ato sexual de Apolo. Ela observou a mulher chegar ao clímax, e Apolo também, retirando-se e ejaculando em suas costas, espalhando gotas brilhantes de seu sêmen pela curvatura esculpida de sua coluna.

Você é um porco.

Um porco que está prestes a te ensinar como petrificar. Você deveria me agradecer.

Agradecerei assim que tiver aprendido algo.

É para mim a maior honra poder educá-la, Temperance.

Diga mais uma coisa que eu não goste e eu revogo esta oportunidade.

Ela sentiu a diversão dele mesmo através da névoa do orgasmo. *Encontre-me lá fora. E não use roupa nenhuma.*

A conexão deles foi encerrada.

Tem sentou-se na cama, paralisada, processando o que acabara de acontecer. Só agora se lembrou de que a petrificação só podia ocorrer quando um basilisco assumia sua verdadeira forma. O próprio Caspen lhe dissera isso. Tem lembrou-se de uma de suas primeiras conversas:

Meu olhar não é letal quando assumo minha forma humana.

Tem precisaria passar pela transição para se petrificar. Ao pensar nisso, um nó de ansiedade se apertou em seu estômago. Seu pai havia dito que só pioraria, que até que ela consumasse o brasão, sua capacidade de transição se deterioraria. E se ela já estivesse perdida demais? E se ela não conseguisse se petrificar de jeito nenhum?

Não importava. Ela tinha que tentar.

Tem já estava nua, então não precisava tirar nada antes de sair. O ar gelado da noite imediatamente lhe causou arrepios. Era completamente antinatural estar nua daquele jeito ao ar livre. Tem não conseguia parar de pensar no que aconteceria se alguém a visse agora. Ela batia o pé enquanto esperava, com os braços cruzados em desafio. Apollo estava demorando uma eternidade; talvez ele tivesse decidido transar com aquela mulher de novo. Tem estava prestes a voltar para dentro quando, de repente, Apollo apareceu. da caverna. Mesmo na escuridão, sua beleza a impressionou. Ela fitou seus ombros esculpidos, o suor ainda secando em sua pele.

“Você veio”, disse ele ao se aproximar.

Tem bufou. " *Você* veio. Eu vi, lembra?"

"Sim", disse ele, com um sorriso nos lábios. "Eu me lembro."

Da última vez que estiveram frente a frente, Caspen ordenou que se beijassem. Tem se perguntou se Apollo estaria pensando nisso agora. Ela estudou os lábios carnudos dele, imaginando-os nos seus. Tem já havia ficado nua perto de Apollo antes, mas de alguma forma, desta vez era diferente. Agora estavam sozinhos, ao ar livre, e Tem estava achando difícil se concentrar em qualquer coisa além de quão perfeito era o corpo dele.

Não precisa ter vergonha, Tem. Fique à vontade para olhar.

Não quero olhar.

Mentira.

Ela revirou os olhos.

Você também pode tocar, se desejar.

Não quero tocar em nenhum dos dois.

Outra mentira.

Era um protesto vazio. Ele estava dentro da mente dela e sabia exatamente o quanto ela queria tocá-lo. Para piorar a situação, ele também queria tocá-la. Tem podia sentir o olhar faminto dele percorrendo seu corpo, demorando-se em seus quadris, sua cintura, seus seios. Havia uma urgência animalesca em seu olhar. Era diferente de quando um homem humano a olhava — diferente de Leo. Os basiliscos eram mais implacáveis em sua perseguição, mais honestos em suas intenções. Era algo com que Tem já deveria estar acostumada. Mas não estava.

“Pare de me olhar assim”, disse ela em voz alta.

Apolo sorriu, exibindo seus dentes brilhantes. "Como o quê, Temperança?"

“Como se você quisesse transar comigo.”

Seu sorriso se alargou. "Não sei como olhar para você de outra forma."

Tem olhava fixamente para as estrelas — para qualquer lugar, menos para Apolo.

“Você está bem na minha frente”, continuou ele suavemente, com um tom de divertimento na voz. “Para onde mais você gostaria que eu olhasse?”

“O chão. O céu. Qualquer lugar.”

“Essas não são nem de longe tão deliciosas quanto você.”

Tem se arrepiou, pronto para insultá-lo novamente. "Por que você tem que ser tão—"

Mas Apolo pressionou um único dedo contra os lábios dela, interrompendo-a. Ficaram ali em silêncio, apenas o murmúrio da floresta ao redor. Tem queria se afastar. De verdade. Mas o dedo dele estava quente e macio em sua boca, e ela se viu... Ela se inclinou para

frente, pressionando ainda mais a carne carnuda dos lábios contra a pele dele. Apolo sorriu ainda mais.

O que lhe vem à mente, Temperance?

Você sabe o que está passando pela minha cabeça.

Sim. Mas eu gostaria de ouvir você dizer isso.

Tem suspirou. Ele não ia facilitar as coisas para ela. Iria fazê-la admitir, cara a cara, que o queria. Era um jogo antigo, e um que ela já havia jogado antes. Tem conhecia bem a luta pelo poder, a forma como a vantagem podia mudar de uma pessoa para outra num piscar de olhos. Ele se aproximou, diminuindo a distância entre eles. Ele era tão alto. Tem esticou o pescoço para olhá-lo.

Diga-me, Temperança.

Sua presença sondava a mente dela, infiltrando-se entre as camadas de sua consciência e se instalando na base de seu pescoço. Era como se ele estivesse segurando a cabeça dela contra a sua.

Tem ainda não respondia. Estava ocupada demais se acostumando com a proximidade dele, com a intensidade da presença dele a poucos centímetros do seu rosto. Ele cheirava a fumaça, como todos os basiliscos. Mas havia um toque de algo mais no aroma de Apolo — algo fresco, como a floresta. Ele cheirava a madeira, a árvores. Era inebriante, e Tem mal conseguia conter a vontade de encostar o nariz no peito dele e inalar seu perfume. Ao pensar nisso, uma onda de desejo o atingiu em cheio. Apolo a queria. Mas, mais do que isso, ele queria que *ela o* desejasse . Tem entendia a diferença. Não bastava que Apolo apenas dormisse com ela. Ele precisava que Tem tomasse a iniciativa — que *desejasse* tanto quanto ele. Ela sentiu o desejo dele por ela crescer a cada instante em que permaneciam ali, se encarando. Quase se perguntou se havia um limite para aquilo.

Era diferente do desejo de Caspen. O dele era permeado de emoção: sentimentos profundos e íntimos, e carinho. O de Apollo era animalesco, beirando o predatório. Ele queria *dominá*- la, possuí-la — tomá - la. O sexo com Apollo não seria gentil. Não seria amoroso nem íntimo. Seria bruto, cru e turbulento, e Tem não tinha certeza se sobreviveria.

Foi, no mínimo, intrigante.

Tem ainda não havia respondido à pergunta dele. Apollo ainda não havia se aproximado. Estavam num impasse, e Tem sabia que dependia

dela quebrá-lo. Mas será que ela queria mesmo? Caspen havia deixado claro que permitiria isso. Praticamente o incentivara. Mas os homens eram criaturas engraçadas e, como Adelaide dissera, eram estúpidos. Apollo detinha o poder naquele momento. Mas Tem sabia que, se dissesse exatamente a coisa certa, poderia tomá-lo dele.

Quero que você me ensine a petrificar.

Seus olhos se estreitaram. *Acho que você quer outra coisa.*

Bem, eu não.

Você fica delicioso quando está em negação.

O feitiço foi quebrado. Tem se desvencilhou bruscamente. "Podemos logo continuar com isso? Não tenho a noite toda."

Ele riu.

“Me perdoe. Eu não sabia que você tinha um compromisso.”

Tem não tinha para onde ir nem nada para fazer além daquilo. Mas, em vez de admitir, cruzou os braços e o encarou com raiva. O sorriso de Apolo ainda estava divertido quando ele apontou com a cabeça para a floresta.

“Sigam-me”, disse ele.

Tem fez isso.

Caminhavam devagar. Apolo ajustou o passo para acompanhar o dela, esperando pacientemente enquanto ela percorria a trilha acidentada com os pés descalços e passos mais curtos. Ao atravessarem o muro, Tem lançou um olhar na direção da casa de sua infância, mas desviou o olhar rapidamente. Estavam indo para o outro lado da cidade, em direção a um campo extenso. A noite estava fria; a respiração de Tem cristalizou-se diante dela.

"Se eu soubesse que íamos andar tanto, teria vestido roupas", resmungou ela.

Apolo soltou uma risada suave. "Mas aí você não estaria nu."

“Isso é ridículo. Qualquer um poderia nos ver.”

“Ainda falta uma hora para o amanhecer, Temperance. E estamos no meio de um campo.”

Ele tinha razão. Mas mesmo assim. "Meus pés estão gelados", resmungou ela.

“Então aqueça-os.”

"Como?"

Para sua surpresa, Apolo parou. Ele se virou para encará-la. "Meu irmão não te ensinou como fazer isso?"

“Como fazer o quê?”

“Todos os basiliscos têm a capacidade de regular a sua temperatura. Você é um híbrido, o que significa que também deveria ser capaz disso.”

Tem franziu a testa. Caspen certamente não lhe ensinara aquilo. Embora, para ser justa, houvesse muitas coisas que ele não lhe ensinara. Sua resistência em ensiná-la era exatamente o motivo pelo qual ela estava ali com Apollo. Ela não se surpreendeu que houvesse outros segredos que ele tivesse escondido.

“Como faço isso?”

“Você pode usar sua mente”—ele tocou levemente a ponta do dedo na têmpora dela, e Tem tentou ignorar sua proximidade—“para direcionar o fluxo sanguíneo em seu corpo”.

Tem mal estava prestando atenção. Ele estava *muito perto dela.*

"Como?", ela sussurrou.

“Posso te mostrar, se você quiser.”

Tem assentiu com a cabeça. Ela não podia fazer mais nada.

A mão de Apolo moveu-se para acariciar o rosto dela, a palma da mão envolvendo sua bochecha. Ela sentiu a presença dele invadir sua mente e a acolheu.

O calor se origina no coração. Ele viaja com o sangue. Concentre-se nas batidas do seu coração e você deverá conseguir senti-lo.

Tem tentou fazer o que ele disse, mas era difícil quando seu coração batia tão forte que ela quase conseguia ouvi-lo.

Foco, temperança.

Ele bem que poderia ter pedido para ela dar uma cambalhota. A última coisa que Tem conseguia fazer agora era se concentrar. Ela ainda estava com frio. O único calor que sentia era o de Apolo, e isso a estava enlouquecendo. Seus instintos de basilisco gritavam para que ela desse um passo à frente — para beijá-lo e mais um pouco. Mas ela não podia fazer isso. Não esta noite. Esta noite, Tem estava ali apenas para aprender.

Então ela fechou os olhos e se concentrou. Apolo estava certo; quando ela ouvia as batidas do coração, conseguia *ouvir* para onde o sangue estava fluindo. A partir daí, bastava um esforço surpreendentemente mínimo para direcioná-lo para onde precisava.

Um calor emanava do peito de Tem. Ela podia senti-lo percorrendo sua corrente sanguínea, espalhando-se por todo o corpo. Quando alcançou seus membros, ela suspirou. Seus dedos não estavam mais dormentes; ela conseguia mover os dedos dos pés novamente. O calor a percorria por completo — *cada* parte — até o seu centro. Tem não estava mais apenas se aquecendo. Ela estava se excitando.

Seu rosto ficou vermelho; ela ofegou em busca de ar.

A voz de Apolo chegou aos seus ouvidos, fraca. *Você está tão linda assim.*

De repente, ela se perguntou se era por *isso* que Caspen conseguia ter uma ereção novamente poucos instantes depois de ejacular. Se os basiliscos conseguiam controlar o fluxo sanguíneo, certamente também conseguiam controlar suas ereções. Era algo maravilhoso.

Tem abriu os olhos e viu Apolo olhando para ela.

O pênis dele estava tentadoramente ereto — uma ponte entre eles. Agora que Tem sabia que ele o havia provocado daquela forma, era ainda mais tentador recompensá-lo por isso. O calor estava por toda parte — fluindo sob sua pele a cada batida do seu coração — percorrendo cada centímetro do seu corpo. Seus seios estavam sensíveis; seu clitóris pulsava. Tem imaginou, por um instante, como seria ser tocada naquele momento. Ela não conseguia nem conceber o prazer.

Basta pedir, Temperança.

Tem balançou a cabeça negativamente.

Não.

E por que não? Você transou com o nosso pai, não transou?

Isso foi diferente.

Como assim?

Eu tive que transar com ele.

Você fez?

Sim. Senão eu não poderia ficar com o Caspen.

Entendo. Mas você gostou.

Tem balançou a cabeça novamente, tentando clarear os pensamentos. Foi inútil. *Como você sabe que eu gostei?*

Seus pensamentos estão bastante ruidosos neste momento.

A lembrança do ritual a invadiu como uma onda brutal, exacerbando os sentimentos que ela já experimentava. O altar. O Rei Serpente. A forma como o corpo de Bastian estava rígido sob o dela, como ele a preenchera quase além do que ela podia suportar. Tudo se repetia em sua mente; ela se lembrava do calor que sentira ao ver o corpo nu de Bastian — não muito diferente do calor que sentia agora — de como ela o havia recebido tão bem.

Não tenho dúvida de que você aceitaria a minha da mesma forma.

Acho que você nunca vai saber.

Apolo simplesmente riu. Depois, virou-se.

Tem ficou parada por um instante, apreciando o calor, antes de seguilo. Minutos se passaram. Agora que estava aquecida, a caminhada era suportável, mas o silêncio não. Então ela perguntou: "Afinal, para onde estamos indo?"

Os olhos escuros de Apolo se voltaram para os dela. "Vamos encontrar alguém para petrificar."

“Eu sei disso. Mas precisamos ir tão *longe* ?”

Os cantos da boca de Apolo se enrugaram. "Tão impaciente."

Tem revirou os olhos. "Cala a boca."

Apolo soltou uma gargalhada estridente. "Ninguém nunca me mandou calar a boca antes."

"Acho isso extremamente difícil de acreditar."

Ele deu de ombros. "A maioria me considera um bom conversador."

“A maioria está errada.”

Apolo apenas riu novamente.

“Apolo, espere.” Tem segurou o braço dele, e ele parou. “Eu…” Mas ela parou de falar. Ela esperava que o medo que a incomodava no estômago já tivesse desaparecido, mas não tinha.

“Não quero matar ninguém.”

Apolo ergueu uma sobrancelha. "Entendo. Nesse caso, levarei você de volta à montanha."

"Não." Ela balançou a cabeça. "Quero aprender a petrificar. Só que... não quero matar ninguém." inocente."

Apolo deu um pequeno passo em sua direção. Sua respiração se misturou à dela. "A inocência não é um elemento mensurável, Temperança."

“Eu sei. Mas não podemos escolher alguém que mereça morrer?”

Apolo inclinou a cabeça. "Como assim?"

“Não sei. Uma pessoa má.”

“E como você determinaria que alguém é uma pessoa má?”

Tem suspirou. Ela imaginou que não havia realmente como determinar isso. Para falar a verdade, ela não havia pensado bem nessa parte. Era verdade que ela queria aprender a petrificar, mas não havia pensado em *quem* petrificaria. Se Jonathan ou Christopher ainda estivessem vivos, ela poderia tê-los indicado. Maximus era a única outra pessoa má que ela conhecia, e ele estava isolado na masmorra, sua prisão já era punição suficiente.

"Não sei", disse ela novamente. "Mas deve haver um jeito."

Apolo a observou. "Entendo o que Caspenon quis dizer."

"Com licença?"

“Ele me disse que você era sensível.”

" *Confidencial?* "

Apolo ergueu a mão. "Por favor, não se ofenda", disse ele, e a sinceridade em seu tom a surpreendeu. "Eu sei que você é parcialmente humana. Entendo que seja importante para você que sua espécie não sofra."

Diante do silêncio dela, Apolo aproximou-se ainda mais.

“Não posso garantir que eles mereçam. Mas, se isso te tranquilizar, escolheremos alguém que estaria melhor morto.”

Como ela continuou sem responder, ele suspirou.

"Temperança", disse Apolo em voz baixa. "Você pode confiar em mim."

Eram palavras vazias. O que era confiança diante da incerteza absoluta? Tem não confiava em Apolo. E certamente não confiava em si mesma. Seu lado basilisco não tinha escrúpulos com o que estavam prestes a fazer. Mas seu lado humano estava horrorizado. Ela estava ali

por necessidade — por alguma necessidade latente de... o quê? Provar que era capaz? Provar para quem? Tem era a única que se cobrava tanto. Era apenas com seu próprio julgamento que ela se guiava. O próprio Caspen deixara claro que jamais quisera que ela petrificasse alguém. Ela estava ali por vontade própria.

Isso significava que ela estava disposta a se tornar uma assassina? Era difícil ver de outra forma. Era fácil pensar em petrificação de forma abstrata — imaginar vagamente como seria transformar alguém em pedra. Mas isso era real. Tem estava prestes a tirar uma vida voluntariamente — uma vida que não precisava ser tirada. Todas as escolhas que ela fizera até então tinham sido para evitar derramamento de sangue, para impedir a morte. Agora ela estava escolhendo matar. O que isso dizia sobre ela?

"Tudo bem", disse Tem. Ela parecia não conseguir fazer mais nada.

Eles continuaram caminhando em silêncio. Finalmente, uma estrutura surgiu à distância: um muro baixo de tijolos com uma casa de campo dilapidada logo além. Quando chegaram ao muro, Apolo fez um gesto com a mão. "Depois de vocês."

Tem revirou os olhos, sabendo muito bem que ele só queria vê-la escalar o muro para poder admirar sua bunda. Mas, naquele momento, ela não se importava nem um pouco.

A casa estava caindo aos pedaços; Tem não conseguia imaginar ninguém morando ali. À direita, havia um galinheiro. Quase não havia galinhas lá dentro, mas a visão ainda a fez estremecer.

"Por que aqui?", ela sussurrou. Por algum motivo, sentiu que precisava ficar em silêncio.

“Seu ocupante está morrendo.”

“Como você sabe disso?”

“Eu consigo perceber.”

“Mas *como* ?”

Apolo suspirou. Olhou para ela. "Entendo por que meu irmão não quis te ensinar a petrificar. Você é extraordinariamente impaciente."

Tem sorriu. Esses homens sempre tentavam lhe ensinar paciência. Era uma habilidade que ela não tinha o menor interesse em aprender, e se Caspen não tivesse conseguido fazê-la dominá-la, Apollo certamente também não conseguiria. "Ele gosta da minha impaciência."

“Isso eu não consigo compreender.”

Ela deu de ombros. "Ele gosta de outras coisas também."

Apolo deu um sorriso irônico. "Agora isso eu *consigo* entender."

Tem franziu os lábios. Ela não se deixaria levar pela tentação de flertar.

“A impaciência é uma característica irritante”, continuou Apolo, com leveza. “Só de pensar no trabalho que deve ter sido treiná-lo, me dá arrepios.”

Tem revirou os olhos. "Talvez eu já soubesse tudo o que havia para saber antes de conhecer Caspen."

Os cantos da boca de Apolo se curvaram num sorriso irônico. "Ora, ora, Temperança. Não minta. Seu coração a trai."

Tem suspirou. Ela nunca conseguia se safar de nada com os basiliscos. Não sabia por que se importava, afinal. Mas, por algum motivo, não queria que Apolo a considerasse inexperiente. Queria que ele a visse como sua igual.

“Não há vergonha nenhuma em ser virgem”, disse Apolo. “Até eu já fui um.”

Tem franziu os lábios. Apolo tinha razão, é claro.

Mas ser virgem tinha sido a sua maior angústia por tanto tempo que era difícil para ela se libertar dessa mentalidade. As provocações cruéis de Vera ainda a assombravam. Tem levou muito tempo para superar os sentimentos de inadequação que a atormentaram durante toda a infância, e agora que era objeto do desejo sexual de Apolo, detestava a ideia de que ele soubesse como ela costumava ser. De certa forma, era uma vitória fazer com que alguém como ele a desejasse. Uma vitória que ela saboreava.

"Não tenho vergonha", disse Tem, em tom seco.

Ela não tinha dúvidas de que ele também perceberia que aquilo era mentira. Mas, por misericórdia, Apolo não revidou. Em vez disso, disse: “Para responder à sua pergunta, consigo sentir o cheiro da decomposição. O corpo deles já sucumbiu. É apenas a mente que os mantém aqui. Feche os olhos.”

"Por que?"

Um suspiro. "Você precisa questionar absolutamente tudo o que eu digo?"

"Sim."

Outro suspiro. "Se você fechar os olhos, seus outros sentidos ficarão mais aguçados. Você sentirá o cheiro do que eu sinto."

Relutantemente, Tem fechou os olhos. A princípio, sentiu apenas o cheiro familiar de fumaça na pele de Apollo. Então, algo mais começou a surgir: algo *sombrio* . Decadência.

A morte já batia à porta; Tem podia senti-la, tal como Apolo. Ela sentia também algo mais: sofrimento. Podia *ouvir* o humano lá dentro: um velho. O sangue corria lentamente pelas suas veias, coagulando. Os seus pulmões estavam corroídos; cada respiração causava-lhe uma dor excruciante. O seu coração trabalhava muito mais do que devia para o manter vivo — um sinal de mortalidade, uma ode inegável à fragilidade humana. Tem não conseguia imaginar toda aquela musculatura e sangue a transformarem-se em pedra. Abriu os olhos.

“Como funciona a petrificação?”

“É uma questão de transferência”, disse Apolo. “Quando tomamos a força vital deles, isso nos fortalece. Em contrapartida, eles perdem a carne que os mantém ligados à vida. Eles se transformam em pedra.”

"Transferência", Tem repetiu baixinho. Não era uma palavra que ela tivesse ouvido antes.

“O poder virá daqui”—Apolo colocou a palma da mão sobre o esterno dela, logo acima dos seios, e ela sentiu um calor repentino ainda maior —“do seu coração. Você deve extraí-lo da parte mais profunda de você.”

" *Puxar* ?"

“Sim. A capacidade de petrificar já está dentro de você. Você só precisa usá-la.”

Nada daquilo fazia muito sentido para Tem. Ela estava ficando impaciente novamente. "Mas *como* eu o manipulo?"

“Primeiro você precisa fazer a transição.”

Tem não ficou surpresa; ela já esperava por isso. Mesmo assim, ficou nervosa. Certamente, Apolo a julgaria se ela não conseguisse se transformar. Ou pior — ele saberia por que seu corpo a estava traindo.

“E depois?”

“E então eu te guiarei pelo resto do caminho.”

Tem assentiu com a cabeça. Ela não podia fazer muito mais. Seu estômago estava se contorcendo rapidamente, formando um nó.

“Você ainda deseja prosseguir?”, perguntou Apolo.

Tem hesitou. Ela estava grata por ele tê-la trazido até ali, até aquele homem moribundo, onde a petrificação seria uma bênção em vez de uma maldição. Mas Caspen tinha razão: tirar uma vida era uma coisa terrível.

"Isso os machuca?", perguntou ela.

Apolo deu de ombros. "Para falar a verdade, eu não sei."

Tem pensou em Jonathan e Christopher. Ela não se importaria se eles tivessem sofrido. Mas ela não queria que aquele velho sofresse. Ela queria trazer-lhe paz e fazê-lo o mais rápido possível.

“Você ainda deseja prosseguir?”, perguntou ele novamente.

Dessa vez, Tem não hesitou. "Sim."

Se fosse qualquer outra pessoa na cabana, ela poderia ter dito não. Mas a predadora dentro dela sabia que aquela pessoa estava além da vida — que já estava praticamente morta — que o que ela e Apolo estavam prestes a fazer não lhe roubaria nada que já não estivesse perdido.

Apolo acenou com a cabeça na direção do galinheiro. "Ele sairá para alimentá-las ao amanhecer. É nessa hora que atacaremos."

Tem assentiu também. Ela conhecia bem a rotina de alimentação das galinhas. O céu já começava a clarear; o amanhecer não estava longe. Eles ficaram juntos, Tem observando a cabana e Apolo observando-a. Se Tem não estivesse acostumada a ver uma profusão de corpos nus sob a montanha, teria sido praticamente impossível não olhá-lo também. Mas semanas de exposição a haviam treinado para isso e, com muita força de vontade, ela desviou o olhar do pênis dele. Apolo, por outro lado, não tinha essa disciplina. Ele a encarava abertamente, sem pudor, e mesmo quando o sol nasceu e salpicou a grama com tons dourados, seu olhar não vacilou. Foi somente quando a porta da cabana se abriu que ele finalmente desviou o olhar dela para observar o homem que emergiu.

Ele estava quase curvado. Eles o observaram enquanto ele mancava em direção ao galinheiro, os ombros encolhidos contra o frio da manhã. Ele não olhou para cima — Tem não tinha certeza se ele os teria visto mesmo se tivesse olhado. Seus olhos eram buracos fundos. Ela podia *sentir o cheiro* da sua idade. Seus órgãos estavam apodrecendo, seu corpo não passava do vestígio de uma vida já vivida. Sua pele era fina

como papel, drapeada sobre os ossos como um lençol gasto. Quando ele chegou ao galinheiro, parou. Tem se endireitou, e Apollo também.

Espere.

Tem esperou.

Eles observaram o homem se atrapalhar com a trava antes de alcançar a pá de ração. Suas mãos tremiam tanto que ele mal conseguia segurar o cabo. Uma grande onda de tristeza tomou conta de Tem, substituída quase imediatamente por uma sensação de resolução. Era verdade que estavam tirando a vida dele. Mas também estavam lhe fazendo um favor. Ninguém merecia viver assim.

O homem ainda lutava com a pá. Seus dedos estavam inchados e nodosos — provavelmente artrite, e certamente doloridos. Só quando finalmente conseguiu segurá-la com firmeza e voltou sua atenção para as galinhas, Apolo disse: *Feche os olhos, Tem.*

Tem fechou os olhos. No instante em que obedeceu à ordem dele, a presença de Apolo cresceu em sua mente.

Faça a transição agora.

Tem tentou fazer o que ele disse, buscando dentro de si aquilo que ansiava por se libertar. Mas foi inútil. Ela sentiu a familiar sensação de aperto — a mesma coisa que acontecia todos os dias desde o casamento. Tem desejou poder se proteger de Apolo. Caspen nunca a julgou quando ela chegou a essa etapa final e importante. Agora, com Apolo, Tem não sentia nada além de constrangimento. Ela era uma Híbrida — deveria ser a criatura mais poderosa sob a montanha. E, no entanto, ali estava ela, incapaz de fazer essa coisa tão básica, impotente.

Apolo estava dentro da mente dela, e ela podia sentir a reação dele. Ao contrário da diversão ou até mesmo da crueldade que ela esperava, ele sentiu apenas uma suave compaixão e uma grande compreensão.

Você deseja que eu lhe ajude?

Eu não preciso da sua ajuda.

Você não pode acessar seu poder. Eu posso acessá-lo por você, se desejar. Tenho sua permissão para isso? Ele estava pedindo para fazer a mesma coisa que Caspen já havia feito muitas vezes.

Ótimo. Faça isso.

Com prazer.

Tem arquejou quando a presença de Apolo se intensificou, seu domínio sobre ela — tanto mental quanto físico — apertando-a impiedosamente. Uma forte sensação de puxão começou a se formar em seu peito. Era uma sensação familiar; ela já a sentira antes com Caspen. Mas desta vez, Tem resistia. Ela não conseguia evitar. Não queria que Apolo a visse assim, lutando e incapaz, como uma criança precisando de ajuda.

A voz dele ecoou em sua mente: *Relaxa.*

Estou tentando.

Aparentemente, não é muito difícil.

Você disse que me ajudaria.

Não posso te ajudar a menos que você relaxe.

A repreensão dele lhe pareceu tão familiar que ela imediatamente se lembrou do treinamento que fizera com ele. Caspen. Os irmãos tinham o mesmo jeito de falar — calmamente, com pouca inflexão, como se o que estivesse acontecendo não lhes dissesse respeito. Tem sempre fora o oposto: impaciente, inquieta, falível. Nunca parecia haver tempo suficiente para fazer o que queria, para aprender o que queria aprender.

Deixe-me ajudá-la, Temperance.

Era a última coisa que ela queria fazer. Mas Tem estava à mercê de Apolo. Ela não conseguiria fazer isso sozinha. Finalmente, Tem relaxou. Ela se entregou a ele, permitindo que Apolo fizesse o que apenas Caspen havia feito, deixando-o entrar completamente em sua mente para que ele pudesse se unir à sua. Um puxão inconfundível rasgou o centro de seu peito, como se Apolo estivesse tirando algo sólido dela. Era semelhante à sensação de minutos atrás, quando ele a ensinou a se aquecer. Mas, em vez de controlar seu sangue, ele estava controlando seu poder e, finalmente, ela se transformou.

Tem suspirou aliviada ao ver seu lado basilisco emergir, abrindo caminho até a superfície, envolvendo primeiro sua mente e depois seu corpo. Tudo estava mais leve. Tudo estava *melhor.* Ela não passava por essa transição há tanto tempo — era pura felicidade poder assumir sua verdadeira forma mais uma vez.

Abra os olhos.

Tem fez isso.

Ver através dos olhos de uma cobra era uma experiência singular. Certas coisas se destacavam: os movimentos bruscos das galinhas, a pulsação fraca no pescoço do homem. Outras coisas passavam despercebidas, como as cores. Tudo era em tons de verde-azulado; o sol parecia nascer debaixo d'água. Tem virou a cabeça para olhar para Apolo. Era a primeira vez que o via em sua verdadeira forma, e ele era irritantemente belo. Suas escamas eram mais escuras que as de Caspen, entremeadas por veios de um azul profundo que refletiam o amanhecer que se intensificava. Apolo também a olhou, e ela se pegou desejando que ele gostasse do que via. Um leve divertimento passou de sua mente para a dela, e ela sabia que sim.

Então Apolo disse: *Você está pronto?*

Sim.

Juntos, eles ultrapassaram o muro.

A transição entre eles fora silenciosa, e o homem ainda não havia levantado o olhar. Apolo emitiu uma vibração à medida que se aproximavam, um chamado de predador. O homem a sentiria, assim como qualquer humano sente quando alguém está atrás de si. E, de fato, assim que se aproximaram, ele se virou. Os olhos do homem se arregalaram. Estavam turvos de branco — ele era quase cego —, mas o medo neles era inconfundível. Ao lado dela, Tem podia sentir algo acontecendo. Apolo estava reunindo energia, cristalizando sua força em um único feixe de luz.

Concentre-se no coração dele.

Tem fez como ele disse, concentrando-se no coração do homem, que batia forte. Ela se sentia como se estivesse em transe. Havia tanta coisa acontecendo, e ao mesmo tempo, nada. O homem não estava correndo — ele simplesmente estava parado ali, congelado, um alvo fácil e vulnerável. Eles tinham todo o tempo do mundo para fazer aquilo, mas o tempo não funcionava mais como deveria.

E agora?

Agora vamos pegar.

Capítulo Vinte e Cinco

Ele não especificou o que eles estavam tomando. Não precisava.

O corpo de Apolo ondulou, depois ficou tenso. Tem imitou o movimento, preparando-se para um esforço. Em vez disso, a mente dele acolheu a dela.

"Tome" , disse Apolo novamente.

Tem apalpou o coração do homem, concentrando-se em suas batidas erráticas, seus olhos fixos nos dele. A predadora dentro dela reconheceu que havia vencido — que sua presa estava encurralada e o homem já havia se rendido. Era hora, enfim, de tomar.

Ótimo, Temperance. Continue assim.

Tem continuou, puxando a força vital do homem em sua direção, observando-a escorrer dele como água de uma esponja. A petrificação não foi imediata, como Tem imaginara. Em vez disso, a rigidez se espalhou lentamente pelo fazendeiro, endurecendo primeiro as pontas dos dedos nodosos, antes de atingir seus pulsos e desaparecer nas mangas de sua jaqueta. Ele não parecia sentir dor, e Tem se lembrou de como Apolo não sabia se aquilo os machucava. Ela torcia para que não.

O sangue calcificou. A pele transformou-se em pedra.

A última coisa a mudar foram os olhos dele. Ela observou enquanto suas pupilas brancas e leitosas se tornavam cinzentas. No instante em que isso aconteceu, uma grande onda de poder a atingiu em cheio. Era demais para uma pessoa só suportar; ela foi esmagada sob seu peso.

A voz de Apolo chegou até ela: *Controle-se, Temperança.*

Mas Tem mal conseguia se manter em pé. Ela não estava acostumada a estar em sua verdadeira forma; não tinha controle como serpente. Sua pele estava coberta por milhares de aranhas, sua coluna vertebral inteira se contorcia e tremia. Apolo estava ao seu lado instantaneamente, puxando-a de volta para cima do muro. No momento

em que Tem retornou completamente à sua forma humana, ela gritou. Seu rosto estava corado, seus mamilos arrepiados. Tem sabia, sem se tocar, que estava molhada entre as pernas. A sensação era debilitante — correntes pulsantes de eletricidade percorriam seu centro, excitando-a a ponto de causar dor.

"Por que—" ela gaguejou, tentando recuperar o fôlego. "Por que me sinto tão—?"

"Excitada?" Apollo também estava retornando à sua forma humana. Ele respirava tão ofegantemente quanto ela, com uma leve camada de suor brilhando em seu peito.

"Sim", Tem ofegou. Ela estava *tão* excitada. O desejo a consumia como uma fera selvagem, apertando-a profundamente. Estrelas dançavam em sua visão. A proximidade de Apolo não ajudava; ela podia ouvir cada gota de sangue correndo para o pênis dele, endurecendo-o. Os pulmões de Tem se contraíram rapidamente, sua respiração vindo em suspiros desesperados. "Apolo, o que está acontecendo comigo?"

Suas mãos estavam em sua cintura, mantendo-a ereta. "Você está sentindo os efeitos da petrificação. É preciso uma quantidade extraordinária de poder para tirar uma vida. O poder é um afrodisíaco para os basiliscos."

"Mas *por que* ?"

“Como eu poderia saber? É simplesmente assim que somos feitos.”

Nós. Tem era um deles — agora mais do que nunca.

E como uma deles, ela foi profundamente afetada pelo que acabara de acontecer. Seu corpo inteiro parecia quente e maleável, como se ela o tivesse esticado vigorosamente. Ela desejava desesperadamente fazer sexo. *Precisava* fazer sexo. Estava tão excitada que mal conseguia pensar direito, e na névoa sufocante do desejo, colocou a palma da mão espalmada no peito de Apolo. Com o contato, as sobrancelhas dele se ergueram imediatamente. Por uma fração de segundo, nenhum dos dois se moveu. Então ele colocou a mão sobre a dela, mantendo-as juntas.

Há algo que lhe preocupa, Temperance?

Tem o encarou com raiva. Ele sabia perfeitamente o que se passava na cabeça dela. Afinal, ele estava *dentro* da mente dela, pelo amor de Kora.

Você preferiria que eu estivesse dentro da sua vagina?

Tem corou.

Ela não deveria preferir isso. No entanto, não tentou se afastar — não fez o menor esforço para se libertar de seu aperto. Em vez disso, observou como a luz do sol nascente incidia sobre os ombros de Apolo, banhando-o em um brilho alaranjado e quente. Ele a olhava calmamente, com o pênis completamente ereto, pressionando contra suas coxas.

“Vamos?”, perguntou ele.

“Vamos fazer o quê?”

“Faça sexo. Obviamente você quer.”

“Obviamente que *não.* ”

Apolo apenas riu. "Você é uma péssima mentirosa, Temperança."

Isso não era uma preocupação de Tem naquele momento. Naquele momento, ela lutava para se manter de pé — até mesmo se apoiar em Apolo exigia um esforço enorme. Ela estava tão, *tão* excitada. Tudo em que conseguia pensar era sexo. Sexo com Apolo, sexo com Leão — não importava quem. O ar ao seu redor parecia vibrar de antecipação. Era insuportável.

“É costume, sabe?” A voz de Apolo chegou até ela através da névoa.

"O que é?"

“Fazer sexo após a petrificação.”

Ela mal conseguia ouvi-lo.

“Na verdade, é necessário.”

"Obrigatório?"

“Bem, tecnicamente não. Mas você precisa chegar ao clímax.”

"O que você quer dizer?"

“Quer dizer, você não sente essa vontade?”

Tem sentia o impulso, com certeza. Estava a consumindo por dentro. "Sim", disse ela entre dentes cerrados. "Eu sinto."

“Você deve satisfazê-lo.”

“O que acontecerá se eu não fizer isso?”

Ele deu de ombros. "Talvez você tenha dificuldades para vir no futuro."

"Difícil?"

"Sim."

“O que isso quer dizer?”

“Significa que, se você não vier agora, isso criará uma… barreira para todos os clímaxes futuros.”

“ *Todos* os clímaxes futuros?”

"Sim."

“Como assim, eu nunca mais poderei vir?”

“Isso mesmo.”

“Por que você não me disse isso antes?”

“Pensei que você soubesse.”

“Como eu saberia disso?”

Apolo estava ficando cada vez mais divertido à medida que a conversa prosseguia. "Certamente, meu irmão lhe contou."

"Ele nem sequer quis me ensinar como petrificar, para começo de conversa. Você acha que ele me contou os detalhes do que acontece depois?"

“É evidente que não.”

"Claramente."

Apollo se inclinou para frente, e Tem quase desmaiou com seu cheiro. "E eu aqui pensando que você tinha sugerido nosso pequeno passeio porque sabia o que aconteceria depois."

"Você acha que eu te pedi para me ensinar a petrificar *porque eu queria transar com você ?*"

“Eu tinha esperança.”

“Kora.”

Era tudo o que ela conseguia dizer. Falar exigia um esforço enorme.

Tem não fazia ideia se o que Apolo dissera era verdade. A ideia de nunca mais ter um orgasmo parecia impossível, especialmente para um basilisco. Mas, naquele momento, era irrelevante. A pulsação entre suas pernas era insuportável. Ela se sentia como água prestes a ferver. Se não chegasse ao orgasmo logo, ia chorar.

"Posso ajudar?" perguntou Apolo. Ela detestava o quão feliz ele parecia.

"Não."

“Tem certeza? Eu posso te levar ao clímax.”

Tem bufou. "Eu consigo fazer isso sozinho."

“Não tenho dúvidas de que você consegue. Mas eu consigo fazer melhor. E mais rápido.”

“Não preciso da sua ajuda.”

“Entendo. Nesse caso”—ele deu um passo para trás, afastando-se dela—“prossiga”.

A raiva se misturou à sua excitação. Apolo sabia como Tem estava se sentindo naquele momento — sabia o quão cruel era provocá-la.

Você vai *assistir* ?

“Não finja que você não gostaria disso.”

Tem gostaria disso. Não havia como negar. A ideia de se tocar na frente de Apolo era excitante. Afinal, ela já tinha feito isso antes e certamente tinha gostado. Mas eles estavam no salão de banquetes, cercados de pessoas, com Caspen supervisionando tudo. Qualquer coisa podia acontecer ali, naquele campo, sozinhas.

"Você também não precisa fazer isso?", disse Tem, rangendo os dentes.

“Você está me convidando para participar?”

“Não. Estou pedindo que você explique por que não está se sentindo como eu agora.”

“ *Estou* me sentindo como você agora. Mas sou muito mais velho(a) que você. Já me apavorei mil vezes e sei como lidar com a vontade.”

Tem o ignorou. Ele estava provocando-a, mas não havia tempo para constrangimento. Tudo o que importava era aliviar a sensação em seu centro. Contudo, apesar do desejo avassalador de chegar ao clímax, ela parecia não conseguir. Sua mente estava confusa, sua visão turva. Ela não conseguia formular um pensamento coerente, muito menos mover os dedos entre as pernas para se tocar. Era quase como se, quanto mais ela precisasse, menos seu corpo conseguisse realizar tal desejo.

“Deixe-me ajudar, Temperance.”

"Não."

“Se você resistir, a situação só vai piorar.”

"Eu não ligo."

“Em breve você verá.”

"Te odeio."

“Ora, ora. Nós dois sabemos que isso não é verdade.”

Tem balançou a cabeça. Ela não tinha tempo para as bobagens de Apolo agora. Estava excitada demais, cheia de *desejo demais* , para se importar mais com a resolução do problema. Precisava aliviar a pressão. E precisava fazer isso agora.

“ *Tudo bem* ”, ela sibilou. Um momento paralisante de silêncio se seguiu. O rosto de Apolo estava irritantemente presunçoso. “Mas eu não quero fazer sexo com você.”

Apolo inclinou a cabeça e sorriu. "Parece que sim."

“Bem, eu não. Existem outras cem maneiras de chegar lá.”

Seu sorriso apenas se alargou. "E qual dessas cem opções você prefere, Temperance?"

"Você pode simplesmente calar a boca e me ajudar?"

Apolo cruzou os braços. "Se eu for te ajudar, prefiro o seu consentimento entusiasmado."

“Você conseguiu.”

“Não parece ser isso.”

“O que mais você quer que eu diga?”

“Algo romântico seria bom.”

Tem não tinha energia para discutir. A sensação entre as pernas a estava paralisando, quase a derrubando no chão. Ela não aguentava mais. "Me faça gozar, Apolo. *Agora mesmo.* "

Suas pupilas já estavam dilatando, seus olhos ficando negros. "Você está me implorando, Temperance?"

“Estou dando uma ordem a você.”

“Melhor ainda.” Finalmente, Apollo deu um passo à frente.

Tem não fazia ideia do que ele ia fazer e, francamente, não se importava. Se isso significasse aliviar a pressão entre suas pernas, valeria a pena. Ela estava quase disposta a fazer sexo com ele só por isso. Mas não completamente.

Apolo deslizou as mãos por trás das coxas de Tem, ergueu-a e a colocou contra o muro baixo de tijolos. Apesar da urgência do momento, ele não teve pressa em afastar as pernas dela, empurrando seus joelhos para fora antes de se aninhar entre elas. Seu corpo estava

nu diante dele, sua pele quente tocando a dela. Havia algo tão *certo* naquela posição — duas pessoas eretas, frente a frente, prestes a se encontrar. Tem precisou de toda a sua força de vontade para não envolver os dedos em volta do pênis dele e puxá-lo para dentro de si. Mas agora não era hora para isso. Tem havia estabelecido seu limite e confiava que Apolo o respeitaria. No fim, foram os dedos dele, e não o pênis, que a penetraram.

No instante em que ele fez contato, Tem esqueceu suas dúvidas.

Se as circunstâncias fossem diferentes, Tem poderia ter ficado constrangido com a situação. Ela gemeu alto. Naquele momento, ficou surpresa por não ter chegado ao orgasmo instantaneamente. O toque de Apolo era diferente do de Caspen — menos refinado, mais bruto. Era como se ele a estivesse *empurrando* para o clímax em vez de induzi-la a isso. Mas Tem não se importava. Na verdade, ela gostava. Um empurrão era preferível naquele instante; ela precisava terminar o mais rápido possível, e Apolo estava fazendo exatamente isso.

As mãos dela envolveram o antebraço dele, puxando-o ainda mais para perto. O rosto dele estava a centímetros do dela. Eles não se beijaram. Não era um momento íntimo, nenhuma chance terna de conexão. Era uma transação, pura e simplesmente, e a respiração de Apolo estava ofegante e rápida enquanto ele a tocava. Tem acompanhou o ritmo, permitindo-se gemer o quanto quisesse. Não havia ninguém ali para ouvi-los — a única outra alma estava morta; ninguém vivo para testemunhar o prazer que ele lhe proporcionava. Tem já sentia algo crescendo dentro de si, e sabia que Apolo também sentia. Seus corpos estavam pressionados um contra o outro, a imensidão inquebrável do torso dele sendo a única coisa que a mantinha firme.

Vem me buscar, Temperança.

Só Caspen havia lhe dito para vir assim antes.

Caspenon não se importaria. Ele gostaria que você viesse.

Tem duvidava muito disso.

Venha me buscar.

Ela estava a segundos de distância. Ela não conseguiria resistir para sempre.

Agora.

Os dentes de Apolo mordiscaram o lóbulo da orelha dela. Com um gemido de impotência, Tem gozou.

Dez segundos. Não deve ter levado mais de *dez segundos* para Apolo fazê-la chegar ao clímax. Ela já estava sem fôlego, mas agora arfava em busca de ar. Um alívio puro e incondicional a invadiu, seguido rapidamente por uma felicidade plena. O oxigênio inundou seus pulmões enquanto a pressão entre suas pernas diminuía. Ela se sentia *muito melhor* , seu corpo repentinamente mole nos braços de Apolo.

Mas o programa Apollo estava apenas começando.

Ele se afastou, deslizando os dedos molhados pelo pênis até envolvê-lo completamente. Tudo o que ele acabara de dizer a Tem também valia para ele, ela percebeu. Apollo também precisava gozar. Seus olhos encontraram os dela. Ele lhe deu um sorriso diabólico.

Então ele começou a ter derrames.

Não se ouvia nenhum som além da umidade dela ao redor do longo pênis dele. De alguma forma, parecia que Tem estava *envolvida* — como se, ao se masturbar, ele a estivesse penetrando. Ela o observava enquanto ele se tocava, ouvindo o som úmido do próprio sêmen escorrendo contra a pele dele. Parecia que ela não deveria estar vendo aquilo. Mas ela precisava olhar. Caso contrário, não veria Apollo, em toda a sua glória, olhando para ela. Ele alternava entre observar o próprio pênis e observá-la, encarando-a com uma luxúria satisfeita. Tem quase quis lhe dar um tapa. Mas ela já tinha feito isso uma vez, e ele tinha gostado. A única coisa que restava era deixar acontecer — sentir a mão dele subindo e descendo em seu pênis no ritmo das batidas do coração dela.

Tem sentiu uma forte tentação de participar — de se tocar também. Mas aquilo parecia errado, como se fosse uma imitação do que tinham feito no salão de banquetes. Tem não tinha nenhum desejo de substituir aquela lembrança por esta. Esta era uma lembrança nova. E uma boa lembrança.

Por mais intrusivo que Apolo costumasse ser em seus pensamentos, ele estava surpreendentemente silencioso agora. Talvez isso fosse normal para ele; talvez a iminência do orgasmo fosse a única coisa que realmente o calava. Era uma informação útil, e Tem a guardou para usar mais tarde.

Ela decidiu quebrar o silêncio: *Veja como eu te deixo excitado, Apolo.*

Seus olhos se voltaram para o pênis, que estava rígido em sua mão. Sua boca se contraiu, mas ele não respondeu. Quase como se a desafiasse a dizer mais alguma coisa. Tem ficou feliz em fazê-lo.

Você gosta de mim assim? Completamente aberta para você?

Ainda sem resposta. Seus movimentos se aceleraram.

É assim que você fica quando está sozinho, Apolo? É assim que você se toca à noite, quando pensa em mim?

Ainda sem resposta. Seus olhos a encaravam fixamente, as íris completamente consumidas pela escuridão. Era como olhar diretamente para um poço sem fundo. Tem deslizou os dedos preguiçosamente pela barriga, roçando-os nos seios. Apollo *rosnou* ao ver a cena, o som tão puramente animalesco que Tem imediatamente sentiu um arrepio.

Você quer transar comigo desesperadamente. Mas eu não vou deixar, né?

Era incomparavelmente bom provocá-lo. Ele sempre a provocava, sempre a fazendo se sentir um pouco deslocada. Era uma sensação que ela nunca conseguira retribuir até agora.

O que você quer fazer comigo, Apolo?

Chegou a hora de ele se mostrar vulnerável, de revelar uma parte de si mesmo para ela, da mesma forma que ela havia feito tantas vezes por ele. Ela queria reciprocidade. E não aguentava mais esperar.

Diga-me, Apolo. Diga-me o que você quer fazer comigo.

Ele ainda acariciava o pênis, ainda a olhava diretamente nos olhos enquanto dizia: " *Quero te foder".*

Eu já sei disso. O que mais?

Quero transar com você enquanto meu irmão assiste.

Eles estavam se aproximando da verdade. Nunca se tratou de Tem. Tratava-se de poder. Apollo queria provar algo para Caspen, e possivelmente para si mesmo.

E como você vai me foder enquanto ele assiste?

Apolo emitiu um som como se a pergunta lhe causasse dor física. E talvez causasse mesmo. Isso era uma tortura para ele, assim como tantas outras coisas eram para Tem. Ela finalmente havia descoberto a fraqueza de Apollo — aquilo que o fazia perder o controle. Ela.

Primeiro, quero você por cima.

Por que?

Assim posso ver seu rosto.

Igualzinho ao irmão dele. Típico.

E então?

E então eu te pegarei por trás.

Por que?

Para que meu irmão possa ver seu rosto.

Também é típico.

E então?

Ele lhe enviou uma visão: ele atrás dela, a mão em volta do pescoço dela, puxando o rosto dela para o seu. Eles se beijaram em sua mente, mas não na realidade, e Tem observou a mão que não estava em volta do pênis dele apertar a coxa dela com tanta força que certamente deixaria uma marca roxa. Tem não se importou. Ela queria se lembrar disso. A visão dele se tornou mais nítida. Tem gritava o nome dele: *Apolo! Apolo! Apolo!*

Diante dele, ela sorriu. Então era isso que ele queria. Que ela dissesse seu nome — que o *reconhecesse* — um nível de intimidade que ela não permitiria. Haveria tempo para isso depois — ou talvez nunca. Tem não estava interessada em dar a Apollo o que ele queria. Ela estava interessada em vencer.

A vitória era inevitável. Tem podia senti-la. Se ela estivesse se tocando, também estaria perto do clímax. Em vez disso, estava apenas em êxtase, vivenciando aquele momento junto com ele, só que desta vez com o luxo do distanciamento. Era algo novo para Tem usar seu poder dessa maneira, e ela descobriu que gostava. Distantemente, ela se perguntava o que mais poderia fazer aqueles irmãos fazerem.

Tem se lembrou da mulher que Apollo havia fodido mais cedo — de como ele havia pintado a coluna dela com seu esperma. Tem queria que ele a pintasse da mesma maneira.

“Apolo”, disse ela em voz alta, com firmeza. Ele a encarava fixamente, mas agora seus olhos se voltaram para os dela, desprovidos de qualquer coisa além de uma fome insaciável. “Venha até mim.”

Uma mistura de êxtase e tormento cruzou seu rosto. Os dois estavam tão intimamente ligados que não havia distinção entre eles.

“Aqui.” Ela passou os dedos sobre o clitóris. “Venha aqui.”

Seus olhos ficaram vidrados.

"Apolo", ela sussurrou.

No instante em que ela disse o nome dele, Apolo apareceu.

Ele terminou com um gemido, os ombros curvando-se para a frente enquanto se libertava. entre as pernas dela. O sêmen dele estava quente, cobrindo o centro dela com uma lubrificação que brilhava sob a luz do sol. Por um breve instante, nenhum dos dois se moveu. Então, Apolo estendeu a mão e deslizou os dedos para dentro dela mais uma vez, empurrando sua essência para o fundo, unindo-a à dela. Diferentemente da maneira agressiva como a tocara momentos antes, desta vez ele a acariciou suavemente, movendo os dedos para dentro e para fora, para cima e para baixo, espalhando a umidade combinada por todo o seu corpo. Tem permitiu que ele fizesse isso, com os joelhos ainda abertos, cada parte dela exposta. Quando ele finalmente retirou os dedos, levou-os aos lábios dela.

Prove-nos.

Tem não precisava que lhe dissessem nada.

Ela abriu a boca e recebeu os dedos dele de bom grado, deslizando a língua pelo vão entre eles. A metáfora não lhe passou despercebida: ela sabia que ele estava lhe mostrando o quão bom eles poderiam ser juntos. A outra mão de Apolo foi para o pescoço dela, inclinando sua cabeça para trás para empurrar os dedos garganta abaixo. Tem fechou os olhos, memorizando o sabor, imaginando como seria fazer tudo o que ele havia mostrado em sua visão. Mas ela não podia fazer nada disso. Não esta noite, e possivelmente nunca. Ela não se intrometeria entre irmãos — figurativamente ou de qualquer outra forma. O rosto de Apolo estava a centímetros do dela. Ele a estava sondando, *testando* -a, vendo até onde ela conseguia levá-lo.

Quando ela lambeu os dedos dele até ficarem limpos, Apolo sorriu.

“Sua vagina é excepcional.”

“Eu… o quê?”

“Um dos melhores que já encontrei.”

Tem fechou os olhos. " *É isso* que você escolheu me dizer agora?"

“É simplesmente um fato.”

“Os basiliscos são loucos. Todos vocês são *loucos.* ”

“Eu entendo por que meu irmão é obcecado por isso. E por você.”

Você está tentando me elogiar? Porque não está funcionando.

“Não estou. Estou apenas relatando minhas observações.”

“Ótimo. Por favor, guarde suas observações para si mesmo(a).”

“Se é isso que você deseja.”

“É isso que eu *realmente* desejo, Apolo.”

Quando ela abriu os olhos, ele estava sorrindo. Não haveria como se esconder dele depois disso. O que acabara de acontecer entre eles era apenas o começo de algo — disso, Tem tinha certeza. Ela teria que lidar com as consequências daquela noite, mais cedo ou mais tarde. Era cedo demais para dizer se eles haviam ultrapassado um limite. Mas havia consolo em saber que o haviam ultrapassado juntos.

Apolo ainda estava sorrindo.

"Por que você está sorrindo?", perguntou Tem.

“Nunca conheci um ser humano como você.”

“Eu não sou humano. Sou um híbrido.”

“É verdade. Mas você não é um basilisco, isso é óbvio.”

"O que você quer dizer?"

Apolo girou os ombros. Ele ainda estava de pé entre as pernas dela, com o pênis ainda molhado do sêmen dela.

“Os basiliscos cedem aos seus instintos. Nós somos incapazes de resistir à atração do sexo. Vocês, por outro lado, não fazem nada além de resistir a ela.”

Tem franziu a testa. Ela nunca tinha pensado nisso como uma característica distintamente humana. Normalmente, ela não resistia ao sexo. Era especificamente o sexo com Apolo que ela estava tentando evitar. Por outro lado, ela também o estava evitando com Leão. Mas isso era por necessidade.

“Admiro sua contenção”, continuou ele. “Só me pergunto por quanto tempo você conseguirá mantê-la.”

Tem deu de ombros, um gesto muito mais casual do que a conversa. Sua resposta não era nada do que ela imaginava: "Para sempre, provavelmente."

Seu sorriso se alargou. "Duvido muito disso."

Tem também duvidava muito disso.

Havia um dia, não muito distante, em que ela se quebraria — em que não conseguiria mais resistir à atração do sexo. Mas ela não podia se dar ao luxo de esperar esse dia chegar. Não quando Leo era o homem com quem ela queria fazer sexo. Não quando sua própria vida estava em risco. Basiliscos eram governados por seus corpos; humanos, por suas mentes. Tem estava constantemente em guerra consigo mesma, tentando manter o equilíbrio. Caspen havia dito que seus dois lados eram ilimitadamente poderosos. Mas Tem não vinha se sentindo particularmente poderosa ultimamente. Foi preciso esta noite — esta experiência com Apolo, especificamente — para se sentir capaz novamente. Tem se perguntava se Apolo podia sentir isso, se ele sabia o efeito que tinha sobre ela.

Eu sei.

Tem deu um pulo ao ouvir a voz dele em sua mente. *Você não pode simplesmente me ouvir escondido assim.*

Eu já te disse, Temperance. Seus pensamentos são bastante ruidosos.

Bem, ignore-os.

Isso é impossível.

Tem revirou os olhos.

Em resposta, Apolo pegou a mão dela na sua, levou-a à boca e pressionou os lábios contra o pulso dela. Tem não sabia o que pensar do gesto — era o mesmo que ele fizera quando se conheceram. Era estranhamente respeitoso, como se ele estivesse prestando homenagem a alguém de posição muito superior. Por outro lado, Tem era tecnicamente sua rainha. Talvez fosse exatamente isso que ele estivesse fazendo.

"Se algum dia você se cansar de resistir", murmurou ele contra a pele dela, "estarei à sua disposição".

Isso, se nada mais, era certamente verdade. Apolo estava sempre ali, à margem do campo de visão de Tem, à espera. De certa forma, ela gostava que ele a desejasse tanto. Mas, muitas vezes, o desejo dele parecia uma gaiola. Ele não era diferente de todos os outros basiliscos sob a montanha: viril, ávido e disposto a deitar-se com ela a qualquer momento. Havia algo a se dizer sobre desejar o que não se podia ter.

Seus pensamentos se voltaram para Leo.

Ele era a *única* coisa que ela não podia ter. Todos os outros estavam disponíveis para ela; todos os outros eram dela, bastava conquistá-los. Mas mesmo agora, depois de compartilhar esse momento com Apolo, Tem só conseguia pensar no rei dos humanos.

Apolo a observava atentamente, como se estivesse curioso para ver o que ela faria em seguida. Ele tinha todo o direito de estar curioso, Tem supôs, depois do que acabara de acontecer entre eles. Mas ela não iria mais longe com Apolo naquela noite. Então ela disse: "Você pode me ajudar a descer?"

Seu rosto retomou a expressão serena de sempre. "Claro, Temperança." O braço de Apolo a envolveu, erguendo-a do muro baixo de tijolos e colocando-a no chão. Ele permaneceu ali por um instante, seus corpos colados um ao outro.

Tem fechou os olhos, saboreando o momento. Então, eles se separaram.

“Deveríamos voltar”, disse Apollo.

O amanhecer já havia transcorrido; era quase dia pleno.

“E quanto ao corpo?”

“Eu cuido disso mais tarde.”

Tem franziu a testa. Ela olhou por cima do ombro para a estátua do homem, cuja mão de granito ainda segurava a pá de ração.

“Será que ninguém vai encontrar?”

“Não ficará aqui por muito tempo. Voltarei assim que te escoltar de volta.”

“Não preciso de escolta, Apollo.”

“Eu nunca disse que você disse isso.”

Tem revirou os olhos. Ela não tinha mais vontade de discutir. A noite tinha sido longa, e Tem ainda estava atordoada por ter petrificado um ser humano. Eles voltaram caminhando lentamente, e ela sabia que Apolo estava novamente deixando-a ditar o ritmo. Tem aproveitou o tempo para praticar como se aquecer, descobrindo que conseguia direcionar o calor do coração até a ponta dos pés com quase nenhum esforço. A cada pulsação, ela sentia um poder indescritível, e sabia que era resultado do que tinham acabado de fazer. Era um milagre que os basiliscos não petrificassem alguém todos os dias só para sentir uma adrenalina dessas.

Se fizéssemos isso, deixaríamos um rastro de corpos.

Tem já estava tão acostumada com as intervenções de Apolo que nem se assustou com a voz dele. Em vez disso, compartilhou seus pensamentos com ele, deixando-os fluir, sabendo que ele a ouvia. Ela se perguntava como os basiliscos conseguiam resistir à tentação de petrificar os aldeões, já que parecia tão natural fazê-lo. Nem mesmo a trégua conseguia suprimir o instinto básico, e Tem não conseguia imaginar que todos os basiliscos fossem tão cautelosos quanto eles naquela noite, escolhendo alguém que já estava praticamente morto — alguém que não faria falta.

Sempre tomamos cuidado. As consequências são graves se não o fizermos.

Mas como você pode se safar disso? Você não pode simplesmente deixar um monte de estátuas ao alcance de qualquer um.

Não. Não podemos.

Então, o que você faz com eles?

O olhar de Apolo deslizou para o dela. *Gostaria que eu lhe mostrasse?*

A essa altura, eles já haviam ultrapassado o muro e estavam entrando nas cavernas. *Sim.*

Em resposta, Apolo a conduziu por uma passagem que ela nunca tinha visto antes. Ela descia profundamente abaixo da montanha, certamente mais fundo que o lago. Tem estava prestes a perguntar para onde estavam indo quando pararam diante de uma alta porta de madeira. Apolo a abriu, revelando uma sala longa e escura. Lembrou Tem da sala que Caspen lhe mostrara, contendo o monumento dedicado aos desaparecidos após a guerra. Mas, ao contrário da sala com o monumento, que tinha tetos altos e detalhes em pedra intrincadamente esculpidos, esta sala era desprovida de qualquer decoração. Não havia tochas nas paredes, nada para iluminar o caminho. O teto era baixo e áspero, o chão igualmente inacabado. Certamente não era um memorial, mais parecido com um depósito.

Assim que os olhos de Tem se ajustaram à escuridão, ela viu exatamente o que estava guardado ali.

Fileiras e mais fileiras de estátuas petrificadas estendiam-se diante dela, desaparecendo na distância. Pessoas em diversas posições, congeladas em pedra. Algumas estavam deitadas, como se estivessem dormindo. Outras estavam de pé, com os braços sobre a cabeça em

clara autodefesa. Estava frio ali, mas por algum motivo, Tem não conseguia mais se aquecer. A visão de tantos humanos mortos a deixava enjoada.

“Isto é…” ela sussurrou.

Apollo completou a frase para ela: "Justiça".

Ela franziu a testa. "O que você quer dizer?"

“Não matamos aleatoriamente. É retribuição: uma vida por uma vida.”

Finalmente, Tem entendeu. Se cada uma daquelas estátuas representava um basilisco que fora levado para sangria, os nomes no memorial que Caspen lhe mostrara correspondiam aos corpos naquela sala. Tem balançou a cabeça em descrença. Eram tantos .

“Como isso passou despercebido?”

“Este é o resultado de séculos, Temperança.” Ele gesticulou com a mão, abrangendo toda a sala. “Não fizemos isso da noite para o dia.”

Tem tentou responder, mas não conseguiu. Ela podia ser a rainha dos basiliscos, mas também era uma aldeã. Hoje, ela havia petrificado um dos seus. E se as circunstâncias tivessem sido um pouco diferentes, ela mesma poderia ter acabado nesta sala.

Toda ação tem uma consequência, Temperança. Você não pode nos culpar por retaliar.

Eu não te culpo. É só que... triste.

Apolo não respondeu. Certamente, aquilo não o entristecia. Sua tristeza se restringia à outra sala — o memorial, onde os nomes de seu povo estavam gravados em pedra. Mas o povo de Tem estava ali mesmo.

Ela se voltou para Apolo.

“Quando você disse que cuidaria do corpo, você quis dizer…”

“Eu vou trazê-lo de volta para cá.”

Tem olhou nos olhos dele. "Sozinho?"

Ele franziu os lábios. "Sim."

“Por que você não me pediu ajuda?”

“Não quero que você passe por isso. Carregá-los é… pesado.” Pelo jeito que ele disse, Tem percebeu que ele queria dizer isso em mais de um sentido.

Ela voltou-se para as estátuas e suas próximas palavras foram um sussurro: "Você não deveria ter que carregá-lo sozinha."

Uma pausa. O sussurro dele ecoou o dela. "Você não deveria ter que carregá-lo." Como ela não respondeu, ele disse: "É minha escolha, Temperance."

Uma escolha que ele fizera sem ela. Mas Tem já estava acostumada com isso. Tanto Apollo quanto Caspen pareciam achar que sabiam o que era melhor para ela. Em certo momento, ela se perguntou se talvez soubessem mesmo.

“Podemos ir agora, por favor?”

Apolo assentiu com a cabeça. "Claro."

A caminhada de volta pelo corredor foi silenciosa.

Tem estava miserável. Seu lado humano estava horrorizado com o que acabara de ver e lamentava o homem que haviam matado. As palavras de Caspen ecoaram mais uma vez em sua mente: " *É uma coisa terrível tirar uma vida".* Ele tinha razão; era terrível. Mas havia uma tênue linha entre terror e prazer, e Tem estava experimentando ambos em igual medida. Ela não conseguia evitar; os dois lados dela estavam igualmente envolvidos, como sempre estiveram. Seu lado humano queria chorar. Mas seu lado basilisco sentia o que Apolo certamente sentia ao olhar para aquelas estátuas: triunfo absoluto. Conter ambas as emoções ao mesmo tempo era exaustivo, quase impossível, e tudo o que Tem queria era dormir.

Ao chegarem à porta dos aposentos dela, Apolo se virou para encará-la. "Não era minha intenção chateá-la, Temperança. Talvez tenha sido um erro mostrar-lhe isso."

“Não estou chateado.”

“Seus pensamentos dizem o contrário.”

“Bem, não estou. Estou apenas cansado.”

"Eu vejo."

Houve uma pausa, e antes que ela pudesse se retratar, Tem disse: "Obrigada".

Um leve sorriso distorceu seus lábios, e uma pequena parte do peso daquela noite se dissipou. "Por quê...?"

“Você sabe exatamente para quê.”

"Gostaria de ouvir você dizer isso de qualquer maneira."

Tem olhou para ele, ponderando se queria morrer defendendo essa ideia. Apollo havia lhe dedicado seu tempo naquela noite, entre outras coisas. Ele a ensinara algo que Caspen se recusara a ensinar, e o fizera bem. Tem se perguntou se ele sabia, de alguma forma, que aquele era o seu caminho para conquistá-la. Ele descobrira a única coisa que Caspen não estava disposto a fazer e interviera para fazê-la. Era uma característica que ela apreciava e da qual estava começando a depender rapidamente. Ela confiava em Apollo de maneiras que não podia confiar em Caspen. Ele estava ali para preencher as lacunas em seu conhecimento — para o bem ou para o mal.

“Por me ensinar a petrificar.”

" *E?* "

Tem revirou os olhos e concluiu, a contragosto: "E por me fazer gozar."

“Aqui está.”

"Te odeio."

“Foi o que você disse.”

"Você não pode simplesmente aceitar meu agradecimento e me deixar dormir?"

Ele sorriu, mostrando os dentes. "Aceito sua gratidão, Temperance. E você é muito bem-vinda. Foi, como tenho certeza que você pôde perceber, um prazer."

Então Apolo desapareceu.

Tem ficou parada ali, olhando para ele, tentando controlar os batimentos cardíacos. Conforme a presença dele se dissipava de sua mente, ela percebeu que sentia falta dela. Eles haviam estado tão conectados nas últimas horas que doía desesperadamente estar sozinha mais uma vez.

Tem abriu a porta de seus aposentos, desejando apenas se jogar na cama e adormecer. Mas, para sua surpresa, o quarto estava ocupado.

"O que você está fazendo aqui?", perguntou Tem, boquiaberto.

Caspen estava perto da lareira, como de costume. Mas algo em sua postura fez os pelos da nuca dela se arrepiarem. Há quanto tempo ele a esperava? Teria ele escutado a conversa dela com Apollo no corredor? Ela tinha acabado de... Ele agradeceu ao irmão por tê-la feito vir. Fora de contexto, foi uma coisa horrível de se ouvir. Por outro lado, o contexto

era que ele a havia ensinado a petrificar — algo que Caspen se recusara explicitamente a fazer. Talvez isso fosse ainda pior.

Caspen não respondeu. Em vez disso, seus olhos percorreram o corpo nu dela e um arrepio percorreu a espinha de Tem quando seu olhar pousou entre as pernas dela. Suas narinas se dilataram. Uma eternidade se passou.

Então ele disse: "Diga-me, Tem. Por que o esperma do meu irmão está na sua vagina?"

Capítulo Vinte e Seis

Não havia realmente nada a dizer além da verdade. "Ele me ensinou a petrificar."

Caspen piscou lentamente. "Entendo."

Seguiu-se um silêncio sepulcral.

Tem sabia que Caspen entenderia exatamente o que ela estava lhe dizendo. Ele sabia o que acontecia depois de petrificar alguém. Mesmo que *ela* não soubesse das implicações daquela decisão até uma hora atrás, Caspen certamente sabia. E Apollo também sabia.

“Não fizemos sexo”, disse ela quando o silêncio se prolongou por muito tempo.

"Entendo", disse Caspen novamente.

“Ele simplesmente…” Tem lutava para expressar a experiência em palavras. Não havia como descrever o que havia acontecido naquela parede de tijolos de uma forma que fosse aceitável para Caspen. Ela optou por “…ajudou”.

Um músculo da mandíbula de Caspen se contraiu. Tem sabia que ele estava imaginando os dois juntos, relembrando tudo o que seu irmão havia feito por ela.

"Eu não sabia", disse ela rapidamente.

Os olhos dele se voltaram para os dela. Ele piscou. "Você não sabia o quê?"

“Eu não sabia o que acontece depois que você se petrifica.”

Sem resposta.

Tem continuou firme. "Você nunca me contou, e Apolo achou que eu já sabia. Ele achou..." Ela parou de falar. Era inútil dizer a Caspen que Apolo achava que ela tinha pedido para ele ensiná-la a petrificar porque queria dormir com ele. Era um detalhe que só pioraria as coisas.

Caspen continuava sem dizer nada. Ele simplesmente a observava em silêncio, com os braços cruzados sobre o peito.

Tem não tinha outra opção a não ser tentar novamente. "Eu entendo se você está com raiva, mas—"

“Não estou zangado, Tem”, ele a interrompeu.

Tem lançou-lhe um olhar cauteloso. "Parece que sim."

Caspen suspirou. Olhou-a nos olhos. "Não sou. Já devia conhecê-la melhor."

Tem não tinha ideia se deveria se sentir ofendida por aquela observação.

Seguiu-se outro silêncio. Uma miríade de emoções invadiu o peito de Tem, e ela só podia imaginar que um conjunto semelhante estivesse invadindo o de Caspen. Não só ela o havia enganado para aprender a petrificar, como também o fizera com o irmão dele. Não poderia haver combinação pior de delitos.

“Caspen?” Tem disse baixinho. “Por favor, diga alguma coisa.”

“O que você quer que eu diga, Tem?”

“Só… me diga o que você está pensando.”

Tem não se atrevia a entrar em sua mente. Havia uma nuvem negra ao redor dela que ela não tinha esperança de penetrar e, de qualquer forma, não queria. Essa era uma conversa que deveria ter sido feita em voz alta.

"Acho que nunca conheci alguém tão incapaz de seguir instruções quanto você."

As palavras a atingiram em cheio. Elas a transportaram imediatamente de volta ao treinamento, quando ela e Caspen eram aluna e professor. Era uma época em que o relacionamento entre eles era desigual, uma época em que ele tomava decisões unilaterais sem o conhecimento ou consentimento dela. Agora, ela havia feito o mesmo com ele.

"Não entendo", disse ela. "Você sempre diz que quer que eu tenha a experiência completa com o basilisco."

“Deixei minha posição sobre a petrificação bem clara. Não finja que não entendeu.”

Tem balançou a cabeça. "Não é seguro para mim não saber como petrificar. Apolo disse isso."

“Não levo em consideração a opinião de Apollo ao tomar minhas decisões. E você também não deveria.”

“Mas essa foi *a minha* decisão. Você não quis me ensinar, então eu—”

“Há um *motivo pelo qual* eu não te ensinei isso, Tem”, gritou Caspen, e Tem estremeceu com o tom dele. “Eu não queria que você matasse os seus. É uma coisa terrível—”

"Tirar uma vida", ela completou por ele, com a voz num sussurro embargada. "Acredite em mim, eu sei."

“Acredite *em mim* ”, ele disse bruscamente, aproximando-se. “Você não vai acreditar. Você é meio humano, Tem. Isso vai te assombrar. O seu lado basilisco pode até aceitar, mas o lado humano jamais aceitará.”

Lágrimas brotaram em seus olhos. Ele tinha razão. Ela já estava sentindo as consequências da petrificação: um poder crescente misturado com uma culpa horrível. Caspen tentara protegê-la disso. E falhara.

“Já está feito, Caspen. Não posso voltar atrás.”

Ele apenas balançou a cabeça, voltando o olhar para o fogo.

Caspen estava furioso, isso era evidente. Mas com o *quê* , exatamente? Ele parecia muito mais irritado por ela ter petrificado alguém do que pelo fato de Apolo tê-la ajudado a ter um orgasmo. Tem também olhou para o fogo e, por um instante, houve silêncio. Então Caspen sussurrou: "O que seu pequeno príncipe vai pensar do que você fez?"

Um arrepio percorreu a espinha de Tem. *Pequeno príncipe.* Era o apelido mais humilhante que ele já havia recebido. E também era a primeira vez que Tem pensava em suas ações no contexto de Leo. O que Leo pensaria do que ela tinha feito naquela noite? Ele odiaria. E com razão. Ela havia violado a trégua; ela havia tirado uma vida humana. Leo ficaria horrorizado se descobrisse que ela havia matado um homem.

Tem cerrou os dentes. "Ele nunca vai saber."

Caspen se virou para ela lentamente. "Não vai?"

Os olhos dele a encaravam fixamente. Tem sabia que ele não contaria a Leo que ela havia petrificado alguém. Isso a colocaria em perigo, e Caspen jamais permitiria isso. Ela entendeu o que ele realmente queria dizer: que a verdade sempre vinha à tona — que ela não conseguiria

guardar esse segredo para sempre, principalmente de alguém que lhe pedia para não mentir.

Antes que ela pudesse pensar em uma resposta, Caspen passou por ela, dirigindo-se para a porta.

“Caspen”, gritou Tem atrás dele. “Não me deixe. *Por favor.* ”

O maxilar de Caspen se contraiu. Sua voz era mortalmente calma quando disse: "E por que eu deveria ficar? Não tenho dúvidas de que você encontrará companhia se quiser."

“A única companhia que desejo é a sua.”

“Acho isso difícil de acreditar.”

Tem se aproximou. Ele não era o único que estava com raiva ali. "Você não me leva mais para caçar. Você desistiu de mim."

"Eu não *desisti* de você", disse Caspen rispidamente. "Eu jamais faria isso. Mas não posso te levar para caçar quando preciso disso com muito mais frequência do que você, e é evidente que isso te sobrecarrega nessa transição."

Ali estava. A verdade que nenhum dos dois queria encarar. Tem mal conseguia mais fazer a transição. Só agora ela sabia que era por causa de Leo — que sua incapacidade não era mera questão de força de vontade, que continuaria a atormentá-la até que ela consumasse o brasão. Mas para Caspen, ela simplesmente parecia incapaz.

“E agora me pergunto se isso realmente te desgasta”, disse ele.

"Com licença?"

“É preciso passar pela transição para se petrificar. Você conseguiu fazer isso?”

Tem abriu a boca e a fechou em seguida. O que ele estava insinuando? Que ela estava sendo um fardo para ele de propósito, mas não para Apolo? Que ela estava usando sua fraqueza apenas quando lhe convinha, empunhando-a como uma arma para colocar os irmãos um contra o outro? A acusação a fez querer gritar. Ela acabara de descobrir que precisava consumar o brasão — e estava *protegendo* Caspen ao não fazê-lo. O único motivo pelo qual buscara consolo em Apolo era porque não conseguira buscá-lo em Caspen. Ele era o único. que a havia levado para seus braços.

Tem endireitou os ombros, preparando-se para se defender. "Não é minha culpa que Apolo me ensinou o que você não me ensinou."

Um instante se passou. Então, para sua surpresa, Caspen cedeu. A raiva sumiu de seus olhos e seus punhos se abriram. Ele deu um passo à frente. "Você tem razão", disse ele em voz baixa. "Eu deveria ter te ensinado a petrificar. Não me surpreende que você tenha buscado esse conhecimento em outro lugar. E certamente não me surpreende que meu irmão estivesse tão ansioso para me ensinar."

“Ele não tinha a intenção de—”

“Sim, Tem”, suspirou Caspen. “Ele fez. E eu não o culpo.” Seus olhos a percorreram de cima a baixo, e ela sabia que ele podia sentir o cheiro de sexo impregnado em sua pele. “Como ele poderia não gostar do que vê?”

Lá estava de novo: a familiar chama de ciúme, o lampejo de desejo que sempre surgia nos olhos de Caspen quando seu irmão tentava reivindicá-la.

Tem deu um passo à frente também. "E você?", sussurrou ela. "Gostou do que viu?"

Caspen cerrou os dentes. "Você sabe que sim."

O olhar de Tem deslizou até o pênis dele, que começava a endurecer. "Mostre-me", ela sussurrou.

Um momento eletrizante se passou. Tem sentiu a temperatura entre eles subir. Fios de fumaça se enrolaram nos ombros de Caspen, deslizando pela curva de seus músculos. Uma onda de pura expectativa percorreu Tem quando Caspen estendeu a mão para tocá-la, parando a centímetros de sua pele.

Passou-se um instante. Depois outro. Caspen franziu a testa.

O medo repentinamente tomou conta de Tem. Talvez ele estivesse mais irritado do que gostaria de admitir — talvez a sedução dela não tivesse sido suficiente.

"Caspen?" ela sussurrou. "O que foi?"

Os olhos dele encontraram os dela. Havia medo neles. "Não posso te tocar."

Capítulo Vinte e Sete

Tem sentiu uma vontade repentina de chorar. "Por que não?"

Ele apenas balançou a cabeça negativamente.

Ela estendeu a mão para ele, determinada a não deixar que as coisas terminassem assim, mas descobriu que também não conseguia tocá-lo. No instante em que Tem se aproximou, seus dedos roçaram algo no ar — uma barreira que a mantinha a um centímetro de sua pele. Não era exatamente sólida, mas sim como uma camada de energia que a impedia de se aproximar mais. Tem apalpou-a com vigor crescente.

“Caspen? O quê—?”

Mas não havia palavras para descrever a experiência. Era como se uma parede invisível tivesse se formado entre eles, mantendo-os separados.

“Eu não entendo”, ela gritou. “Por que não podemos—?”

Caspen apenas balançou a cabeça negativamente. Um instante depois, ele já estava do lado de fora.

"Ei!" Tem correu atrás dele, lutando para acompanhar seu ritmo. "Aonde você vai?"

Caspen olhou fixamente para a frente. "Precisamos encontrar Adelaide."

“O quê? Por quê?”

“Ela já viu isso antes.”

“Já viu o quê antes?”

Caspen não respondeu. Ele avançava a toda velocidade pelo corredor, empurrando basiliscos para fora do caminho. Ele podia tocá-los facilmente; a barreira parecia não se estender àqueles que estavam em seu caminho.

“Por que não podemos nos tocar?”, insistiu Tem, já com falta de ar. “O que está acontecendo?”

" *Não sei* , Tem", respondeu ele secamente, ainda sem olhar para ela. "Só suspeito. É por isso que precisamos encontrar Adelaide."

Tem conhecia Caspen bem o suficiente para saber quando ele havia terminado de responder às perguntas. Em vez de perguntar mais alguma, ela se concentrou na respiração, tentando acompanhar seu ritmo brutal. Eles estavam indo em direção aos aposentos de Adelaide, e Caspen não diminuiu a velocidade mesmo quando a passagem se tornou mais estreita. Quando chegaram, Tem estava quase curvada de cansaço.

Caspen abriu a porta de repente. "Adelaide", começou ele, "nós—" Mas parou abruptamente ao ver quem mais estava no quarto. Cypress e Adelaide estavam enroscadas na cama, a cabeça de Cypress entre as pernas de Adelaide. Ambas olharam para cima, surpresas. Assim que Cypress reconheceu Caspen, seu braço envolveu Adelaide num abraço protetor.

Surpresa, depois raiva, e então uma determinação implacável cruzaram o rosto de Caspen em rápida sucessão. Ele apontou para Cypress. "Deixe-nos em paz, irmã. Agora."

Cypress balançou a cabeça, com o braço ainda sobre Adelaide. "Eu não sou seu animal de estimação, querido irmão. Você não pode me dizer o que fazer."

“ *Eu disse para nos deixarem em paz* .”

Até Tem ficou imóvel. O tom de voz de Caspen era o mesmo que ele usava quando estava prestes a perder a paciência. Era um tom familiar para Tem, e certamente também para a irmã de Caspen.

“Cypress.” Adelaide tocou suavemente a bochecha dela. “Por favor, nos deixe. Eu irei até você quando terminarmos.”

Foi o apelo dela, finalmente, que fez Cypress ir embora. Ela ficou parada sem dizer mais nada, encarando Caspen enquanto saía. Ele a ignorou. A porta mal havia se fechado quando Adelaide disse: “Caspenon. Você precisa entender que nós—”

"Eu não pedi explicações", respondeu Caspen rispidamente. "Com quem minha irmã escolhe transar não é da minha conta. Não posso fazer nada se ela prefere as minhas sobras."

Uma expressão de mágoa passou pelo rosto de Adelaide, mas ela a reprimiu rapidamente. Suas bochechas estavam coradas, e seus cabelos, de forma incomum, estavam despenteados na nuca. Tem nunca a vira tão vulnerável. Ela ergueu o queixo. "Então, por que você está aqui?"

“Estou aqui porque Tem e eu não podemos nos tocar.”

Adelaide ergueu uma sobrancelha. Então, sentou-se lentamente, cruzou as pernas e se posicionou de frente para eles na beira da cama.

“Você… não pode tocar?”

Em resposta, Caspen estendeu a mão para Tem, seus dedos encontrando mais uma vez a barreira entre eles. Uma dor aguda a percorreu ao ver a mão dele a centímetros de sua pele. Por instinto, ela também estendeu a mão para ele, parando ao sentir resistência pouco antes de seus dedos tocarem. Ela ficou olhando para as mãos deles, suspensas no ar. A visão a fez querer chorar.

“ *Kora* ”, sussurrou Adelaide.

Caspen baixou a mão. "Você já viu isso antes", disse ele bruscamente. "É a mesma coisa?"

O belo rosto de Adelaide escureceu. Ela passou a mão pelos cabelos, alisando-os. "Eu... não sei. Pode ser." Adelaide se levantou e caminhou até eles. Pegou a mão de Tem na sua, antes de segurar a de Caspen com a outra e as ergueu. Os três observaram enquanto Adelaide juntava suas mãos. Uma pequena fresta de ar permanecia entre eles, vibrando com uma energia contida.

Tem não entendia. Mas odiava aquilo — e não aguentava mais. "Alguém pode me dizer o que está acontecendo?"

Nenhum dos basiliscos respondeu.

Adelaide soltou as mãos deles e murmurou: "Incrível. Quando isso começou?"

"Agora mesmo", respondeu Caspen. "Há poucos minutos."

Adelaide assentiu com a cabeça. "Só vi isso uma vez antes, e eu era muito jovem."

“Mas você sabe o que isso significa.”

Adelaide mordeu o lábio. "Sim", disse ela baixinho. "Eu sei o que significa."

" *E então?* ", exclamou Tem. "O que isso significa?"

Seguiu-se uma pausa tensa. Nela, Caspen e Adelaide se entreolharam. Tem viu uma miríade de emoções fluir entre eles — primeiro choque, depois descrença, e então resolução. O que pareceu uma eternidade se passou antes que Adelaide finalmente respondesse: "Significa que os Senecas contestaram seu casamento."

Tem piscou. " *Contestou* ?" Ela olhou para Caspen, cujo rosto era uma máscara rígida de raiva. Ele parecia furioso demais para falar.

Adelaide prosseguiu: “Ao casar-te com Caspenon, casaste-te fora do teu círculo de armas. Os Sênecas ofendem-se com isso. Ao contestarem o teu casamento, estão a invocar um antigo processo para desafiar a tua união. Tu e Caspenon não podem tocar um no outro até que isso seja resolvido.”

Tem se lembrou do que Caspen lhe dissera: *Os Sênecas estão furiosos. Acham que estou corrompendo uma das suas.* Ela visualizou as palavras na parede do pátio: *Entreguem-na a nós.* Ali estava, finalmente, a retaliação que Caspen temera. Os Sênecas não esperariam mais que ela se juntasse a eles. Haviam-na avisado, e ela os ignorara. E agora a levariam à força.

“E como *exatamente* isso será resolvido?”

Os olhos de Adelaide se voltaram para Caspen e depois para Tem. "Haverá um torneio em sua homenagem. O vencedor ganhará sua mão em casamento."

O chão pareceu sumir debaixo dos seus pés. " *Com licença?* "

“Modernidade”, disse Adelaide com firmeza. “Não há motivo para alarme.”

"Não há motivo para *alarme* ?" Alarme era tudo o que ela sentia.

“É uma honra ter o próprio casamento contestado.”

Tem lembrou-se de quando Adelaide lhe dissera que era uma honra ser cortejada por Apollo e Caspen ao mesmo tempo. " *Eles te desejam. Você deveria encarar isso como um elogio."* Tem estava um pouco cansada de ouvir que os inconvenientes em sua vida eram uma honra. Nada disso lhe parecia uma honra. Parecia um incômodo enorme e insuportável.

“Significa que você é uma candidata muito desejada”, continuou Adelaide. “Você deve aproveitar o processo.”

Tem bufou. "Gostou?"

"Sim."

“Mas eu não quero ficar com mais ninguém. Já sou casada com o Caspen.”

“Sim”, disse Adelaide gentilmente, e Tem sabia que ela estava tentando acalmá-la. “Você já é casada. Mas lembre-se de que os basiliscos não se comportam como os humanos. Não existe nenhuma lei que os una em matrimônio. Para nós, o casamento é simplesmente uma escolha.”

“Mas estamos unidos por laços de sangue.”

“O laço sanguíneo é significativo. Mas significa apenas que suas vidas estão ligadas uma à outra.”

Tem sentiu uma vontade repentina de gritar. Era demais, essas regras ridículas, brechas e *tradições* . Não eram muitas as vezes em que sentia falta da vida antes de Caspen, mas por um instante, Tem se lembrou de como tudo tinha sido simples. Pensou em como suas maiores preocupações eram cuidar das galinhas ou capinar o jardim, como suas noites se resumiam a encontrar Gabriel no Horseman para tomar um drinque.

Então ela se lembrou da dor. Lembrou-se da insatisfação, da solidão e do desespero que sofrera durante o tempo em que vivera na fazenda. Ela nunca mais voltaria para aquilo. Essa era a sua vida agora, com todas as suas tradições.

Tem olhou para Caspen. Ele estava com o olhar perdido, os punhos cerrados ao lado do corpo. Por um instante, ela imaginou como seria casar com outro — ter alguém que não fosse Caspen em sua cama todas as noites. Havia apenas um homem por quem ela cogitaria essa possibilidade, e ele estava noivo de outra pessoa.

"Isso não pode acontecer", sussurrou Tem.

“Está acontecendo”, disse Adelaide. “O processo já está em andamento. Agora que seu casamento foi contestado, o torneio precisa ser realizado. Ele determinará quem é digno da sua mão.”

“Caspen já merece isso.”

“Não aos Senecas.”

Tem resistiu obstinadamente. "Mas *por quê* ? Existem outros casais inter-aljavas. Não vejo o casamento de mais ninguém sendo contestado."

“Você é uma Híbrida, Temperance. É um dom incrível. Sua lealdade é uma vantagem para qualquer aljava que você prefira.”

Tem não descobriu que ser uma Híbrida fosse uma dádiva incrível. Ser meio basilisco só lhe causara uma pilha insuperável de problemas. Não havia nada de incrível nisso.

“Há séculos que existe tensão entre as nossas duas aljavas, a Temperança. A aljava Ter um Híbrido leva vantagem. Os Senecas sabem disso e cobiçam esse poder. Eles não aceitam que você tenha se casado com um Drakon. Eles querem você do lado deles.”

“Mas *eu* não quero escolher um lado”, insistiu Tem.

“Você escolheu um lado quando se casou com um Drakon.”

Tem olhou para Caspen. Seus olhos estavam fechados. Talvez ele estivesse processando tudo no seu próprio tempo. Mas Tem precisava dele naquele momento.

“Caspen”, disse ela firmemente. “Diga alguma coisa.”

Caspen soltou um longo suspiro, seu peito subindo e descendo em câmera lenta. Quando abriu os olhos, olhou para ela. "O torneio é uma tradição antiga, Tem. É regido por magia. *Nós* "—ele ergueu a mão para tocá-la novamente antes de abaixar—"estamos ligados por sua magia."

Uma pedra se instalou em seu estômago. Tem não estava acostumada a ver Caspen admitir a derrota. Ela se recusava a casar com outro. Por que ele não sentia o mesmo?

“Mas por que agora? Por que eles simplesmente não nos impediram de casar desde o início?”

“Deveriam ter feito isso”, disse Caspen. “Mas meu pai os apaziguou. Ele prometeu usar você para derrotar a realeza. Agora ele está morto, e os humanos ainda estão no poder. Os Senecas estão furiosos porque ele quebrou sua promessa.”

“Isso é ridículo”, disse Tem.

Caspen suspirou. "Talvez para você. Mas você é um Seneca, Tem. Sua aljava tem todo o direito de apresentar uma combinação mais adequada para você."

“Não existe par mais adequado para mim.”

Caspen deu-lhe um pequeno sorriso. "Concordo."

Para Tem, era incompreensível que todos se envolvessem tanto nos assuntos deles. Basiliscos eram tão *intrometidos.* Tudo era um evento

comunitário — cada decisão precisava de aprovação — tudo era votado, discutido e considerado por muitas pessoas antes de ser permitido. Ela não conseguia entender. Apesar de toda a liberdade que os basiliscos desfrutavam em suas vidas sexuais, o resto da sociedade era rigidamente estruturado. Era uma justaposição bizarra, e Tem jamais se acostumaria com isso.

“Você disse que eles apresentariam uma combinação adequada”, disse ela lentamente.

“Isso mesmo”, respondeu Adelaide.

“Então, quem eles vão apresentar?”

Adelaide olhou para Caspen. "Nós... não podemos ter certeza. Somente o homem de posição mais elevada tem o poder de contestar um casamento."

“E quem é o homem de mais alta patente entre eles?”

Caspen deu de ombros. Tem já o conhecia bem o suficiente para saber que algo ruim estava por vir.

" *Quem* , Caspen?", insistiu Tem. Mas ela já sabia.

Só havia um Seneca que se importaria o suficiente para contestar o casamento dela com Caspen — um homem que faria qualquer coisa para destruir o lar que ela havia construído ali.

Tem já sabia.

Mas Caspen respondeu mesmo assim. "Rowe."

Capítulo Vinte e Oito

Rowe.

O próprio basilisco que ela não queria mais ver, aquele que a havia ferido irremediavelmente, *assim como* a Caspen. O basilisco que desejava sua morte.

“Mas Rowe me odeia.”

“Ele não te odeia, Tem”, disse Caspen. “Ele tem inveja do seu poder e guarda rancor de mim. Casar com você seria matar dois coelhos com uma cajadada só.”

“Mas ele... ele nem sequer tem um...”

Caspen sabia aonde ela queria chegar e respondeu: "Um galo não é requisito para o casamento, Tem."

“É para mim.”

Ambos os basiliscos sorriram, mas seus sorrisos desapareceram rapidamente.

“Rowe não é o único fator em jogo”, continuou Adelaide. “Eles também apresentarão Eros.”

"Quem é Eros?", interrompeu Tem.

“O irmão mais velho de Rowe.”

“Ele tem um *irmão* ?”

“Sim, ele faz.”

Essa foi uma notícia terrível para Tem. Um Rowe já era ruim o suficiente. Agora eram dois?

Adelaide se virou para Caspen. "Eros é conhecido por sua sede de sangue", disse ela, com a boca cerrada de preocupação. "Rowe seria preferível."

" *Nenhum dos dois* seria preferível", retrucou Tem. Caspen tinha que ganhar. Qualquer outro resultado era inaceitável para ela.

“Mesmo que Eros vença”, continuou Adelaide, “conhecendo Rowe, ele mataria o próprio irmão para garantir seus primeiros direitos.”

“Isso é *permitido* ?”

Caspen suspirou, repetindo a frase que já lhe havia dito antes: "Aqui tudo é permitido, Tem."

Todos assimilaram suas palavras em silêncio. Levando tudo em consideração, foi um desastre. "Não vou participar", disse Tem. "Me recuso."

“Seu casamento está sendo contestado, Temperance”, disse Adelaide com firmeza. “Não depende de você. Você precisa participar.”

"Mas *por quê* ?" Ela odiava o desespero em sua voz.

A empatia suavizou o semblante de Adelaide. Ela colocou a mão no ombro de Tem. "Nada é certo em nossa sociedade, nem mesmo os casamentos. Sempre existe a possibilidade de surgir uma opção melhor."

Mas não havia opção melhor do que Caspen.

“Você e Caspenon não podem se tocar até o torneio terminar”, continuou Adelaide. “E mesmo assim, vocês só se reencontrarão se Caspenon for o vencedor. Se Rowe vencer—”

“Rowe não vai ganhar”, interrompeu Caspen.

Adelaide franziu os lábios, irritada. "Eu disse *'se'* , Caspenon. *Se* ele ganhar, Temperance terá que se casar com ele. Todos nós precisamos nos preparar para essa possibilidade."

Tem cruzou os braços. Ela jamais faria tal coisa. A ideia de se casar com Rowe era repugnante. Ela se mataria antes de deixar isso acontecer.

Caspen deve ter lido os pensamentos dela, porque balançou a cabeça e disse: "Esqueça isso, Tem. Não é uma opção."

“E por que não?”

Um leve sorriso surgiu em seus lábios. "Prefiro não morrer agora."

Imediatamente, Tem entendeu. O laço de sangue os unia. Se ela se matasse, Caspen também morreria. Ela balançou a cabeça. "Isso é ridículo. Se sou tão poderosa, por que não posso cancelar o torneio? Por que não posso fazer com que nos toquemos novamente?"

“Como disse Caspenon: esta é uma magia maior do que você. Acreditamos que o torneio foi sancionado pela própria Kora.”

“É para testar o nosso amor, Tem”, acrescentou Caspen.

Tem não conseguia imaginar nada pior para testar agora. Ela já estava lutando contra seus sentimentos por Leo — sentimentos que provavelmente a levariam à morte. Não era o momento ideal para colocar o relacionamento deles à prova. A última coisa que ela precisava era que tudo viesse à tona.

“Os basiliscos levam suas tradições a sério”, continuou Adelaide gentilmente. “Vocês devem acatar os resultados do torneio. Todos nós devemos.”

Tem não estava com ânimo para aceitar os resultados de nada. Ela detestava a ideia de alguém escolher seu parceiro por ela. De todas as tradições basilisco, essa era a mais ridícula. Por que ela aceitaria qualquer outro resultado que não fosse Caspen?

Tem precisava de mais informações. Ela estava louca para saber o que o torneio envolvia, como exatamente eles competiriam por sua mão. Se Caspen pretendia derrotar Rowe, eles precisavam estar preparados. Ela se virou para Adelaide. "Você disse que já viu isso antes. O que aconteceu?"

“Minha avó era uma Drakon, meu avô um Seneca. Os Drakons contestaram o casamento deles, e meu avô teve que lutar pelo amor deles.”

"Lutar?"

"Sim."

Tem se virou para Caspen. "Não quero que você brigue com ninguém. Se houver alguma chance de você se machucar, não quero que você faça isso."

“Você já deixou bem claro que não me é permitido morrer.”

Tem quase sorriu com isso.

“Mas receio que não dependa de você”, suspirou ele. “O torneio é obrigatório. Devo participar. Fazer o contrário seria uma afronta às nossas aljavas e, sobretudo, uma afronta a você. Se eu não competir, entrego você aos Sênecas.”

Ele parecia resoluto, como se já tivesse aceitado isso há muito tempo. E talvez tivesse mesmo. Caspen tinha visto os avisos — o grupo furioso

de homens Seneca, a escrita na parede. Isso não era uma surpresa para ele, mesmo que fosse para Tem.

“O objetivo do torneio não é o derramamento de sangue, Temperance”, explicou Adelaide.

Tem não sabia se devia se sentir aliviado com aquela declaração ou não. Se não se tratava de derramamento de sangue, provavelmente era sobre outra coisa — algo pior. "Então, qual é o objetivo?"

“Com prazer.”

Tem bufou. Ela não conseguia imaginar nada que lhe causasse menos prazer.

“É verdade, Temperança. Ao competirem pela sua mão, os pretendentes a honram.”

“Não preciso que Rowe ou seu irmão idiota me honrem com homenagens.”

“Eles… não serão os únicos concorrentes”, disse Adelaide.

"Com licença?"

Ela se mexeu, lançando um olhar para Caspen. "Rowe e o irmão dele não serão os únicos a disputar sua mão em casamento."

Tem olhou fixamente para ela. "O que você quer dizer? Quem mais está competindo?"

“Ainda não sabemos.”

“Quando saberemos?”

“Quando você os escolhe.”

"O que?"

“O torneio é para a sua mão, Tem. É *você* quem deve escolher quem terá o privilégio de competir. Você selecionará os demais competidores.”

“O *resto* ?”

"Sim."

O pavor a invadiu como neve. "Quantos exatamente?"

O olhar de Adelaide se voltou para Caspen, que deu de ombros de forma afetada, um gesto que claramente dizia: " *Apenas diga a ela".*

“Haverá um total de doze concorrentes.”

"Doze?"

“Sim. É um número sagrado para nós.”

“Sagrado como?”

“É um número simbólico, representativo dos amantes de Kora.”

“Eu não sabia que ela tinha doze amantes.”

Adelaide ergueu uma sobrancelha. "Não vos ensinaram as lendas nas vossas escolas humanas?"

Na escola, não lhe tinham ensinado quase nada, exceto o que esperar do processo de treinamento. E mesmo para isso, nada a poderia ter preparado. Tem balançou a cabeça.

Adelaide explicou: "Diz-se que quando Kora decidiu que queria um companheiro, teve doze amantes e um filho com cada um. Esses doze filhos foram os primeiros basiliscos."

Tem piscou. Ela sabia que os basiliscos adoravam Kora, sabia que compartilhavam os mesmos deuses que os humanos. Mas nunca soubera que eles acreditavam ser descendentes da própria Kora, que se consideravam filhos dos deuses. Tem pensou em suas sardas, em como havia exatamente doze em cada palma da mão. Começou a sentir tonturas.

“É como se o ritual estivesse se repetindo”, sussurrou Tem.

Para sua surpresa, Adelaide balançou a cabeça negativamente.

“Não, Temperance. O ritual exigia que você provasse seu valor para nós. Agora é o oposto. Os pretendentes vão competir pela sua mão. Eles verão como uma honra serem escolhidos por você.”

Tem se virou para Caspen. "Eu vou escolher você."

Caspen sorriu. "Sim, essa é a esperança. Mas seu coração pode chamar por outra pessoa, Tem."

“Como isso seria possível?”

“O torneio exige que você seja honesto consigo mesmo. Quando terminar, seu coração chamará por sua verdadeira alma gêmea.”

“Então meu coração te chamará.”

“Não é possível prever o resultado do torneio.”

“Claro que posso.”

“Não.” Ele balançou a cabeça. “Você não pode. Não cabe a você decidir isso.”

Tem balançou a cabeça. "Não entendo. Você disse que eu poderia escolher."

“Seu *coração* escolherá. O coração não usa lógica nem razão — ele não pode decidir quem é o melhor para você — ele simplesmente decide quem ele mais deseja. Não é uma escolha prática, mas sim predestinada.”

Tem não gostou nada do que ouviu .

Caspen concluiu em voz baixa: "Se o seu coração chamar por outra pessoa que não seja eu, ambos seremos obrigados a acatar a sua escolha."

Este era um momento terrível para Tem ser posta à prova pelo destino. Seu coração estava dividido; sempre estivera. E se seu coração chamasse por Leo? Ela só podia esperar que nenhum humano estivesse envolvido na antiga magia do torneio. Talvez seu coração só considerasse outros basiliscos. Claro, isso também não era bom. Tem pensou em Apolo e em como eles tinham estado próximos ultimamente. Ela não podia negar que havia uma intimidade entre eles. Certamente não era amor, e não se comparava ao que ela tinha com Caspen. Mas o coração muitas vezes sabia das coisas muito antes da mente. E, baseado no que Caspen lhe contara, parecia que sempre havia a possibilidade de surpresas. *O coração não pratica lógica ou razão.* Isso era certamente verdade. E poderia ser o seu fim.

“Temperança”, disse Adelaide. “Sei que deve ser muita coisa para assimilar. Mas você estará participando de uma tradição secular. O torneio tem um propósito — um propósito determinado pelo destino. É assim que julgaremos quem é digno da sua mão.”

“Caspen já merece isso. Já somos *casados.* ”

“Pode ser esse o caso. Mas duas coisas podem ser verdadeiras. Ou você já é casado(a), e esse casamento agora está em questão. Esses são os fatos.”

Tem cruzou os braços. Como se viu, ela odiava aqueles fatos. Abriu a boca para protestar novamente, mas Adelaide ergueu a mão.

“É uma honra competir por vocês. Nosso povo estará ansioso pelo torneio.”

Tem balançou a cabeça. Ela já estava farta dessas tradições infernais dos basiliscos. Será que eles não conseguiam fazer nada *normalmente* ? Tudo era uma cerimônia, uma tradição ou um processo especial que

exigia mil passos impossíveis. Tudo era complicado e impossível. Tem estava cansada de ter o rumo da sua vida determinado por uma decisão coletiva. Se ela não podia escolher com quem queria passar o resto da vida, então qual era o sentido de viver? Talvez a morte fosse preferível a tamanha falta de controle.

“Isso é ridículo. Não quero ter nada a ver com isso.”

“Você se sente assim agora”, disse Adelaide gentilmente. “Mas você pode descobrir que o seu lado basilisco exige se juntar a você.”

“O que acontece se eu me recusar a participar?”

“Seria algo inédito”, admitiu Adelaide. “Mas não fará diferença se você optar por participar. O torneio continuará.”

"Como?"

“O torneio é uma oportunidade para o seu coração fazer a sua escolha. Se você optar por não participar, a escolha será feita por você.”

Tem fez uma careta. "E como exatamente será feito para mim?"

“Os doze pretendentes lutariam por você”, disse Caspen em voz baixa. “Até a morte.”

***

Os dias seguintes passaram num piscar de olhos.

A temporada de acasalamento havia terminado, mas isso não significava que estivesse tudo em silêncio sob a montanha. Os rumores sobre o torneio se espalharam rapidamente; Tem não conseguia andar mais de trinta metros em qualquer direção sem ouvir alguém sussurrar sobre ela ou Rowe, ou ambos. Para sua surpresa, o consenso geral parecia ser de entusiasmo. Tem imaginou que podia entender isso; qualquer pessoa que não estivesse em sua posição teria um grande espetáculo para assistir nas próximas semanas. Mas para Tem, essa era a pior coisa que poderia estar acontecendo. O torneio determinaria quem tinha conquistado seu coração — algo que nem a própria Tem sabia. E ela não estava pronta para descobrir.

Como se o torneio não fosse preocupação suficiente, Tem temia o jantar de domingo seguinte. Ela se pegava flexionando os dedos de vez em quando, a dor dos fios ainda fresca em sua mente. Tem não fazia ideia se o sangue que havia doado seria suficiente para alimentar

adequadamente os aldeões, mas não havia notícias de Gabriel e, esperançosamente, isso significava que, por enquanto, sim.

Caspen estava sempre fora de casa agora.

Por algum motivo, Tem pensou que ele poderia ficar ao seu lado agora que o torneio se aproximava. Eles não conseguiam se tocar desde que o casamento deles foi contestado, o que significava que também não tinham feito sexo. Em vez disso, Caspen estava constantemente caçando, seja para manter as forças ou simplesmente para evitar as circunstâncias, ela não sabia. Talvez fosse doloroso demais para ele estar perto dela sem tocá-la. Mas também era doloroso para Tem, e ela não estava com vontade de ficar sozinha. Quando chegou a noite de sábado, ela estava farta de solidão. Tem o procurou mentalmente, pressionando-o contra si assim que o encontrou.

Caspen.

Tem.

Volte para casa.

Estou caçando.

Mas eu sinto sua falta.

Eu também sinto sua falta. Mas também estou com fome.

Ela lhe enviou uma visão dos dois juntos: a cabeça dele entre as pernas dela, a boca dele em seu centro, mostrando-lhe o que ele poderia comer em vez disso. Uma mistura de excitação e agonia tomou conta de Caspen. Tem sabia que não conseguiria tocá-la. Mas, mesmo assim, ela o desejava.

Volte para casa.

A presença dele crescia em sua mente, apertando a base de seu pescoço. *E o que você fará se eu voltar para casa?*

Qualquer coisa. Conte-me.

Qualquer coisa?

Sim.

Quero você na nossa cama quando eu voltar.

O que mais?

Quero você deitada de costas com as pernas abertas.

E então?

Quero você toda molhada e pronta para gozar. Você pode fazer isso por mim, Tem?

Tem corou tanto que ficou difícil se concentrar. Ela podia fazer isso por ele. E ela gostaria. Então ela disse: *Sim.*

Ela deitou-se de costas, exatamente como ele havia pedido. Ela já estava molhada, e no instante em que o ar tocou seu centro, ficou ainda mais molhada.

Toque-se.

Tem fez isso.

Ela mergulhou facilmente em sua umidade, brincando primeiro com o clitóris antes de deslizar os dedos profundamente para dentro. Tem se concentrou na sensação, focando no toque escorregadio, imaginando que Caspen estivesse fazendo aquilo em seu lugar. Era difícil acreditar que ela havia passado tantos anos fazendo isso sozinha em seu quarto, e agora estava fazendo nos aposentos que dividia com o marido. Tem havia passado tantas noites naquela cama, todas com Caspen dentro dela. Ela pensou naquelas noites, na forma como se moviam em perfeita sintonia, atingindo o orgasmo repetidas vezes, juntos. Não havia passado um dia sequer sob a montanha sem que fizessem sexo, e Tem odiava que os dias estivessem passando de forma oposta agora. Ela precisava de Caspen como precisava de ar. Precisava do corpo dele, do pênis dele e das mãos dele por todo o seu corpo. Nada que fizesse consigo mesma jamais se compararia.

Mais profundo, Tem.

Tem foi mais fundo. Ele estava quase de volta; ela podia sentir a presença dele crescendo em sua mente à medida que ele se aproximava. Quando Tem não aguentou mais, Caspen entrou.

Ela prendeu a respiração ao vê-lo. Seus ombros estavam salpicados de chuva, que escorria pelo torso e delineava as curvas do abdômen. Tem desejou poder lamber a água. Só de vê-lo, ela já estava à beira do êxtase. Seus olhos eram completamente negros, sem qualquer vestígio de dourado. Se as circunstâncias fossem diferentes, ele a foderia — a preencheria . Mas não dessa vez. Dessa vez, ele foi até a cama, agarrou o pênis e começou a se masturbar.

Parecia a primeira vez que estavam juntos na caverna — quando Caspen se tocou ao vê-la e Tem fez o mesmo. Tanta coisa aconteceu desde então. Tem cresceu imensamente, assim como Caspen. Agora

estavam casados e unidos pelo sangue. Agora, quando Tem olhava para o homem que amava, via tudo o que já havia experimentado mil vezes e desejava ainda mais. Caspen era um rei, e Tem, sua súdita ávida. Era uma honra testemunhar tamanha majestade.

Olha só você, fazendo exatamente o que te mandam.

Tem mordeu o lábio. Ela faria qualquer coisa por ele.

Tão bom. Tão lindo.

Ela seria perfeita para ele.

Ambas as mãos, Tem.

Tem usou as duas mãos, abrindo-se para Caspen, certificando-se de que ele visse tudo o que merecia tocar. Ela desejava ardentemente que aquilo terminasse em sexo. Mas se essa era a única maneira de tê-lo, eles teriam que fazer valer a pena.

Deeper.

Ela foi ainda mais fundo.

O pênis de Caspen estava duro em sua mão, inflexível em sua rigidez. Tem nunca se acostumaria a deixá-lo assim. Era um privilégio e uma honra que ela não conseguia compreender, e ela só esperava ser digna disso.

Mais rápido, Tem.

Tem foi mais rápido.

De novo. Assim mesmo.

Ela estava desesperada agora. Desesperada por ele.

De novo.

Suas ordens eram militares. Impiedosas. Mas Tem não se importava. Ela queria assim, queria que Caspen se sentisse no controle. Ela queria lhe dar isso, já que não conseguia lhe dar mais nada. Era um prazer obedecer.

Não venha até que eu lhe diga.

Isso seria difícil. Tem não estava acostumada a controlar o momento do seu clímax, e certamente não quando *o* desejava tanto. Ela prendeu a respiração imediatamente, na esperança de que isso a ajudasse a resistir. Mas nada podia deter a onda que crescia insistentemente em seu íntimo, impulsionando-a rumo ao inevitável.

Por favor, Caspen.

Ainda não.

Por favor.

Não. Comporte-se.

Tem se contorcia na cama. Era uma agonia negar a si mesma isso. Mas ela queria fazer o que queria. Caspen disse que ela queria se comportar. Antes que Tem pudesse respirar, Caspen estava sobre ela. Seus joelhos pressionaram o colchão de cada lado dela. Ele se inclinou, posicionando o rosto bem acima do dela, de modo que se encaravam fixamente enquanto ele *rosnava.* Tem ouviu a fome naquele rosnado, sentiu a luxúria dele por ela em seus ossos. Ela manteve os olhos bem abertos enquanto ele se endireitava, inclinando-se para a frente e segurando o pênis pela base.

Abra a boca.

Tem fez isso, como já havia feito tantas vezes antes.

Uma só estocada. Foi tudo o que precisou para o sêmen de Caspen jorrar sobre a língua dela, deslizando pela garganta. Tem engoliu, mas Caspen não havia terminado. Ele se inclinou para trás, roçando o pênis no pescoço dela e deixando o resto do seu sêmen respingar em sua pele.

Agora.

Um doce alívio percorreu Tem. Bastou um único carinho em seu clitóris para levá-la direto ao orgasmo. Ela surfou na onda com gratidão, saboreando o êxtase puro que acompanhava a libertação. Caspen a observava com orgulho, seu corpo ainda imponente sobre o dela. Tem sabia que ele precisava disso, precisava vê-la se entregar. E ela estava feliz em fazê-lo.

Era horrível não poder tocá-lo, e ela sabia que era ainda pior para ele resistir a ela. Mas era tudo o que podiam fazer por enquanto — tudo o que Tem podia lhe oferecer era um espetáculo. E foi o que ela fez, deslizando a mão mais uma vez entre as pernas. Com a outra, levou à boca, lambendo a própria umidade dos dedos. Caspen acariciou o pênis enquanto ela fazia isso, ficando imediatamente excitado novamente. Tem fez um esforço enorme para não se sentar e tomá-lo com a boca. Em vez disso, disse: " *Queria poder te provar."*

E eu você.

Quero você até o fundo da minha garganta.

Sua mão se moveu mais rápido.

A dela também.

Eu também quero isso.

Quando você ganhar o torneio, qual será a primeira coisa que você fará comigo?

A boca de Caspen se contraiu. *Tocar em você.*

E então?

Vai se foder.

O sorriso de Tem era igual ao dele. Ela mal podia esperar. Era insuportável daquele jeito — assim como da primeira vez que estiveram juntos na caverna, quando Caspen disse que não a tocaria. Aquilo tinha sido uma escolha; isto lhes fora imposto por Rowe. Parecia uma rebeldia selvagem estarem juntos de qualquer maneira — seja lá como fosse — recusar-se a deixar Rowe vencer. Ele podia contestar o casamento deles, mas jamais contestaria o amor que sentiam um pelo outro. Esse amor era só deles.

O pescoço dela ainda estava coberto com o sêmen dele. Tem pegou o que pôde com os dedos, levando-os aos lábios. Caspen a observava com total concentração, bombeando o pênis através da mão, olhando apenas para o corpo nu dela sob ele. Tem sabia que ele estava imaginando todas as coisas que queria fazer com ela. Ela desejava ardentemente que ele as fizesse.

Dessa vez, Caspen ejaculou em seus seios. Tem passou as mãos pelo sêmen, espalhando-o sobre a pele e massageando-o sensualmente ao redor dos mamilos. Então, ela se entregou ao prazer, usando a essência dele e unindo-a à sua.

"Meu amor", Caspen sussurrou quando ela chegou.

Eles adormeceram um de frente para o outro, com os corpos a poucos centímetros de distância.

Ao acordar na manhã seguinte, Tem o observou enquanto ele dormia. Ela jamais se acostumaria a adormecer sem tocá-lo e acordar da mesma forma. A barreira entre eles já era devastadora, mas era especialmente horrível naquele domingo, quando tudo o que Tem queria era um abraço.

O dia passou rapidamente, e a viagem de carruagem até o castelo foi silenciosa.

Tem pensou nos outros passeios de carruagem, aqueles em que Caspen a tocava, a beijava e a provocava. Agora, estavam sentados a quinze centímetros de distância, em completo silêncio, olhando fixamente para a frente. Não era a primeira vez que Tem desejava desesperadamente que as coisas fossem diferentes. Ela desejava não ter conquistado o trono de Leo. Desejava que Rowe não tivesse contestado o casamento deles. Era tudo uma bagunça. E tudo era culpa dela.

"Caspen", ela sussurrou. Ela olhou para o seu belo rosto esculpido — o rosto que ela tanto amava.

“O que foi, Tem?” Sempre atento, sempre sintonizado — esse era Caspen. Sempre seria.

"Estou com medo", ela sussurrou.

Ela tinha medo de tantas coisas — de perder Caspen, de perder Leo, do derramamento de sangue, do torneio. A lista estava ficando tão longa que ela nem conseguia nomear todas.

Na escuridão da carruagem, Caspen suspirou. "Eu também."

A confissão dele deixou Tem arrepiada. O limite de tolerância ao medo de Caspen era muito maior que o dela. Se ele estava com medo, significava que havia realmente algo a temer. Mais uma vez, Tem quis tocá-lo. Mais uma vez, ela não conseguiu.

Um mordomo os conduziu para dentro do castelo e, em seguida, para a sala de jantar.

Leo e Evelyn já estavam lá, sentados à mesa. Leo se levantou quando ela entrou, e tudo o que havia acontecido na sala passou pela mente de Tem. Ela se lembrou do brilho da lareira, do calor da pele dele. Ela se lembrou de como ele havia segurado seus seios e apertado até que ela gemesse.

E se eu te pedisse um beijo agora? Você deixaria?

“Tem”, disse ele, interrompendo seus pensamentos. “Como você está?”

Tem piscou. Ela não fazia ideia de como responder. Em vez de tentar, disse: "Você pode me levar lá para baixo? Não tenho a noite toda."

Leo balançou a cabeça. "Você não vai para a masmorra esta noite."

Tem olhou para Caspen, que parecia igualmente perplexo. Evelyn, por outro lado, estava furiosa. Ela se recusou a levantar, encarando Tem de sua cadeira à mesa, com as mãos cerradas no colo.

"Por que não?"

“Porque não precisamos mais dos seus serviços.”

Uma tênue esperança invadiu seu peito. Teriam eles encontrado uma solução para o derramamento de sangue? Outro método para ganhar dinheiro que não envolvesse abrir seu povo? A possibilidade era quase insuportável.

“E por que será?”, perguntou ela.

Mas, em vez de dar uma explicação, Leo ficou em silêncio. Suas mãos estavam cruzadas atrás das costas, o queixo erguido. Ele parecia... decidido. Orgulhoso, até. Era o olhar de um homem que havia escolhido fazer a coisa certa, independentemente das consequências.

Tem olhou dele para Evelyn e depois de volta para Leo. Finalmente, ela entendeu.

Eles não tinham encontrado uma solução para o sangramento; ela não iria para a masmorra simplesmente porque Leo não queria machucá-la novamente. Tem pensou na conversa deles na sala de estar — sobre como Leo descobriu que Caspen a curava depois de tê-la ferido. " *Isso é desprezível"* , Leo havia dito. Tem o conhecia tão bem — sabia exatamente como aquela revelação o fez sentir. Ele teria pensado nisso a noite toda, atormentado pela culpa, pensando em como, enquanto a deixasse sangrar, ele também era desprezível.

Leo não ia mais magoá-la. E agora todos sabiam disso.

“Isso é um absurdo”, disse Evelyn finalmente, com a voz tensa. “Ela já se ofereceu como voluntária. Se ela não fizer isso, nós—”

“Encontraremos outra maneira”, disse Leo. “Como conversamos.”

"Não há *outra* maneira", disparou Evelyn.

Ao lado de Tem, algo se fervilhava na mente de Caspen — algo sombrio. Ela não conseguia entender; Leo estava fazendo a coisa certa. Caspen deveria estar feliz.

“Encontraremos uma solução que funcione para todos”, continuou Leo, com a voz já um pouco menos firme do que antes. “Tem e eu podemos conversar sobre isso—”

"Ah, *por favor* ", exclamou Evelyn, finalmente se levantando. "Você não precisa discutir nada. Você só quer mais uma desculpa para se encontrar com ela a sós."

Tem ficou boquiaberto.

Leo parecia igualmente chocado, seus olhos primeiro se voltando para os dela e depois para os de Evelyn. "Essas reuniões são necessárias", disse ele lentamente. "Precisamos descobrir como nossos reinos podem—"

Mas Evelyn não aceitou isso. "Você tem noção do quão humilhante isso é, Leo? Eu já tenho que ficar aqui toda semana vendo você encarando ela. E agora você coloca nosso reino em risco porque não quer que ela sangre."

Tem percebeu que ela não disse o nome dela. Evelyn nem sequer conseguia nomear o que a frustrava — não conseguia se dirigir diretamente à sua adversária. Era o comportamento de uma covarde, e Tem não tinha o menor respeito por isso.

“Não estou encarando-a”, disse Leo.

Evelyn soltou uma risada torturada que soava como o grasnar de um pássaro.

Tem sabia o quanto Leo odiava mentir, sabia exatamente o preço que ele havia pago por dizer aquilo. Toda aquela conversa era extremamente desconfortável para Tem. O humor de Caspen, que já estava péssimo, só piorou com o passar do tempo. Ela podia sentir a temperatura dele subindo ao seu lado, as mãos se fechando lentamente em punhos. Tem tentava entender de onde vinha a raiva dele.

A ficha caiu: Leo talvez tivesse feito a coisa certa, mas ele a fez *por ela.* Porque a amava. Evelyn sabia disso — era por isso que estava tão chateada. E certamente, Caspen também sabia. Talvez ele estivesse em negação antes. Mas agora, com Evelyn expondo tudo, não havia como esconder.

Era impossível ignorar o jeito que Leo olhava para Tem. Aqueles olhares furtivos eram a única coisa que a mantinha sã — o único lembrete de que, em algum momento, o que eles tinham tido era real. Eles estavam sempre na linha tênue da decência a cada encontro, e Tem não tinha certeza de quanto tempo mais conseguiriam manter isso antes que um deles inevitavelmente a cruzasse. Muito provavelmente, seria ela. Seu lado basilisco ansiava por alcançá-lo — tomá-lo em seus braços e beijá-lo até deixá-lo sem fôlego. Ela mal sentia culpa por isso. Depois do que Maximus lhe contara na masmorra, ela quase *quis* destruir o relacionamento de Leo com Evelyn. Era um desejo horrível

— um desejo que só se intensificava com a forma como Evelyn falava com ele. Mas ela não podia fazer isso com Leo. Não sem provas.

“Você está me fazendo de boba”, disse Evelyn. Ela apontou para Caspen. “Para *nós.* ”

O rosto de Caspen se contorceu em desgosto. Tem sabia que ele não queria nenhuma associação com Evelyn. Ninguém conseguia fazer Caspen de bobo, e certamente não Tem. Ele podia não gostar do que ela sentia por Leo, mas lidava com isso à sua maneira. Era um insulto da parte de Evelyn compará-los, e Tem sabia que Caspen interpretaria isso como tal.

Mesmo assim, Leo não disse nada.

Mas Evelyn não havia terminado. "E por que você está falando com ela, afinal? Você deveria estar negociando com a cobra."

Caspen ergueu a cabeça bruscamente e um arrepio percorreu a espinha de Tem.

“Não me chame assim”, disse ele, com a voz mortalmente calma.

Capítulo Vinte e Nove

Um silêncio se instalou. A garganta de Evelyn se moveu enquanto ela engolia em seco. Ela parecia absolutamente aterrorizada.

Tem se preparou para o que Caspen faria em seguida: gritar ou possivelmente quebrar alguma coisa. Em vez disso, ele se virou para Tem e disse: "Você não precisa de mim aqui."

Então ele saiu sem dizer mais nada. Tem ficou olhando para ele, em choque. Eles não tinham conseguido terminar um único jantar sem que Caspen saísse mais cedo. Era rotina. " *Você não precisa de mim aqui",* disse Caspen em todos os sentidos. Se Tem tinha Leo para protegê-la, que papel Caspen poderia desempenhar?

Evelyn olhou fixamente para Leo, expectante. Ele desviou o olhar dela.

"Tudo bem", disse ela. "Você também não precisa de mim. Aproveite a *reunião.* "

Tão rápido quanto a noite começou, ela terminou. Tem e Leo ficaram sozinhos novamente, sem nada para fazer a não ser se encarar. Tem o observou em silêncio, imaginando o que exatamente deveriam fazer em seguida.

“Tem”, disse Leo baixinho.

Ela piscou. "O quê?"

Você vai ficar?

Tem suspirou.

Evelyn tinha razão; era inapropriado Tem ficar por ali. Mas o fato é que ela queria — e precisava. Tem não conseguia imaginar um mundo onde Caspen estaria disposto a discutir estratégia com Leo, especialmente depois do que tinha acabado de acontecer. Essa tarefa cabia a ela. E mesmo que não houvesse estratégia para discutir, Tem ficaria. O brasão ainda os unia — seu coração ainda doía por ele. Não

importava que o mundo estivesse desmoronando ao redor deles. Tem queria ficar.

“Sim”, disse ela.

Eles foram à biblioteca.

Leo dirigiu-se imediatamente ao armário de bebidas e serviu-se de um copo de uísque, virando-o de uma só vez. Os músculos do seu pescoço contraíram-se enquanto engolia.

Ele se virou para encará-la. "Você precisa estar tão bonita quando vem aqui?"

Tem ficou boquiaberta. Tão surpresa que respondeu sem pensar: “Você é quem diz ser.”

Era verdade; Leo estava *tão* bonito. O botão de cima da camisa estava aberto, revelando todo o comprimento do seu pescoço. Seu cabelo estava penteado para trás no início da noite, mas depois de passar os dedos por ele, algumas mechas loiras caíram perfeitamente sobre sua testa. Ele parecia ter a quantidade perfeita de desarrumação, como se tivesse acabado de fazer sexo. O pensamento deixou Tem imediatamente excitada.

“Não faça isso”, disse Leo.

“Fazer o quê?”

“Não me elogie.”

Tem tentou sorrir. "Essa é a minha frase."

Seu semblante se franziu ainda mais. "Evelyn tem razão. Não deveríamos estar fazendo isso."

Tem não respondeu. Claro que eles não deveriam estar fazendo isso. Mas estavam fazendo mesmo assim.

Um longo momento se passou. Leo serviu outro copo de uísque e entregou a ela. "Os protestos cessaram", disse ele.

Tem reservou um momento para sentir alívio, para saber que entre sua sessão na masmorra e a visita de Gabriel aos arredores da montanha, havia uma paz temporária.

“Mas se não houver mais derramamento de sangue…” Leo parou de falar.

Tem sabia o que ia dizer. Aquilo era apenas uma pausa nos protestos; assim que o suprimento de sangue de Tem acabasse, os aldeões

voltariam a passar fome.

Eles voltariam à estaca zero.

Leo suspirou, passando a mão pelos cabelos novamente. "Não sei o que fazer, Tem. As coisas... não estão boas. Os aldeões estão furiosos. Seu povo quebrou a trégua. Eles não vão perdoar."

A imagem de Jonathan e Christopher passou pela mente de Tem.

Caspen havia quebrado a trégua. Por ela.

“Meu povo tinha um bom motivo”, disse ela.

Os olhos de Leo encontraram os dela com genuína surpresa. "Qual era?"

Tem ficou paralisada. Ela guardaria o segredo de Caspen por medo do que poderia acontecer se Leo descobrisse que ele era o responsável. Mas, se eles realmente governassem seus reinos juntos, talvez Leo merecesse saber toda a história. Talvez ele merecesse a verdade.

“Caspen foi quem petrificou Jonathan e Christopher.”

Leo ergueu uma sobrancelha. "E *por que* ele faria isso?"

“Foi… retaliação.”

A pergunta inevitável que se seguiu foi: "Retaliação por quê?"

Tem hesitou. Quanto deveria revelar? Não se tratava de preservar nada. A reputação de Jonathan e Christopher estava arruinada. Mas Tem se perguntava como Leo reagiria aos detalhes. Talvez o deixasse furioso. Mas também poderia ajudá-lo a entender por que Caspen fizera aquilo, então ela disse: "Eles me magoaram."

Uma avalanche de emoções passou pelo rosto de Leo em rápida sucessão. Primeiro choque, depois raiva, e então preocupação pura. " *O quê?* Como?"

“Não é importante.”

"Eu peço desculpa mas não concordo."

“Leo”, disse ela, cansada. “Por favor.”

“Tem.” Ela viu os dedos dele apertarem o copo de uísque. “Diga-me.”

Ela suspirou. Não havia como evitar — sabia que ele não desistiria do assunto, e uma parte dela se sentia feliz por ele se importar. Mas outra parte não tinha o menor interesse em contar a ele sobre a agressão. Não era algo em que ela quisesse pensar novamente, muito menos descrever em detalhes.

“Eles me emboscaram”, disse ela, tentando ser o mais simples possível. “Quando eu estava sozinha na trilha. Eles… me tocaram.”

O rosto de Leo empalideceu. "Te toquei como?"

“Não é importante”, disse ela novamente, desta vez com firmeza. Tem falava sério. Não havia motivo para ele saber mais nada.

Em resposta, Leo serviu outro uísque, desta vez em quantidade consideravelmente maior que o primeiro. "Você devia ter me avisado", disse ele, rangendo os dentes.

“Não era exatamente o tipo de conversa que se teria à mesa de jantar, Leo.”

“Não me refiro a esta noite. Quero dizer que você deveria ter me dito isso quando estávamos—”

A frase morreu em sua boca, mas Tem a completou mesmo assim: "Juntos".

A palavra ficou pairando no ar.

Leo virou um gole de uísque.

Tem suspirou. "Não havia motivo para você saber, Leo. Caspen cuidou disso."

“Eu entendo que ele lidou com a situação. Mas isso não significa que você não deveria ter me contado. Pelo amor de Kora, Tem. Eu os defendi na frente de toda a aldeia. Eu disse que as mortes deles foram *devastadoras.* ”

Tem se lembrou do discurso dele, de como ele tinha a intenção de apaziguar os aldeões. Ela conseguia entender de onde vinha a raiva dele. Mas não o culpava por defendê-los. Era seu dever defender seu povo.

“O que você quer que eu diga, Leo? Teria sido errado colocá-lo numa posição em que você tivesse que escolher entre suas matérias e eu.”

Ele soltou uma risada amarga. "Por favor, Tem. Você nunca teve problema nenhum em me colocar numa posição de escolha."

As palavras dele a feriram. Era *ela* quem tinha que escolher. "Isso não é justo e você sei disso.”

Leo apenas balançou a cabeça. "Inacreditável", sussurrou. "Você é inacreditável pra caralho."

Tem cruzou os braços. Eles não estavam chegando a lugar nenhum. "Sinto muito que Caspen tenha quebrado a trégua. E tenho certeza de que ele mesmo se desculparia se você quisesse. Mas você não pode culpá-lo por retaliar."

“Não, eu…” Leo parou de falar, girando o uísque no copo. De repente, sua determinação pareceu ruir. “Eu teria feito o mesmo.”

Houve uma pausa suave. Tem sentiu o humor de Leo suavizar, e o dela também.

“Isso não muda o fato de que meu povo está furioso”, continuou ele em voz baixa. “Um homem desapareceu há alguns dias. Ele morava sozinho, nos arredores da aldeia. Evelyn acha que foram os basiliscos.”

O medo atravessou o estômago de Tem. Não eram apenas os basiliscos — era *ela.*

“Se ele desapareceu, por que presumiriam que foram os basiliscos?”

“Quem mais seria, Tem?”

Ela franziu os lábios.

Leo inclinou-se para a frente. "Você sabe de alguma coisa?"

Tem não respondeu.

Leo não desviava o olhar. As palavras de Caspen ecoavam em sua mente: *O que seu pequeno príncipe vai pensar do que você fez?* Tem sabia exatamente o que Leo pensaria. Ele ficaria enojado, e teria todo o direito de ficar. Tem havia se tornado aquilo que os aldeões temiam: aquilo que ela mesma sempre temera. Ela não podia dizer a Leo que a culpa era dela. Não suportaria que ele a olhasse de outra forma.

“Tem.” Leo a tirou de seus pensamentos. “O que está acontecendo com você?”

"O que você quer dizer?"

Você parece... cansada. Está tudo... bem?

não estavam bem. Seu corpo, embora exausto, estava bem. Sua mente, por outro lado, era outra história. Tem só conseguia pensar em tudo que poderia dar errado. Não era só o derramamento de sangue; o torneio pairava em sua mente como uma sombra, ameaçando engolfá-la. Seu relacionamento com Caspen — que já estava instável — agora corria sério perigo. Ela deveria ter imaginado que Leo perceberia que algo estava errado. Era da natureza dele notá-la — se importar. Mesmo quando ela não lhe pertencia mais.

"Eu não sei", sussurrou Tem. Era demais para explicar — demais para suportar.

Seus olhos a encararam fixamente. "Tem", disse ele, com hesitação na voz. "Estarei sempre aqui para você. Se precisar de mim."

Tem olhou para o fogo — era mais fácil do que olhar para ele.

Leo passou dos limites ao se oferecer a ela daquela forma. Eles não eram confidentes; não eram amigos. Aquilo era uma relação comercial agora — uma parceria política que precisava funcionar perfeitamente para que continuassem governando seus reinos juntos. Leo sabia exatamente o efeito que suas palavras teriam sobre ela, sabia exatamente como fariam seu coração bater mais forte. Tem odiava ser tão previsível. Mas isso não significava que ela queria que ele parasse.

Ela estudou os ângulos do rosto dele, as maçãs do rosto proeminentes. Ele parecia diferente de como estava até mesmo na semana passada, abatido, como se algo o estivesse consumindo por dentro. Ela deveria estar perguntando se *ele* estava bem, e não o contrário. Mas não adiantava perguntar. Tem sabia o que o afligia: a crista. Mais um problema sem solução.

"Estou simplesmente... sobrecarregada", disse ela, sem rodeios.

Ele assentiu com a cabeça. A luz da fogueira iluminou seu rosto. "Entendo. Por algum motivo específico?"

Tem não conseguia imaginar contar a Leo sobre o torneio. Mas ela já havia lhe contado que Caspen havia quebrado a trégua, e ele havia aceitado isso muito bem. Que mal era mais uma informação? Além disso, o resultado também o afetava. Rowe era violento e imprevisível. Ele odiava os humanos. Se vencesse, não hesitaria em declarar guerra.

“As coisas estão… complicadas debaixo da montanha neste momento.”

Leo respirou fundo, como se estivesse se preparando. "Complicado como?"

“Meu casamento tem sido… contestado.”

Leo franziu a testa. "Não entendo."

Tem mal conseguia entender. "Vai haver um..." Ela simplesmente não conseguia pronunciar a palavra *torneio* , optando por "...luta".

Leo se mexeu. "Você está em perigo?"

“Não”, disse ela rapidamente. “Bem, não… perigo imediato.”

"Prefiro que você não corra nenhum perigo, Tem. Nem imediato, nem de qualquer outra natureza."

Ela não pôde deixar de sorrir. "Não estou em perigo. Caspen precisa lutar contra outro basilisco por mim."

"Por que?"

Tem suspirou. "Para explicar isso, você precisa saber que os basiliscos pertencem às aljavas."

“Aljavas?”

“Eles são como clãs ou grupos.”

Leo assentiu com a cabeça, e ela continuou.

“Caspen e eu somos de aljavas diferentes.”

"Eu vejo."

“E o basilisco que contesta meu casamento veio da minha aljava.”

“Então sua aljava…”

“Os Senecas”, sugeriu Tem.

“Os Senecas… eles não querem que você e Caspen se casem?”

"Sim."

Leo olhou para o seu uísque. "Isso é ridículo, Tem."

Isso certamente era verdade. Mas não significava que não estivesse acontecendo. "É complicado, Leo. Os basiliscos têm todo tipo de regras —"

“Quem liga para as regras deles? Você não pode simplesmente *casar com qualquer outro basilisco* .”

“Posso, se ele vencer a luta.”

A expressão no rosto de Leo era de puro horror. E Tem não podia culpá-lo. Quando ela descreveu a situação daquela forma, soou completamente insana. Mas esses eram os basiliscos. Nada do que faziam era remotamente normal.

"Não está sob meu controle, Leo", disse ela em voz baixa. "Não posso prever o resultado. Caspen é quem está lutando por mim."

"Bem", disse Leo com os dentes cerrados, "é melhor ele ganhar".

Tem ergueu uma sobrancelha. "Você quer que ele faça isso?"

Leo passou a mão pelos cabelos de forma imprudente. "Já é ruim o suficiente você estar com ele, Tem. Mas seria ainda pior se você

estivesse com outra pessoa. Pelo menos eu sei que ele te ama."

As palavras dele a chocaram. Eram extremamente sinceras — quase que acidentalmente. Ela duvidava que ele tivesse a intenção de revelar tanto para ela. Mas agora que tinha ouvido, precisava saber: "Você... me ama?"

Ele cerrou os dentes. "Se você precisa perguntar isso, é porque não me conhece de verdade."

"Eu te conheço", ela sussurrou.

"Você?"

Sim. Ela conhecia Leo. Conhecia-o *tão* bem. Sabia que ele jamais deixaria de amá-la, assim como ela jamais deixaria de amá-lo. Sabia que era uma tortura para ele estar tão perto dela, sem poder tocá-la. Assim como era uma tortura para ela. Sabia que, se dependesse deles, ambos estariam nus na cama dele naquele instante.

“Então me diga, Tem”, ele olhou diretamente para ela. “Eu te amo?”

Sua resposta veio tão naturalmente quanto respirar. "Você me ama. Sempre vai me amar."

Leo era *dela* . Eles *pertenciam um ao outro.*

Ele estava perto demais. Respiravam o mesmo ar. A predadora dentro dela clamava por libertação. Em outro mundo, eles se beijariam. Em outro mundo, iriam para a cama dele e nunca mais sairiam. Mas neste, eles apenas se encaravam, ambos presos às promessas que fizeram às pessoas que amavam. O problema era que eles também se amavam.

"Não há nenhuma chance para nós?", sussurrou Leo.

Tem não conseguiu responder. Ela não se atreveu.

“Responda-me, Tem.”

Uma ordem. Uma que ela não podia obedecer.

"Você prometeu", sussurrou Leo, com os lábios a centímetros dos dela. "Lembra? Você prometeu que não mentiria para mim."

Tem fechou os olhos porque não conseguia mais olhar para ele. Claro que ela se lembrava. Lembrava-se como se fosse ontem. Mas não podia mais cumprir aquela promessa. Se contasse a Leo a verdade, que eles tinham uma chance — que *sempre* teriam uma chance —, isso o destruiria. Ela não podia fazer isso com ele. Não de novo.

Tem abriu os olhos. "Sua futura esposa está esperando por você, Leo."

A escuridão o envolveu. "E seu marido está esperando por você. Embora, dependendo dessa *luta* , suponho que ele possa não ser seu marido por muito tempo."

Tem odiava o quão certo ele estava. "Caspen vai ganhar", ela sussurrou.

Dessa vez, Leo não disse que queria que ele fizesse isso. "Não importa, Tem. Só resolva isso para que possamos seguir em frente."

Tem franziu os lábios. Não era tão simples, e Leo sabia disso. As coisas eram delicadas sob a montanha. Se uma faísca se transformasse em chama, poderia incendiar todo o reino.

"Estou tentando consertar isso", ela sussurrou. "Você sabe que estou."

Ele balançou a cabeça. "Não *tente* . Apenas faça." Leo bateu o uísque na mesa. Um instante depois, ele havia sumido.

Caspen estava dormindo na cama deles quando Tem voltou. Havia sujeira e sangue em seu pescoço. Ele tinha estado caçando.

"Caspen", ela sussurrou. Ele não se mexeu. Ela tateou em busca da passagem entre suas mentes, mas estava fechada.

“Caspen”, ela disse novamente, desta vez em voz mais alta.

Seus olhos se abriram lentamente. "Tem", murmurou ele.

"Sinto muito", disse ela imediatamente.

Caspen ergueu uma sobrancelha, expectante. Sentou-se lentamente, mantendo o olhar fixo nela. "Por quê?"

"Para..."

Havia tantos motivos para se desculpar. Não eram apenas os eventos daquela noite que exigiam um pedido de desculpas — era tudo o que havia acontecido desde que Tem se casou com Leo. Tudo tinha dado errado, e ela estava ficando sem ideias de como consertar as coisas.

"Sinto muito que Evelyn tenha te chamado de cobra." Era o mínimo que ela podia dizer.

Caspen ergueu o queixo. " *Ela* é a cobra."

Tem não tinha resposta para aquilo. Evelyn era dissimulada, ardilosa e cruel. Ela se movia silenciosamente na escuridão e mentia quando era desmascarada. Ele estava certo; Evelyn Era uma cobra.

Houve uma longa pausa, e Tem se perguntou se também deveria se desculpar por ter ficado para trás para conversar com Leo. Antes que

pudesse decidir, Caspen disse: "Os Senecas chegarão esta noite."

Um nó de pavor percorreu o estômago de Tem. "Para o torneio?"

“Sim. Haverá uma comemoração no lago. O torneio começa amanhã.”

Ela assentiu. Alguns dias. Era o tempo que ainda teriam que ficar sem se tocar. Ela conseguiria sobreviver a isso. Ou não?

“Tem”, murmurou Caspen. “O que está te incomodando?”

Ela só conseguia pensar em uma coisa. "Sinto sua falta", sussurrou.

“Estou bem aqui.”

Mas isso mal era verdade. Fisicamente, ele estava bem na frente dela. Mas, na realidade, era como se estivesse a milhares de quilômetros de distância. Era uma tortura não tocá-lo — uma tortura ver o que ela não podia ter. Era exatamente a mesma sensação que ela tinha todo domingo à noite quando observava Leo com Evelyn.

“Eu preciso de você, Caspen.”

Sua expressão suavizou-se. Ele se aproximou, inclinando o corpo em direção ao dela. "Você me tem, Tem. Você sempre me terá."

Ela o encarou nos olhos dourados dele, tentando encontrar a verdade neles. Será que ela realmente o tinha? Será que eles sobreviveriam ao torneio? Será que o coração dela o chamaria? Tem não fazia ideia do que esperar de si mesma. Tudo o que ela sabia era que, ali, naquele instante, sentia falta dele.

"Deite-se", disse Caspen em voz baixa. "Precisamos descansar."

Tem deitou-se. Mas, em vez de descansar, eles conversaram — sobre tudo e sobre nada, qualquer coisa, menos sobre as circunstâncias atuais. Tem contou a ele sobre sua infância, sobre como as crianças da escola a provocavam. Caspen contou sobre sua família e como foi difícil crescer com Bastian como pai. Era a primeira vez que conversavam assim. A conexão entre eles sempre fora física. Mas era lindo se conectar com ele também dessa forma, em um nível emocional. Tem se perguntou se eles teriam tido uma conversa assim se o casamento não tivesse sido contestado e eles não pudessem se tocar. Ela achou extraordinário que justamente aquilo que os separava agora os unisse.

Tem absorveu Caspen: seu belo corpo, seus cabelos escuros, seu queixo marcante. Ela memorizou cada centímetro dele como se fosse a última vez que o veria. Caspen fez o mesmo, seu olhar demorando-se em cada parte dela. Quando finalmente terminaram de conversar, Tem

se tocou, e ele observou. Então ele também se tocou. Quando chegou ao clímax, moldou sua essência em uma garra e a colocou sobre o estômago dela. Isso, pelo menos, ele ainda podia lhe dar. Tem saboreou o peso. Então ela o inseriu lentamente, com as pernas abertas. abriu-lhe as pernas para que pudesse ver desaparecer nela centímetro por centímetro, suavemente. Caspen observou cada momento, com os olhos completamente negros.

Por fim, eles se dirigiram ao lago. Quando chegaram, a celebração já havia começado. A caverna era ainda maior do que Tem se lembrava, e o lago se estendia por quilômetros antes de desaparecer no horizonte. A margem inclinada já estava repleta de basiliscos, todos nus. Tem contemplou o caos. Balançou a cabeça em espanto.

Nunca vou me acostumar com isso.

Sim, você vai. Faz parte de você.

Eles caminharam juntos até a margem do lago.

“Você se lembra da sua primeira vez aqui?”, perguntou Caspen.

“Claro”, disse Tem.

Ela se lembrava bem da sensação de estar no lago onde Kora havia se banhado, de sentir a mesma água que ela sentira. Era algo maravilhoso, e Tem não o encarava levianamente. A mesma energia que sentira da última vez que estivera ali a pulsava novamente: algo de outro mundo. Divino.

Caspen se virou para ela. "Eu estava tão orgulhoso de você naquele dia", murmurou ele. "Você foi corajosa."

“Eu nem sequer fiz a transição.”

“Mas você tentou. Foi isso que te tornou corajoso.”

Era típico de Caspen elogiá-la por fazer o mínimo necessário. Mas Tem percebeu que apreciava o gesto e, por um instante, permitiu-se sentir orgulho também. Havia valor em simplesmente tentar. Muitas pessoas tinham medo até mesmo disso.

Eles olharam juntos para a água. A garra pulsou.

“Como é que conseguimos fazer a transição para cá?”, perguntou Tem. “O reflexo não deveria ter me matado?”

“Estou surpreso que tenha demorado tanto para perguntar.” Caspen sorriu. “O lago é sagrado. Ele não nos afeta da mesma forma que outros

reflexos. É a única superfície refletora que não pode nos matar quando estamos em nossa verdadeira forma."

Antes que Tem pudesse fazer mais perguntas, Adelaide se aproximou. "Temperance", disse ela suavemente. "Como você está esta noite?"

"Tudo bem, eu acho", disse ela.

Adelaide assentiu com a cabeça. Então, virou-se para Caspen. "O conselho deseja falar com você."

Caspen assentiu com a cabeça. "Muito bem."

"Não há nada a temer, Temperance", disse Adelaide ao ver a expressão no rosto dela. "Isto é padrão. O conselho sempre se reúne com o cônjuge na noite anterior ao torneio."

Ainda assim, Tem estava preocupada. Cada momento que passava separada de Caspen parecia significativo, como se eles nunca mais pudessem se reencontrar. Com um último olhar demorado para ela, ele desapareceu.

Com a partida de Caspen, Adelaide tornou-se a guia de Tem.

Eles se moviam juntos pela multidão, e Tem aproveitou o tempo para observar todos os Senecas. Eram de uma beleza estonteante, assim como os Drakons, mas a beleza deles era diferente: mais etérea, menos áspera. Enquanto os traços de Caspen eram nítidos e severos, os Senecas pareciam de alguma forma mais suaves, como se tivessem sido esculpidos pelo mesmo artista, mas em uma pedra diferente.

"Então, como funciona?", perguntou Tem.

Adelaide ergueu uma sobrancelha. "Como é que isso funciona?"

"O torneio. Qual é a... programação?"

Parecia errado me referir àquilo como se fosse um evento esportivo. Mas talvez fosse exatamente isso. E se Tem ia passar por essa provação ridícula, ela queria estar preparada.

"Começará oficialmente amanhã de manhã", respondeu Adelaide. "Haverá um banquete no salão de festas. Ambos os grupos estarão presentes."

Tem não gostou da ideia de compartilhar o pão com Rowe ou com seu irmão idiota.

"Vocês escolherão oito candidatos no banquete", continuou Adelaide.

"Oito? Pensei que fossem doze."

“Alguns deles já foram escolhidos para você. Rowe contestou seu casamento, então ele participará automaticamente. Caspenon está defendendo o casamento dele, então ele também deve participar. Cada um deles escolherá um suplente — alguém em quem confiam para cuidar de você caso não consigam conquistá-la pessoalmente. Os oito pretendentes restantes ficam a seu critério.”

Tem parou um instante para processar a informação. Quem Caspen escolheria como seu suplente? Adelaide já estava respondendo à sua própria pergunta antes mesmo de ela ser feita. "Caspenon vai escolher Apollo. Ele tem prioridade sobre você de qualquer forma."

O coração de Tem acelerou um pouco. "E como vou escolher os oito finalistas?" Ela já conhecia basiliscos o suficiente para saber que não seria tão simples quanto apontar o dedo.

“Apenas homens cujo ranking seja alto o suficiente para se qualificar para o torneio serão elegíveis. Vocês selecionarão dentre esse grupo.”

“Só homens?”

Adelaide ergueu uma sobrancelha. "Você prefere incluir mulheres?"

Tem ponderou sobre a questão. A única experiência que tivera com uma mulher fora com Adelaide, e embora certamente tivesse gostado, não sentia atração por mulheres da mesma forma que sentia por homens. Para algo tão crucial quanto aquilo — com todo o seu futuro em jogo — provavelmente era melhor se ater ao que conhecia.

Tem balançou a cabeça. "Não."

“Nesse caso, os homens se apresentarão para sua consideração”, continuou Adelaide.

Os olhos de Tem se estreitaram. "Apresentar-se como?"

“Elas ficarão diante de vocês”, continuou Adelaide, com um sorriso irônico. “Para lhes dar a oportunidade de comparar sua… aparência física.”

Tem ficou boquiaberto. "Eu deveria tomar minha decisão com base no tamanho do *pênis deles* ?"

Adelaide sorriu. "Você está escolhendo potenciais parceiros, Temperance. É essencial que você veja o que eles podem lhe oferecer."

"É só isso?" perguntou Tem, já temendo a resposta.

“Depois de fazer suas escolhas, vocês selarão suas decisões com um beijo.”

Tem piscou. Ela teria que beijar cada um dos concorrentes?

Adelaide deve ter percebido a expressão no rosto dela, porque disse: "O beijo é apenas o começo, Temperance."

Claro que sim.

“O torneio seguirá uma estrutura específica”, continuou Adelaide. “Haverá três níveis de competição: um baseado na força, um na sedução e um no coração.”

Tem aguardou detalhes. Ela já não gostava para onde aquilo estava caminhando.

“O primeiro nível é simples: envolverá apenas Caspenon e Rowe. Eles farão a transição e lutarão pela sua mão.”

Tem não gostou nada disso . "E depois?"

“Os concorrentes restantes darão uma… demonstração.”

“Uma demonstração de quê?”

“De…virilidade.”

Tem cruzou os braços. "Vou precisar de detalhes exatos."

Adelaide sorriu. "Você é assim com o Caspenon? Sua persistência é bastante exaustiva."

"Sim."

O belo basilisco deu uma risadinha.

Tem apenas balançou a cabeça. "Detalhes, por favor."

Adelaide ainda sorria enquanto dizia: "As concorrentes restantes chegarão ao clímax em sua homenagem."

Tem olhou para ela sem expressão. "Em minha *homenagem* ? E qual é exatamente o sentido disso?"

“É para impressioná-la. Os homens que conseguirem terminar mais rápido são os mais qualificados para casar com você.”

“O *mais rápido* ? Não deveria ser o contrário?”

“Não neste caso. Eles se tocarão ao te ver; se for preciso Se eles demorarem muito para chegar, você deve considerar isso um insulto.”

Tem estava tendo muita dificuldade para assimilar tudo aquilo. Mas ela supôs que, de alguma forma distorcida, fazia sentido. Ela não gostaria de estar com alguém que não se sentisse atraído por ela. Mesmo assim, não conseguia imaginar um grupo de homens a

encarando e se masturbando ao mesmo tempo. Ela era apenas uma mulher.

“Você disse que havia três níveis. O que acontece no nível final?”

Adelaide ficou em silêncio.

Mas Tem já sabia onde isso ia dar. Ela deveria ter percebido no momento em que o torneio foi mencionado. "Deixe-me adivinhar", ela sussurrou. "Eu tenho que transar com eles."

“Sim”, disse Adelaide simplesmente. “Você tem.”

Foi uma prova de sua doutrinação na cultura basilisco que a notícia não tenha abalado Tem em nada. Seu lado humano talvez tivesse recuado com a ideia, mas o lado basilisco quase *rugiu* de prazer. Uma antecipação quente e exuberante a preencheu por completo. Ela pensou no ritual — em como havia transado com o pai de Caspen nas palmas das mãos de Kora.

"E como exatamente eu devo fazer isso?", perguntou Tem.

“Os homens vão se alinhar e você os enfrentará um após o outro.”

Tem ficou boquiaberto. "Eu tenho que transar com todas elas *em sequência* ?"

“Sim. Fazemos assim para que seja fácil para você determinar quem é o melhor. A ideia é que seja bem simples.”

Tem quase riu. A ideia de percorrer uma fila de doze homens era absurda. *Nada* daquilo era simples. Mas ela entendia como Adelaide achava que era assim, como, na cabeça dela, montar um galo após o outro era a melhor maneira de testar o valor deles. Tem havia parado de tentar encontrar lógica nos costumes deles há muito tempo. Agora, ela simplesmente aceitava as coisas como vinham e tentava não perder a cabeça.

“Depois de concluir a última etapa, seu coração fará a escolha”, disse Adelaide.

“Eu escolherei Caspen.”

“Você pode. Ou pode escolher outra pessoa.”

“Como você pode dizer isso?”

“O torneio é regido pela magia de Kora — seu propósito é revelar verdades supremas, permitir que o destino siga seu curso. Embora o resultado seja tecnicamente determinado por você, não é *inteiramente* sua escolha.”

"Eu não entendo."

“O princípio fundamental da cultura basilisco é que não podemos mentir. O torneio forçará seu coração a revelar sua verdade. Ele exigirá o seu melhor. Ninguém, nem mesmo você, pode saber de antemão quem será.”

“Você está dizendo que isso poderia chamar a atenção de Rowe.”

“Para Rowe, para Apollo, para qualquer um dos doze concorrentes. Qualquer um é uma possibilidade.”

Tem não conseguia compreender como sua mente podia desejar que Caspen fosse o vencedor, enquanto seu coração clamava por outra pessoa. E se clamasse por Leo? Mas Leo nem sequer era um basilisco — ele não residia sob a montanha; ele não fazia parte do torneio. Ou talvez fizesse. Ela o amava, e o havia conquistado, e eles ainda não haviam consumado o ato. Talvez esse laço a atraísse para ele. Antes que perdesse a coragem, Tem perguntou: "O coração pode clamar por alguém que não seja um basilisco?"

Adelaide olhou para ela com atenção. "Eu... não sei."

Tem sentiu um frio na barriga. Provavelmente não devia ter perguntado aquilo.

“Eu entendo que isso possa parecer assustador para vocês”, disse Adelaide. “Mas para nós, este é um momento histórico. Será o primeiro torneio em décadas. Todos estão ansiosos por ele.”

Todos, exceto Tem.

“Temperance”, disse Adelaide suavemente. “Você não tem nada a temer.”

Mas é claro que sim. Tem tinha *tudo* a temer. Se o objetivo do torneio era revelar verdades absolutas, não poderia haver pior momento para Tem revelá-las. Ela guardava segredos demais, tinha vidas demais em suas mãos.

Antes que Tem pudesse perguntar qualquer outra coisa, Cypress apareceu ao lado dela.

“Addy”, disse ela. “Aqui está você.” Seu olhar recaiu sobre Tem. “Você se importaria se eu a pegasse emprestada? Eu a trago de volta imediatamente.”

“Claro.” Tem acenou com a mão. Ela já tinha retido Adelaide por tempo demais. “Vocês deveriam ir. Divirtam-se.”

Cypress sorriu radiante. Adelaide deu a Tem um último sorriso tranquilizador antes de desaparecer na multidão. Tem não teve escolha a não ser vagar sozinha pela caverna, bebendo elixir e observando as festividades. Ela estava cercada por basiliscos, todos se tocando, todos gemendo em desejo coletivo.

Por fim, tornou-se insuportável. Havia corpos demais, sons demais.

Tem caminhou até chegar ao lago, soltando um suspiro de alívio no instante em que seus pés tocaram a água. Quanto mais fundo ela vadeava, mais o alívio se espalhava. Eventualmente, ela estava nadando ao longo da margem do lago, passando por grutas agrupadas ao redor do perímetro. Tem não precisou olhar para dentro para saber que estavam ocupadas. Quando chegou a uma gruta vazia, seus braços já estavam cansados. O silêncio se fez quando ela alcançou a entrada escancarada. Um instante depois, seus pés tocaram a pedra e ela saiu da água, pisando em uma espessa camada de musgo. A gruta era alta; ela podia ficar em pé facilmente, com bastante espaço. Estalactites pendiam em pontas brilhantes acima dela, minúsculas gotas de água escorrendo. a partir de seus pontos de vista.

"Sozinha de novo, Temperance?", trovejou uma voz atrás dela. "Precisamos mesmo parar de nos encontrar assim."

Capítulo Trinta

Uma voz veio de trás dela, mas Tem não precisou se virar para saber de quem era. Apolo imediatamente lhe veio à mente.

Você está sem seu acompanhante.

É assim que você chama Caspen?

Que outro nome eu deveria dar a ele?

Ele é seu irmão, não é?

Sim, ele é.

Tem se virou e viu Apollo saindo da água, com os olhos fixos nos dela. Ele já estava quase excitado. Tem tentou não encarar o pênis dele, que a encarava de volta.

Apolo deu um sorriso irônico. *Eu sempre digo: você pode olhar se quiser. Não me incomoda.*

Tem sabia perfeitamente que aquilo não o incomodava. Ela podia ver isso na arrogância que se estampava em suas bochechas. *Nada te incomoda.*

Ele ergueu uma sobrancelha. *É isso que você pensa?*

É isso que eu sei.

Apolo aproximou-se dela lentamente, seus passos firmes apesar do terreno irregular. *O que mais você sabe, Temperança?*

A pergunta era um desafio, e Tem não estava com vontade de aceitá-lo. *Eu sei que você não deveria estar falando comigo.*

Conversar com você não é crime nenhum.

Pela forma como você fala, é isso mesmo.

Outro sorriso irônico. *Quer que eu pare de falar? Poderíamos fazer outra coisa.*

Não.

Seu protesto foi fraco. Ela sabia disso, e Apolo também. Ele quase havia chegado ao lado dela na gruta. O ar estava quente — denso e úmido — e Tem estava com dificuldade para respirar.

Devo lhe contar o que sei?

Tenho a impressão de que você vai fazer isso de qualquer maneira.

Apollo parou bem na frente dela. Ele era mais baixo que Caspen, mas ainda muito mais alto que Tem. Ela teve que esticar o pescoço para olhar para ele. *Eu sei que você gosta quando falo com você desse jeito.*

Tem se lembrou da última vez que vira Apolo — de como ele a fizera chegar ao clímax em menos de dez segundos, com o corpo pressionado contra o dela enquanto o sol nascia sobre eles.

Caspen não gostaria disso.

Esse não é o meu problema.

Tem suspirou. Estava prestes a ser dela.

E onde está meu querido irmão esta noite?

Ele está conversando com o conselho.

Apolo ergueu uma sobrancelha. Uma única gota d'água escorregou de uma estalactite acima deles e pousou em seu ombro. Tem observou-a deslizar pela extensão de seu peito em um riacho interminável e errante. Ela reprimiu o súbito impulso de traçar seu caminho com a língua.

É isso mesmo? Estou surpreso que ele tenha te deixado sozinho na véspera do torneio.

Não preciso que ele me mime. Sei me cuidar sozinha.

Entendo. E, no entanto, consegui te encurralar. Você diria que isso significa cuidar de si mesmo?

Tem fechou os olhos. Apolo a estava irritando, como sempre. Era impossível conversar com ele sem que a conversa se transformasse em outra coisa. " *Todos os basiliscos são como você?",* perguntou ela.

Como o que?

Irritante. Ele soltou uma risadinha discreta com isso.

Você nos acha irritantes?

Você me *irrita profundamente.*

De que maneira?

Tem abriu os olhos. Apollo estava perto demais, como esperado. Essa já era uma das maneiras pelas quais ele a irritava. Mas as outras eram mais sutis: como o jeito de transformar toda conversa em flerte ou como ele constantemente a fazia se sentir exposta. Tem concluiu: *Você fica tentando transar comigo.*

Apolo sorriu com um triunfo inconfundível, seus olhos percorrendo-a de cima a baixo. Tem tinha plena consciência de que a ponta da garra era visível entre suas pernas. Ela sabia que Apolo podia vê-la. Ela sabia que ele sabia que Caspen a havia feito para ela.

Você pode me culpar?

Tem ignorou o elogio. *Você poderia ao menos ter sido discreto(a) a respeito disso.*

É isso mesmo que você quer?

Sim.

E eu aqui pensando que você gostava das minhas investidas.

O que poderia ter lhe dado essa impressão?

Em vez de responder, Apolo enviou-lhe uma visão: primeiro dela no salão de banquetes, abrindo as pernas diante dele. Depois dela no campo, após ele tê-la ensinado a petrificar, com a cabeça jogada para trás em êxtase. Apolo estava certo, e ambos sabiam disso. É claro que Tem gostava de suas investidas. Se elas realmente a incomodassem, ela já teria saído da gruta. Mas não tinha saído. Seu lado basilisco *se enfeitava* cada vez que ele olhava em sua direção. Apenas seu lado humano recuava, e esse lado estava terrivelmente quieto agora.

Então me diga, Temperance. O que mais você sabe?

Ela olhou para ele, esforçando-se para focar a atenção. Os olhos dele eram de um tom de dourado ligeiramente diferente do de Caspen, mais escuros, como se tivessem um toque de cobre. Estavam sendo rapidamente tomados pelo preto. *Eu sei que você me quer.*

Sua boca se contraiu.

Tem continuou. *E eu sei que você só me quer porque isso vai irritar o Caspen.*

Ah. É aí que você se engana.

Será que sou mesmo?

Sim.

E em que exatamente estou errado?

Isso não vai deixar Caspen zangado.

Tem se lembrou do prazer possessivo que brilhou nos olhos de Caspen quando ele percebeu que Apolo os observava no salão de banquetes, de como ele a havia exibido para seu irmão.

E mesmo que isso deixasse meu irmão bravo, não seria o único motivo pelo qual eu te quero.

Tem não se atreveu a acreditar nele. *Não diga coisas assim.*

Como o que?

Coisas que você não quer dizer.

E como você sabe que não me refiro a eles?

Porque você não leva nada a sério, incluindo isto.

Esse?

Nós.

Somos um "nós" agora?

Não. Não somos. Só estou dizendo isso—

Você está dizendo que eu não levo a sério o que quer que exista entre nós. E, mais uma vez, você está enganado.

Tem suspirou, olhando para ele. Ele ainda sorria para ela, ainda a irritava. Era impossível conversar com alguém que a olhava daquele jeito. Apollo agia como se soubesse de algum grande segredo que Tem desconhecia completamente. Era injusto, e ela estava cansada disso.

Eu levo isso muito a sério, Temperance. Como não levaria?

Tem não sabia como responder. Ela não conhecia a história completa do que havia acontecido entre Apollo e Caspen — não sabia os detalhes de com quem ambos haviam estado ou o que havia acontecido com ela. Mas Tem não era um substituto para aquela pessoa. Ela era muito mais do que um prêmio no jogo deles, e se recusava a ser tratada como tal.

Diga-me uma coisa, Temperance. Por que você está com medo?

Tem zombou. "Não tenho medo." Ela disse isso em voz alta, como se isso tornasse a afirmação mais verdadeira.

"Não?" Apolo imitou o tom dela. "E, no entanto, você demonstra todas as características do medo."

"Como?"

“Seu coração está acelerado. Você está com falta de ar. Consigo sentir o cheiro do seu suor.” Ele sorriu, inspirando profundamente. “É doce.”

“Pare de cheirar meu suor, Apolo.”

“Não posso evitar o que me é oferecido, Temperança.”

“Não estou lhe *oferecendo* nada. Estou apenas aqui parado.”

“Você está aí parado com medo.”

Apesar de si mesma, Tem sabia que ele estava certo. E por que, exatamente, ela estava com medo? Ela temia algo em Apolo, ou temia algo em si mesma? O que, no fim das contas, era pior? Tem já não fazia ideia. Desde que estivera sob a montanha, seu senso de moral e do que era certo mudara completamente. Basiliscos não agiam como humanos. Eles viviam sob regras diferentes ali, priorizavam coisas diferentes. Era impossível distinguir o certo do errado.

"Eu..." ela sussurrou, lutando para formar as palavras. "Não quero me perder."

Ela sabia em seu coração que Apolo não lhe queria fazer mal. Mas isso não significava que fosse seguro estar perto dele. Não significava que ela estivesse segura com ele. Ele era perigoso da mesma forma sedutora que todos os basiliscos eram perigosos. Ele era depravado de uma maneira que Caspen não era; ele se permitia trilhar a linha tênue da moralidade. Se Tem se permitisse trilhar essa linha também, ela não sabia onde isso a levaria. Ela não queria se desviar do caminho da luz — não queria se tornar algo que não era.

“Eu não deixaria você se desviar.”

As palavras de Apolo eram suaves, e Tem ficou impressionada com o significado delas. Ela nunca o ouvira dizer nada tão sincero e comovente. Mas se ela se permitisse acreditar nele — se entregasse à fantasia de que ele queria o seu bem — ela se tornaria vulnerável. Não era um risco que ela estivesse disposta a correr. Antes que pudesse decidir como responder, os pelos da nuca de Tem se eriçaram. Alguém mais havia entrado na gruta.

Apolo também se endireitou, mantendo os olhos fixos nos dela enquanto dizia: "Olá, irmão".

Capítulo Trinta e Um

Caspen estava encostado na entrada da gruta. Seus braços estavam cruzados, mas ele não parecia zangado. Em vez disso, suas pupilas estavam dilatadas, seus olhos quase tão negros quanto os de Apolo. Tem conhecia aquele olhar. Ambos os irmãos estavam excitados.

Por *ela.*

Por um instante muito real, Tem se perguntou o que aconteceria a seguir.

"O que temos aqui?", murmurou Caspen.

“Estávamos apenas conversando”, disse Tem.

“Conversando”, repetiu ele, em voz baixa.

"Sim."

Ela olhou para Apolo em busca de apoio. Seus olhos estavam fixos em Caspen, sua postura ainda rígida. Tem não fazia ideia de como proceder. De todas as pessoas naquela caverna, ela mal se sentia qualificada para determinar o rumo dos acontecimentos. A situação entre ela e Caspen era delicada. Entre a petrificação com Apolo e o desastroso jantar de domingo, ela não tinha a menor ideia do que se passava na cabeça dele.

Os dois irmãos permaneceram em silêncio, encarando-se. Tem estava prestes a quebrar o silêncio quando a presença de Caspen invadiu sua mente, se instalando ao lado da de Apollo, como se ambos estivessem segurando seu crânio nas mãos. Era uma sensação estranha, mas não desagradável. A mente de Tem se adaptou à deles com facilidade, expandindo-se para acolhê-los simultaneamente.

Então a voz de Caspen chegou até eles, profunda e lânguida na escuridão: *Toquem nela.*

Por um instante, ninguém se mexeu.

Será que Caspen estava testando-a? Testando- *os* ? Se sim, por quê? Seria como quando ele ordenou que se beijassem na noite em que

Gabriel desceu sob a montanha? Tem o desobedeceu naquela noite. Mas agora, uma onda de possibilidades a invadiu. Estavam isolados em uma gruta, onde ninguém mais podia vê-los. Qualquer coisa podia acontecer ali. Qualquer coisa *aconteceria* . Os três não estavam presos às convenções da sociedade humana — não precisavam seguir as regras que ela fora criada para venerar. Ali, as coisas eram diferentes. Ali, eles eram livres.

Ela olhou para Apolo, que a estava olhando.

Temperança?

Apenas o nome dela, nada mais.

Tem olhou nos olhos dele — olhos agora completamente negros — enquanto ele estendia a mão, parando um pouco antes de alcançar seu quadril. Uma pausa. Ambos os irmãos a encararam, esperando. Estavam à beira de um precipício, com apenas Tem impedindo-os de cair. Mas e se ela quisesse cair? Nada de ruim poderia acontecer ali esta noite. Caspen jamais a deixaria se machucar, e Apollo também não. Nenhum mal lhe aconteceria pelas mãos dos irmãos Drakon. E se isso fosse realmente verdade, significava que eles estavam ali por um único motivo: prazer.

Então Tem disse: *Sim.*

Apenas uma palavra. Permissão.

Assim que Tem permitiu, Apolo a tocou. Seus dedos deslizaram sobre sua pele, traçando a curva de sua cintura. O corpo inteiro de Tem se arrepiou com o contato, e seus mamilos endureceram imediatamente. Apolo ergueu a mão para encontrá-los, roçando a palma da mão em seu seio. Tem mordeu o lábio. O ar da gruta ficou tão quente que ela podia sentir o ouro de seu colar queimando sua pele. Ela estava completamente molhada e, com os dois irmãos em mente, sabia que eles perceberiam.

Outra ordem veio de Caspen, desta vez para Tem: *Toque nele.*

Algo dentro dela se agitou com as palavras dele.

Uma parte de Tem ansiava por obedecer. Seu lado basilisco desejava tocar Apolo há muito tempo, muito mais tempo do que ela gostaria de admitir. Mas seu lado humano ainda hesitava. Mesmo quando as mãos dele percorreram seu corpo, envolvendo-a delicadamente pelo pescoço, com os polegares acariciando seu queixo, sentindo seu pulso. Ainda assim, ela hesitou. O que isso diria sobre ela se o tocasse? Se fosse

apenas humana, significaria infidelidade. Mas o homem à sua frente e o homem que a comandava não eram humanos. Eram basiliscos. E ali tudo era permitido.

Então Tem estendeu a mão para Apolo.

Quando estava a centímetros do corpo dele, ela parou, esperando que Caspen falasse novamente. Mas ele não deu mais ordens. Em vez disso, uma onda de desejo a invadiu com tamanha intensidade que ela estremeceu. Caspen queria que ela fizesse *o que ele mandava.*

Ainda bem que ele lhe disse para fazer algo tão tentador.

Os dedos de Tem encontraram apoio, roçando a pele incrivelmente quente de Apollo. Ele permaneceu completamente imóvel enquanto ela o tocava, pressionando as palmas das mãos contra seu torso. Ela deslizou as pontas dos dedos pelas curvas de seu abdômen, sentindo cada músculo, percebendo como se moviam sob suas mãos. Tem tocou a grande curva de seus ombros, sentindo o poder irrestrito em seu corpo. Ele era realmente um homem incrível. Talvez ela não tivesse se permitido ver isso até agora. Mas agora que tinha visto, Ela não conseguia notar mais nada. Havia uma pequena cicatriz em seu bíceps esquerdo. Ela a roçou suavemente. Em seguida, deslizou os dedos de volta para o centro do peito dele, percebendo como sua respiração falhou enquanto ela fazia isso. À medida que suas mãos desciam, o desejo crescia ferozmente em sua mente. Tem não conseguia dizer se era de Caspen, de Apollo ou dela mesma. No fim, não importava.

Ao chegar à base do pênis dele, ela parou. O ar, já quente, tornou-se abafado. Fumaça emanava da pele de Apollo e também da de Tem. Um sibilo ecoou pela gruta, e ela reconheceu Caspen. Sem perder mais um segundo, Tem envolveu o pênis de Apollo com a mão. Não havia nada mais excitante do que segurar aquela parte de um homem em suas mãos. Era pura adrenalina — puro poder. Tem poderia quebrá-lo ao meio se quisesse, ali mesmo, naquele instante. Não importava que Caspen estivesse dando as ordens. O que aconteceria a seguir estava inteiramente sob seu controle.

Tem deslizou um dedo pelo pênis dele, imitando o que o fizera fazer no salão de banquetes, observando a mudança em sua expressão facial. O maxilar de Apolo se contraiu; seus olhos se fecharam. Era tão fácil com eles, esses irmãos. Conhecer um era conhecer o outro. Tem sabia o que fazer porque Caspen a ensinara, mas também porque sentia uma atração instintiva por Apolo, da mesma forma que se sentia atraída por

seu irmão. Talvez isso sempre tivesse sido o destino. Talvez os três sempre estivessem destinados a terminar naquela gruta, com o ar em chamas ao redor deles. Para Tem, não era surpresa. Era apenas o destino.

Ela acariciou Apolo lentamente, sentindo o atrito da pele dele contra a sua. O pênis dele estava mais quente, se é que isso era possível, do que o torso. Obsessão, desejo e uma fome profunda emanavam da mente de ambos os irmãos para a dela. Era tão avassalador que Tem quase deixou a mão cair. No instante em que o pensamento lhe ocorreu, Apolo segurou a mão dela com força.

Não. Pare.

Tem fitou seus olhos negros. Ele *ardia* por ela — a desejava como um homem faminto deseja sua última refeição. Ela se perguntou o que seria necessário para alimentá-lo.

Sem aviso prévio, a garra pulsou. Tem estava tão molhada que havia esquecido que a estava usando. Agora era a única coisa que sentia enquanto Caspen enviava uma vibração longa e persistente que pulsava em seu centro como uma batida de coração. Apollo ainda a segurava, guiando seus movimentos, acariciando-se com a mão dela. A combinação das duas sensações a excitou tanto que ela soltou um gemido desesperado. Ao ouvir o som, Apollo sorriu.

Faça isso novamente.

Tem fez o barulho de novo, e dessa vez, a outra mão de Apollo foi até a boca dela, como se ele pudesse captar o som. Ele passou dois dedos sobre o lábio inferior dela. Eles não estavam se beijando. Mas poderiam muito bem estar. Tem esperava que Caspen se aproximasse — para intervir — para lhe dizer que tinham ido longe demais. Em vez disso, ele permaneceu onde estava, encostado na entrada da gruta, enquanto lhe sussurrava uma única palavra: *Ajoelhe-se.*

Caspen não disse nenhum nome, mas Tem sabia que a ordem era para ela.

Para sua surpresa, cada parte dela queria seguir o exemplo. Por que ela não deveria se ajoelhar diante de Apolo da mesma forma que se ajoelhara diante de Caspen? Por que não deveria conceder os mesmos dons ao irmão dele? Era o mínimo que se podia fazer.

Sem pensar duas vezes, Tem se ajoelhou.

O controle dos irmãos sobre a mente dela se intensificou à medida que ela se abaixava, penetrando fundo em seu cérebro, infiltrando-se nela até que ela se tornasse mais deles do que dela mesma. Tem estava segura entre eles, aninhada em seu abraço. Antes que Caspen pudesse dar outra ordem, Tem abriu a boca, e Apollo soltou um suspiro quando seus lábios encontraram seu pênis. Ele entrelaçou os dedos nos cachos de cada lado do rosto dela, mantendo sua cabeça no lugar. Lentamente, mantendo contato visual, ele deslizou apenas alguns centímetros para dentro de sua boca antes de recuar. Então, ele empurrou para dentro novamente. Desta vez, Tem o engoliu por completo; ela sabia como fazer isso agora, e sabia como fazer com que fosse prazeroso.

De novo.

Tem não conseguia distinguir se a voz era de Caspen ou de Apollo, ou de ambos. Talvez não importasse. Talvez fossem a mesma pessoa. Tem se entregou a eles sem hesitar, confiando que os dois homens a guiariam. Não havia nada mais prazeroso do que aquilo, nada mais certo. Ela acolheu a direção deles, sabendo que, no fim das contas, era ela quem detinha a atenção deles.

Entrar completamente e sair completamente.

Tem arqueou as costas, deixando Apollo penetrar o máximo possível em sua garganta. Ondas gêmeas de aprovação percorreram sua mente no instante em que o fez. Ela queria mostrar a eles que era capaz — que estava disposta a seguir instruções — que era capaz de mais. Era inebriante obter a aprovação deles, saber que os estava agradando. Ela desejou poder tocar Caspen também. O pensamento a excitou, e ela tocou os seios, passando as palmas das mãos suavemente sobre eles, acompanhando o ritmo lento das estocadas de Apollo.

A aprovação de Caspen ardia no fundo da mente dela. Ele ainda emitia pulsos, e eles estavam ficando mais fortes. Nenhum dos dois disse mais nada; Tem não conseguiria mesmo. O envolvimento deles havia transcendido as palavras. O prazer era tudo o que importava agora.

A gruta estava tão cheia de fumaça que estava ficando difícil enxergar. Então Tem fechou os olhos. Instantaneamente, todas as outras sensações se intensificaram. Ela sentiu a fumaça subindo pelas costas, a umidade entre as pernas. As pulsações eram implacáveis; seu clitóris latejava. Ela precisou de toda a sua força de vontade para permanecer ajoelhada — para ficar imóvel para Apolo. Às vezes ele estava no

comando, às vezes Tem. Eles se revezavam iniciando os movimentos, cedendo e exercendo o poder à vontade.

Ela é extraordinária, não é?

O elogio de Caspen foi quase inaudível. Nada mais que um suspiro. A resposta de Apollo foi semelhante. *Ela é mesmo.*

A umidade de Tem pingava incessantemente no chão musgoso da gruta. A garra pulsava sem parar, e Tem se lembrou do poder de Caspen. Ele sempre tivera esse controle sobre ela — e ela sempre gostara disso. Ela se lembrou de como ele a fizera gozar na igreja, em plena luz do dia. Agora, na escuridão da gruta, ela podia se entregar a isso sem medo.

Mais profundo, Tem.

Ela o levou mais fundo.

Que bom para nós.

Estocada após estocada. Sem fim.

Caspen supervisionava tudo. Era a autoridade dele que os impulsionava, a presença dele que motivava Tem a se apresentar. Ela queria ser *tão boa* para ele. Para *eles.* Ela queria mostrar a eles que era capaz, que pertencia àquele lugar tanto quanto eles.

A garra pulsava; não parava. As mãos de Tem deslizaram entre as pernas, pressionando a ponta lisa contra o clitóris, acentuando o que Caspen já lhe proporcionava. Algo se intensificava em seu íntimo: algo real.

Olhe para ela.

Ela sabia que ambos a observavam — vendo-a chupar o pau de Apollo, vendo-a se tocar. Tem era a estrela do show, e ela não queria que fosse diferente. Queria ser a única que eles observassem, a única que desejassem. Se eles fossem ficar obcecados por alguém, precisava ser por ela.

Apolo estava se movendo mais rápido agora. Ele estava perdendo o controle.

A mão dele agarrou os cabelos dela enquanto ele se inclinava para a frente, fazendo a cabeça dela pender ainda mais para trás. Outra pulsação veio, e Tem gemeu em volta do pênis dele. O som da respiração ofegante e frenética dele a estava levando ao clímax. Tem ergueu a mão, envolvendo os testículos dele e apertando-os com firmeza e dominância. Ela mal ouviu o suspiro pesado dele: "Espere—"

Mas ele já estava chegando. Tem fechou os olhos enquanto o sêmen de Apolo enchia sua garganta, jorrando de seu pênis em uma onda deliciosa — quente e espesso como o de Caspen. Tem engoliu tudo sem hesitar, e no instante em que o fez, a cabeça de Apolo se inclinou para trás em alívio. Ela olhou para sua garganta exposta, esculpida como pedra. Ele era construído como uma estátua, da mesma forma que Caspen — da mesma forma que seu pai. Tem sentiu, como antes, que estava na presença de um deus.

Apolo olhou para ela de cima. *Se eu sou um deus, você é uma deusa.*

O pênis dele ainda estava na boca dela, tão forte e imponente quanto ele.

Tem sentiu uma ausência repentina e percebeu que era Caspen. Ele estava se afastando dela. Soltando-a, ele deixou a gruta tão discretamente quanto chegara, transmitindo apenas uma última ordem à sua mente antes de desaparecer por completo:

Não saia até terminar .

Então Caspen desapareceu.

Ele estava dizendo para Tem transar com Apollo? Ou ele queria dizer "terminar" de outra forma — que ela não deveria ir embora até que terminasse *com ele* — até que sua paixão por Apollo acabasse? Tem amaldiçoou os basiliscos e sua vagueza infernal. Ela ainda não conseguia entender o que tinha acabado de acontecer. Em nenhum momento Caspen se aproximou deles — em nenhum momento ele interveio. Mas seu envolvimento era inegável. Tem pode ter feito Apollo gozar, mas Caspen havia *ordenado* . E ela tinha gostado.

A próxima ordem veio de Apolo: *Fique onde está.*

Tem permaneceu completamente imóvel, olhando para ele. Suas mentes ainda estavam unidas; eles estavam conectados física e mentalmente. Ela foi surpreendida pela intimidade do momento. A presença de Caspen havia sido significativa, e agora que ele se fora, restavam apenas Apollo e ela, a sós com o que acabavam de compartilhar. Permaneceram imóveis por mais um instante. Então Apollo retirou lentamente o pênis da boca dela, deixando Tem sem fôlego.

Ela esperava que ele fosse embora, assim como seu irmão fizera. Em vez disso, ele se abaixou até a altura dela, ajoelhando-se de modo que seu rosto ficasse a poucos centímetros do dela, com o pênis ereto entre

suas pernas. Ele a puxou para mais perto. Um único dedo tocou a base do queixo dela, erguendo-o. Seu polegar roçou seus lábios enquanto ele dizia: *Posso?*

Duas palavras. Pedir permissão.

Tem jamais entenderia os basiliscos — jamais compreenderia como ter o pênis de Apolo na boca era menos impactante do que beijá-lo. Mas talvez, de certa forma, fosse. Um beijo era íntimo; significava provar a língua de alguém — tocar os lábios nos dela. Beijar significava permitir-se ser delicados um com o outro, ser vulneráveis. Era a antítese do relacionamento deles até então, e parecia significativo que ele tivesse pedido. Apesar de todas as brincadeiras, ela e Apolo nunca tinham chegado perto de se beijar. Mesmo quando o próprio Caspen ordenou — mesmo quando Apolo a ensinou a petrificar — ele esperou. E lá estava ele, finalmente. Implorando a ela. Tem descobriu que gostava daquilo, descobriu que se sentia bem em tê-lo implorando de joelhos. Se Caspen lhe ensinara alguma coisa, era que seu corpo valia a pena implorar.

Mas valeria a pena dar esse passo com ele? O coração de Tem pertencia a Caspen. Isso era inegociável. Mas Apollo não estava pedindo o coração dela. Ele só queria beijá-la. Se era permissão que ele buscava, Tem estava pronta para concedê-la. Então, pela segunda vez naquela noite, ela disse: *Sim.*

Apolo inclinou-se para a frente.

Os lábios dele roçaram os dela suavemente, a língua dele mergulhando na boca dela somente depois que a língua dela mergulhou na dele. Ele tinha gosto de pêssego. Talvez tivesse comido alguns antes. Talvez fosse natural. De qualquer forma, era maravilhoso, e Tem o saboreou de bom grado. Apolo também a saboreou, inclinando a cabeça para compensar a diferença de altura entre eles, posicionando a boca de forma a ter acesso mais fácil à dela. Eles se encaixavam perfeitamente — melhor do que ela jamais poderia ter imaginado. Algo em Apolo a acolhia — *a segurava* — de uma forma que Tem precisava desesperadamente.

Apolo era bom de beijo. Ele era bom em *tudo.* Tem nem conseguia imaginar como seria fazer sexo com ele. A sensação dos lábios dele nos dela já era suficiente para levá-la quase ao orgasmo. Seus pensamentos deviam estar altos de novo, porque Apolo disse: " *Você me lisonjeia."*

Você beija bem. Não há motivo para se gabar disso.

Você diria que eu tenho um ego inflado?

Apolo a tinha montada em seu pênis. Não havia ego maior por perto. Antes que ela pudesse responder, ele a beijou ainda mais profundamente.

Era diferente de beijar o irmão. Um pouco mais imprudente, um pouco menos cuidadoso. A imprudência dele atraía a imprudência dela. Caspen era uma porta de entrada para Apolo — a chave que abria um caminho para o pecado.

E, no entanto, os irmãos não eram tão diferentes assim. Ambos a queriam para si. Talvez Apolo não *a quisesse* exatamente — ele queria tirá-la de Caspen. Havia uma diferença, e Tem seria tolo se a ignorasse. Mas isso não significava que ele não se importasse com ela à sua maneira.

Eles se beijaram lentamente, sem pressa, seus corpos se unindo enquanto as mãos de Apollo deslizavam pela cintura dela até envolverem suas nádegas, puxando-a contra si. O pênis dele estava entre as pernas dela, mas nenhum dos dois iniciou a penetração. Em vez disso, Tem apreciava a forma como ele pressionava contra a garra, estimulando-a além do que ela conseguiria sozinha. Era uma sensação *maravilhosa.* Ela moveu os quadris, roçando-se suavemente ao longo do comprimento do pênis dele, buscando aquela sensação. A altura deles permitia isso perfeitamente; Tem conseguia ficar a cavalo sobre o pênis dele sem penetrá-lo, cobrindo-o com sua lubrificação.

Eu sei que você quer vir, Temperance.

Ela queria isso. Ela queria *muito* . E queria que ele visse.

Os dedos de Apolo pressionaram a ponta da garra firmemente contra o clitóris dela. Tem deu um suspiro.

Apolo se afastou, sorrindo. *Você gosta disso?*

Tem não respondeu. Ele sabia que ela tinha respondido. *Vocês todos conseguem fazê-los? As... garras?*

Ele ergueu uma sobrancelha. *Garras?*

Não sei que outro nome dar a eles.

Apolo pareceu achar graça disso. *Por que você pergunta?*

Estou apenas curioso.

Entendi. Sim, todos os basiliscos conseguem produzi-los.

Até mesmo as mulheres?

Sim.

Será que eu poderia?

Se você quisesse.

Tem não conseguia imaginar fazer uma. Diante do silêncio dela, Apolo perguntou:

Caspenon nunca te ensinou isso?

Não. Ele não fez isso.

Parecia haver muitas coisas que ele nunca lhe ensinara. Por outro lado, ela nunca perguntara. Mas agora que Tem tinha a oportunidade, descobriu que desejava desesperadamente saber.

Devo te ensinar?

Sem pensar, Tem assentiu com a cabeça.

Apolo sorriu. *Que forma você deseja que seja?*

Tem piscou. *Que outras formas existem?*

Apolo deu de ombros. *Você pode fazê-las em qualquer formato que quiser. A que você usa foi feita para sua vagina. Mas elas podem ser usadas em outros lugares.*

Tem olhou fixamente para ele. *Que outros lugares?*

Passou-se um instante. Então Apolo a ergueu ligeiramente de seu pênis para que sua mão pudesse deslizar entre suas pernas. Mas, em vez de tocar seu centro, ele foi mais para trás. Quando seus dedos encontraram o que procuravam, Tem corou imediatamente. *Ali.* Apolo estava tocando a parte dela que ela jamais imaginara que pudesse ser usada para prazer. Ele roçou suavemente ao redor antes de inserir apenas a ponta do dedo e dizer: " *Algumas pessoas preferem ser penetradas aqui."*

Tem não conseguia imaginar aquilo. A ponta do dedo de Apolo já era considerável — Tem não conseguia conceber que algo maior pudesse caber ali. O pensamento a assustou, mas também a deixou curiosa. Antes que pudesse se convencer do contrário, perguntou: *É isso que você prefere?*

Apolo deu um sorriso irônico. *Às vezes. Se você quiser experimentar, estou à sua disposição.*

Tem não queria passar por isso. Pelo menos não com Apolo. Ela afastou a mão dele. *Eu não quero que você faça isso comigo.*

Quem disse que eu faria isso com você?

O que você quer dizer?

Sem aviso prévio, Apolo enviou-lhe uma visão: ele de quatro, Tem atrás dele. Havia algo entre as pernas dela. Um pênis — feito da mesma essência da garra — preso por uma tira. A visão não tinha som, mas Tem viu Apolo gemer enquanto Ela o penetrou. Era algo que Tem nunca tinha visto antes. Ela deveria dizer a Apolo para parar. Mas a visão era tentadora demais. *Deliciosa demais* . Ver Apolo daquele jeito, de joelhos, vulnerável e à sua mercê... a deixou selvagem. Algo dentro dela floresceu com a visão. Algo dentro dela precisava de mais. Na visão, Apolo estava perto. Ele estava prestes a ejacular.

Tem desviou a atenção dela dos pensamentos dele. "Pare", disse ela em voz alta. "Não me mostre mais nada."

A boca de Apolo se abriu em divertimento. "Por quê? Você se excita com isso."

Era verdade. "Isso não significa que eu queira ver."

Eles se encararam na escuridão e, não pela primeira vez, Tem percebeu que estava completamente perdida. Apolo era algo totalmente diferente, algo com que ela não contava. Seria tão fácil se jogar no abismo com ele. Cair. Ela precisava se conter e resistir à tentação.

“Não quero fazer um nesse formato.”

“Você pode fazer isso em qualquer formato, Temperance.”

Apolo estendeu a mão mais uma vez entre as pernas dela. Só que desta vez, ele recolheu a umidade dela em sua mão, retirando-a do centro e da parte interna de suas coxas. Tem observou enquanto sua essência se solidificava, formando a forma familiar. Apolo estendeu a garra, oferecendo-a a ela. Ela balançou a cabeça negativamente.

Eu já tenho um desses.

Não é incomum ter dois.

O que eu faria com dois?

Use-os.

Ao mesmo tempo?

Sim.

Tem corou. Ela estava acostumada a ter a garra de Caspen dentro dela — não conseguia imaginar ter outra ao lado, não conseguia imaginar ser *preenchida* daquela forma. Ao pensar nisso, uma onda de calor emanou da mente de Apollo. Claramente, *ele* conseguia imaginar. Tem balançou a cabeça.

Não preciso de outro.

Se você mudar de ideia, basta pedir.

Isso jamais aconteceria. Mas ela o deixaria sonhar.

Tem observou a garra desaparecer diante de seus olhos. Ambos encararam a palma vazia dele.

Se você não precisar de outro, pode fazer um para mim, se quiser.

Aquilo certamente intrigou Tem. Mas o formato da garra dentro dela não fazia sentido para Apollo. *Que forma ela tomaria?*

Apolo pegou a mão dela e envolveu os dedos dela na base do seu pênis. *Seria um anel, para ser colocado ali.*

O pênis dele já estava coberto com o sêmen dela. Tem apertou o aperto, deslizando os dedos pela haste para recolher o máximo que conseguia na mão. Apolo a observava enquanto ela fazia isso, esperando até que a palma da mão dela estivesse cheia antes de dizer: *Concentre-se na forma que deseja criar.*

Tem fechou os olhos. Apolo não deu mais instruções, mas ela percebeu que não precisava delas. Sabia exatamente o que fazer e, no instante em que se concentrou, o objeto começou a se formar. A sensação era semelhante à que sentira quando fizera o colar de garras douradas para Caspen — o mesmo formigamento sob as sardas, espalhando-se da base dos dedos, a mesma sensação de estar criando algo novo.

Ótimo, Temperance. Você tem talento natural.

Tem aceitou o elogio com um sorriso. Nada na cultura dos basiliscos lhe era natural; ela se sentia um fracasso todos os dias. Mas nisso, pelo menos, ela era boa. Abriu os olhos e olhou para baixo, vendo o objeto completamente formado. Era algo surpreendente: um anel brilhante e opaco repousando no meio da palma da sua mão. Tem o ergueu para que captasse a luz tênue da gruta. Girou-o lentamente, observando-o cintilar como se tivesse sua própria fonte de luz. Tem teve a sensação de

que, mesmo que a caverna estivesse completamente escura, ele brilharia.

Seu olhar se voltou para Apolo. Seus olhos estavam arregalados, fitando o anel com admiração, o brilho refletido incessantemente em suas pupilas. Tem nunca o vira tão ansioso — nem mesmo antes, quando estivera de joelhos diante dele. Seria essa a sensação de Caspen quando fizera a garra para ela? Tem se lembrou de como ele estava quando ela a inseriu pela primeira vez. Não era diferente da expressão de Apolo agora: ansiosa a ponto de ser voraz.

Ela se aproximou mais.

No instante em que ela fez isso, a respiração de Apolo falhou. Tem sentiu um arrepio de antecipação ao colocar o anel na glande do pênis dele e deslizá-lo lentamente pela haste. Era um encaixe perfeito, exatamente como ela sabia que seria. Um forte instinto possessivo a invadiu quando Apolo soltou um gemido baixo e eufórico. Seu prazer era evidente: seu pênis, já ereto, endureceu ainda mais, pressionando contra os limites do anel. Tem corou ao ver a cena. Ela nem tinha feito nada ainda, e ele já estava à sua mercê.

Você pode apertá-lo mais, se desejar.

É isso que você quer que eu faça?

Apolo não respondeu. Agora era ele quem resistia. Mas Tem não o deixaria escapar impune. Por que ela deveria ser a única vulnerável? Por que Tem deveria se expor a Apolo quando ele se recusava a fazer o mesmo por ela?

Uma quantidade infinitesimal de poder retornou para Tem quando ela disse: *Diga-me para fazer isso.*

Um músculo se contraiu na mandíbula de Apolo. *Aperte-o mais, Temperança.*

Ela apertou mais.

Não foi difícil; tudo o que ela precisava era de uma simples intenção em sua mente, e Tem observou o anel apertar a base de seu pênis. As mãos de Apollo agarraram seus quadris com tanta força que doeu.

Por que não ir um passo além?

Tem sabia que havia mais uma coisa que ela podia fazer para levá-lo ao limite. Ela se concentrou no anel, focando em sua conexão com ele antes de enviar um pulso para Apollo, assim como os que Caspen

enviava para ela. A reação de Apollo foi imediata. Um tremor o percorreu e ele gemeu. *Onde você aprendeu a fazer isso?*

Caspen me ensinou.

Kora.

Quase contra a sua vontade, Apolo inclinou-se para a frente e beijou o pescoço dela. No instante em que a tocou, Tem mordeu o lábio para conter um gemido. Imediatamente, ele a repreendeu.

Pare com isso.

Parar o quê?

Escondendo o seu prazer.

Mas seu instinto a levou a se esconder de Apolo. Ela não queria que ele visse seu prazer. Talvez pensasse que ele não merecia vê-la daquela forma — ou talvez se sentisse envergonhada, de alguma maneira, por ele ser capaz de despertar tal prazer. Seja qual for o motivo, Tem se escondeu dele.

Não consigo evitar.

Sim, você pode. Você está resistindo a mim.

Isso, pelo menos, era verdade. Tem estava resistindo a ele, embora a resistência estivesse se mostrando rapidamente inútil.

Deixe que eu cuide de você.

Tem não conseguia imaginar Apollo cuidando dela de forma alguma. *Duvido que você seja capaz disso.*

Garanto-lhe que sim.

Mesmo assim, ela resistiu.

Sua reserva é encantadora.

E sua arrogância é irritante.

Não finja que não gosta.

Eu não *gosto disso.* Ela mal conseguia pensar nas palavras, a mentira lhe causava desconforto.

Mentir é um pecado, Temperança.

Não me fale de pecados.

Você prefere que eu os execute?

A resposta foi sim, claro. Mas ela não se atreveu a dizê-la.

A mão de Apollo alcançou a de Tem. Por instinto, ela se afastou bruscamente, e ele ergueu as sobrancelhas, preocupado. Tem não tinha a intenção de fazer aquilo — foi simplesmente sua reação natural a alguém tentando tocá-la. Ela nem conseguia justificar; eles tinham acabado de romper todas as barreiras entre eles, e ela não tinha mais nada a esconder. Mas, por algum motivo, sentia que o que estavam prestes a fazer era mais íntimo do que o que tinham acabado de fazer, como se estivessem prestes a cruzar uma linha não dita. Tem não tinha certeza se estava realmente pronta para aquilo.

Apolo não disse uma palavra — não tentou coagí-la. Em vez disso, inclinou-se lentamente e depositou um único e terno beijo em sua bochecha. Com o gesto, algo dentro de Tem se desfez. Era uma lembrança: Apolo estava lhe dizendo que ela estava segura com ele. Era um sentimento que ela conhecia, mas tinha dificuldade em acreditar. Seus lábios roçaram suavemente sua mandíbula e desceram por seu pescoço. Tem podia sentir a mente dele, aberta e desprotegida, repleta de cuidado e atenção. Ela se perguntou por um instante se tudo aquilo era apenas uma encenação. Será que Apolo só baixava a guarda quando queria algo dela? Tem decidiu que não importava. Ele havia conquistado sua confiança naquela noite.

Então os lábios dele estavam nos dela.

Depois disso, o tempo deixou de existir. As mãos de Apolo estavam nos quadris de Tem, guiando-a ao longo de seu pênis. Ele não a penetrou — ela ainda não estava pronta para isso. Em vez disso, ela se masturbou em seu membro, esfregando sua área mais sensível contra a dele, se provocando enquanto o provocava. Era primitivo, era simples e era *bom.* Cada vez que ela chegava à base, a garra e o anel se pressionavam, criando uma sensação inimaginável. Tem impulsionou os quadris, desesperada para sentir o máximo possível.

Apollo estava ainda mais excitado que Tem. Sua presença a envolvia por completo, prendendo-a física e mentalmente. Ele pressionou os lábios mais uma vez contra seu pescoço.

Como você pode se sentir tão bem se eu nem estou dentro de você?

Você também se sente bem.

Os dentes de Apolo encontraram o lóbulo da orelha dela, e ele o mordeu.

Ela se contorceu, e ele apenas a apertou mais forte.

Venha me buscar.

Ela faria isso. Mas ainda não. Tem diminuiu o ritmo dos movimentos, deslizando-se provocantemente ao longo do pênis dele antes de parar na ponta, com todo o comprimento entre eles. Seus olhos encontraram os dele. *Diga "por favor".*

Uma ordem. Tem não estava acostumada a dar ordens a Apollo — não estava acostumada a fazê-lo implorar por nada. Mas ela estava com vontade de testar os limites dele esta noite.

Por favor.

Tem sorriu.

Sua recompensa foi um simples movimento de quadril. Então ela parou novamente. Apolo rosnou. com desagrado pela demora dela. Mas Tem não se deixaria apressar. Ela estava se entregando ao momento, apreciando a sensação dele entre as pernas, sem querer que aquilo acabasse tão depressa. *Quero aproveitar o tempo.*

É assim mesmo?

Sim. E você quer que eu deixe.

Será? E por quê?

Porque você gosta disso. E você gosta de mim. E você quer me ver chegar lá sozinha. Não é?

Eles se encararam na escuridão, a respiração irregular.

Sim eu faço.

O peito de Apollo estava salpicado de suor, e Tem inclinou-se para a frente, colocando a língua entre os músculos peitorais dele e deslizando-a até o pescoço. As mãos dele envolveram as nádegas dela enquanto ela fazia isso, puxando-a completamente contra si. No instante em que o clitóris dela pressionou o anel, ela enviou uma pulsação, estimulando ambos.

Meu irmão não tem noção da sorte que tem. Você é inacreditável.

Acredite em mim. Ele sabe.

Apolo gemeu, puxou o rosto dela para perto do seu e a beijou.

Tem passou os dedos pelos cabelos dele, participando na mesma medida, permitindo que ele a penetrasse profundamente em sua boca. Ela o deixaria penetrá-la dessa maneira — não com o pênis, mas com a língua, saboreando-a do jeito que ela sabia que ele sempre desejara.

Havia equilíbrio entre eles: uma conexão de igual valor. Tem se sentia digna. Ela se sentia vista.

Tem enviou outro pulso. Este foi longo e prolongado, e no meio dele, Apollo se afastou. Ela abriu os olhos e perguntou: *Devo parar?*

Não. O polegar dele roçou na ponta da garra. *Você deveria tirar isso para que eu possa te foder direito.*

Tem hesitou. A garra era como uma barreira — enquanto estivesse dentro dela, eles não poderiam fazer sexo.

Apolo ouviu seus pensamentos, pois disse: " *Você tem tão pouco autocontrole?"*

Tem o encarou com raiva. Ela não conseguia acreditar que estavam tendo aquela conversa nus, entrelaçados, com o pênis dele entre as pernas. E, no entanto, ali estavam eles. Tem imaginou que, dadas as circunstâncias, talvez sua hesitação justificasse uma explicação. " *Não confio em mim mesma perto de você."*

Para sua surpresa, Apolo não respondeu imediatamente. Em vez disso, inclinou a cabeça, avaliando-a. *Posso perguntar por quê?*

Tem mal sabia mais o que pensar. Se dormisse com Apollo, significava que estava escorregando — caindo lenta, mas firmemente, do caminho da moralidade que tanto se orgulhara de trilhar por toda a vida. Não importava que dormir com ele fosse aceitável — e esperado — em A cultura do basilisco. Era inaceitável *para ela.* Tem não conseguia conciliar o que sentia por Apolo com seus sentimentos por Caspen. Era demais para um só coração.

E então havia Leo.

Se ela ultrapassasse esse limite com Apolo, significaria que ela era capaz de ultrapassá-lo com Leão. Tem não suportaria isso. Então ela disse: " *Eu simplesmente não quero cometer um erro."*

Você considera o sexo comigo um erro.

Não era uma pergunta. *Eu considero isso um risco.*

Uma vida sem riscos não é uma vida que valha a pena ser vivida, Temperança.

Tem revirou os olhos. Era exatamente o tipo de coisa que ela esperava que ele dissesse.

Primeiro meu irmão, depois meu pai. Devo me ofender se você traçar a linha e me foder?

Ele tinha razão. Mas, por algum motivo, desta vez a sensação era diferente.

Parece simplesmente... errado.

Vamos transar durante o torneio. Ou você não sabia disso?

Tem sabia disso. Adelaide tinha lhe contado há pouco mais de uma hora. Mas só porque ela teria que transar com ele no futuro não significava que ela transaria com ele agora.

Quando o silêncio se prolongou, Apolo disse: *Eu entendo que você não confia em si mesmo. Mas você confia em mim?*

Que pergunta. Tem não fazia ideia de como respondê-la. Em vez disso, lembrou-se imediatamente da última vez que lhe fizeram essa pergunta: em um cemitério com Leo. " *Você não confia em mim, não é, Tem?"* Ela não havia confiado em Leo no início. Sua confiança nele cresceu com o tempo, e somente depois que ela permitiu que ele provasse seu valor. Será que ela devia a Apolo a mesma consideração? Ele a ensinara a petrificar; ele agira como seu confidente. Eles já haviam ficado nus juntos mais de uma vez, e ele sempre agira pensando no melhor para ela. Então, será que ela confiava nele?

Sim.

Um brilho de verdadeira alegria iluminou seus olhos. Ele a puxou para mais perto. *Então, coloque o fardo sobre mim. Eu prometo que não faremos sexo até que você tome a iniciativa.*

Tem considerou isso. *Você promete?*

As mãos dele apertaram a cintura dela. *Eu prometo.* Ele pressionou a garra mais uma vez. *Agora tire isso e goze no meu pau.*

O tempo para hesitar havia acabado. Tem estava pronto.

Lentamente, para que Apolo visse cada momento, ela levou a mão entre as pernas e removeu a garra. Em seguida, deixou-a cair, brilhando, no chão. Assim que se sentiu livre, pressionou o centro do seu corpo contra o pênis de Apolo. Sem a barreira da garra, não havia nada entre a pele dele e a dela. Ele estava duro como pedra entre as pernas dela, e Tem se acomodou na posição, seus quadris retomando o ritmo. Agora se moviam por conta própria, roçando com urgência incessante, criando uma fricção que ela tinha Não havia esperança de parar. Ela queria seu orgasmo, e o queria logo. Apollo também o queria. Tem sabia

que havia esperado por isso — para vê-la vulnerável, pronta e entregue a ele.

Tem ajustou a posição, juntando as pernas para que ficasse bem apertada ao redor dele. Onde antes ela deslizava luxuosamente ao longo de seu comprimento, agora ela o impulsionava rapidamente através do ápice de suas coxas, mantendo-o firme contra seu centro.

Apolo estava perto. Seu maxilar estava tenso; seus ombros, rígidos. Seus braços a envolviam, guiando cada movimento seu. Eles estavam trabalhando juntos para alcançar o clímax, ajudando um ao outro a cruzar a linha de chegada. Ela deslizou desesperadamente para frente e para trás, espalhando sua umidade ao longo de todo o comprimento do pênis dele.

Aí está, Temperance. Eu sei que você gosta disso.

Ela nem se deu ao trabalho de negar mais.

Mais uma, Temperance. Só mais uma. Por favor.

Mais uma vez, ele implorou. Um homem perdido.

Quase lá. Eu sei que você consegue.

Mais um movimento de quadril e estava na hora.

Aqui está.

Era inevitável, como o amanhecer.

Apollo resistiu, observando Tem enquanto ela se entregava sozinha ao ápice. Ela sabia que ele queria ver aquilo, sabia que ele precisava saber que fora sua promessa que a trouxera até ali. Foi somente quando seus quadris começaram a desacelerar e a última onda pulsante de seu orgasmo passou que Apollo agarrou sua bunda com as duas mãos, bombeou todo o seu pênis ao longo da fenda de sua intimidade e ejaculou.

Tem o observava como ele a observava, percebendo como seus olhos se fechavam e sua cabeça se inclinava para trás. Seu pulso batia em uma veia no pescoço, errático e vital, e ela se perguntou como seria mordê-lo. Sua essência escorreu pela parte interna de suas coxas, perolada e quente, unindo-se à dela. Ambos estavam encharcados — de suor, de sêmen, da água que gotejava incessantemente das estalactites acima deles. Tem levou as mãos ao rosto dele, afastando os cabelos de seus olhos.

Apollo sorriu enquanto ela fazia isso. Seus olhos, que haviam ficado completamente negros, permaneceram assim mesmo depois que ele terminou. Ele tinha covinhas, Tem percebeu. Eram fofas.

Ele foi o primeiro a se levantar, estendendo a mão para Tem para ajudá-la a se erguer. Para surpresa dela, assim que ela se pôs de pé, ele a beijou novamente. Desta vez, o beijo foi diferente dos anteriores. Desta vez, foi lento, e ele acariciou o rosto dela delicadamente com as palmas das mãos enquanto a beijava. Quando se afastou, suas mãos deslizaram pelos braços dela até que seus dedos se entrelaçaram.

Desamparado — era assim que ele a olhava.

Tem fora a primeira a se ajoelhar, mas de alguma forma, ela havia levado Apolo aos seus pés. Ele a encarou nos olhos, o olhar firme, enquanto sussurrava: "Você pode pertencer ao meu irmão, mas eu a protegerei como se fosse minha."

Tem ficou sem palavras, atônita. Sua resposta escapou antes que ela pudesse impedi-la: "Parte de mim pertence a você."

Uma verdadeira euforia brilhou em seus olhos. Talvez ele já soubesse que era verdade. Ou talvez apenas esperasse que fosse. De qualquer forma, Tem disse isso com uma certeza que jamais imaginara. Era verdade que uma parte dela pertencia a ele. Uma parte menor do que a que pertencia a Caspen, com certeza. Ele tinha quase todo o seu coração, e sempre teria. Mas por que não deveria haver espaço para Apolo? Os basiliscos eram livres com seus corpos. Em algum momento, isso lhe pareceu um fardo. Mas agora ela apreciava isso. Proporcionava-lhe coisas que ela não teria de outra forma — permitia-lhe viver como queria. Não havia volta para ela, e ela não tinha nenhum desejo de fazê-lo.

"Apolo?", ela sussurrou.

“Sim, Temperança?”

Você faria qualquer coisa por mim?

O canto da boca dele se contraiu. "Eu faria."

Tem percebeu que já sabia. Sabia que, se pedisse, ele a deixaria morder aquela veia em seu pescoço — que ele sangraria por ela. Para os basiliscos, o sangue era a dádiva suprema. Mas Tem não pediria isso a Apolo esta noite. Ele já lhe dera o suficiente. Era hora de voltar a si mesma — e a Caspen.

Tem finalmente estava pronto.

Capítulo Trinta e Dois

A festa ainda estava a todo vapor quando eles saíram da gruta. Apolo nadou ao lado de Tem de volta para a margem, dando-lhe um último aperto na bunda antes de desaparecer na multidão. Ela nem se deu ao trabalho de lhe dar um tapa. Já tinham passado do ponto em que ela podia fingir que não gostava do jeito que ele a tocava.

Tem procurou Caspen na multidão com os olhos, mas ele não estava em lugar nenhum.

Ela passou um tempo com Adelaide, Cypress e Damon, bebendo elixir e se misturando à multidão. Quanto mais bêbada ficava, mais pensava no que Apollo lhe mostrara: ele de quatro, tomando-o com sua própria versão de um pênis. A visão era tão tentadora que a fazia ansiar. Tem sempre pensara que seria ela a ser tomada. Nunca considerara que ela mesma pudesse tomar.

Os dois irmãos evitaram Tem pelo resto da noite, mantendo distância. Tem não se importou com o espaço. Pela primeira vez, ela não estava sendo puxada em duas direções diferentes. Pela primeira vez, ela podia relaxar. A comemoração durou tanto tempo que ela acabou adormecendo na areia, com os membros entrelaçados aos de Cypress e Adelaide.

Quando Tem acordou, era o primeiro dia do torneio.

“Vocês escolherão seus pretendentes antes do banquete”, disse Adelaide. Eles estavam se dirigindo ao salão de banquetes, e os olhos de Tem ainda estavam pesados de sono. “Depois disso, os grupos jantarão juntos para simbolizar sua união. Então, à meia-noite, começa o primeiro nível.”

Tem assentiu com a cabeça, mas não estava realmente prestando atenção. Ela estava pensando em Caspen. Ele não havia dormido ao lado dela, e ela acordou sentindo falta dele. Quando chegaram ao salão de

banquetes, ela observava a multidão ansiosamente. Mas algo estava diferente.

"Por que ninguém está fazendo sexo?", perguntou ela a Adelaide.

Pela primeira vez desde que chegara aos pés da montanha, Tem não se viu inundada pela visão de corpos se debatendo. Não se ouvia um gemido sequer — nenhum entrelaçamento de partes do corpo, nenhuma ejaculação. Todos estavam apenas… conversando.

“Eles se abstêm por respeito.”

"Eu não entendo."

“Eles sabem que você e Caspenon não podem se tocar. É um gesto de solidariedade.”

Tem não tinha certeza de como responder. Então, ela optou por: "Ah. Isso é... gentil da parte deles."

“Não se impressione muito”, disse Adelaide com um sorriso. “Isso só vai durar até depois do banquete. Aí você poderá se chocar com o que verá.”

Um arrepio de expectativa percorreu a espinha de Tem. Ela não sabia se devia ficar animada ou com medo.

Antes que pudesse decidir, ouviu: "Tem. Meu amor."

Ela se virou e viu Caspen olhando para ela.

Tem estendeu a mão imediatamente para ele, mas seus dedos foram impedidos pela barreira. Ela deixou a mão cair, reprimindo a súbita vontade de chorar. Tem pensou no que aconteceu na gruta, em como ele lhe dissera para tocar em Apolo. A princípio, ela pensara que era porque ele queria vê-los juntos. Mas agora se perguntava se era porque Caspen não conseguia fazer isso pessoalmente. Talvez ele tivesse usado o irmão como intermediário — se ele não podia tocá-la, pelo menos o irmão podia.

Como você está se sentindo?

Ela queria tanto tocá-lo agora, reafirmar a conexão entre eles da melhor maneira que sabia. Por semanas, ela encontrara consolo em seus braços, na pura certeza do sexo. Mas agora que essa barreira havia sido erguida entre eles, essa conexão havia se dissipado. Não bastava provocar um ao outro com a mente ou com a garra. Não bastava vê-lo se tocar na sua frente. Tem estava perdendo uma parte de si mesma — uma parte importante e poderosa — sem ele. Ela não suportava a ideia

de não tocar em Caspen por mais um segundo sequer, muito menos até o fim do torneio. Pior ainda era a ideia de nunca mais tocá-lo.

Então ela lhe contou a verdade: *Estou com medo.*

Seu semblante suavizou-se. Ele olhou para Adelaide, que observava a interação entre eles com compaixão.

“Vou deixar vocês duas”, disse ela. “Voltarei quando chegar a hora de vocês escolherem suas candidatas.”

Tem assentiu com a cabeça. Adelaide os deixou.

“Não há motivo para ter medo, Tem.”

Por que todos continuavam dizendo isso para ela? "É fácil para você dizer isso. Você não é responsável por todo o nosso futuro."

Para sua surpresa, Caspen sorriu. "Você também não."

Tem balançou a cabeça. Aquilo simplesmente não era verdade. "E se eu estragar tudo?", perguntou ela, com a voz quase embargada. "E se meu coração escolher errado?"

“Tem”, disse ele. “Não é possível que seu coração escolha errado. Esse é o objetivo do torneio. Quem você escolher será o seu par ideal.”

“Como você consegue ficar tão calmo(a) em relação a isso?”

“Porque eu tenho fé”, disse ele simplesmente.

Tem refletiu sobre o que Apolo lhe dissera: como os basiliscos acreditavam no destino. Será que Caspen também achava que seu destino estava predeterminado? Tem não podia viver nesse limbo. Ela precisava acreditar que tinha algum poder de decisão, que tinha uma *escolha.*

“Tem”, disse ele novamente, desta vez em voz baixa. “Não importa o que seu coração decida, saiba que você vale a pena lutar por você.”

Ela olhou para ele com os olhos semicerrados. Em outro mundo, eles se beijariam. Mas neste, eles simplesmente se olhavam nos olhos, seus corações batendo em sincronia, seus corpos a centímetros de distância. Tem desejou poder engarrafar aquele momento e guardá-lo para sempre.

Nesse instante, um murmúrio percorreu o salão de banquetes.

Tem se virou e viu a multidão se abrindo, revelando dois basiliscos altos e imponentes. Um arrepio percorreu sua espinha ao reconhecer um deles: Rowe. Ela não o via desde o casamento, quando ele escapou

de Vera e fugiu para a floresta. Agora, ele caminhava pelo salão de banquetes como se fosse o dono do lugar, o nariz empinado, a boca contorcida num sorriso triunfante. Instintivamente, Tem se aproximou de Caspen. Então, seu olhar desceu entre as pernas de Rowe.

Apesar de si mesma, Tem ficou boquiaberta.

A última vez que ela vira Rowe nu, não havia nada além de um monte de carne disforme onde antes estava seu pênis. Agora, ouro brilhava entre suas pernas, moldado ao espaço onde seu pênis costumava estar, fundido perfeitamente à sua pele, a carne se tornando metal. Isso a fez lembrar do que Apolo lhe mostrara — um pênis feito de essência. Mas isso não tinha nada a ver com aquilo. Rowe *sangrara* pelo aparato entre suas pernas. Era uma coisa horrível — uma coisa de poder.

Tem se virou para Caspen. "Ele...?"

Mas ela não sabia como terminar a frase. *Fazer um novo pênis para si mesmo?* parecia casual demais para o que Rowe tinha feito. Mas era exatamente isso que tinha acontecido.

Caspen parecia tão chocado quanto ela. "Sim."

Mesmo dali, Tem conseguia sentir o poder de Rowe. Ele emanava dele em ondas, chamando a atenção de todos ao seu redor. Os murmúrios ficaram mais altos. Ao redor deles, os basiliscos cochichavam uns com os outros, em choque.

"Eu pensei que o que você fez o tivesse enfraquecido", sussurrou Tem.

Ao lado dela, Caspen girou os ombros. "Parece que ele... encontrou uma solução."

Rowe certamente havia encontrado uma solução.

A luz brilhava em seu membro dourado, reluzindo na penumbra do salão de banquetes. Era hipnotizante; Tem não conseguia desviar o olhar. Ela fora assombrada pela mutilação de Rowe desde o casamento, mas agora não conseguia acreditar que sequer sentira culpa pelo que Caspen fizera. O pênis dourado irradiava poder. Não havia dúvida em sua mente de que era algo grandioso e terrível.

“Alguém já fez algo parecido antes?”

Caspen balançou a cabeça. "É proibido usar seu poder dessa maneira."

"Por que?"

“Os basiliscos sempre foram capazes de transformar seu sangue em ouro. É uma de nossas propriedades mais sagradas. Mas não se destina a substituir o que foi tirado. Fazer algo assim é uma aberração da natureza. Há uma razão pela qual não conseguimos regenerar membros ou curar ferimentos fatais. Uma vez que uma parte de nós morre, ela deve permanecer assim. Trazê-la de volta à vida viola as leis da natureza.”

Tem estremeceu. Certamente *parecia* uma violação. "Mas o que isso significa?"

Caspen franziu os lábios. "Significa que Rowe fez algo que ninguém mais ousaria fazer. Ele criou uma parte de si mesmo *a partir de* si mesmo. É uma fonte de poder para ele."

Tem pensou subitamente na última etapa, onde se esperava que ela montasse os competidores restantes. "Será que vou ter que...?"

“Sim, Tem. Você é.”

“Mas como é que eu vou fazer isso—?”

“Assim como você faz com os meus.”

“Mas o dele é—”

“Ainda é um galo, Tem”, disse Caspen. “Pode não se parecer com nenhum que você ou eu já tenhamos visto, mas ainda assim é um galo.”

Tem olhou para ele incrédulo. "Como isso é permitido?"

Caspen cerrou os punhos. "Isso não é permitido. Deveria haver limites para o nosso poder. Só podemos curar o que está quebrado; não podemos regenerar o que não existe mais. Isso não está certo."

Tem não conseguia imaginar o que Caspen estava sentindo. Afinal, fora ele quem arrancara o pênis de Rowe. Foram suas ações que levaram Rowe a fazer aquilo. Rowe já odiava Caspen por ter traído seu pai; Tem estremeceu ao pensar na profundidade do rancor que sentia por ele agora.

Naquele instante, os olhos de Rowe encontraram os dela.

Tem paralisou enquanto seu olhar percorria o corpo dela, o desejo nele inconfundível. Sempre houve amargura em Rowe, mas agora era avassaladora. Ele ostentava sua raiva claramente no rosto, sua expressão idêntica à de Caspen.

"Ele está com tanta raiva", sussurrou Tem.

“Eu também, Tem.”

Rowe se virou, caminhando na direção deles. Um instante depois, estava diante deles. "Temperance", disse ele, com a voz rouca. "Estão gostando das festividades? Afinal, são em sua homenagem."

Tem abriu a boca para responder, mas Caspen se adiantou.

“Não fale com ela.”

Os olhos de Rowe encontraram os dele. "E por que não? Ela poderia ser minha futura esposa."

"O dia em que você a tirar de mim será o dia em que eu morrerei."

Rowe sorriu. "Não há necessidade de tais palavras, Caspenon. Venho em paz."

Caspen deu uma risadinha irônica.

Os olhos de Tem se voltaram para o basilisco ao lado de Rowe. Eros era mais alto que o irmão e igualmente imponente. Ele a encarava com olhos dourados e reluzentes que pareciam penetrar sua alma. Ela mal chegava à altura de sua clavícula; seus ombros eram tão largos que ela não conseguia ver nada atrás dele.

Rowe surgiu repentinamente na mente de Tem.

Ela ofegou de surpresa, erguendo muros para bloquear o ataque. Mas não conseguiu impedi-lo — seu poder era indescritível; pressionava-a como uma força indomável, esmagando-a como uma aranha contra o vidro.

Você se renderá a mim, Temperança. E Caspenon também.

Tem precisou de toda a sua força de vontade para olhar diretamente nos olhos dele e dizer: "Nunca".

A boca de Rowe se contorceu num sorriso sombrio e divertido.

“É uma pena”, murmurou ele. “Você continua teimosa como sempre.”

Tem ergueu o queixo. "E você é tão cruel quanto eu."

Seu sorriso sarcástico se intensificou. "A crueldade é uma necessidade no mundo em que vivemos, Temperance. Seu marido sabe disso melhor do que ninguém."

Tem não tinha como refutar isso. O que Caspen tinha feito com Rowe era inegavelmente cruel. Mas Rowe merecia. E agora, com a luta iminente, Tem esperava que Caspen fosse cruel mais uma vez.

Rowe direcionou seu golpe final diretamente para Caspen. "Que vença o melhor."

Então ele se afastou sem dizer mais nada.

Tem se virou imediatamente para Caspen. Ele encarava Rowe com os punhos cerrados, uma veia pulsando em sua têmpora. Tem não desejava nada mais do que tocá-lo, sentir sua pele quente contra a sua, encontrar conforto um no outro. Mas era a única coisa que ela não podia fazer.

Adelaide apareceu ao seu lado. "Tem", disse ela gentilmente. "Todos os basiliscos elegíveis já chegaram. É hora de fazer suas escolhas."

Tem olhou para Caspen. Ele olhou para ela.

"Você vai ficar comigo?", ela sussurrou.

"Sempre."

Eles seguiram Adelaide até o final do salão de banquetes, onde um palco havia sido montado. Nele, havia um grupo de cerca de vinte basiliscos, todos belos, todos completamente eretos. Tem se lembrou do que Adelaide havia dito — como ela deveria tomar sua decisão. com base nos seus pênis. Ela olhou para Caspen, que lhe deu um aceno tranquilizador antes de se juntar a Rowe, Eros e Apollo. Quando os olhos de Tem encontraram os de Apollo, ele também acenou com a cabeça.

Você consegue, Temperance.

Ela mal acreditava nele. Era difícil imaginar que qualquer um daqueles homens pudesse ser seu futuro marido. Nenhum deles se comparava a Caspen.

Tem ficou paralisada, plenamente consciente da multidão atrás dela, observando cada movimento seu. Era pressão demais; ela não conseguiria se apresentar sob o peso das expectativas de todos.

A voz de Caspen chegou até ela: *Relaxa, Tem. Deixe seu lado basilisco tomar a decisão.*

Tem fechou os olhos, decidida a fazer o que ele disse. Concentrou-se no lado dela que *gostava* de ser observado, o lado poderoso, ousado e corajoso. Suprimiu o lado humano, afastando suas dúvidas e inseguranças. Quando abriu os olhos, estava pronta.

Tem reconheceu apenas um basilisco no grupo de homens à sua frente. Ele era alto, com o cabelo loiro penteado para trás — o homem que Caspen havia agradado no ouroboros. Imediatamente, ela se sentiu atraída por ele. Nem sequer olhou para o seu pênis; não importava a

sua aparência. As palavras de Adelaide voltaram-lhe à mente de repente: *Você selará suas escolhas com um beijo.*

Tem sabia o que tinha que fazer.

No instante em que deu um passo à frente, a multidão aplaudiu. Ela aproximou-se lentamente do basilisco loiro, mantendo o contato visual até estar bem em frente a ele. Então, segurou o rosto dele entre as mãos, ficou na ponta dos pés e o beijou. Imaginou que fosse Leão e despejou toda a sua saudade no beijo, fazendo o que não podia fazer com ele. Quando se separaram, o basilisco sorriu amplamente antes de se curvar diante dela e se mover para a lateral, ficando ao lado de Apolo.

Um já foi. Faltam sete.

Tem fez o resto de suas escolhas por puro instinto. Ela não se importava com os pênis deles — afinal, todos eram igualmente gloriosos — ela se importava com o que eles faziam ela *sentir.* Tem beijou apenas os basiliscos cujo poder era compatível com o dela — aqueles que ela sabia, instintivamente, que poderiam *lidar* com ela. Ela deixou o calor entre as pernas guiá-la, escolhendo qualquer um que a excitasse. Quando beijou o oitavo homem, ela já estava molhada.

A multidão vibrou quando o último basilisco se juntou à fila de competidores. Caspen sorriu para ela, e ela soube que tinha se saído bem. Adelaide reapareceu ao seu lado.

"E agora?", perguntou Tem.

Adelaide inclinou-se para a frente. "Agora haverá uma cerimônia."

“Que tipo de cerimônia?”

“Vocês verão.”

Todos, exceto os doze finalistas, deixaram o palco. Atrás de Tem, o salão de banquetes ficou em silêncio. Por algum motivo, ela se viu prendendo a respiração quando uma mulher emergiu da multidão e subiu ao palco. Sua barriga estava inchada.

Tem olhou para Adelaide. *Ela está grávida?*

Adelaide balançou a cabeça negativamente. *Não. Ela é uma mãe recente que acabou de dar à luz.*

Tem procurou um bebê com o olhar, mas não viu nenhum. Então, lembrou-se do que Adelaide lhe contara sobre os filhotes de basilisco, como eram criados longe das cavernas até atingirem a idade

reprodutiva. Tem não conseguia entender por que uma mãe recente estaria ali sem seu filho. *Qual seria o propósito dela?*

Adelaide não respondeu. Algo estava acontecendo; os candidatos estavam se ajoelhando.

O que eles estão fazendo?

Eles estão prestando suas homenagens.

Mas por que?

Ela representa Kora.

Kora. Deusa da fertilidade, governante benevolente de todos.

Ela tocará na pessoa que ela acredita que será a vencedora do torneio.

Tudo aquilo era novidade para Tem, e era completamente aterrorizante. O vencedor do torneio tinha que ser Caspen. *Precisava* ser Caspen. E se a mulher tivesse tocado em outra pessoa?

Como ela tomará sua decisão?

Acredita-se que Kora lhe dirá quem escolher.

A mulher caminhava lentamente ao longo da fila de homens, parando diante de cada um para olhar nos olhos, como se estivesse avaliando sua capacidade. Os homens a olhavam com absoluto respeito, como se fossem suas próprias mães, ajoelhando-se diante dela como fariam na igreja.

Tem prendeu a respiração quando a mulher parou diante de Rowe. Depois do que pareceu uma eternidade, ela continuou andando, deslizando os dedos pelo ar enquanto caminhava. Movia-se com uma graça inegável, os quadris balançando enquanto se aproximava do fim da fila. Apollo era o penúltimo, logo antes de Caspen. A mulher parou diante dele.

Tem imediatamente se enrijeceu. *Não. Ela não pode escolhê-lo.*

Adelaide não respondeu. Tem nada pôde fazer além de observar em silêncio horrorizado enquanto a mulher estendia a mão, tocando Apolo suavemente na testa. Tem nunca vira Apolo tão orgulhoso. Era evidente que aquela era a maior honra possível, que ele estava recebendo um presente de valor incalculável. Apolo pegou a mão da mulher na sua, erguendo-a e pressionando o pulso dela contra os lábios.

A multidão irrompeu em aplausos. Ao lado de Apollo, a expressão no rosto de Caspen era Ilegível. Ele estava com raiva? Com ciúmes? Com medo? Tem tentou alcançá-lo com a mente, mas ele estava fechado para

ela. Isso não a surpreendeu. Se os pensamentos dele fossem parecidos com os dela, não era seguro compartilhá-los com ninguém.

Isso não terá qualquer influência no resultado final, disse Temperance Adelaide. *É apenas a opinião dela, nada mais.*

Mas você disse que ela era guiada por Kora.

É nisso que acreditamos, sim.

Você já viu Kora se enganar alguma vez?

Adelaide não respondeu.

Você não pode me dizer que a escolha dela por Apolo seja uma coisa boa.

Não é necessariamente algo bom *. Mas é algo interessante.*

Como isso é interessante? Parece-me terrível. Caspen será—

Caspenon não ficará zangado.

Tem achou isso difícil de acreditar.

Ele entende as regras do torneio, Temperance. Ele encarará isso como um desafio.

Isso foi ainda pior.

É apenas a opinião dela. Nada mais.

Mas Tem apenas balançou a cabeça negativamente.

“Temperance”, disse Adelaide gentilmente. “Eu entendo que isso seja difícil para você. Mas tudo está correndo exatamente como deveria. Agora que você escolheu suas candidatas e Kora escolheu as dela, o torneio pode prosseguir.”

Tem fechou os olhos. No fundo, ela sabia que Adelaide tinha razão. Respeitava o processo. Não importava se a deixava horrorizada; o torneio aconteceria de qualquer maneira. Mas isso não tornava as coisas mais fáceis.

"Apolo não pode vencer", ela sussurrou. "Não é possível."

“Se ele ganhar, é porque sempre esteve destinado a ganhar. Acreditamos que nossos destinos já estão traçados.”

“Mas isso é—”

“ *Esse* ”, disse Adelaide firmemente, colocando a mão no ombro de Tem, “é o jeito basilisco.”

Tem ficou em silêncio. Como deve ser bom deixar tudo nas mãos do destino, acreditar que seu futuro já está traçado. Mas Tem não agia assim. Ela era movida demais pelo desejo para aceitar que suas decisões não importavam. O caminho do basilisco não era o seu caminho. Nunca seria.

A mulher desceu do palco, desaparecendo na multidão. Tem a observou partir, com um aperto horrível no estômago. Ela mal percebeu quando a multidão se dispersou ao seu redor e os basiliscos começaram a se acomodar nas mesas. Era hora do banquete.

“Você vai comer na cabeceira do salão”, disse Adelaide ao ouvido dela, guiando-a até uma mesa perpendicular às demais. Era semelhante a uma mesa de casamento, onde os noivos se sentariam, observando a festa. Só que esta mesa tinha três lugares, e dois deles já estavam ocupados. Adelaide a conduziu até o lugar do meio.

“Se precisar de alguma coisa, estarei por perto.”

Então ela a deixou sozinha com os irmãos Drakon.

Tem olhava fixamente para a frente, completamente sem saber o que fazer. Ela não podia tocar em Caspen, e não ousava tocar em Apollo. Não havia absolutamente para onde ir.

Finalmente, ela se virou para Caspen. "Você está preparado?"

Ele piscou. "Para quê, meu amor?"

“Pela luta com Rowe.”

Para surpresa dela, ele riu. "Não preciso me preparar."

Tem cruzou os braços. "Se você vai lutar por mim, não acha que deveria se preparar?"

“Tem”, disse ele. “Não há nada a fazer. Eu vou vencer.”

"Como você sabe?"

“Porque tenho mais a perder.”

“Rowe não tem *nada* a perder”, disse Tem. “Isso o torna perigoso.”

“Tem.” Caspen olhou-a diretamente nos olhos. “ *Eu* sou perigoso.”

Apesar do calor do salão de banquetes, Tem estremeceu. Ela se virou para Apolo. "E *nem* pense nisso."

Ele ergueu uma sobrancelha para ela. "E que tipo de ideias eu poderia ter?"

"Só porque aquela mulher te escolheu, não significa que eu algum dia o farei."

A boca de Apolo se contraiu em divertimento. "A escolha dela não é vinculativa. Não influencia em nada a sua." Adelaide disse a mesma coisa.

“Ainda assim. Não—”

"Tem alguma ideia? Eu não ousaria, Temperance."

“Ótimo, porque—”

Nesse instante, Caspen falou em sua mente: *Chega, Tem.*

Seu coração palpitava no peito com a repreensão. Ela sabia que estava descontando sua raiva porque estava nervosa — porque estava *apavorada.* O medo começava a consumi-la. Tem fechou os olhos. De alguma forma, o que ela precisava dizer a eles seria mais fácil assim.

“Você não pode deixar Rowe me levar.”

Silêncio. Tem abriu os olhos e viu o olhar de Apolo deslizar para o de Caspen. Algo não dito passou entre os irmãos, e Tem desejou saber o que era. Então Apolo... Ele colocou a mão delicadamente na cintura dela. Ela congelou com o toque, permanecendo completamente imóvel enquanto ele dizia: "Preferimos morrer a deixar isso acontecer, Temperance."

Uma vaga sensação de alívio a invadiu, seguida imediatamente por uma culpa terrível. "Não posso perder nenhum de vocês."

Outro silêncio.

Nela, Tem sentiu ambos entrarem em sua mente da mesma forma que haviam feito na gruta. Só que desta vez, eles não estavam tentando seduzi-la. Desta vez, ela sentiu apenas uma onda inquebrável de segurança passar de suas mentes para a dela. Ela entendeu que estavam unidos nisso, que reconheciam que a situação era maior do que eles próprios — que estavam preparados para se sacrificar, se necessário. Tem também estava preparada.

“É uma honra para nós lutar por você, Tem”, disse Caspen em voz baixa.

A mão de Apolo ainda estava em sua cintura. Seus dedos apertaram — levemente — num gesto de concordância. Então ele a soltou. Caspen havia desaparecido de seus pensamentos. Mas Apolo permaneceu,

murmurando apenas uma frase antes de também se retirar: *Você vale a pena lutar por você, Temperance.*

As mesmas palavras que Caspen lhe dissera mais cedo. Tem sabia que Apolo não as diria a menos que as acreditasse de verdade. Afinal, os basiliscos não podiam mentir. Eles só podiam distorcer a verdade, e o que ele dissera era tão direto que Tem não pôde fazer nada além de acreditar nele.

Depois disso, não havia nada a fazer senão comer e beber.

O banquete era suntuoso — um dos melhores que Tem já havia experimentado. A comida era acompanhada por uma quantidade aparentemente infinita de elixir. Fazia sentido, ela supôs, que as duas aljavas precisassem de coragem líquida para coexistir. Mas, como consequência direta, o salão de banquetes estava rapidamente mergulhando no caos. Adelaide não estava brincando quando disse a Tem que ela poderia se surpreender com o que veria. Ao redor delas, basiliscos estavam copulando. Faziam isso nos bancos, nas mesas, no chão. Tem imaginara que, dada a razão pela qual estavam ali, as duas aljavas teriam animosidade entre si. Em vez disso, o oposto era verdadeiro. Tem viu Senecas com Senecas, Senecas com Drakons e todas as combinações possíveis. Tem contemplou o caos, maravilhada com a sua imensidão.

Apenas Rowe não participou das festividades. Ele permaneceu à beira do salão de banquetes, sem comer nem beber, com os braços cruzados sobre o peito. Seu pênis dourado estava completamente ereto, e Tem se perguntou se ele sempre fora assim.

“Rowe está me encarando.”

Caspen e Apollo olharam para ele.

“É mesmo”, disse Apolo. “Devemos dizer-lhe para parar?”

“ *Por favor,* não faça isso.”

"E por que não?", disse Caspen. "Ele está te incomodando."

“Você já pegou o pau dele, Caspen. Não sei o que mais você poderia pegar.”

Um sorriso sombrio distorceu seu rosto. "Eu pensaria em algo."

“Você poderia levar a cabeça dele”, sugeriu Apolo.

Tem deu um tapa no ombro dele. " *Pare com* isso."

Os dois irmãos riram. Felizmente, naquele momento, Adelaide apareceu.

“Temperance”, disse ela. “Há alguém aqui para você.”

Tem já estava sentada ao lado das duas únicas pessoas que estavam ali por ela.

"Quem?"

Em resposta, Adelaide simplesmente apontou.

“Gabriel?”

Capítulo Trinta e Três

Ele corria em direção a ela, com os cachos balançando.

“Minha *querida* Tem.” Ele a abraçou, levantando-a do banco e girando-a no ar. “Você não achou que eu perderia um torneio de sexo, achou?”

Tem revirou os olhos contra o peito dele. Era *tão* bom estar em seus braços.

Quando se separaram, ele a beijou na bochecha, e Tem não conseguia parar de sorrir. Gabriel estava ali. Ela tinha um amigo. Ela não estava sozinha.

Tem olhou para Caspen. "Ele pode estar aqui?"

“Ele pode.”

“Ele estará seguro?”

"Sim."

"Como você sabe?"

Caspen sorriu. "Não haverá brigas esta noite, Tem. O torneio é uma oportunidade para os arautos se entenderem. É um sinal de boa fé — uma demonstração de apoio ao processo."

Tem balançou a cabeça. De tudo o que aprendera sobre a cultura dos basiliscos, essa tinha que ser uma das coisas mais estranhas. Ela não conseguia imaginar como o torneio poderia unir as pessoas quando era tão claramente planejado para dividi-las.

Ao ver a expressão no rosto dela, Caspen sorriu. "Você ainda tem muito a aprender."

Foi tudo o que ele disse, e era a mais pura verdade.

“ *Falando* em aprendizado”, Gabriel cantarolou, virando-se para Apolo. “Quem é *este* ?”

Antes que Tem pudesse responder, Apolo estendeu a mão para Gabriel, que a apertou com entusiasmo.

“Eu sou Apolo”, disse ele. “Irmão de Caspenon.”

“ *Irmão?* Devo dizer que gosto bastante dos irmãos desta família.” Ele olhou por cima do ombro, onde Damon os observava com um sorriso no rosto. “Boa genética.”

Ele piscou para Apolo, que soltou uma risada perplexa. Tem não conseguiu conter o riso também. Basiliscos, com toda a sua experiência de vida, de alguma forma nunca estavam preparados para Gabriel.

De repente, uma briga começou em uma das mesas. Um grupo de basiliscos estava discutindo. sobre o que parecia ser uma grande bacia de pedra, que estava cheia de pedaços de papel. Tem se virou imediatamente para Caspen.

“Você disse que ele estaria seguro esta noite.”

“Ele *é* , Tem. Eles não estão brigando, eu te garanto. Eles só estão fazendo apostas.”

“Aceitar apostas em quê?”

"Sobre quem vai ganhar a sua mão."

"Você está *falando sério* ?"

“É um processo dinâmico, mas não há nada a temer. Gabriel está seguro.”

Mas Tem já não se preocupava com Gabriel. A ideia de pessoas apostando na sua vida amorosa era absurda. Ela sempre soube que os basiliscos não tinham limites, mas isto era outro nível.

Gabriel deu-lhe uma cutucada. "Talvez eu tenha que fazer uma aposta também."

Ela deu um tapa no braço dele. "Não se *atreva.* "

“Ah, qual é, querido. Qual o problema de uma pequena competição amigável?” Ele deu um tapinha no ombro de Caspen. “Não se preocupe, estou apostando em você.” Para Apollo, ele sussurrou: “ *E em você também.”* Então, balançou os dedos para os dois antes de voltar a falar com Damon.

“Ele é realmente algo especial”, disse Apollo.

Você não faz ideia.

A noite só piorou a partir daí. Hordas de basiliscos percorriam o salão de banquetes, comendo, acasalando e rindo na mesma medida. A energia era inacreditável; Tem entendeu imediatamente o que Adelaide quis dizer quando afirmou que os basiliscos estavam ansiosos pelo torneio. Era ilógico, mas Caspen estava certo: essa era uma forma de os clãs se unirem. Tem só esperava que o bom humor deles continuasse, independentemente do resultado.

Em algum momento, ambos os irmãos a deixaram. Caspen foi afastado por um membro do conselho, que parecia ansioso para discutir a luta iminente. Apollo foi atraído pelo sexo.

Tem observava enquanto ele transava com uma garota após a outra, puxando-as para o seu colo uma após a outra. Ela sabia que aquilo fazia parte da cultura dos basiliscos — que a cada clímax, ele se tornava mais poderoso. Mesmo assim, assistir a tal excesso era de tirar o fôlego. Quando o décimo basilisco o montou, os olhos de Apolo encontraram os dela.

Gostaria de fazer a sua parte, Temperance?

Não, obrigado.

Que pena. Eu preferiria você a ela.

Eu sei que você faria isso. Mas parece que você já está bastante ocupado(a).

Ele literalmente estava com as mãos na bunda do basilisco loiro que cavalgava seu pau. O estômago de Tem revirou com a visão.

Eu preferiria que eles estivessem cheios de você.

Eu não sou uma opção, Apollo.

Ainda não.

Não era a primeira vez que ele lhe dizia aquilo. Mas agora que o torneio era iminente, Tem sabia que era verdade. Ela dormiria com ele na fase final — cavalgando seu pau da mesma forma que o basilisco loiro cavalgava agora. Se seu coração chamasse por Apolo, ela teria que se casar com ele. Tem tentou imaginar: casada com Apolo em vez de Caspen. Ela não conseguia conceber aquela vida.

Eu posso.

A voz dele era suave em sua mente — quase um sussurro — e era sincera. Pela primeira vez, Apollo não estava flertando. Ele estava testando o terreno, vendo como Tem reagiria a uma demonstração

genuína de vulnerabilidade. Para falar a verdade, ela não sabia como reagir. Essa era a última coisa com que queria lidar esta noite. Seu flerte com Apollo não tinha importância; não era *real.* Não como ela e Caspen.

Sem dizer mais nada, Tem saiu para procurar o marido. Ele estava perto da área de apostas.

Meu amor. O que é isso?

Passe um tempo comigo.

Como desejar.

Eles permaneceram juntos, sem se tocar, observando o desenrolar da festa.

Um par de mulheres estava tão entrelaçado que pareciam fundidas. Quando Tem olhou mais de perto, percebeu que eram . Um objeto brilhava entre as pernas delas, assim como a garra que Caspen havia feito para ela. Era da mesma cor e curvado de forma semelhante. Mas este objeto fora projetado para acomodá-las, com duas extremidades, unindo-as pelo centro para que experimentassem prazer duplo. Reluzia com a umidade combinada das duas, pingando sobre a mesa. A visão aqueceu Tem. As mulheres eram lindas juntas — curvas infinitas e pele macia. Mas foi só quando viu dois homens emaranhados em um nó íntimo que Tem corou imediatamente de desejo. A presença de Caspen lhe veio à mente.

Deseja se juntar a eles?

O rubor intensificou-se.

Diante da reação dela, Caspen disse: "Devo perguntar a eles por você?"

Tem hesitou. Ela só queria Caspen naquele momento. Mas talvez esse fosse o verdadeiro motivo para fazer aquilo. Caspen não podia tocá-la; eles não podiam fazer sexo. Mas ele precisava estar forte amanhã, e a única maneira de ganhar poder era através do sexo. Se não pudesse ter sexo com Tem, pelo menos poderia observá-la com outro.

Antes que Tem pudesse se conter, ela assentiu com a cabeça.

No instante em que ela fez isso, um lampejo de orgulho iluminou o rosto de Caspen. Ele imediatamente se aproximou do casal, que se separou por um momento. Tem observou enquanto eles escutavam, com os olhos brilhando de alegria. Caspen se virou para ela, estendendo a mão, indicando claramente que ela se aproximasse.

Ela não conseguia acreditar no entusiasmo com que os homens a abraçaram, erguendo-a de modo que ela ficou suspensa entre eles, com as pernas em volta de um e as do outro atrás. Presa entre dois homens, uma ilustração de sua situação real.

Ela não pensou em nada. Apenas Caspen estava ali com ela, e Tem aguardava sua permissão para começar. Com um aceno de cabeça, ele a concedeu.

Tem virou a cabeça para o homem à sua frente. Ele a observava com expectativa, os olhos arregalados e confiantes, as mãos firmemente em volta de sua cintura.

Ela se inclinou para frente, roçando seus lábios nos dele.

Ele retribuiu o beijo delicadamente, acompanhando o ritmo dela. O homem atrás dela encontrou seu clitóris, aplicando pressão e massageando em círculos sensuais.

Bom, Tem.

Os três encontraram um ritmo juntos, beijando-se e tocando-se em sincronia. Tem sentia-se tão segura em seus braços quanto se sentiria nos de Caspen, sua presença constante e dominante em sua mente.

Agora deixe que eles te fodam.

Tem teria deixado que eles fizessem qualquer coisa. Seu único objetivo naquele momento era obedecer a Caspen, deixar que ele lhe dissesse o que fazer. Ela não queria nada além do simples prazer de agradá-lo. Era o mínimo que podia fazer, considerando o que ele estava prestes a fazer por ela.

O basilisco atrás dela penetrou-a primeiro. Tem não parou de beijar o basilisco à sua frente, não quebrou o ritmo mesmo quando o pênis dele deslizou fundo em seu centro, dilatando-a. Ela estava molhada para eles; estava pronta. Ainda assim, fazia muito tempo que não recebia um pênis que não fosse o de Caspen, e se pegou imaginando se seria assim durante a terceira rodada, quando montaria seus competidores em fila.

Tem deu um suspiro quando o basilisco atrás dela se retirou repentinamente. Então, o basilisco à sua frente a penetrou, e tudo voltou a estar bem no mundo. Ela virou a cabeça para beijar o homem atrás dela, deixando que ambos fizessem o que quisessem. Eles a tocaram por todo o corpo: na cintura, na bunda, nos seios. Ter dois pares de mãos dedicados exclusivamente a ela era uma estimulação como Tem jamais havia experimentado. Ela se entregou

completamente, arqueando as costas para encontrá-los, desesperada para sentir cada centímetro daquela libertação.

Caspen supervisionava tudo, sua presença imponente, maior que a própria montanha, seu governante generoso. Ele se tocava enquanto os homens a fodiam, acariciando o pênis no ritmo das estocadas. Tem sentia a presença dele em sua mente com tanta intensidade que era como se ele estivesse dentro dela. Ele era tão participativo quanto os basiliscos, dirigindo-os. com seus pensamentos. No momento em que um desejo surgia em Tem, eles o realizavam imediatamente. Quando ela queria que a beijassem, eles a beijavam. Quando ela queria que apertassem seu pescoço, eles o apertavam. E Tem retribuía o favor. Quando Caspen lhe pedia para fazer algo, ela fazia.

Dê um beijo nele.

Ela assim o fez.

Coloque a mão no peito dele.

Ela que colocou ali.

Incline a cabeça para trás. Deixe-me ver seu pescoço.

Tem deixou que ele visse o que quisesse ver — ela em qualquer posição, sendo fodida do jeito que ele quisesse. Os basiliscos eram deliberados, segurando-a entre eles enquanto alternavam seus pênis, às vezes por minutos a fio, às vezes com uma única estocada rápida antes de se retirarem e darem lugar ao outro. Todos se moviam em sincronia, existindo em um espaço sem tempo, existindo apenas para sentir. Tem mal conseguia respirar, e nem queria. Ela só queria ser preenchida — ser tomada ali mesmo, no salão de banquetes, para todos verem. Nunca seria o suficiente para Tem: dois pênis ou mesmo três. Seu lado basilisco era insaciável, implorando por excessos, sempre querendo mais.

Tem sabia que Caspen também queria mais. Uma parte dele gostava daquilo — uma parte dele queria que o torneio acontecesse. Era uma honra para o casamento deles ser posto em prova — uma honra para sua esposa ser desejada. Mas, acima de tudo, Tem sabia que ele queria vencer. Ela podia ver isso nos olhos dele, no jeito possessivo com que ele observava enquanto os outros basiliscos a levavam cada vez mais perto do orgasmo. Cada toque dos dedos deles a fazia gemer — cada roçar dos lábios a levava direto ao limite. Ela poderia ficar assim para sempre, enrolada nos corpos deles como musgo em uma árvore.

Por fim, Tem não aguentou mais. Os olhos de Caspen estavam negros há um longo tempo; fumaça subia de seus ombros. Todos estavam perto, e todos desejavam aquilo. O basilisco atrás dela penetrava implacavelmente, pressionando Tem contra o basilisco à sua frente, levando todos *ao* clímax. Ao lado deles, os movimentos de Caspen se intensificavam, seu pênis se esforçando contra sua mão. Ele era tão deslumbrante para Tem. Ela queria prová-lo. Ela o queria dentro de si.

Na minha contagem, Tem.

A mente de Caspen guiava a dela, puxando-a consigo.

Três.

O basilisco atrás dela penetrou *fundo* — mais fundo do que ela imaginava ser possível.

Dois.

O basilisco à sua frente mordeu seu lábio.

Um.

Chegou a hora.

Eles se uniram, livres de inibições, livres de amarras. Tem sabia que tinha feito tudo certo — obedecido a cada ordem de Caspen — feito exatamente como lhe foi dito. O poder dele era inegável; ela o sentia mesmo sem estarem se tocando. Ela o teria sentido a quilômetros de distância. Os basiliscos a colocaram delicadamente no chão, distribuindo beijos por seu corpo enquanto o faziam. Quando seus pés tocaram a pedra, Tem olhou para Caspen. Um único olhar foi suficiente; ele já sabia o que ela queria.

"Chega", disse Caspen em voz alta.

Os basiliscos obedeceram imediatamente, libertando-se de Tem antes de se curvarem profundamente diante dela. "Obrigada", murmuraram ambos. Tem percebeu o espanto em suas vozes, como se o que acabara de acontecer fosse de suma importância. Talvez fosse.

"Obrigada " , murmurou ela em resposta.

Os basiliscos se afastaram de mãos dadas. Tem ficou desolada, completamente vazia. Ela se virou para Caspen, que sorriu para ela.

“Você estava tão linda, Tem.”

“Você também era.”

Seu sorriso se alargou. Então ele disse: "Você deveria ir dormir. Uma vez que o torneio começar, não haverá pausas até que ele termine."

Tem refletiu sobre a estrutura do torneio — os três níveis, o esforço físico interminável. Dormir parecia uma boa ideia. "Você vem comigo?"

Caspen balançou a cabeça. "Não nos veremos nas próximas horas."

A ansiedade apertava seu peito. "Por que não?"

“É tradição. Pense nisso como o fato de que os humanos não veem a noiva antes do casamento.”

“Ah”, disse Tem. “Certo.”

Ela imaginou que aquilo fazia sentido, de uma forma indireta. Mas ela precisava de Caspen naquele momento. A última coisa que queria era ficar sozinha. Ela nem sequer conseguia lhe dar um beijo de boa noite.

Caspen ergueu a mão até o peito dela. Mas, em vez de tentar tocar sua pele, tocou a garra dourada que pendia de seu pescoço. Ele a moveu com o dedo, primeiro subindo pelo esterno, depois sobre o topo dos seios. Tem fechou os olhos. Era incrível sentir *o* que ele estava fazendo com ela — ver o corpo dele criar um movimento e vivenciá-lo com o dela. Era o mais próximo de um toque que haviam experimentado em tanto, *tanto* tempo.

Eu queria poder te beijar.

Breve.

Tem sentiu um aperto no estômago. *Mas e se...* Tem se interrompeu, pois não queria terminar o pensamento. Para sua surpresa, Caspen sorriu.

E se eu não ganhar?

Tem assentiu com a cabeça. Ela não conseguiu responder.

Então vamos lidar com isso conforme for acontecendo, Tem.

Ela franziu os lábios, contendo as lágrimas. Como ele podia estar tão calmo diante disso? Como podia estar ligado a ela por sangue e não se preocupar com o resultado deste torneio? A ideia de não poder tocar em Caspen a matava, pura e simplesmente. Fazia-a querer morrer. Mas ele não era o único homem em sua vida, e nunca seria. Sempre fora assim; sempre fora uma luta para ela escolher. E se agora, diante de centenas de basiliscos, ela fosse forçada a revelar algo que nem mesmo a si mesma conseguia admitir? O pensamento era aterrador.

Caspen olhou-a profundamente nos olhos. *Prefiro a verdade brutal à mentira mais doce.*

Tem mal conseguia acreditar. *Não conseguia* acreditar. A verdade não era apenas brutal. Era mortal . *Deveríamos ficar juntos para sempre.*

Sim, Tem. Isso não é motivo de preocupação.

Bem, estou preocupado.

Tem, eu não vou te deixar. Nem agora. Nem nunca.

Ela o encarou nos olhos dourados, sabendo que ele falava a verdade. Mas isso não mudava o fato de que o torneio poderia obrigá- *la* a deixá - *lo* .

Caspen soltou a mão, deixando-a com frio. *Durma bem, meu amor. Nos veremos em breve.*

Tem assentiu com a cabeça. Ela parecia não conseguir falar. Em vez disso, saiu do salão de banquetes, caminhando lentamente de volta para seus aposentos, temendo as horas solitárias antes da meia-noite. Mas, para sua surpresa, havia alguém encostado em seu batente.

“Vai dormir tão cedo, Temperance?”

Tem cruzou os braços. "O que você está fazendo aqui?"

Apolo endireitou-se. "Vim ver você."

“Eu sei disso. Mas *por quê* ?”

“Porque você não está bem.”

Não era uma pergunta, e Tem não conseguia entender por que ele diria aquilo para ela. "Com licença? Estou perfeitamente bem."

“Não.” Apolo se inclinou para frente. “Você não está. Você está diferente desde a noite em que lhe ensinei a petrificar. Você come menos. Você não dorme. Algo está afetando você.”

Tem olhou para ele incrédula. Como Apolo tinha conseguido notar todas aquelas coisas? Nem mesmo Caspen tinha percebido que ela não estava dormindo bem. Mas, pensando bem, ele estava sempre fora, caçando. Havia dias em que Apolo a via mais do que Caspen. E nesses dias, aparentemente, ele a observava atentamente.

“O que te aflige, Temperance?”

Tem soltou uma risada torturada. O que a afligia? Muitas coisas para contar. Ela estava Ela estava preocupada com o torneio, o brasão, Leo.

Ela temia que tudo estivesse prestes a desmoronar. Mas Apolo não podia consertar nada disso. Ninguém podia.

“Vai dormir, Apolo.”

“É você quem deveria estar na cama.”

Tem franziu a testa ao ouvir o tom dele. Ele parecia genuinamente preocupado. Normalmente, Apollo teria feito algum comentário atrevido sobre como queria ir para a cama com ela. Mas não esta noite. Esta noite, ele a olhava como se ela fosse frágil, como se pudesse se quebrar a qualquer momento. Não era uma expressão que ela estivesse acostumada a ver nele.

“Por que você se importa com o que eu faço?”

“Eu me importo porque você e meu irmão estão ligados por laços de sangue. O vínculo emocional entre vocês é significativo, o que significa que o seu bem-estar afeta diretamente o dele. Se você não estiver bem, ele não poderá ter um bom desempenho amanhã.”

Isso fez Tem parar abruptamente. "O que você quer dizer?"

“Quer dizer”—Apolo aproximou-se, e ela percebeu a urgência dele —“ele precisará ser forte para a luta, o que significa que você também precisa ser forte.”

Tem mordeu o lábio. Ela estava tudo, menos forte, naquele momento.

“O que te aflige, Temperança?”, perguntou Apolo novamente, desta vez com uma voz mais suave. “Se não quiseres me contar, eu entendo. Mas os fardos são mais fáceis de suportar quando compartilhados.”

Ele tinha razão, é claro. Mas os fardos dela não eram do tipo que podiam ser compartilhados. Apolo não podia fazer nada em relação à situação com Leão — não podia livrá-la de consumar o brasão. Não podia nem mesmo garantir os resultados do torneio. E, no entanto, de alguma forma, a oferta dele de que ela se confidenciasse com ele a ajudou. Fez com que ela se sentisse menos sozinha. Então ela disse: "Estou com medo".

“De quê?”

Mas não havia palavras para descrever. Tem tinha medo de *tantas* coisas. Ela não conseguiria listar todas agora, e de qualquer forma não queria que Apolo soubesse. Saber seria ter que compartilhar segredos com ela, e ela não desejava isso para ele.

“Do torneio?” perguntou Apollo.

“Sim”, disse ela, sinceramente. Entre outras coisas.

“Você não tem nada a temer, Temperance.”

Tem fechou os olhos, tentando acreditar nele. "É fácil para você dizer isso. Seu marido não está em perigo."

“Eu não tenho marido.”

"Você sabe o que eu quero dizer."

“Caspenon ficará bem, Temperance.”

“Você não sabe disso.”

“Eu conheço meu irmão. E nada o impediria de lutar por você.”

“Não consigo viver sem ele.”

“O torneio oferece apenas uma possibilidade disso. Não é uma garantia.”

Uma pausa.

As próximas palavras de Apolo vieram em voz baixa: “Eu entendo que você esteja com medo. Mas se Caspenon não vencer, eu a protegerei de Rowe. Nenhum mal jamais lhe sobrevirá por suas mãos. Você tem a minha palavra.”

Tem abriu os olhos, quase perdendo o fôlego ao ver o quão perto Apolo estava.

“Compartilho meu sangue com ele.” Apollo tocou a garra em volta do pescoço dela com o dedo, exatamente como Caspen fizera. “Assim como você.” Sua voz baixou para um sussurro ao terminar. “Não vamos deixá-la ir tão facilmente.”

“Não depende de você.”

“Seu coração chamará por sua alma gêmea, Temperance. Não há motivo para temer isso.”

“Sim. Existe.”

"Por que?"

"Porque eu amo o Leo." No instante em que ela disse isso, o terror a dominou.

Apolo franziu a testa. "Leão?"

Tem percebeu que Apolo só o conhecia por um nome: "Thelonius. O rei dos humanos."

Ela esperava algum tipo de reação. Que ele gritasse, talvez, ou a repreendesse. Em vez disso, ele inclinou a cabeça, olhando para ela com o que só poderia ser descrito como compaixão. Seu olhar deslizou para a mão dela, onde sua aliança de casamento de prata brilhava.

"Sempre me perguntei por que você ainda usava isso", ele sussurrou.

Tem girou o anel no dedo, sentindo o metal frio. Caspen nunca tinha perguntado sobre ele. Ela estava começando a achar que ele nunca perguntaria. "Eu... não consigo tirá-lo."

Apolo inclinou a cabeça, como se tivesse acabado de entender algo. "Você tem medo de que seu coração o chame."

Seus olhos se encheram de lágrimas. Quando ele disse aquilo em voz alta, de alguma forma tornou tudo real. "Sim", ela sussurrou.

Apolo suspirou. Não era um suspiro de raiva, mas sim melancólico, como se sentisse pena dela. E provavelmente sentia mesmo. Tem havia deixado a situação ir longe demais, havia cedido aos seus sentimentos por tempo demais. Agora ela enfrentaria as consequências. Apolo não podia consertar isso. Ninguém podia.

“Não podemos escolher quem amamos, Temperance.” Parecia que ele falava por experiência própria. “Você não é a primeira pessoa a entrar no torneio sem saber ao certo. E não será a última.”

“Não tenho *dúvidas* ”, disse ela. “Amo os dois. *Isso* é certo.”

Apolo refletiu por um instante antes de falar. "Não posso fingir que entendo seu amor pelo rei humano. Pelo que vi dele, ele parece bastante frágil."

Tem quase riu.

“Mas eu entendo as questões do coração”, continuou Apolo, tocando suavemente o peito de Tem com os dedos. “E as questões do coração nunca são simples.”

Tem olhou para ele. Apolo disse isso calmamente, num tom que sugeria que ele tinha vasta experiência no assunto. E ela supôs que sim. Caspen e Apolo tinham vivido por séculos — muito mais tempo do que Tem. Ela tinha vinte anos. Era uma criança em comparação. Mas ninguém ali a tratava como uma criança, especialmente os irmãos Drakon. Era uma faca de dois gumes. Ela não tinha a mesma benevolência que uma criança teria na mesma situação. Tem havia feito a sua escolha, e agora teria que arcar com as consequências.

“Temperance”, disse ele suavemente, e ela olhou para ele. “Meu irmão merece saber como você se sente.”

Tem sabia o que estava tentando dizer. *Só me importa que você seja leal de coração.*

“Guardarei seu segredo”, murmurou Apolo. “Mas não posso fazê-lo para sempre. Você me entende?”

Tem assentiu com a cabeça. Era tudo o que ela podia pedir dele, e já era demais. "Entendo."

Eles ficaram em silêncio. Por fim, Tem não aguentou mais. "Você acha que eu sou uma pessoa má?"

As palavras saíram antes que ela pudesse impedi-las, e Tem nem sequer tinha certeza do porquê de tê-las dito. Apolo era a última pessoa para quem ela deveria fazer uma pergunta daquelas. Ela pensou em quando ele a ensinou a petrificar, em como ela quisera fazer isso com alguém que merecesse. Ela se perguntou se alguém que merecesse aquilo era ela mesma.

Apolo deu-lhe um sorriso mínimo. "Defina 'ruim'."

Não havia resposta para aquilo. Tudo era permitido ali; nada era proibido. Os basiliscos não tinham absolutamente nenhum senso de certo ou errado — pelo menos não da mesma forma que os humanos. Quando Tem permaneceu em silêncio, Apolo a tocou suavemente, roçando a ponta dos dedos na curva de sua cintura.

“Por que você me perguntaria isso?”

“Porque preciso de perdão.”

Ele balançou a cabeça. "Meu perdão não é o que você realmente precisa."

Tem sabia que ele estava certo. Ela estava pedindo absolvição pelo que havia feito a Leo. Apolo não podia lhe dar isso. Ela buscava algo que ninguém podia lhe conceder, nem mesmo Caspen. Uma dor aguda apertou o peito de Tem. Ela se sentia à beira de um ataque de pânico. como se as paredes estivessem se fechando sobre ela. Ela não precisava do perdão de Apolo, mas o desejava mesmo assim.

“Responda-me”, disse ela, desta vez com firmeza.

Apolo ergueu uma sobrancelha, observando-a. Sua mão apertou sua cintura e o coração de Tem acelerou. Ela sabia que ele podia sentir; basiliscos sempre conseguiam sentir essas coisas. Mas ela não recuou.

Em vez disso, Tem se perguntou se Apolo também era uma pessoa má. Ele certamente não era correto, educado ou qualquer coisa que a sociedade civilizada considerasse boa. Mas ele era corajoso. E destemido. Amava sua família e a protegia quando necessário. Havia algo mais que realmente importasse? Bastava amar as pessoas de quem você gostava, desejar o melhor para elas? Tem já não sabia mais.

A mão de Apolo deslizou pelo corpo dela até o queixo, erguendo seu rosto em direção ao dele. Tem quase se perguntou se eles iriam se beijar. Em vez disso, ele sussurrou: "Não acho que você seja uma pessoa má."

Tem analisou a resposta, tentando entender o que pensar dela. "Acho que sim", ela sussurrou.

Os dedos de Apolo percorreram o queixo dela, contornando a nuca. Ela estava em posição de sentido, pronta, à espera. "Essa é a sua escolha, Temperança."

Ela sustentou o olhar dele. "Apolo?"

"Temperança?"

Seu coração batia forte contra as costelas. Tudo a atingia de uma vez: a seriedade do torneio, as consequências de seus atos. Se seu coração não chamasse por Caspen, eles nunca mais se tocariam. Tem lutou contra a súbita vontade de vomitar. Ela precisava de conforto, e Apollo era o único que podia lhe dar isso.

Antes que pudesse se convencer do contrário, ela disse: "Você me abraça?"

Apolo não hesitou nem por um instante. Simplesmente abriu os braços, deu um passo à frente e a puxou para si. No momento em que o fez, a mente de Tem se aquietou. Pela primeira vez em dias, ela relaxou. A tensão deixou seus músculos; a ansiedade se dissipou em sua mente. Ela aninhou a cabeça no pescoço de Apolo e fechou os olhos, sentindo apenas o movimento constante de subida e descida do peito dele.

Ele respirava incrivelmente devagar, assim como Caspen. Mas o corpo de Apollo era diferente. Não lhe era familiar como o do irmão. Tem havia memorizado cada centímetro do corpo de Caspen; conhecia cada pico, cada reentrância. O torso de Apollo tinha ângulos diferentes, um formato diferente para ela se aconchegar. Ele cheirava a fumaça, como Caspen, mas não era a mesma coisa; a fumaça de Caspen era dinâmica e

forte — a fumaça de um incêndio florestal devastando uma mata. A de Apollo era rica, complexa e *escura* — uma brasa ardente.

Em certo momento, a mão de Apolo acariciou a nuca dela. Seus dedos deslizaram suavemente pelos seus cabelos, e Tem se sentiu reconfortada pelo gesto. Ela não tinha se dado conta do quanto Ela precisava disso até que acontecesse. Ela havia passado tempo demais sem simplesmente ficar parada e *ser.*

A mente de Apolo roçou timidamente a dela. *Isso está ajudando, Temperança?*

Tem assentiu com a cabeça, ainda encostada no ombro dele. Era a *única* coisa que a ajudava. Pela primeira vez em dias, ela se sentia humana novamente. Era fácil esquecer esse lado dela quando estava cercada apenas por basiliscos. Mas seu lado humano era o que ela conhecia há mais tempo; ela crescera acreditando ser humana, e só nos últimos meses tudo mudara. Era demais para uma pessoa só, demais e muito rápido. Pela primeira vez, Tem se perguntou se não tinha se precipitado, se não tinha assumido responsabilidades demais nessa sua nova vida.

Ela não estava preparada para viver como um basilisco. Isso só ficou mais evidente com o passar do tempo. Ela não estava preparada para nada disso.

Apolo falou novamente. *O que mais posso fazer?*

Não havia mais nada que ele pudesse fazer. Na verdade, não. Ninguém *podia* fazer nada.

Você já fez mais do que o suficiente. Ela se lembrou de que precisava dizer mais uma coisa para ele: *Obrigada.*

Apolo a abraçou por um longo tempo. Tem deixou o silêncio se instalar, sabendo que não seria ela quem o preencheria. Quando ele se afastou, ela permaneceu imóvel, olhando para o rosto esculpido dele na escuridão.

Durma um pouco, Temperance.

Então ele se foi.

No instante em que Tem entrou em seus aposentos, viu que havia alguém em sua cama: Gabriel. Tem se aconchegou sob os cobertores ao lado dele, enroscando seu corpo contra o dele, saboreando as batidas de seu coração. Ele a puxou para perto, o segundo homem a abraçá-la

naquela noite, aninhando o rosto na curva de seu pescoço. Ela estava tão grata por ele estar ali, por ele ter trocado a companhia de Damon pela dela — por ela não estar sozinha.

"É melhor você não roncar, querida", murmurou ele em seus cabelos.

Tem não conseguiu conter o sorriso. "É melhor que você também não faça isso."

“Jamais faria isso. Tenho vias respiratórias muito sensíveis.”

Tem revirou os olhos. Depois, adormeceu.

Horas depois, o nome dela lhe veio à mente na escuridão.

“Temperance”, sussurrou Adelaide. “Acorde. Já é meia-noite.”

Capítulo Trinta e Quatro

Tem beijou Gabriel na bochecha antes de seguir Adelaide para o corredor. Ela não se deu ao trabalho de perguntar para onde estavam indo — estava nervosa demais para falar. Em vez disso, Tem cerrou e abriu os punhos numa tentativa de se acalmar, pensando no que Apolo lhe dissera: *Não a deixaremos ir tão facilmente.*

Mas os irmãos Drakon não estavam no controle. Nem Tem. *Ninguém* sabia o que aconteceria no final do torneio. Talvez nem mesmo Kora.

“Todos já estão reunidos”, dizia Adelaide. “Quando chegarmos, haverá uma cerimônia de abertura para apresentar os competidores. Depois disso, o torneio começará.”

Tem assentiu com a cabeça, embora fosse difícil absorver aquela informação. Ela estava pensando no primeiro nível e em como Caspen teria que lutar contra Rowe.

“Existem regras?” perguntou Tem.

"O que você quer dizer?"

Eles estavam descendo — cada vez mais para baixo — e o ar estava ficando quente.

“Para a luta, quero dizer. Existem regras, ou é só…” Ela não conseguiu se obrigar a dizer “ *até a morte*” .

“Eles devem lutar de forma justa”, disse Adelaide. “Não podem usar armas nem carregar objetos que possam causar petrificação, como espelhos. Não podem se morder. Eles começarão a se transformar e a luta durará até que um deles volte ao normal.”

Um alívio hesitante percorreu Tem. Ela ainda estava nervosa, considerando o flagrante desrespeito de Rowe aos limites. Não havia motivo para confiar nele quanto às regras. Mas Adelaide havia dito que o torneio era sancionado por Kora. Certamente, mesmo para Rowe, isso tinha algum peso. E certamente, Caspen venceria.

Ele era o Rei Serpente — o homem mais poderoso sob a montanha. Mas as palavras de Apolo lhe vieram à mente: *Seu bem-estar afeta diretamente o dele. Se você não estiver no seu melhor, ele não poderá ter um bom desempenho amanhã.*

Tem não estava em sua melhor forma. Na verdade, não estava há muito tempo. Ela estava fraca, preocupada e apavorada com a possibilidade de isso afetar o desempenho de Caspen na luta. Demais. Tudo dependia disso — havia muita coisa em jogo. E se...

Adelaide parou. Tem também parou.

Eles estavam parados diante de um conjunto de portas duplas tão altas que Tem não conseguia ver o topo delas.

“Temperance”, disse Adelaide em voz baixa. “Você está pronta?”

Ela nunca estaria preparada para isso.

Como ela não respondeu, Adelaide se aproximou. "Estarei ao seu lado. Você não precisa enfrentar isso sozinha."

Uma onda de gratidão invadiu Tem. Adelaide tinha se tornado um porto seguro para ela nas últimas semanas, desde a primeira noite da temporada de acasalamento. Tê-la ali agora era uma bênção inimaginável. E ela estava certa. Tem não enfrentaria isso sozinha.

"Estou pronto."

Adelaide assentiu com a cabeça. Então, ela abriu as portas.

O que havia além deles deixou Tem sem fôlego. Ao contrário da sala fechada com o altar onde o ritual era realizado, eles haviam entrado em uma *arena* . Era ampla, profunda e oval, com grandes fileiras inclinadas de bancos que quase alcançavam o teto altíssimo. Todos os assentos estavam ocupados; basiliscos se contorciam, vibravam e acenavam das arquibancadas. A mesma areia branca que cobria as margens do lago preenchia a arena. Lá, no meio, estava Caspen.

Imediatamente, Tem correu até ele. Ela não se importava se era permitido; não se importava que todos estivessem olhando. Ela só queria estar perto dele.

"Caspen", ela sussurrou assim que ficaram frente a frente.

Ele sorriu. "Meu amor."

Atrás dele estavam os outros pretendentes. Rowe já a encarava com desdém. Tem nem se deu ao trabalho de olhar em sua direção, concentrando-se em Apollo, que a observava com uma expressão

contemplativa no rosto. Estaria ele pensando na confissão dela? Ou estaria antecipando o que estava por vir?

"Você dormiu?", perguntou Caspen.

“Por pouco. Você conseguiu?”

“Não.” Ele não deu mais detalhes.

Antes que Tem pudesse lhe pedir, Adelaide apareceu ao seu lado. Ela segurava um grande cálice dourado cheio de elixir. "É hora de começar", disse ela aos competidores. "Por favor, formem uma fila."

Os basiliscos obedeceram, organizando-se em formação.

“Cada um de vocês jurará honrar o resultado do torneio. Então, selarão sua promessa com o elixir.” Ela deu um passo em direção a Eros, que era o primeiro da fila. “Ajoelhe-se.”

Eros ajoelhou-se.

“Você vai honrar o resultado?”

“Sim, irei”, respondeu Eros.

Adelaide mergulhou os dedos no cálice e os tocou primeiro em um ombro, depois no outro, como se ele estivesse sendo condecorado cavaleiro. Então, ela lhe entregou o cálice, e ele bebeu profundamente.

Rowe ajoelhou-se em seguida, e Adelaide fez o mesmo por ele.

Ela seguiu a fila até chegar a Apollo, que deu um sorriso a Tem antes de inclinar a cabeça. Apesar de si mesma, Tem retribuiu o sorriso. Havia muitos elementos que estavam completamente fora de seu controle. Mas pelo menos ela sabia que os irmãos Drakon estavam do seu lado. Com eles ao seu lado, o que ela tinha a temer?

Finalmente, chegou a vez de Tem.

“Você vai respeitar o resultado?”, perguntou Adelaide.

Tem hesitou, subitamente paralisada. Havia muitas coisas que podiam dar errado, muitas vidas e relacionamentos em jogo. Tudo estava sobre seus ombros. E quanto ao último nível? E se seu coração a chamasse por outro? Ela honraria o resultado?

Durante a pausa, os pensamentos de Apolo se cruzaram com os dela.

Não tenha medo. Deixe que nós façamos isso por você.

“Temperança.” A voz de Adelaide interrompeu a de Apollo. “Você vai honrar o resultado?”

Todos a observavam com expectativa. Haviam chegado ao fim da linha. Era hora de deixar o destino seguir seu curso.

"Eu vou."

Adelaide assentiu com a cabeça. Em seguida, mergulhou os dedos no cálice, tocando os ombros de Tem da mesma forma que havia tocado os das competidoras. Tem bebeu o último gole do elixir, sentindo o corpo todo aquecer enquanto o líquido descia por sua garganta. Assim que terminou de engolir, Adelaide ergueu o cálice vazio acima da cabeça, virando-se para a multidão e gritando: “Está consumado. Que o torneio comece.”

A arena explodiu em aplausos.

“Temperança”, disse Adelaide. “Venha comigo.”

Mas Tem não conseguia se mexer. Ela estava encarando Caspen, que estava encarando-a.

“Caspen”, ela disse. Mas não havia palavras — nada que pudesse expressar tudo o que ela estava sentindo. Então, ela disse a única coisa que precisava que ele soubesse: “Eu te amo”.

Ele sorriu. Era um sorriso triste e, por algum motivo, Tem teve vontade de chorar. E se fosse o fim? A menos que Caspen vencesse o torneio, a menos que seu coração o chamasse de volta, ela nunca mais o tocaria. Uma vida sem o toque de Caspen era insuportável para Tem. Ela não sobreviveria sem ele.

"Eu também te amo."

A mão de Adelaide estava em seu braço, puxando-a para trás. O resto das concorrentes estava dispersando-se, deixando apenas Caspen e Rowe no meio da arena.

"Para onde vamos?", perguntou Tem enquanto Adelaide a guiava em direção às arquibancadas.

“Para a sua suíte”, disse Adelaide. “De lá, você poderá assistir ao primeiro nível da competição.”

Subiram as escadas juntos. Ao redor deles, basiliscos estendiam as mãos para tocar Tem — passando os dedos pelas pernas, pela cintura, pelos braços — como se quisessem levar para si um pequeno pedaço dela.

A suíte era uma enorme e ornamentada varanda. Havia um longo banco, de onde Tem tinha uma vista deslumbrante da arena. Rowe e

Caspen estavam bem no meio. Caspen estava de costas para ela, e Tem tentou alcançá-lo mentalmente, mas a conexão entre eles estava bloqueada. Ela se virou imediatamente para Adelaide.

“Por que não consigo falar com ele?”

“Você não deve se comunicar durante todo o torneio.”

Tem franziu a testa.

“Não há motivo para preocupação”, disse Adelaide rapidamente. “Você ainda pode se comunicar com qualquer outra pessoa. Estou à sua disposição, assim como Apollo.”

É claro que Apolo estava à disposição dela. Ele sempre estava. "Ele pode assistir conosco?"

Adelaide deu de ombros com elegância. "Pode convidar quem quiser. Basta pedir. Tenho certeza de que ele se sentiria honrado."

Tem usou a mente para alcançar o outro irmão Drakon, encontrando-o imediatamente.

Apolo. Onde você está?

Estou com os outros concorrentes. Por que você pergunta?

Quero você aqui comigo.

Uma pausa. Por algum motivo, ela estava nervosa com a possibilidade de ele a rejeitar. E então: *Estou a caminho.*

Tem se virou para Adelaide. "Apollo está chegando."

"Bom."

Mas nem mesmo esse desenvolvimento foi suficiente para acalmar Tem. "Caspen não tem um plano", disse ela, expressando o que mais a preocupava. "Ele não está preparado. Ele acha que vai ganhar só porque tem mais a perder."

“Você não pode esperar que ele se prepare como um ser humano se prepararia, Temperance.”

“Isso não significa que ele não possa—”

“Ele fará o que achar melhor. Não subestime o amor dele por você.”

Uma onda de adrenalina percorreu a espinha de Tem. Ela olhou fixamente para Rowe e Caspen, imaginando o que estariam pensando.

"Se Rowe começar a ganhar, eu vou embora", disse ela. "Não quero ver Caspen se machucar."

Adelaide balançou a cabeça. "Você não pode ir embora."

“E por que não?”

“Quando você jurou honrar o resultado, você jurou pela própria Kora. O juramento é vinculativo. Ela o fará cumprir.”

“O que isso significa?”

“O torneio vai até que o vencedor seja escolhido. Não é possível sair antes do fim. A magia de Kora vai te manter aqui.”

Tem colocou a cabeça entre as mãos.

Adelaide tocou-lhe o ombro delicadamente. "Temperance, escute-me. Apolo e Caspenon não permitirão que nenhum mal lhe aconteça. Eles amam você."

“ *Caspen* me ama.”

“Apolo também te ama, à sua maneira.”

“Apolo não é capaz de amar.”

Adelaide sorriu. "Você está enganado ao presumir isso. O amor pode assumir muitas formas."

Tem fez uma careta.

Ao ver a expressão dela, Adelaide sorriu. “Você não precisa retribuir o amor dele. É possível que ele não a respeitasse se o fizesse. Mas ele a ama, Temperance. E você deve permitir que ele demonstre isso à sua maneira. Ele morreria por você, assim como Caspenon.”

Sua mãe lhe dissera certa vez que o verdadeiro amor era sacrificar a própria felicidade pela felicidade do outro. Seria um passo além sacrificar a si mesma? Ela queria que todos na família de Caspen vivessem vidas longas e plenas, sem que nada relacionado a ela as interrompesse.

“Não quero que Apolo morra por mim. Não quero que *ninguém* morra por mim.”

Adelaide deu-lhe um sorriso gentil. "Não cabe a você decidir. Somos basiliscos, Temperance. Os irmãos vêm a isto por vontade própria."

Um instante depois, um dos irmãos estava ao lado dela.

Tem sentiu Apollo antes mesmo de vê-lo, seu corpo aquecendo o ar enquanto ele se juntava a ela no banco. Imediatamente, Tem sentiu como se pudesse respirar novamente. Ela se virou para ele. Mas antes que pudesse dizer qualquer coisa, Adelaide falou.

“Vejam, Temperança. Está começando.”

A arena ganhou vida com um rugido quando Caspen e Rowe começaram a circular um ao outro. Grandes nuvens de fumaça emanavam de seus corpos, preenchendo o ar. Um medo puro percorreu Tem. Era isso. Eles estavam prestes a se transformar. Tem observou Caspen se virar primeiro, seu corpo se alongando para liberar o monstro interior. Ela fitou suas belas escamas de obsidiana, lembrando-se da primeira vez que as viu. Caspen quase a matara naquela noite na caverna. Tem quase desejou que ele o tivesse feito. Então nada disso teria acontecido.

Rowe foi o próximo a fazer a transição.

Ele rugiu ao se virar, a cabeça erguendo-se orgulhosamente. Suas escamas eram de ouro puro, exatamente da cor de seu falso pênis. Tem nunca tinha visto um basilisco daquela cor antes. A maioria era preta, como Caspen. Às vezes, variavam para verde ou até mesmo azul escuro, mas nunca. ouro. Ela se lembrou do que Caspen dissera — como o pênis de Rowe o tornava poderoso. Será que também tornava sua verdadeira forma poderosa? O pensamento a deixou nervosa. *Caspen* deveria ser poderoso.

Caspen era quem deveria ter vencido.

O ar ficou subitamente abafado. Mesmo num local tão enorme como a arena, dois basiliscos totalmente transformados ocupavam muito espaço. Eles circulavam um ao outro tal como faziam quando eram humanos, seus corpos gigantescos esculpindo sulcos na areia. Então Rowe atacou.

Caspen desviou, mas por pouco. Rowe se moveu com uma velocidade incomum; Tem não ousou piscar com medo de perder alguma coisa. Ela não conseguia parar de imaginar Caspen se machucando.

“Caspenon é forte, Temperance”, disse Adelaide. “Ele vai vencer. Tente não se preocupar.”

Mas nada impedia Tem de se preocupar. Caspen e Rowe se debatiam violentamente diante dela, seus corpos se entrelaçando, se separando e se entrelaçando novamente com a velocidade de um raio. Era um espetáculo impressionante, e se Tem não estivesse tão nervosa, talvez tivesse gostado. Em vez disso, apertou a mão de Adelaide com tanta força que seus dedos ficaram dormentes.

Relaxa, Temperança , disse a voz de Apolo em sua mente.

Não posso.

Você pode. E você deve.

Por que?

Sua energia afeta diretamente Caspenon. Ele precisará da sua força.

Mas Tem mal tinha forças para dar. Ela se sentia completamente exausta pelos eventos dos últimos dias. Sabia que era um efeito do brasão — que Leo não era o único enfraquecido por sua recusa em consumar o ato.

Quando Rowe avançou em direção a Caspen, o coração de Tem disparou.

Deixe suas emoções de lado, Temperance. Seu marido precisa de você.

Mas Tem nunca fora boa em deixar suas emoções de lado. Era a única coisa que ela não conseguia dominar — a única coisa que Caspen sempre tentara eliminar dela, mas não conseguira. Tem era *governada* por emoções. Só havia uma coisa que ela poderia fazer para suprimi-las.

Me acalme.

Apolo hesitou.

Por favor, Apolo.

Ainda assim, ele hesitou. Só depois que Rowe rugiu — e Tem se encolheu — é que ele disse: *Muito bem.*

A mão de Apolo deslizou até sua cintura. No instante em que seus dedos a tocaram, Tem sentiu uma calma a envolver. Sua influência era diferente da de seu irmão. A de Caspen era gentil, suavizando as arestas de sua ansiedade. A de Apolo era imperativa, forçando-a a uma... Um estado de entorpecimento brutalmente clínico, desprovido de qualquer coisa além do que estava diante dela. Era fascinante observar as diferenças entre os irmãos. Dos dois, Tem preferia Caspen; isso não era nenhuma surpresa. Mas a ajuda de Apollo tinha um benefício: Tem conseguiu suprimir imediatamente o pânico que crescia em seu peito.

Obrigado.

O prazer é meu.

Ela não tinha energia nem para revirar os olhos. Ele era um pouco convencido demais para o seu gosto, mas isso teria que esperar. Em vez disso, Tem se concentrou em Caspen. Ele ainda estava lutando e, na esteira da calma dela, estava vencendo.

Na vez seguinte em que Caspen avançou sobre Rowe, os mamilos de Tem se eriçaram. Ela mordeu o lábio, chocada com a reação do seu

corpo. Seu lado basilisco foi alimentado pela violência, deleitando-se com os esforços dos pretendentes à sua frente. A vontade de se tocar era tão forte que, de repente, ela teve dificuldade em pensar em qualquer outra coisa. Nem mesmo a importância do torneio conseguiu distraí-la de quão molhada estava.

“Adelaide”, ela sussurrou. “Eu estou—”

O rugido da multidão a interrompeu.

Adelaide se virou para ela. "O que foi, Temperance?"

“Eu me sinto…” Mas como dizer isso?

Adelaide ergueu uma sobrancelha, esperando pacientemente que ela elaborasse. Mas Tem não conseguia encontrar as palavras. Homens estavam brigando por ela, e isso a excitava, e embora seu lado humano estivesse horrorizado com o que estava acontecendo, o lado basilisco só queria uma coisa.

Sem pensar, a mão de Tem deslizou entre as pernas. A sensação de se tocar era tão boa que ela soltou um suspiro audível, fechando os olhos com força em surpresa.

“Ah”, ela ouviu Adelaide dizer. “Entendo.”

Tem mal a ouviu. A sensação dos dedos dela deslizando para dentro dela foi suficiente para fazê-la querer gritar.

“Você pode ter relações sexuais com quem quiser, Temperance.”

Tem abriu os olhos. "O quê?"

Ao lado dela, Apolo se animou.

“Qualquer uma das pretendentes está à sua disposição”, continuou Adelaide. “Elas estão competindo pela sua mão — seria uma honra se você escolhesse qualquer uma delas para lhe agradar agora.”

Tem balançou a cabeça. A luta se desenrolava diante dela; o sangue encharcava a areia.

"Não."

"Tem certeza?" O olhar de Adelaide se voltou para Apollo, que claramente estava pronto para se voluntariar.

"Tenho certeza", respondeu Tem, irritada. Ela não queria ouvir como Apollo estava à sua disposição. De novo. Transar com o irmão do Caspen enquanto o Caspen lutava pelo casamento deles era uma linha que Tem não estava disposta a cruzar, nem mesmo agora. Com um

esforço supremo, ela tirou a mão de entre as pernas, prendendo-a sob as coxas. Ela assistiria ao resto da luta assim, se fosse preciso para resistir. Mas não era tão fácil. Seu lado basilisco rugia em sua mente, em conflito com sua rebeldia humana. Tem estava *tão* excitada.

Terei todo o prazer em ajudar com isso, Temperance.

Não preciso de ajuda.

Tem certeza? Parece que sim. A voz de Apolo mal se ouvia em meio ao rugido da multidão, tão alto que dava a impressão de que a arena estava tremendo.

A excitação transformou-se em medo. Em algum momento, durante os últimos minutos, a situação mudou. Caspen já não estava ganhando.

A areia estava encharcada de sangue, e era todo dele. As escamas douradas de Rowe eram farpadas e afiadas, dilacerando as de Caspen.

"O que está acontecendo?", exclamou Tem. "Por que isso está acontecendo?"

"Não sei." Adelaide balançou a cabeça. "Rowe é impenetrável. Nunca vi nada assim antes."

“Você consegue acessar a mente de Caspen? Você consegue falar com ele por mim?”

Adelaide se remexeu na cadeira. "Isso seria... incomum. Não é permitido se comunicar com ele durante o torneio."

“Eu não estaria. *Você* estaria se comunicando com ele. Eu só preciso saber o que está acontecendo — se ele está—”

Caspen soltou um rugido de dor quando o corpo de Rowe se chocou contra o seu. Adelaide franziu os lábios.

“ *Por favor* , Adelaide.”

“Se você não fizer isso, eu farei.”

As palavras vieram de Apolo. Seus olhos estavam fixos em Tem, suas sobrancelhas franzidas.

Adelaide olhou de um para o outro antes de levantar a mão. "Não precisa. Eu mesma farei isso."

“Obrigado”, disse Tem.

Adelaide se virou, fixando o olhar em Caspen. Passou-se tempo demais. "Caspenon diz que Rowe é forte — mais forte do que deveria ser."

"Por que?"

Uma pausa.

“Ele não sabe. Mas Caspenon tem um ranking superior. Rowe não deveria ser capaz de lutar tão bem.”

Tem encarou Rowe — suas escamas duras e douradas. Era o pênis dele. Ela tinha certeza. Ele havia violado as leis da natureza para criá-lo para si mesmo, e agora ele lhe dera algo. Uma espécie de poder — um poder que se igualava ao de Caspen.

“Diga a ele que precisa lutar com mais afinco — que precisa pôr um fim nisso.”

Outra pausa.

Ele está tentando. Mas ele—”

O que aconteceu em seguida foi tão rápido que Tem quase não viu.

Num instante os basiliscos estavam separados, e no seguinte, colidiram violentamente. Caspen imobilizou Rowe no chão com todo o seu corpo, faíscas voando enquanto se contorciam na areia. A boca de Rowe se abriu. Ele cravou suas presas direto no pescoço de Caspen.

Caspen soltou um rugido de agonia, cambaleando para trás contra a parede da arena.

"Ele acabou de *mordê-lo* ?", exclamou Tem.

Adelaide ficou boquiaberta, em choque. "Ele... fez isso."

“Mas... mas você disse que isso não era permitido...”

“Não é. Mas Rowe fez mesmo assim.”

Aqui tudo é permitido. Até mesmo quebrar as regras — até mesmo ir contra o único limite que havia sido estabelecido nesta luta.

O sangue jorrava do pescoço de Caspen.

Tem encarou o ferimento, a garganta apertada, as mãos cerradas em punhos. Não era apenas um ferimento físico. Tem se lembrou do que Caspen lhe dissera — como a mordida de um basilisco criava a habilidade de drenar o poder da vítima. Caspen e Rowe agora estavam conectados. Havia uma ligação entre eles — uma que Rowe poderia usar para tomar seu poder.

Tem não fazia ideia de como funcionava, se Rowe aguentaria tudo de uma vez ou se seria um processo lento. Tudo o que ela sabia era que Caspen estava sangrando, e ela nunca se perdoaria.

Todos na arena estavam de pé. Tem observou Caspen voltar à forma humana, ainda no chão, ainda sangrando. Rowe fez a mesma transformação em seguida, erguendo os punhos acima da cabeça.

“O que isso significa? Adelaide?” A voz de Tem subiu uma oitava. “O que isso *significa* ?”

Adelaide se virou para olhar para Tem, com o rosto pálido. "Significa que Rowe ganhou."

Capítulo Trinta e Cinco

Tem estava entorpecido.

Os aplausos da multidão diminuíram, como se alguém tivesse jogado um cobertor sobre a arena.

“Temperança”, dizia Adelaide. “Nem tudo está perdido.”

Mas Tem mal a ouviu. Rowe havia vencido. *Tudo* estava perdido.

“Você deve se lembrar que seu coração fará a escolha final. Tudo isso significa que Rowe conquistou uma vaga no terceiro escalão. Só isso.”

"Isso é *tudo* ?"

Mas aquilo foi um desastre. *Isso* garantiu que Tem teria que transar com ele.

Como Caspen pôde deixar isso acontecer? Mas Tem não se deu ao trabalho de responder à pergunta. Não era culpa dele. *Ela* havia deixado isso acontecer. Apolo a havia avisado; Apolo havia tentado ajudar. Ela não estava em seu melhor momento, então Caspen também não. Ela levou as mãos ao rosto.

“Temperance”, disse Adelaide em seu ouvido. “Levante-se. Você precisa ir até a arena.”

Tem se lembrava da estrutura do torneio — como não havia intervalos e ele continuaria até o fim da terceira fase. Era muito parecido com o ritual nesse aspecto. Basiliscos não tinham o hábito de dosar o ritmo.

“Esta etapa serve para medir a compatibilidade sexual”, dizia Adelaide enquanto os guiava escada abaixo, com Apollo logo atrás. “Os competidores restantes se masturbarão na frente de vocês, e os resultados determinarão a ordem da rodada final do torneio.”

"O que você quer dizer?"

“É uma competição de velocidade”, disse ela. “Quem terminar mais rápido receberá o lugar de honra na terceira categoria.”

“E que lugar é esse?”

"Durar."

Tem pensou no terceiro nível — em como ela teria que montar em cada um de seus potenciais clientes, um após o outro.

“Assim que todos terminarem e a ordem for definida, a terceira etapa começará.”

A essa altura, eles já haviam chegado à arena. No instante em que Tem pisou na areia, a multidão gritou. Caspen e Rowe já haviam desaparecido; Tem os viu nas arquibancadas, assistindo em suas formas humanas. O pescoço de Caspen ainda sangrava. Os competidores restantes estavam em semicírculo, metade deles já excitados. Tem encarou a areia ensanguentada a seus pés, a garganta apertada pela incerteza enquanto se aproximava deles.

“Mas o que eu… faço?”

“Você simplesmente fica aqui parada”, disse Adelaide. “Eles devem atingir o clímax apenas com a sua visão. Você não deve fazer nada que possa influenciá-los.”

Tem olhou para os dez homens à sua frente. Eros estava na extremidade do semicírculo, mais próximo de Tem. Apolo saiu de seu lado, ocupando um lugar no meio. Tem percorreu com os olhos cada basilisco, tentando imaginar o que estariam pensando. Eles a encaravam ansiosamente, e ela se lembrou de como Adelaide havia dito que este era o primeiro torneio em décadas. Eles haviam esperado muito tempo por isso. O mínimo que ela podia fazer era deixá-los aproveitar.

Adelaide bateu palmas e a arena silenciou. Então ela gritou: "Comecem!"

Imediatamente, os homens começaram a se masturbar.

O mesmo impulso que surgira durante a primeira rodada ressurgiu agora, seu lado basilisco desesperadamente ativado pelo que acontecia. Esse lado adorava a sensação de ter os homens à sua frente competindo por sua mão — provando seu valor para ela, da mesma forma que Tem tantas vezes tivera que provar a si mesma para os outros. Pela primeira vez, Tem estava em uma posição de poder. Pela primeira vez, ela não

estava tentando impressionar ninguém. *Eles* é que estavam tentando impressioná *-la.* Todos à sua disposição. Todos dela. Tem cruzou os braços, pronta para ver quem terminaria em primeiro lugar.

Era Apolo.

Nem trinta segundos se passaram antes que seus ombros se inclinassem para a frente e um jato luminoso de sêmen se acumulasse em sua palma. A voz de Adelaide lhe veio à mente: *Isso foi impressionante. Talvez o mais rápido que eu já vi.*

Isso significa que ele ganhou?

Sim, de fato.

Tem se lembrou de como a nova mãe havia escolhido Apolo para receber sua bênção — de como ele tinha o favor de Kora. Talvez isso tivesse influenciado seu desempenho; talvez ele estivesse sendo movido por forças além de seu controle — ou talvez estivesse sendo movido por Tem.

Os outros homens ainda acariciavam seus pênis quando Apollo deu um passo à frente, estendendo a mão para Tem. Ela olhou fixamente para a substância em sua palma, com o coração acelerado. Antes que pudesse perguntar, Adelaide disse: " *Ele está oferecendo a você."*

Devo... aceitar?

Não exatamente.

Tem não se deu ao trabalho de fazer uma pergunta complementar. De alguma forma, ela sabia o que estava fazendo. Era para ser assim. Talvez fosse seu lado basilisco que desejasse isso. Talvez ela mesma também quisesse fazer aquilo. De qualquer forma, ela deu um passo à frente, ficando frente a frente com Apolo. Então, pegou a mão dele na sua, levou-a aos lábios e lambeu lentamente o sêmen da palma da mão dele.

Não era a primeira vez que ela tinha a essência de Apolo na boca. Mas certamente era a mais pública. A multidão aplaudia tão alto que Tem lutou contra a vontade de tapar os ouvidos, concentrando-se, em vez disso, em limpar a palma da mão de Apolo. A voz dele ecoava em sua mente:

Você está impressionado?

Que você terminou em trinta segundos? Dificilmente.

Não é minha culpa que você inspire tanta velocidade.

Não me culpe por suas falhas.

Não há nada de pequeno em mim, e você sabe disso, Temperance.

Tem baixou a mão e recuou. Apolo também recuou, ficando de lado para que Tem pudesse ver os outros competidores. Eros foi o próximo. Ele não se ofereceu a Tem, como Apolo fizera. Em vez disso, deu um passo para o lado, ficando perto de Apolo, deixando um espaço entre eles.

Um a um, os basiliscos à sua frente terminaram. Um a um, eles se organizaram em ordem decrescente de ejaculação. Finalmente, a fila estava completa. A multidão aplaudiu, mas Tem mal ouviu. Ela sabia o que viria a seguir — sabia que o terceiro nível a testaria de maneiras que ela não conseguia compreender.

Ela também sabia que estava pronta.

Adelaide colocou a mão no cotovelo de Tem, guiando-a em direção à fileira de basiliscos. Ela olhou para cima e viu Rowe descendo das arquibancadas. Caspen permaneceu sentado.

“O Caspen não vem?”

Adelaide balançou a cabeça negativamente. "Você não pode tocá-lo até o torneio terminar. Ele não vai participar."

Tem não havia considerado que Caspen não faria parte do terceiro escalão. Não havia nada que ela desejasse mais do que estar em seus braços naquele momento. Um toque dele a curaria — um simples roçar de seus lábios tornaria tudo suportável.

Rowe juntou-se à fila de basiliscos no final, preenchendo a lacuna depois de seu irmão e logo antes de Apolo. Tem olhou para os três, tentando não entrar em pânico. Como isso já estava acontecendo? O primeiro nível durou uma eternidade, enquanto o segundo terminou em um piscar de olhos. Num piscar de olhos, tudo mudou.

“O terceiro nível simboliza a sua jornada”, disse Adelaide, ainda segurando o braço. “Cada parceiro representa os amantes que você poderia ter tido. Pense neles como degraus ao longo de um caminho. Cada um deles a levará à sua escolha final. Você não pode pular nenhum degrau e não pode se desviar do caminho. Você deve seguir o caminho, do início ao fim, para chegar ao final.”

Tem mal prestava atenção. Seus olhos estavam fixos em Rowe, que a encarava. Seu corpo estava machucado e arranhado, evidência da luta com Caspen. O sangue nele pertencia a Caspen.

“Não tenha medo, Temperance”, sussurrou Adelaide.

Tem quase revirou os olhos. Ela estava pedindo o impossível.

“Lembre-se de que isto não é um ritual. *Eles* precisam provar o seu valor para *você.* ”

Tem se lembrava do ritual: a pressão para corresponder às expectativas, o sexo interminável, o estalo horrível de sua pélvis ao se quebrar sob o corpo de Caspen. Adelaide estava certa; aquilo não era o ritual. Mesmo assim, Tem ainda sentia semelhanças entre os dois eventos: como quando, diante de um parceiro disposto, Tem se tornava disposta também. Ela não conseguia evitar. Seu lado basilisco *rugia* ao ver tantos homens nus, à sua disposição. Ela podia sentir suas mentes contra a sua, perceber exatamente o quão ansiosos e dispostos eles estavam para que ela os possuísse.

Tem compreendia a admiração deles. Era uma honra ser montada pela rainha — ainda mais por um Híbrido. Tem nunca havia sentido tamanha *atração* por tantas pessoas ao mesmo tempo. Apolo e Caspen eram apenas dois homens. Agora, onze estavam diante dela, rígidos, dispostos e à espera. Quem era ela para negar-lhes o que queria?

Tem queria cumprir seu dever. Mas ela também sabia o que pessoas como Evangeline pensavam dela — que ela não havia conquistado sua posição, que deveria abdicar. Isso a fazia se sentir como na infância: Insuficiente. Incapaz. Inútil. Mas não mais. Tem era suficiente. Ela era capaz. E sempre fora digna.

Então ela deu um passo à frente.

A multidão começou a vaiar. Tem reconheceu o som, sabendo que significava que o sexo era iminente. Ela se concentrou na fileira de basiliscos, deixando seus olhos percorrerem cada um deles, observando-os enquanto eles a observavam.

A voz de Adelaide ecoou em sua mente: *Você começará com ele* — ela acenou com a cabeça para o final da fila, para o basilisco que havia terminado em último lugar no segundo nível — *e montará cada um deles por sua vez. Tudo depende de você: a posição, o ritmo, a duração.*

A duração?

Sim. Se em algum momento o clímax se mostrar impossível, você deve passar para o próximo candidato.

Isso foi novidade para Tem. *Então eu não preciso terminar com todos eles?*

Isso mesmo. O terceiro nível gira completamente em torno de você, Temperance. O objetivo é encontrar sua alma gêmea. Você não deve se demorar nem por um instante se um pretendente não lhe trouxer prazer.

Os olhos de Tem se voltaram para os de Rowe. Ela achava difícil acreditar que ele pudesse lhe proporcionar prazer, mesmo que por um instante. Mas se consolou com o fato de que a união deles seria tão curta quanto ela decidisse e usou sua recém-descoberta coragem para dar uma única ordem em voz alta: "Deite-se."

Todos os basiliscos obedeceram imediatamente.

Ela os tomava assim: de costas, um após o outro. Tem não tinha interesse em outras posições, não precisava de variedade. Ela só precisava estar no controle. Era a maneira dela de reivindicar o evento, de colocá-los na mesma posição em que Bastian estivera durante o ritual — de costas. Só que agora, era *ela* quem precisava chegar ao clímax.

Tem estava pronto para começar.

O primeiro basilisco tinha cabelos longos e braços fortes e musculosos. Tem se lembrou dele da noite anterior — de como o beijara depois de tê-lo escolhido. Ela se abaixou lentamente, parando pouco antes de o pênis dele tocar seu centro. Tem olhou para Caspen uma última vez. Ele a observava das arquibancadas, sangue secando em seu pescoço, os olhos completamente negros. Só depois que ele assentiu, Tem se abaixou completamente.

O murmúrio da multidão tornou-se ensurdecedor. Tem fechou os olhos, concentrando-se apenas na sensação daquele pênis dentro dela, movendo os quadris em um ritmo confortável. Ela não sentia pressão, nenhuma obrigação. Não gemia a menos que quisesse, não demonstrava seu prazer para o benefício de ninguém. A única coisa que importava era se conseguiria chegar ao clímax. O corpo do homem estava quente sob o seu. Tem espalmou as mãos sobre o peito dele, segurando-o, usando-o unicamente para seu próprio prazer. Seu orgasmo se intensificou lentamente, mas ela não tinha desejo de ejacular. Antes que pudesse se convencer do contrário, Tem se levantou.

A multidão gritou.

Uma parte dela se sentia mal por seguir em frente. Mas seu lado basilisco não se importava com os sentimentos do homem, não queria bajulá-lo quando ele não a havia satisfeito. Se ela ia vivenciar isso plenamente, precisava fazê-lo como um basilisco faria: de forma egoísta e sem arrependimentos. Ela já estava ali. Queria muito bem aproveitar a situação.

Tem cavalgava galo após galo.

Depois de um tempo, eles se fundiram em uma onda interminável de penetração. Nenhum dos pretendentes a beijou na boca — aquilo parecia ser proibido, de alguma forma. Mas, ocasionalmente, eles se sentavam, pressionando os lábios contra seu pescoço, suas bochechas, seu peito. Apalpavam seus seios, gemendo enquanto o faziam. Tem os deixava fazer isso. Ela estava feliz em se entregar a eles — em se entregar *a* eles, assim como eles se entregavam a ela. Era uma troca amigável, e ela ganhava algo com cada um deles. Era uma tarefa impossível, e Tem estava conseguindo. Isso não era nada comparado a ter transado com o pai de Caspen. Ela havia gostado daquilo, e gostava disso também.

Mesmo assim, ela não veio.

Não era que ela não quisesse. Tem estava *repleta* de desejo — mais do que qualquer pênis jamais poderia satisfazê-la. Mesmo assim, a fila de pretendentes não era suficiente. Ela estava insatisfeita com o que lhe fora apresentado, mesmo quando lhe era apresentado. Com tanta coisa acontecendo, não bastava simplesmente transar com alguém — rebolar sobre um corpo que respirava. Tem precisava de uma conexão emocional para chegar ao clímax. Ela precisava de algo *real.*

Tem só sentiu isso quando alcançou o basilisco loiro.

Ele a recebeu de bom grado, seus longos dedos agarrando seus quadris, puxando-a para seu pênis com firmeza e precisão. Tem arfou quando o polegar dele encontrou seu clitóris. Agora *sim* . Ela ergueu o rosto dele até o seu, beijando-o diretamente nos lábios. Tem pensou no ouroboros, em como Caspen havia dado prazer a esse mesmo basilisco, em como seu marido tinha aquele mesmo pênis na garganta. O mesmo pênis que ela agora cavalgava.

Tem pensou em outras coisas. Em Leo e no que ele pensaria se fosse um dos pretendentes. Ela imaginou que eram as mãos dele nela, acariciando seu clitóris, mexendo em seus cabelos. Ele já teria dito

palavrões pelo menos três vezes. Teria dito que ela era maravilhosa — que precisava tê-la. Ela teria dito o mesmo.

Mas Tem não podia ter Leo. Ela só podia ter isto.

Seus quadris se moviam mais rápido agora. Tem passou os dedos pelos cabelos loiros do basilisco, apertando os punhos nos fios gélidos. Ela buscava o clímax — o mais rápido que podia — desesperada por alívio. O basilisco a ajudou a chegar lá, inclinando os quadris para encontrar os dela, sufocando sua boca com a sua. Tem estava quase lá. Ela estava quase—

Lançamento doce e maravilhoso.

Sua cabeça caiu para trás enquanto um grito escapava de seus lábios. Ao seu redor, a arena fervilhava de ruído. Tem viu o frenesi que se formava; por todas as arquibancadas, os basiliscos começaram a fazer sexo. Eles transavam nos bancos, nos corredores, em qualquer lugar que desejassem.

Tem olhou nos olhos do basilisco loiro. "Obrigada", sussurrou ela.

Em resposta, ele a beijou. Tem pressionou os lábios contra os seus, como se, ao beijá-lo, pudesse beijar Leo. Então ela se levantou.

Ela havia chegado aos três finalistas — restavam apenas Eros, Rowe e Apollo. O teste estava quase no fim. Ela pensou que, a essa altura, já estaria exausta. Mas aconteceu o contrário. Tem se sentia energizada pelo processo, como se a cada competidor eliminado, ela ganhasse mais poder. Quando chegou a hora de ficar diante de Eros, estava insaciável.

Ele era a cara do irmão — o mesmo queixo altivo, o mesmo sorriso desdenhoso. Tem não tinha o menor interesse em dedicar mais de um segundo do seu tempo a Eros. E foi exatamente isso que ela fez. Sem hesitar, sentou-se sobre o pênis dele, deu-lhe duas estocadas condescendentes e depois se levantou. Vaias e risos ecoaram da multidão. O rosto de Eros escureceu. Ela sabia que o havia insultado e não se importava. Virou-se para Rowe, preparada para fazer o mesmo com ele.

Mas algo a fez hesitar.

Seu pênis dourado estava ereto, assim como os outros. Mas o dele não era um pênis comum. Tem sentiu o poder nele — uma força que se igualava à força dentro dela. Ele a atraiu, seduzindo-a como uma sereia atrai um marinheiro para o mar. Não era o primeiro pênis que ela montava, e certamente não seria o último. Mas seria o único de metal —

o único que não era feito de carne e osso. Seu lado basilisco não resistiu à atração. Rowe estava deitado de costas, os olhos fixos nos dela, desafiando-a a montá-lo. Seja por curiosidade mórbida ou desejo genuíno, Tem o fez lentamente.

Ela se lembrou da primeira vez que tocou no pênis de Caspen — como ele era quente, duro e forte. O pênis de Rowe não tinha nada a ver com aquilo. O dele era anormalmente rígido e incrivelmente liso, como se ela estivesse se abaixando sobre um poste de metal. Tem fez um esforço para acomodá-lo. Ela percebeu que Rowe o havia feito maior do que seu pênis original. *Patético.*

Tem não conseguia imaginar criar uma nova vagina para si mesma. Será que ela faria a sua diferente? Se dependesse de Caspen, ela sabia que ele não ia querer que ela mudasse nada. Sua vagina era perfeita; ele já tinha lhe dito isso centenas de vezes. Leo tinha dito o mesmo. As palavras deles tinham curado a parte dela que se sentia inadequada — a garota que tinha medo de nunca ser beijada. Essa garota tinha desaparecido completamente.

Agora ela era uma mulher, e estava transando com onze homens seguidos. Agora ela se permitiu afundar no pau dourado de Rowe com um suspiro lânguido, absorvendo cada centímetro do metal como se fosse real. No instante em que se sentou, Rowe invadiu sua mente. Não foi forçado; Tem o deixou entrar. Ela queria ouvir o que ele tinha a dizer.

Você gosta do meu pau, Temperance?

Não é um galo.

Então, o que é isso?

É um brinquedo. Um objeto de brincar.

E, no entanto, você a pilota como se fosse a coisa real.

Sou obrigado a andar nele.

Não por tanto tempo.

Era verdade; ela já estava em cima dele há mais tempo do que tinha montado no irmão idiota dele. *Nunca se comparará à experiência real.*

As mãos de Rowe estavam em seus quadris, apertando sua pele, mantendo-a junto ao seu corpo. *É tão real quanto o de qualquer outra pessoa. Eu me inspiro nisso da mesma forma que você se inspira em si mesma.*

Como assim, você tira fotos disso?

Ao criá-lo a partir do meu próprio sangue, eu criei algo infinito. Algo ilimitado.

O que isso quer dizer?

Significa que sou sua igual, Temperança.

Você. Queria. Que. Tem enfatizava cada palavra com um movimento de quadril. Rowe não era seu igual. Nunca seria. *Você não é nada como eu. Você é patético.*

Se sou tão patético, por que não se levanta? Por que você fica aí parado?

Por que, de fato? Uma parte de Tem queria se levantar. Mas a outra parte não conseguia. A outra parte era atraída pelo pênis de Rowe porque ele era uma fonte de poder em si mesmo. A sensação era inexplicavelmente boa em seu âmago, preenchendo-a de uma forma que os outros pênis não conseguiam.

Levanta-te, Temperança. Mostra-me o quão patético eu sou.

Mas ela não podia. Ela não queria, e ambas sabiam disso. Tem ia levar isso até o fim. Tem ia vir.

Ela pensou na reunião do conselho — em como Rowe a beijou profundamente até ela chegar ao orgasmo. Imaginou a mão de Caspen na nuca dele, segurando-o contra si. Isso só a deixou mais excitada.

Cuidado, Temperança. E se o seu coração me chamar?

Isso jamais aconteceria.

Pode ser. Você se sente atraído pelo poder, não é?

Você não sabe nada sobre mim.

Eu sei que você ama aquele ser humano desprezível.

Pela primeira vez, Tem interrompeu seus movimentos, chocada demais para continuar. Por que Rowe diria aquilo? Como ele sabia o que ela sentia por Leo?

Ah. Rowe sorriu, e o terror a invadiu. *Talvez eu te conheça, afinal.*

Tem não conseguiu responder.

Os basiliscos não gostam de assuntos do coração, Temperance. O que diria Caspenon se descobrisse o que você sente?

Ele já sabe. Mesmo assim, ele me ama.

Ele realmente *sabe? Ou só descobrirá quando a última etapa terminar?*

Meu coração o chamará. Eu sei que chamará.

Talvez. Ou talvez seu casamento não sobreviva a isso. O que acontecerá então?

Tem não ousava pensar no que aconteceria depois. Tudo desmoronaria. Tudo. *Ele me ama. Não importa o que aconteça, nós sobreviveremos a isso.*

Rowe deu de ombros. Ele ainda a segurava em seu pênis. *Não fará diferença.*

O que isso quer dizer?

Significa que terei minha vingança.

Você jurou que honraria o resultado. Você—

O único resultado que aceitarei é aquele em que me seja dado o que me é devido.

Tem foi pega no fogo cruzado de uma geração inteira de injustiças. Nunca se tratou dela. Rowe queria ferir Caspen, e não se importava como o faria. Ele já havia quebrado as regras — já havia mordido Caspen para tomar seu poder. Agora ele queria... Leve Tem. Não haveria fim para sua insurgência. Tem sabia, sem sombra de dúvida, que Rowe não pararia até se tornar o Rei Serpente.

O terror a dominou. Aquilo já não lhe trazia prazer; ela já não sentia excitação. Desesperadamente, seus olhos buscaram os de Apolo.

Ele estava deitado de costas, assim como os outros, observando-a com Rowe, as sobrancelhas franzidas em preocupação. Sua voz ecoou em sua mente: *Temperance? Do que você precisa?*

Tem balançou a cabeça. Ela não queria mais transar com Rowe; estava prestes a vomitar. Só havia uma coisa de que ela realmente precisava: *ajuda.*

Apollo sentou-se sem hesitar um segundo, agarrando-a pelos ombros e puxando-a para longe do pênis de Rowe com uma firmeza inegável. Tem ofegou com o vazio repentino, aconchegando-se imediatamente contra o peito de Apollo. Um murmúrio percorreu a arena, mas ela mal o ouviu.

Os braços de Apolo a envolveram enquanto Rowe dizia: "Eu ainda não terminei com você, Temperance."

Apollo posicionou o corpo entre ela e Rowe. "Não fale com ela."

"Por quê?", zombou Rowe. "Seu irmão não conseguiu me impedir, e você também não conseguirá."

"Você subestima meu irmão", retrucou Apolo. "E esse é o seu erro."

O sorriso de escárnio de Rowe só aumentou. "Vocês dois são uns tolos."

"Mais uma palavra", rosnou Apolo, "e eu te mato."

Tem sabia que Caspen teria dito a mesma coisa. Apollo não era diferente do irmão nesse aspecto, e ela quase o amava por isso.

Tem encarou os olhos de Rowe, completamente desprovidos de humanidade. Sua mente não se conectava mais com a dela, e em seu afastamento, ela pôde pensar com clareza novamente. Ele não tentaria nada ali — não durante um evento sancionado por Kora, não diante das aljavas. Era do interesse de Rowe deixar o torneio continuar, independentemente do resultado. Sua busca pelo poder dependia de o coração de Tem se voltar para outra pessoa. E isso só aconteceria se ela completasse a terceira fase.

Não havia para onde fugir, nem tempo para tomar qualquer decisão além daquela que ela estava obrigada a tomar por juramento. Tem faria a única coisa que podia fazer: continuar.

Apolo.

Ele olhou para ela. *Temperança.*

Apolo dissera-lhe certa vez para não o procurar em busca de conforto, apenas quando quisesse que ele a fodesse de um jeito que seu irmão não faria. Agora, ela o procurava para ambos os fins.

Foda-se.

Capítulo Trinta e Seis

Algo passou pelo rosto de Apolo — triunfo.

Os olhos dele encontraram os dela. Neles, ela viu desejo. Não havia maneira mais fácil de exercer seu poder do que mandar que ele a fodesse. Era a única coisa que superava tudo — algumas palavras simples que fariam até o homem mais virtuoso se ajoelhar.

Tem brandiu essas palavras agora, repetindo-as mais uma vez: *Foda-se, Apollo. Agora.*

Um sorriso lento se espalhou por seus lábios.

Havia tantos basiliscos observando — incluindo Caspen — tantos olhos atentos ao que estava prestes a acontecer. Eles haviam se contido por tempo suficiente — dois planetas em órbita paralela, existindo lado a lado, mas nunca se cruzando. Finalmente, chegara a hora da colisão.

Apolo levou a mão ao rosto dela, afastando delicadamente uma mecha de cabelo de sua bochecha.

A arena desapareceu. O tempo deixou de existir. Agora, aquilo era entre os dois, e Tem não tinha nem o desejo nem a capacidade de se concentrar em mais nada. Era hora de ver o que Apolo tinha a lhe oferecer — de compreendê-lo em um nível carnal, da mesma forma que ela já entendia seu irmão. Ela já havia transado com outros dez basiliscos. Agora era a vez de Apolo.

Os basiliscos anteriores a deixaram encharcada. Até mesmo Rowe havia despertado algo dentro dela. Apolo recostou-se, expondo seu pênis, que já estava ereto para ela.

Venha cá, Temperança.

Tem não queria nada mais. Queria ir até ele — ir *atrás* dele. Apollo era um rosto familiar naquela longa fila de estranhos, e familiaridade era o que Tem ansiava naquele momento. Ali, finalmente, ela se permitiu olhá-lo por completo. O corpo de Apollo estava quente e firme,

as saliências de seus músculos captando a luz da tocha. Com cautela, Tem o tocou, pressionando a mão contra o peito dele. Ele a deixou fazer isso. Depois de um instante, ela deslizou os dedos para baixo, roçando-os lentamente sobre as saliências de seu abdômen antes de finalmente encontrar a base de seu pênis. Ele inspirou profundamente quando ela o tocou.

Tem já havia sentido essa parte dele antes — ela esfregara sua intimidade ao longo do pênis dele até atingir o orgasmo. Mas desta vez era diferente. Havia uma multidão assistindo, e ela buscou privacidade, sussurrando uma única palavra na mente de Apolo.

Oi.

Oi?

É a versão informal de "olá".

Estou ciente disso. Você considera esta uma ocasião informal?

Não havia nada de informal nisso. Mas se ela pensasse nas implicações da ocasião, se afogaria na incerteza. Então Tem fez a única coisa que lhe veio à mente: inclinou-se para a frente e pressionou os lábios contra os dele.

Eles se beijaram lentamente. Sensualmente.

Apenas o basilisco loiro fora agraciado com o dom de seus lábios, e agora ela o oferecia a Apolo. Ela queria que ele o tivesse, que soubesse que era diferente dos outros — que soubesse que a merecia. Era o fechamento de um ciclo que começara há muito tempo, talvez antes mesmo de ela conhecer Caspen. Os dois irmãos compartilharam alguém antes dela. Ela não era especial; não era única. E, no entanto, *aquilo* era especial.

Este era Apolo.

Imediatamente, sua mente se esvaziou de todos os pensamentos e preocupações que a atormentavam desde ontem. Tudo o que ela sentia era a pele dele contra a sua, a língua dele em sua boca. Ela acolheu o toque, pegando a mão dele e puxando-a entre as pernas, deixando-o tocá-la. Não houve preliminares com nenhum dos outros. Ela simplesmente cavalgava em seus pênis e seguia em frente. Mas Apollo era diferente. Ele era melhor. Ele merecia o corpo dela, e Tem queria dá-lo a ele.

O pênis dele estava ereto, mas ela não fez nenhum movimento para montá-lo. Aquele momento pertencia a Tem — aquela *decisão* pertencia a ela. Apolo havia prometido que não dormiriam juntos até que ela tomasse a iniciativa. Ele era como Leão nesse aspecto: ambos homens de palavra. Tão diferente de Caspen, que quebraria sua palavra se isso significasse manter Tem em segurança. Um não era melhor que o outro; eles eram simplesmente diferentes. Mas isso estava jogando a favor de Apolo agora.

Até quando você vai me fazer esperar, Temperance?

Ela gostava do jeito como ele pronunciava seu nome. Caspen sempre a chamava de Tem — ele era o único basilisco a fazer isso. Mas Apollo usava seu nome completo todas as vezes, e de alguma forma ela se sentia uma pessoa diferente quando ele o pronunciava.

Não muito tempo.

Ela estava montada nele agora, ambas as mãos acariciando seu queixo enquanto o beijava. Ela não se cansava. Ele tinha gosto de pêssego, caqui e *permissão* . Finalmente chegara a hora de fazer isso — de ter aquele momento a sós. As mãos de Apolo estavam em sua bunda, ajeitando-a.

Sem perder mais um instante, Tem deslizou para baixo, sentando-se em seu pênis.

Kora.

Era tudo o que ele dizia, e era tudo em que Tem conseguia pensar também. O pau de Apollo era como o dele. O pênis do pai era extraordinariamente grosso na base, então ela só sentiu o impacto total quando ele estava completamente dentro dela. Se ela não estivesse tão molhada e receptiva, talvez tivesse se sentido desconfortável. Em vez disso, era exatamente o que ela precisava para satisfazer o desejo profundo e inescapável em seu íntimo — uma fome que exigia ser saciada, uma ânsia que só Apolo poderia curar.

Apolo sempre fora mais rude do que Caspen. Não possuía a elegância nem a graça de Caspen. Sua alma era mais sombria, áspera e retorcida. Ele a ensinara a matar. Não era pouca coisa. Tem se sentia segura com ele de uma maneira diferente da que se sentia com Caspen. Ela podia lhe contar qualquer segredo, revelar qualquer parte de si mesma — por pior que fosse — e ele a aceitaria. Havia segurança em estar com alguém que jamais a rejeitaria. Nada que Tem fizesse o assustaria.

Apolo não a colocava no mesmo pedestal que Caspen e Leo; não esperava que ela fosse *boazinha* o tempo todo. Permitia que ela se entregasse às partes de si que precisava. Apolo conseguia sentir ambas as coisas dentro de Tem: a predadora e a presa. Era uma experiência única — uma experiência única . Dar e receber. Fluxo e refluxo. O poder nela era equivalente ao poder nele, e isso foi uma surpresa para ambos.

Os joelhos de Tem se cravaram na areia enquanto ela rebolava. Apolo a elogiou enquanto ela o cavalgava, as palavras sussurradas em sua mente para que só ela pudesse ouvir:

Linda garota. Linda, linda garota. Você é um desperdício para o meu irmão. Não consigo acreditar que ele pode acordar do seu lado e enfiar o pau em você quando quiser. Ele deveria te foder a cada minuto de cada dia. Se você fosse minha, eu nunca pararia de te foder. Eu veneraria sua buceta até o dia da minha morte. Eu...

Tem passou por tudo aquilo, mal ouvindo, concentrado apenas em como era bom se sentir dentro dela. Ela queria chegar ao clímax; a excitação vinha se acumulando desde o basilisco loiro, e agora transbordava. Seus movimentos eram rápidos e desesperados. Ela mal conseguia se conter.

Tem enviou-lhe uma visão — uma lembrança do tempo que passaram na gruta. Ela de joelhos, o pênis dele em sua garganta.

Apolo *rosnou* ao ver a cena, suas unhas cravando-se nela com tanta força que a fizeram sangrar.

Porra, Temperance. Aquela foi a melhor noite da minha vida. Vou pensar nisso toda vez que meu pau estiver na minha mão. Imagino você na minha frente e isso me deixa muito excitado. Quero que você faça isso de novo. Quero sua boca no meu pau assim que eu acordar de manhã e quero isso de novo todas as noites.

Eles eram as únicas duas pessoas no mundo. Tem não tinha noção de tempo, nem de espaço. O corpo dela era dele, o corpo dele era dela. Eles se usavam com abandono imprudente, investindo, apertando, puxando e repuxando. Apolo sabia que ela não se quebraria; sabia que ela aguentaria. O corpo dela era maleável e pronto para ele — ansioso. ser dobrado.

Olha só você no meu pau, Temperance. Combina tão bem. Tão molhada pra mim.

Suas estocadas eram brutais e rápidas, exatamente como ele. Era o que Tem queria — o que ela *precisava.* Ela esperara por tanto tempo e agora finalmente havia chegado. *Ele* finalmente estava ali. Apolo satisfazia algo nela que nem Caspen nem Leo jamais conseguiram satisfazer. Tem queria perder o controle — entregar-se ao desejo — libertar-se. Ela tinha que ser perfeita para Caspen; tinha que ser boa para Leo. Mas Apolo não a queria assim. Ele não a queria perfeita, nem boa, nem nada do que os homens que ela amava esperavam dela. Com Apolo não havia regras. Tem podia fazer o que quisesse com ele — podia *se entregar.*

Você gosta disso, Temperance? Você gosta de cavalgar no meu pau?

Tem gostou. Mas não conseguiu responder. Estava distraída demais com tudo o que estava acontecendo — absorta demais na fisicalidade do sexo. Então, respondeu com o corpo, mostrando o quanto gostava — mostrando que, por aquele instante fugaz, ela era dele. Eles eram equivalentes, ela e Apolo. Cada vez que ele detinha o poder, ela o tomava. Bastava arquear o pescoço para que ele rosnasse. Era tão *fácil* com ele.

Nada que ela fizesse poderia machucá-lo; ele era invencível. Nada que ela dissesse o insultaria; ele já tinha ouvido coisas muito piores. Apolo tinha visto de tudo. Ele já tinha se envolvido com todas as mulheres, com todos os homens. Era impossível causar qualquer impacto nele. Era libertador se sentir assim, saber que nada poderia abalá-lo. Tem levou muito tempo para chegar a essa conclusão — para perceber que ele não era ruim para ela. Que ele não era ruim de jeito nenhum.

"Mais!" , ela implorou.

Apollo deu um tapa forte com a palma da mão na bunda dela. Tão forte que Tem soltou um grito de surpresa e dor.

Demais?

Ela balançou a cabeça negativamente. *Não era suficiente.*

Ele a esbofeteou novamente, cada vez mais forte, até que ela ficou fraca sobre ele.

Não basta te foder só desta vez, Temperance. Eu te quero quantas vezes eu puder. Farei qualquer coisa que você quiser. Qualquer coisa. Só me deixe te foder de novo. Quero te foder na minha cama. Quero te virar de quatro e te foder no salão de festas para todos verem. Quero lamber sua buceta. Preciso te provar, Temperance. Preciso gozar dentro de você.

Preciso gozar nas suas costas, nos seus peitos, na sua boca e nas suas mãos. Não consigo viver sem essas mãos, Temperance. Preciso delas em mim. Preciso delas no meu pau. Você não tem ideia do que é olhar para você e não poder te tocar. Todo dia eu te quero e todo dia eu não posso te ter. É uma agonia. Você desfila por aí com sua buceta perfeita e seus peitos perfeitos e não me deixa te foder e eu não posso. Não aguente mais, Temperance.

Suas palavras foram grosseiras. Mas esse era o Apolo.

Não consigo olhar para você sem ficar excitado. Foi uma agonia ver meu irmão te foder na minha frente. Eu queria te arrancar dele — queria te colocar no meu pau. Você não entende o que é estar perto de você e não poder te foder. É tudo em que penso. É tudo o que preciso. Penso em você toda vez que estou com outra mulher. Nenhuma delas me satisfaz como você. Vivi centenas de anos, e sua buceta é a melhor que já toquei. Quero passar minha língua nela. Quero te provar, Temperance. Quero cuspir na sua boca. Quero te ver receber meu pau por trás. Quero ver ele te esticar até você implorar por mais. Quero esses lábios lindos nos meus. Quero mordê-los até sangrarem. Você vai me deixar fazer isso, Temperance? Vai me deixar te foder de novo? Só desta vez não basta para mim. Preciso de você de novo, de novo e de novo. Preciso de você todos os dias e noites. Preciso de você. Eu preciso de você. Eu preciso de você.

Ele não era sentimental como Caspen, nem romântico como Leo. Era dominador e controlador, e precisava dela assim — desesperada, à sua mercê — para ter prazer. Tem não se importava. Tem estava pronta para chegar ao clímax. Apollo só tinha mais uma coisa a dizer, e Tem poderia ter adivinhado até dormindo:

Você primeiro.

Tem já estava chegando ao clímax. Ela jogou a cabeça para trás em sinal de vitória, seus dedos o apertando com tanta força que sabia que lhe causaria dor. Mas era assim entre eles: ela e Apolo não eram delicados nem ternos. Eram selvagens e brutos, e não era sustentável, mas era *real* , era *agora* e Tem *precisava* disso. Apolo a agarrou também, apertando sua bunda e deixando marcas roxas, prendendo-a em seu pênis para que ela não pudesse escapar. Ela não queria mesmo. A dor a mantinha sã; a dor significava que ela estava viva.

Kora, Kora, Kora, Kora—

Ele estava chamando o nome de Kora. Mas, por algum motivo, parecia que ele estava chamando o nome de Tem.

Apollo estava quase lá. Pouco antes de seu clímax, Tem colocou os lábios bem contra a concha da orelha dele, de forma que não havia como ele não ouvir ela dizer: "Bom garoto".

Apolo *gemeu* . Então ele ejaculou.

Os quadris dele se ergueram sob os dela, impulsionando seu pênis fundo no centro de Tem enquanto seu sêmen jorrava dele e dentro dela. Tem fechou os olhos, sentindo o calor intenso, permitindo-se mergulhar nele.

Quando ela abriu os olhos, Apollo a encarou. Ela sorriu, e ele também. Parecia que o momento de beijá-lo havia passado, que o momento deles estava chegando ao fim. Mas Tem o fez mesmo assim, pressionando seus lábios suavemente contra os dele. Foi o completo oposto da atitude agressiva. Do jeito que eles estavam se beijando momentos atrás. Isso era íntimo; isso era lento.

Tem passou a língua dele pela dela. *Você tem gosto de pêssego.*

Será?

Sim.

Fascinante. Ele sugou o lábio inferior dela, puxando-o entre os seus. *Você tem gosto de mar.*

Tem não deveria ter se surpreendido com a resposta dele. Caspen uma vez lhe dissera que ela cheirava a mar. Por que não teria o mesmo gosto?

O mar tem um gosto bom?

Ele sorriu, soltando o lábio dela. *Sim, faz sentido.*

Com isso, o momento deles chegou ao fim.

Tem olhou ao redor da arena, piscando com o súbito estrondo do som. Estar com Apollo era como estar em um túnel: apertado e sufocante. Agora Tem sentia como se alguém tivesse levantado a cortina, e de repente se lembrou de que estavam em uma arena cheia de basiliscos, no meio do torneio.

Apolo a ergueu lentamente de seu pênis, e Tem soube que ele a deixava sentir cada centímetro dele enquanto deslizava para fora dela. De repente, ela percebeu que seus joelhos estavam sangrando; o atrito da areia os havia dilacerado. Apolo pressionou as palmas das mãos

contra eles, curando-os com uma onda refrescante. Então, depositou um beijo pequeno e delicado em cada um. O gesto surpreendeu Tem. Não era da natureza dele cuidar. Ela não achava que eles tivessem o tipo de relacionamento que justificasse cuidados posteriores. Pela primeira vez, ela se perguntou se estava vendo mais um novo lado dele: um lado de ternura. Ele pegou as mãos dela nas suas, roçando os dedos sobre suas sardas. Eles ficaram juntos, olhando para a multidão. Apesar do chiado ensurdecedor, não houve orgasmo coletivo desta vez. Mas isso não surpreendeu Tem. Ela e Apolo não eram ela e Caspen. A união deles não incitaria a mesma reação que ela havia provocado durante o ritual. Um rosto se destacou para ela na multidão: o da nova mãe que havia dado sua bênção a Apolo. Ela estava descendo os degraus e entrando na arena.

Os demais competidores estavam de pé, virando-se para Tem. Caspen ainda estava nas arquibancadas, e algo dizia a Tem que ele permaneceria ali. Ela olhou para ele, tentando alcançá-lo com a mente, mesmo sabendo que ele não podia ouvi-la. O que ele teria achado do que acabara de ver? Tem descobriria em breve.

Pelo canto do olho, ela viu Adelaide se aproximando.

“Muito bem, Temperance”, disse ela. “Você completou as etapas. Agora é hora de seu coração fazer sua escolha.”

Contra seus instintos, Tem olhou para Apollo. Ele estava olhando para Caspen.

A essa altura, a nova mãe já havia chegado até eles. Foi então que Tem percebeu que ela segurava um Ela tinha um cálice na mão, semelhante ao cálice do elixir. Só que este cálice continha um líquido diferente, um que Tem já vira muitas vezes na aldeia, em mamadeiras seguradas por bebês.

A mulher estendeu-lhe a mão.

Tem se virou para Adelaide, com um olhar interrogativo.

“Ela oferece a vocês uma substância sagrada”, disse Adelaide, “o símbolo máximo da vida. Nada é mais sagrado para nós. Depois de bebê-la, seu coração fará sua escolha.”

Tem olhou mais uma vez para Caspen.

“Isso vai te obrigar a ser sincera”, disse Adelaide em voz baixa. “Então, certifique-se de estar preparada.”

A mulher acenou com a cabeça para Tem. Tem retribuiu o aceno. Será que sua previsão estava prestes a se concretizar? Só Kora poderia dizer. Ela pegou o cálice, inclinou a cabeça e bebeu.

Imediatamente, algo a *puxou* — uma sensação física, sacudindo seu peito em duas direções. Ela sentiu uma atração inegável por Caspen — tão forte que quase doía, pressionando sua caixa torácica. Era semelhante à sensação que sentira antes, na noite anterior ao início do treinamento. Caspen aparecera para ela em um sonho, sua presença tão quente e real quanto uma chama. Ela se sentira atraída por ele naquela época e se sentia atraída por ele agora, seu corpo se voltando em sua direção.

Mas Caspen não era a única atração.

Outra coisa atraiu a atenção do seu coração: outra *pessoa* . Tão forte quanto o sentimento que ela tinha por Caspen era o sentimento que ela sentia por alguém que nem sequer estava ali.

Ela amava os dois. Sempre amou.

Tem se entregou completamente ao seu lado basilisco, concentrando-se apenas no que sentia por Caspen, desejando que esse sentimento a dominasse. Ela pensou na noite em que se conheceram, em como se despiram um diante do outro; em como ela soube, mesmo naquele momento, que seus caminhos estavam destinados a se cruzar. Pensou no corpo dele e em como ele se encaixava perfeitamente ao dela. Eles se encaixavam perfeitamente, como dois amantes deveriam.

Não foi suficiente.

Leo entrou sorrateiramente, como sempre fazia. Ela pensou em seu cabelo, em seu riso, em seus dentes de ouro. Imaginou o jeito como suas mãos seguravam o copo de uísque: com firmeza, fazendo suas veias saltarem. Tem pensou no tempo que passaram juntos, em como se apaixonara por ele lentamente, quase contra a sua vontade. Mas, mesmo assim, ela se apaixonara.

"Temperança ", disse a voz de Apolo para ela. " *Você está demorando demais. O que está acontecendo?"*

Tem balançou a cabeça negativamente. Falar exigia muito esforço.

Isso não era para estar acontecendo; seu coração não deveria se apaixonar por duas pessoas. O torneio deveria forçá-la a escolher — a resolver isso de uma vez por todas.

Em vez disso, estava a dividindo ao meio.

Será ele o rei humano?

Sim, era. Mas também era Caspen.

Você o ama mais do que meu irmão?

Amo os dois igualmente.

Isso não é possível. Você precisa amar um deles mais.

Mas ela não o fez. Ambos tinham o mesmo valor para ela. Não era possível compará-los — enumerar as qualidades de Leo em relação às de Caspen.

Não consigo escolher.

Você deve.

Eu não posso machucar o Caspen.

Você está dizendo que quer o rei humano?

Ela queria os dois.

Isso não só o magoará, como o destruirá. Eu conheço meu irmão, Temperance. Ele não consegue viver sem você.

Tem balançou a cabeça. Ela não conseguia compreender, não conseguia imaginar fazer aquilo com Caspen. Ela teria que parar de amar Leo — ela *precisava.*

Mas ela não conseguia. Não agora, nunca. Não quando a presença dele permeava tudo o que ela fazia, não quando ele estava sempre em primeiro plano em seus pensamentos — não quando ela *nem sequer queria* . Tem sentiu a força da correnteza os puxando para perto, forçando-a a agir. Não importava que ela o tivesse mandado embora. Não importava que ele estivesse com Evelyn agora. Seu coração o chamava. Seu coração não seria domado.

Apolo, por favor. Me ajude.

Você deve escolher, Temperança.

Não posso.

Você deve.

NÃO POSSO.

VOCÊ DEVE.

Mas ele estava pedindo o impossível. Nem mesmo uma arena cheia de basiliscos e a pressão do torneio poderiam mudar o que ela sentia

pelo rei humano. Tem preferiria parar de respirar a parar de amar Leo.

E talvez seja isso que seja necessário.

Isso já a estava matando de qualquer jeito. Se Tem ia morrer, que fosse pelas próprias mãos. Tudo estaria resolvido. Caspen lamentaria sua morte e seguiria em frente. Leo ficaria com Evelyn. Ela não precisaria ficar com Rowe, Apollo ou qualquer outra pessoa. A vida continuaria sem ela, e todos ficariam melhor assim.

Ela olhou para Caspen, que a encarava. Sua mente estava bloqueada, conforme as regras do torneio. Mas ela tentou alcançá-lo mesmo assim, desejando que o corredor entre eles se abrisse. Sua testa estava franzida. Tem conseguia entender sua confusão. Caspen não fazia ideia do porquê de sua hesitação — nenhum contexto para a batalha que se travava em seu coração. Só Apolo sabia o que estava acontecendo. Ele ainda estava ali, ainda em sua mente. Tem precisava afastá-lo.

Não, Temperança—não—

Ela bateu com força na barreira entre eles, concentrando-se na vontade que se formava em seu estômago.

Se seu lado humano amasse Leo, então era isso que ela mataria. Ela usaria seu lado basilisco para destruí-lo, para extinguir a parte dela que era infiel. Tem fechou os olhos, concentrando-se em *matar* . Se ela podia se fortalecer para obter poder, certamente também poderia fazer o oposto. Certamente ela poderia destruir seu lado humano antes que ele a destruísse.

Apolo invadiu violentamente sua mente, rasgando a barreira que ela havia construído para mantê-lo afastado. Ele era forte — e *tão* determinado. Seu rugido de desaprovação quebrou sua concentração, forçando-a a ouvi-lo gritar: " *Se você não escolher, então eu escolherei."*

Tem não sabia o que aquilo significava. Tudo o que ela sabia era que num instante estava bem, e no seguinte Apolo a estava tocando. Então, uma faca perfurou seu coração.

Ela sentiu como se algo tivesse sido arrancado dela — como se Apolo tivesse lhe *tirado* algo. O que ela sentia por Leo — seu *amor* — havia desaparecido. Ainda havia amor, mas era todo por Caspen. No instante em que aconteceu, tudo em Tem se voltou para Caspen. A sensação foi tão forte que ela caiu imediatamente de joelhos, com os braços apertados contra o peito. Ela gritou o nome dele — se em voz alta ou em pensamento, ela não sabia.

A multidão rugiu, e Tem soube que tudo havia acabado.

A voz de Adelaide chegou até ela em meio ao barulho. "Parabéns, Temperance. Seu coração fez a sua escolha."

Capítulo Trinta e Sete

Tudo ficou confuso.

"Agora haverá uma comemoração", continuou Adelaide. "Os dois times estarão presentes."

Tem assentiu com a cabeça, mal registrando as palavras dela.

"Você se saiu bem." A mão de Adelaide estava em sua cintura, guiando-a para fora da arena. "Os Drakons estão encantados."

Tem não sabia o que fazer com aquela informação. Se os Drakons estavam entusiasmados, significava que os Senecas estavam furiosos. Significava que *Rowe* estava furioso. A vitória para uma aljava significava a derrota para a outra. O torneio deveria consertar tudo. Este resultado não fez nada disso.

"Preciso ver o Caspen."

"Você vai", disse Adelaide. "E em breve. Ele estará na comemoração."

Não foi rápido o suficiente. Tem precisava desesperadamente olhar nos olhos dele e saber que eles iriam superar isso, que ela tinha se saído bem — que Caspen não tinha percebido o intervalo de tempo entre o momento em que ela bebeu do cálice e o momento em que tomou sua decisão. A batalha de Tem tinha sido silenciosa. Para quem estivesse observando, absolutamente nada de inesperado tinha acontecido. Tem teve que escolher, e escolheu Caspen. Só Apolo sabia a verdade. Tem procurou por ele na multidão, mas ele não estava em lugar nenhum. Estaria ele conversando com Caspen? Contando a ele sobre o engano dela? Tem ainda não entendia o que Apolo tinha feito para que ela pudesse escolher Caspen. Tudo o que ela sabia era que seu amor por Leo — aquilo que a ancorava — tinha desaparecido. Quando pensava nele, sentia-se indiferente, como se ele fosse um conhecido casual ou um amigo. Era estranho pensar nele dessa forma. Era errado.

A essa altura, já haviam chegado ao lago. Estava repleto de basiliscos, todos segurando cálices de elixir. Rowe não estava em lugar nenhum. Nem Eros. Tem se perguntou se eles já haviam partido. Antes que pudesse perguntar a Adelaide, um braço a envolveu pelo ombro.

“ *Querida* ”, exclamou Gabriel, abraçando-a com força. “Que atuação! Quem diria que você era capaz disso?”

Atrás dele, Damon sorriu. Ele havia observado o ritual; sabia exatamente o que Tem estava fazendo. tinha dentro dela.

“Não acredito que você tenha permissão para transar com o irmão do seu marido”, continuou Gabriel.

Tem deu um tapa no braço dele. "Gabriel."

“E por tanto *tempo* também.”

Ela deu-lhe outro tapa.

“O quê? Estou impressionado. Você deveria ser estudado. Os estudiosos ficariam maravilhados com sua resistência.”

Tem revirou os olhos. Então seu coração parou.

Ali, caminhando em direção a ela, estava Caspen. O belo, deslumbrante, *glorioso* Caspen.

A mesma coisa que ela sentira por ele durante o torneio a invadiu novamente. Tem o amava. Isso era verdade; era real. Ela precisava tocá-lo, e agora podia. Tem correu em sua direção com todas as suas forças, sabendo que ele a alcançaria.

No instante em que ela o alcançou, tudo desapareceu. As mãos de Caspen a ergueram, seus lábios pressionados contra os dela. Giraram juntos, abraçados, um só corpo em vez de dois. Tem poderia tê-lo beijado para sempre. Talvez o fizesse.

Caspen a colocou no chão, acariciando seu rosto com as mãos. Sua pele atraiu faíscas da dela. "Eu te amo."

Tem olhou fixamente para os seus olhos dourados. "Eu também te amo."

Então ele estava dentro dela.

Pela primeira vez, Tem entendeu o quanto Caspen normalmente se dedicava ao seu prazer. Geralmente havia uma preparação, um crescendo lento que começava com preliminares e terminava com a penetração. Ele não fez nada disso agora. Agora ele a fodia como se ela fosse a última pessoa na Terra — como se ele estivesse sufocando e ela

fosse o ar que ele respirava. Ele a segurava com tanta força que ela pensou que poderia se partir. Os dedos dele cavavam sulcos em suas coxas. Tem acolheu tudo, puxando-o ainda mais para perto, sabendo que ele precisava disso ainda mais do que ela, sabendo que ele precisava reivindicá-la. Tem não fazia ideia de como era para ele observá-la com Apollo. Mas agora, com o pênis de Caspen dentro dela, ela se lembrou de como todos os outros pênis empalideciam em comparação. Caspen a preenchia; Caspen a *completava* . Ninguém mais conseguia fodê-la assim. Ninguém mais conseguia penetrar tão fundo nela. Tem o acolheu em cada parte do seu corpo — em cada parte da sua alma. Caspen era dela, e ela era dele. Eles pertenciam um ao outro.

O clímax a deixou sem fôlego. Caspen também estava ofegante, com o rosto enterrado em seu pescoço e as mãos entrelaçadas em seus cabelos. Seus pensamentos se uniram aos dela:

Da próxima vez vamos com calma, Tem. Eu só... precisava de você.

Tem o puxou para mais perto. *Eu também precisava de você. Nunca mais quero ficar sem te tocar.*

Não vamos. Pode confiar em mim.

Ele prometia isso a cada beijo, assegurava-lhe isso a cada carícia. Caspen sabia como fazer isso. Ele sabia como fazer tudo ficar bem — sabia como colocar o mundo de Tem de volta nos eixos. Ele ainda estava dentro dela, ainda duro. Ele cumpriu sua palavra; desta vez, eles foram devagar. A celebração fervilhava ao redor deles, e ambos a ignoraram. Nada mais importava; *ninguém* mais importava. Caspen a deitou na areia, penetrando-a com paciência infinita. Mesmo depois que ela chegou ao orgasmo novamente, Tem o abraçou ainda mais forte, precisando dele repetidamente.

Por fim, ela não aguentou mais. Caspen a beijou ao se afastar, ambos se agarrando um ao outro com uma certeza desesperada. Seus dedos se entrelaçaram mais uma vez nos dela, puxando-a para cima da areia. Tem não estava totalmente presente — estava preguiçosa e atordoada pelo sexo, sua umidade escorrendo suavemente por suas coxas. Ela não se deu ao trabalho de limpar; não tinha nenhum desejo de remover qualquer vestígio de seu encontro com Caspen.

Quando estavam de pé, Caspen a girou antes de lhe dar um beijo na bochecha. Ela não estava acostumada a vê-lo assim: solto e descontraído. Ele geralmente era tão reservado; sua alegria era rara.

Mas agora ele sorria livremente, os cantos dos olhos se enrugando enquanto a olhava com puro e desimpedido amor.

“Nunca te vi tão feliz”, disse Tem.

“Eu sempre sou feliz quando estou com você.”

“Você está agindo como se estivesse bêbado.”

“Você nunca me viu bêbado, meu amor.”

Tem percebeu que ele estava certo. "Eu gostaria."

Ele sorriu para ela. "Vamos fazer isso juntos?"

Tem estava extremamente tentada. Ela já havia experimentado o elixir vezes suficientes para saber como ele a afetava; talvez fosse hora de se entregar a ele como deve ser. Depois dos acontecimentos do torneio, ela só queria ficar anestesiada.

“Sim.” Tem ficou na ponta dos pés e o beijou. “Por favor.”

“Muito bem. Não se mexa. Voltarei com o elixir.”

Um instante depois, ele havia desaparecido. Mal tinha sumido quando alguém disse o nome dela:

"Temperança."

Tem se virou. "Apolo", disse ela baixinho. "O que você fez?"

Um longo silêncio se seguiu. Tem resistiu à vontade de perguntar novamente; ela sabia que ele lhe contaria. Aquilo era importante demais para não ser discutido. Mas Apolo disse: "Não aqui."

Tem não se deu ao trabalho de discutir. Ela simplesmente o seguiu até o corredor.

Apolo se virou para encará-la. "Eu realizei uma extração."

“Uma *extração* ?” A palavra era estranha para Tem. Soava violenta. Quase médica.

"Sim."

“Mas o que isso significa? Por que me sinto tão…?”

"Vazio?"

Ela olhou para ele. "Sim."

“Eu tomei o seu amor pelo rei humano.”

Tem piscou. " *Pegou* ?"

"Sim."

“Então simplesmente… desapareceu?”

“Eu não disse que me desfiz dele. Apenas que o peguei de você.”

"Oh."

Tem estava com dificuldade em assimilar o fato de que seu amor por Leo era algo que podia ser *tirado dela.* Mas então ela se lembrou de como Caspen uma vez colocou a mão em seu peito e lhe roubou o desejo — como os basiliscos eram capazes de manipular emoções e removê-las à vontade. O amor era uma emoção, não era? Não havia razão para que não pudesse ser tirado como qualquer outra coisa.

“Então foi por isso que eu pude escolher o Caspen?”

"Sim."

“E ninguém mais sabe que eu…?”

"Amam outra pessoa?" Ele se virou para ela, com os olhos escuros. "Não. Não amam."

Tem olhou fixamente para ele. "Não acredito que você fez isso por mim", sussurrou ela.

“Não é uma solução permanente”, disse Apollo. “Tem que ser devolvido. E rapidamente.”

“Ah”, disse Tem novamente. Houve uma pausa, e durante ela, ela meio que esperava que ele devolvesse o objeto naquele instante. Mas Apollo a olhava com uma expressão peculiar no rosto, como se tivesse acabado de descobrir algo.

"O quê?", perguntou ela.

Ele não respondeu. Em vez disso, aproximou-se, franzindo a testa. "Você não me disse a extensão dos seus sentimentos por ele."

"Com licença?" Tem havia lhe dito que estava apaixonada por Leo. Esse era praticamente todo o seu sentimento por ele.

“Você não me disse que o havia conquistado. Ou que ainda não o havia consumado. Você não me disse que a vida dele está por um fio.”

Tem ficou boquiaberto. "Como você sabe disso?"

Apolo pressionou a mão contra o peito. "Está bem aqui."

Ela olhou para ele, fixamente. Ele havia descoberto tudo aquilo apenas extraindo o amor dela por Leo? Se ela soubesse que ele descobriria, jamais o teria deixado entrar em sua mente novamente. Até então, esse era o fardo que ela carregava — um segredo cujas consequências só ela conhecia. Nem mesmo Adelaide, sua confidente

mais próxima, tinha noção da extensão do problema. Mas agora que Apollo também sabia, Tem sentiu… alívio. E também medo. E se ele contasse para Caspen? Mas Apollo não faria isso. Chegara a hora, finalmente, de confiar que ele queria o melhor para o irmão e também o melhor para ela. Apollo era altruísta. Dessa forma, ele se escondia atrás de uma fachada de despreocupação, mas, no fundo, Apollo se importava com Caspen e com sua família. Ele era um protetor feroz — isso era evidente — e havia feito o impensável para garantir a vitória de Caspen. Ele colocou os sentimentos do irmão acima dos seus próprios — agiu de forma altruísta. Essa era uma pessoa em quem ela podia confiar.

“Preciso devolvê-lo, Temperance. Não tenho nenhum desejo de manter essa mentira.”

A vergonha tomou conta do rosto dela. Quando ele disse isso, parecia muito pior do que realmente era. Mas talvez Apolo estivesse certo. Talvez fosse *pior* do que Tem imaginava. Cada momento em que ela nutria amor por Leo era um momento a mais rumo ao desastre. Apolo não estaria lá para aliviar seus sentimentos sempre que eles se tornassem um problema. Tem teria que lidar com isso de frente, ou lidariam com a situação por ela.

“Além disso”, continuou ele, “eu não conseguiria ficar com ele mesmo se quisesse”.

“O que acontece se você ficar com ele?”

"Vai dar certo", disse ele simplesmente.

Então ele colocou a palma da mão no peito dela e fechou os olhos.

Diferentemente de quando ele havia extraído suas emoções antes — violentamente e sem aviso prévio — desta vez elas voltaram a se infiltrar em seu peito lentamente, aquecendo-a como uma fogueira crepitante. Era como se uma flor estivesse desabrochando em seu peito. Tem podia sentir as pétalas se abrindo, estendendo-se como dedos. Finalmente, sua ligação com Leo estava restaurada. No instante em que tudo aconteceu, Tem suspirou. Seu amor por ele podia lhe causar dor, mas também a completava. Ela se sentia completamente incompleta sem ele, como se lhe faltasse uma parte de si. E, de certa forma, faltava mesmo. Apesar de estar despedaçando-a, era também a única coisa que a mantinha inteira. Sem o amor por Leo, ela havia perdido uma parte de si mesma.

“Você precisa se livrar disso”, disse Apolo em voz baixa.

Mas Tem não conseguia fazer isso. Ela já tinha tentado deixar de amar Leo. Nada poderia ser mais impossível. "Eu não consigo."

“Temperança.” Ele se aproximou. “Você precisa. Se consumar o brasão, seu vínculo de sangue será rompido e Caspenon será forçado a matá-la. Ele jamais se perdoará.”

Tem balançou a cabeça. "Não posso contar para ele."

“Você não pode continuar assim. Você está se destruindo por dentro.”

Só depois que ele disse isso é que Tem percebeu que era verdade. Ela convivia com esses sentimentos há tanto tempo que quase se esquecera de como era viver sem eles. Ela havia se acostumado a sentir como se seu coração estivesse dividido. A agonia lhe era familiar agora.

"Você sabe o que eu senti quando tirei isso de você?", perguntou Apolo em voz baixa.

Tem balançou a cabeça negativamente.

“Dor. Não amor, Temperança. Mas dor. Você está se machucando ao amá-los.” ambos. Você precisa escolher.”

As palavras de Caspen voltaram à sua mente: *Chegará o momento em que você terá que escolher.*

Mas Tem não queria escolher. Ela *não conseguia* escolher. Não tinha conseguido antes, e não conseguia agora. Estava numa encruzilhada, como sempre estivera, e não havia ninguém para salvá-la. Era insustentável. Mas era a sua realidade.

"Não consigo escolher", ela sussurrou.

Para sua surpresa, o olhar de Apolo suavizou-se. "Entendo que não deve ser fácil para você."

Isso foi um eufemismo do século. Nada disso foi fácil. Nunca tinha sido.

“Mas a sua situação atual é insustentável”, continuou ele, com a voz suave na escuridão. “Eu mesmo mal consegui suportá-la por tanto tempo. Não sei como você tem sobrevivido a isso.”

Tem sabia. Ela era duas coisas: basilisco e humana. Era *assim* que ela sobrevivia. Cada lado dela amava outra pessoa. Era insustentável para Apollo; era a realidade para ela.

“Os basiliscos não foram feitos para amar mais de uma pessoa”, murmurou ele. “Compartilhamos nossos corpos, mas não nossos corações.”

Tem já tinha ouvido isso antes. Ela sabia que o que estava acontecendo com ela era errado, que ela havia cruzado uma linha há muito tempo. Mas isso não significava que ela pudesse evitar. E não significava que ela pudesse mudar a situação.

“É algo antinatural, essa coisa dentro de você. Temo que seja a sua ruína.”

Caspen certa vez a chamara de sua ruína. Que irônico que Leo viesse a ser a dela.

“Isso está te enlouquecendo, Temperance.”

Não era a mente dela que preocupava Tem. Era o que estava afetando seu coração agora, e se as coisas continuassem como estavam, não havia como prever o quão ruim poderia ficar.

"Não sei o que fazer", sussurrou Tem.

"Jurei que te protegeria", disse Apolo em voz baixa. "Mas não posso te proteger de você mesmo."

Tem assentiu com a cabeça, pois parecia não conseguir mais falar. Ela entendia exatamente o que ele estava lhe dizendo. Se tudo desmoronasse — se seu amor por Leo destruísse seu relacionamento com Caspen — a culpa seria inteiramente dela. Ninguém, nem mesmo Apolo, poderia impedir que isso acontecesse, por mais que ele quisesse.

Tem sempre soube dos fatos; era por isso que resistira a Leo por tanto tempo. Mas não havia uma solução elegante. Se ela não dormisse com ele, ele morreria. E se dormisse, Caspen a mataria. Como isso poderia ser um desfecho aceitável? Tem se apaixonara por ambos, e agora seus destinos estavam entrelaçados por causa disso.

Apollo se inclinou para frente e, por uma fração de segundo, Tem pensou que ele poderia beijá-la. Em vez disso, ele Ele roçou os lábios suavemente na bochecha dela antes de sussurrar em seu ouvido: "Não suporto ver você morrer."

Apesar do calor, Tem sentiu um arrepio. Ela nunca havia parado para pensar em como isso afetaria Apolo. A dor seria terrível para ele. Ele sentiria não apenas tristeza, mas também culpa. Seu papel nisso era inquestionável agora. A última coisa que ela queria era que Apolo a visse morrer, muito menos pelas mãos do próprio irmão. A perda os feriria profundamente. Apolo havia lhe dito uma vez que ela não conseguiria separá-los. Mas Tem tinha a sensação de que conseguiria.

Ela tinha acabado de abrir a boca para falar quando uma voz interrompeu a conversa: “Tem?”

Era Caspen.

Capítulo Trinta e Oito

Por um instante, ninguém disse nada. Parecia um reflexo de quando Caspen os encontrara na gruta. Aquela noite terminara em orgasmo. De alguma forma, Tem duvidava que esta também terminaria.

“Tem”, disse Caspen novamente. A palavra saiu arrastada. Foi então que Tem notou os cálices em suas mãos. Ele já havia começado a beber.

“Irmão”, disse Apolo. “Fique firme.”

Tem ergueu as sobrancelhas diante da advertência. Ela nunca tinha ouvido Apolo repreender Caspen antes. Os olhos de Caspen se estreitaram. "Não me dê ordens."

O ar pareceu ficar frio. Tem não conseguia entender como as coisas tinham mudado tão de repente. Num instante, ela estava conversando com Apollo, e no seguinte, tudo parecia errado.

"O que você está fazendo aqui com ela?", perguntou Caspen.

Apolo esticou os ombros. "Não me é permitido falar com quem eu quiser?"

“Não há motivo algum para você falar com a minha esposa.”

“A possessividade é inadequada, Caspenon.”

“Eu não pedi sua opinião sobre o assunto.”

“Ela não é sua propriedade.”

“Ela é *minha.* ”

Lá estava de novo — a implicação de que Tem pertencia a Caspen. Ele já havia dito isso muitas vezes antes, e sempre fora verdade. Mas não era *toda a* verdade. Ela pertencia a Caspen, sim. Mas não apenas a ele.

Os olhos de Caspen se voltaram para os de Tem. Estavam ficando negros. "A menos que..." disse ele lentamente, pousando os cálices e cruzando os braços. "Ela não seja."

Tem também cruzou os braços. "O que isso quer dizer?"

“Eu vi o que aconteceu no torneio. Eu vi você hesitar.”

Tem sentiu um frio na barriga. Quanto tempo ela havia ficado parada na arena, ponderando sobre sua decisão? Ela esperava que seu momento de crise não tivesse sido óbvio. Mas se Caspen viu, isso significava que todos viram.

“Eu vi você hesitar”, disse ele novamente. “E agora eu a encontro aqui, com ele.”

Tem piscou. "O que você está dizendo?"

“Você ama meu irmão.”

“ *O quê?* Por que você pensaria isso?”

“Porque é óbvio.”

Tem quase riu. Nada poderia ser menos óbvio. "Eu não amo—"

“Você pode admitir, Tem. Não vai me machucar.”

Tem olhou para ele, boquiaberta. Claro que aquilo o magoaria. Mas não era verdade — nem de longe. Ela não amava Apolo. Ela amava Leo, e isso seria a ruína de todos eles. "Eu não amo *Apolo* ", disse ela. Ao seu lado, Apolo se mexeu. Tem não fazia ideia se o havia ferido com aquelas palavras. Mas os sentimentos dele eram a menor das suas preocupações naquele momento.

O maxilar de Caspen se contraiu. "Não minta para mim."

“Nunca tive.”

“Você está mentindo agora.”

“ *Não* ”, disse Tem firmemente. “Não sou.”

No silêncio que se seguiu, ambos se encararam. Tem não conseguia entender por que aquilo estava acontecendo. Era *ridículo* . Caspen tinha sido completamente enganado — interpretara tudo errado, tirara conclusões completamente equivocadas. Mas a verdade era muito pior. Apaixonar-se pelo irmão de Caspen seria compreensível — até aceitável. O próprio Caspen havia dito isso. Pular de um irmão para o outro não era apenas socialmente aceitável, era esperado. Tem *desejava* estar apaixonada por Apollo. Isso tornaria tudo mais fácil. Mas ela não estava. E Apollo sabia disso. E logo, Caspen também saberia.

"Eu não amo Apolo", disse ela em voz baixa, mas firme, com um arrepio na espinha enquanto reunia coragem para dizer o que sabia que Caspen precisava ouvir: "Eu amo Leo".

Um silêncio mortal se instalou.

Nela, Caspen a olhava com uma expressão curiosa no rosto, como se estivesse percebendo algo pela primeira vez. Nem mesmo Apolo disse nada. Ele alternava o olhar entre os dois, claramente se preparando para o impacto.

“Você disse para ele encontrar Evelyn.”

“Isso não significa que eu não o ame.”

“Você o mandou embora”, disse Caspen.

“Duas coisas podem ser verdade”, sussurrou Tem. Ela o havia mandado embora. E ela ainda o amava.

“Você escondeu isso de mim.”

“ *Não* . Eu não fiz isso.”

“Você mentiu. Você mentiu.”

“Eu te *disse* que eu—”

“Você não me contou toda a verdade.”

Tem ficou em silêncio. Ela nunca tinha visto Caspen assim. Ele estava furioso, antes de tudo. Mas também estava bêbado — ela podia ver os efeitos do elixir se manifestando em seu corpo. Fumaça subia por seus ombros e descia por seus braços, saindo de seus dedos. Seus olhos estavam completamente negros, fixos nos dela. Suas próximas palavras foram um sussurro perigoso:

“Você não me disse que era real.”

“Fui completamente honesto com você”, Tem sussurrou de volta. “Você estava lá. Você *concordou em me compartilhar.* ”

"Só concordei porque *sabia que te perderia se não o fizesse.* "

Tem ficou boquiaberta. Seria esta a verdade, finalmente? Se estivessem falando de mentiras, esta era uma delas. Era um pecado tão grande quanto o de Caspen esconder isso dela. Não era o que haviam combinado, e não era justo.

“Você estava disposto a me compartilhar”, ela sussurrou. “O que mudou?”

“Seus sentimentos por ele.”

“Essas coisas sempre foram as mesmas.”

Caspen apenas balançou a cabeça, com a fumaça ainda o envolvendo.

"Bem, o que você *achou* que eu sentia por ele?", exclamou Tem.

Caspen abriu os braços. "Paixão. Luxúria. Qualquer uma delas eu toleraria para sempre. Mas o amor verdadeiro é algo completamente diferente."

“Eu te disse que o amava.”

“Você não disse isso. Você me disse que ele significava algo para você.”

“É a mesma coisa—”

“Não é.”

“Eu disse 'Amo vocês dois', lembra? Você estava lá.”

“Não é a mesma coisa.”

Tem deu um passo para trás ao ouvir as palavras dele. Ela não conseguia entender aquilo.

"Como é que não é a mesma coisa?", ela sussurrou.

Caspen suspirou, arqueando o pescoço. Fechou os olhos, como se fosse mais fácil falar sem olhar para ela. "Você pode amar muitas coisas, Tem. Muitas pessoas. Você pode amar sua família e seu amigo Gabriel. Mas se você está me dizendo que o que sente pelo rei dos humanos é o mesmo que sente por mim"—os músculos do pescoço se contraíram —"isso é uma questão completamente diferente."

O que ele queria dizer era que aquilo era um insulto. Caspen não conseguia aceitar que, em seu coração, Leo tivesse a mesma posição, que os dois reis fossem iguais.

“Tem que haver uma solução”, disse Apollo finalmente.

Caspen apenas balançou a cabeça. "Havia *uma* solução. Ela o conquistou e enviou..." afastá-lo.”

Só Apolo sabia que o brasão não era solução nenhuma. Só Apolo conhecia as implicações daquele brasão — que ele precisava ser consumado, ou Leo morreria. Talvez isso fosse ideal para Caspen, pensou Tem de repente. Talvez ele ficasse entusiasmado ao saber que Leo poderia em breve estar fora de cena. Mas Caspen sabia que não era bem assim. Caspen sabia que, se Leo morresse, Tem nunca mais seria o mesmo. *Uma corrida vencida por WO não é uma verdadeira vitória.*

Um pensamento ainda mais sombrio ocorreu a Tem: um mundo em que Caspen nunca concordou com o acordo deles, que sua intenção nunca foi compartilhá-la, mas sim encorajá-la a dominar Leo para que ele se tornasse nada mais que seu servo. Era horrível demais até

mesmo para considerar. Ela se recusava a acreditar que Caspen pudesse ser tão cruel. Ele havia jurado proteger as pessoas que ela amava — incluindo Leo.

“Caspenon”, disse Apolo em voz baixa. “Você sabe melhor do que ninguém que não se pode controlar quem se ama.”

Algo não dito passou despercebido entre os irmãos. Parte de sua história compartilhada — uma parte que Tem desconhecia.

Então Apolo sussurrou: "Ela está com dor, irmão."

Caspen soltou uma risada amarga. "Ela *é* a dor, irmão."

“Ela não quer isso. Está a matá-la.”

Errado. Estava matando o Leo.

Os olhos de Caspen se estreitaram de repente. Ele deu um passo em direção a Apollo, que sutilmente se posicionou de modo que Tem ficasse atrás dele. "E o que você sabe sobre isso?"

“Eu sei que existem coisas que você não entende.”

"Como?"

Era a primeira vez que Tem via Caspen ser o último a saber — uma posição geralmente reservada para ela. Ele se aproximou.

“O que *exatamente* eu não entendo, irmão?”

Apolo olhou para Tem. Ela sabia o que ele estava pedindo — sabia que ele buscava permissão para revelar o que havia descoberto durante o torneio. Mas se ele contasse a Caspen o segredo dela — que ela precisava consumar o brasão — Tem temia o que poderia acontecer. Já era ruim o suficiente que tal segredo existisse. Pior ainda era tê-lo escondido de Caspen.

Tem ergueu a mão. Esse era o fardo que ela tinha que carregar. Ela não se esconderia atrás de Apolo, nem agora nem nunca. "Quando alcancei o topo de Leão, isso formou um laço", disse ela baixinho.

Caspen se virou para olhá-la. "Eu sei disso, Tem. Fui eu quem te disse para colocar a crista nele."

Tem franziu os lábios. "Eu sei. Mas o que nenhum de nós sabia era que esse laço vinha com..." uma condição.”

“Qual condição?”

“Precisamos consumar o ápice.”

Uma pausa. E então:

“Você tem que *dormir com ele* ?”

“Se não consumarmos o brasão”, continuou ela, elevando a voz acima da dele, “nunca mais poderei fazer a transição”. Ela baixou a voz, as últimas palavras causando-lhe dor física. “E Leo vai morrer.”

No silêncio que se seguiu, Tem observou Caspen processar aquela revelação em tempo real. Ela viu confusão, depois descrença e, por fim, pura fúria cruzarem seu rosto. Quando ele finalmente falou, não foram as palavras que ela esperava.

“Não acredito em você.”

Tem olhou fixamente para ele. "Você tem que fazer isso."

Você está mentindo para mim. Você está—

“Não estou *mentindo.* Meu pai me contou. Ele já viu isso antes.”

“Por que nunca ouvi falar disso?”

“Porque é incomum”, disse Tem. “Quantos basiliscos você conhece que são apaixonados pelos humanos que eles representam?”

É claro que Caspen nunca tinha ouvido falar disso. Ninguém tinha. Nem mesmo seu pai sabia, porque ele mesmo havia passado pela mesma situação.

Mas Caspen balançou a cabeça. "Não acredito em você", disse ele novamente, desta vez em voz baixa. Mas Tem sabia que sim. Ele estendeu a mão para o cálice no chão, pegou-o e bebeu todo o seu conteúdo. Tem olhou interrogativamente para Apolo, que simplesmente balançou a cabeça.

O elixir deveria alegrar os basiliscos — Tem só o vira melhorar o humor deles. Mas agora ela tinha certeza de que estava fazendo o contrário com Caspen. Seus olhos estavam vidrados, sua pele avermelhada. Caspen sempre se movia com uma graça incomparável, seus movimentos cuidadosamente controlados. Agora ele estava solto, como se alguém tivesse desparafusado suas juntas. Tem não o reconheceu assim; ele não era ele mesmo.

"Você deveria ter me dito o que sentia por ele", disse Caspen, rispidamente.

“Eu te disse sim”, sussurrou Tem.

“Eu jamais teria deixado você ultrapassá-lo se soubesse—”

“Eu te *disse* que eu—”

Caspen se virou e arremessou o cálice vazio pelo corredor com tanta força que ele atingiu uma fenda na parede de pedra. Tem engasgou em choque. Ela *nunca tinha* visto Caspen reagir daquela forma. Quando ele se virou para ela, viu escamas salpicando seu peito. Tem nunca tinha visto aquela expressão no rosto dele. Ela não conseguia acreditar que aquilo tinha acontecido. Chegamos a este ponto.

Ao lado dela, Apolo tocou sua cintura.

“Eu pensei que você apenas se importasse com ele, o que eu entendia, dadas as suas circunstâncias. Mas você o mandou embora, Tem. Você *me escolheu* .”

Tudo o que ele dizia era verdade. Tem havia escolhido Caspen. Mas a escolha fora feita pela mente, não pelo coração. E o coração não se deixava influenciar tão facilmente. "Não sei o que dizer, Caspen."

Ele se aproximou. "Diga que você fez a escolha certa. Diga que você não o ama."

Apenas uma dessas afirmações era verdadeira. "Caspen, por favor."

Mas Caspen não se deixou convencer. Ela podia ver em seus olhos: ele já havia ultrapassado o ponto sem retorno.

“Diga, Tem. Agora.”

"Fiz a escolha certa." Foi tudo o que ela disse. O silêncio entre eles se intensificou.

Tem sabia que Caspen estava esperando que ela dissesse a segunda parte. Mas ela não podia. Não fazia sentido mentir. Seu corpo provavelmente não permitiria de qualquer maneira.

Tudo estava chegando ao limite. Tem não sabia se era ego, negação ou pura esperança que havia cegado Caspen por tanto tempo, mas agora não havia mais como se esconder, não havia mais como fingir que Tem não sentia o que sentia por Leo.

“Isso não pode acontecer, Tem. Você não pode dormir com ele. Se fizer isso, eu terei que—”

Sua voz falhou e ele parou de falar. O elixir o deixara lento — fizera com que a verdadeira conclusão chegasse a ele agora, um minuto tarde demais. Os olhos de Caspen encontraram os dela. Tem sabia que ele não terminaria a frase, e nem queria que ele terminasse. Ela ainda se lembrava de cada palavra da conversa deles — aquela em que Caspen

lhe contou que seu pai matara sua mãe. Se Tem consumasse o brasão, ele seria forçado a fazer o mesmo.

Caspen se virou bruscamente para Apolo. "Há quanto tempo você sabe?"

Apolo olhou para Tem, com a mão ainda em sua cintura.

“Não olhe para ela. Olhe para mim. Quando você descobriu?”

Apolo suspirou. "Recentemente, irmão."

Foi tudo o que ele disse. Mas foi mais do que suficiente.

Os olhos de Caspen se estreitaram. "Você sabia e não me contou."

Não era uma pergunta. Era uma afirmação, e era verdadeira.

Caspen havia descoberto o pior deles. Ele finalmente fora pego, finalmente a par do segredo que Tem guardava há tanto tempo. Mas pior do que a traição dela era a de Apollo. Ela não conhecia a história deles, mas sabia o suficiente para reconhecer que ela estava se repetindo, naquele exato momento, com ela. A história sempre se repete, como Maximus disse.

Caspen se virou para ela. "É uma pena que você não ame meu irmão, Tem", disse ele. "Vocês dois são perfeitos um para o outro", disse ele friamente, olhando-a nos olhos. "Ambos mentirosos."

Tem sabia que ele estava com raiva e descontando sua frustração. Mas isso não diminuía a dor. "Caspen", ela sussurrou. "Você mesmo disse. Eu escolhi você. Eu não dormi com ele. Eu não consumai o brasão."

“Mas você quer, não quer? Você quer mais do que tudo.”

Ela balançou a cabeça. "Eu..."

“É fácil escolher quando não há consequências reais. Não é tão fácil quando uma vida está em jogo. Quanto tempo ele tem?”

A garganta de Tem estava apertada. Ela não conseguia respirar. Leo não tinha muito tempo. Seu pai havia dito que, quando ela perdesse completamente a capacidade de se transformar, já seria tarde demais. Ela não se transformava desde que Apolo a ensinou a petrificar. E ele mal conseguira ajudá-la a passar por isso.

"Não sei", ela sussurrou.

“E se a hora dele estiver próxima? O que acontecerá então, meu amor?”

Ele disse isso de um jeito tão condescendente que ela teve vontade de chorar.

“Diga-me, Tem.” Caspen inclinou-se para frente. “Você vai deixá-lo morrer?”

Ambos sabiam a resposta.

“Talvez eu facilite as coisas”, disse ele, com a voz mortalmente calma. “Talvez fosse melhor se eu fizesse a escolha por você.”

Tem ergueu os olhos negros, fitando as piscinas infinitas. "O que você está dizendo?"

“Estou dizendo que seu pequeno príncipe humano é frágil. E tenho vontade de quebrá-lo.”

Pela primeira vez, Tem sentiu verdadeiro medo por Leo.

Uma coisa era Caspen estar furioso com ela. Mas era completamente diferente ele direcionar sua ira para Leo. Ele já havia ameaçado resolver isso sozinho, não é? Absolutamente nada o impedia de sair das cavernas e ir até o castelo para executar sua própria vingança. Tem sabia exatamente que forma essa vingança tomaria. Ela imaginou os rostos petrificados de Jonathan e Christopher. Caspen já havia quebrado a trégua. Caspen não se importava com os humanos.

Isso não podia acontecer com Leo. Ela não deixaria.

Ela se recusava a acreditar que Caspen faria aquilo com ela, não quando ele sabia que a dor certamente a mataria. Tem estava em choque demais para falar.

Mas, no fim das contas, foi Apolo quem disse: "Você não pode fazer isso".

“Por que não? É uma solução.” Caspen olhou para ele com espanto. “Exatamente como você disse.”

“Tenha misericórdia, irmão.”

" *Misericórdia?* ", Caspen cuspiu as palavras. Tem estremeceu com o tom dele. "Você quer que eu tenha *misericórdia* ?"

Suas palavras pairaram no ar. Caspen não devia misericórdia a ninguém.

Tem não merecia sua compaixão nem caridade. Não haveria benevolência para ela. Ela nem a queria. Queria ser punida, colher as consequências de seus atos. Por que não deveria sofrer quando suas

ações justificavam punição? Caspen já havia sofrido, e por culpa dela. Tem merecia o mesmo.

"Isso vai destruí-la", disse Apolo em voz baixa. "Você sabe que vai."

Por fim, Caspen se calou. Um traço de ternura atormentada cruzou seu rosto enquanto olhava para Tem. Ele não queria destruí-la. Seria a última coisa que faria.

Apolo estava realmente entre eles agora. Estava de costas para Tem, com a mão no peito de Caspen. Caspen parecia não notar, olhando apenas para Tem.

"Não quero te magoar", disse ele lentamente, prolongando cada palavra.

"Você deveria", ela sussurrou. "Eu mereço."

Uma tristeza imensa tomou conta do rosto de Caspen. Ele se aproximou. No instante em que o fez, a mão de Apollo se pressionou contra seu peito. Finalmente, seus olhares se encontraram. Os dois irmãos se encararam, e Tem se perguntou de repente se eles estavam se comunicando telepaticamente. Ambos estavam distantes dela — ela não conseguia ouvir nada. Uma eternidade se passou.

Finalmente, Tem conseguiu captar parte de uma frase dita por Apolo: *...saber quando se afastar.*

"Ela é minha esposa", disse Caspen em voz alta, perigosamente baixa. "E isso fica entre nós."

Apolo abriu a boca novamente, mas Caspen o interrompeu.

“Deixe-nos em paz, irmão.”

Tem esperava que Apollo fosse embora. Em vez disso, seus olhos se voltaram para os dela e depois para os de Caspen. Ele balançou a cabeça. "Não vou deixar você sozinha com ela."

A raiva escureceu o rosto de Caspen.

"Está tudo bem", disse Tem rapidamente. "Nós ficaremos bem. Só vão."

Mas suas palavras foram inúteis. A situação era irreconciliável, irracional. Estavam se aproximando rapidamente de um precipício e completamente fora de controle. Ela percebeu que o rondavam há dias. Talvez semanas. Tudo começou na primeira noite da temporada de acasalamento, quando Apolo flertou com ela. O torneio foi a gota d'água.

Apolo apenas balançou a cabeça, dirigindo as mesmas palavras a Caspen mais uma vez. "Não vou deixar você sozinho com ela."

Os olhos de Caspen se estreitaram. "Você realmente acha que eu machucaria minha própria esposa?"

Você está com raiva dela.

“Eu também estou com raiva de você.”

Um longo silêncio se seguiu.

“Ou talvez você esteja com raiva de si mesmo.”

Caspen fechou os olhos. Uma veia saltou em sua têmpora enquanto os três permaneciam em silêncio. Tem entendeu o que Apollo estava tentando dizer. Era exatamente o que ela havia dito a si mesma, no meio da noite, quando Caspen dormia e a escuridão era absoluta. Caspen foi quem disse a Tem para usar o brasão de Leo. Ele insistiu para que ela o fizesse. Não importava que ele não soubesse todas as consequências de seus atos. Ainda assim, fora ele quem a mandara fazer aquilo. Caspen era tão culpado quanto Tem. Apesar do que alegava, Caspen sempre soubera o que Tem sentia por Leo. Ele escolhera ignorar.

“Não importa como você se sinta”, disse Apolo, “você não pode descontar isso em Temperance.”

Os olhos de Caspen se arregalaram. "Então vou descontar em *você* ."

Ele se moveu tão rápido que Tem nem teve tempo de piscar antes que estivessem um em cima do outro.

Ela estremeceu quando os irmãos se encontraram, cada um soltando um grito gutural. Era a segunda vez em vinte e quatro horas que dois homens brigavam por ela, e era tão brutal quanto a primeira. Apollo era um alvo fácil. Talvez até demais. Tem nada podia fazer além de observar enquanto ele absorvia golpe após golpe, claramente deixando Caspen descontar toda a sua frustração.

Tem vontade de gritar.

Mas então, tão rápido quanto começaram, pararam. Os irmãos se separaram, e só depois de estarem completamente desvencilhados Tem viu Caspen segurando a garganta. Sangue escorria entre seus dedos, mas não era obra de Apollo. Era o ferimento de antes — aquele que Rowe havia infligido durante a primeira fase do torneio. Tem encarou o ferimento, observando o sangue escorrer pelo peito de Caspen a partir das duas marcas de perfuração distintas em seu pescoço.

“O que está acontecendo?” ela gritou. “A mordida—”

“É obra de Rowe”, disse Apollo, ainda respirando com dificuldade. “Ele está drenando de Caspenon.”

Caspen agarrou o pescoço. Sem pensar, Tem correu para a frente, pressionando os dedos sobre os dele, aplicando pressão na tentativa de estancar o sangramento.

"Quando isso vai acabar?" Havia tanto sangue.

“Isso não vai acabar. A ferida se abrirá toda vez que Rowe desejar tomar o poder. Ele poderá fazê-lo até que não haja mais poder para tomar.”

O sangue cobria os dedos de Tem, escorrendo pelos seus pulsos. "Caspen", disse ela desesperadamente. "Por favor—"

Mas Caspen se afastou dela bruscamente, apoiando-se na parede do corredor. Ele olhou para os dois. Então se virou e desapareceu no... escuridão.

Tem deu um passo à frente imediatamente, mas Apollo agarrou seu braço.

“Temperance”, disse ele, com os lábios perto da orelha dela. “Não vá atrás dele.”

“Mas ele é—”

“Ele está bêbado”, disse Apolo, ainda com a mão em volta do braço dela. “E está com raiva. Ele não vai se convencer de nada agora.”

Apesar de si mesma, lágrimas brotaram em seus olhos. Ela pressionou a cabeça contra o peito de Apolo, tentando contê-las. "Por que ele está agindo assim?", sussurrou. "Como ele pode dizer essas coisas?"

Apolo suspirou. "Porque ele teme por você."

Ela franziu a testa. "Não entendo."

“Isso porque você não o conhece há tanto tempo quanto eu.”

“O que isso tem a ver com alguma coisa?”

“Caspenon é… complicado”, continuou Apollo. “Mas, de certa forma, ele é previsível.”

“De que maneiras?”

“Em assuntos do coração.”

Lá estava de novo: a insinuação de que Caspen era sentimental. Tem já tinha ouvido isso antes e estava começando a acreditar. Era difícil acreditar que alguém tão formidável pudesse ser governado por suas emoções. Mas esse era o caso de Caspen. Ele era movido pelo amor que sentia por ela, assim como ela por ele. Mas as circunstâncias atuais estavam os afastando, criando uma barreira entre eles que Tem não fazia ideia de como superar. Isso estava começando a assustá-la.

"Não posso perdê-lo", sussurrou ela.

Apolo tocou na corrente de ouro em volta do pescoço dela. "Você não o perderá."

Tem mal conseguia acreditar. O laço de sangue deveria mantê-los juntos. Agora, estava arruinando tudo. Sem pensar, ela começou a chorar.

Imediatamente, os braços de Apolo a envolveram. Ele a puxou para si, seus dedos acariciando seus cabelos, o queixo dela aninhado na curva de seu ombro. Apolo havia lhe dito uma vez para não procurá-lo em busca de consolo. Mas agora ele a consolava, segurando Tem enquanto ela soluçava, murmurando palavras suaves para acalmá-la. Ela se permitiu desabar contra o corpo dele, liberando a frustração e a dor que se acumulavam dentro dela há muito tempo.

Os lábios de Apolo estavam no pescoço de Tem, mas ele não foi além. Em vez disso, simplesmente a abraçou até que seus soluços cessassem. Quando ela parou de chorar, ficou ali parada, envolta em seus braços, ouvindo as batidas do coração dele, que eram muito mais lentas e constantes que as dela.

Por fim, ele perguntou: *O que você ama nele?*

Sobre Leão?

Sim.

Por que você está me perguntando isso?

Porque eu quero saber.

Tem suspirou antes de se aconchegar ainda mais contra o peito de Apollo. Ela pensou na pergunta dele e percebeu que ninguém nunca havia lhe feito aquela pergunta antes. O que ela amava em Leo? Tantas coisas. Ela amava seus dedos longos. Ela amava seu cabelo loiro-pálido. Ela amava o jeito como ele fechava os olhos antes de beijá-la, dando-lhe um momento extra para admirá-lo enquanto ele se inclinava. Ela amava

outras coisas também — coisas que não tinham nada a ver com a aparência dele.

Ela adorava o jeito como ele sempre se certificava de que ela tivesse comido o suficiente. Ela adorava o jeito como ele enfrentava o pai, mesmo quando isso significava colocar em risco seus privilégios. Ela adorava sua compaixão e sua coragem. Leo sempre se esforçava para ser melhor do que fora no dia anterior. Era uma qualidade admirável, e uma que Tem invejava. Ela queria ser como ele: firme, leal e verdadeira. Leo era um homem melhor do que Tem jamais imaginara, e sua maior vergonha era não ter percebido isso até que fosse tarde demais. Agora, ele era esse homem para Evelyn.

Eu amo tudo nele.

Você o ama o suficiente para abandonar meu irmão?

Era uma pergunta impossível, para a qual Tem não tinha resposta. Abandonar qualquer um deles era inaceitável para ela. Sempre fora.

Não posso responder a isso.

Apolo suspirou, seu peito subindo e descendo contra o dela. *Então você deve estar preparada para perder os dois.*

Capítulo Trinta e Nove

Tem não retornou aos seus aposentos. Em vez disso, buscou consolo no único lugar onde sabia que poderia encontrá-lo.

A casa dos pais dela estava escura; era tarde — ou talvez fosse cedo — e eles certamente estavam dormindo. Mesmo assim, Tem bateu na porta, socando-a com força até que o pai a abrisse, olhando para ela com os olhos sonolentos.

“Qual é o problema, criança?”

Mas Tem não tinha palavras. Tudo estava em questão.

“Temperance?” Sua mãe saiu do quarto. “O que você está fazendo aqui?”

Ao ver a mãe, Tem caiu de joelhos, derrotada, soluçando copiosamente. Ela sentiu vagamente mãos em seus ombros, erguendo-a. O aroma familiar do mar a envolveu. Uma caneca de chá foi colocada em suas mãos, e ela saboreou o calor. As três permaneceram sentadas à mesa da cozinha, em silêncio, até que Tem estivesse pronta para falar.

"Acho que cometi um erro", ela sussurrou. "Estraguei tudo."

“Você tem permissão para cometer erros, meu filho. Eles fazem parte da vida. Todos nós cometemos erros.”

“Você não.”

Cronos sorriu suavemente. "Claro que sim. Cometo erros o tempo todo. Você realmente acha que vivi tanto tempo sem cometer nenhum?"

Tem queria muito acreditar nele. Mas ela se sentia tão mal que era difícil fazê-lo.

“Não são os seus erros que importam, criança. É como você os corrige.”

Mas Tem não conseguiu consertá-los. Não desta vez. O que ela tinha feito era irreparável. "Eu não quero que Leo morra", ela sussurrou.

Cronos suspirou, colocando a mão no braço dela. "Você conseguiu fazer a transição de alguma forma?"

Ela balançou a cabeça negativamente.

“Então você precisa fazer sua escolha logo. Ele não terá muito tempo.”

“Se eu tivesse mais tempo, eu poderia—”

Mas o que exatamente Tem poderia fazer? Mais tempo não mudaria suas circunstâncias. Apenas as prolongaria.

“Se você precisa de tempo, há uma coisa que você pode fazer.”

"O que?"

Cronos olhou para a mãe dela, que lhe deu um sorriso triste e compreensivo.

“O clímax deve ser consumado com sexo. Mas se você fizer qualquer coisa antes desse ato, o destino dele será adiado.”

"O que você quer dizer?"

“Se você o beijar, se fizer qualquer coisa que não seja sexo, isso lhe dará algum tempo.”

Tem não se deu ao trabalho de perguntar como ele sabia disso. Ela tinha visto o olhar entre seus pais — sabia que eles tinham uma longa história juntos. Ela era grata por essa história — ela moldou seu futuro.

“Você precisa saber que essa não é uma solução permanente”, continuou o pai dela. “O fascínio pelo brasão não vai esperar para sempre.”

Tem encarava seu chá, tentando imaginar um mundo em que ela e Leo sequer pudessem se beijar. Ela duvidava que Evelyn os deixasse ficar sozinhos novamente. E depois do que acabara de acontecer com Caspen, ele provavelmente também não deixaria.

"Não posso beijá-lo", sussurrou ela. "Também não posso fazer mais nada."

“Então você poderá ter que vê-lo morrer.”

Eles não conversaram mais depois disso. O sol já estava nascendo, e sua mãe saiu para cuidar do jardim. Tem passou o dia no quarto dos pais, alternando entre dormir e comer as refeições que o pai lhe trazia. Finalmente, anoiteceu, e Tem ainda não estava pronta para voltar para a montanha. Ela sabia que Gabriel estava de folga e sabia onde encontrá-lo.

“Tem, minha querida”, disse ele quando ela entrou no Horseman. “Já faz muito tempo.”

Mal havia passado um dia, e Tem já havia concordado. Ela retribuiu o abraço, apertando-o mais do que o habitual. "Gostou do resto da festa?", perguntou ela.

“Claro que sim. E você? Estou surpreso que consiga andar depois de tudo isso.”

Tem não teve coragem de lhe contar que seu corpo havia passado por coisas muito piores do que o torneio. Ela decidiu mudar de assunto. "Damon está cuidando de você?"

Gabriel ergueu as sobrancelhas para ela. "Da melhor maneira que ele puder."

Tem o empurrou. Algumas coisas nunca mudariam.

De repente, as sobrancelhas de Gabriel se ergueram. Tem seguiu seu olhar e viu a última pessoa que esperava ver: Vera.

Ela parecia bastante abatida — seus cabelos loiros estavam despenteados e sem vida, seus lábios, geralmente rosados, estavam pálidos. Tem não a via desde o casamento, e parecia que a escassez de alimentos também a havia afetado.

“Dizem por aí que ela está namorando o Jeremy agora”, murmurou Gabriel enquanto Vera caminhava em direção a eles.

“O irmão do Jonathan? Sério?”

Ele lançou-lhe um olhar significativo. "Você não é a pessoa mais indicada para falar, querida."

Antes que ela pudesse revidar, Vera parou à mesa, olhando para Tem com desdém.

“Vera”, disse Tem cautelosamente. “Como você está?”

Um sorriso rápido e debochado surgiu naqueles lábios pálidos. "Melhor que você."

Então, nada havia mudado. Apesar de sua aparência desgrenhada, Vera continuava sendo uma megera.

“Pelo menos eu tenho um marido”, disse Tem. Era a única coisa que poderia machucá-la.

Vera ficou boquiaberta.

"Feche a boca, Vera", disse Gabriel alegremente. "Um inseto pode entrar voando."

Tem conteve o riso. Vera se inclinou para frente.

“Seu marido é uma *cobra.* É repugnante. Você nem deveria estar aqui.”

"Com licença?"

“Não pense que alguém se esqueceu do que você fez. Você arruinou as chances de todos com o príncipe e, no fim das contas, nem o queria mais.”

Ela não poderia estar mais enganada. Tem ainda o queria. Sempre o quereria. "Você não sabe nada sobre isso", disse Tem baixinho.

"Eu sei muito bem disso", respondeu Vera, irritada. "E sei que seu *marido* deveria ficar atento."

Então ela saiu batendo o pé.

Tem se virou para Gabriel. "O que ela quis dizer com isso?"

"Não sei." Ele a encarou com um olhar sombrio. "Mas houve... sussurros."

“Sussurros sobre o quê?”

“Um golpe de estado.”

“Um *golpe de estado* ?”

“A comida está escassa de novo, Tem. Sem falar que um homem desapareceu, e as pessoas acham que foram os basiliscos.”

O estômago de Tem revirou. O homem de novo. Aquele que ela havia petrificado. O desaparecimento dele reacendera a chama da rebelião, e tudo era culpa dela.

“Jeremy assumiu o cargo quando eu… me afastei. Ele tem liderado o processo.”

Tem compreendeu a magnitude do que Gabriel havia feito. Abrir mão de sua posição como líder da rebelião não era um gesto insignificante, e tudo por causa de Damon. Ela sabia, sem precisar perguntar, que o laço entre eles era forte. Damon havia escolhido Gabriel como seu companheiro. Era apenas uma questão de tempo até que Gabriel o escolhesse de volta, se é que já não o havia feito. De repente, Tem temeu ter piorado as coisas para ele — que, se os aldeões a vissem como Vera a via, poderiam ver Gabriel da mesma forma.

“Gabriel”, disse ela. “Preciso que você fique em segurança. Se os moradores da vila souberem que você está do nosso lado—”

Gabriel segurou as mãos dela. "Assim eles saberão que sou leal às pessoas que amo."

***

Os dias seguintes foram de agonia.

Tem passou horas perambulando pelos corredores, tentando não pensar em tudo que estava dando errado. Ela não ousava procurar Apollo; de qualquer forma, não queria vê-lo. Ela só queria ver Caspen, e ele não estava em lugar nenhum. Foi só no domingo que Tem começou a se preocupar de verdade. Eles deveriam jantar no castelo. E se ele não aparecesse? E se ela tivesse que enfrentar a refeição sozinha? O pensamento era insuportável. Certamente, ele apareceria. Certamente, ele não a deixaria sofrer sozinha com Evelyn.

Mas quando a carruagem chegou para levá-la ao castelo, Caspen não estava lá. Tem sentou-se sozinha no banco de veludo, olhando pela janela para as estrelas, imaginando onde seu marido poderia estar. Teria ele se refugiado no mar, de onde vieram os basiliscos? Ou estaria simplesmente caçando, como sempre fazia, tentando recuperar as forças que Rowe lhe roubava? A incerteza a consumia. Mas não havia nada que ela pudesse fazer. Tudo o que lhe restava era entrar pela porta da frente do castelo e seguir o mordomo até a sala de jantar para o jantar.

Leo já estava sentado. Ele estava sozinho.

"Onde está Evelyn?", perguntou Tem.

Diante da pergunta dela, ele hesitou. "Ela não estará conosco esta noite."

"Por que não?"

“Ela não está se sentindo bem.”

"É assim mesmo?"

"Sim."

“O que há de errado com ela?”

“Ela está doente, Tem. Que mais informações você precisa?”

“Nenhum, eu acho. Só estou perguntando.”

“Muito bem. Vamos comer?”

"Multar."

"Multar."

Tem percebeu que Leo não perguntou onde Caspen estava. Ele estava agindo... estranho. Contido, como se estivesse escondendo algo. Não era normal para ele. Geralmente, ela o decifrava como um livro aberto. Mas não naquela noite. Naquela noite, era como se ele tivesse erguido um escudo entre eles — um que a impedia de ver o que realmente estava acontecendo.

Eles se sentaram em extremidades opostas da mesa, encarando-se. Tem tinha quase certeza de que Evelyn não estava doente. Certamente, ela não tinha a menor vontade de vê-lo depois do desastroso encontro anterior. Provavelmente estava lá em cima, na banheira de Leo, bebendo champanhe caro.

Um mordomo começou a servir o jantar.

Tem observava Leo atentamente enquanto ele comia, tentando determinar se ele parecia pior do que da última vez. Ela concluiu que sim. Havia olheiras e seus ombros estavam curvados. Quanto tempo ele tinha?

“Tem”, disse Leo, interrompendo seus pensamentos. “A briga aconteceu?”

Ela havia se esquecido completamente da conversa deles na biblioteca — de como ela havia lhe contado sobre o torneio, e ele havia lhe dito para resolver as coisas.

“Ah”, disse ela. “Sim.”

“E aí? Como foi?”

Como responder? Levando tudo em consideração, tudo tinha corrido terrivelmente mal. "Isso..." Ela parou de falar.

Quando ela não continuou, Leo perguntou: "Caspen ganhou?"

Tem percebeu de repente como Leo a veria — ela chegando ao castelo sem o marido. "Sim", disse ela rapidamente. "Ele chegou."

Leo assentiu com a cabeça. "Ótimo."

Será que era mesmo? Tem já não sabia. Era melhor do que a alternativa. Mas, naquele momento, isso não significava que fosse bom.

“Há outro assunto que precisamos discutir”, disse Leo.

“Qual é?”

Ele fez uma pausa, e o coração de Tem disparou. "Você vai comparecer ao casamento?"

Tem não esperava que ele perguntasse isso, e certamente não tinha uma resposta. Com tudo indo tão mal, ela havia se esquecido de que a Noite das Mães seria dali a poucos dias.

“Não me dei conta de que havia sido convidado.”

“É claro que você está convidado. A realeza dos basiliscos está sempre presente.”

Realeza basilisco. Há apenas algumas semanas, ela era da realeza humana. "Bem, então, acho que... sim. Se for preciso."

Você parece não ter certeza.

“É porque eu não sou.”

"Por que não?"

Tem suspirou. Leo estava *impossível* esta noite — fazendo perguntas demais, exigindo demais dela. "Não sei, Leo. Não me parece uma boa ideia." Nada daquilo era uma boa ideia. E certamente não se ela tivesse que ir com Caspen.

"Quero você lá", ele sussurrou.

Tem sabia que ele a queria lá. Mas por quê? Porque ele queria que ela visse sua união com Evelyn? Isso parecia cruel — cruel demais para Leo. Talvez fosse porque ele buscava A permissão tácita dela para se casar com Evelyn, embora certamente ele soubesse que já a tinha. Afinal, fora ela quem lhe dissera para ir embora. Nada havia mudado. Ou talvez ele só precisasse dela ali. Como amiga. Não importava. Leo precisava dela, e ela precisava dele.

"Então eu estarei lá", ela sussurrou de volta. Era simples assim. Ela faria qualquer coisa por Leo. Até mesmo comparecer ao casamento dele com outra pessoa.

“Há mais uma coisa”, disse ele lentamente. Ele suspirou. “Evelyn pediu que você e Caspen fiquem aqui no castelo na noite anterior.”

“ *O quê?* Por que ela iria querer isso?”

Leo franziu os lábios. "Ela não me deu um motivo."

Tem ficou boquiaberta. Ela conseguia pensar em vários motivos, e todos eram terríveis. Talvez Evelyn quisesse punir Tem e, por

consequência, punir Leo. Ao trazê-la para o castelo, ela estava esfregando o casamento deles na cara de Tem. Não haveria onde se esconder, nenhuma maneira de evitar o que estava bem diante de seus olhos. Seria uma forma especial de tortura, criada especificamente para Tem.

“Essa é uma ideia péssima”, disse Tem sem rodeios. “E se ela nos quer tanto lá, ela mesma deveria nos perguntar.”

“Ela não está com vontade de jantar hoje à noite.”

“Pensei que ela estivesse doente.”

Leo não respondeu.

As rachaduras que começaram a aparecer na semana passada estavam se abrindo agora. As coisas não iam bem na casa real.

O resto do jantar transcorreu em silêncio. Tem passou o tempo beliscando a comida e encarando Leo, que há muito havia abandonado o prato e se voltado para o uísque. Quando finalmente se tornou insuportável ficar ali sentada, Tem se levantou.

“Bem, boa noite.”

“Espere.” Leo também se levantou. “Fique.”

Tem piscou. "Por quê?"

“Porque eu…” Seus olhos se voltaram para os mordomos, que estavam em posição de sentido como sempre. Tem entendeu. Leo queria ficar a sós com ela.

Ela suspirou. Era uma péssima ideia eles ficarem sozinhos. Tem ficou surpresa que Evelyn tivesse criado uma situação que permitisse isso. Mas outra ideia a incomodava, uma que ela não conseguia afastar. As palavras do pai ecoavam em sua mente: *Se você o beijar — se fizer qualquer coisa além de sexo — isso lhe dará algum tempo.*

Antes que pudesse se conter, Tem seguiu Leo até a biblioteca.

Ele serviu uísque para cada um deles, como de costume. Eles ficaram de pé perto da mesa, como de costume. Mas desta vez havia uma energia no ar que Tem não conseguia definir — uma sensação de possibilidade que fez seu coração disparar.

Ela já havia se dado permissão para fazer o que queria. Será que Leo faria o mesmo?

Tem o observava à luz tênue da lareira. A mão que não segurava o uísque estava sobre a mesa, girando um abridor de cartas pela grossa

alça de mármore. Aquilo lembrou Tem do pedido que lhe fizera.

Você tem me escrito cartas?

Os olhos dele se voltaram para os dela. "Sim."

Tem desejava muito saber o que havia dentro deles. Ela imaginou Leo debruçado sobre o pergaminho, rabiscando com aquela sua caligrafia peculiar. "Quantos?"

O abridor de cartas continuou girando.

"Bastante."

“Onde você os guarda?”

O abridor de cartas parou. "Por que você está me perguntando isso, Tem?"

Ela olhou fixamente para os olhos cinza-ardósia dele, buscando a resposta por si mesma. Não havia outro motivo para perguntar além do desejo de ouvir sua voz. "Porque sinto sua falta."

A mesma coisa que ela lhe dissera quando chegara ao castelo apenas uma semana depois do casamento, para pedir a anulação. Ela falava sério naquela época, e falava ainda mais sério agora.

"Você não vai sentir minha falta", disse ele. "Você me mandou embora."

“Eu queria que você fosse feliz.”

“Pareço feliz para você?”

A resposta era óbvia, mesmo que Tem não quisesse dizê-la. Leo era um homem em crise, dividido entre suas obrigações e seu coração. E Tem o havia colocado nessa situação.

“Leo… eu sou…”

“Não.” Ele apontou o abridor de cartas para ela. “ *Não* peça desculpas.”

Tem franziu os lábios. Era tudo o que ela queria dizer. Precisava que ele soubesse que sentia muito — que se arrependia de tudo. Mas entendia por que ele não queria ouvir. Vindo dela, não significava nada. Tem era a culpada por tudo aquilo. O fato de não poder desfazer o que aconteceu era um fardo tanto dele quanto dela. Ela não queria que ele carregasse esse fardo por mais tempo. Sem pensar, Tem se aproximou.

Imediatamente, os olhos de Leo se arregalaram.

Lentamente, ele pousou o copo de uísque. A mão que segurava o abridor de cartas apertou-o, as veias saltando sob a pele pálida. Um entendimento tácito passou entre eles.

O abridor de cartas brilhava em sua mão. Quando ele o ergueu até o peito dela, Tem prendeu a respiração. Um instante depois, o metal frio tocou sua pele enquanto ele deslizava a lâmina para que ficasse rente à alça do vestido. Então, ele levantou a alça, deixando-a a poucos centímetros acima dela. ombro. Eles ficaram ali, encarando um ao outro, a atmosfera entre eles carregada de tensão. Leo girou a lâmina sobre o fio. Então começou a cortar.

Para lá e para cá, para lá e para cá. Um fio de cada vez. Não era uma lâmina de faca; não era afiada. Serrava lentamente o tecido fino, desfiando-o centímetro por centímetro até que tudo o que restasse fosse um único fio tênue. Leo parou. Nenhum dos dois se mexeu.

A linha arrebentou.

Tem não se deu ao trabalho de puxar a alça de volta para cima. Era a última coisa que ela queria fazer, de qualquer forma. Em vez disso, deslizou a outra alça pelo ombro, deixando ambos os seios à mostra. Então, deixou o vestido cair no chão.

No instante em que ficou nua, Leo respirou fundo, com a respiração ofegante. Era excitante estar ali com ele daquele jeito, completamente exposta, sem ter onde se esconder. Tem o encarou enquanto ele a encarava, seus olhos percorrendo cada centímetro do corpo dela. A última vez que ela estivera nua diante dele fora na noite anterior ao casamento. Ela pensara nisso todas as noites desde então. Será que ele também pensara?

Leo deu um passo à frente. Seu corpo inteiro estava angulado em direção ao dela, sua alta estatura inclinando-se para baixo, como que a invadindo, enquanto ele dizia: "Sem contato físico".

Tem entendeu o que ele queria dizer: enquanto não se tocassem, não era legítimo — não era *real.* Sem contato físico, não havia traição, não havia engano. Se era assim que Leo queria justificar aquilo, quem era Tem para negar-lhe o favor? Se a única maneira de tê-lo fosse não tê-lo de jeito nenhum, ela aceitaria. Precisavam aliviar esse desejo — essa necessidade horrível e dolorosa que os estava levando à loucura. Nenhuma linha seria realmente cruzada. Não de verdade. Talvez fosse

apenas uma mentira que contavam a si mesmos. Mas Tem precisava dessa mentira naquele momento.

Ela precisava *de Leo.*

Sem dizer uma palavra, Leo ergueu o abridor de cartas mais uma vez até o peito dela. Desta vez, passou a lâmina suavemente sobre os seios, traçando uma linha de um ao outro. Os mamilos, já sensíveis, se arrepiaram, formando pontas rígidas.

Com um único movimento preciso, Leo virou o abridor de cartas que tinha na mão, segurando-o pela lâmina. "Suba na mesa."

Tem fez o que lhe foi dito.

Assim que ela se ergueu, Leo se colocou entre suas pernas. Era uma posição semelhante à que ela estivera com Apolo depois que ele a ensinou a petrificar, quando ele usou os dedos para fazê-la chegar ao orgasmo. Só que desta vez, em vez de um dedo, o cabo de mármore do abridor de cartas tocou seu centro. Tem soltou um suspiro involuntário — tão baixo que mal se ouvia por cima do crepitar da lareira. Mas ela sabia que Leo o ouvira. Como se aquele suspiro fosse a permissão de que precisava, ele soltou um som próprio, algo entre um gemido e um rosnado — algo cru, faminto e *real.*

Ele se aproximou ainda mais.

Seus rostos estavam a centímetros de distância; Tem teve que esticar o pescoço para olhar para ele. Lentamente, sem quebrar o contato visual, Leo ergueu a outra mão, agarrou um punhado de seus cachos com o punho e puxou até que sua cabeça se inclinasse para trás. Então, puxou ainda mais forte. Tem gritou, sacudindo os quadris com tanta força que quase caiu da mesa. Era *o paraíso* .

Leo inclinou-se sobre ela, olhando-a nos olhos enquanto empurrava o cabo para dentro de sua umidade. Tem estava acostumada a objetos duros; ela já havia experimentado o pênis de ouro de Rowe. Isso não era diferente — a pedra lisa deslizou para dentro dela com facilidade, e ela mordeu o lábio em prazer. Leo mordeu o próprio lábio, como se, ao fazê-lo, pudesse sentir o que ela sentia. Seus incisivos de ouro brilhavam à luz da fogueira.

Ele a estava manipulando bem agora — sabia exatamente o ritmo certo, o ângulo exato para fazê-la gemer. Leo sabia tudo sobre ela, inclusive como tocá-la mesmo sem tocá-la de fato.

"Tire seu pau para fora", Tem ofegou. Ela precisava vê-lo.

Leo balançou a cabeça. "Não."

"Por que não?"

A bola de mármore lisa deslizou completamente para fora dela e depois voltou a entrar.

"Se meu pau estiver para fora, vou te foder."

“Quero ver isso.”

Ele sorriu. "Eu sei que sim."

“Por favor, Leo.”

“Não, Tem. E não me pergunte de novo.”

Tem não podia mais implorar. Havia coisas mais importantes acontecendo — coisas que exigiam sua atenção. O cabo se movia rapidamente agora, para dentro e para fora, exatamente como um pênis. A cada poucos segundos, Leo roçava a ponta em seu clitóris, e Tem quase se desfazia em orgasmo a cada vez.

Ele era tão quente. *Todo ele.* Ondas de calor emanavam de Leo — muito mais quentes que as chamas da lareira. Cada desejo obscuro e lascivo dentro de Tem gritava para se libertar. Ela queria devorá-lo, despedaçá-lo e envolvê-lo em si até que não houvesse diferença entre o corpo dele e o dela.

O abridor de cartas ainda se movia. Deslizando para dentro e para fora dela, brincando com ela, provocando-a. Tem gemeu durante tudo isso, saboreando a dureza implacável do mármore.

"Droga", sussurrou Leo. "Eu queria que você fosse minha."

"Sou eu", Tem sussurrou de volta.

Foi só então que ela percebeu que, embora ele não pudesse tocá-la, ela podia tocá-lo. Leo ainda estava completamente vestido — a única pele exposta eram seus antebraços e pescoço, que ela podia facilmente evitar. Sem esperar mais um instante, Tem se levantou. Ela colocou as mãos espalmadas contra o peito dele. Sentiu o torso dele por cima da camisa, firme e definido, roçando os dedos nas linhas entre os músculos abdominais. Tocou os ombros dele, sentindo os músculos se contraírem enquanto ele movia o abridor de cartas dentro dela. Então, simplesmente agarrou a camisa dele e o segurou com força.

"Eu quero te foder muito", ele gemeu.

Era tudo o que Tem queria também. Ela queria que ele a virasse e a fodesse contra a escrivaninha, os seios dela contra a madeira, o cabelo

dela nas mãos dele. Ela queria que ele a fodesse deitada, os corpos pressionados um contra o outro; de pé, as mãos na lareira.

Em vez disso, ela disse: "Você não pode".

“Eu não disse que ia fazer isso. Apenas que quero fazer.”

Tem quase sorriu. Mas a iminência do clímax a distraía. Ela estava *tão* perto de chegar lá. Leo também sabia disso. Seus movimentos eram intencionais e fortes, levando-a cada vez mais perto a cada segundo que passava.

Por fim, foi demais.

Tem arqueou as costas ao chegar ao clímax, mantendo os olhos bem abertos, observando Leo enquanto ele a observava. Sua umidade umedeceu o abridor de cartas.

" *Porra* !", Leo exclamou, ofegante.

Em meio à violenta explosão do orgasmo, Tem o viu olhar para a própria mão. Havia um risco vermelho na palma; ele se cortara exatamente no momento em que a fizera chegar ao clímax. Tem fechou os olhos, impotente diante do clímax. Quando os abriu, Leo a observava novamente.

Tem sentou-se. Ela estendeu a mão para ele, mas ele se afastou bruscamente.

“Deixe-me curá-lo(a).”

"Não."

“Leo, por favor.”

Mas ele apenas balançou a cabeça negativamente. Curá-lo exigiria tocá-lo, e isso não era permitido. *Nada de pele.* Um homem de palavra, mesmo agora.

Eles se encararam à luz tênue da fogueira, ambos ofegantes. O efeito da união era inegável; Leo parecia saudável pela primeira vez em semanas. Sua pele estava corada, seus olhos brilhantes. Tem sabia que devia estar com a mesma aparência. Ela lhe dera tempo, como seu pai havia dito. Quanto tempo, ela não fazia ideia. Mas o suficiente para que, pela primeira vez, Tem soubesse que dormiria sem preocupações naquela noite.

O olhar dela recaiu sobre o pênis dele, tão duro que esticava as calças, formando uma montanha de tecido. A mão de Tem já subia, buscando o volume entre as pernas dele. Leo não a impediu. Algo

dentro dela explodiu de prazer no instante do contato, e se ela não tivesse acabado de ter um orgasmo, teria tido outro. Levou um tempo. Ela fez de tudo para não deslizar a mão por baixo da cintura dele, para sentir o pênis dele contra a palma da mão. Mas isso significaria tocar sua pele — isso quebraria a regra deles. Então, em vez disso, ela o acariciou por cima da calça, devagar, sentindo o quanto ele estava excitado por ela. Os olhos de Leo reviraram.

Sua mão ainda estava fechada em torno do abridor de cartas, apertando-o com tanta força que sangue começou a pingar no tapete. Tem o observava, lembrando-se de como eles se encaixavam bem, de como sempre tiveram uma sintonia perfeita. Ela sentia falta da música deles. Sentia falta *dele.*

Tem alternava entre esfregar e apertar, nunca prolongando um por muito tempo. Ela sabia, pelo ritmo irregular da respiração dele, que ele estava perto do clímax.

"Leo", Tem sussurrou em seu ouvido.

Com um gemido atormentado, ele gozou. Tem continuou acariciando-o até sentir o sêmen dele encharcando suas calças. Quando teve certeza de que ele havia terminado, ergueu a mão e a pressionou contra o peito dele, bem sobre o coração. O coração dele batia acelerado, martelando como se ele tivesse acabado de correr uma maratona. Ficaram assim por um longo tempo, muito mais do que deveriam. Nenhum dos dois disse uma palavra. Mesmo quando Tem se afastou para vestir o vestido, eles continuaram em silêncio. E quando ela saiu do quarto, segurando a tira cortada com a mão, ela sabia que ele a observava partir.

Durante a viagem de carruagem de volta às cavernas, Tem sentiu como se estivesse voando. A energia que recebeu por estar com Leo era inegável. Ela se sentiu viva pela primeira vez em dias. Era pura felicidade se sentir tão *completa* .

Assim que chegou aos seus aposentos, Tem atirou o vestido arruinado na lareira. Mal o fizera, ouviu alguém chamar seu nome.

Era Caspen. "Tem", disse ele novamente. "Onde você estava?"

Tem quase riu. Ele estava desaparecido há dias e ainda tinha a audácia de perguntar *onde* ela *estava* ?

“O castelo”, disse ela. “É domingo, lembra?”

Antes que ele pudesse responder, ela devolveu a pergunta.

“Onde *você estava* ?”

“Eu estava com Apolo.”

“Não foi isso que eu perguntei.”

Mesmo assim, Caspen não respondeu. Ele apenas a olhou, com uma expressão indecifrável. A luz da fogueira incidia sobre seu pescoço. As marcas da mordida de Rowe estavam vermelhas e profundas, a ferida reabriu. Tem se perguntou por quanto tempo havia sangrado.

Ele se aproximou e Tem se preparou para o pior. O que saiu da boca dele foi a última coisa que ela esperava ouvir.

"Você está lindo."

Tem piscou. "Eu..." ela começou, mas não tinha ideia de como terminar. Ela se contentou com um "Obrigada".

O momento do elogio a surpreendeu, mas não o elogio em si. Tem sabia que devia estar radiante — o efeito de estar com Leo seria inegável.

Eles estavam diante da fogueira, o mesmo lugar onde tantas vezes haviam conversado. Tem inspirou profundamente seu perfume. Era disso que ela mais sentia falta: o cheiro de fumaça. Ela não fazia ideia se eles estavam em bons termos — nem mesmo quem estava bravo com quem. Tem decidiu, naquele instante, baixar a guarda. Estendeu a mão, tocando o torso quente de Caspen. Era o oposto de como ela havia tocado Leo — através do tecido da camisa, sem contato com a pele. Agora, ela abriu bem os dedos, sentindo o máximo possível do corpo de Caspen.

Um instante depois, ela estava em seus braços.

Por um longo tempo, tudo o que fizeram foi se abraçar. O tempo passou. Eles respiraram.

Por fim, Tem sussurrou: "Desculpe, Caspen."

Ele a abraçou com mais força.

“Quando você vai entender que não tem nada pelo que se desculpar?” As mãos dele deslizavam pela coluna dela. “Sou eu quem sinto muito. Sempre soube exatamente quem você é, Tem. Sempre soube que você não pode ser domada.”

Tem apenas balançou a cabeça negativamente.

“Nunca foi fácil com você”, continuou Caspen em voz baixa. “Provavelmente nunca será. Mas eu não preciso de facilidade. Eu não

quero facilidade." Ele inclinou a cabeça dela para cima, sussurrando o resto contra os lábios dela. "Eu só quero você." Então ele a beijou.

Em seu beijo, Tem encontrou misericórdia. Seu corpo pressionou-se contra o dela, pele contra pele, tão sólido quanto a própria montanha. Caspen foi gentil com ela — muito mais gentil do que o habitual — suave como seda em seu toque. Naquele momento, a única coisa que ela conhecia era ele.

Tem estava tão absorta no beijo que mal ouviu o zumbido abafado que penetrava a parte de trás de seu crânio. Ela abriu a mente, sintonizando-se com a consciência coletiva de todos os basiliscos sob a montanha. Era um caos absoluto, dezenas de vozes, todas falando ao mesmo tempo, todas em estado de puro pânico.

Como isso entrou aqui?

Temos medidas de precaução em vigor. Deveria ser impossível—

Se existe um, isso significa que pode haver mais—

Como podemos retirá-lo?

Temos que ir, senão—

Deve haver um jeito de matá-lo—

Algo estava errado, isso era muito claro. Mas Tem não conseguia identificar o quê, não conseguia entender o que tinha acontecido. O pânico generalizado pressionava seu crânio, ameaçando esmagá-la. Finalmente, ela ouviu. Uma palavra, repetidas vezes:

Doninha.

Capítulo Quarenta

“Caspen”, disse Tem em voz alta. “Escuta.”

Ele escutou, com a testa franzida. Então, seus olhos se arregalaram.

Os basiliscos tinham muitas fraquezas. Espelhos. O canto de um galo. O cheiro de uma doninha. Havia um aqui, agora, nos corredores. E estava matando seu povo.

“Quem faria isso?” Caspen sussurrou. “Quem faria—”

Mas Tem já sabia.

Ela se lembrava perfeitamente das palavras de Vera: *Seu marido deveria ficar atento.* Isso era uma retaliação, uma vingança por Jonathan e Christopher. Os aldeões não conseguiam chegar até a realeza, então agora vieram atrás dos basiliscos, reivindicando seu lugar nessa guerra civil.

Um grito cortou o ar.

Imediatamente, Caspen se virou em direção à porta.

"Espere", gritou Tem. "Você não pode ir lá fora. *Eu* vou lá fora."

“ *Você* não vai a lugar nenhum.”

“Eu preciso ajudar, Caspen. Sou o único que pode—”

Outro grito.

O rosto de Caspen estava contraído de dor. Se era física ou emocional, Tem não sabia. Ela o agarrou pelos ombros e o empurrou de volta para a cama.

“Fique aqui.”

“Tem, eu preciso ajudar meu povo.”

“Você não pode chegar perto de uma doninha, Caspen.”

Ele balançou a cabeça. Parecia estar em choque. "Preciso fazer alguma coisa."

“ *Não* , Caspen . Eu acabei de te recuperar. Você não vai a lugar nenhum.”

“Não posso simplesmente ficar aqui sentada. Eu preciso—”

“ *Você deve ficar aqui* .”

Ela empurrou Caspen para baixo novamente, com toda a força que tinha. Desta vez, ele se sentou.

Antes que ele tivesse a chance de protestar novamente, Tem se virou e saiu correndo da sala. O corredor era um caos completo; basiliscos em suas formas humanas corriam em todas as direções, tentando se refugiar em seus aposentos. Vagamente, Tem ouviu uma comoção que parecia vir do pátio. Ela se virou naquela direção, desviando-se. basilisco após basilisco na passagem.

A presença de Caspen era forte em sua mente. Tem manteve o corredor entre eles aberto, mostrando-lhe para onde ia. Assim que entrou na passagem, o ruído em sua mente se transformou em um ruído ao seu redor. Ela lutou contra a horda de basiliscos, abrindo caminho através da onda de corpos. Quando Tem chegou ao pátio, estava sem fôlego.

Nada poderia tê-la preparado para o que viu.

O pátio estava repleto de corpos. Basiliscos jaziam empilhados ao longo das paredes, imóveis, numa clara tentativa de fuga — todos mortos. Tem os encarou, atônita, enquanto passava, mal conseguindo vê-los. Maridos protegiam suas esposas, com as mãos sobre o nariz, numa tentativa de bloquear o cheiro. Os basiliscos não tinham nada com que cobrir o rosto, nenhuma maneira de se defender contra a arma do olfato. Era o ataque perfeito, e era de uma crueldade inimaginável. Com um sobressalto, Tem reconheceu o próximo corpo que viu. Era o da mulher do casal ligado por laços de sangue: aquela que ela havia abençoado na primeira noite da temporada de acasalamento. O companheiro da mulher não estava em lugar nenhum. Mas Tem sabia que, onde quer que ele estivesse, estava morto.

Tem piscou para afastar as lágrimas. Não havia tempo para isso agora, não havia tempo para lamentar.

Qualquer um que tivesse sobrevivido gritava e corria para os corredores, desesperado para se afastar o máximo possível da doninha. Tem levou menos de um minuto para localizá-la. A criatura estava num

canto, roendo o braço de uma basilisco fêmea. A bile subiu à garganta de Tem, e ela lutou para reprimi-la.

Toda essa destruição causada por um animal menor que um gato. Tem não conseguia acreditar que algo tão formidável quanto os basiliscos pudesse ser derrotado por algo tão minúsculo. Era uma piada de mau gosto da natureza que eles tivessem tal fraqueza. Caso contrário, seriam poderosos demais, dominantes demais. Predadores como Caspen precisavam ser controlados de alguma forma. Sempre havia um equilíbrio.

Assim que Tem se aproximou da doninha, esta disparou na direção oposta. Ela correu atrás dela freneticamente, cega de adrenalina, finalmente encurralando-a perto da fonte. Seu lado basilisco recuou com o cheiro, mas seu lado humano não teve reação alguma. Ela se sentia muito parecida com o que sentia quando criança na fazenda, ouvindo o canto do galo: desconforto, mas não dor. Tem era a única que podia resolver isso — a única que estaria a salvo da doninha. Desta vez, quando se lançou sobre ela, conseguiu pegá-la, raspando os cotovelos e os joelhos no chão de pedra áspero ao mergulhar. A criatura esguia mal cabia em suas mãos, e no momento em que a pegou, Tem a apertou com os punhos e *torceu.* Ela sentiu sua espinha quebrar com um estalo forte, e então ela ficou mole.

Caspen , ela chamou com a mente. *Eu o tenho. O que eu faço com ele?*

Não se mexam. Vou pedir a todos que se isolem. Depois, vocês podem resolver isso lá fora.

Em resposta, uma onda de alívio a invadiu. Ela sentiu a presença de Caspen se expandir, alcançando todos ao seu redor. Tem segurava a doninha nas mãos, encarando seu corpo sem vida. O som dos gritos foi diminuindo aos poucos, enquanto todos se retiravam para seus aposentos, até que finalmente restou apenas ela sozinha no pátio. Mesmo assim, Tem esperou para se mover até ouvir Caspen dizer: " *Todos foram embora, Tem."*

Tem assentiu com a cabeça, mesmo sabendo que ele não podia vê-la. Ela carregou a doninha até a saída, ofegando com o ar frio que lhe atingiu os pulmões. Às vezes, era fácil esquecer o quão claustrofóbicas eram as cavernas. Mas agora, sob a luz da lua do final do outono, Tem se sentia verdadeiramente sozinha.

Ela olhou para a doninha em suas mãos. Estava dobrada num ângulo estranho, com a espinha dorsal rachada. Ainda estava quente. Tem se perguntou se ela era senciente, como os humanos. Houve um tempo, não muito distante, em que ela pensara — assim como os aldeões — que os basiliscos não eram capazes de emoções complexas. E, no entanto, eram. Talvez essa doninha também fosse. Era inacreditável para Tem que algo tão pequeno pudesse ter causado tanto sofrimento. Inúmeras mortes — muitas famílias estariam de luto amanhã. Tudo por causa da pequena criatura em suas mãos. Tem parou junto à parede. Então, por um capricho, caminhou mais para dentro da floresta.

Não havia lógica em suas ações. Aquele animal não merecia um funeral. Mas, por algum motivo, sob o julgamento implacável da Alfa Serpentis, Tem sentiu-se obrigada a lhe dar um. Caminhou até encontrar um trecho de terra intocado pela geada precoce, depositando a doninha no chão antes de cavar a terra com um graveto, o pé, qualquer coisa que encontrasse, até formar um buraco grosseiro. Então, jogou a doninha dentro e espalhou terra por cima, criando uma cova improvisada. Tem contemplou sua obra. Era um lugar de descanso patético, mesmo para uma doninha. Permaneceu ali até sentir frio. Não se preocupou em se aquecer; era hora de voltar. Não podia fazer mais nada pela doninha, e havia mortes mais importantes para lamentar naquela noite. Tem seguiu para as cavernas, temendo o que poderia encontrar.

O pátio estava novamente repleto de basiliscos. Só que desta vez, eles vagavam em silêncio atônito, o único som sendo um lamento ocasional e melancólico. Tem lançou um olhar ao redor, procurando por cada rosto que pudesse conhecer. Um alívio a invadiu no instante em que viu Apolo. Um alívio semelhante brilhou em seu rosto quando seus olhares se encontraram. Tem correu em sua direção.

Ele correu também em direção a ela, quase a levantando do chão no momento da colisão.

“Você foi corajosa, Temperance. Temos uma dívida com você.”

Tem apenas balançou a cabeça. Uma dívida era a última coisa que os basiliscos lhe deviam.

Apollo a deixou quando Cypress surgiu da multidão. Tem não a seguiu.

Em vez disso, ela ajudava como podia, dedicando seu tempo e seu coração a todos. quem precisava. Eventualmente, Adelaide se juntou a ela. Trabalharam até altas horas da madrugada, consolando os enlutados e contando os mortos. No fim, quarenta e seis basiliscos foram vítimas da doninha. Quando todos foram contabilizados, Tem mal conseguia manter os olhos abertos. Ela se retirou para seus aposentos com Caspen, e eles se deitaram juntos na cama.

Tem olhou fixamente para ele na escuridão.

Ela frequentemente se perguntava como ele se sentia carregando o fardo da liderança, e agora via esse fardo. Sua testa estava franzida, seu peito subindo e descendo pesadamente. Ele não chorou, mas poderia muito bem ter chorado. Caspen tinha feito tanto por ela, e tudo o que Tem queria era fazer algo por ele. Lentamente, para não assustá-lo, Tem tocou o peito dele com os dedos, usando a habilidade que todos os basiliscos tinham de transferir emoções. Ela soube que estava funcionando no momento em que uma dor avassaladora a atingiu como um muro de tijolos. Tem ofegou com o *peso* da dor. Era como se estivesse se afogando. Caspen olhou para ela surpreso, e ela soube que ele não esperava isso dela.

O efeito sobre ele foi imediato. Seu rosto suavizou à medida que a sombra em sua testa se dissipou. Tem sabia que não era uma solução permanente, como nada jamais o é. Mas, por ora, ela o abraçou com mais força, segurando-o contra si, absorvendo o máximo de sua dor que conseguia.

"Obrigado", sussurrou Caspen.

"Claro", sussurrou Tem. Era o mínimo que ela podia fazer por ele. Eles adormeceram, a cabeça de Caspen em seu peito, os braços dela o envolvendo.

O convite chegou no dia seguinte.

Temperança Verus,

Você está cordialmente convidado para o casamento de Thelonius e Evelyn daqui a uma semana. O casal feliz solicita sua presença no castelo para uma celebração na noite anterior ao casamento. Uma carruagem será enviada para buscá-lo. O traje recomendado é traje de gala.

Tem olhou cautelosamente para Caspen. No turbilhão após o ataque da doninha, ela havia se esquecido completamente do pedido de Evelyn.

"O que está escrito?" perguntou Caspen, ainda deitado na cama.

“Eles querem que fiquemos no castelo na noite anterior ao casamento.”

Ele se sentou lentamente. "E por que eles iriam querer isso?"

“Não sei. Acho que foi a Evelyn quem fez isso.”

A expressão no rosto de Caspen refletia perfeitamente o que Tem sentia.

“Não precisamos ir”, disse ela rapidamente.

Caspen ergueu a mão. "Sim, nós temos."

"Mas *por que* ?"

Ele não respondeu.

Tem o encarou. A noite toda, ele estivera triste. A noite toda, ele lamentara. Mas agora a raiva se insinuava em sua voz, e Tem se viu com medo do que aquilo poderia significar. Por que Caspen estaria tão disposto a ir ao castelo logo após um ataque tão hediondo contra seu povo?

“Caspen”, disse ela cautelosamente. “É o casamento deles.”

“Estou ciente disso.”

“Não podemos… estragar tudo.”

Foi tudo o que ela disse, mas sabia que ele havia entendido o que ela queria dizer. Tem não se importava com o casamento em si. E certamente não se importava com Evelyn. Mas se importava com Leo. Nada havia mudado: eles ainda estavam na mesma situação de antes da doninha, e ainda não havia como consertar as coisas.

“A família real basilisca sempre comparece aos casamentos reais.”

“Eu sei, mas—”

“Você é a rainha, Tem”, disse Caspen. “Você precisa estar lá.”

Ao ouvir o tom de voz dele, ela se calou. Ficou claro que ele não queria mais discutir o assunto.

Será que Caspen estava testando-a? Desafiando-a a dizer que não queria ver Leo se casar? Era um teste cruel, mas ela não podia culpá-lo por isso. Os quatro estavam em perfeita sintonia, presos num padrão de desconfiança que os consumia por dentro. Tem deveria ter imaginado

que não haveria paz, que aqueles jantares insuportáveis de domingo à noite acabariam levando a isso.

Eles passaram os dias seguintes em quase total silêncio. Não eram os únicos; todos os basiliscos sob a montanha lamentavam a perda de seus irmãos. Tem sentia a tristeza coletiva deles fisicamente, como se um peso a estivesse esmagando no peito. Os basiliscos faziam tudo juntos, e o luto não era exceção. Tem passou a maior parte do tempo em seus aposentos, deitada ao lado de Caspen, acariciando-o suavemente. Ela não conseguia pensar em mais nada para confortá-lo; a perda era grande demais.

"O que os basiliscos acreditam que acontece quando morrem?", ela perguntou a ele certa noite.

“Acreditamos que nossas almas vão para Kora.”

Era a mesma coisa em que os humanos acreditavam.

“Quando um de nós morre, todos nós sentimos”, continuou ele.

Tem conseguia entender isso. Os basiliscos estavam todos conectados — eram todos um só. "Vocês fazem funerais?"

“Sim, fazemos.”

“Como eles são?”

“Queimaremos seus restos mortais e depois devolveremos suas cinzas ao lago.”

Tem assentiu com a cabeça. Ela não conseguia imaginar uma despedida melhor.

Na noite anterior ao casamento, Tem estava emocionalmente exausta. O passeio de carruagem foi silencioso, e Tem tentou não projetar suas ansiedades em Caspen. Ele parecia muito mais calmo do que ela, embora ela não conseguisse dizer se ele estava triste ou com raiva. Talvez estivesse sentindo as duas coisas.

Evelyn os recebeu na porta. " *Muito obrigada* por virem", disse ela com naturalidade, como se fosse um jantar de domingo qualquer e não a véspera do seu casamento. "Estamos muito felizes em tê-los conosco."

Tem não fazia ideia de quem “nós” supostamente éramos. Leo estava desaparecido.

“Devo levá-lo ao seu quarto?”

Nenhum dos dois respondeu. Evelyn estava agindo... estranhamente. Quase alegre. Era um contraste gritante com seu humor habitual, e isso

estava deixando Tem confusa. Será que ela estava simplesmente animada com o casamento? Tem podia imaginar que ela estava radiante por finalmente ter Leo em suas mãos. Ou talvez estivesse ansiosa para esfregar isso na cara de Tem. De qualquer forma, Evelyn estava radiante enquanto os conduzia escada acima. O estômago de Tem deu um nó assim que ela percebeu onde ficava o quarto deles.

Bem em frente ao Leo's, do outro lado do corredor.

Tem encarou a porta do quarto dele, lembrando-se da última vez que estivera ali. Leo a pedira em casamento a poucos metros de onde ela estava. Ele se ajoelhara e lhe dera o anel de prata que agora estava em seu dedo. Tem o tocou, tentando controlar a raiva. Certamente, aquilo fora proposital. Certamente, Evelyn fizera aquilo por maldade.

Suas próximas palavras confirmaram isso: "Eu te coloquei bem pertinho de nós, caso você precise de alguma coisa."

A única coisa que Tem precisava era de uma lobotomia.

"Tem?" disse Evelyn. "Poderia falar comigo?"

Imediatamente, a adrenalina de Tem disparou. "Por quê?"

“Ah, você sabe. Papo de menina.”

Lá vamos nós de novo. Tem já tinha conversado o suficiente com Evelyn para durar uma vida inteira.

“Venha”, disse ela animadamente. “Vamos conversar no meu quarto. Assim, seu marido terá tempo para se ambientar.”

Meu quarto. *Seu* marido.

Tem olhou para Caspen, que olhava ao redor do quarto com desinteresse. Não havia nada além de uma cama, uma escrivaninha e uma cadeira. Para todos os efeitos, ele já estava instalado.

Você vai ficar bem aqui?

Eu ficarei bem, Tem. Não sou criança. Pode me deixar sozinha.

Eu sei, mas…

A verdade era que ela não *queria* deixar Caspen sozinho. Tem não fazia ideia do que ele faria ali no castelo, sozinho e furioso, sem ela ao seu lado.

Você estará aqui quando eu terminar?

Eu vou.

Ainda assim, Tem hesitou. Ela estava esperando por algo — esperando que ele dissesse —

Ir.

Ao comando dele, uma profunda decepção lhe revirou o estômago, e Tem percebeu que esperava ouvir outra palavra — uma que fosse o oposto de "vá". Mas a palavra não veio, então ela foi.

Tem meio que esperava que Evelyn entrelaçasse o cotovelo no dela enquanto atravessavam o corredor. Em vez disso, ela abriu orgulhosamente a porta do quarto de Leo, indo até o carrinho de bebidas para servir-lhes bebidas. Tem ficou parada sem jeito no meio do quarto, tentando não olhar para nada. Era íntimo demais, pessoal demais. E talvez fosse essa a intenção. Tem viu a cama deles, que estava desarrumada. Ela se perguntou de que lado Leo dormia. Sua pergunta foi respondida quando seu olhar recaiu sobre o criado-mudo à esquerda. O coração de Tem deu um salto quando viu o livro ali: *O Corvo e o Cisne* .

“Por favor”, murmurou Evelyn. “Sente-se.”

Eles se sentaram nas poltronas em frente à lareira, as mesmas onde Tem havia buscado refúgio de Caspen antes que sua aljava lhe desse a bênção. As mesmas onde ela havia chegado ao clímax nos dedos de Leo. *Tão carente* , ele sussurrou. *O que vamos fazer com você?*

Evelyn ofereceu-lhe uma taça de champanhe.

Com um suspiro, Tem virou o copo de uma vez. Não fazia sentido pedir mais nada, e ela tinha certeza de que não sobreviveria àquela conversa de garotas sem álcool.

"Estou *ansiosa* pelo casamento", exclamou Evelyn, entusiasmada. "Espere até ver os cisnes. Eles são incríveis."

Tem resistiu à vontade de revirar os olhos. Seria esse o motivo pelo qual Evelyn queria falar com Tem? Para se gabar? Evelyn havia vencido a batalha, e essa era a sua volta triunfal. Como Tem desejava poder vencer a guerra. "Você convidou alguém da aldeia?"

“Ah, todo mundo está vindo.”

“Eu não me referia a esta aldeia.”

Evelyn ficou tensa. Mas Tem não se importou. Se Evelyn insistia em falar de garotas, Tem a pressionaria — a *forçaria* a reconhecer o tempo que passou fora. "Com certeza, você fez amigos enquanto estava lá."

Evelyn deu de ombros. "Na verdade, não."

“Não? Que pena. Deve ter sido solitário.”

“Eu tinha um bom motivo para ficar.”

As palavras pareciam simplesmente escapar. Tem inclinou-se para a frente. "Qual o motivo?"

Evelyn parecia estar ponderando algo. Finalmente, ela disse: "Antes de tudo isso, você era criador de galinhas."

Não era uma pergunta. Tem decidiu respondê-la mesmo assim. "Sim. Eu estava."

“Então você consegue entender o quão difícil a vida pode ser. Você consegue entender que, quando surge uma opção melhor, o melhor é escolhê-la.”

Tem franziu a testa. Que opção melhor? Evelyn não tinha feito nenhum amigo enquanto esteve fora — ela alegava que não tinha tido nenhum amante. Então, por que ela tinha ficado?

Uma lembrança me veio à mente: *ela não foi embora por causa de alguma carta ridícula. Ela foi embora porque eu lhe ofereci um preço maior do que o que ela conseguiria me roubar, um garfo de cada vez.*

Tem não tinha nada a perder. Era a véspera do casamento de Leo, e ela estava no seu limite com Evelyn. Se não descobrisse a verdade agora, nunca a descobriria.

"Quanto custa?" perguntou Tem antes que pudesse se conter.

Evelyn ergueu as sobrancelhas. "Com licença?"

“Quanto Maximus te pagou?”

O resto da pergunta dela ficou pairando no ar entre eles, sem ser dito: *deixar Leo?*

Evelyn a observava pensativamente. Ela não parecia um animal encurralado em uma gaiola. Estava perfeitamente calma quando disse: "Bastante."

Ali estava. A verdade.

Toda a suspeita que Tem nutria há tanto tempo finalmente veio à tona. Lilly tentara lhe contar. Maximus tentara lhe contar. Mas foi preciso ouvir da boca de Evelyn para que ela realmente acreditasse que era verdade. Evelyn sabia exatamente o que estava fazendo quando deixou Leo. Ela havia abandonado o barco — seguido em frente quando

percebeu que Maximus jamais a aceitaria e que o pagamento dele seria maior do que ela receberia se ficasse. Ela só retornou quando ele deixou de ser rei e ela pôde se infiltrar no castelo da maneira que sempre desejara.

Foi então que Tem percebeu que havia subestimado Evelyn. Agora ela podia vê-la como ela realmente era: o pior tipo de predadora, aquela que se parecia com uma presa. Evelyn possuía poder, de fato. Talvez não fosse o tipo de poder ao qual Tem estava acostumada — impetuoso, barulhento e destrutivo —, mas era poder, mesmo assim. Sua astuta e inocente inocência não passava de uma farsa. Ela era um lobo em pele de cordeiro. Uma mentira.

“Você é desprezível.”

Evelyn apertou os lábios formando uma linha fina. "Você não teria feito o mesmo?"

Tem recuou. Ela pensou em como Maximus tentara assustá-la e fazê-la ir embora — como ele lhe dissera para se lembrar do seu lugar. Não havia preço alto o suficiente que a tentasse a partir. Ele poderia ter lhe oferecido qualquer coisa, e ela teria recusado. Repulsa. Tem foi varrida por todos os lados. Evelyn era alguém que podia ser comprada. Era uma qualidade repugnante, e algo que Tem considerava vergonhoso. Os basiliscos davam e recebiam na mesma medida, e os elogios eram conquistados por meio de ações. A única coisa que importava para os basiliscos era o poder — a única coisa que os movia era a influência. Dinheiro não significava nada para eles; podiam criar ouro a partir do próprio sangue. Não havia valor em algo que tivesse um suprimento ilimitado.

"Não", disse ela firmemente. "Eu não teria feito isso."

Evelyn deu de ombros com naturalidade, como se não acreditasse nela. "Qualquer pessoa em nossa posição teria feito o mesmo."

“ *Nossa* posição?”

“Nós não viemos de lugar nenhum, Tem. Temos que aproveitar as oportunidades que nos são apresentadas. Devemos a nós mesmos sermos inteligentes.”

Mas isso não era verdade. Tem sabia o que significava não ter nada — desejar que um benfeitor rico aparecesse e resolvesse todos os problemas que ela achava que existiam em sua vida. Ela sabia como era a sensação de *desejar.* E, no entanto, diante de um benfeitor assim, Tem

não teria cedido. Evelyn havia escolhido o caminho mais fácil — o caminho da covardia. E Tem, assim como Leo, detestava covardes.

Leo não perdoaria tal pecado. Ele valorizava a autenticidade e a integridade. Evelyn não tinha nenhuma das duas. Ela era uma fachada — uma bela pintura com uma tela feia por baixo. Morar na aldeia vizinha e nunca entrar em contato, nunca dar a Leo um desfecho — Tem não conseguia imaginar coisa mais horrível que pudesse fazer a ele.

Ou talvez ela pudesse.

Nada era mais horrível do que o que a própria Tem havia feito com ele. Tem era *a culpada.* Ela podia não ter pago Evelyn para ir embora, mas era, pelo menos em parte, responsável por seu retorno. A culpa e o horror ameaçavam consumi-la. A única coisa que restava era tentar consertar as coisas.

“Você precisa contar para ele.”

Evelyn teve a audácia de soltar uma risada estridente. "De jeito nenhum."

“Você não pode mentir para ele.”

“É tarde demais.”

Tem balançou a cabeça enfaticamente. "Ele merece saber quem você realmente é."

Os olhos de Evelyn se estreitaram. Ela se inclinou ainda mais para perto. "Por que você se importa, Tem? Você também foi embora."

Algo no tom desafiador de Evelyn a fez lembrar de Vera. Mas, ao contrário de Vera, que brandia suas palavras cruéis como uma espada, Evelyn as usava como um escudo, para esconder quem ela realmente era.

“Confio que tenho sua confiança”, disse Evelyn em voz baixa.

Ela não tinha nada disso. Tem não se calaria — ela não permitiria que... O sacrifício que ela fizera seria em vão. Guardar o segredo de Evelyn seria mentir para Leo. Significaria trair a confiança dele — confiança que Tem conquistara recentemente e mal merecia manter. Se guardasse o segredo de Evelyn, não seria melhor do que ela. Seria tão farsante quanto. Tem pensara que estava fazendo a coisa certa, que estava melhorando tudo. Agora sabia que o oposto era verdadeiro.

“Se você não contar para ele, eu contarei.”

Evelyn deu de ombros. "Não, você não vai."

“E por que não?”

"Porque ele vai se magoar se souber. E essa é a última coisa que você quer, não é?"

Apesar de si mesma, Tem fez uma pausa.

“Imagine só, Tem. Imagine o que vai acontecer se você contar para ele sobre mim. Você vai devastá-lo *de novo* . Você acha mesmo que ele sobreviveria se eu fosse embora duas vezes?”

Tem não conseguia acreditar no que estava ouvindo. Mas não podia negar que Evelyn tinha razão. Ela não queria que Leo se machucasse. Era a *última* coisa que desejava. Contar a ele seria devastá-lo. Contar a ele significaria implodir todo o acordo entre eles. Poderia afetar a relação entre os reinos, o futuro de ambos os casamentos — tudo pelo que Tem havia lutado. Contar a ele arruinaria tudo pelo que Tem havia sacrificado sua felicidade. Significaria que tudo teria sido em vão.

Evelyn se aproximou ainda mais. "E o que aconteceria depois?", disse ela baixinho, com a voz ameaçadoramente baixa. "Se eu for embora de novo, você o aceitaria de volta?"

"Sim, eu faria", ela sussurrou, quase contra a sua vontade.

Em vez de reagir com horror, ou no mínimo com repulsa, Evelyn respondeu calmamente: "Será que Leo gostaria disso? Você já se casou com ele e depois o descartou. Ele deve te odiar."

Ele deve te odiar.

Tem fechou os olhos.

Mesmo que Leo ainda a amasse, uma parte dele também a odiava. Era inevitável; ela o havia magoado demais para que fosse diferente. Evelyn estava certa em tudo. Tem tinha um marido. Ela tinha um reino inteiro para governar; não podia fazer as duas coisas. Leo provavelmente nem a quereria de volta. Não depois de tudo o que ela lhe fizera.

"Ele não me odeia", sussurrou Tem. Ela nem sabia se acreditava nisso.

“Se ele não fizer isso agora, faria se você lhe dissesse.”

Tem abriu os olhos. Evelyn olhava para ela com *muita* pena.

“E o que Caspen pensaria?”

Tem sabia exatamente o que Caspen pensaria. Ele havia deixado seus pensamentos cristalinos, bêbado no corredor após o torneio. " *Seu*

pequeno príncipe humano é frágil. E estou tentado a quebrá-lo." Os dias de uma aliança entre os dois homens foram longos. Ela havia partido. O acordo de compartilhá-la fora uma fantasia de curta duração. Jamais poderiam voltar a ser como antes. Ela não podia comandar os basiliscos e os humanos ao mesmo tempo. Seria impossível. Havia muitos pontos de vista opostos, muitas necessidades a serem atendidas. Leo merecia alguém para governar ao seu lado — alguém que pudesse assumir as responsabilidades de ser rainha. Tem também tinha suas próprias responsabilidades.

“Diga-me, Tem, mesmo que você os tivesse a dois, você conseguiria amá-los igualmente?”

Como é que Evelyn sabia exatamente o que dizer para fazê-la duvidar de si mesma? Tem sabia que amava as duas. Sempre amou.

"Como você pode dizer essas coisas?", sussurrou Tem.

Um sorriso doentio distorceu os lábios de Evelyn. "Porque eu te conheço, Tem. Nós não somos tão diferentes. E quanto mais cedo você aceitar isso, mais cedo você entenderá que é assim que deve ser — é o correto. Eu vou me casar com Leo. Você vai ficar com Caspen. Nós dois conseguiremos o que queremos."

Mas Tem não estava conseguindo o que queria. Ela queria que Leo fosse feliz, que escolhesse seu futuro, que fosse amado da maneira como Caspen a amava. Evelyn não amava Leo. Não como Tem a amava. Ela amava poder e dinheiro. Amava ouro, derramamento de sangue e objetos brilhantes e bonitos que saciariam sua sede de riqueza. Não havia nada mais repugnante para Tem do que a ganância. Era tudo o que ela ouvia na voz de Evelyn quando falava — tudo o que via naqueles grandes olhos de corça. Ela não podia condenar Leo a isso.

“Deixe o Leo comigo”, disse Evelyn, inclinando-se ainda mais para perto. “E nunca mais precisaremos interagir depois de hoje.”

Tem franziu a testa. "Ainda temos que interagir toda semana."

"Será? Acho que não precisamos de mais jantares, não acha?"

O objetivo dos jantares era cooperar, garantir que seus reinos fossem amigáveis. Eles eram extremamente necessários. "E por que não?"

“Não há mais nada a discutir.”

“Claro que sim. Precisamos encontrar uma solução que não prejudique nenhum dos nossos povos.”

“Só existe um caminho a seguir, e é o jeito como as coisas sempre foram feitas.”

Tem estreitou os olhos. "O que você está dizendo?"

“Estou dizendo que não vamos mais ignorar os recursos que temos à nossa disposição.”

“Os basiliscos não são seus *recursos* ”, retrucou Tem. “Quando vocês aboliram o derramamento de sangue, concordaram em entrar em uma nova era. Se vocês o trouxerem de volta—”

“Não fiz isso.”

Tem piscou. "Você não fez o quê?"

“ *Eu* não aboli o derramamento de sangue. Foi o Leo. Se fôssemos casados na época, eu teria abolido.” aconselhei-o de forma diferente.”

Tem ficou boquiaberta. "Não sei o que Leo vê em você", sussurrou ela.

Um sorriso lento e malicioso se abriu em seus lábios. Por algum motivo, ela parecia encantada, como se Tem tivesse acabado de lhe dar um presente incrível. "Eu sei o que ele vê em *você* ."

"Com licença?"

“Você sabia que ele lhe escrevia cartas?”

Capítulo Quarenta e Um

Tem ficou com o sangue gelado.

“Encontrei-as um dia enquanto passeava pelo castelo”, disse Evelyn, girando sua taça de champanhe. Ela não havia tomado um único gole. “Que coisa estranha deixar por aí, não acha? Onde qualquer um poderia encontrá-las?”

O coração de Tem disparou. Evelyn tinha lido as cartas. As cartas *dela*. Aquelas que ela tinha pedido para Leo escrever — aquelas em que ele escreveu tudo o que não podia lhe contar agora que estavam com outras pessoas. Um ciúme feroz tomou conta de Tem. *Evelyn* tinha tido a chance de lê-las? Não era justo. Mas, mais importante, era perigoso.

“Ele não sabe que eu li todas elas”, Evelyn continuou calmamente, como se essa não fosse uma informação bombástica. “Mas eu li. Todas.” Ela se inclinou para frente. “Ele te ama. Sempre vai te amar.”

Não era uma informação nova. Mas também não era algo que ela jamais imaginaria ouvir de Evelyn.

“Mas *ele* é meu, Tem”, continuou ela. “Ele é meu. Eu venci.”

Tem abriu a boca, mas Evelyn ainda não tinha terminado.

“Eu o tive antes de você, e o terei pelo resto da vida dele.”

Tem quase riu. A menos que ela dormisse com Leo, o resto da vida dele não seria muito longo. "Você nunca o terá", disse ela. "Não enquanto ele me amar."

Nesse instante, bateram à porta.

Evelyn e Tem se levantaram abruptamente, interrompendo imediatamente a conversa. Evelyn abriu a porta, revelando a pessoa que Tem mais queria ver.

Leo vestia um terno escuro, com o cabelo penteado para trás. Ele estava parecido com a roupa que usara no casamento deles, e só de

pensar nisso, ela sentiu vontade de chorar. Seus olhos se voltaram para Tem antes de se fixarem nos de Evelyn.

“Os convidados estão chegando”, disse ele. “Você vai descer?”

“Sim, claro.” Evelyn lançou um olhar por cima do ombro para Tem. “Estávamos terminando.”

Mas eles estavam longe de terminar. Tanta coisa tinha acontecido nos últimos minutos que Tem mal conseguia processar tudo. Havia uma centena de pontas soltas, mil novas possibilidades. problemas, e nenhuma maneira de resolvê-los. Tem percebeu de repente que, se não houvesse mais jantares de domingo, esta poderia ser sua última chance de falar com Leo. Ela precisava aproveitar aquele momento, ali mesmo, naquele instante.

Tem endireitou os ombros, dando um passo à frente para ficar bem em frente a Leo. Os olhos dele se voltaram para os dela quando ela disse: "Há algo que você precisa saber."

Evelyn virou a cabeça bruscamente, com as sobrancelhas erguidas em descrença.

Mas Tem não revelaria seu segredo. A ruína de Evelyn seria dela mesma. Em vez disso, ela diria a Leo a única coisa que esperava que o fizesse enxergar a realidade — a única coisa que poderia transmitir a gravidade da situação entre os reinos: “No início desta semana, uma doninha foi solta sob as montanhas. Quarenta e seis basiliscos morreram.”

Os olhos de Leo se arregalaram. Os de Evelyn se estreitaram.

Tem sabia que Leo estava imaginando, por um instante, como seria a vida se quarenta e seis aldeões morressem sob sua responsabilidade. Ela deixou o silêncio se instalar, querendo que ele refletisse sobre esse pensamento.

“Tantas mortes”, disse ele. “Causa de uma doninha?”

“O cheiro deles é fatal para o basilisco. Todo mundo sabe disso.”

Leo assentiu rapidamente. "Claro, parece... inacreditável."

"Pois bem, pode acreditar." Suas respostas eram tensas. Articuladas. Tem não estava com vontade de mimar Leo agora. Ela precisava que ele visse sua dor.

“E você?” perguntou Leo.

"Quanto a mim?"

“Quer dizer… a doninha… te afeta?”

Ele perguntou se ela estava ferida, se havia corrido algum perigo. Os lábios de Evelyn se contraíram.

“Não”, respondeu Tem. “Estou bem.”

Uma alegria inconfundível tomou conta do rosto de Leo. "Obrigado, Kora."

As palavras dele pairaram no ar entre eles. Era completamente inadequado da parte dele demonstrar tanto alívio. Mas Tem não podia fazer nada a respeito. Não era sua responsabilidade controlar as emoções de Leo. Se ele queria agir assim na frente de Evelyn, era uma escolha dele. Tem já não se importava com nada.

"Vou me certificar de encontrar Caspen esta noite", continuou Leo, "e dizer a ele que ele tem as minhas condolências."

Tem percebeu que ele não disse "nosso".

“Você pode contar para ele”, disse Tem. “Mas não vai fazer diferença.”

Leo passou a mão pelos cabelos, deslocando algumas mechas.

“Ele está zangado, Leo”, continuou ela. “E tem todo o direito de estar. Foram os aldeões que fizeram isto.”

“Mas por que eles fariam isso?”

“Foi uma retaliação”, disse Tem. “Pelas mortes de Jonathan e Christopher.”

Leo suspirou. "Eu jamais aprovaria um ataque desses", disse ele em voz baixa. "Com certeza, Caspen sabe disso."

Tem não respondeu.

Fez-se silêncio.

Evelyn estava entre eles, com os braços cruzados em sinal de defesa. Tem não conseguia ler seus pensamentos, mas era evidente que ela não aprovava nada daquilo, que estava chateada por estarem sequer falando sobre tais coisas na véspera do seu casamento.

“Você disse que quarenta e seis basiliscos morreram”, disse Evelyn.

“Sim. Fizeram.”

“Então…” Evelyn disse lentamente, seus olhos primeiro se voltando para Leo e depois voltando para Tem. “Eles estão enterrados? Ou os basiliscos praticam a cremação?”

Tem piscou. Por que Evelyn estava perguntando sobre os costumes funerários dos basiliscos? Não era do feitio dela se importar. "Eles serão cremados", disse Tem.

"Ah", disse Evelyn com evidente decepção. Ela parecia extremamente contrariada.

"Isso lhe parece perfeitamente aceitável?", perguntou Tem.

Evelyn suspirou. "Claro. Eu estava apenas perguntando."

“Por que você se importa com o que fazemos com nossos mortos?”

Ela deu de ombros. "Parece uma pena."

Leo empalideceu.

"Como isso pode ser uma vergonha?", perguntou Tem. "Eles serão devidamente homenageados."

“É um desperdício.”

“Um *desperdício* ?”

Uma compreensão terrível atingiu Tem. Ela finalmente entendeu por que Evelyn estava perguntando sobre os corpos. Para ela, eles ainda tinham alguma utilidade.

“Vocês os querem para *derramamento de sangue* ?”

“Se houver quarenta e seis basiliscos disponíveis, nós deveríamos—”

“Eles não estão *disponíveis* . Estão *mortos.* ”

“Eu só acho que—”

"Evelyn", disse Leo bruscamente. "Chega."

Evelyn franziu os lábios e depois ficou em silêncio.

Tem sentiu um calor insuportável por dentro. Começava a pensar que Caspen não deveria tê-la deixado *sozinha* . Caspen, com seus séculos de autocontrole, daria conta do recado. Tem, por outro lado, estava a um passo de cometer um assassinato. Ela dirigiu-se apenas a Leo: “O ataque precisa ser resolvido. E logo.”

Leo assentiu com a cabeça. "Entendo. Pedirei desculpas pessoalmente esta noite."

Evelyn interrompeu. "Você não pode se desculpar."

Tem olhou fixamente para ela. "Com licença?"

Evelyn se virou para Leo. "Precisamos demonstrar solidariedade com o nosso povo."

“ *Seu* povo causou isso”, disparou Tem. “ *Meu* povo morreu.”

“Seu povo não é gente. São cobras.”

Toda a raiva que ela havia reprimido em relação a Evelyn ameaçava explodir. Tem queria atacá-la, despedaçá-la membro por membro. Queria jogá-la nas masmorras com Maximus para que ambos apodrecessem juntos por toda a eternidade. Queria matá-la. Mas antes que pudesse fazer qualquer uma dessas coisas, Leo colocou a mão na cintura de Tem.

Não o braço dela. Não o ombro dela. A cintura dela.

Um momento se passou enquanto todos encaravam a mão de Leo. De repente, Tem percebeu como ele estava posicionado: seu corpo voltado para Evelyn, seu ombro entre eles... protegendo Tem.

"Você deveria ir embora", Leo sussurrou para Evelyn. "É o que você faz de melhor."

Evelyn ergueu uma sobrancelha. Seus punhos estavam cerrados ao lado do corpo e, por um instante, Tem se perguntou se ela ia bater em Leo. Então, seus ombros relaxaram e um sorriso frio surgiu em seus lábios. "Discutiremos isso mais tarde", disse ela. "Quando estivermos a sós."

Então ela saiu da sala apressadamente.

No instante em que ela se foi, Leo encostou-se à lareira, o rosto pálido. Tem imediatamente foi até o carrinho e serviu-lhe uma bebida. Ele a tomou, engolindo-a de um só gole sem dizer uma palavra. Tem encheu o copo novamente. Desta vez, ele bebeu devagar, ainda encostado na lareira. Ele parecia completamente exausto, e Tem teve vontade de tocá-lo. Mas eles já haviam ultrapassado tantos limites — ela não estava disposta a ultrapassar mais nenhum. Em vez disso, apenas o observou enquanto ele contemplava o fogo, desejando poder melhorar as coisas. Seu cheiro havia mudado, ela percebeu. Leo costumava cheirar a brisa de verão. Agora, seu cheiro era mais pesado. Mais sombrio.

"Leo", ela sussurrou.

Ele não olhou para ela. "Meus convidados estão chegando", disse ele, com rigidez. "Te vejo lá embaixo."

“Leo, espere—”

Mas ele já tinha ido embora, deixando Tem sozinha mais uma vez. Ela lançou um último olhar ao redor do quarto de Leo antes de atravessar o corredor para o seu. Caspen estava sentado à escrivaninha quando ela entrou. Ele se levantou no instante em que ela abriu a porta.

"Tem", disse ele. Tinha uma expressão curiosa no rosto, como se tivesse acabado de perceber algo.

“Caspen.”

Uma pausa. "Acho que está começando. Devemos descer."

“Muito bem. Mostre o caminho.”

Ele não perguntou sobre a conversa dela com Evelyn. Tem não sabia o que ela teria lhe contado de qualquer forma. Em vez disso, eles desceram as escadas. Silêncio. O salão de baile estava repleto de rostos familiares — todos os membros da realeza que estiveram em seu casamento poucas semanas antes estavam ali novamente, para este. Alguns deles pareciam bastante cautelosos, especialmente perto de Caspen, e Tem não pôde deixar de se lembrar de que da última vez que estiveram ali, os basiliscos tentaram uma tomada hostil. Ela se perguntou se eles temiam que pudesse acontecer novamente.

A ausência de Maximus era notável. Tem não esperava vê-lo. Mesmo assim, achou significativo que o pai do noivo não comparecesse ao casamento do próprio filho. Até Lilly estava lá, apesar do que havia dito a Tem no banheiro com a pia dourada. Quando seus olhares se cruzaram do outro lado do cômodo, ela lançou a Tem um olhar cúmplice. Tem simplesmente desviou o olhar.

A escassez da aldeia não existia ali. Evelyn não estava brincando quando disse que não poupariam despesas. Grandes ramos de azevinho envolviam as colunas, emoldurando o salão de baile como trepadeiras. Mesa após mesa estava repleta de todos os tipos de comida imagináveis. Tem pensou no banquete estéril da lua cheia e lutou contra a vontade de vomitar.

Havia também outros detalhes notáveis.

Flores brancas. Exatamente como as que Tem havia colhido. A princípio, Tem pensou que pudesse ser uma coincidência. Mas então ela viu a harpista no canto — a mesma que havia tocado em seu casamento. Não havia dúvida em sua mente de que Evelyn havia perguntado às criadas o que Tem havia escolhido e, em seguida, escolhido o mesmo para si.

Tem começou a suar frio de repente. Ela não deveria estar ali. Era errado. Mas ela não podia ir embora. O próprio Caspen insistira que comparecessem. Se ela mostrasse suas cartas — se demonstrasse qualquer fraqueza ou emoção — Evelyn venceria.

Então ela ergueu a cabeça e entrou na multidão.

Caspen nunca saiu do lado dela. Apesar das circunstâncias, Tem sentiu uma onda repentina de gratidão por ele — por quão difícil era para ele estar ali. Todos os membros da realeza que cruzavam o seu caminho o olhavam com puro terror. Reconheceram sua altura, seus olhos dourados. Sabiam que ele era um basilisco e que havia treinado Tem. Afinal, ele era o Rei Serpente. Muitos deles estiveram no casamento da mãe de Leo, e Caspen também a treinou. Sua influência era imensa. Seu legado não era a única presença dos basiliscos ali. Tem via ouro por toda parte — nas veias das colunas de mármore, no rejunte entre os azulejos. O povo de Caspen foi torturado ali. O povo *dela* foi torturado ali. E Evelyn queria trazer tudo de volta.

Eles percorreram a sala, quase sem falar com ninguém. Finalmente, ela viu um rosto familiar:

“ *Aqui* está você, meu bem.” Gabriel se aproximou deles rapidamente, envolvendo Tem em seus braços. “Como estamos esta noite?”

“Poderia ser melhor.”

“Que bom que estou aqui para te animar.” Ele se aproximou e abraçou Caspen, que o recebeu com uma expressão divertida. “Eu sei onde guardam as bebidas boas.” Ele brandiu dois copos de uísque.

Tem pegou os dois, virando-os um após o outro.

Gabriel ergueu uma sobrancelha. "Vamos comemorar hoje à noite?"

Como Tem não respondeu, ele se voltou para Caspen.

"Ouvi falar da doninha", disse ele, com uma voz incomumente séria. "Sinto muito."

Caspen balançou a cabeça. "Você não tem nada pelo que se desculpar. Não foi você quem fez isso."

“Eu sei. Mas tentei te avisar e não consegui.”

"O quê?" perguntou Tem. Isso era novidade para ela.

"Vera estava no Cavaleiro se gabando disso pouco antes de acontecer. Quando perguntei de onde ela tinha tirado a ideia, ela disse que estava

apenas seguindo ordens. Corri para as cavernas, mas eles já tinham enviado alguém com a doninha."

Tem e Caspen olharam para ele, atônitos.

“ *Pedidos?* ” disse Tem. “De quem Vera está recebendo pedidos?”

Naquele exato momento, o som de vidro tilintando encheu a sala.

"Gostaria de fazer um brinde", disse Leo. Ele estava ao lado de Evelyn, que se agarrava firmemente ao seu braço.

Tem se virou para Caspen. *Não precisamos ficar. Isso vai ser chato. E provavelmente horrível.*

A mão de Caspen deslizou ao redor da cintura dela, como se quisesse mantê-la no lugar. *Nós ficaremos.*

Eles observaram a multidão se dispersar ao redor de Leo e Evelyn, dando-lhes espaço para conversar. Leo ergueu seu copo.

“Gostaria de aproveitar este momento para agradecer a todos por terem voltado tão cedo.”

Um leve murmúrio de risos. Tem havia se esquecido de como Leo era bom em desarmar as pessoas com suas palavras. Ele esperou até que a multidão se aquietasse antes de continuar.

“Para alguns, o caminho para o amor é simples”, começou ele. “Para outros, não é tão fácil.” Ele fez uma pausa, virando-se para Evelyn. “Você foi meu primeiro amor, e eu fui o seu. Nossos caminhos podem ter se separado, mas encontramos o caminho de volta um para o outro.”

Foi um discurso estranho — notavelmente diferente da maneira poética como ele costumava falar. Ele não estava realmente *dizendo* nada. Leo parecia estar listando uma série de fatos, nem positivos nem negativos. Era verdade que ele e Evelyn tinham sido o primeiro amor um do outro. Era verdade que eles tinham se afastado e depois voltado a ficar juntos. Mas o que Leo se esqueceu de dizer foi como tudo isso o fazia *sentir.*

Ele olhou diretamente nos olhos de Tem ao proferir sua última frase: "De alguma forma, sempre encontro o caminho de volta para você."

Mais uma vez, foi apenas uma declaração. Mas foi o suficiente para a multidão; eles explodiram em aplausos, vibrando enquanto Leo dava um beijo em Evelyn. O estômago de Tem revirou com a cena.

Leo ergueu seu copo. "Ao seu caminho de volta."

A plateia ergueu seus copos. "Ao seu caminho de volta."

Tem bebeu os últimos goles de seus uísques. Era tudo o que ela podia fazer.

A celebração recomeçou e Gabriel desapareceu em direção às cozinhas. Tem e Caspen se viram perto de um grupo de membros da realeza que Tem reconheceu de seu próprio casamento. Eles estavam conversando com Evelyn e Leo.

“Estamos muito animados para começar uma família”, dizia Evelyn. “Não é verdade, querido?”

Leo tomou um longo gole de uísque. Como ele não respondeu, Evelyn continuou.

“Tudo aconteceu exatamente como deveria.”

"Com certeza", disse um dos membros da realeza. "A última era criadora de galinhas, não era?"

Já fazia muito tempo que aquela simples provocação não fazia Tem corar. Mas agora fez, e ela se virou para Caspen. "Podemos ir?"

Ele olhava para o homem com fúria nos olhos.

Tem colocou a mão no braço dele, segurando-o firme. "Por favor, Caspen. Eu só quero ir embora."

Mas o homem não havia terminado. "Parece que você fez um upgrade. Você não gostaria que seus filhos brincassem em cocô de galinha, gostaria?"

Imediatamente, Caspen abriu a boca para revidar. Mas Leo foi mais rápido.

“Cuidado com o que você fala da minha esposa . ”

Tem ficou boquiaberta, e não foi a única.

Evelyn encarou Leo com fúria desenfreada, os lábios formando uma linha tensa e implacável. Não havia nenhum traço de mágoa em seus olhos — apenas raiva. Ela o agarrou imediatamente, apertando seu braço com força.

“Vamos embora”, ela sibilou. “ *Agora.* ”

Leo não protestou. Seguiu Evelyn até o pátio, e ela bateu as portas duplas atrás deles. Eles ainda eram visíveis através dos vidros, e Tem percebeu que ela começava a gritar. Tem sabia que deveria se virar. Mas não conseguia. Ao seu lado, a mão de Caspen apertava sua cintura. Tem tentou acessar os pensamentos dele, mas estavam bloqueados. Ela não conseguia entender o porquê. Talvez ele estivesse sentindo raiva

naquele momento. Talvez não. Tudo o que ela sabia era como *se* sentia: completamente absorta pelo que acontecia diante dela. Ela estava assistindo ao relacionamento deles desmoronar. Podia vê-lo se desfazendo como um velho casaco de inverno. A expressão de Evelyn era de pura fúria e traição.

“Caspen”, ela sussurrou, tocando seu braço novamente, repetindo seu apelo anterior: “Podemos ir?”

Ele não disse uma palavra. Apenas colocou a mão sobre a dela e a conduziu para fora. o salão de baile. Tem meio que esperava que ele os levasse para fora, em uma carruagem, de volta às cavernas. Em vez disso, ele a guiou pelas escadas, sem parar até que estivessem de volta ao quarto. No instante em que a porta se fechou, ele a puxou para seus braços.

Tem se aconchegou contra o peito dele. Tudo o que ela queria era conforto. Tudo o que ela queria era ele.

Sua mente ainda estava fechada. Tem não sabia se fora acidental ou proposital, e estava com muito medo de perguntar. Em vez disso, falou em voz alta.

“Ele não quis dizer isso. Ele só…” Mas ela parou de falar.

Caspen foi o primeiro a quebrar o silêncio, completando a frase dela: "Ele te ama."

Ele disse isso baixinho. Não era uma revelação, apenas um fato. Tem não sabia como responder, então simplesmente não disse nada. Ela não tinha ideia de quanto tempo ficaram ali parados. Só se separaram quando bateram na porta.

Caspen abriu a caixa e revelou Leo. Ele parecia completamente debilitado. Tem nunca o tinha visto tão abatido.

"Posso..." Leo começou baixinho. Uma eternidade se passou enquanto seus olhos percorriam Caspen, Tem e depois voltavam para Caspen. "...falar com Tem?"

O mundo inteiro ficou em silêncio. Tem não conseguia ouvir nada além das batidas do próprio coração, que pulsavam como trovões em seu peito. Tem olhou para Caspen. Ela se preparou para o impacto.

Mas Caspen só olhava para Leo. Ele estudava o príncipe com atenção cuidadosa, claramente tirando alguma conclusão. Suas narinas se dilataram. Tem prendeu a respiração.

“Essa é uma pergunta para Tem”, disse Caspen. Então, ele deu um passo para o lado.

Os olhos de Leo encontraram os dela. "Tem", disse ele, ainda mais baixo desta vez. "Posso falar com você?"

Sua boca estava completamente seca. Ela precisou de quase todo o seu esforço apenas para acenar com a cabeça. Assim que o fez, Leo acenou de volta, virando-se e indo em direção ao seu quarto. Tem olhou para Caspen, que a observava atentamente.

"Você quer que eu vá?", ela sussurrou.

Será que ela estava imaginando coisas? Ou será que um sorriso surgiu nos lábios dele? "Quero que você decida por si mesma."

Tem foi embora. Pouco antes de chegar ao quarto de Leo, ela olhou por cima do ombro para ver Caspen uma última vez. Mas ele havia sumido.

Leo fechou a porta atrás dela. Tem não conseguia acreditar que estava de volta ao quarto de Leo pela segunda vez em menos de uma hora. Desta vez, foi Leo quem lhe ofereceu uma bebida, e desta vez era uísque. Ela se perguntou desesperadamente onde Evelyn teria ido parar. Estaria ela trancada em algum outro quarto, afogando as mágoas em champanhe caro? Não. Tem apostaria tudo o que tinha que Evelyn ainda estava lá embaixo socializando, mantendo as aparências, custasse o que custasse.

Leo ainda não tinha falado. No silêncio, Tem pensou em todas as coisas que desejava que ela tivesse dito. Ela queria correr até ele, abraçá-lo forte e beijá-lo com força. Era uma tortura não poder fazer isso.

"Você está linda, Tem", ele sussurrou. Ele não deveria estar dizendo isso. Não deveria estar dizendo a uma mulher que não era sua noiva que ela estava linda. Mas ele estava.

“Você também”, Tem sussurrou de volta.

Leo inclinou a cabeça. "É mesmo?"

“Sim. Meninos também podem ser bonitos.”

Ele sorriu. Será que se lembrava de quando ela lhe dissera aquilo na primeira vez que dormiram juntos? Será que sabia que ela ainda falava sério? Tem precisava quebrar o momento.

"Como você está se sentindo?"

Para sua surpresa, Leo riu. "Como estou me *sentindo* ?"

“Não sei mais o que perguntar.”

Leo foi até a fogueira. "Não sei como responder."

Tem se juntou a ele, e eles ficaram olhando para as chamas juntos.

"Sinto-me triste", sussurrou ele.

Tem se virou para ele. Seus olhos cinzentos brilhavam. "Por que você diria isso?"

Leo se aproximou. "Porque não consigo respirar quando olho para você. Porque dói"—ele pressionou as mãos contra o peito—"bem *aqui* ."

O peito de Tem sentia o mesmo. Sentia-se assim desde que ele descera do palco no casamento deles. Nada parecia bom desde então. Nada parecia *certo* . Havia memórias demais ali — lembranças demais do que ela e Leo tinham passado. Coisas demais que não lhe pertenciam mais.

Leo ainda estava falando:

"Eu penso em você o tempo todo, Tem. Não consigo parar. Nada me distrai, nada chama minha atenção. Você está sempre aí, no fundo da minha mente, me observando."

“Não estou assistindo—”

“Eu sei que você também sente isso. Sei que o que você fez no nosso casamento *nos tocou profundamente* .”

Tem olhou fixamente para ele.

“Eu tenho razão, não tenho?” Ele se aproximou ainda mais. Ela não se afastou. “Algo mudou. Somos diferentes de antes. Não é só que você pode me dar ordens. É algo mais — algo permanente. Sua magia de basilisco nos uniu, não é?”

Tem não confiava em si mesma para falar. Ela apenas conseguiu acenar com a cabeça.

"Eu *sabia* , porra!", Leo sibilou.

O mesmo aroma de antes a envolveu. Um cheiro terroso que ela não conseguia identificar.

“O que foi, Tem? O que você fez conosco?”

Essa pergunta era vasta demais para ser respondida. O que Tem tinha feito com eles? Ela os arruinou. Ela fez com que a vida de Leo estivesse em risco — então ele estava preso com uma mulher. que não o amasse

como Tem o amava. As condições do brasão eram claras: ele ligaria o portador a ela. Tem deveria ter imaginado que haveria alguma ressalva, alguma pegadinha terrível. Nada com os basiliscos era simples — certamente não a magia deles. Sempre havia complicações. Sempre um preço a pagar.

Ela tentou fazer a coisa certa. E falhou. "Sinto muito, Leo."

Ele fechou os olhos como se quisesse ignorá-la. "Não preciso de um pedido de desculpas."

"Então, do que você precisa?" Ela não deveria ter perguntado. Porque ela já sabia a resposta.

"Você."

Os fios da moralidade de Tem vinham se desfazendo há muito tempo. Agora, estavam se rompendo.

O corpo de Leo a chamava. Ela viu seu pulso pulsando no pescoço — o jeito como seus dedos se flexionavam em torno do copo de uísque, acentuando suas veias. Ela havia resistido a ele por tempo demais. Tem pensara que poderia encontrar uma solução para o problema deles, que se lhes desse tempo suficiente, conseguiria resolvê-lo. Mas agora, parada ali com o objeto de seu brasão, ela sabia que havia chegado ao seu limite.

Leo abriu os olhos. "Diga-me para não me casar com ela."

O tempo parou enquanto eles se encaravam.

Tem só queria dizer a ele para não se casar com Evelyn. Mas ela não ia. *Não podia.* Se dissesse a Leo para não se casar com Evelyn, o brasão o obrigaria a obedecer. Tem não aguentava mais tomar decisões por Leo — não aguentava mais tentar ditar o futuro dele. Quanto mais ela fazia isso, mais dor causava.

Tem balançou a cabeça. "A escolha de se casar com ela é sua, Leo. Eu te dei duas ordens, lembra?"

Ela se lembrava, mesmo que Leo não se lembrasse. Ela se lembrava das duas ordens que lhe dera no palco do casamento: *Quero que você encontre Evelyn. Quero que você escolha o seu futuro.*

"Eu te disse para encontrá-la", sussurrou Tem. "Qualquer coisa além disso era escolha sua."

Leo apenas balançou a cabeça. "Você me mandou embora, Tem. Traga-me de volta agora. Traga-me de volta para você."

Lágrimas começaram a se formar. Ela não conseguiu contê-las. "Eu não posso mais tomar decisões por você, Leo. Simplesmente não posso."

“Então me diga outra coisa, qualquer coisa, que torne mais fácil a minha escolha.”

Só havia uma coisa que Tem podia lhe dizer. As palavras saíram de sua boca antes que ela pudesse impedi-las: "Seu pai pagou a Evelyn para que ela o deixasse."

Leo congelou, com o uísque a meio caminho da boca. Por um longo momento, ficou simplesmente parado ali. Então, sussurrou: "O quê?"

“Não posso dizer para você não se casar com ela”, disse Tem. “Mas posso dizer que Maximus ofereceu dinheiro a ela, e ela aceitou. Foi por isso que ela foi embora, e é por isso que ela se manteve afastada.”

Leo ficou imóvel, atônito e em silêncio.

Tem não se atreveu a quebrá-lo.

Doía-lhe ver Leo sofrendo. Ela acabara de confirmar o que ele já sabia no fundo do coração, mas se recusava a acreditar. O coração de Tem se partiu por ele. Saber que sua parceira o havia deixado por dinheiro era uma verdade horrível e terrível. Ela queria consertar as coisas — remendar a ferida e estancar o sangramento.

“Pelo menos ela voltou”, sussurrou Tem.

“Ela não fez isso.”

“Claro que sim.”

Leo olhou para ela, seus olhos finalmente focando. "Ela não voltou por *mim* , Tem. Ela voltou por *isso.* " Ele abriu os braços, abrangendo todo o cômodo.

Tem entendeu o que ele queria dizer: que Evelyn só havia retornado quando ficou claro que ela estava voltando para o rei recém-coroado. Mal sabia ela o estado do reino e a extensão do derramamento de sangue. Ninguém poderia ter previsto isso.

“Ela quer que o derramamento de sangue continue. É tudo o que lhe importa.”

Tem abriu a boca, mas Leo não tinha terminado.

"Eu sabia." Ele balançou a cabeça. "Eu sabia há muito tempo — quando vi como ela reagiu depois que lhe contei que havia libertado os basiliscos."

“Como ela se comportou?”

Leo girou os ombros. "Ela disse que não conseguia entender por que eu as libertei. Disse que as cobras mereciam sangrar."

Tem foi tomado por descrença, seguida de perto por fúria.

Antes que ela pudesse responder, Leo continuou: "Ela disse que você também merecia."

Ele disse isso baixinho, como se não quisesse que ela ouvisse. Mas Tem jamais se esqueceria disso enquanto vivesse.

“Leo.” Tem colocou a mão no braço dele, com cuidado para não tocar em sua pele. “Você não pode simplesmente conversar com ela sobre isso?”

Ele soltou uma risada áspera. "Cansei de falar com ela." Seus olhos se voltaram para os dela. "E para você."

Tem ficou paralisada ao ouvir o tom dele. Ela sabia que ele estava com raiva de Evelyn. Mas, por extensão, ele também estava com raiva dela. Era culpa de Tem que Evelyn estivesse ali em primeiro lugar — era culpa de Tem que eles tivessem se reconciliado. Não importava que ela tivesse tentado fazer a coisa certa. Não importava que não fosse assim que ela imaginava que as coisas terminariam. A intenção era irrelevante.

Leo ainda respirava com dificuldade. Sua próxima palavra foi dita com os dentes cerrados: "Vá embora."

"O que?"

“Vá embora, Tem”, disse ele. “Volte para as cavernas.”

“Mas por quê? O que você vai fazer?”

“Vou fazer a minha escolha.”

Então ele se foi.

Capítulo Quarenta e Dois

Tem estava sozinha em seu quarto, encarando o fogo, sem saber o que fazer. Deveria descer e se juntar à comemoração? Deveria ficar ali e esperar? Leo voltaria depois de falar com Evelyn? Ou será que ele sequer falaria com ela? Talvez ele quisesse que Tem fosse embora para que ela não o visse se casar com Evelyn mesmo depois de descobrir a verdade. Talvez ele estivesse envergonhado. Tem não conseguia pensar direito. Mal conseguia respirar.

Vá embora. É o que você faz de melhor.

As mulheres na vida de Leo sempre o abandonavam. E depois voltavam e o abandonavam de novo. A última coisa que Tem queria era ir embora. Ia contra todos os seus instintos. Mas ela também queria respeitar a vontade dele. Se Leo estava pedindo para ela ir embora, ele tinha um bom motivo. E Tem nunca quisera ver esse casamento mesmo. Não havia razão para ficar.

Então Tem foi embora.

As cavernas estavam movimentadas quando ela retornou. Todos sob a montanha se preparavam para o funeral. Tem encontrou Caspen no lago, conversando com um membro do conselho. Ela não perguntou por que ele havia partido, e ele não perguntou por que ela havia retornado. Não importava. Tudo parecia insignificante comparado à perspectiva de dar o último adeus a quarenta e seis basiliscos. Tem sabia apenas que Caspen precisava de seu apoio, e ela estava feliz em oferecê-lo. Ela esteve ao seu lado enquanto ele fazia os preparativos para o funeral. Ela esteve ao seu lado enquanto ele conversava com cada membro da família de cada um dos basiliscos que haviam morrido. Ela esteve ao seu lado enquanto ele recolhia os corpos e os colocava em fila na margem do lago. As grutas ao redor estavam ricamente decoradas, as entradas adornadas com folhas. Era semelhante à decoração do castelo

para o casamento. Só que, neste evento, os mortos não encontrariam o caminho de volta.

Todos os basiliscos estavam presentes no funeral, tanto Sênecas quanto Drakons. Apenas Rowe e Eros não foram encontrados; eles haviam partido na noite seguinte ao torneio. Tem estava ao lado de Apolo, cuja mão encontrou a dela. Ela sabia que ele buscava conforto e, sem hesitar, entrelaçou seus dedos aos dele.

Sinto muito pela sua perda.

Obrigado.

Posso fazer algo por você?

Ele balançou a cabeça negativamente.

Tem certeza?

Não há nada a ser feito, Temperance. Nem por você, nem por ninguém.

As palavras dele a devastaram. Tudo o que Tem queria era consertar isso — voltar no tempo e fazer com que os últimos dias não tivessem acontecido.

Adelaide apareceu do outro lado dela. Sem pensar, Tem também estendeu a mão para ela.

Uma mão segurava a de Adelaide. A outra, a de Apolo. Tem sentia a dor deles tão intensamente quanto a sua própria. Era como um orgasmo coletivo, mas em vez de prazer, ela sentia uma tristeza pura e sem filtros. Era demais para uma pessoa só; se não estivesse ali, entre os basiliscos, teria desabado. Mas ali, cercada por seu povo, a dor era suportável. Afinal, os fardos são mais fáceis de carregar quando compartilhados. Havia beleza nisso — na capacidade coletiva de permanecer em comunidade, de acolher e ser acolhido. Ao seu lado, o aperto de Apolo se intensificou. Tem lhe enviou uma onda reconfortante de solidariedade. Não o suficiente para mudar o que ele estava sentindo — apenas o suficiente para que ele soubesse que não estava sozinho. Ele se virou para ela e pressionou os lábios contra sua têmpora.

A multidão silenciou quando Caspen se aproximou da fileira de corpos.

Ele se ajoelhou diante de cada um deles, riscando uma pederneira e acendendo as chamas. Quando todas estavam acesas, eles permaneceram ali por horas observando-as queimar, a fumaça subindo

até o pico da montanha. Ninguém disse uma única palavra. Havia apenas aquele momento — apenas o agora. Quando tudo finalmente terminou, os membros do conselho se aproximaram para distribuir as cinzas em urnas de mármore branco brilhante. Elas se misturaram à areia da margem, e talvez esse fosse o propósito. Tem já havia repousado naquela mesma margem antes e certamente repousaria novamente. Era parte de Kora, e, portanto, era parte deles. Lágrimas escorriam por suas faces enquanto, um a um, Caspen pegava cada urna, caminhava até a água e lançava os restos mortais de seu povo no lago.

Não houve cerimônia depois, nem qualquer tipo de discurso. Todos simplesmente se dispersaram, e Tem seguiu Caspen de volta aos seus aposentos em silêncio. Tem imaginou que eles ficariam perto da lareira conversando. Em vez disso, no instante em que a porta se fechou, Caspen a pegou no colo e a colocou na cama. Seus lábios estavam nos dela um momento depois.

Caspen?

O beijo dele se aprofundou, e suas mãos se entrelaçaram nos cabelos dela.

Caspen, preciso saber se você está bem.

E eu preciso te tocar.

Tem deixou que ele a tocasse. Ela deixou que ele a deitasse na cama, abrisse suas pernas e... Ele deslizou os dedos dentro dela. Fez isso com delicadeza. Intencionalmente. Tem sabia que ele estava se concentrando nisso em vez do que seu povo acabara de sofrer, e ela estava feliz em lhe proporcionar uma distração. Eventualmente, sua boca substituiu seus dedos. Ele era tão deliberado, tão altruisticamente gentil com ela. Suas mãos percorreram o corpo dela, buscando as dela. Tem as segurou com firmeza, usando-as para se ancorar, para mantê-lo perto. Sempre que ela estava perto do clímax, ele parava, erguendo a cabeça para beijar suas coxas até que ela gemesse seu nome. Então, ele retornava ao centro dela, penetrando mais fundo do que antes, mostrando a cada toque de sua língua o quanto precisava dela. Tem arqueou-se contra ele, ainda segurando suas mãos, ainda com as pernas abertas.

Naquele momento, Tem só conseguia pensar em Caspen, em como ele sempre cuidara dela, em como a protegia e protegia aqueles que ela amava. Ela pensou em como ele fora o primeiro a acreditar nela, o

primeiro a dizer que ela era extraordinária, o primeiro a incentivá-la a se tornar o que ele sabia que ela era capaz de ser. *Caspen* .

Ele foi o primeiro amor dela. E sempre seria.

Mesmo depois de ela ter chegado ao clímax, Caspen ainda a queria em sua língua. E quando finalmente terminou de saboreá-la, simplesmente a contemplou por um longo tempo, assim como fizera na primeira noite nas cavernas. Tem se lembrou de como ela se entregara a ele. Ela fez isso novamente agora, deixando-o ver o que havia dentro dela, deixando-o ver o que lhe pertencia. Quando ela ficou molhada demais para se conter, Caspen pegou seus dedos e os lambeu, um após o outro. Inclinou-se para a frente e beijou seu clitóris. Então, fez isso de novo. Repetidamente, assim como todo o conselho fizera, só que desta vez era apenas ele. Fez isso até ficar satisfeito — até que ela estivesse ardendo, desesperada e pingando. Então, ele a penetrou.

Eles gemeram em uníssono quando o pênis dele deslizou até a metade. Quando ele se retirou, Tem estendeu a mão para ele.

Até o fim. Preciso de você por inteiro.

Normalmente, ele a controlaria, diria para ela ter paciência. Em vez disso, fez o que ela pediu, penetrando-a completamente, dando-lhe exatamente o que ela queria. Esta noite, não havia joguinhos; nenhum dos dois exercia seu poder. Eles se deram prazer com ternura, como só eles sabiam. Foi amoroso, completo e real. Tem conhecia o corpo de Caspen melhor do que o próprio, e fez todas as coisas que ele mais gostava. Então, ele fez o mesmo. Fez o que sempre fazia — levou-a ao limite. Agora, eles se aproximavam em sincronia, seus corpos trabalhando em perfeita harmonia para chegar lá ao mesmo tempo.

Eles caíram juntos do precipício.

Depois, Tem observou o suor secando lentamente nos ombros de Caspen. Ela viu as saliências dos músculos sob a pele dele, lembrando-se de como se contraíam quando ele acariciava o pênis. Tem se aproximou mais.

O que você está fazendo, Tem?

Estou apenas olhando para você.

Caspen sorriu, ajustando sua posição na cama para que ela pudesse ter uma visão melhor. *E? O que você vê?*

Tem aproximou-se, inclinando a cabeça para estudar o rosto dele. Viu o queixo anguloso, a testa forte. Seus olhos pousaram em um único fio de cabelo grisalho na têmpora. Sempre estivera ali? Era recente? Tem o tocou delicadamente, deslizando o dedo ao longo da mecha. Estava tão perto que podia sentir o cheiro da pele dele — uma mistura tentadora de fumaça, suor e algo mais, algo não exatamente humano. Era quase como se pudesse sentir a magia nele.

Eu também consigo sentir isso em você.

Você pode?

Sim. Senti isso quando nos conhecemos.

Tem processou essa informação lentamente. Caspen nunca havia falado sobre aquela noite com ela. *Como você se sentiu quando me viu pela primeira vez?*

Sua boca se contraiu. *Excitado* .

Não era isso que eu queria dizer, e você sabe disso.

Ele suspirou, e o sorriso se desfez. *Senti-me surpresa. E intrigada. E... atraída por você de uma forma que eu não conseguia compreender. Havia algo ancestral em você.*

Antigo? O que você quer dizer?

Caspen deu de ombros. *Não consigo explicar. Foi apenas uma sensação.*

Tem não fazia ideia do que dizer. Ela tinha vinte anos; não havia nada de antigo nela. *Ele* é que era o antigo. Antes que ela pudesse fazer mais perguntas, Caspen fez a sua:

Como você se sentiu quando me viu pela primeira vez?

Excitado(a).

Isso lhe rendeu uma boa risada. Tem riu também e, pela primeira vez em dias, as coisas pareceram mais leves. Caspen se aproximou mais dela enquanto ela continuava.

Eu me senti... assustada. Mas também corajosa ao mesmo tempo.

A coragem muitas vezes anda de mãos dadas com o medo. Ninguém pode ser corajoso sem ter medo.

Tem supôs que isso fosse verdade. Ela nunca se considerara uma pessoa particularmente corajosa, mas isso mudou desde que conheceu

Caspen. Foi ele quem a incentivou a fazer mais — a se tornar quem ele acreditava que ela poderia ser.

Eu também fiquei com medo. A confissão dele foi tão baixa que Tem quase não ouviu.

Você fez isso? Por quê?

Caspen demorou bastante para responder, e quando o fez, as palavras saíram ainda mais baixas. *Porque eu sabia o que estava por vir.*

Foi tudo o que ele disse, e Tem não insistiu. Algo na maneira como ele disse... Isso a deixou preocupada, e ela não queria se sentir assim agora. No momento, tudo o que ela queria era se sentir feliz.

Sinto muito pelo casamento. Não deveríamos ter ido.

Caspen passou os dedos suavemente pela espinha dela. *Era a coisa certa a fazer.*

Nem sei se eles acabaram se casando. Leo... me mandou embora.

Seus dedos pararam. Tem esperava que ele dissesse algo, mas ele não disse nada.

Maximus pagou a Evelyn para que ela deixasse Leo. Achei que ele merecia saber a verdade.

Ainda sem resposta.

Você está com raiva de mim?

Não, Tem. Eu não sou.

Você está com raiva dele?

Silêncio.

Tem sabia, no fundo do seu coração, que não conseguiria mais nada dele esta noite. De qualquer forma, não se importava. Tudo o que lhe importava era sentir a pele dele contra a sua. Houve uma época, não muito distante, em que ela não conseguia adormecer nos braços do marido.

Mas agora ela podia fazer isso, então fez.

***

"Não irei esta noite", disse Caspen, com rigidez.

Estavam deitados na cama, entrelaçados, com o fogo crepitando ao lado. Era domingo à noite e não tinham saído da cama desde o funeral.

“Caspen.” Tem sentou-se. “Temos que ir.”

A mão dele encontrou o quadril dela, puxando-a para baixo. "Não quero ver o príncipe humano."

Então, eles voltaram a isso. Caspen só chamava Leo de "príncipe humano" quando precisava criar distância entre eles — quando o nome era humanizador demais. Era duplamente insultante, considerando que Leo agora era rei. E, no entanto, também era justificável. A doninha tinha ido longe demais, mesmo que Tem soubesse que não era culpa de Leo. Por que Caspen deveria perdoar o imperdoável?

“Caspen…” Mas Tem parou de falar.

“Já fizemos sacrifícios suficientes por ele.”

“Ele não autorizou o ataque, Caspen. Você acredita nisso, não é?”

Caspen não respondeu. Talvez essa tenha sido a resposta suficiente.

“Leo jamais aprovaria algo que pudesse me magoar.”

Era um argumento fraco. O derramamento de sangue a magoou, e ele havia aprovado isso. Além disso, eles já tinham superado isso há muito tempo. A doninha mudou tudo para Caspen. Muitas pessoas do seu povo morreram por causa dela. Os pecados de Leo estavam se acumulando demais, custando muito caro.

"O que será preciso para você perdoá-lo?", sussurrou Tem.

Caspen deu de ombros. Ela sabia que estava pedindo o impossível. Mas era verdade que Leo não havia autorizado o ataque. Ele ficou horrorizado quando descobriu o que tinha acontecido. No fundo, Tem tinha certeza de que Caspen sabia disso. Mas Caspen também estava com raiva.

“Eu nunca o perdoarei.”

O coração de Tem afundou. Ela não ficou surpresa e não ia discutir. Caspen tinha todo o direito de nunca mais falar com Leo.

“Mas eu também não vou retaliar.”

Uma onda de esperança a atingiu em cheio. "Sério?"

“Com uma condição.”

A esperança se despedaçou.

“Ele precisa me pedir desculpas pessoalmente.”

Tem assentiu com a cabeça. "Ele me disse que queria fazer isso. Venha jantar comigo e tenho certeza de que ele ficará feliz em—"

“Não. Eu não voltarei ao castelo. Ele precisa vir até mim.”

“Você quer que ele venha *aqui* ?”

"Sim."

“Ele pode se machucar. Ele pode *morrer* .”

“Isso não é da minha conta.”

Tem se lembrou de como Caspen havia sido inflexível em não permitir que Gabriel fosse para debaixo da montanha — como era perigoso demais para humanos. Aparentemente, essa cautela não se estendia a Leo. "Isso *deveria* ser problema seu."

Mas Caspen apenas desviou o olhar, imóvel como uma pedra. Tem não suportava vê-lo assim. Queria sacudi-lo, gritar *com* ele. Eles nunca conseguiriam resolver nada se ele continuasse agindo dessa forma. Mas Caspen já havia feito sua escolha.

“Ele me deve um pedido de desculpas. Ele pode vir aqui para fazê-lo.”

“Por que você se importa? A palavra dele não significa nada para você. Você mesmo disse isso.”

“Essas são as minhas condições, Tem. Ele não precisa aceitá-las.”

“Seus *termos* ?”

"Sim."

“E o que acontecerá se ele não cumprir suas exigências?”

Caspen não respondeu. Ele encarava o fogo resolutamente, com os olhos semicerrados. Qualquer resquício de ternura daquela semana havia desaparecido. Isso ia muito além de sua rivalidade com Leo ou das recentes mortes entre seu povo. A doninha havia aberto uma ferida. que vinha se agravando há séculos — uma ferida que um pedido de desculpas de Leo provavelmente não curaria. Tem temia que tivessem ultrapassado o ponto sem retorno. Ela temia que fosse tarde demais.

“Caspen”, ela sussurrou. “O que vai acontecer?”

Ele girou os ombros, finalmente olhando para ela. "Haverá consequências."

Foi tudo o que ele disse. Mas Tem sabia o significado por trás de suas palavras — sabia que qualquer concessão que tivesse feito a Leo no passado já não existia mais.

“Isso é um erro, Caspen”, disse Tem o mais calmamente possível. Ela sabia que não chegariam a lugar nenhum se perdesse a paciência. Essa

era uma conversa que ela precisava controlar.

“Já está decidido.”

“Não. Não é. Só você decidiu, e ainda pode mudar de ideia.”

“Não vou mudar de ideia.”

“Caspen.” Ela tocou no ombro dele. “Se o Leo vier para cá, ele pode se machucar. *Por favor,* pense nisso.”

“Não me interessa pensar em nada, Tem. Já tomei minha decisão.”

“Pense em mim.”

Um músculo em sua mandíbula se contraiu. Seria o suficiente? Adelaide certa vez lhe dissera que tinha mais influência sobre Caspen do que qualquer outra pessoa. Tem estava prestes a descobrir se isso era verdade.

"Pense em mim, Caspen", ela sussurrou, inclinando-se para mais perto. "Pense em como isso vai me afetar."

Ele se virou para ela. “Sua paixão pelo príncipe humano já dura tempo demais. Você deveria ter aprendido o seu lugar há muito tempo. É aqui, ao meu lado. Se você não entende isso agora, duvido que algum dia entenda.”

Um arrepio percorreu a espinha de Tem. Ela nunca o tinha ouvido falar daquele jeito — da maneira como homens poderosos e arrogantes falavam com mulheres.

“Se o meu lugar é ao seu lado, isso significa que somos iguais. E eu tenho voz ativa.”

Caspen balançou a cabeça. "Kora decidiu o seu lugar há muito tempo. Você acha que é coincidência ser um Híbrido? Acha que é mera sorte? Você nasceu para a grandeza, Tem. Não é seu destino se envolver com os humanos."

Por algum motivo, lágrimas brotaram em seus olhos. "Se você os odeia tanto, significa que odeia uma parte de mim."

"Eu jamais conseguiria odiar qualquer parte de você, Tem. Aparentemente, esse é o meu ponto fraco."

Suas palavras a feriram. "O que você está dizendo?"

“Estou dizendo que você é o amor da minha vida. Mas chega de mim ceder ao seu amor.” Dito isso, ele se levantou e saiu.

Tem encarava o fogo, atônita, desejando poder se jogar nas chamas. Foi um desastre que ela não conseguia compreender. As coisas tinham acabado de começar a se curar. E agora isso. Ela não podia deixar Leo vir para cá. Era impossível. Mas Tem conhecia Caspen bem o suficiente para saber quando sua paciência havia chegado ao limite. E agora ele havia ultrapassado esse limite. Não havia como argumentar com ele, não havia como convencê-lo a desistir. Isso ia além da simples raiva. Era para punir Leo e, por extensão, punir Tem. Se algo acontecesse com Leo, ela ficaria devastada. E Caspen sabia disso.

A noite caiu antes que ela estivesse pronta. Tem entrou sozinha na carruagem, tentando não encarar o assento vazio ao seu lado. Quando bateu na porta do castelo, um mordomo a cumprimentou, como sempre. Leo já a esperava na sala de jantar.

Ele estava sozinho.

A última vez que se viram, ele mandou-a embora. Não se falaram desde então; Tem não fazia ideia se ele se tinha casado com Evelyn ou se a tinha mandado embora. Ela estava demasiado ocupada com o funeral do basilisco para ter tempo de falar com Leo. Além disso, estava quase demasiado assustada para saber. Se não soubesse, significava que ainda havia esperança.

"Onde está Caspen?", perguntou Leo enquanto o mordomo começava a servir o jantar.

Tem pensou em mentir. Ela poderia dizer que Caspen não estava se sentindo bem ou que estava cansado. Mas isso não resolveria nada. "Ele não vem."

Leo ergueu uma sobrancelha. "Por que não?"

“Ele está com raiva.”

"No...?"

"Você."

Leo franziu a testa. Então, lentamente, disse: "Ele me responsabiliza pelo ataque da doninha."

Tem assentiu com a cabeça.

Leo suspirou. Ele parecia tão derrotado que Tem quase estendeu a mão para ele. "Você transmitiu meus pêsames?"

“Sim”, disse Tem. “Mas ele não os aceitou.”

“Não o culpo.”

As palavras saíram baixinho. Tem não esperava que Leo dissesse aquilo. Antes que ela pudesse reagir, ele continuou.

Você disse a ele que eu gostaria de me desculpar pessoalmente?

"Sim", ela repetiu, temendo o que viria a seguir. "E ele está disposto a ouvir."

“Ótimo.” Leo assentiu. “Fico feliz.”

E então aconteceu. Depois disso, não havia mais volta. "Mas ele não virá ao castelo."

Leo parou com o garfo a meio caminho da boca. "Entendo", disse ele lentamente. "Então talvez eu possa escrever-lhe um—"

“Ele quer que você vá até ele.”

Leo piscou. Largou o garfo. "Para ele?"

"Sim."

“Nas cavernas?”

"Sim."

Silêncio.

Leo já havia estado nas cavernas uma vez, pouco antes do casamento. Foi lá que ele e Caspen concordaram em compartilhá-la, onde ousaram trilhar um novo caminho juntos.

Mas isso foi há muito tempo. E ele nunca tinha *ido* às cavernas. Ir à caverna onde Tem foi treinado e ir para debaixo da montanha eram duas coisas completamente diferentes. Leo não tinha ido aonde os basiliscos estavam.

"Isso não é... perigoso?", perguntou Leo finalmente.

“Sim”, disse Tem, sinceramente. “Muito. Mas, caso contrário, ele não aceitará seu pedido de desculpas.”

Leo franziu a testa. Sua pergunta silenciosa pairava no ar. Tem sabia que ele estava se perguntando por que ela lhe faria essa pergunta, se o colocaria em perigo. A verdade era que Tem estava dividida. Nenhuma parte dela queria que Leo fosse às cavernas. Não era como Gabriel, que participava de bom grado. Leo iria contra a sua vontade, forçado sob o pretexto de se desculpar, com a esperança de fazer as pazes. Parecia que ele estava caindo em uma armadilha. E Tem não tinha certeza se não estava.

Mas se ele não fizesse isso, Caspen jamais perdoaria o ataque. E essa era uma consequência grande demais para suportar. Não havia opção fácil — nenhuma solução elegante para esse problema horrível. Tem sentiu uma onda de raiva de Caspen por tê-la colocado nessa situação. Não era justo. Aliás, nada nunca era.

“Você não precisa ir”, disse ela.

Leo ergueu uma sobrancelha. "Você acabou de dizer que, caso contrário, ele não aceitará meu pedido de desculpas."

“É verdade. Ele não vai.”

Leo franziu a testa. "Então eu preciso ir."

Tem sentiu uma onda de afeto por Leo. Mais uma vez, ele era uma pessoa melhor do que ela. Mais uma vez, ele estava sendo corajoso.

“Quando devo ir?”

Tem piscou. Ela estava tão concentrada em como convenceria Leo a ir que não havia pensado no que fazer se ele realmente concordasse. "Eu... não sei", disse ela. "Mas posso perguntar."

"Muito bem."

Seguiu-se uma pausa, e Tem levou apenas um instante para alcançar Caspen com a mente.

Leo concordou em se desculpar pessoalmente. Quando ele deve vir?

Caspen demorou a responder. Mas Tem já estava acostumada com isso; sabia esperar. Finalmente, ele respondeu.

Haverá uma reunião do conselho hoje à noite. Ele pode comparecer.

Tem tentou controlar sua expressão, mas era impossível. Caspen não só queria que Leo fosse às cavernas, como também esperava que ele comparecesse a uma *reunião do conselho* ? Isso era muito mais perigoso do que simplesmente encontrar Caspen a sós, o que já estava bem além da zona de conforto de Tem. Uma reunião do conselho significava que Leo estaria em desvantagem numérica contra os basiliscos mais poderosos sob a montanha.

Você está brincando?

Não sou. Ele deveria se desculpar com todos nós.

Caspen, você está sendo irracional.

Sua presença se tornava cada vez mais imponente. *Será que sou eu?*

A mente dele dominou a dela, e uma visão de corpos mortos passou diante de seus olhos. Tem viu a cena da perspectiva de Caspen enquanto ele se ajoelhava sobre eles, tocando sua pele fria. Ela sentiu a dor dele. A sensação era horrível; o coração de Caspen era uma ferida aberta e dolorida. Ele nutria uma raiva *imensa* por Leo — não apenas pelas mortes causadas pelo ataque da doninha, mas pela dor que a família de Leo infligiu à sua por gerações. As próximas palavras de Caspen a cortaram como uma facada:

Ele pode vir esta noite. Ou não virá de jeito nenhum. Ponto final.

Tem sentiu como se estivesse ficando cega de raiva — principalmente por causa de Caspen. Ela fechou os olhos e balançou a cabeça. *Tudo bem. Eu pergunto. Mas não sei se ele vai—*

Caspen cortou a conexão entre eles. Tem abriu os olhos com um suspiro.

“Tem? O que houve? O que ele disse?”

Tem olhou fixamente para o prato, tentando se situar. Caspen estava de mau humor, e a última coisa que Tem queria era que Leo se aproximasse dele enquanto ele agia daquela maneira. Mas ela não tinha escolha.

“Ele quer que você venha hoje à noite”, disse ela, olhando para ele. “Há uma reunião do conselho à qual você pode comparecer.”

“Uma reunião do conselho? O que acontece nessas reuniões?”

Não havia resposta razoável para essa pergunta, então Tem optou por ignorá-la. "Você virá?"

Leo não hesitou. "Sim", disse ele simplesmente.

Tem ficou impressionada com a rapidez da resposta. "Você não precisa consultar a Evelyn?"

Tem não deveria ter perguntado isso. Foi uma tentativa descarada de obter a resposta para a pergunta que ela estava louca para fazer a noite toda.

"Não", disse Leo, simplesmente.

Tem suspirou. Ainda sem clareza.

Leo parecia determinado — uma expressão que ela já vira nele antes. Ela sabia que ele queria consertar as coisas. Mas ele realmente não sabia no que estava se metendo. Sua única experiência nas cavernas tinha corrido relativamente bem, e desta vez seria diferente. Desta vez,

Caspen não estava enfraquecido pelos efeitos da crista. Leo estava. Desta vez, eles estariam cercados não por um, mas por vários basiliscos, em um lugar onde Leo estaria em grande desvantagem. Ele não teria armas contra eles, nenhuma defesa. Tem era sua única aliada, e mesmo ela tinha um pé em cada lado. A vida de Leo era sua responsabilidade. Era um fardo precioso, e um que ela não carregava levianamente. Nenhum mal lhe aconteceria sob a montanha. A própria Tem se machucaria antes de Leo. Ela o manteria vivo. Ela o manteria em segurança.

"Quando será a reunião?", perguntou Leo, interrompendo seus pensamentos.

“Mais tarde”, disse ela. “Podemos ir… depois do jantar.”

Nenhum dos dois havia comido. Passou-se mais um minuto antes que qualquer um deles falasse novamente.

“Você deve saber”, disse Leo. “Que não haverá mais derramamento de sangue. Não é mais necessário.”

“Como é que já não é mais—”

“Não há necessidade disso.”

“Mas como você vai pagar pelas coisas? Pela comida dos aldeões? De onde você vai tirar o ouro?”

Leo deu de ombros. "Farei o que você sugeriu. Conseguirei um empréstimo."

Tem olhou fixamente para ele. "Essa não foi uma sugestão séria, Leo. Você precisaria do maior empréstimo do mundo."

“Então vou tentar outra coisa.”

“O que mais existe?”

Leo deu de ombros. "Qualquer coisa. Venderei meus bens valiosos. Você tem ideia de quanto ouro há neste castelo?" Ele ergueu uma colher. "Isso poderia pagar a comida de um aldeão por um mês. Vai demorar bastante até acabar. E até lá, tenho certeza de que já terei encontrado uma forma de me sustentar."

“Leo… isso é…”

“Qualquer coisa é melhor do que te ver sangrar, Tem.”

Tem não podia discordar. "E o que Evelyn acha disso?" Ela sabia que estava pressionando-o — forçando-o a encarar o problema óbvio. Mas a vontade de saber estava lhe matando.

“A opinião dela não importa.”

Tem não podia mais esperar. "Leo", ela sussurrou, "onde ela está?"

Leo virou o resto do uísque. "Ela foi embora."

Um arrepio percorreu a espinha de Tem. "Leo, eu..." Mas não havia nada a dizer. Tem não estava arrependida de Evelyn ter ido embora. Era a melhor coisa que ela já tinha ouvido. Uma alegria pura e desimpedida a invadiu. "Sinto muito", disse ela, embora quisesse dizer algo diferente.

“Para quê, Tem?”

"Por ter te magoado. Eu não quero mais te magoar. Eu nunca quis te magoar, Leo. Mas é tudo o que eu faço."

Em silêncio, eles se observaram. Tem olhou para as olheiras dele, a palidez da pele, que parecia ainda mais pálida que o normal. A culpa a consumia. O efeito do brasão ainda estava ativo. Leo sentiria as consequências físicas até que fizessem sexo. Isso o desgastaria, assim como a desgastava. Mas pelo menos Leo não estava mais com Evelyn — pelo menos o primeiro passo para desfazer seu erro havia sido dado. Não era muito, mas era um começo.

Leo também a olhou. Sob o olhar dele, ela sentiu paz. Sob o olhar dele, ela floresceu. Eles já haviam passado por tantos jantares como aquele — noites horríveis com Evelyn bem ao lado deles, observando cada movimento. Mas agora estavam sozinhos e, pela primeira vez, Tem desejou que aquele jantar durasse para sempre. Tudo o que ela queria era olhar para Leo. Parecia que não o *via* há semanas.

"Desculpe", ela disse novamente.

“Você já disse isso, Tem.”

“Desta vez, peço desculpas por outra coisa.”

“Qual é...?”

“Que Evelyn tenha se tornado assim.” Tem lamentava muito mais. Mas isso bastava por enquanto.

Para sua surpresa, Leo balançou a cabeça negativamente. "Ela sempre foi assim."

Tem não respondeu.

Após um instante, Leo sussurrou: "Ela nunca me amou. Não como você me amou."

Tem olhou diretamente para ele. "Faça isso", ela sussurrou.

Ele olhou diretamente para ela. "O quê?"

“Ela nunca te amou como eu te amo.”

Era uma distinção importante. E era importante que Leo soubesse disso.

Tem não deveria estar dizendo isso, não deveria estar confessando seu amor por Leo agora nem em qualquer outro momento. Mas, considerando o que estava prestes a acontecer, parecia que ela precisava revelar tudo. De alguma forma, parecia que o momento da verdade finalmente havia chegado.

Eles não conversaram muito depois disso. Tem beliscava a comida — estava muito estressada para digerir qualquer coisa direito. Leo optou por um jantar líquido, virando dois copos de uísque preocupantemente grandes antes de simplesmente sentar e encarar a mesa. Ele parecia... Caspen parecia estar refletindo sobre algo, e Tem não tinha intenção de interrompê-lo. Apesar das circunstâncias, ele parecia relativamente decidido, o que poderia ser vantajoso para ambos. Tem não esperava que Caspen mantivesse a calma; ela contava com Leo para isso. A segurança dele dependia do sucesso daquele encontro. Se algo desse errado — se os basiliscos se ofendessem ou se o pedido de desculpas de Leo não fosse suficiente — seria um desastre para os dois reinos. Nenhum dos lados estava disposto a ceder e, como resultado, tudo poderia desmoronar.

Finalmente, para alívio de todos, o jantar terminou.

A viagem de carruagem foi silenciosa, o que não surpreendeu Tem; não havia mais nada a dizer mesmo. Ela ficou impressionada com a calma de Leo. Se os papéis estivessem invertidos, Tem não tinha certeza se teria se mantido tão calma. Leo não fazia ideia do que o aguardava naquela noite. E, para ser sincera, Tem também não.

Eles saíram juntos da carruagem, e Tem os conduziu até a entrada da caverna. Estava exatamente como sempre — escura, quente e iluminada pela lareira esculpida diretamente na pedra. O fogo ardia perpetuamente, e Tem se perguntou de repente se Caspen fazia isso de propósito, para que ela sempre se sentisse acolhida quando vinha ali.

Assim que entraram, Tem se virou para Leo. "Tire suas roupas."

"Perdão?"

“Você não vai precisar deles.”

“E por que eu não precisaria das minhas roupas?”

“Porque os basiliscos não usam roupas.”

Ele piscou. "Você está dizendo que todo mundo está... *nu* ?"

“É exatamente isso que estou dizendo.”

Leo olhou para ela sem expressão. "Tem", disse ele. "Não posso entrar lá nu."

Ela quase riu ao perceber como a reação dele era diferente da de Gabriel. Nem todos estavam tão dispostos a ficar nus. "Por que não?"

“Porque é... absurdo. E impróprio.”

“ *Impróprio?* ”

"Você realmente espera que eu faça as pazes com os basiliscos sem roupa nenhuma?"

"Sim."

“Tem. Por favor, seja sério.”

“ *Estou* falando sério.”

Leo a encarava como se ela tivesse acabado de lhe pedir para recitar um poema curto. Talvez isso fosse menos ridículo do que o que ela realmente havia pedido. Leo não fazia ideia das tradições dos basiliscos. Tudo o que estava prestes a acontecer naquela noite seria uma surpresa, e Tem não tinha tempo para prepará-lo para isso.

“Você está perdendo tempo. Todos os outros estarão nus. Seria desrespeitoso se você fosse o único vestido.”

“Então agora é um *insulto* se eu não estiver nu?”

"É sim."

“ *Kora* .”

"Você poderia tirar isso logo?" Ela puxou a perna da calça dele. "Não temos a noite toda."

Leo passou os dedos pelos cabelos antes de soltar um suspiro pesado. "Você também vai ficar nu?"

"Sim."

Ele pareceu se animar com isso. "Muito bem."

"Sério? *Agora* você está pronto?"

"Eu não passo de um homem, Tem", ele disse com um sorriso irônico.

Sim, ele era.

Leo se despiu primeiro, e Tem observou cada segundo. Ela não o via nu desde a noite anterior ao casamento, e não podia fingir que não sentira falta do seu pênis. Estava tão ereto e firme como sempre, e quase completamente duro. Tem não se preocupou em conter o rubor que lhe subiu às bochechas ao vê-lo. Assim que Leo ficou nu, virou-se para ela, expectante.

Houve uma pausa de silêncio enquanto se encaravam. Então Tem desamarrou lentamente os laços do vestido. Ela não tinha a intenção de se exibir para Leo, mas estava se transformando em um. Despir-se na frente de Leo era um prazer — um presente do qual Tem fora roubada desde o casamento. Ela não pensava que teria a chance de fazer isso de novo para ele. Só havia ficado nua para ele uma vez desde então — na biblioteca, com o abridor de cartas. Mas aquilo fora febril e apressado. Desesperado. Agora, ela se movia lentamente, deixando-o ver cada centímetro do seu corpo. Não usava roupa íntima — não havia necessidade dela sob a montanha, e ela não tinha nenhuma agora. Tem sustentou o olhar dele enquanto deixava o vestido cair no chão. Não havia onde se esconder — era impossível não notar a respiração presa entre os dentes de Leo no instante em que ela ficou completamente nua diante dele.

“Tem…”

“Leo”, ela avisou. “Não diga uma palavra.”

“E por que não?”

“Porque eu não quero ouvir isso.”

"Ouvir o quê? O quanto eu quero te foder?"

“ *Leão.* ”

“Eu sou um *homem* , Tem. E você está nua. Não pode esperar que eu não olhe.”

Parecia que estávamos revivendo aquela conversa com Apolo. Ele também não conseguia desviar o olhar. "Preciso que você se controle, Leo."

“Eu estava me mantendo firme até você tirar a roupa.”

“Eu tive que fazer isso. É de praxe.”

“Algum costume.”

"Leo", ela disse novamente. Eles se encararam, a luz bruxuleante da fogueira sendo a única coisa que os separava.

“Tem.”

Era uma agonia estar tão perto de Leo e não poder beijá-lo. Tem estudou os ângulos do rosto dele. Eles tinham ficado mais definidos ultimamente — provavelmente um efeito da crista. Ou talvez ele estivesse apenas envelhecendo e o peso da responsabilidade o estivesse deixando magro.

Ainda assim. Este era Leo.

O corpo dele lhe era familiar — um corpo que ela já vira nu antes e que não achava que veria nu novamente. Tem se lembrava exatamente de como ele se sentia dentro dela, de como ele ficava excitado quando ela o montava.

"Fique quieta" , Leo dissera na primeira vez que dormiram juntos. " *Quero olhar para você."*

Tem se lembrava de como era ficar imóvel sobre o pênis dele, sentada ali, observando-o olhá-la. Agora, frente a frente, ela sabia que ele também devia se lembrar. Será que ele pensava nela à noite, depois que Evelyn adormecia? O corpo dela era um lar para ele, como o dele era para ela? Ou ele preferia o de Evelyn? Tem não conseguia imaginar que houvesse qualquer comparação. Evelyn jamais conheceria Leo como ela o conhecia — jamais entenderia o que o excitava da maneira como Tem entendia.

Leo também a estudou.

O olhar dele percorreu os olhos dela, o pescoço e os seios, demorando-se ali por muito mais tempo do que o aceitável. Tem não o impediu. Ela queria que ele olhasse. O olhar de Leo desceu para a cintura dela, depois para os quadris e, por fim, para o centro do seu corpo. Tem sabia que ele queria tocá-la. Ela queria deixá-lo fazer isso.

Seus lábios se entreabriram. Ele os lambeu.

Tem estava molhada. Se fosse Caspen diante dela, ele já teria percebido — até mesmo sentido o cheiro. Mas Leo era humano e só podia imaginar como o corpo dela reagia ao seu olhar — apenas fantasiar que ela pudesse estar tão excitada quanto ele.

E ele ficou excitado.

O pênis dele estava mais duro do que ela jamais vira. Tem só queria tocá-lo, acariciá-lo, ajoelhar-se e prová-lo. Ela se lembrou da carruagem, quando lhe dissera que ele não podia transar com ela. Agora, lamentava

o fato de ter tido a oportunidade de estar com ele e não tê-la aproveitado. Que privilégio fora tocá-lo livremente — que agonia era não poder mais fazê-lo. A única coisa que ela queria era pressionar os lábios contra os dele, deslizar a boca pelo corpo dele até sentir o gosto do seu pênis. Era tudo o que Leo também queria. Tem pressentiu; seu lado basilisco estava bem desperto, buscando-o na escuridão. Não havia nada que ela desejasse mais do que *sexo.*

Mas eles não podiam fazer sexo. Não eram mais amantes; não estavam mais juntos. Eram apenas duas pessoas que se desejavam tanto que chegava a doer.

Leo envolveu o pênis na palma da mão, segurando-o como se isso pudesse impedir que algo acontecesse entre eles.

"E então?", perguntou ele. "E agora?"

“Agora vamos corrigir isso.”

Tem caminhava pelos corredores com Leo logo atrás. Ela tentava não se concentrar na proximidade dele, mas era impossível. Em vez disso, concentrou-se no que estava por vir. Era imprescindível que a reunião corresse bem. Muitas vidas estavam em jogo se desse errado — não apenas a de Leo, mas também a dos aldeões. Tem sabia que Caspen tinha o poder de declarar guerra aberta. Mas talvez, como uma Híbrida, ela tivesse o poder de impedi-la. Se eles iriam se enfrentar, Tem precisava garantir a vitória.

Ao chegarem às portas da sala de reuniões do conselho, Leo hesitou. "Tem, espere."

Ela esperou.

Ele levou um bom tempo para formular as palavras, e quando as pronunciou, foram um sussurro. "Não posso morrer esta noite."

"Você não vai", Tem sussurrou de volta. "Não vou deixar nada acontecer com você. Eu prometo."

Leo olhou para ela, o momento se tornando eletrizante. Por alguma razão inexplicável, ele sorriu. Não tentou beijá-la; não a puxou para mais perto. Simplesmente assentiu, resignado ao seu destino.

Eles entraram juntos na reunião do conselho.

Capítulo Quarenta e Três

Era exatamente como Tem se lembrava: a longa mesa de mármore, as cadeiras de pedra ao redor.

Caspen estava sentado na cabeceira da mesa, o rosto tão duro quanto a pedra ao seu redor. Todos estavam nus, mas desta vez, uma frieza pairava no ar da qual Tem não conseguia escapar — penetrava sua pele como gelo, e ela se viu tremendo.

A presença deles era claramente inédita; Tem não fazia ideia se algum humano além dela já havia participado de uma reunião do conselho. Mas Tem era uma Híbrida, então, de alguma forma, ela pertencia àquele lugar. Leo, por outro lado, estava completamente deslocado. Apesar disso, ele se impôs. Tem ficou impressionada com a maneira como ele se portava: alto, como um rei deveria. Seus ombros estavam erguidos, seu queixo imponente. Ele não parecia assustado — apenas cauteloso. E Tem compreendeu, mais do que nunca, o quanto a vida dele estava em suas mãos. Ela não o colocaria em perigo — não permitiria que nenhum mal acontecesse ao rei humano.

Ao se aproximarem da mesa, a mulher mais próxima deles olhou para Leo.

"Nunca estive com um humano", disse ela pensativa, com o olhar percorrendo o corpo dele como se ele fosse sua próxima refeição.

"E você não vai começar agora", disparou Tem, colocando-se possessivamente na frente de Leo.

A mulher riu baixinho. "Por que você se importa? Você é casada com o Rei Serpente. Você já tem um companheiro."

“Ele é minha responsabilidade”, disse Tem. “E eu o protegerei.”

“Você também vai transar com ele? Ou só nós podemos fazer isso?”

Tem resistiu à vontade de arrancar a cabeça dos ombros.

"O pênis dele é duro como o de uma serpente?", continuou a mulher, com os olhos percorrendo o espaço entre as pernas dele. "Ou é frágil, como o resto dele?"

“Chega”, disse Caspen.

A mulher silenciou imediatamente, e todos se viraram para encará-lo. Da última vez, Tem havia se sentado com ele na cabeceira da mesa, compartilhando o lugar. Desta vez, sem saber para onde ir, permaneceu de pé ao lado de Leo. Ele era uma luz naquela sala escura, e ela saboreava o corpo dele junto ao seu.

Diga a ele que ele pode falar.

A voz de Caspen era seca. Tem não tinha percebido que ele nem sequer se dirigiria diretamente a Leo. Era ridículo, mas também era um direito dele.

Tem se aproximou mais de Leo. "Ele disse que você consegue falar."

Leo ergueu as sobrancelhas. Tem duvidava que esperasse que as coisas começassem tão abruptamente. Ela também não.

"Venho apresentar-lhe as minhas mais sinceras condolências", começou ele. "Lamento profundamente a sua perda."

Tem percebeu que estava prendendo a respiração. Se alguma vez houve um momento em que as palavras de Leo pudessem surtir efeito, era agora. Mas Caspen estava inabalável. Ele não olhou para Leo, mas para Tem, e ela sustentou o olhar dele, apesar da raiva em seus olhos. Aquilo era tanto um pedido de desculpas dela quanto de Leo. Tem fora quem unira os dois reinos — foram suas palavras e suas ações que criaram o problema em que se encontravam agora.

Como Caspen não respondeu, Leo continuou, com palavras firmes e verdadeiras.

“Sei que você não tem uma boa opinião de mim. E não posso dizer que a culpo. Mas você precisa saber que eu nunca quis isso e não ordenei o ataque ao seu povo. Essa é a última coisa que eu faria.” Seu olhar se voltou para Tem, e ela soube que ele estava pensando em quanto a amava. “Entendo que seu povo sofreu nas mãos da minha família. É a minha maior vergonha carregar esse legado. Eu só quero paz, e é por isso que aboli o derramamento de sangue.”

Leo fez uma pausa, olhando para Tem em busca de orientação.

"Isso foi perfeito", ela sussurrou. "Você pode parar agora."

Leo ficou em silêncio.

Ela tinha falado sério; Leo tinha se saído bem. Basiliscos apreciavam a franqueza, e o discurso de Leo não poderia ter sido mais sincero. Tem sabia que ele falava sério. Ela só se perguntava se Caspen também sabia. Ela se dirigiu a ele com a mente. *Ele está sendo honesto. Você o perdoará?*

Os olhos de Caspen ainda estavam fixos nela. *Você me perdoará se eu não o fizer?*

Tem refletiu sobre a pergunta dele. Será que ela conseguiria, no fim das contas, perdoar Caspen se ele nunca perdoasse Leo? Tem entendia o quão difícil isso era para Caspen. Grande parte da dor dos basiliscos vinha da família real — aquilo já durava muito tempo, e as feridas eram profundas demais. Tem era parte basilisco, então sentia a mesma dor.

Mas ela também era parcialmente humana.

Ela conhecia seu lado humano há mais tempo, e esse lado dela via o bem em Leo e nos humanos em geral. Se Caspen escolhesse não perdoá-lo — ou pior, puni-lo — Tem duvidava que algum dia o perdoaria. Ela ainda estava assimilando o fato de Caspen ter exigido isso de Leo. Não podia culpá-lo, dadas as circunstâncias. Mas ainda assim parecia uma traição. Só havia uma resposta para a pergunta de Caspen. Mas antes que ela... Caspen olhou para Leo e disparou: "Você diz que aboliu o derramamento de sangue. Mas depois o trouxe de volta."

Tem não sabia se era melhor ou pior estar se dirigindo diretamente a Leo naquele momento.

"Eu nunca quis trazer isso de volta", disse Leo. "E assim que o fizemos, eu o interrompi novamente."

“E o que vocês farão em vez disso? Seu povo esperará um substituto. Se não o receberem, meu povo continuará a resistir aos ataques.”

“Vou pedir um empréstimo”, disse Leo. “E se não conseguir, venderei meus bens. Não preciso acumular riquezas. Gerações da minha família colecionam ouro há muito tempo. Tenho mais do que jamais precisarei.”

Tem olhou cautelosamente ao redor da mesa. Para sua surpresa, os basiliscos pareceram gostar daquela resposta. Eles respeitavam alguém que estava disposto a se desfazer de seus pertences, pois não possuíam muitos bens. Acumular não era algo que os basiliscos praticavam — era

uma característica tipicamente humana ter mais do que o necessário e ainda assim achar que precisava de mais.

Mas Caspen não se convenceu tão facilmente. "E quando seus bens acabarem? O que acontece então?"

Leo suspirou. "Não sei. Mas estou disposto a ter muitas outras conversas para chegarmos a uma solução aceitável para ambos, se você estiver disposta."

Mais uma vez, uma resposta que eles gostaram. Um murmúrio de aprovação percorreu a mesa, até mesmo da mulher que ainda olhava para Leo como se quisesse pular em cima dele ali mesmo.

“E você acha que os moradores da vila vão tolerar uma solução dessas?”

“Os aldeões não se importam de onde vem o seu ouro. Eles só se importam em ter comida no prato.”

Como ex-morador da vila, Tem sabia que isso certamente era verdade.

“Mesmo assim”, disse Caspen, em voz baixa. “Eles estão com raiva. E descontam em nós.”

Leo franziu os lábios. Ele já havia se desculpado; não havia mais nada que pudesse fazer. Em vez de preencher o silêncio com palavras, deixou que ele se instalasse, permitindo que Caspen ditasse o rumo da conversa.

Tem esperou, ainda prendendo a respiração.

O próximo basilisco a falar foi um homem do lado Seneca da mesa. "Os aldeões não são os únicos que estão com raiva", disse ele.

Todos se viraram para olhá-lo.

“O resultado do torneio foi inaceitável para os Senecas.”

Caspen zombou. “O resultado do torneio é sancionado por Kora. Você não pode contestá-lo."

“Eu não disse que contestamos isso. Apenas que é insatisfatório. Ela”—ele apontou o dedo para Tem—“nos pertence.”

Não de novo. O objetivo do torneio era justamente resolver essa disputa sobre o aljava de uma vez por todas.

"Você ousa questionar minha autoridade?", disse Caspen.

“Questionamos a autoridade *dos Drakon* . E não somos os únicos. Se os ataques continuarem, por que deveríamos confiar em vocês para lidar com eles?”

Caspen parecia zangado. Isso não era novidade. Mas algo mais estava claramente presente em seu rosto: contenção. Ele se remexia na cadeira, cerrando os punhos como se quisesse dizer algo, mas não conseguisse. Tem estendeu a mão para ele com a mente:

Caspen? O que é isso?

Eles estão falando de rebelião.

Eu pensava que a maioria dos Senecas tinha voltado para o mar. Será que ainda restam muitos para se rebelarem?

Eles foram para o mar seguir Rowe. Desde então, ele semeia a discórdia. Quando o resultado do torneio não lhe foi favorável, isso só o deixou mais furioso.

Como você sabe disso?

Eu mesmo vi.

Quando?

Ele não respondeu.

Tem refletiu sobre o período após o torneio, quando Caspen esteve ausente por dias. Quando ela lhe perguntou onde ele estava, tudo o que ele disse foi que estava com Apolo. Seria essa a resposta verdadeira? Que ele estivera no mar, que vira os sinais da rebelião com seus próprios olhos?

Mas o que isso significa, Caspen?

Significa que Rowe se tornou mais poderoso desde o torneio.

Sem pensar, o olhar de Tem recaiu sobre o pescoço de Caspen. A marca da mordida não sangrava, mas estava vermelha e inflamada, como se estivesse prestes a sangrar.

Ele planeja usar esse poder para me destronar.

Você quer dizer que ele planeja usar o seu *poder?*

Caspen não respondeu. Ambos sabiam as implicações da mordida — como Rowe poderia sugar de Caspen até não sobrar nada para sugar.

O homem Seneca ainda aguardava sua resposta.

Finalmente, Caspen disse: "Vocês acabaram de ouvir o rei dos humanos. Os aldeões serão alimentados; não haverá mais ataques."

O homem se levantou. "Isso não é suficiente."

Caspen também se levantou. "Você tem a minha palavra. *Isso* basta."

Os demais membros do conselho também se levantaram. Imediatamente, Tem se aproximou de Leo.

“Talvez sua palavra já não tenha peso, Caspenon. Talvez tenha chegado a hora de você se afastar.”

"Dê *licença* ?" Caspen zombou. "E quem você quer que tome o meu lugar? Rowe? Ele é uma vergonha. Usou derramamento de sangue para se fortalecer. Isso é contra as nossas leis. Ele não pode ser recompensado por isso."

“Talvez nossas leis estejam ultrapassadas. Rowe é um visionário. Ele enxerga um novo caminho para o poder.”

As palavras de Caspen voltaram à mente de Tem de repente: *A realeza faz as suas próprias regras.* E, aparentemente, os Senecas também.

“Esse caminho está errado”, disse Caspen, em voz baixa. “Nós nos corrompemos se permitirmos.”

Os basiliscos determinavam sua posição na hierarquia social pela sua proeza sexual. Era assim que decidiam quem ascenderia, quem governaria. Se Rowe tivesse descoberto uma maneira de burlar isso — usando seu próprio sangue para obter poder e tomar o de Caspen — toda a sociedade estaria em risco. Isso mudaria completamente a forma como os basiliscos viviam. Qualquer um, não importando quem fosse, poderia lutar pelo trono. Não haveria ordem, nem processo. Seria o caos.

Os Senecas que permaneceram deveriam ser leais, obedecer às ordens. Mas os basiliscos à sua frente estavam longe de ser submissos. Tem sabia, sem sombra de dúvida, que a reunião havia saído do controle. Seu olhar encontrou o de Leo. Ela desejou poder alcançar seus pensamentos.

“Os Drakons já governaram por tempo suficiente”, disse o homem. “É hora de mudança.”

Caspen abriu a boca para responder. Mas suas palavras foram interrompidas pelo *estalo mais alto* que Tem já ouvira. Todos na sala olharam para cima ao mesmo tempo e viram uma enorme fissura abrir

no teto. Surgiu outra *rachadura* , e a fenda se dividiu ainda mais, fraturando-se em um raio. Rochas começaram a cair.

Leo imediatamente envolveu a cintura de Tem com os braços, puxando-a bruscamente para longe dos estragos. Ao redor deles, os membros do conselho estavam em caos, alguns fugindo da sala enquanto outros se encolhiam em seus assentos, com as mãos sobre a cabeça. Em meio a tudo isso, os olhos de Caspen encontraram os dela.

Começou.

O que começou?

Mas Caspen já estava em movimento, tão rápido que Tem não teve tempo de piscar antes que ele a encurralasse, junto com Leo, no corredor. No instante em que se afastaram da sala do conselho, ele se virou para Tem.

“Vocês precisam dormir juntos. Agora.”

Leo piscou. "Como é?"

Caspen o ignorou, olhando apenas para Tem. "Você precisa consumar o brasão. E rápido."

Tem olhou para ele boquiaberta. "Do que você está *falando* ? Nós não podemos..." apenas-"

“Você pode. Vá para nossos aposentos e durmam juntos. Faça isso agora.”

“Você sabe que eu não posso.” Ela olhou desesperadamente para Leo, que claramente não fazia ideia do que estava acontecendo. “Se fizermos isso, você vai—”

“Você precisa, Tem. Agora mesmo. Não há tempo a perder. Eu não imaginava que os Senecas atacariam tão cedo.”

Apesar da urgência do momento, Tem fez uma pausa. "Você não pensou? Então você sabia que isso ia acontecer?"

“Sim. Mas eu não sabia quando.”

“Como você pôde me deixar trazê-lo aqui?” Tem engasgou. “Se você sabia que isso poderia acontecer, então sabia o quão perigoso seria para —”

“Eu não achei que eles fossem atacar hoje à noite, Tem. Mas vão. E se vocês não dormirem juntos, não poderão fazer a transição. Você não estará segura se as coisas piorarem.”

A ficha caiu. "Espere", exclamou Tem, "você está dizendo que o trouxe aqui *de propósito* ? Para *isso* ?"

Foi Caspen quem insistiu para que Leo se desculpasse pessoalmente. Ele forçou Tem a mão, exigindo que Leo descesse até debaixo da montanha, mesmo sabendo que era extremamente perigoso para ele. Ele não queria um pedido de desculpas; palavras não significavam nada para ele. Ele precisava que eles dormissem juntos. E logo.

Outro *estalo* soou acima deles. Poeira encheu a passagem.

“Tem.” Caspen colocou as mãos nos ombros dela. “Não há tempo a perder. Os Senecas estão aqui, o que significa que Rowe também está. Ele virá atrás de você. Não quero que ele se aproxime de você quando estiver vulnerável.”

“Como assim ele vai—”

“Você não estará segura se não fizer a transição”, disse Caspen para ela. “E você não pode fazer isso até dormir com ele.”

Ela balançou a cabeça. Não era tão simples. Havia outro lado da moeda, outra pegadinha. "Caspen", disse ela com a maior firmeza que conseguiu. "Se eu dormir com ele, você terá que me matar."

" *O quê?* " exclamou Leo.

No caos do momento, Tem quase se esqueceu de que estava ouvindo. Toda aquela conversa seria incompreensível para ele — não havia esperança de explicá-la nessas circunstâncias.

"Eu jamais conseguiria te matar, Tem", disse Caspen, ignorando o desabafo de Leo.

"Espero *que* não", respondeu Leo, irritado.

Tem balançou a cabeça. "Você não terá escolha."

Em resposta, Caspen aproximou-se. Ele segurou o rosto dela entre as mãos, olhando-a profundamente. os olhos dela. "Tem", disse ele baixinho. "Você não consegue sentir o cheiro?"

Ela franziu a testa. "Cheirar o quê?"

“A decadência.”

Sua expressão de preocupação se intensificou. Então, lágrimas encheram seus olhos.

Porque ela *conseguia* sentir o cheiro. O aroma de Leo não era mais o de campos de verão e charutos. Agora era o mesmo cheiro que Apolo a

ensinara a identificar. Tem sabia disso sem sombra de dúvida. A morte estava à porta de Leo.

As lágrimas ameaçavam cair.

“Não pode ser”, disse ela, impotente. “Não agora. Ele precisa de mais tempo. Ele precisa—”

“Notei isso no casamento, Tem. E agora está ainda pior.”

Tem sabia que ele tinha razão. Ela também tinha percebido, mas optou por ignorar. "A culpa é toda minha", sussurrou ela.

Para sua surpresa, Caspen disse: "Não é sua culpa. Eu disse para você o derrubar."

Tem mordeu o lábio.

Ele se inclinou para frente. " *Eu* permiti que isso acontecesse. E agora você deve me permitir consertar."

Ela olhou para ele. Ele estava decidido. Tranquilo.

Quando seus olhares se encontraram, ele disse: "Chegou a hora, Tem."

Mas isso era impossível. Tem não podia fazer isso. Não importava o quanto ela desejasse Leo — o quanto o corpo dele a atraísse. Ir com ele seria abandonar Caspen. E isso jamais seria aceitável para ela. Ela precisava dos dois. Sempre precisou.

“Se dormirmos juntos, você terá que me matar, Caspen. Apolo me disse que você não terá escolha.”

Ele balançou a cabeça. "Há outro jeito."

“Que outra maneira?”

Mas Caspen já estava se virando para ir embora.

Tem agarrou seu braço, puxando-o para trás. "Você não pode simplesmente me deixar."

Ele colocou as mãos sobre as dela. "Eu nunca vou te deixar, Tem."

Eles se entreolharam por um único instante eletrizante. Tem viu seu reflexo nas pupilas dele. Quantas vezes ela já havia encarado aqueles olhos? Ela se lembrou da primeira vez que os viu, brilhando na escuridão da caverna, penetrando sua alma. Ela era tão ingênua naquela época. Naquele tempo, ela não fazia ideia do que significava amar duas pessoas — entregar-se a Caspen e a Leo. Agora ela entendia que o amor não era simples. Era complicado, traiçoeiro e indomável, assim como ela.

"Por favor", ela sussurrou. "Apenas me diga para onde você está indo."

“O mais longe que eu puder.”

“Mas assim que dormimos juntos…”

Ele ainda a olhava com calma. "A maldição me trará de volta para você."

“E o que acontece depois, Caspen?”

Ela precisava que ele dissesse isso — que ele seria forçado a matá-la. Porque essa era a única coisa que Tem conseguia enxergar — o único resultado possível para o problema que o brasão havia criado. Desta vez, não havia brecha, nenhuma saída para essa terrível situação.

Em vez de respondê-la, o olhar de Caspen deslizou para o de Leo. "Cuide dela."

Então ele se foi.

Capítulo Quarenta e Quatro

Na ausência dele, Tem ficou olhando para o nada. O corredor estava cheio de poeira; gritos vinham da direção do pátio, ao longe. Tem não sabia o que estava acontecendo, não sabia para onde Caspen iria ou como ele poderia quebrar a maldição. Tudo o que ela sabia era que a verdade fundamental em que acreditara — que Caspen negava seu amor por Leo — não era verdade. Ele sabia disso o tempo todo e sabia que chegaria a esse ponto.

"Tem?" disse Leo. "Como assim ele vai ter que te matar?"

“Leo”, disse ela o mais calmamente que pôde. “Há muita coisa que você não entende. E não há tempo para explicar. Mas ele tem razão. Precisamos dormir juntos.”

“O que acontece se não fizermos isso?”

Tem franziu os lábios.

" *O que aconteceu* , Tem?" O pânico tomou conta da voz de Leo.

Tem fechou os olhos. De alguma forma, era mais fácil explicar assim. "Você tinha razão — o brasão não apenas me permitiu dar ordens. Ele criou um vínculo entre nós. E se não o consumarmos, você morrerá."

Silêncio.

Ela só conseguia imaginar o que Leo estava pensando, o quão furioso ele devia estar com ela. Ele já estava bravo por ela tê-lo feito usar o brasão em primeiro lugar. E agora ele estava descobrindo que o brasão tinha consequências sérias — fatais.

Tem abriu os olhos. "Mas se consumarmos o brasão", concluiu ela, "Caspen vai me matar."

Leo balançou a cabeça, perplexo. "Por que ele faria isso?"

“Ele não terá escolha.”

“Não entendo. É claro que ele teria uma escolha.”

“Não.” Tem balançou a cabeça. “Ele não faria isso. Nosso noivado é selado por sangue. Se eu o trair, ele será obrigado a me matar. O próprio pai dele matou a mãe dele da mesma forma. Não importa se ele quer ou não. Ele terá que fazer isso.”

“Certamente, ele pode resistir.”

“Não. Ele não pode.”

Por fim, Leo ficou em silêncio.

Caspen nunca conseguira resistir. Nenhum basilisco conseguiria. O chamado da natureza era forte demais — Caspen estava preso a forças além do seu controle, forças que o obrigariam a fazer coisas que ele não queria. Resistir, como Apolo lhe dissera, era uma característica essencialmente humana.

“Tem.” Leo colocou a mão delicadamente na cintura dela. “Eu jamais conseguiria te matar. Tenho certeza de que o mesmo vale para Caspen.”

Mas Tem apenas balançou a cabeça. Leo não entendia. E como poderia? Tem era sua única ligação com a cultura basilisco, e ela mesma mal a conhecia. Ele não tinha noção de como as coisas funcionavam sob a montanha, nenhuma ideia de quão estranhos e diferentes eram os costumes das serpentes. Por que deveria acreditar em algo tão horrível se não conseguia se imaginar fazendo aquilo?

"Você não entende", ela sussurrou. "Para nós é diferente. Há magia envolvida — forças que você não consegue compreender. Estamos ligados por Kora."

Nós . *A* escolha de palavras de Tem não foi por acaso. Ela precisava que Leo entendesse que, por mais humana que fosse, ela também era um basilisco.

“Mas Caspen disse que havia outra maneira.”

Tem balançou a cabeça. "Não sei o que ele quis dizer com isso. Se ele fugir, terá que voltar. Assim que dormirmos juntos, a maldição será desencadeada."

“Talvez ele saiba algo que você não sabe. Talvez ele saiba como quebrar a maldição.”

"Ele teria me dito se tivesse feito isso."

"Será que ele faria isso?"

As palavras dele a fizeram hesitar. Caspen sempre escondia segredos dela. *Sempre.* Isso, apesar da suposta honestidade dos basiliscos, havia

se tornado um princípio fundamental do relacionamento deles. Por que ele deveria tratar isso de forma diferente? Se ele disse que havia outro jeito, então talvez houvesse mesmo. No fim das contas, tudo se resumia à garantia da morte de Leo contra a credibilidade da palavra de Caspen. Tem tinha que escolher entre confiar nele.

RACHADURA.

Leo abraçou Tem mais uma vez enquanto as paredes se quebravam ao redor deles. Basiliscos corriam em disparada, por pouco não colidindo no estreito corredor. Alguns estavam feridos. Algo estava acontecendo — algo que, se Tem não conseguisse se transformar, a deixaria vulnerável, exatamente como Caspen havia previsto. Pior ainda, Leo estava morrendo diante dela. Ela não permitiria que isso acontecesse. Precisava confiar que havia outra saída.

Caspen tinha razão. Era a hora certa.

"Siga-me", disse ela a Leo, agarrando-lhe a mão e puxando-o pelo corredor.

Correram juntas pela poeira, guiadas apenas pelos instintos de Tem. Quanto mais se afastavam do pátio, mais silencioso ficava o pandemônio. Ao chegarem aos seus aposentos, Tem bateu a porta atrás de si. Por um instante, ficaram ali paradas, o peso da verdade entre elas. Depois de semanas desejando uma à outra — de suportar jantares insuportáveis e a presença constante e sufocante de Evelyn — estavam prestes a fazer sexo. Mas como começar? Tem disse a única coisa que lhe veio à mente.

"Leo", ela sussurrou. "Posso te tocar?"

Uma eternidade se passou. Então Leo assentiu com a cabeça.

Agora que tinha a permissão dele, ela mal sabia o que fazer. Tem sentia muita falta dele todos os dias desde o casamento. Passara incontáveis noites sozinha sob a montanha, enquanto Caspen saía para caçar, pensando em Leo. Se tocando ao se lembrar dele. Agora, a realidade estava diante dela, e ela tinha permissão para tocá-lo. Ela *precisava* tocá-lo. A vida dele dependia disso.

Tem deu um passo à frente, deixando que seus instintos a guiassem.

Ela tocou apenas a ponta dos dedos no peito dele, sentindo o coração dele martelar sob a pele. Então, abriu bem a mão, pressionando a palma contra o esterno dele. Só esse contato foi suficiente para deixá-la ainda mais excitada. Leo estremeceu no instante em que a palma da mão dela

tocou o peito dele. Seus olhos estavam fechados, a mandíbula relaxada. Era como se ele estivesse liberando uma vida inteira de tensão, e talvez estivesse mesmo.

"Você é tão quentinha", sussurrou Tem. Foi tudo o que ela conseguiu dizer.

Leo abriu os olhos e sorriu. "Você também."

Eles ficaram assim por um longo tempo, nenhum dos dois se movendo, apenas se encarando. Tem sabia que não tinham tempo para se demorar. Mas ela estava tão extasiada, tão absorta nos olhos de Leo que não queria apressar as coisas. Ela o desejava *tanto* . Aquilo era o ápice de um desejo que começara no instante em que ela o alcançara. Cada dia que negava esse desejo era um dia a mais de si mesma. Ela não podia mais negar.

"Leo", ela sussurrou. "Você também pode me tocar, se quiser."

Ela havia formulado a pergunta especificamente para que não soasse como uma ordem. Era um convite — uma abertura. Mesmo agora, no limiar do sexo, Tem queria que ele soubesse que podia fazer suas próprias escolhas. Ela não o coagiria; não o forçaria a fazer isso. Tem não desejava que Leo chegasse a essa situação de outra forma que não fosse por vontade própria.

Leo a encarou, sem piscar, o coração acelerando sob as costelas. Tem umedeceu os lábios, pensando naquela batida do coração. Ele era tão *sensível* a ela. Era algo que ela havia dado como certo no passado, mas agora que estavam ali, ela podia apreciar plenamente. Havia algo viciante em ter tanta influência sobre alguém. Ainda mais quando ele tinha a mesma influência sobre ela.

No instante em que Leo ergueu a mão, o coração de Tem disparou. Sua visão ficou turva. Ele se moveu em câmera lenta, tocando apenas a ponta dos dedos em seu queixo, inclinando seu rosto para cima, em direção ao dele. Seus olhos encontraram os dela. Tudo parecia pulsar: o ar, as chamas da lareira, o espaço entre eles. O polegar de Leo deslizou pelos lábios dela. Aquilo lembrou Tem de como Apolo a havia tocado pouco antes de ensiná-la a petrificar. Sem pensar, Tem deixou o polegar dele deslizar para dentro da boca dela. Ele puxou o lábio inferior dela para baixo, expondo seus dentes.

"Você pensou em mim?", ele sussurrou. "Quando você estava aqui com ele?"

"Sim."

Você pensou em mim enquanto ele estava te fodendo?

"Sim."

Seus dedos voltaram ao pescoço dela, arqueando sua cabeça.

"Você pensou em mim?" Tem sussurrou. "Enquanto você transava com ela?"

A mão de Leo apertou-a. "Todas as vezes."

Tem não resistiu mais. Suas inibições a abandonaram completamente, o último fio de sua moralidade finalmente se desfez em nada. Ela fez a única coisa que deveria ter feito todos os dias desde que se casaram.

Ela o beijou.

Algo se despedaçou em Tem quando seus lábios se encontraram. Só havia isso. Só havia Leo. Ter sofrido por tanto tempo e finalmente sentir paz era *êxtase* . O corpo de Leo se moldou ao de Tem, sua alta estatura se inclinando para encontrá-la. Eles já haviam compartilhado tantos beijos antes, mas este era diferente.

Essa foi como voltar para casa.

Eles caíram na cama. Tem sabia que depois iriam rápido. Por enquanto, ela ia devagar, passando as mãos languidamente pelo corpo dele, deleitando-se com ele como se tivesse todo o tempo do mundo. A pele dele era macia; o pênis, duro. Tem nem sequer o tocou ainda — não conseguia nem imaginar tocá-lo depois de desejá-lo por tanto tempo. O pensamento de tanto prazer a deixava fraca.

Tem mordeu o lábio inferior. Leo deslizou os dedos dentro dela.

Seu suspiro se perdeu na boca dele, levado por sua língua. Leo a acariciava enquanto a beijava, mantendo um ritmo perfeito para ambos, tentando Tem a retribuir o toque. Eventualmente, ela o fez. Quando a palma da mão dela encontrou o pênis dele, ele estremeceu. Quando ela o envolveu com a mão, ele mordeu o lábio dela. Eles gemeram juntos enquanto Tem começava a acariciá-lo.

Ela sentiu a atração do cume, a segunda maior, perdendo apenas para a atração do seu coração.

Era um prazer tocá-lo novamente, um paraíso ver como ele reagia enquanto ela fazia isso. Leo murmurava o nome dela repetidamente, quase como se quisesse se lembrar de que era realmente ela.

“Tem. Tem. Tem.”

“Leão. Leão. Leão.”

Ele era tão difícil para ela. Tão disposto. De todos os pênis que ela vira sob a montanha, este era o único com o qual ela se sentia sortuda por poder se entregar. Era como segurar o coração dele em suas mãos. Como segurar a alma dele.

Leo também a tocou, os dedos cravados em seu centro, a palma da mão deslizando sobre seu clitóris. A cada suspiro que ela lhe arrancava, ele também a fazia suspirar. Eram forças recíprocas, movendo-se em sincronia. Sua outra mão vagava. Apertou sua bunda, seus seios, seu pescoço. Massageou um dos mamilos entre os dedos até que ficasse dolorido, depois passou para o outro. Tem levou a mão às suas bolas. Ela apertou. Ele gemeu.

Se ela não conseguisse o pênis dele nos próximos dez segundos, ela ia gritar.

Algo crescia dentro de Tem — o desejo irresistível de tomar o que ela sabia ser seu. Sem hesitar um segundo sequer, ela se deitou sobre ele. Estavam frente a frente, os olhos cinzentos dele fixos nos dela. Tem inclinou os quadris. Leo arqueou as costas. Não havia necessidade de palavras — nenhuma necessidade de dar permissão.

Finalmente, Leo estava dentro dela.

Tem gemeu enquanto deslizava por todo o seu pênis, penetrando-o o mais fundo que conseguia. O pescoço de Leo arqueou. Tem o beijou. Então, começou a mover os quadris, cavalgando-o sem pensar duas vezes, guiada apenas pelo puro instinto. Não havia tempo para conversar. Mas Tem tinha tanta coisa para dizer. Então, ela disse enquanto o cavalgava, sussurrando as palavras contra seus lábios num ímpeto febril.

“Desculpe, Leo.”

"Eu sei."

“Pensei que estava fazendo a coisa certa.”

"Eu sei."

"Eu pensei que ela pudesse te amar mais do que a mim, mas ela não pode. Ninguém pode."

“Eu *sei* , Tem.”

Agora que tinha começado, parecia não conseguir parar. "Eu nunca deveria ter deixado você ir. Cometi um erro."

“Tem, você—”

“Senti sua falta todos os dias, Leo. *Todos. Os. Dias.* ”

As lágrimas começaram a cair, e não havia como impedi-las. Os dedos dela cravaram na pele dele, mantendo-o contra si.

“Os jantares de domingo à noite eram uma tortura. Toda vez que eu te via com ela, eu queria matá-la. Mas eu não podia fazer nada. Era como se eu estivesse presa. Eu—”

O aperto dela se intensificou. "Desculpe, Tem."

“Por quê? *Me* desculpe.”

“Pelos jantares. Por te fazer aguentar aquilo toda semana. Eu também odiava. Mas era o único jeito de te ver, e eu—”

"Eu sei." Ela afastou os cabelos do rosto dele, dando-lhe a mesma garantia que ele acabara de lhe dar. "Eu sei."

"Senti como se estivesse morrendo", sussurrou ele.

“Você era.”

“Cada vez que você ia embora, eu sentia *você* partir, como se estivesse *me arrastando* junto.”

"Eu sinto muito."

"Eu odiava ter que transar com ela, Tem."

"Eu sei."

“Não teve nada a ver com transar com você. Achei que seria, mas não foi.”

"Eu sei."

"Tudo o que eu conseguia fazer era pensar em você. Toda vez que eu pensava em você."

“Sinto muito, Leo.”

Disseram tudo: cada confissão não dita, cada apelo desesperado — tudo o que queriam dizer um ao outro desde o casamento.

“Ninguém jamais vai te amar como eu”, sussurrou Tem. “Ninguém.”

"Eu sei."

“Você é meu, Leo. *Meu.* ”

"Eu sei."

“Eu preciso de você, Leo. Eu preciso de você. Eu preciso—”

Os lábios dele estavam nos dela. O tempo para conversar havia passado.

Leo a tratou da maneira que ela precisava ser tratada — com confiança e absoluta segurança — segurando seus quadris e puxando-os contra os seus. Tem viu como ele havia mudado, como agora se movia com assertividade, tomando o que lhe era devido. Ele não era mais um príncipe. Era uma honra ver o rei em que ele havia se tornado.

Não se parecia em nada com a última vez que tinham dormido juntos. Aquela vez fora diferente; naquela época, o lado basilisco dela estava quase morto. Desta vez, a fera dentro de Tem *ansiava* por se libertar — por devastar Leo de uma forma que certamente o machucaria. Ao pensar na dor dele, Tem ficou tão excitada que precisou fechar os olhos. De repente, a proximidade entre eles tornou-se insuportável. Ela queria *consumi* -lo, despedaçá-lo e rastejar para dentro de suas costelas até que não fossem dois corpos, mas um só. Nenhuma quantidade dele jamais seria suficiente; nada jamais seria o bastante.

Era assim que Caspen se sentia quando transava com ela? Era tão estimulante — tão *excruciante.* Cada respiração de Leo soava como um chamado só para ela. Cada centímetro de sua pele era delicioso. Finalmente, após semanas de agonia, Tem podia sentir sua transição. A crista a havia reprimido por tanto tempo. Mas agora ela estava cumprindo as condições — agora ela estava consumando seu amor por Leo — e isso tinha uma recompensa.

Mantenha-o em segurança.

Era o mantra de Caspen para ela, e agora era o dela para Leo.

Tem não se permitiria perder o controle; ela não colocaria em risco a vida de alguém que lhe era precioso. Caspen tinha feito isso por ela, e ela faria por Leo.

Mas Caspen nem sempre tinha tido sucesso.

Tem havia sido ferida muitas vezes ao longo do relacionamento — sofrido muitos ferimentos, tanto sexuais quanto de outras formas. Ele havia quebrado a pélvis dela, para o bem de Kora. Com o tempo, ela se acostumou com isso. Chegou até a se excitar. Mas isso porque ela era parte basilisco. O lado monstruoso dela ansiava por dor — desejava tanto infligi-la quanto recebê-la. Leo era humano. Ele não gostava de dor; não merecia ser ferido. Ele sempre dizia para torturá-lo, mas não

se referia a isso literalmente. Suas batalhas eram mentais, suas armas, emocionais. Tem se recusava a deixá-lo experimentar sequer uma fração do que ela sabia que seu corpo era capaz de suportar. Mas não era fácil se conter.

Proteja-o. Proteja-o.

Ela agora entendia o quão difícil aquilo devia ter sido para Caspen. Era como se estivesse olhando para uma refeição deliciosa, mas sem poder prová-la. Seu lado basilisco estava faminto, arranhando o fundo de sua mente com uma insistência quase impossível de ignorar.

Seus quadris se moviam mais rapidamente.

"Porra, Tem." Leo mal conseguiu murmurar isso.

Mas Tem ficou tão excitada que pressionou a palma da mão sobre a boca dele e disse: "Não faça isso".

Ela nunca desejara alguém assim antes — nunca *cobiçara* a carne de um humano de forma tão instintiva. Tem queria estar *dentro dele* . Queria possuí-lo, marcá-lo e arruiná-lo para qualquer outra pessoa, para que ele fosse somente dela, pela eternidade, para sempre. Era um desejo irresistível, e ainda assim ela teria que resistir.

Tem não fazia ideia de como Caspen tinha conseguido fazer isso tantas vezes com ela. Como ele tinha conseguido não a magoar? O esforço que ela fazia apenas para estar na presença de Leo nos jantares de domingo à noite sem tocá-lo não era nada comparado ao que ela sentia agora, com ele de fato em sua cama. A visão do corpo nu dele a fazia querer explodir.

“Tem”, murmurou ele, com os lábios contra a mão dela. “Você é tão gostosa.”

“Não fale. Por favor.”

“Eu preciso, Tem. Preciso te dizer que eu—”

Mas Tem não queria ouvir. *Não conseguia* ouvir. Ela precisava que ele parasse de falar, que se calasse. Se ele dissesse mais uma palavra, ela o despedaçaria. Uma fumaça subia por suas costas. Sua visão estava mudando — o rosa das bochechas de Leo mudou para um verde azulado, o calor de sua pele ficou cinza. A cada piscada, era Era como se ela estivesse vendo mais do que devia. Seus olhos estavam ficando negros, assim como os de Caspen. Suas pupilas estavam dilatando, seu corpo se transformando contra sua vontade . O chamado para a

transição era debilitante. Era demais. *Muito* demais. Tem não conseguia resistir a isso — não conseguia resistir a ele. Ela não era melhor do que qualquer outro basilisco. Ela era tão submissa ao seu povo — aos seus instintos — quanto Caspen.

Caspen.

Ele era a única esperança dela.

Caspen? Você está aí?

Tem. Eu sou.

A voz dele era distante. Ela se perguntou a que distância ele estaria, se estaria em algum lugar na floresta, fugindo dela. Ou se já estaria voltando.

Eu preciso de sua ajuda.

O que é?

Não havia tempo para se preocupar com formalidades, nem para apresentar a questão de forma agradável. Tem simplesmente precisava saber: *Como faço para evitar magoá-lo?*

Uma pausa. Caspen saberia exatamente o que eles estavam fazendo naquele momento. Afinal, ele havia ordenado que fizessem aquilo. Se fosse apenas sexo, não importaria. Mas aquele era Leo, e Tem amava Leo. Isso sempre seria diferente. Talvez Caspen não ajudasse; talvez quisesse que ela o machucasse. Mas isso machucaria Tem quase mais do que machucaria Leo, e ela sabia que Caspen jamais permitiria isso.

Você precisa se concentrar em outra coisa.

Mas não havia absolutamente mais nada em que se concentrar. O corpo de Leo estava nu sob o dela — aberto, receptivo e indefeso. Seu lado basilisco se arrepiou com o pensamento.

Como o que?

Qualquer coisa.

Não consigo pensar, Caspen. Mal consigo respirar.

Foco, Tem.

Em que você pensaria?

Outra pausa. *Eu ficaria pensando em como me sentiria se você morresse.*

Tem não conseguia imaginar pensar em algo assim num momento como aquele. A tristeza que sentiria se Leo estivesse morto —

especialmente se fosse ela quem o matasse — era insuportável. Ela anulou qualquer excitação que estivesse sentindo, causando-lhe uma dor aguda no estômago. De repente, sexo parecia impossível. *Mas como continuar?*

Você deve permitir que apenas seu corpo experimente o que está acontecendo diante de você. Mantenha sua mente sob controle e nenhum mal lhe acontecerá.

Mas era um pedido impossível. Tem queria esfolar Leo vivo. Era o único pensamento que lhe vinha à mente. Em sua mente, ainda mais forte que sua luxúria. Leo era maleável, vulnerável e *humano.* Nada poderia ser mais atraente para ela — nada era mais tentador do que a pulsação aberta de sua garganta. Tem queria cravar os dentes nele — devorá-lo como Caspen a havia devorado um dia.

Seu lado basilisco queria ferir Leo. Seu lado humano queria tudo, menos isso. Seu lado humano queria que ele vivesse uma vida longa e feliz, livre de qualquer perigo ou dano físico, de preferência bem longe de qualquer basilisco. Era um sonho que só se realizaria se ele sobrevivesse àquela noite. A culpa de matar Leo seria insuportável. Tem sabia que não sobreviveria a tal perda.

A voz de Caspen sussurrou em sua mente: *Seu amor por ele deve ser mais forte do que seu desejo de machucá-lo. É simples assim.*

Sua voz estava falhando.

Tem encarou Leo. Caspen dissera que seria simples. Mas estava longe disso. Era complicado e difícil suprimir seu lado basilisco — domar o monstro que se debatia em sua jaula. Mas se Caspen fizera isso por ela, então ela faria por Leo. Não havia outra opção.

Tem pressionou as mãos contra o peito de Leo, erguendo-se. Olhou para ele, concentrando-se não em como ele se sentia dentro dela, mas em como ela se sentia *em relação a ele.* Tem amava Leo. Sempre amaria. Era uma verdade fundamental entre eles, e não seria manchada ou destruída por aquela noite. Em vez disso, aquela noite era uma forma de Tem demonstrar esse amor: de colocar em prática as palavras que tantas vezes dissera. Não bastava dizer que o amava. Ela demonstraria. Ela o protegeria.

"Temos que ir devagar", sussurrou Tem. "É o único jeito de eu conseguir fazer isso."

Leo assentiu com a cabeça, as pupilas dilatadas de medo e excitação. Parecia um homem à beira de um colapso. "Então iremos devagar."

Por um instante, nenhum dos dois se moveu. Então Leo se sentou, aproximando o torso do dela e envolvendo-a pela cintura com os braços. Estavam perfeitamente entrelaçados, seus lábios a poucos centímetros de distância.

Ele a beijou suavemente.

Tem retribuiu o beijo com a mesma delicadeza, entrelaçando os dedos nos cabelos dele e o abraçando com força. Ela se concentrou na sensação da língua dele contra a sua, na maciez dos lábios e no contraste com as pontas afiadas dos caninos. Os dentes de ouro costumavam incomodá-la, mas não mais. Agora, ela entendia que faziam parte dele — assim como suas sardas faziam parte dela. Leo não podia fugir do passado, nem estava tentando. Ele simplesmente buscava ser uma pessoa melhor no futuro. Era tudo o que Tem queria para ele, e era tudo o que ela queria para si mesma também.

As mãos de Leo estavam em seus cabelos, emaranhadas em seus cachos. Tem sabia que ele amava aqueles cachos. Ela Ela imaginou como ele sempre as girava entre os dedos enquanto conversavam, puxando-as delicadamente para que voltassem a subir. Lembrou-se de como ele as segurava na biblioteca, puxando sua cabeça para trás sobre a mesa. Era o jeito dele de tocá-la quando não podia *realmente* tocá-la — sua linguagem de conexão quando estavam tão completamente desconectados.

Tem *sentiu falta de* Leo.

Eles haviam sido roubados de tanta coisa juntos. Um casamento inteiro, para começar. Mas também das manhãs acordando juntos, das noites adormecendo nos braços um do outro, dos cafés da manhã, almoços e jantares no castelo. Evelyn tinha ficado com tudo isso. Evelyn tinha ficado com tudo o que deveria ter pertencido a Tem.

"Desculpe", ela sussurrou contra os lábios dele.

“Para quê, Tem?”

“Por tirar isso de você.”

“Agora o temos de volta. Isso é tudo o que importa.”

Leo tinha razão; era tudo o que importava.

O lado basilisco de Tem ainda estava lá — pairando ao fundo — um observador silencioso. Com seu recuo, vieram a clareza e a calma.

Mantenha-o em segurança. Mantenha-o em segurança. Mantenha-o em segurança.

Palavras. Nada mais. Não é uma obrigação nem uma promessa. Apenas um apelo.

Os dedos de Leo estavam entre as pernas dela, estimulando seu clitóris enquanto ela movia os quadris. Eles já haviam ultrapassado o ponto sem volta: duas pessoas, apaixonadas, fazendo sexo. O que poderia ser mais simples do que isso?

Leo voltou a falar, e desta vez ela o deixou.

"Eu quero você para o resto da minha vida, Tem. Não me importo com o que aconteça. Eu quero você, preciso de você, te amo e você é minha."

“Você também é meu.”

“Você é minha, porra.”

"Eu sei."

Finalmente, eles se entregaram um ao outro.

Tem jogou a cabeça para trás em êxtase, ofegando enquanto o orgasmo a dominava. Leo fez o mesmo, seu grito de prazer a coisa mais linda que ela já ouvira. Tem não conseguia acreditar que seu corpo pudesse produzir tal som dele. Ela queria ouvi-lo repetidas vezes até que ele não aguentasse mais. Queria ouvi-lo até o dia de sua morte. Eles se abraçaram com força, mesmo depois que seus clímaxes se dissiparam. Tem afastou as mechas loiras de cabelo da testa dele. Beijou uma bochecha, depois a outra, e depois fez isso de novo. Tudo o que ela queria era amar aquele garoto perfeito e requintado. Ele era sua âncora. Seu farol. Seu lar.

Leo parecia atordoado, como se tivesse acabado de acordar de um sono profundo. Ele piscou, concentrando-se em Tem. "Isso foi..."

Parecia que lhe faltavam palavras. Na verdade, também faltavam a Tem. Uma força poderosa a invadia — uma força que, até um instante atrás, estivera fora de seu alcance. Ela não era a única afetada. Os olhos de Leo brilhavam, sua pele corada. Ele parecia completamente vivo.

Tem se inclinou para beijá-lo novamente. Antes que seus lábios pudessem se tocar, alguém bateu na porta. Tem se jogou sobre Leo,

protetoramente, segurando-o contra o colchão.

“Temperança”, chamou uma voz vinda do corredor. “Preciso falar com você.”

Era Apolo.

Tem levantou-se de um salto, atravessou o corredor até a porta e a abriu.

Apolo passou por ela de raspão. Seus olhos percorreram Leo antes de voltarem para Tem. Sua mente estava fechada, mas Tem sentiu uma energia inconfundível emanando dele. Ele estava com medo.

“Apolo”, disse ela. “O que é isso? O que está acontecendo lá fora?”

Na névoa do sexo, Tem havia se esquecido da situação. Mas agora, com a cabeça novamente lúcida, ouviu os gritos de terror vindos do corredor.

“Os Senecas estão se revoltando”, disse Apollo. “Rowe está a caminho.”

Tem olhou para Leo. Ele não deveria estar ali, no meio de uma revolta. O medo a percorreu a espinha.

“Temperança”, disse Apolo com urgência, chamando a atenção dela de volta para si. “Ele está à sua procura.”

"Por que?"

“Não é óbvio?”

Tem levou apenas alguns instantes para alcançá-la. Rowe não podia se casar com ela. Isso o deixou com apenas uma opção: a única maneira de tomar o poder dela.

“Ele quer me matar.”

Tem percebeu pela expressão no rosto de Apolo que estava certa. Antes que ele pudesse responder, Leo se levantou.

“Tem”, disse ele. “Não aguento mais ouvir falar de alguém que queira te matar esta noite.”

“Está tudo bem, Leo.”

“ *Como assim* está tudo bem?”

“Porque…” Tem parou de falar, tentando pensar em algo que o acalmasse. Não havia nada. Ela abandonou esse raciocínio, voltando-se para Apollo para perguntar: “Onde está Caspen?”

Os lábios de Apolo se comprimiram em uma linha tensa. "Ele está fugindo, Temperança."

Embora a atualização tenha sido terrível, Tem sentiu uma estranha sensação de conforto no fato de que O fato de Caspen ter se confidenciado com Apolo em primeiro lugar significava que tudo estava bem entre os irmãos. Isso, pelo menos, era uma boa notícia.

“Ele vai voltar?”

O olhar de Apolo se voltou para o de Leão. "Presumo que você tenha consumado o brasão?"

"Sim."

“Então sim. Ele vai voltar. Ele não terá escolha.”

A implicação de suas palavras pairava no ar. Tem deu um passo à frente.

Ele disse que havia outra maneira. Isso era verdade?

Os olhos dourados de Apolo encontraram os dela. Neles, não havia nada além de tormento. "É verdade que existe outro caminho."

"O que é?"

Antes que ele pudesse responder, outro grito cortou o ar. Este soou mais perto.

“Apolo”, insistiu Tem. “Diga-me. O que é isso?”

Mas Apolo havia ficado imóvel. "Ele está aqui."

Não havia necessidade de especificar. Tem podia sentir Rowe à margem de sua mente, estendendo a mão para ela. Ele já estava se aproximando. Ele já estava caçando.

Apolo tocou sua cintura. "Você precisa ir."

“Não vou a lugar nenhum. Sou o único que pode parar Rowe.”

No instante em que as palavras saíram de sua boca, Tem percebeu que eram verdadeiras. Caspen, o Rei Serpente, deveria ser o basilisco mais poderoso sob a montanha. Mas Rowe o mordera durante o torneio, e ele vinha drenando esse poder desde então. Isso deixava apenas um basilisco capaz de enfrentá-lo. Ela.

“Não”, disse Apollo.

" *Não?* "

“Ele é extremamente poderoso, Temperance. E é perigoso.”

“ *Eu sou* extremamente poderoso.”

Houve uma pausa durante a qual Apolo e Leão a encararam como se a estivessem vendo pela primeira vez. Tem os deixou olhar.

“Eu sou um Híbrido”, continuou Tem. “E completei o brasão. Isso significa que posso fazer a transição.”

Ela sabia, sem precisar testar sua teoria, que era verdade. Uma energia pulsava por todo o seu corpo, infiltrando-se até a ponta dos dedos. Até então, ela não havia percebido que estava operando com tamanha deficiência, que uma parte tão fundamental de si mesma estava faltando. Mas ela estava inteira novamente e não desperdiçaria essa energia.

Apolo balançou a cabeça. "Você não pode ficar."

“Eu posso, e eu vou.”

“Você não está seguro aqui. Você precisa ir embora.”

“Você não pode me dizer o que fazer—”

“ *VOCÊ PRECISA IR.* ”

Tem congelou. Apolo nunca havia gritado com ela antes. Basiliscos preferiam a negociação — a lógica e a razão sempre prevaleciam sobre os acessos de raiva. Mas Apolo estava além da razão. Ele estava a centímetros de distância, seus olhos fixos nos dela. Ao ver a expressão de surpresa em seu rosto, ele suavizou o tom, mas por pouco.

“Não vou deixar você chegar perto de Rowe.”

“Quem é você para me dizer o que fazer?”

“Eu sou alguém que te ama, Temperance. E não vou deixar você morrer esta noite.”

"Com licença?", interrompeu Leo.

Tem ergueu a mão. "Ele não quis dizer isso, Leo. Ele só quis dizer—"

"Estou falando sério", disse Apolo com firmeza, pronunciando cada palavra com ênfase. "Da maneira que conquistei o direito de falar sério."

Os basiliscos sempre eram vagos. Mas, de alguma forma, isso fazia sentido para Tem. Ela entendia como Apolo a amava: não como Leo a amava e certamente não como Caspen. *O amor pode assumir muitas formas* , como Adelaide havia dito. Ele a amava da mesma forma que ela o amava — sem expectativas ou julgamentos. Livremente.

“Você precisa ir, Temperança”, disse Apolo. “Por favor.”

“Mas eu—”

“Eu sei que você quer lutar.” Ele colocou as mãos nos ombros dela, dando-lhe firmeza. “Mas não posso protegê-la do meu irmão e de Rowe ao mesmo tempo.”

Tem abriu a boca novamente, mas Apollo balançou a cabeça negativamente.

“Você não ficará aqui. Você levará seu príncipe humano”—ele apontou com a cabeça para Leo, que observava a interação com um espanto mal disfarçado—“e vocês chegarão em segurança.”

Tem olhou fixamente para ele. Ela pensou na história deles juntos, em como ele havia passado de seu perseguidor a seu protetor. Ela nem sempre se sentira segura com Apollo. Mas agora se sentia segura.

“Por favor”, sussurrou Apolo. “Eu imploro. Vá.”

Se há pouco ele estava gritando, agora ela mal conseguia ouvi-lo. As palavras saíam com dificuldade, como se fosse preciso um grande esforço para pronunciá-las. Tem podia ouvir os gritos de batalha do lado de fora da porta.

"Não posso simplesmente deixar as pessoas morrerem quando há algo que eu poderia fazer para impedir."

A expressão de Apolo suavizou-se. "As escolhas deles são deles. Os basiliscos acreditam no destino."

Tem balançou a cabeça. Isso estava errado. *Errado.*

“Eu—” ela começou, mas antes que pudesse terminar, os lábios de Apolo estavam nos dela. Ele a beijou suavemente, com mais ternura do que jamais demonstrara antes. Tem ouviu Leo fazer Um som de desagrado, mas ela o ignorou, retribuindo o beijo enquanto gritos ecoavam pelo corredor. O som do seu nome os separou.

"Tem?" Era Gabriel. Ele estava acompanhado por Damon, que imediatamente se dirigiu a Apolo.

“Eles têm que ir embora. Todos eles.”

“Estou bem ciente disso”, disse Apollo. “Mas eles são bastante difíceis de convencer.”

“Rowe se infiltrou nas cavernas. Ele está procurando por Tem.”

"Estou *bem ciente disso* ", disse Apollo novamente. Antes que pudesse dizer mais alguma coisa, a voz de Caspen invadiu a mente de ambos ao mesmo tempo.

Estou voltando.

Os olhos de Apollo se arregalaram. Ele olhou desesperadamente para Tem. Mas ela apenas balançou a cabeça enquanto Caspen dizia: *Você precisa ir embora, Tem. Vá o mais longe possível.*

Não, Caspen. Eu tenho que lutar contra Rowe.

Você não deve fazer nada disso. Apolo, faça-a ir embora.

Estou tentando, irmão. Ela não me ouve.

Ela nunca faz isso.

Vocês dois podem parar com isso?

Tem encerrou abruptamente a conexão com Caspen, virando-se para Apollo. "Eu não vou embora."

“Não posso proteger—”

"Eu sei que você não pode me proteger de ambos. Então escolha um. Proteja-me de Caspen."

Os gritos estavam ficando mais altos.

“Contenha-o, Apollo. Eu cuido do Rowe.”

Apollo balançou a cabeça. Mas Tem sabia que ele faria o que ela mandasse. Ao contrário de Caspen, que nunca a deixaria correr em direção ao perigo, Apollo sempre confiara em Tem para fazer suas próprias escolhas. Apollo entendia quem ela realmente era. "Não sei por quanto tempo conseguirei segurá-lo."

"Me dê o máximo de tempo que puder."

Apolo não respondeu. Mas seu maxilar estava firme, assim como o de Tem. Com um último olhar para ela, ele saiu.

Tem se virou para Damon. "Tire os dois daqui."

Ele inclinou a cabeça. "Claro."

“Você pode levá-los para a casa de campo dos meus pais. Eles estarão seguros lá.”

“Vossa Alteza.” Gabriel piscou para Leo. “Pronto para uma excursão?”

Leo se virou para encará-la. "Não posso te perder de novo, Tem."

“Você não vai.”

“Preciso que você volte para mim.”

"Eu vou."

Leo segurou o rosto dela entre as mãos, puxando-a para perto. Ele a beijou — talvez um pouco mais forte do que o necessário — e Tem

sentiu o quanto ele estava apavorado por ela. Ele a tinha reconquistado. *Ela o* tinha reconquistado . Se houvesse um futuro para eles, começaria depois dos acontecimentos daquela noite. E Tem desejava ardentemente estar lá para testemunhar isso. Finalmente, Leo se afastou. Então, seguiu Gabriel para o corredor.

"Quem era aquele homem beijando Tem?", ela o ouviu perguntar a Gabriel enquanto Damon os conduzia para longe.

“Esse é o Apollo”, respondeu Gabriel. “Irmão do Caspen.”

“ *O irmão dele* ?”

Então eles desapareceram.

Tem concentrou-se imediatamente na tarefa em mãos, abrindo sua mente para a consciência coletiva dos basiliscos. Estava repleta de dor comunitária — por toda a montanha, seu povo estava morrendo. Suas mortes a pressionavam como mil grãos de areia, sufocando-a, fechando-a sobre si.

Foco, temperança. Encontre Rowe.

A voz de Apolo a trouxe de volta à realidade. Ela correu pelo corredor, seguindo os gritos até o pátio. A cena diante dela a fez lembrar imediatamente do ataque das doninhas. Corpos estavam amontoados, sangue escorrendo pelo chão. A sala estava repleta de membros decepados; os Sênecas estavam despedaçando os Drakons. Tem não se demorou. Não esperou para ver se reconhecia alguém. Em vez disso, continuou correndo, em direção ao lago, sem parar, por mais ensurdecedor que o barulho se tornasse.

As cavernas eram um caos completo.

Tem percebeu imediatamente a estratégia dos Senecas; eles haviam encurralado os Drakons restantes ali, pressionando-os contra a água, de modo que não havia para onde fugir. Ali, na beira do local de banho de Kora, a batalha se intensificava. Alguns basiliscos haviam se transformado, enquanto outros ainda eram humanos. Eles colidiam em emaranhados horríveis de escamas, mãos e dentes, dilacerando-se uns aos outros. O sangue encharcava as margens; os passos de Tem afundavam na areia úmida e brilhante. Era impossível se mover rapidamente, mas ela tentou mesmo assim, mantendo-se na borda da caverna e procurando por Rowe. Não demorou muito para encontrá-lo. Ela o sentiu antes de vê-lo, sua presença tão poderosa que parecia distorcer o ar. Ele ainda estava em sua forma humana. Sangue cobria

seu peito nu, acumulando-se entre as pernas e pingando de seu pênis dourado em uma cruel imitação de sêmen. O caos reinava ao seu redor, mas ele não estava lutando contra ninguém. Ele estava parado na margem, esperando.

Esperando por ela.

Tem abriu caminho pela multidão, indo direto em direção a ele. No instante em que Rowe a viu, um sorriso cúmplice surgiu em seus lábios.

Temperança. Que bom que você se juntou a mim.

Capítulo Quarenta e Cinco

Tem empurrou qualquer um que estivesse em seu caminho. Quando chegou perto de Rowe, parou. Ele a observava com desejo, os olhos percorrendo seu corpo. Ela pensou no torneio, na sensação que ele lhe causara dentro dela. Mesmo agora, ela se sentia atraída pelo pênis dele. Era algo de poder terrível, e Tem o encarou enquanto ele se aproximava.

“Estou surpresa com você, Temperance.”

Então eles estavam batendo papo. Ótimo.

"Por que?"

“Você está sem seu marido.”

Isso a fez lembrar do que Apolo havia dito certa vez: *Você está sem seu acompanhante.* Tem não precisava mais de um acompanhante. Tem só precisava de si mesma.

“Ele está a caminho.”

“Ele está mesmo? E em que estado estará quando chegar?”

Tem imaginou a ferida no pescoço de Caspen, como ela se reabriu quando Rowe drenou seu sangue. "Você me diz."

Rowe riu. "Há muito o que aprender com ele, Temperance. Eu mal comecei."

Tem sabia que ele não estava se referindo apenas ao poder de Caspen. Ele queria levar Tem também. "Você nunca vai me ter", disse ela.

“E por que isso acontece?”

“Porque você não me merece.”

Rowe riu novamente. "Não vivemos em um mundo onde recebemos o que merecemos. Quando você quer algo, você tem que tomar para si."

“E o que você quer?”

Eles se encaravam como se fossem duas crianças no pátio da escola prestes a brigar. E não eram mesmo? Tem tinha contas a acertar. E a hora de fazê-lo era agora.

“Quero o melhor para o meu povo.”

Tem lançou seu olhar ao redor da caverna, onde basiliscos lutavam e sangravam. "É isso que é melhor para o seu povo?"

“Isto é necessário.”

Tem balançou a cabeça. "Não. Não é."

“Isto é guerra, Temperance. No final, valerá a pena.”

“Mesmo que isso signifique ferir os seus?”

“Não é a primeira vez que prejudico alguém da minha própria espécie.”

Tem franziu a testa. "O que isso quer dizer?"

“Significa que eu dei um aviso e você não o acatou.”

Ela o encarou, tentando entender. Que aviso Rowe havia dado? Então ela entendeu. " *Você* foi o responsável pela doninha?"

Um sorriso malicioso se abriu no rosto de Rowe. "Certamente você não acreditou que alguma garota humana idiota pudesse ter pensado nisso."

Tem achava que o ataque da doninha tinha sido orquestrado por Vera, mas era um plano muito astuto para ela. Ela podia ser cruel, mas jamais teria imaginado algo tão mortal. Gabriel a ouviu dizer que estava "recebendo ordens". Ordens de Rowe.

“Não se pode simplesmente usar as pessoas dessa forma.”

“Eu posso. E quando terminar de usá-las, posso descartá-las.”

Tem sentiu um súbito acesso de medo por Vera.

“Mas você sabia o que a doninha faria. Como... como você pôde... *como você pôde fazer isso com o seu próprio povo?* ”

Rowe balançou a cabeça. "Sou um Seneca, Temperance. Os Drakons não são meu povo."

“Mas também havia Sênecas debaixo da montanha. Sênecas que morreram.”

“Eles escolheram seu lado há muito tempo. Permaneceram mesmo depois que você se casou com Caspenon. São traidores.”

“Eles eram *inocentes* ”, exclamou Tem.

“E o que vocês sabem sobre essas coisas? Vocês não sabem o que significa sacrificar-se, fazer escolhas para o bem maior.”

"Sei que jamais trairia os meus."

“Você não tem escrúpulos”, zombou Rowe. “Você é meio humano. Um bruto. Você não entende o que significa ser um basilisco. Nunca entenderá.”

Tem odiava o quanto as palavras dele a magoavam. Era exatamente o que ela dizia para si mesma a vida inteira — o tipo de golpe que nada conseguia curar de verdade, porque era a pura verdade.

“Você é um desperdício, Temperance”, continuou Rowe, com a voz baixa enquanto se aproximava cada vez mais. “Pense no que você poderia ter sido. Pense no que poderíamos ter feito juntos.” Ele abriu os braços. “Poderíamos ter sido imbatíveis.”

Tem balançou a cabeça. Ela jamais seria como Rowe. Ela odiava pessoas como Rowe. Ela jamais faria o que ele havia feito — jamais escolheria o derramamento de sangue em vez da paz. Homens como Rowe permitiam que a injustiça acontecesse enquanto pudessem se beneficiar dela. Homens como Rowe eram maus.

Tem estava quase cega de raiva. Nada existia dentro dela além de ira — pura fúria. ameaçando despedaçá-la. Seu corpo inteiro vibrava com poder; ela nunca se sentira tão completa antes, como se todas as suas facetas convergissem para um único e agudo ápice. Era eletrizante.

Os olhos de Rowe encontraram os dela. "Então, como isso termina, Temperance? O que você vai fazer?"

Eles estavam praticamente um em cima do outro agora.

“Vou te impedir.”

“Impedir-me de fazer o quê? De criar um mundo melhor — um mundo onde o poder é conquistado em vez de concedido? Um mundo com uma única aljava, a aljava superior?”

Tem balançou a cabeça. Morte em massa não era a solução. Eliminar uma aljava não resolveria nenhum problema, apenas o adiaria. Tem não podia prever o futuro, não podia saber como seria o mundo amanhã de manhã. Mas seria um mundo sem Rowe.

Sem mais delongas, ela atacou.

Quando ela o alcançou, Tem já havia se transformado. Agora era fácil para ela; não havia mais barreiras, nem obstruções. Agora era tão

simples quanto respirar. Rowe também se transformou, o ouro se espalhando de seu pênis para revestir o resto do seu corpo com escamas metálicas brilhantes. Tem mal conseguiu se esquivar de sua boca escancarada enquanto ele avançava sobre ela com uma rapidez aterradora. Ela tinha pouca experiência em sua verdadeira forma, e Rowe tinha séculos. Mas Tem também era uma Híbrida. E ela não se deixava deter tão facilmente.

Tem atacou-o novamente, desta vez pela lateral. Ela abriu a boca, arranhando suas presas nas escamas douradas dele. Imediatamente, seu crânio estremeceu. O metal era duro e reforçado com magia. Ela não conseguia penetrá-lo.

Ora, ora, Temperance. Você não achou que seria tão fácil, achou?

Tem o ignorou.

Você não pode me machucar, garota tola. Sou imune à dor.

Rowe estava certo. Nada podia feri-lo. O poder emanava dele em ondas, destruindo tudo em seu caminho. Sempre que outro basilisco entrava em sua órbita, ele arrancava sua cabeça dos ombros tão rapidamente que Tem quase não percebia até que caíssem, sem cabeça, no chão. Ele estava possuído por um poder mortal — era uma anomalia. Tem se lançou contra ele com vigor renovado, fazendo tudo o que podia para pegá-lo desprevenido. Mas Tem não estava acostumada com essa forma — não estava acostumada a ter esse tamanho ou essa forma.

E então ele a teve.

Rowe puxou-a para a areia, envolvendo-a com seu corpo e esmagando-a com seu peso horrível. Tarde demais, Tem percebeu que estava presa. A cabeça de Rowe era um... A um centímetro dela, suas presas completamente à mostra. Saliva escorria de sua boca entreaberta enquanto ele a repreendia com a mente.

Como ousa me desafiar? Eu vou te matar. E depois matarei Caspenon. E depois matarei todos que você já amou, incluindo seu pequeno príncipe.

Ele é um rei.

Rowe deu uma risada profunda e despreocupada. *Ele não é nada, e você também não.*

Seu aperto se intensificou. Tem se esforçou, fazendo tudo ao seu alcance para escapar do peso esmagador de seu corpo dourado. De repente, outra voz lhe veio à mente:

Estou perto de você, Tem. Você precisa ir embora.

Caspen, eu não consigo. Ela estava presa embaixo de Rowe, seus corpos se contorcendo na areia.

Corra, Tem. AGORA.

Não posso!

Você precisa. Não consigo resistir por muito tempo.

Você disse que havia outra maneira.

Eu disse que você precisa correr.

NÃO POSSO.

Mas ela precisava. Se não agisse — se não conseguisse matar Rowe — haveria dois basiliscos poderosos que a queriam morta.

Apolo , ela gritou, *onde você está?*

Estou com Caspenon. Mas não posso segurá-lo por muito mais tempo, Temperança.

Ele parecia ofegante, como se estivesse sob grande esforço físico. Tem só conseguia imaginar como seria tentar subjugar um basilisco como Caspen, quão difícil seria lutar contra a maldição que o alimentava.

O aperto de Rowe estava ficando cada vez mais forte. Ela sabia que ele estava drenando a energia de Caspen, tornando-se cada vez mais poderoso. Mas, por mais que drenasse, Caspen ainda possuía uma fonte extraordinária de poder dentro de si: não apenas a sua própria, mas também a de seu pai.

Temperança. Estamos quase lá. Estamos—

Num instante, Tem estava no chão, presa sob Rowe, e no seguinte, estava livre. Tem reconheceu as escamas negras como obsidiana de Caspen quando ele jogou Rowe para longe, arremessando seu enorme corpo contra a parede da caverna. Tem meio que esperava que Caspen fosse atrás de Rowe e o matasse. Em vez disso, ele se virou para Tem. Antes que pudesse avançar, Apollo apareceu entre eles. Tem cambaleou para trás enquanto irmão lutava com irmão, cada um deles mal conseguindo ganhar terreno antes de perdê-lo novamente. Tem olhou freneticamente ao redor procurando por Rowe, que já estava voltando para ela.

Você não pode me evitar, Temperance. Não importa quantos guarda-costas você tenha.

Tem não se deu ao trabalho de informá-lo de que Caspen dificilmente era seu guarda-costas naquele momento.

É só uma questão de tempo até você ceder. Simplesmente ceda, Temperança.

Tem não cederia. Tem lutaria.

Apesar de seu corpo gritar em protesto, ela se lançou contra ele novamente e, um instante depois, estavam lutando mais uma vez. Cada vez que Tem conseguia se esquivar de Rowe, Caspen a atacava logo em seguida. Não havia trégua nos ataques, nenhum momento para descansar. Sempre que Caspen se aproximava demais, Apollo se colocava entre eles. Ele se atirava contra o irmão repetidamente, recebendo golpe após golpe. Eventualmente, isso estava matando os quatro. Tal violência era insustentável; alguém tinha que pôr um fim nisso.

Eles não eram os únicos que sofriam. Tem vislumbrava a batalha ao redor. Lá estava Cypress, lutando contra dois basiliscos ao mesmo tempo. Lá estava Adelaide, presa em uma chave de braço. Ao vê-la, Tem se lembrou de algo que havia dito há muito tempo:

Se as lendas forem verdadeiras, significa que você pode canalizar Kora.

Naquele momento, parecera impossível. Ridículo, até. Mas todas as outras lendas eram verdadeiras, não eram? Talvez essa também fosse. Na primeira oportunidade, Tem se lançou na direção do lago. Mergulhou na água, sabendo que as outras três logo a seguiriam.

Temperança? O que você é—?

Tem se fechou para Apollo, fechando os olhos, sentindo apenas a água ao seu redor — a mesma água em que Kora havia se banhado. Ela encontrou conforto em seu peso, permitindo que a puxasse para baixo. Havia algo ali que a chamava, uma vibração que conhecia seu nome. Uma clareza completa a dominou. Os outros estavam chegando; estavam quase sobre ela. Mas o tempo não existia para Tem. Ela mergulhou mais fundo, deixando a água engoli-la por completo. Quando tocou o fundo, finalmente viu: uma figura na escuridão turva.

Uma mulher que se parecia com sua mãe caminhava em sua direção.

Só quando a mulher a alcançou, Tem percebeu que ela própria era humana novamente. Uma parte dela sabia que era uma visão — que sua forma de basilisco estava intacta no fundo do lago. Então, não se assustou quando a mulher estendeu a mão para ela, segurando-as nas

suas. Virou-as para que as palmas ficassem voltadas para cima. Doze sardas. Doze amantes. Doze escolhas que ela poderia ter feito. Agora só havia uma escolha, e Tem já havia decidido fazê-la. Apolo a ensinara como, e Tem fora uma aluna dedicada. Ela fechou os olhos, preparando-se para a tarefa — preparando-se para *receber* . Tem recebeu e recebeu até estar repleta de poder, tanto que pensou que poderia explodir. Quando abriu os olhos, a mulher à sua frente havia desaparecido, e Tem soube que era hora de voltar.

Ela nadou — cada vez mais rápido — em direção à luz. À medida que a superfície do lago se aproximava, Rowe também se aproximava. Ele era poderoso — tão poderoso. Mas já não mais poderoso que Tem. Ela esperou até que chegassem à margem antes de se lançar sobre ele como um relâmpago. Tem abriu a boca, mostrou as presas e mordeu. Ao contrário da última vez, quando ela tinha sido Incapaz de penetrar suas escamas, desta vez, seus dentes afundaram fundo em sua carne. Rowe soltou um rugido agonizante que sacudiu toda a caverna, provocando ondas contra a areia. Atrás deles, Apollo e Caspen emergiram da água. Tem os ignorou, concentrando-se apenas em sua presa. Quando Rowe mordeu Caspen, ele demonstrara contenção — tomando o poder gradualmente — submetendo Caspen a uma lenta decadência.

Tem não demonstrou tal contenção.

No instante em que o mordeu, ela começou a drenar sua energia, segurando seu pescoço entre os dentes enquanto o fazia. Tem sentiu o poder dele se unindo ao dela e, com ele, o poder que ele havia tomado de Caspen. De alguma forma, ela conseguia distinguir os dois: o poder de Rowe era hostil, quase destrutivo; o de Caspen era refinado, penetrando nela como mel, suavizando as arestas criadas pelo de Rowe. Entre eles, havia equilíbrio. A mente de Rowe não se aquietou durante esse processo. Ele se debatia em seu aperto, gritando obscenidades, implorando por misericórdia. Mas Tem não devia misericórdia a ninguém. Ela só queria vê-lo morrer. Quando ele estava quase sem energia, Tem o arremessou para o ar com brutalidade e determinação. O pescoço de Rowe estalou. Sua força vital oscilou. Então, se apagou.

Atrás de Tem, os irmãos ainda lutavam. Apolo segurava Caspen enquanto ele se debatia na areia, tentando chegar até ela. Em meio ao zumbido de seu poder recém-adquirido, Tem percebeu que eles estavam tendo uma discussão acalorada:

Não me obrigue a fazer isso, Caspenon.

Você já concordou.

Você pede demais.

Foi você quem me ensinou a saber a hora de me afastar.

Eu não quis dizer—

Você me deu a sua palavra.

Não posso fazer isso, Caspenon.

CUMPRA SUA PALAVRA, IRMÃO.

Caspen se debatia contra o aperto de Apolo, seus corpos enormes emaranhados num nó violento. Os olhos de Caspen encontraram os de Tem. Se ela fosse humana, estaria morta. Em vez disso, ela sustentou o olhar dele, percebendo o quão difícil era resistir a ela.

Do que ele está falando, Apolo?

Ele quer que eu o mate.

Tem deve ter entendido errado. Ele não poderia simplesmente ter dito—

Ele me fez prometer temperança. É o único caminho.

Caspen ainda tentava alcançá-la, ainda preso pela maldição. Era evidente que Apolo estava usando toda a sua força para contê-lo.

Você disse que havia outra maneira—

Este é *o caminho.*

Uma compreensão terrível a atingiu em cheio. *NÃO—*

Eu preciso, Temperance. Dei-lhe a minha palavra.

Por que você faria isso?

Porque lhe devo um favor.

Eu não entendo.

Você não faria isso. É algo entre nós.

Apolo, isso não está certo. Você não pode—

Eu posso, Temperance. E não cabe a você decidir isso.

Tem finalmente entendeu o que Apolo vinha fazendo o tempo todo. Adiando.

Não havia outro jeito — nenhuma solução elegante. A maldição não podia ser quebrada. Nem mesmo o pai de Caspen conseguiu quebrá-la. Que chance Caspen tinha?

Tem que haver um jeito — alguma forma de resolver isso —

Não há. O laço de sangue é o nosso juramento mais forte. Você o quebrou quando dormiu com Leo.

Mas ele me mandou fazer isso. Por que ele faria isso—

Porque ele já havia aceitado as consequências.

Mas Tem não aceitara as consequências. *Não* as aceitaria. Ela tentou se aproximar, mas Caspen fechou as mandíbulas na sua direção. Ele era aterrorizante assim. Tem sabia que, se Apollo não o estivesse segurando, ele se lançaria sobre ela.

Ele não vai parar de tentar te matar, Temperance. Ele nunca vai parar.

Precisamos descobrir outra coisa. Alguém deve saber alguma coisa—

Ela lançou o olhar ao redor da caverna. Ao redor deles, a batalha estava se acalmando. A notícia da morte de Rowe já havia se espalhado: Tem viu basiliscos apontando para seu corpo sem vida, com os olhos arregalados. Seu líder destemido havia partido.

Não há mais nada a fazer, e não posso segurá-lo para sempre.

Não. Você não tem minha permissão.

Não preciso da sua permissão.

Ele se posicionou de forma a ter acesso ao pescoço de Caspen.

Tem saltou para a frente. *Apolo, NÃO—*

Mas ela não foi rápida o suficiente. Tem nada pôde fazer a não ser observar enquanto Apolo cravava suas presas profundamente no pescoço do irmão.

Capítulo Quarenta e Seis

Uma picada de alfinete. Foi tudo o que Tem sentiu. Uma picada de alfinete no peito, bem acima do coração, como se alguém estivesse tirando o ar dela. Mas, em instantes, aquela picada abriu um abismo tão profundo que Tem soube, sem sombra de dúvida, o que estava prestes a perder.

NÃO!

Uma dor inimaginável se espalhava. Ela apertava seu peito, puxando-a para o chão. Ela estava se transformando contra a sua vontade, voltando à sua forma humana. Tem sabia, no fundo do seu ser, que seria a última vez.

Caspen também estava em transição. Eles caíram juntos na areia, ambos humanos, ambos ofegantes. Ele estava coberto de sangue. Tem estendeu a mão para ele, puxando sua cabeça para o seu colo.

"Aguenta firme, Caspen. Eu vou te curar."

Ele balançou a cabeça com grande dificuldade. "Você não pode curar uma lesão fatal, Tem", sussurrou. "Não podemos reverter o curso da natureza."

“Mas você disse que a mordida do basilisco não é fatal. Você disse—”

“Uma mordida no braço não é fatal. Nem em qualquer outro lugar que se cure sozinho. Mas isto…”

Tem encarou o pescoço dele. As presas de Apolo o haviam perfurado profundamente — tão profundamente que ela sabia que não havia chance de cura. As marcas estavam quase sobrepostas às de Rowe.

Ela lançou um olhar desvairado para Apolo, que também havia voltado a ser humano. "Como *você pôde* ?"

Apolo os observava em silêncio. Isso não era suficiente para Tem.

"Conserte isso!" ela gritou. "Conserte isso, Apolo."

O irmão de Caspen apenas balançou a cabeça negativamente.

“Tem”, disse Caspen baixinho. “Olha para mim.”

Mas Tem não queria olhar para ele. Se ela olhasse, veria o sangue. E isso tornaria tudo real.

“Tem”, disse ele novamente. “Por favor.”

Finalmente, ela olhou para ele.

Seu belo rosto repousava em seu colo, olhando para ela. Ela passou os dedos delicadamente pelos cabelos dele, afastando-os da testa. Ela traçou o contorno de seu queixo forte.

"Você mentiu para mim", ela sussurrou. "Você disse que havia outro jeito."

“Basiliscos não podem mentir.”

“Nós dois sabemos que isso não é verdade.”

Caspen sorriu. Então tossiu e sangue pingou em seus lábios.

Tem enxugou-o delicadamente, com os olhos cheios de lágrimas. "Eu te disse que você não tem permissão para morrer."

“E eu disse que me esforçaria para não fazer isso.”

“Viram? Todos vocês são mentirosos.”

Caspen tossiu novamente e saiu mais sangue. Tem o abraçou com mais força.

"Isso é horrível, Caspen", ela disse com a voz rouca. "Você não pode me deixar sozinha."

Caspen balançou a cabeça. "Você não estará sozinha, Tem."

Lágrimas brotaram em seus olhos quando ela percebeu que ele se referia a Leo. "Não faça isso, Caspen, *por favor* —"

“Você será feliz com ele, Tem. Ele te ama tanto quanto eu.”

“Como você sabe disso?”

Por algum motivo, Caspen sorriu. Havia sangue em seus dentes. "Ele escreveu cartas para você."

Tem olhou para ele, boquiaberta em choque. "Mas eu... como...?"

“Ele é o seu único e verdadeiro amor, Tem.”

Tem relembrou o sonho que tivera antes de sua primeira noite nas cavernas — como sentira a presença de Caspen antes mesmo de conhecê-lo. Eles já estavam destinados um ao outro desde então. O

destino os conduzira até ali. Eles estavam destinados a se encontrar — estavam destinados a ficar juntos. Ele era sua chama gêmea, sua outra metade.

Caspen era o sol dela. Caspen era tudo.

“Isso não é verdade.”

“Sim. O vínculo sanguíneo não teria se rompido de outra forma.”

Ela balançou a cabeça, quase cega pelas lágrimas. As palavras de Evelyn ecoavam descontroladamente em sua mente: *Você conseguiria amá-los igualmente?* Tem achava que sim. Estava enganada.

"Eu fui seu primeiro amor, Tem", sussurrou Caspen. "Ele será o último."

Os basiliscos acreditavam no destino. Era o que Apolo lhe dissera tantas semanas atrás. Seria esse o destino de Caspen? Deixar Leo tomar o seu lugar? Sem Caspen, não haveria Leo, e vice-versa. A competição por Leo a levou até Caspen. Os ensinamentos de Caspen a levaram até Leo. Um não poderia existir sem o outro. Uma vida sem ambos não fazia sentido para Tem. Ela estaria para sempre desequilibrada, para sempre desigual. Sempre lhe faltando uma parte.

“Você não pode fazer isso, Caspen. Eu não valho isso.”

“Eu decido o meu valor, Tem. E ele é infinitamente inferior ao seu.”

“Como você pode dizer isso?”

“Porque é verdade.”

Lágrimas escorriam pelo rosto de Tem. Ela não conseguia se mexer, não conseguia respirar.

O polegar de Caspen deslizou para dentro da boca dela, depois para fora, roçando seu lábio inferior. A mesma coisa que Leo fizera apenas uma hora antes. "Você só deveria conhecer o prazer", sussurrou ele.

Tem não conseguiu terminar a frase. Não conseguiu. Porque aquilo não era prazer. Era dor. "Caspen", ela sussurrou. "Não me deixe."

“Eu preciso, Tem.”

“Não consigo fazer isso sozinho. Não consigo fazer isso sem você.”

Por algum motivo, ele sorriu. "Você pode fazer qualquer coisa. Disso eu tenho certeza."

Uma tristeza incomparável invadiu Tem. Isso não podia estar acontecendo. Mas ela sabia que estava. Não havia volta, não havia como

desfazer o que acabara de acontecer.

Caspen olhou para Apolo. Tem observou enquanto algo se passava entre os irmãos: um voto não dito. Então Caspen sussurrou: "Termine, irmão."

Tem sentiu um arrepio na espinha ao ver Apolo inclinar a cabeça em um gesto evidente de respeito. Então, voltou-se para Tem, como se esperasse sua permissão. Ela não a daria; não participaria daquilo. Não era assim que ela queria que terminasse. Não era para terminar. Nunca.

Ela se recusou a olhar para Apolo, olhando em vez disso para Caspen enquanto seu irmão fazia a mesma coisa que Tem acabara de fazer — drenar seu poder até não sobrar nada para tomar. Uma montagem de imagens passou repentinamente por sua mente: seus momentos mais felizes juntos. Ela os viu se encontrarem pela primeira vez nas cavernas. Ela o viu deslizar seus próprios dedos entre as pernas antes de prová-los. *Como eu disse. Paraíso.* Ela o viu puxá-la para dentro de sua mente para que pudesse vê-la como a via. Eles dormiram juntos pela primeira vez em seus aposentos, emaranhados em seus lençóis, apenas os dois, sem ninguém observando. Ela viu o quão orgulhoso ele estava depois que ela terminou o ritual. Ela os viu fazer a transição juntos pela primeira vez, no lago, e depois deitarem-se exatamente naquele mesmo lugar na margem. Ela o viu segurar seu queixo, olhar em seus olhos e dizer: *Você é perfeita, Tem. Não permitirei que pense o contrário.*

Em meio às lágrimas, Tem observou o poder de dois reis deixar Caspen, e com ele, sua vida. Caspen sempre lhe parecera maior do que ela — mais importante, de alguma forma — mais vital. Mesmo agora, imóvel em seus braços, ele era magnífico. Seus olhos dourados a encararam até que não conseguiram mais. No instante em que se fecharam, uma pontada de dor a atingiu no esterno. Tem olhou para baixo e, a princípio, não conseguiu compreender o que via. Primeiro pensou que estivesse ferida. Então percebeu que o líquido em seu peito era ouro, não sangue.

O colar dela estava derretendo.

O metal incandescente queimava sua pele enquanto a garra dourada pingava entre seus seios. em uma massa disforme. Tem gritou, agarrando o amuleto derretido, queimando as pontas dos dedos. Ela ignorou a dor, tentando manter a forma em suas mãos. O colar de Caspen também estava derretendo, acumulando-se no meio de seu peito.

“Caspen”, ela ofegou, encarando as marcas vermelhas em sua pele. “*Caspen* —”

O cheiro de carne queimada a dominou. Ela se curvou, tentando agarrar o colar com os dedos, mas era tarde demais. A corrente cortou seu pescoço enquanto derretia, ferindo-a e queimando-a ao mesmo tempo. A garra não passava de uma massa disforme de metal em suas mãos. Manchas de ouro chamuscaram sua pele antes de se solidificarem e caírem na areia em uma cascata de suaves tilintares.

Um grito horrível rasgou sua garganta.

Ela não conseguia respirar. Não conseguia pensar. Nada jamais seria bom novamente — nada jamais estaria certo. Um grande abismo se abria dentro dela, um que ela sabia que jamais se fecharia. Tem encarou as palmas das mãos, desprovidas das constelações de pigmento. Suas sardas haviam desaparecido. O laço de sangue que ligava a vida de Caspen à dela estava rompido.

Seu lado basilisco estava morto.

Capítulo Quarenta e Sete

Leo não lhe deu nenhum prazo.

A carta dele chegou um dia depois da morte de Caspen, apenas duas frases escritas com tinta vermelha grossa:

Junte-se a mim quando estiver pronto.

Eu te amo.

O funeral foi extravagante. Adelaide planejou tudo, e Tem simplesmente apareceu. Quando chegou a hora de lançar as cinzas de Caspen no lago, suas mãos tremiam tanto que Apolo ficou atrás dela, colocando as mãos sobre as dela para que ela pudesse inclinar a urna. Ela estava hospedada nos antigos aposentos de Caspen desde então — os mesmos que ele ocupava antes de se tornar rei, onde eles dormiram juntos pela primeira vez. Os lençóis dele ainda cheiravam a ele — a fumaça. Tem se perguntava quando aquele cheiro desapareceria.

Apesar do conforto da cama dele, ela estava com dificuldade para dormir. Passava horas encarando o espelho onde ele a havia trazido para sua mente pela primeira vez, mostrando-lhe todas as coisas que achava belas nela. Era a primeira vez que Tem se via do ponto de vista dele, a primeira vez que realmente entendia o quanto ele a amava. Agora, em sua ausência, ela percebia o presente que ele lhe dera naquele dia. Grande parte da confiança de Tem vinha de Caspen. Ele fora o primeiro a lhe dizer que ela era capaz — a insistir que ela era perfeita. Precisou ouvir isso dele para acreditar por si mesma, e agora não precisava ouvir de mais ninguém. Agora, acreditar em si mesma era o suficiente. Caspen lhe dera isso, e ninguém jamais poderia tirar.

Ela sabia que Leo a estava esperando — seu *futuro* a aguardava. Mas, por ora, Tem se contentava em permanecer no passado. Quando deixasse aquelas cavernas, não poderia retornar; os basiliscos haviam decidido abandonar a montanha. Houve perdas em ambos os lados — ambas as aljavas sofreram. A morte de Rowe inaugurou uma nova era:

uma era com Apolo no comando. Foi Apolo, em última análise, quem decidiu que os basiliscos recuariam para o mar. Tem não tentou convencê-los a ficar. Humanos e basiliscos tentaram coexistir por séculos, e falharam. Não poderia haver paz entre predador e presa. O ciclo da vida não permitiria. Adelaide deixara claro que os basiliscos restantes esperariam Tem partir antes de irem embora. eles mesmos. "É uma questão de respeito", ela disse. "Eles desejam dar-lhes tempo para lamentar a morte do seu rei."

Mas nenhum período de tempo seria suficiente.

Tem jamais imaginou que enfrentaria um futuro sem Caspen — jamais pensou que chegaria o dia em que suas mãos firmes não estariam mais lá para ampará-la. Mas esse dia havia chegado. Como poderia lamentar a perda de alguém como ele? Alguém que lhe ensinara tudo o que sabia? Caspen tolerara sua impaciência insuportável, seus questionamentos intermináveis, sua relutância em fazer as coisas na ordem em que deveriam ser feitas. Ele era a única coisa que ela jamais conseguiria ser: paciente. E paciência, Tem sabia, era essencial para um relacionamento com ela. Ela era impossível. O que poderia ser pior para um basilisco? Caspen nunca conseguira controlá-la completamente, e nem queria. " *Você não foi feita para ser domesticada."* Ele disse isso como um elogio. Caspen sabia, desde o início, que Tem era capaz de grandeza. Levou muito tempo para que ela mesma acreditasse nisso. Mas aqui estava ela, finalmente, plenamente transformada na rainha que ele fizera dela, e ele não estava mais lá para ser seu rei.

No fim, doía mais ficar do que ir embora.

"Há alguém com quem você queira falar antes de ir embora?", perguntou Adelaide na noite em que ela lhe disse que queria partir.

“Sim”, disse Tem antes que pudesse se conter. “Apolo.”

Adelaide assentiu com a cabeça.

“E Damon.”

“Claro. Mais alguém?”

Tem balançou a cabeça. Ela havia encontrado muitos basiliscos durante o tempo que passou sob a montanha. Mas os irmãos de Caspen eram os únicos de quem ela se importava em se despedir.

“Mas como exatamente eu…” Tem não tinha certeza de como chamar aquilo. “…saio daqui? Quer dizer, o que acontece agora?”

“Vamos liberá-lo de seus deveres reais. Tecnicamente, você já é incapaz de exercê-los, visto que não é mais parte basilisco, mas ainda precisamos dispensá-lo formalmente.”

“Ah.” Tem assentiu com a cabeça. “Certo.”

Ela estava prestes a ser demitida. Pareceu tão repentino.

“Temos que fazer isso direito, Temperance”, disse Adelaide. “Não é minha intenção ofender. Nós gostamos muito das nossas tradições, como você sabe.”

Tem assentiu novamente. Ela sabia que os basiliscos adoravam seus rituais, suas cerimônias e seus modos especiais de fazer as coisas. Ela nunca havia interferido em suas tradições e certamente não começaria agora.

Adelaide acompanhou-a até o pátio, onde estavam os irmãos Drakon. De pé ao lado da fonte. Damon a abraçou quando ela chegou perto deles. Apollo parecia não conseguir se mexer.

Adelaide se virou para Apollo. "Você tem prioridade. Deseja exercê-la?"

Seus olhos se voltaram para os de Tem. Eram tão parecidos com os do irmão: poços dourados sem fim. "Não", disse ele. "Não tenho."

Adelaide colocou a mão no ombro dele. "Você precisa dizer isso direito para que seja oficial", ela insistiu suavemente. "Você renuncia ao seu direito de preferência em relação a Temperance Verus?"

Apollo se virou para Tem. Seus olhos fitaram os de Tem antes de percorrerem lentamente seu corpo, detendo-se na cicatriz entre seus seios. Adelaide havia se oferecido para curá-la, mas Tem preferia manter a lembrança de Caspen.

Apolo falou claramente, enunciando cada palavra. "Renuncio aos meus direitos de precedência em favor de Temperance Verus."

Tem olhou para ele — para o queixo esculpido, tão semelhante ao de Caspen, para os olhos que a observavam com absoluta certeza. *Saiba a hora de se afastar.*

Os irmãos Drakon tinham isso em comum. Ambos sabiam quando admitir a derrota. Era uma qualidade admirável e rara. Afastar-se significava ceder o poder — significava admitir que você não era a escolha certa. Alguns poderiam considerar isso uma derrota. Mas,

quando feito por livre e espontânea vontade, afastar-se era uma vitória em si.

"Obrigada", ela sussurrou.

Apolo assentiu com a cabeça. "Claro."

Essa teria sido a retribuição perfeita para Apolo — a conclusão natural de sua longa história com Caspen. Tomar Tem para si era o passo lógico para qualquer um em sua posição. Uma parte dela não conseguia acreditar que ele não faria isso. Ele a deixara sozinha nos dias seguintes à morte de Caspen, quase como se não suportasse olhar para ela. Tem também não conseguia suportar olhar para ele. Mas, eventualmente, eles se reencontraram. Ela não o culpava pelo que aconteceu; a escolha de Caspen foi dele. Apolo fora quem a tirara da escuridão, quem a lembrara de que tinha uma vida inteira pela frente. Uma vida finita. Havia valor na mortalidade — uma beleza no fato de Tem não ser mais ilimitada.

Não havia nada que ela pudesse dizer para expressar adequadamente o que sentia por Apolo. Então, ela disse isso na única língua que os basiliscos entendiam. Tem deu um passo à frente, ficou na ponta dos pés e o beijou. Apolo se inclinou para encontrá-la, envolvendo-a pela cintura e puxando-a contra o peito. Eles se beijaram lentamente, e Tem o inspirou profundamente, lembrando-se de como ele cheirava a Caspen. Ela saboreou cada segundo, sabendo que nunca mais beijaria um irmão Drakon.

Quando se separaram, Adelaide se virou para Damon. "Você tem direito de segunda instância."

Damon não hesitou nem por um instante. "Renuncio ao meu segundo direito de usar Temperance Verus."

Tem sempre soube que Damon não a impediria. O amor dele por Gabriel estava florescendo, e ambos iriam para o mar. Entriste Tem saber que não veria seu melhor amigo todos os dias, mas se alguém era capaz de lidar com a sociedade basilisco, esse alguém era Gabriel. Tem tocou a mente de Damon com a sua, enviando-lhe uma lembrança da primeira noite em que Gabriel desceu sob a montanha. Ela mostrou como seus membros se entrelaçavam, como suas mãos acariciavam os rostos um do outro. Ela mostrou como era ver Gabriel com alguém que o adorava desde o primeiro momento e como eles eram incrivelmente

belos juntos. Ela o deixou com uma última ordem, uma que sabia que ele obedeceria: *Mantenha-o em segurança.*

Damon baixou a cabeça. *Eu irei.*

Uma leveza surpreendente percorreu Tem. Sua última preocupação havia sido resolvida. Não havia mais nada a fazer.

"Muito bem", disse Adelaide. Ela se virou para Tem. "Você está liberada para ir, Temperance."

Adelaide a acompanhou até a caverna antes de abraçá-la. *Adeus, Temperance.*

De alguma forma, Tem sabia que aquela era a última vez que tocaria sua mente, e o pensamento a fez querer chorar. Era triste deixar Adelaide. A amizade delas tinha sido algo inesperado — algo que se transformou em um laço que ela realmente prezava. Por fim, sua presença se dissipou, e Tem ficou sozinha na caverna pela última vez.

Ela olhou para o tapete em frente à lareira. Tantos antes e depois haviam acontecido naquele tapete. Antes de ser beijada e depois, antes de se entregar a um homem e depois, antes de Caspen e depois.

Ela se lembrou de como se sentiu quando entrou naquela caverna pela primeira vez. Nervosa. Mas também pronta. Tem ansiava por experimentar tudo o que havia para ser experimentado, e Caspen fora quem lhe mostrara o caminho. Ele lhe mostrara tanta coisa. Não apenas sexo — aquilo era só o começo. Ele lhe mostrara o que significava se empoderar, exigir mais de si mesma e dos outros, viver uma vida plena e feliz. Ele lhe mostrara como controlar seu poder — como fazer a transição, como atingir o ápice. Ele lhe mostrara tudo.

Há quanto tempo você me ama?

Muito mais tempo do que você me amou.

Sua mãe lhe dissera uma vez que o verdadeiro amor significava sacrificar a própria felicidade pela felicidade do outro. Caspen fora além; realizara o sacrifício supremo — o gesto final. Fizera a única coisa de que jamais poderia se arrepender. Tem se perguntava se era digna de tal gesto. Talvez não houvesse como ser verdadeiramente digna disso.

Tem se lembrou da primeira noite de treinamento — de como era jovem, inexperiente, virgem. Ela se lembrou do que perguntou à mãe enquanto espalhava óleos de ylang-ylang e sândalo em suas coxas:

Como será?

Será... transformador. Você dará o primeiro passo para se tornar uma mulher.

Eu achava que já era um.

Nem de longe, minha querida. Você mal começou a viver. Você não tem a menor ideia da jornada que está prestes a iniciar.

Tem jamais poderia ter imaginado a jornada que estava prestes a iniciar. Mal conseguia imaginá-la agora que tudo havia terminado. Era verdade que, naquela época, ela mal havia começado a viver. Mas, de alguma forma, isso também parecia verdade agora. De alguma forma, parada ali na caverna, Tem sentia como se as coisas estivessem apenas começando para ela. Ela tinha uma vida inteira para viver com Leo. Não seria nem de perto tão longa quanto a vida que teria como uma Híbrida com Caspen. Mas seria uma boa vida. Teria significado. A vida era algo a ser valorizado. Era melhor, Tem concluiu, fazer o melhor com o pouco tempo que se tinha, do que não fazer nada com a eternidade. Ela se esforçaria para viver uma vida da qual se orgulhasse — da qual Caspen se orgulhasse.

Finalmente, Tem deixou a montanha.

O céu noturno estava limpo acima dela, a Serpente Alfa brilhando mais intensamente que o normal. Tem olhou para ela, deixando as lágrimas caírem. Caminhou lentamente pela trilha, um passo de cada vez. Passou pela cova improvisada onde enterrara a doninha. Passou pelo muro. Passou pela casa de sua infância. Caminhou até o castelo, no seu próprio ritmo, permitindo-se vivenciar cada segundo da jornada. A vila era linda à noite. Todas as janelas estavam iluminadas, e Tem conseguia imaginar como ficaria nos meses seguintes, quando a neve chegasse.

Quando chegou ao castelo, já era noite alta. Ela não se deu ao trabalho de bater na porta. Aquela era a sua casa agora, e ela entraria e sairia quando quisesse. Em vez disso, entrou no hall de entrada, que estava notavelmente vazio. Todas as molduras douradas haviam sumido. O rejunte brilhante tinha sido raspado entre os azulejos. Ela subiu as escadas até o quarto de Leo, sabendo que ele provavelmente estaria dormindo. Quando chegou lá, constatou que estava certa. Leo estava na cama, seus cabelos loiro-platinados espalhados pelo travesseiro. Ele parecia tão tranquilo assim. Angelical.

Tem sentou-se ao lado dele.

Ele acordou imediatamente. "Tem", ele sussurrou.

“Olá”, disse ela baixinho.

Ele tocou a pontinha dos cachos dela, puxando-os delicadamente antes de soltá-los. "Posso te oferecer alguma coisa?", sussurrou. "Você está com fome?"

Tem balançou a cabeça. Tirou a roupa devagar, deixando-a cair no chão. Leo levantou o cobertor e ela se aconchegou ao lado dele. Ele passou os dedos delicadamente sobre a cicatriz em seu peito. Então a beijou.

E assim começou a vida deles juntos.

Eles se casaram novamente no jardim da casa de campo dos pais de Tem, com Lilly oficiando a cerimônia. Leo não lhe deu nenhum anel; ela nunca havia deixado de usar o que ele lhe dera da primeira vez. Gabriel compareceu, assim como Damon, que a entreteve com histórias do mar. Tem convidou Adelaide, que educadamente recusou, mas enviou uma elaborada seleção de conchas. Tem as colocou na lareira de sua mãe, onde pareciam perfeitamente adequadas ao lado do borrifador de água salgada.

Apolo enviou seu próprio presente: um enorme buquê de flores em tons de roxo e vermelho. A cor de um hematoma. *Complexo. E belo. Assim como você.*

Era estranho continuar sua vida sem os basiliscos, ter algo que nunca lhe pareceu realmente seu tirado. Mas, de certa forma, tornar-se completamente humana era como voltar para casa — como encontrar algo que ela nunca havia perdido de verdade. Não havia dúvida de que Tem lamentava a perda de seu lado basilisco. Mas toda vez que olhava para Leo, lembrava-se do que havia ganhado.

Ele estava sempre ao lado dela. Principalmente no começo, nunca se afastava mais do que alguns passos. Tem se perguntava se ele fazia isso conscientemente, ou se era mais para o próprio benefício do que para o dela. De qualquer forma, ela apreciava isso. Sempre que estendia a mão, ele estava lá. Sempre que precisava dele, ele estava lá. Ele sempre estaria lá.

Além disso, nem tudo estava perdido.

Tem ainda possuía a habilidade de manipular emoções. Ela frequentemente acalmava Leo quando ele pedia — quando o trauma do ocorrido se tornava insuportável para ele. Ela também ainda conseguia

curar feridas — algo que havia notado enquanto cuidava do jardim com sua mãe. Num instante, ela se cortava com a pá, e no seguinte, o ferimento estava curado. Ela conseguia se comunicar com basiliscos usando a mente, embora seu pai fosse o único com quem ainda podia falar. Eles faziam isso com frequência, e Tem era grata por isso. Ela não tinha ideia se conseguia assumir sua forma original e não estava disposta a descobrir. Havia uma pulsação constante e insistente de poder em seu peito o tempo todo, irradiando através de sua pele, aquecendo-a mesmo quando ela não queria. Era o poder de Rowe, e Tem se deleitava com o fato de que ele odiaria que ela o possuísse. A única coisa que ela realmente perdeu foi a capacidade de se transformar. Mas não havia mais necessidade disso. Ela não amaria outro basilisco; ela nunca mais precisaria incorporar sua verdadeira forma.

Mas talvez, por ser meio humana, ela se concentrasse em sua verdadeira forma humana e em Leo. Ele também havia perdido uma parte de si mesmo — certamente não estava mais apaixonado por Evelyn, mas a realidade dela havia lhe roubado as memórias do primeiro amor.

A presença de Evelyn havia desaparecido do castelo muito antes da chegada de Tem, mas Tem jurava que ainda a sentia nos corredores, observando-a. Sua boca franzida estava sempre presente, mesmo agora. Fora da vista, mas não da mente. Tem se perguntava onde ela estaria — se simplesmente havia voltado a morar na vila vizinha ou se tinha ido para algum lugar mais distante. Certamente, ela encontraria algum outro homem rico para se aproveitar. Talvez... Em outro universo, ela seria amiga de Vera. O pensamento divertiu Tem. Elas seriam o par perfeito.

Maximus permaneceu nas masmorras. Leo nunca o mencionou, e Tem também não. Mas Tem sabia que Leo pensava em seu pai. De vez em quando, ela o via tocar as cicatrizes na nuca — as mesmas que Maximus lhe fizera durante o Corte. Quatro cicatrizes. A quarta em sua linhagem. Pai e filho. Mas Leo não era nada parecido com o pai.

Ele sempre estava lá para Tem, consolando-a no meio da noite sempre que ela acordava chorando. Acariciava suas costas, murmurando palavras de conforto até que ela adormecesse em seu peito. Eles nunca conversavam sobre isso na manhã seguinte. Mas ela sabia que ele estaria lá na noite seguinte, quando inevitavelmente

acontecesse de novo. Ainda a compartilhando, mesmo depois que Caspen se foi. Dois homens. Dois amores. Dois reis. Nas noites em que as coisas ficavam especialmente difíceis, Leo lia para ela em frente à lareira. Ela se aconchegava na poltrona, acalmada pelo som de sua voz.

Sua cicatriz nunca cicatrizou completamente. Em alguns dias, a coceira era tão intensa que Tem precisava tomar banhos de gelo para aliviar. Ela nunca havia gostado de banhos antes, mas agora os apreciava. Na maioria das noites, Leo pressionava os lábios contra a cicatriz antes de dormir. Quando ela lhe perguntou por que fazia isso, ele respondeu: "Porque isso me trouxe você."

Eles visitavam o cemitério todas as manhãs, da mesma forma que Leo costumava fazer. Sentavam-se juntos no banco, de frente para o velho salgueiro.

E + L

E logo abaixo:

T + C

Afinal, o amor é complicado. Ele nunca desaparece. Apenas se transforma.

Por fim, Leo deixou que ela lesse as cartas. Era justo, considerando que Evelyn e Caspen já as tinham lido — um fato que Tem quase achou engraçado. Ela era *sempre* , e até agora, a última a saber.

Leo a deixou sozinha enquanto ela lia as cartas. Talvez ele soubesse que ela precisava de privacidade. Talvez ele soubesse que ela poderia chorar. Mas, para surpresa de Tem, a primeira carta da pilha não era de Leo. Ela a abriu com os dedos trêmulos e viu que as palavras estavam escritas em uma caligrafia desconhecida. No instante em que começou a ler, lágrimas escorreram por suas bochechas.

Tem,

Pelo que sei, Leo escreveu cartas para você. Achei justo escrever uma também.

A princípio, achei estranho que ele deixasse objetos tão preciosos justamente no quarto em que estávamos hospedados na véspera do seu casamento. Depois, considerando o Pelo conteúdo das cartas, suspeitei que não fosse obra dele. Existe um tipo de crueldade que experimentei

apenas algumas vezes em minha longa vida, e Evelyn a possui. Mesmo sabendo que ela as deixou com a intenção de que eu as encontrasse, devo admitir que li cada uma delas. Não foi meu momento de maior orgulho, e peço desculpas por isso. Mas, uma vez que comecei, foi bastante difícil parar.

Eu costumava pensar que meu amor por você era mais forte que o de Leo. Mas agora vejo que estava enganada. Os humanos, em toda a sua glória desordenada, são capazes de sentir emoções tanto quanto os basiliscos. Se não mais. Você me ensinou isso, e serei eternamente grata pela lição. É por causa dessas cartas que finalmente entendo o que devo fazer.

Foi uma agonia ver você amar o Leo e a mim ao mesmo tempo. Pensei que talvez você o superasse — que, ao me escolher, você abandonaria o príncipe humano. Era uma esperança infantil e ingênua. Eu deveria ter sabido que seu coração não funciona assim. Você não funciona assim. Você ama livre e completamente, sem pedir desculpas. Você ama mesmo quando é inconveniente, irritante e enlouquecedor. Você ama sem vergonha. É uma qualidade impressionante, e eu a invejo.

Amo de forma cobiçosa. Amo com ganância e sem consideração pelos outros. Jurei que nunca te magoaria, e quebrei essa promessa inúmeras vezes. Imploro que me perdoe. Tudo o que peço é que se lembre de mim como eu era — antes que minha raiva consumisse minha bondade. Eu nunca deveria ter me casado com você. Não digo isso para te magoar, então, por favor, não interprete dessa forma. O que quero dizer é que meu amor por você foi egoísta. Eu não conseguia resistir a você, por mais que tentasse, mesmo sabendo que te amar significava te trazer para o meu mundo. Pedi você em casamento sem que soubesse. Escondi detalhes da minha família, da minha aljava, do meu povo. Você aceitou tudo isso passivamente, quando não deveria ter que aceitar nada disso.

Você chegou até mim, nova, ansiosa e inocente. Eu vivia na escuridão, e o sol nasceu quando te conheci. Não conseguia acreditar na sua força, sendo tão jovem. Já te disse isso antes, mas vale a pena repetir: me apaixonei por você no instante em que te vi. Você é ousada, tenaz e imparável. Você é a mulher mais capaz que já conheci, e sempre desejei mais para você. No início, pensei que isso se referia a mim. Mas agora entendo que você é completa por si só. Não tenho dúvidas de que a vida que você viverá será sensacional. Leo tem sorte de vivê-la com você.

Quando meu pai morreu, ele me legou seu poder, e isso tem sido um fardo todos os dias desde então. Uma parte de mim sempre soube que você é muito mais digno de usá-lo. Leo sempre entendeu isso sobre você. Fui eu quem demorou demais para perceber que você não precisa de mim para voar alto. Agora eu entendo por que foi... Foi tão difícil para você se transformar — os efeitos da crista foram debilitantes. Eu não deveria ter descontado minha raiva em você. Nunca se tratou da sua capacidade de se transformar. Era o motivo pelo qual você não conseguia se transformar que me torturava. Talvez, no fundo do meu coração, eu já soubesse que as coisas terminariam assim.

Tudo o que aconteceu foi por minha causa. Fui eu quem te levou para os braços de Leo, insistindo o tempo todo para que você permanecesse nos meus. Fui eu quem exigiu que você o superasse, e agora a vida dele está por um fio. Isso está te matando tanto quanto está matando a ele. Não posso te culpar por amá-lo quando eu mesma não consegui resistir a te amar. Eu entendo, mais do que ninguém, como você deve estar se sentindo.

Você precisa me perdoar se eu estiver com raiva quando você voltar da sua conversa com Evelyn. Você precisa me perdoar se eu ficar com raiva por um tempo. Mas eu não ficarei com raiva para sempre, e você logo saberá o porquê. O que eu preciso fazer parecerá cruel para você. Mas é a única maneira de acabar com isso. Kora sabe que eu não sou perfeito. Mas você não precisa que eu seja perfeito. Você simplesmente precisa que eu tome a decisão que deveria ter tomado há muito tempo. Sinto muito que você tenha que me ver morrer. Mas é para que você não tenha que fazer o mesmo com Leo. Isso seria um fardo pesado demais para suportar, até mesmo para você.

Antes que você retorne e eu destrua tudo, devo-lhe um pedido de desculpas. Eu nunca deveria ter pedido que você ajudasse Leo. Eu sabia o quanto você se importava com ele. Eu sabia que você o amava. Eu não poderia ter previsto que você o ordenaria a encontrar Evelyn, mas, olhando para trás, eu deveria ter imaginado que você tentaria fazer o certo por ele. Você sempre tenta fazer o certo por aqueles que ama. Acredite ou não, eu me esforço para fazer o mesmo. Aliás, estou me esforçando para fazer isso agora mesmo.

Há mais uma coisa que gostaria de mencionar. Você sabe que vivi uma longa vida antes de você, e você frequentemente me perguntava sobre isso. Gostaria de ter respondido às suas perguntas quando as fez, mas

agora não estarei mais aqui para fazê-lo. Porém, mantive um diário. Apolo sabe onde ele está, e você pode lê-lo se quiser. Quero que você saiba tudo o que há para saber sobre mim. Chega de guardar segredos de você.

Após você dominar o brasão, poderá realizar a transição novamente. Só então você terá força suficiente para derrotar Rowe. Só você pode fazer o impossível. Você é extraordinário, Tem.

Foi a maior honra da minha vida amar você. Só espero ter sido digno do seu amor em troca.

Seu,
Caspen

Cartas de Leo

Tem,

Só estou escrevendo estas cartas infernais a seu pedido, e quero deixar registrado que acho uma ideia estúpida. Mas, como não tenho outras ideias, acho que não devo desmerecê-la. Qualquer ideia, por mais estúpida que seja, vale a pena tentar neste momento. Preciso tirar você da minha cabeça.

Seu,
Leão

Tem,

Eu pedi aos fornecedores que fizessem aquele suflê hoje à noite — aquele que comemos quando você se hospedou no castelo. Você se lembra? Você se lembra de como eu te dei uma mordida e depois você me deu um beijo na bochecha? Juro que senti aquele beijo por horas.

Eu daria tudo por um beijo assim seu agora. Só um.

Seu,
Leão

Tem,

O jantar foi uma tortura hoje, como todo maldito domingo. Cada vez que você estendia a mão para o seu uísque, eu pensava que você ia estender a

mão para mim. Para piorar a situação, seu marido bruto ficou sentado me encarando o tempo todo. Ele nunca come? Nem responda. Não quero pensar no que ele anda comendo, já que é tudo o que eu quero comer também.

Seu,
Leão

Tem,

Você tem noção de que, a cada vez que vem aqui, está mais bonita do que da última vez? Como ousa ficar assim? Deveria ser ilegal ser tão deslumbrante. E não pense que eu não reparo quando você usa um decote. Eu sei que você faz isso por mim. E eu sei que você sabe que eu sei. Pare com isso.

Seu,
Leão

PS: Nunca pare de fazer isso.

Tem,

Agonia é uma palavra muito branda para descrever esses jantares malditos. Nunca vou me perdoar por tê-los sugerido. Saber que são minha única maneira de te ver é o único motivo pelo qual permito que continuem acontecendo. Isso, e eu gosto de ver como seu marido fica bravo sempre que eu olho para você. Ele quase quebra um dente quando te faço sorrir. Imagine o que ele faria se eu te fizesse gozar.

Seu,
Leão

Tem,

Houve agitação na aldeia. Meu povo não está feliz. Estou dividido entre dois lados: o deles e o seu. Não sei que magia você lançou em nosso casamento, mas você está sempre em meus pensamentos. Mesmo quando estou com Evelyn. Só consigo pensar em você.

Seu,
Leão

Tem,

Cheguei atrasado para o jantar hoje. E quando cheguei, você parecia que tinha acabado de ser fodida. Sabe como eu sei disso? Porque eu já te fodi antes, e era assim que você estava depois. Imagino que você deixou seu marido bruto te apalpar no hall de entrada. Juro que quase pude te ouvir gemendo para ele. Passei a noite toda me masturbando pensando em você gemendo para mim.

De alguma forma, apesar do meu bom senso, ainda assim seu,
Leão

Tem,

Os aldeões estão furiosos. Evelyn anunciou nosso casamento, e a reação não foi nada boa. Você me avisou, e eu não dei ouvidos. Achei que eles a aceitariam, mas não aceitaram. Ela está ainda mais convencida de que precisamos retomar o derramamento de sangue. Ela acha que isso vai mudar a opinião deles a seu favor. E provavelmente está certa.

Seu,
Leão

Tem,

Juro que a Evelyn não sabe o que está dizendo. Ela é só... complicada. Parecida com você. Mas a comparação para por aí. Ela não tem nada a ver com você. Nem de longe. Não vou deixar ela fazer isso. Prometo.

Seu,
Leão

Tem,

Você vai ler essas cartas algum dia? Qual o sentido de escrevê-las para você se só as escrevo para mim mesma? O que acontece se Evelyn as encontrar? Às vezes, eu espero que sim.

Seu,
Leão

Tem,

Não é suficiente para mim. Não posso escrever para você e fingir que é o suficiente. Preciso te tocar. Preciso ouvir você dizer meu nome. Você não precisa disso também?

Seu,
Leão

Tem,

Acho que a Evelyn está mentindo para mim. Isso me corrói como uma doença. Nós duas combinamos de não mentir uma para a outra, e tudo o que a Evelyn faz é mentir. Estou começando a achar que a odeio por isso. Estou começando a achar que também te odeio.

Seu,

Leão

Tem,

Eu não te odeio. Eu jamais conseguiria te odiar. Acho que você sabe disso, então não vou me dar ao trabalho de pedir desculpas. Você não vai ler essas malditas cartas, então que diferença faz? Eu te amo. Sempre amarei.

Seu,
Leão

Tem,

Por que será que toda vez que nos olhamos, parece que estrelas colidem? O que você fez no nosso casamento? Que laço existe agora entre nós? Foi o seu marido, aquele bruto, quem sugeriu que você extraísse poder de mim naquele dia. Será que ele sabe que estamos conectados assim? É impossível. Porque se soubesse — se soubesse o que eu sinto quando olho para você — ele me mataria na hora.

Seu,
Leão

Tem,

Eu odiei cada segundo daquele jantar. Odiei o jeito como você se ofereceu para o derramamento de sangue. Odiei o sorriso da Evelyn quando você fez isso. Odiei o jeito como você me disse que meu pai ficaria orgulhoso. Eu duvido muito que ele ficaria. Nada poderia ser pior do que deixar aquele monstro orgulhoso.

Sinto tanta saudade que chega a doer.

Seu,

Leão

Tem,

Algo me atrai para você. Não consigo evitar. Acordo todas as noites pensando em você, e às vezes já estou quase saindo pela porta quando me lembro que não posso ir até você. Será que seu marido bruto sabe a sorte que tem? Será que ele entende o privilégio imenso que tem por ser casado com você? É ele quem pode te beijar. É ele quem pode te foder. Pelo menos... pessoalmente. Você não imagina o que eu já fiz com você nos meus sonhos.

Seu,
Leão

Tem,

Juro que me sinto pior a cada dia que passo longe de você. É como se eu precisasse te tocar, e se não o fizer, vou morrer. Você sente o mesmo? Ou será que eu anseio pela solidão?

Seu,
Leão

Tem,

Eu gostaria que você não tivesse me mandado embora esta noite.

Eu teria ficado com você enquanto você estivesse naquele calabouço horrível. Não quero você perto do meu pai, e não quero que você sangre por minha causa. É a última coisa que eu jamais desejaria.

Seu,
Leão

Tem,

Não consigo parar de pensar no que fizemos na biblioteca.

Você estava tão linda, aberta daquele jeito, só para mim. Quando Evelyn perguntou como eu tinha cortado a mão, eu não consegui pensar em absolutamente nada para dizer. Ela não teria acreditado em mim de qualquer forma.

Seu,
Leão

Tem,

Meu pau estava duro quando acordei hoje de manhã. Evelyn o colocou na boca e eu imaginei que ela fosse você. Depois transamos e eu a peguei por trás porque é o único jeito de eu transar com alguém que não seja você.

Por que você está fazendo isso comigo? Você me odeia?

Seu,
Leão

Tem,

Não aguento mais isso.

Seu,
Leão

Tem,

A cada dia que passa, os aldeões ficam mais inquietos. Conversei com seu amigo Gabriel esta manhã, quando ele chegava para o seu turno na cozinha. Ele disse que meu povo está com raiva, que se ressente das

inconsistências na liderança e que gostaria que você fosse a rainha deles. Eu também gostaria.

Seu,
Leão

Tem,

Não está dando certo com a Evelyn. Mas eu não posso deixá-la. Você me disse para encontrá-la, e eu encontrei. E agora vamos nos casar e tudo está errado. Não consigo parar de pensar em você. Quando tento, só penso mais em você. Você está no uísque que eu bebo, nos livros que eu leio, nas estrelas que eu vejo. Você faz parte de mim.

Acontece o mesmo com você? Ou será que imaginei a situação?

Seu,
Leão

Tem,

Quase fui embora ontem à noite — quase entrei numa carruagem e fui até as cavernas para te encontrar. O que teria acontecido se eu tivesse feito isso? Você teria ficado feliz em me ver? Ou seu marido bruto teria arrancado minha cabeça? Talvez isso fosse preferível a sentir tanta saudade de você.

Eu não consigo continuar fazendo isso, Tem. Não consigo continuar escrevendo essas cartas.

Seu,
Leão

Tem,

Evelyn está aqui pelos motivos errados. Ela é obcecada por ouro, por dinheiro, por poder. Ela quer o que eu posso lhe oferecer — ela não me quer.

Ela não é... boa. Ela não é você.

Seu,
Leão

Tem,

Eu deveria me casar com Evelyn hoje à noite. E juro por Kora que se você me dissesse para não me casar, eu não me casaria. É só isso que precisaria: uma palavra sua, e eu não me casaria com ela. Diga essa palavra, Tem. Por favor.

Seu,
Leão

Capítulo Bônus

Essa cena poderia ocorrer depois que Gabriel experimenta o elixir pela primeira vez, mas antes de participar de sua primeira orgia com basiliscos. Não há absolutamente nenhuma lógica nisso — eu só queria que esses três ficassem excitados juntos. Boa leitura!

Tem vigiava Gabriel, mas inevitavelmente o perdia de vista na multidão. Só quando finalmente se reencontraram é que ela percebeu que ele havia tomado mais elixir na sua ausência. Seu rosto estava corado, suas pupilas dilatadas. Seu peito estava coberto por uma fina camada de suor, sua respiração ofegante.

"Vamos lá", disse Tem, tocando o próprio braço. "Você deveria fazer uma pausa."

"Não quero uma pausa, meu bem."

"Eu sei que você não *quer* um. Mas você precisa de um."

" *Tem* ", ele resmungou. "As coisas estão ficando interessantes."

Com certeza. Ao redor deles, os basiliscos ondulavam em uma massa frenética. Membros se entrelaçavam; bocas se chocavam umas contra as outras. A sala inteira estava cheia de um sibilo tão alto que ela mal conseguia ouvir a própria respiração. Se Tem não estivesse acostumada com aquilo, teria ficado apavorada.

"Vamos " , insistiu ela. "Só por um instante, e depois voltamos. Prometo."

Tem entrelaçou seu braço no de Gabriel, puxando-o para longe da pilha de corpos que se debatiam. Ele a seguiu a contragosto, e juntos foram até os aposentos que ela dividia com Caspen. Assim que o barulho cessou, Tem soube imediatamente que tinha feito a coisa certa em levar Gabriel embora. Apesar do que ele dissera, ela percebeu que ele estava sobrecarregado. A época de acasalamento era demais para

qualquer humano — quase demais para *ela.* Eles desabaram na cama juntos. Um instante depois, ambos estavam dormindo.

Quando Tem acordou, Gabriel estava atrás dela, com o braço em volta de sua cintura e as pontas dos dedos repousando logo abaixo de seus seios. Ela percebeu imediatamente o quão quente ele estava, seu calor tão intenso quanto o fogo que se apagava. Por um instante, Tem simplesmente ficou ali deitada em silêncio, sentindo a respiração dele na nuca. Finalmente, ele se mexeu. Seu braço a apertou, puxando-a para perto do peito.

Tem soltou um suspiro involuntário. Ao ouvir o som, Gabriel congelou, e Tem soube que tinha... Ela só então percebeu o quão intimamente ligados estavam. Por um instante, pensou que ele a afastaria. Em vez disso, ele fez o contrário, aninhando o rosto na curva do ombro dela e pressionando os lábios contra seu pescoço. Um gemido escapou de seus lábios. Novamente, Gabriel congelou.

Por instinto, Tem tentou acessar a mente dele. Mas, é claro, ela não conseguiu. Em vez disso, sussurrou em voz alta: "De novo."

Um longo momento se passou, o silêncio pontuado apenas pelo crepitar da lareira. Tem quase podia *sentir* Gabriel pensando. Eles já haviam ultrapassado muitos limites esta noite. Alguns pequenos, outros significativos. Mas sempre em grupo. Agora estavam sozinhos, e o que quer que acontecesse ali — na privacidade dos aposentos dela — significava algo muito diferente. Significaria que buscavam prazer um no outro, *especificamente* , e não nas circunstâncias. O pensamento era extremamente intrigante para Tem. De todas as pessoas, Gabriel era o mais indicado para isso. Ele agia mais como um basilisco do que Tem. Não era uma questão de habilidade. Era apenas uma questão de vontade. O poder de continuar estava unicamente em suas mãos. E Tem estava nas dele.

Lentamente, sem dizer uma palavra, Gabriel pressionou os lábios contra o pescoço dela mais uma vez. Tem fechou os olhos, saboreando a sensação, percebendo cada detalhe do toque. O elixir aguçou seus sentidos; era como se ele a estivesse tocando em câmera lenta. Sua pele era macia, seu corpo firme. Ela não conseguia acreditar que aquilo estava acontecendo. Nunca havia havido nada romântico entre eles, e ainda não havia. Mas isso não significava que não existisse um amor profundo. O que ela sentia por Gabriel era diferente do que sentia por Caspen ou Leo. Não eram equivalentes; Gabriel estivera lá primeiro, e se

algo acontecesse com Caspen ou Leo, ele estaria lá muito depois. A amizade deles era o relacionamento mais importante da vida dela, além da mãe. Tem se sentia completamente segura com Gabriel — sempre se sentiu, sempre se sentiria. Ele era seu melhor amigo. Seu confidente. Sua *pessoa.* Tem sabia que eles se respeitavam muito, e nenhum dos dois permitiria que algo acontecesse que pudesse prejudicar isso.

Os dedos de Gabriel roçaram suavemente a parte inferior do seio dela, traçando sua curva. Tem podia sentir cada batida do seu coração pulsando sob a mão dele. Quando os dentes dele mordiscaram sua orelha, ela soltou um suspiro. Mais uma vez, Gabriel ficou imóvel. Então, seus dedos retomaram a jornada, traçando delicadamente sua pele até alcançarem o mamilo. Ele o tocou lentamente, aguçando-o até que se tornasse pontiagudo. Tem virou a cabeça para a dele, de modo que suas bocas se alinhassem perfeitamente. Gabriel diminuiu a distância.

Eles se beijaram com facilidade, ambos ainda sob o efeito do elixir. Ela entendeu pela primeira vez por que os rapazes do estábulo estavam tão encantados por ele. Ele beijava excepcionalmente bem — intuitivo e confiante. Gabriel cheirava bem, Tem percebeu. Ela nunca tinha sentido o cheiro dele antes. Agora, ela notava a doçura que impregnava seus cabelos e sua pele, inalando-a enquanto seus lábios se moviam contra os dela. A mão dele ainda estava em seus seios, explorando-os. Devagar. Sua outra mão se enroscou em seus cachos, puxando-a ainda mais para perto.

Com um movimento suave, Gabriel a virou para que ficassem frente a frente. Tem olhou profundamente em seus olhos enquanto ele olhava nos dela.

"Então, o que estamos fazendo, minha querida?", ele sussurrou.

Tem deu de ombros. Tudo o que ela queria era fazê-lo se sentir bem e se sentir bem também.

"Se divertindo...?", ela sussurrou de volta.

Ele a ajeitou em seus braços. "Você e eu nunca... nos divertimos... juntos antes."

"Eu sei."

Uma pausa. Eles se encararam na penumbra, e Tem lutou contra a vontade de beijá-lo novamente. Seu lado basilisco estava desperto e *rugindo* , extremamente consciente do corpo quente à sua frente. Mas

aquele era Gabriel, e ela não faria nada que ele não quisesse explicitamente.

Seu marido não se importará?

Tem quase riu. Ela não conseguia imaginar nada que Caspen se importasse menos. "De jeito nenhum."

“Sabe”, disse ele, com um sorriso de canto de boca, “seu casamento me deixa um pouco perplexo”.

“E para mim”, ela admitiu.

Seu sorriso se alargou. "Tem certeza de que não devemos chamá-lo aqui por precaução?"

Tem deu um empurrão no ombro dele. Ela sabia perfeitamente que Gabriel só queria chamar Caspen porque provavelmente estava muito mais interessado nele do que em Tem.

Gabriel desviou do empurrão dela. "Estou *brincando* ", disse ele com uma risadinha. "Mais ou menos."

Tem percebeu de repente que aquela poderia ser a primeira vez que Gabriel estava com uma mulher. Ela queria confirmar:

“É a sua primeira vez?”

Ele fez uma pausa e depois assentiu com a cabeça. "Sim."

“Você nunca quis isso?”

Tem tinha quase certeza de que Gabriel teria escolhido qualquer garota, independentemente de seus envolvimentos anteriores com garotos. Não havia uma pessoa viva — homem ou mulher — que não se encantasse por ele.

Ele ponderou a pergunta dela antes de responder: "Simplesmente nunca me pareceu... interessante até agora."

Tem se perguntou se era o efeito do elixir, ou talvez apenas um efeito dela mesma. Talvez o elixir a tivesse aberto de mais de uma maneira — expandindo as possibilidades do que ela estava pronta e disposta a fazer. Seja qual fosse o motivo, Gabriel estava interessado agora. E Tem também. Mesmo assim, ela não fez nenhum movimento. Se Gabriel quisesse que eles... prosseguir, dependia dele fazê-lo.

Por fim, ele a alcançou. Deslizou a mão delicadamente entre suas coxas, abrindo-as. Em seguida, roçou a ponta dos dedos em direção ao seu centro, parando pouco antes de tocá-lo. Os olhos de Gabriel

encontraram os de Tem, e ela assentiu. Mantiveram contato visual enquanto ele deslizava os dedos dentro dela.

"Assim?", ele sussurrou.

"Sim", Tem sussurrou de volta. "Assim mesmo."

Caspen havia lhe ensinado tantas coisas sobre o próprio corpo. Agora, Tem ensinava essas mesmas coisas a Gabriel, mostrando-lhe como fazê-la se sentir bem. Ela movia os dedos dele para cima e para baixo, para dentro e para fora. Logo, Gabriel os movia por conta própria, reagindo aos sons que Tem fazia, adaptando seus toques à respiração dela. O que lhe faltava em experiência, sobrava em puro entusiasmo. Sempre fora assim com Gabriel. Ele era, acima de tudo, um participante disposto ao prazer.

Lentamente, para lhe dar todas as oportunidades de dizer não, Tem deslizou a palma da mão suavemente pelo torso de Gabriel. Pouco antes de alcançar seu pênis, ela parou.

"Você quer que eu te toque também?", ela sussurrou.

Ele assentiu com a cabeça.

“Você pode dizer?”

“Sim.” Ele assentiu novamente. “Toque-me.”

O pênis de Gabriel era tão perfeito quanto ele. Por respeito, Tem não se permitira observá-lo de verdade antes. Mas agora, ela o estudava com curiosidade, notando como era reto e liso antes de envolver os dedos ao redor dele e começar a acariciá-lo. Gabriel inspirou profundamente entre os dentes enquanto ela fazia isso. Tem era excepcional em tudo o que ele poderia desejar dela. E o que mais ele queria? Eles eram melhores amigos. Já se amavam. Por que parar apenas no toque?

Tem colocou a palma da mão no torso de Gabriel, empurrando-o suavemente para que ficasse de costas. Em seguida, ajoelhou-se entre as pernas dele, segurando seu pênis de modo que sua boca ficasse diretamente acima dele. Ela o olhou. Ele ergueu uma sobrancelha. Então, assentiu com a cabeça.

Sem hesitar, Tem baixou a cabeça.

“ *Kora* ”, gemeu Gabriel. Se o pênis dele não estivesse na garganta dela, Tem teria sorrido. Ela sabia que muitos garotos dos estábulos já tinham estado onde ela estava naquele momento. Mas Tem era melhor

do que qualquer um deles. Tem tinha sido ensinada pelo Rei Serpente e sabia exatamente o que estava fazendo. Ela o recebeu com firmeza, alternando entre penetrar o mais fundo que conseguia e provocar apenas a glande, passando a língua sobre a ponta.

Tem sabia que Gabriel estava perto — ela reconheceu a tensão em seu corpo, os ruídos que ele emitia. Mas ela não estava tão ansiosa para que a experiência terminasse. Em vez de levá-lo até o fim, ela ergueu a cabeça e usou a mão. Como ela fez Então, Gabriel se sentou, segurou o queixo dela com a mão e a beijou. Sua outra mão envolveu a dela, e eles acariciaram o pênis dele juntos, mantendo um ritmo constante.

Ele estava quentinho em seus braços. Vivo e bem.

Por fim, eles se deitaram juntos na cama, ficando frente a frente mais uma vez. Tinham ido o mais longe que podiam apenas com as mãos — se a experiência fosse continuar, teria que progredir de outra forma. Tem sabia que ambos estavam tacitamente fazendo a mesma pergunta: *Será que estamos mesmo fazendo isso ?*

Ela decidiu que era melhor perguntar em voz alta: "Você quer fazer sexo?" Após uma pausa, acrescentou: "Comigo?"

Gabriel sorriu. "Sim."

Ele se virou suavemente para que ela olhasse para ele. Ela abriu as pernas, permitindo que ele se posicionasse entre elas. Ele a tocou novamente, desta vez com dois dedos, abrindo-a. Tem ficou impressionada com seus instintos. Para sua primeira vez com uma mulher, ele estava muito mais intuitivo do que ela esperava. Então, para sua surpresa, ele a manteve aberta, inclinou a cabeça e cuspiu diretamente em sua intimidade. Ela já estava molhada; não havia necessidade prática disso. Tem percebeu que estava testemunhando algo que Gabriel gostava de fazer durante o sexo — talvez uma forma de marcar território, talvez simplesmente algo que ele apreciasse. De qualquer forma, ela não questionou. Era um privilégio vê-lo assim: vulnerável e autêntico. Tem se sentia sortuda por estar ali e esperava que ele se sentisse da mesma forma.

Um instante depois, ele estava dentro dela.

"Como me sinto?", Tem sussurrou. Ela estava genuinamente curiosa para ouvir a resposta dele.

“Diferente”, disse Gabriel.

Tem não se ofendeu; ela não esperava elogios. Fazia sentido para ela que se sentisse diferente do que Gabriel estava acostumado. Afinal, ele só havia estado com homens. Ela queria dizer a ele que se sentia bem. Mas antes que pudesse, a porta de seus aposentos se abriu.

"O que temos aqui?", murmurou uma voz, rouca e profunda na escuridão.

Caspen.

Tem e Gabriel olharam fixamente para ele enquanto emergia das sombras, os ombros erguidos, as mãos soltas ao lado do corpo. O coração de Tem, que já batia em ritmo acelerado, disparou ainda mais.

“Caspen”, disse ela. “Nós só estamos—”

“Por favor.” Ele ergueu a mão. “Não pare por minha causa.”

De repente, ele se deu conta. Queria assistir.

Tem voltou-se para Gabriel, cujo rosto brilhava com ansiosa expectativa. Era um olhar que ela já vira muitas vezes nele, geralmente quando ele estava em busca de companhia para o noite. Agora, ele estava em busca de algo completamente diferente. Dela.

Os olhos de Gabriel voltaram-se para os de Tem.

As estocadas recomeçaram, lentas e firmes a princípio, depois cada vez mais rápidas. Tem arqueou as costas e fechou os olhos, deixando-se sentir como ele se movia dentro dela. A mão dele encontrou sua garganta. Outra coisa que ele gostava.

Em algum momento, Caspen se juntou a eles na cama. Tem mal percebeu a princípio; estava tão ocupada com Gabriel. Mas, eventualmente, lábios se pressionaram contra os dela, e ela soube que eram os de Caspen. Ele se integrou perfeitamente, de uma forma que claramente indicava que já havia feito isso antes. Às vezes, ele tocava Tem, depois Gabriel, depois os dois. Sua presença era apenas complementar — apenas apoiar. Ele não tentou tomar o lugar de Gabriel. Ele nunca buscava prazer para si mesmo — apenas facilitava o deles. Era uma habilidade específica do basilisco; humanos jamais poderiam ser tão altruístas. Caspen sabia como criar harmonia entre eles, e Tem se entregou a isso. O mesmo aconteceu com Gabriel. Ela sabia, pelo olhar dele, que ele estava completamente à vontade, dando e recebendo afeto na mesma medida.

Eventualmente, Tem acabaria vindo. Ela não fazia ideia se Gabriel também viria — na verdade, não esperava que ele viesse, embora tivesse esperança. De qualquer forma, era impossível resistir por muito mais tempo.

Ela tentou acessar a mente de Caspen: *Estou perto.*

Eu sei que você é.

Será?

Não consigo ler a mente dele como consigo a sua. Mas parece que ele consegue.

Em voz alta, ela disse: "Gabriel. Estou quase lá."

Era um convite tanto quanto uma constatação. Tem queria que ele a acompanhasse nessa jornada — queria que a completassem juntos. Em resposta, Gabriel a puxou para mais perto. Caspen se afastou, e de repente eram apenas os dois novamente. Tem passou os dedos pelos cabelos dourados dele, aproximando o rosto do seu. Beijaram-se profundamente, intimamente. O corpo dele estava pressionado contra o dela, estimulando seu clitóris. A cada estocada, ela perdia o fôlego um pouco mais. Quando finalmente não conseguiu mais respirar fundo, já estava chegando ao clímax. Tem suspirou aliviada, e Gabriel também. Tem percebeu naquele exato momento que não haviam conversado sobre se ele ejacularia dentro dela. Ela não se importaria se ele ejaculasse. Mas no último instante, Gabriel se retirou, ejaculando na parte interna da coxa dela com um gemido.

Tem nunca tinha ouvido Gabriel chegar antes. Mas agora ela observava, notando como seu peito subia e descia com respirações trêmulas e irregulares — como suas bochechas estavam coradas. Ele estava tão lindo assim. Tem tocou seu ombro e eles ficaram olhando. um ao outro no rescaldo.

"Você está bem?", ela sussurrou.

Ele assentiu com a cabeça. "Sim. E você?"

"Sim."

Tem olhou para Caspen, que estava ajoelhado ao lado deles, observando a troca de olhares com puro carinho. Ela estendeu a mão para ele, deslizando os dedos pelo seu torso. Depois de um instante, Gabriel fez o mesmo, traçando um contorno suave com a mão sobre o abdômen de Caspen. Em uníssono, envolveram o pênis dele com as

mãos. Mesmo com os dois o segurando, ainda era possível ver quase dois centímetros da base.

"Uau", sussurrou Gabriel.

Tem lembrou-se subitamente de como o marido era *bem dotado.* Ela havia se acostumado tanto com o pênis dele que vê-lo pelos olhos de outra pessoa a fez recordar como foi vê-lo pela primeira vez. Impressionante. Magnífico. Glorioso.

Sem pensar, Tem se abaixou para levá-lo à boca. Ela não ficou muito tempo — apenas um instante ou dois, antes de se endireitar e olhar para Gabriel. Nenhuma palavra foi dita, mas ela sabia que ele entendia o que ela estava lhe oferecendo. Seu marido.

Gabriel não precisou de convencimento. Um instante depois, ele também se abaixou, deslizando apenas a ponta do pênis de Caspen em sua boca antes de abocanhá-lo por completo. Tem observou a cabeça de Caspen inclinar-se para trás, expondo seu pescoço musculoso. Ela pressionou os lábios contra a pele dele, sentindo o quão quente ele estava. Fumaça preenchia o quarto. Gabriel parecia não notar, mas Tem sim. Ela estava extremamente atenta ao estado de espírito do seu melhor amigo, ao seu bem-estar. Ela não queria que ele sentisse medo em nenhum momento durante esse processo. Mesmo *sabendo* que Caspen jamais faria a transição na frente de Gabriel, *Gabriel* talvez não soubesse disso. A segurança dele era de suma importância para ela.

Eu estou no controle, Tem. Você não tem nada a temer.

Tem decidiu acreditar nele. Eles se revezaram — primeiro Tem, depois Gabriel — levando o pênis dele até o fundo da garganta. Era incrível fazer isso com alguém que apreciava o pênis de Caspen tanto quanto ela. Uma coisa era ela adorá-lo sozinha. Mas agora ela tinha outra pessoa para testemunhar sua magnitude — para entender o privilégio incrível que sentia todas as noites quando Caspen estava dentro dela. Caspen segurou os dois pela nuca, guiando-os, encorajando-os. Caspen era o comandante deles; eles estavam ali para receber ordens. Não era difícil. Era um prazer, e a sensação era melhor do que Tem jamais poderia ter imaginado. Quem não estivesse com o pênis em cima dele, ele beijava, e eventualmente levantou a cabeça de ambos, juntando-os. Tem entendeu o que ele queria, inclinando-se para pressionar seus lábios contra os de Gabriel. Eles se beijaram a centímetros do pênis de Caspen, e ela sabia que a visão devia ser espetacular para ele.

Caspen não teve pressa, deixando-os se beijar por um bom tempo antes de dizer: *Inversão de marcha.*

Tem se afastou. "Ele quer que a gente dê meia-volta."

"Não", murmurou Caspen. "Só você, meu amor."

Tem não hesitou. Virou-se, sentindo imediatamente as mãos de Caspen em suas coxas, abrindo-as à força. Ela sabia que estava exposta — vulnerável a ambos.

Delicadamente, sem rodeios, Tem sentiu um dedo deslizar para dentro dela. Ela sabia que era de Gabriel; seu toque era diferente do de Caspen. Hesitante. Curioso.

"Mais fundo", ordenou Caspen. Os dedos de Gabriel penetraram mais fundo. Tem gemeu.

“Ela é tão delicada”, sussurrou Gabriel.

“Sim”, concordou Caspen. “Ela é.”

Tem conseguia entender por que essa era a sensação na qual Gabriel se concentrava. Pênis eram tudo o que ele conhecia, e pênis eram duros. Mas o centro dela era o oposto de um pênis. Era macio, convidativo e feito para *receber* .

“Toque nela aqui”—Tem sentiu os dedos de Gabriel contra seu clitóris e soube que Caspen os estava guiando—“é a parte mais sensível de uma mulher”.

Tem fechou os olhos com força quando Gabriel a acariciou com movimentos firmes e precisos. A sensação era tão boa que ela teve vontade de chorar. Quando ele intensificou o toque, ela deu um suspiro e ele se afastou.

“Ela aguenta”, disse Caspen. “Não tenha medo.”

Os dedos de Gabriel voltaram, desta vez com confiança, acariciando-a da mesma forma que Caspen fizera.

"Mais forte", ordenou Caspen.

Gabriel esfregou com mais força. Tem *se contorceu* sob ele, e no instante em que o fez, as mãos de Caspen a envolveram pelos quadris, mantendo-a no lugar.

Comporte-se, Tem.

Ela queria obedecer. Mas era tão difícil fazê-lo.

Os dedos de Gabriel a estavam levando ao êxtase, obrigando-a a sentir cada grama de sensação que ele provocava.

"Gabriel", ela exclamou, ofegante.

No instante em que ela disse isso, ele tocou uma parte diferente dela: uma parte que ela jamais imaginara poder ser estimulada para o prazer. Tem compreendeu que Gabriel conhecia bem aquela parte — que para ele, era a mesma parte que lhe dava prazer em um homem, e que um homem lhe daria prazer. Tem nunca havia sido tocada ali antes. Mas agora, sob os cuidados do marido e da melhor amiga, ela se permitiu experimentar essa nova sensação sem julgamento ou medo. Era uma nova forma de penetração — uma que a fazia sentir-se *plena* de uma maneira que sua vagina não conseguia.

Tem deu um suspiro quando o dedo de Gabriel recuou. A voz de Caspen chegou até ela:

“Quem você quer que te foda primeiro, Tem?”

Sua vagina ardia de antecipação. Tem não se importava com qual pênis a penetraria; ela só queria ser preenchida. Ela não estava com vontade de tomar decisões. Ela estava com vontade de obedecer.

“Você decide”, disse ela.

Tem soube imediatamente qual pênis entrara nela. Ela reconheceria o de Caspen não importando as circunstâncias — há muito tempo ela havia memorizado a sensação dele dentro dela, o jeito como ele a esticava quase até o ponto da dor. Ela esperava que ele a penetrasse até o fim. Em vez disso, ele se retirou; houve uma pausa, e então Gabriel tomou o lugar de Caspen. Alternando os pênis, repetidamente. Na vez seguinte em que Caspen estava dentro dela, ele disse:

“Tão linda. Minha linda rainha.”

Tem nunca se sentira tão bonita. Uma coisa era Caspen elogiá-la, outra completamente diferente era fazê-lo na frente de Gabriel. Ela queria que seu amigo de infância visse do que era capaz — mostrar-lhe que, apesar de ter começado tarde, agora era mais do que capaz de acompanhá-lo. Ao longo da vida, Tem nunca teve tanta experiência quanto Gabriel. Agora, com o grande equalizador que eram os basiliscos, finalmente estavam em pé de igualdade. Era uma alegria mostrar-lhe o quanto havia evoluído. Ela se perguntava se ele estava impressionado — se isso mudaria a opinião dele sobre ela. De alguma

forma, duvidava que sim. Gabriel a amava muito antes de ela se tornar rainha, e continuaria a amá-la, não importando do que ela fosse capaz.

“Elogie-a”, disse Caspen. “Ela gosta disso.”

Ele se retirou assim que terminou de falar, e Gabriel entrou.

“Porra, Tem”, ele murmurou. “Você nos aceita tão bem.”

Era exatamente o que ela precisava ouvir. Não havia nada melhor do que saber que estava fazendo um bom trabalho — que estava cumprindo a tarefa em questão. E que tarefa! Seus seios estavam doloridos, seus lábios inchados. Mas ela não se importava. Era isso que ela queria — o que ela *precisava.* Ser adorada, controlada e venerada como merecia. De todas as vezes que fora fodida sob a montanha, essa era de longe a sua favorita. Nada era melhor do que aquilo. Nada era mais *divertido.* Eles se revezavam a preenchendo, um após o outro, estabelecendo um novo ritmo juntos. Às vezes, as estocadas eram lentas; às vezes, rápidas.

No fim, foi Caspen quem gozou primeiro. Suas estocadas finais foram rápidas e confiantes, culminando com um grunhido de satisfação. Para surpresa de Tem, ele se retirou pouco antes de ejacular.

Uma umidade quente cobriu sua pele, acumulando-se na base de suas costas.

"Limpe-a", disse Caspen suavemente.

Uma língua a tocou, lambendo suavemente sua espinha. A língua de Gabriel. Então, ele deslizou seu pênis para dentro dela e, um instante depois, também gozou. Desta vez, ele ejaculou dentro dela, e Tem Ela o apertou com força, sentindo cada centímetro de seu pênis perfeito. No instante em que ele se retirou, mãos tocaram seus quadris, guiando-a para que se endireitasse. Ela se virou, encontrando-se cara a cara com Gabriel.

Sem rodeios, Caspen disse: "Beijo".

Eles o fizeram sem hesitar. Tem sentiu o gosto do sêmen de Caspen em seus lábios. Ela o saboreou, passando a língua pela linha da boca de Gabriel, tentando sentir o máximo possível do gosto do marido. As mãos de Gabriel encontraram seus seios, depois sua cintura, depois sua bunda. Eles se beijaram com fervor, tão diferente de como se beijavam no início de tudo aquilo. Agora eles estavam à vontade um com o outro; agora eles estavam livres. Tem pensou na sensação que havia experimentado antes — a maneira como Gabriel a tocou em um lugar

onde nunca havia sido tocada. Ela queria sentir mais daquilo. Ela se afastou.

“Gabriel”, disse Tem.

"Sim?"

“Quero experimentar algo que nunca fiz antes.”

Gabriel ergueu as sobrancelhas, e Caspen também. Havia muito pouco que ela não tivesse feito antes. Mas Gabriel era a pessoa perfeita para fazer isso com ele. Gabriel já tinha feito isso antes. Quem melhor para Tem confiar para tentar pela primeira vez? Seu amigo queria o melhor para ela — como sempre. E com Caspen ali como guia, ela sabia que não tinha nada a temer.

“Quero que você me foda do jeito que você fode os homens.”

As sobrancelhas de Gabriel, que já estavam arqueadas, subiram ainda mais, quase tocando a linha do cabelo. Ele lançou um olhar imediato para Caspen, que exibia uma expressão de surpresa semelhante.

"Você não...?" Gabriel começou, mas sua voz foi sumindo.

Caspen balançou a cabeça. "Não."

O olhar de Gabriel percorreu seu pênis, intimidantemente grande. Um leve sorriso surgiu em seus lábios. "Agora eu entendo o porquê."

Tem resistiu à vontade de empurrá-lo. " *Não* zombe de mim."

“Eu jamais zombaria de você, querida. Estou apenas observando.”

Caspen observava essa interação com um sorriso de canto de boca. Tem tocou sua mente com a dela:

Você está com raiva?

Claro que não. Quero que você experimente tudo o que deseja.

Eu não sabia que desejava isso até agora.

Os desejos mudam com o tempo, Tem. Isso é normal.

Você se ofende por eu querer que ele faça isso em vez de você?

Ele sorriu abertamente. *Não.*

Tem certeza?

Claro que tenho certeza, Tem. Sempre irei no seu ritmo.

Tem percebeu que ele estava certo; Caspen nunca a pressionara a fazer nada mais rápido do que ela estava preparada. Ele continuou:

Se é Gabriel que você quer, Gabriel você terá.

Caspen se virou para falar com ele:

“Ela confia em você”, disse ele. “Eu também.”

Gabriel assentiu com a cabeça. "Nesse caso... eu me sinto... honrado."

Tem sabia que ele falava sério. Apesar de se conhecerem desde a infância — e para Gabriel, Tem seria simplesmente... Tem — ela também era uma rainha. O que estavam prestes a fazer era algo significativo, e ela sabia que ele entendia que tinha sorte de ser o escolhido para isso. Gabriel se virou para Caspen.

“Vou precisar de—”

Antes que pudesse terminar a frase, Caspen estendeu a mão e a deslizou delicadamente entre as pernas de Tem. Seus dedos saíram pingando.

“Ah”, disse Gabriel. “Isso vai funcionar.”

Houve uma pausa durante a qual o coração de Tem deu um salto. Mas antes que ela pudesse ficar nervosa, Caspen tocou sua cintura, puxando-a para baixo, sobre o colchão. Deitaram-se de lado, com Tem no meio. Era praticamente como haviam começado a noite, com Gabriel atrás dela, seu corpo aconchegando o dela. Só que desta vez, Caspen estava à sua frente, o elo final do trio.

Ela olhou fixamente nos olhos dele. *Será que vai doer ?*

Caspen deslizou a ponta dos dedos pela perna dela, puxando-a para cima da cintura e abrindo-a.

Pode ser. Mas Gabriel tem experiência; ele cuidará de você. Assim como eu.

Tem assentiu com a cabeça. Ela sabia que ele tinha razão.

A próxima coisa que ela sentiu foi a mão de Gabriel em seus cabelos, afastando-os de seu ombro. Ele pressionou os lábios contra seu pescoço e murmurou: "Se doer, é só me dizer que eu paro."

À sua frente, Caspen sorriu. Gabriel nem sequer ouvira a conversa deles, mas mesmo assim estava em sintonia. Finalmente, Tem relaxou completamente. Não havia duas pessoas no mundo em quem ela confiasse mais, com seu corpo ou com seu coração. Tem não tinha mais receio de que Gabriel a explorasse por completo; não havia mais nada de que ela se envergonhasse.

Ele deslizou primeiro para dentro dela, e Tem sabia que era apenas para lubrificar o pênis. Mesmo assim, a sensação era deliciosamente

boa, e ela se permitiu gemer. Caspen pressionou os lábios contra os dela como se quisesse saborear o som.

Gabriel deu duas estocadas antes de se retirar. Então, seus dedos a tocaram novamente, no mesmo lugar onde a havia tocado antes. Tem agarrou os ombros de Caspen em antecipação. Os dedos de Gabriel penetraram ainda mais fundo, provocando-a e dilatando-a em preparação para o que viria a seguir. Tem permitiu. Vulnerabilidade era a moeda deles, e ela era rica. com isso esta noite.

Você está indo muito bem, meu amor.

As palavras de Caspen a encorajaram. Tem sabia que se simplesmente relaxasse — se confiasse que os dois homens cuidariam dela — só haveria prazer pela frente. Nenhum mal jamais poderia lhe acontecer pelas mãos de Gabriel. Ele a amava como ela o amava.

"Você está pronta, Tem?", ele sussurrou em seu ouvido.

Só havia uma resposta: "Sim".

Os dedos de Gabriel recuaram. A próxima coisa que Tem sentiu foi a cabeça do pênis dele. Ele a penetrou lentamente, e Tem prendeu a respiração. A sensação era estranha a princípio. E então ficou apertado — *incrivelmente* apertado — tanto que Tem tinha certeza de que não havia como ele conseguir entrar. Ela estava toda quente; sentiu como se fosse desmaiar.

"Gabriel", ela exclamou, ofegante, e ele parou imediatamente.

"Dói?"

“Não”, disse ela honestamente, “mas parece…”

Durante a pausa, ela tentou regular a respiração. Caspen pressionou os lábios suavemente contra a testa dela, concentrando-se totalmente em seus pensamentos.

Relaxa, Tem. Deixa ele entrar. Vai ser como estar no paraíso para ele.

Tem assentiu com a cabeça. Ela queria que Gabriel se sentisse no paraíso. Não havia nada que ela desejasse mais. *Mas como isso seria possível ?*

Vai servir. Eu prometo. Mas só se você relaxar.

Como ela não respondeu, Caspen enviou-lhe uma onda suave de calma. Ela a envolveu delicadamente, aliviando a tensão em seu corpo e acalmando sua mente.

Para Gabriel, ele disse: “Ela está pronta. Continue.”

Gabriel continuou. Ele penetrou nela lentamente, centímetro por centímetro, até que Tem teve certeza de que não aguentaria mais. Quando ela estava no limite, ele recuou com um gemido de agonia. A retirada do seu pênis foi mais uma sensação — uma que a fez sentir como se estivesse prestes a perder o controle.

"Porra", Tem ouviu Gabriel sussurrar. O orgulho a invadiu.

Bom, Tem.

Ela estava insuportavelmente quente, seu coração ainda acelerado. Seu corpo estava aconchegado entre eles, seguro em seu abraço. Côncavo, convexo.

Em vez de penetrá-la novamente de imediato, a mão de Gabriel deslizou entre as pernas dela, mergulhando os dedos mais uma vez na umidade e espalhando-a em seu pênis. Só depois de seu pênis estar completamente lubrificado é que ele se posicionou novamente.

"Você está pronta?" Gabriel perguntou novamente. Ele estava sem fôlego. Excitado.

"Sim."

Dessa vez, ao penetrá-la, os dedos de Caspen encontraram seu clitóris, estimulando-a. Tem se movia pela frente enquanto Gabriel a penetrava por trás. Nenhum dos dois se movia rapidamente; pareciam concordar tacitamente que o processo seria lento. Tem estava perfeitamente bem com isso. Eram muitas sensações para se acostumar, e a última coisa que ela queria era se sentir sobrecarregada e desistir. Ela se concentrou nos sons que Gabriel fazia — os gemidos e grunhidos mal contidos que indicavam que ele estava gostando daquilo.

Tem também estava gostando.

Superado o choque inicial da penetração, ela descobriu que gostava de ser *preenchida* daquela forma. Não era tão confortável quanto ter um pênis em sua vagina. Mas talvez o conforto não fosse o objetivo. Era mais sobre *dar* isso a Gabriel — permitir que ele assumisse o controle e acessasse uma parte dela que ninguém jamais havia acessado antes. Era um gesto. E era prazeroso.

Você quer mais ? Caspen perguntou a ela.

Mais?

Tem não tinha certeza do que mais poderia haver. Mas um instante depois, o pênis de Caspen tocou seu centro, e ela entendeu que ele

também queria preenchê-la.

Isso é impensável.

Você quer que a gente pare?

Não. Eu não tenho.

O pênis de Caspen penetrou nela com firmeza. Tem se esforçou para acomodá-lo; era quase demais, e por um instante, ela viu estrelas. Então Caspen recuou, e era apenas Gabriel novamente. Os olhos negros do marido estavam fixos nos dela, prendendo seu olhar. Na próxima vez que ele penetrou nela, Tem gritou. Houve uma breve pausa enquanto os três permaneciam imóveis, e ela sabia que ambos estavam esperando para ver se tinham ido longe demais. Será que tinham?

Tem decidiu que não. Ela estava feliz assim — realizada. *Plena* .

Então, ela disse a mesma palavra que havia dito para começar a noite:

"De novo."

Eles continuaram. Caspen a segurava com firmeza, como sempre fazia. Atrás dela, Gabriel penetrava lentamente, com as mãos apertando sua cintura, mantendo-a no lugar. Ela estava perfeitamente segura entre eles, sem medo de que algum dos dois a soltasse. Era fascinante tê-los dentro dela. Era algo que Tem nem sabia ser possível, e certamente nunca havia fantasiado antes. Mas agora que estava experimentando, sabia que fantasiaria com isso no futuro. Como um pênis poderia ser suficiente quando dois eram muito melhores? Tem não conhecia limites. De qualquer forma, não tinha vontade de conhecê-los. Ela só queria tocar e ser tocada — sentir e ser sentida.

O tempo passou, e Tem ficou cada vez mais molhada, fornecendo uma fonte constante de lubrificante para Gabriel. Caspen a penetrou com facilidade, beijando-a enquanto o fazia, sua mente em sintonia com a dela. Ele não precisava mais acalmá-la; ela se acalmava por conta própria, segura nos braços dos homens que amava. Eles estavam subindo — cada vez mais alto — até o ponto mais alto imaginável. Ascenderam juntos, entregando-se ao fascínio do prazer.

Quando finalmente chegaram ao ápice, Tem veio primeiro com uma certeza de tirar o fôlego. Depois Gabriel. Depois Caspen. Ela ouviu os sons do clímax deles, um após o outro, únicos à sua maneira. Depois, ficaram deitados juntos, seus corpos entrelaçados. Gabriel se afastou

lentamente, depositando um beijo em seu ombro enquanto fazia isso. Ele se sentou, olhando para ela.

“Agora posso… tentar algo que nunca fiz antes?”

Tem se apoiou nos cotovelos enquanto Caspen também se retirava. "O que você quer tentar?"

Os olhos de Gabriel se fixaram entre as pernas dela. Ele mordeu o lábio.

"Ah", disse Tem. Claro que ele não tinha feito aquilo. Não haveria oportunidade, dado o seu passado. Mas se ele queria provar uma mulher, Tem ficaria mais do que feliz em deixar que fosse ela. Então, ela se deitou na cama, abrindo as pernas.

Gabriel olhou para Caspen em busca de aprovação. Ele assentiu. Só depois disso, Gabriel se posicionou entre as coxas de Tem, aproximando a boca do centro dela.

No início, ele estava hesitante. Tem não estava acostumada com a hesitação dele; normalmente, ele encarava tudo na vida com entusiasmo ilimitado. Mas agora, ele prosseguia lentamente, claramente sentindo o caminho a cada instante. Tudo o que havia aprendido sobre a anatomia dela com Caspen, ele colocou em prática. Ele entendia como estimular o clitóris dela, como estimulá-la com os dedos ao mesmo tempo. Sua língua era hábil e ágil, percorrendo o centro dela. Mesmo assim, ele estava hesitante. Tem não tinha certeza do porquê.

A voz de Caspen surgiu em sua mente:

É uma sensação boa?

Sim.

Então você deve avisá-lo.

Tem compreendeu o que Caspen estava dizendo; sua conexão com Gabriel não era interna, como a que tinha com o marido. Ele precisava de uma confirmação audível de que estava fazendo a coisa certa. Tem ficou feliz em dá-la. Assim como ele a havia elogiado antes, ela devia elogiá-lo agora, tanto com palavras quanto com ações.

Então, ela deixou a cabeça cair para trás, entrelaçando os dedos nos cabelos de Gabriel e puxando-o para mais perto. Ela se permitiu gemer, suspirar, gritar. Ele a estava satisfazendo, mas ela estava oferecendo

algo em troca: validação. Cabia a ela mostrar a ele que estava fazendo um bom trabalho.

"Mais", ela dizia quando queria mais. "Mais rápido", ela dizia quando queria mais rápido.

Por fim, Gabriel a venerou tanto quanto Caspen. E por fim, ela estava prestes a se libertar disso.

No momento em que ela se aproximou, Tem disse em voz alta:

“Gabriel, eu estou—”

Antes que ela pudesse terminar a frase, a mão de Caspen deslizou para a cabeça de Gabriel, segurando-o no lugar e pressionando-os ainda mais. Tem observou os dedos de Gabriel apertarem suas coxas. Então, ela fechou os olhos com força e terminou com um gemido. Gabriel lambeu cada pedacinho dela, limpando-a completamente.

Depois, ela se sentiu tão fraca que mal conseguia se mexer. Ela olhou para Gabriel, que a encarou.

“Bem”, disse ele. “Nós certamente nos divertimos, não é?”

Tem riu. Então, Gabriel inclinou-se para a frente, distribuindo vários beijos rápidos e leves pela bochecha dela.

"Sua xoxota é linda", disse ele enquanto fazia isso, "mas receio que ainda prefira um pau."

Tem não conseguiu conter o riso. Caspen riu também, e ela percebeu em sua mente que ele discordava. Nunca haveria nada que ele preferisse à vagina de Tem. Mas essa era a beleza de Caspen, e também a beleza de Gabriel. Isso não significava que eles não pudessem buscar todo o prazer juntos. Aqui não havia regras.

A voz de Caspen ecoava em sua cabeça:

Ele possui uma das almas mais puras que já encontrei.

Tem só conseguiu sorrir. Concordou de todo o coração. Gabriel possuía uma qualidade admirável que Tem só poderia aspirar a imitar: uma bondade inatingível para pessoas como ela. Ele era generoso quando os outros não eram, atencioso quando os outros não se importavam. Ele era único. Uma anomalia. Um amigo.

Tem agarrou o rosto de Gabriel e o aproximou diretamente do seu.

"Eu te amo muito", ela sussurrou contra os lábios dele.

Ele sorriu. "Eu também te amo, minha querida."

Então eles se abraçaram. Tem o apertou contra si, de repente com medo de ter que soltá-lo. Ele a segurou de volta, pressionando seus corpos um contra o outro.

"Seu marido é diabolicamente sexy", murmurou Gabriel em seu ouvido.

Tem soltou uma risada estridente. Ao lado dela, Caspen também riu baixinho. Ela sabia que ele tinha ouvido o que Gabriel dissera e sabia que ele não o julgaria por isso.

"É mesmo", murmurou ela de volta.

Gabriel deu-lhe um último aperto forte. "Agora vou transar com o irmão dele."

Tem riu novamente. Ela esperava que Caspen não tivesse ouvido *aquilo.* "Não espero nada menos."

Com um último beijo na bochecha, Gabriel se foi.

Para mais informações sobre Lindsay Straube, visite a Bloom Books!

Agradecimentos

Não passa um dia sem que eu seja grata pelo apoio dos meus pais. Sem dúvida, o amor deles me moldou na pessoa que sou hoje. O mesmo vale para meus amigos — que sabem exatamente quem são — e que estiveram ao meu lado muito antes de " *O Beijo do Basilisco*" ser publicado. Para Brooke e Shannon, em especial: eu não conseguiria sem vocês. E para minha irmã, a pessoa mais importante do mundo para mim: eu te amo tanto que chega a doer.

À minha indomável agente, Haley Heidemann: serei eternamente grata. Obrigada por ter me dado uma chance incrível e por ter apostado neste livro. Que venham muitos mais! Agradeço também às equipes da Bloom, da Arcadia e a todas as minhas editoras internacionais. Palavras não conseguem expressar minha gratidão pela confiança que depositaram na série Split or Swallow; ela não existiria sem o esforço delas. Gostaria também de agradecer a Suzannah Ball e Celia Rogers por defenderem incansavelmente meus livros no exterior. Split or Swallow é um sucesso mundial graças a elas.

Não consigo escrever agradecimentos sem mencionar meus leitores. Se você está lendo isto, saiba que eu te amo. Não consigo acreditar que posso fazer isso para viver, e tudo isso graças a vocês. Só espero que vocês gostem de ler minhas palavras tanto quanto eu gosto de escrevê-las. Obrigada por embarcarem nessa jornada incrível comigo. Apertem os cintos, porque estamos apenas começando.

E se por acaso você é do Time Caspen: espero que a próxima prequela ajude a curar a ferida que " *Entre Dois Reis*" certamente deixou. Eu sei que sou do Time Leo, mas esta série não seria a mesma sem o nosso icônico Rei Serpente. Prometo fazer justiça a ele, mesmo depois de tê-lo prejudicado tanto.

Por último, mas certamente não menos importante, quero agradecer ao Chad.

Você nunca lerá isso. Mesmo assim, escrevi para você.

Sobre o autor

Lindsay Straube é uma escritora que mora em Portland, Oregon. Ela bebe tequila com limão e assiste à TV com legendas. Em qualquer terça-feira, você pode encontrá-la no cinema.

Venha me dar um oi:

Instagram: @oxfordlemon

Site: oxfordlemon.com